AÇÃO
A
SA
ÕES
DADO
ÕES
NTE

6º V

DOCUMENTAÇÃO
PARA A
HISTÓRIA DAS MISSÕES
DO
PADROADO PORTUGUÊS
DO
ORIENTE

COLIGIDA E ANOTADA POR
ARTUR BASÍLIO DE SÁ

INSULÍNDIA
6.º VOL. (1595-1599)



INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL
CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA E CARTOGRAFIA ANTIGA

LISBOA — 1988

Os pedidos devem ser dirigidos ao Centro de Documentação e Informação do IICT
Rua Jau, 47 — 1300 Lisboa — Portugal

DOCUMENTAÇÃO
PARA A
HISTÓRIA DAS MISSÕES
DO
PADROADO PORTUGUÊS
DO
ORIENTE

COLIGIDA E ANOTADA POR
ARTUR BASÍLIO DE SÁ

INSULÍNDIA



INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL
CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA E CARTOGRAFIA ANTIGA

LISBOA — 1988

CDU 930.2:266:271(469:1-11)

DOCUMENTAÇÃO
PARA A
HISTÓRIA DAS MISSÕES
DO
PADROADO PORTUGUÊS
DO
ORIENTE

COLIGIDA E ANOTADA POR
ARTUR BASÍLIO DE SÁ

INSULÍNDIA
6.º VOL. (1595-1599)



INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL
CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA E CARTOGRAFIA ANTIGA

LISBOA — 1988





INTRODUÇÃO

O Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, do Instituto de Investigação Científica Tropical, tem agora a oportunidade de editar o 6.° volume da Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente, *último trabalho que o padre Artur Basílio de Sá pôde preparar na sua breve mas tão activa vida (1912-1964).*

Basílio de Sá foi um sacerdote dedicado à história do Oriente, a que consagrou todos os tempos livres de uma vida repleta de actividades. Depois de ter frequentado o Seminário de Macau, foi ordenado em 1936, passando a exercer imediatamente o professorado na instituição que o formou; mas por pouco tempo; o padre Basílio de Sá tinha um encontro marcado com a vida missionária, e em 1937 já estava em Timor, onde se iniciou nas missões e continuou a sua carreira de professor, para que era particularmente dotado, ensinando com geral agrado no liceu de Dili.

A II Grande Guerra e a subsequente ocupação de Timor levaram-no a refugiar-se na Austrália, transferindo-se três anos mais tarde para Portugal, importunado com uma doença que começava a miná-lo. Em Lisboa foi atraído pelo professor Rodrigo de Sá Nogueira para a Escola Superior Colonial (hoje Escola Superior de Ciências Sociais e Políticas), onde ensinou a língua teto (de Timor) e a língua ronga (do Sul de Moçambique) no Departamento de Línguas Orientais.

À primeira destas línguas, cujos conhecimentos aperfeiçoara durante o tempo em que permaneceu em Timor, dedicaria o padre

Basílio de Sá um especial desvelo; na verdade, a par dos seus estudos sobre a linguística timorense, preparou com todo o cuidado os Textos em Teto de Literatura Oral Timorense, *obra primorosa de que, infelizmente, só veio a sair o primeiro volume em 1961, três anos antes do seu falecimento.*

Na bibliografia, não muito vasta mas de extraordinário valor, que o padre Artur Basílio de Sá deixou, avulta a monumental série em que o presente volume se integra; os documentos que reuniu e tão diligente e eruditamente anotou constituem uma fonte de informações indispensável para quem se dedique à história do Oriente Português.

Com este volume, que por circunstâncias várias só pôde vir a público mais de vinte anos passados sobre o desaparecimento do seu incansável compilador, dava o padre Basílio de Sá por concluída a sua tarefa. Ficamos assim a dispor de uma obra completa, e do maior valor informativo, que poderá e deverá abrir muitas portas aos investigadores da Expansão Portuguesa.

A edição deste livro é a melhor homenagem que à memória do seu organizador se podia prestar. O padre Basílio de Sá, trabalhador honesto e de uma encantadora bondade, bem a merecia; saibamos nós aproveitar, como devemos, o tesouro que nos ofereceu como produto de anos e anos de investigação profícua e inovadora.

O Director do Centro
(Luís de Albuquerque)

SIGLAS

AHEI — Arquivo Histórico do Estado da Índia

APO — *Arquivo Português Oriental*, de Cunha Rivara

ASJR — Arquivo da Companhia de Jesus, de Roma

BM — British Museum

BNL — Biblioteca Nacional de Lisboa

CEHU — Centro de Estudos Históricos Ultramarinos

FILMUPO — Filmoteca Ultramarina Portuguesa, do Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga

SIGLAS

AHEI — (Arquivo Histórico do Estado da Índia)
APO — *Arquivo Português Oriental*, de Cunha Rivara
ASJR — Arquivo da Companhia de Jesus, de Roma
BM — British Museum
BNL — Biblioteca Nacional de Lisboa
CEHU — Centro de Estudos Históricos Ultramarinos
FILMUPO — Filmoteca Ultramarina Portuguesa, do Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

DOCUMENTAÇÃO
PARA A
HISTÓRIA DAS MISSÕES
DO
PADROADO PORTUGUÊS
DO
ORIENTE

INSULÍNDIA
(1595-1599)

ANTÓNIO GALVÃO NAS MOLUCAS

s.l. e s.d.

Archivio General de Indias. Sevilha. Seccion 1. Patronato Real, Tomo I, legado 46, documento 29.

Original em português, formando um caderno de 47 folhas assim numeradas: 1 a 5 e novamente 1 a 42. Na primeira folha 1 lê-se o seguinte título posterior ao documento: Tratado de las yslas de los Malucos y los costumbres de los Indios y de todo lo demas; *e ainda mais esta nota:* De los papeles de Santa Cruz que truxeron de Sevilla. *As folhas 2, 3 e 4 estão em branco. Na folha 5 encontra-se parte do primeiro capítulo do documento. Na folha 5v. começa o documento com uma espécie de introdução sob a legenda latina:* Spes mea in Deo est. *E na folha 1 da segunda numeração segue-se já o texto com o capítulo primeiro e todas as folhas numeradas de 1 a 40, com mais duas não numeradas e em branco.*

O documento está bem conservado e protegido por duas folhas de carneira, a servirem de capas, medida esta que garante melhor a conservação destas peças soltas ou arrumadas em maços.

Notam-se nele várias formas de letra: uma, de copista, cursiva, elegante e clara, muito em voga nos documentos da época; é esta a letra de quase todo o texto; outra, pessoal e descuidada, de leitura difícil e, por vezes, indecifrável; aparece em muitas notas ao alto, ao fundo, nas margens e nos intervalos em branco das folhas; e ainda outra, já muito mais legível, nas últimas folhas do documento.

Assim, podemos distinguir nele a parte definitiva do texto, dividida em capítulos e passada a limpo pelo copista; depois, a sua continuação pelo mesmo autor ou por outrem, com o final em forma de rascunho, interrompe-se inesperadamente a narração, embora o autor prometa continuar a biografia de António Galvão; e por

último as inúmeras notas, lançadas nas margens das folhas ou intercaladas nas entrelinhas ou nos espaços em branco, escritas muitas delas, segundo nos parece, por mãos estranhas e que pretendem esclarecer, acrescentar ou corrigir o texto.

Trata-se, portanto, duma peça documental incompleta, muito retocada e poluta, mas cujo valor histórico nem por isso deixa de ser considerável. Sobre a vida de António Galvão nas Molucas será talvez o original mais interessante que nos resta, uma vez que se dá como desaparecida a obra que este corajoso capitão nos deixou sobre o arquipélago do cravo.

Tornou-se-nos particularmente trabalhosa a leitura deste documento por causa das muitas notas lançadas até por cima do texto, com uma letra muito garatujada, com palavras pegadas umas às outras e cujo nexo nem sempre nos foi fácil descobrir.

Começámos por utilizar uma cópia microfilmada, mas foi-nos forçado recorrer ao próprio original, para nos podermos assegurar da leitura exacta de certas passagens. Estivemos, para isso, em Sevilha, no Archivio General de Indias, onde passámos alguns dias no labor de cuidadoso e atento cotejo. Apesar de tudo, ao longo do documento encontrámos uma ou outra passagem que não pudemos decifrar ou não lográmos mais do que uma leitura hipotética ou duvidosa.

Dentro do caderno que constitui o documento encontra-se mais um papel solto com as seguintes informações: «Papeles de Santa Cruz. Descripcion de las islas del Maluco y de los costumbres de sus indios. En portugues. Se describen las alturas de sus yslas, sus larguras e archipielagos. Parece no tiene fecha. Es relacion muy circunstanciada y se halla muy bien tratada».

Chegámos a supor que seria esta a obra composta por António Galvão sobre as Molucas. Mas não: o seu autor, que tomou parte em muitos dos acontecimentos relatados, é outro e deve ter escrito o seu trabalho ainda nas Molucas, durante o governo de António Galvão, entre 1536 e 1538, não chegando, depois, a ultimar o seu trabalho, como promete.

1

TRATADO DE LAS YSLAS DE LOS MALUCOS Y DE LOS COSTUMBRES DE LOS INDIOS Y DE TODO LO DEMAS

De los papeles de Santa Cruz que truxeron de Sevilha ([1]). / /

Capitolo Primeyro

Este Archipelaguo he muy grande, como se mostra de Nycobar haos Papuas, que he descuberto, de leste a oeste, bem myll lleguoas, em que ha muyto numero de ilhas, que a heconuçial devide por meo e da parte do norte, omze ate doze graos, e outros tamtos do sull, jagem (sic) todas has sabidas e ate guora naveguadas, imda que estem numa clima ou quasy ha mais quemte, humyda e turva, que se sabe; e o que dão humas, dão as outras, na mor parte; e asy os moradores comem mais peixe que carne, nem comem leyte nem queijo nem mamteyguа nem na fazem. E sejão em corpos, hultos e husos não muy desemelhantes, porque todos são dados ha visos, roubos guerras e maleficyos, latronyses, nem por iso he minha temção falar senão nas que estão so ho guoverno e senhorio dos reys de Maluco, primcypalmente naquelas em que heles aguora mays habitão. Os nomes das

---

([1]) Tanto o título supra como a informação seguinte são posteriores ao documento.

Por «Papeles de Santa Cruz» ou «Papeles de la casa de Santa Cruz» ou simplesmente «Arca de Santa Cruz» é designado o espólio documental deixado ao *Archivio General de Indias* pelo célebre cosmógrafo Alonso de Santa Cruz, que residiu no típico bairro, chamado de *Santa Cruz*, em Sevilha. Este documento era, portanto, uma das peças de tal espólio.

quaes, huma e Ternate he outra Tidore, Moutill, Maqyem, ha Cayoa... (2)

Spes mea in Deo est (3).

De sua desquiryção e a falla que fezerom(a) Antonyo Guallvão (4).

Veo-me ter a notiçia que Vosa Alteza escrevera ao seu guovernador e capitães (5) que lhe soubesem o modo e maneira das terras e o que dão e em que alltura e climas estão, costumes, trajos, llimguoagens dos habitadores dellas.

Folgara ver esta carta, pera por ella me emsinar e emformar de sua temção e milhor com a minha o poder servir, como em tudo desejo; e mays nisto, que proçede de tão allto, exçelemte e vertuoso animo, como o seu he; porque nesta empresa levarão já asaz trabalhos grandes primçipes e doutos philosophos.

Çesar Augusto, disto não comtemte, mamdou escrever as gemtes de seus senhorios, como no-lo [1] aprova (6) a ida [2] que fez a Senhora Nossa de Guallilea a Betheleem.

---

(2) O autor ou o escriba não prosseguiu aqui este primeiro capítulo, que vem mais adiante na íntegra. Consideramos esta porção de texto inutilizada, visto que vem depois repetida, e por isso a reproduzimos aqui em corpo das notas.

Ao fundo desta página encontram-se as seguintes notas, incompletas e que parecem estranhas ao documento.

«It. Llotesym Baxa este foy provedor (?) de Baxa e se foy a Mequa».

«It. Soleymão».

«It. Mahanut».

«It. Mistam Baxa ŷpo (?) do Sõr esde dexo».

(3) O documento começa com esta Introdução, escrita com a mesma letra cursiva do texto.

(4) Estas palavras, a modo de título, são posteriores e vêm escritas com letra corrida, diferente da do texto.

(5) Não será fácil identificar por esta passagem o monarca a quem o autor do documento deseja referir-se, pois quase todos eles escreviam a seus governadores e capitães, pedindo informações e notícias.

(6) O verbo «aprovar» tem aqui o sentido de «provar».

1 — nolo; 2 — aida.

E que [7] eu não seja digno do tall pemsamemto, por minha rudeza e fraquo emgenho, quis fazer o que he mamdado, como servo que são.

Isto e [8] muy pequêna parte, porque o todo fique a que(m) o milhor souber emtemder [9]. / / [1 r.]

CAPITOLO PRIMEYRO. Do comprimento e largura deste archipelaguo; e asy do que as gemtes mais se mamtem he alguns costumes que tem; e as ilhas de Maluco e os nomes de aguora 3 e que teverão no tempo passado; e de sua feyção e desposyção do ar, vemtos he tempos que tera cada huma em roda; como esta asemtada, em que altura e clima [10].

---

(7) A expressão «e que», tem neste passo o valor da concessiva «ainda que».

(8) A vogal *e* aparece no texto ora como verbo, ora como conjunção. Pelo sentido poderemos determinar facilmente o seu exacto valor.

(9) Esta Introdução vem repetida na mesma página com algumas variantes ortográficas. Foi inutilizada a primeira forma com dois traços por cima do texto. Damo-la também aqui como se segue:

«Veo-me ter a notiçia que Vossa Alteza escrevera ao seu guovernador e capitães que lhe soubessem o modo e maneira das terras e o que dão e em que alltura e climas estão, costumes, trayos, llimguoagens dos habitadores dellas.

«Folguara ver esta carta, pera por ella me emsinar e emformar de sua temção e milhor com a minha o poder servir, como em tudo deseyo; e mais nisto que proçede de tão allto, exçelemte e vertuoso anymo, como o seu he; porque nesta empresa levarão ya asaz trabalhos gramdes primçipes e doutos philosophos.

«Çesar Augusto, disto não comtemte, mamdou escrever as gemtes de seus senhorios, como no-lo aprova a yda que fez a Senhora Nossa de Guallilea e Betheleem.

«E que eu não seja digno do tall pemsamemto, por minha rudeza e fraco emgenho, quis fazer hó que he mandado, como servo que são.

«Isto e muy pequena parte, porque o todo fique a que(m) o milhor souber emtemder».

(10) Esta redacção é correcção da seguinte: «CAPITOLO PRIMEYRO. Do comprimemto e largura deste archipelaguo; e asy do que toqua as gemtes mais se mamtem-he alguns costumes que tem; e as ilhas de Maluco os nomes que tem no tempo de aguora e que teverão no tempo passado; e de sua feyção e desposyção do ar, vemtos he tempos que tera cada huma em roda; como esta asemtada ao longuo da Batachina, em que altura e clima».

3 — daguora.

Este archipelaguo he muy gramde, como se mostra, de Nicobar haos Papuas, que he descuberto, de leste a oeste, bem mil leguoas; em que a ([11]) muyto numero de ilhas que a equnucial divide por meo; e da parte do norte, omze ate doze graos, e outros tamtos do ssul, jazem todas as sabidas e ate guora [4] naveguadas, imda que estem numa clima, ou quasy, ha mais quemte, humeda e turva que se sabe. *E* o que dão humas dão as outras, na mor parte, e asy os moradores delle se mamtem mais com peixe que carne, porque nom na pezão nem talhão nem comem leite, queyjo; mamteiga nom ay que(m) na faça.

E os moradores sejão em corpos e hultos ([12]) e huzos não muy desemelhantes, porque todos são dados a viços, (sic) roubos, guerras e malefyçios, nem por iso [5] he minha temção falar senão nas que estão so ho guoverno e senhorio dos reys de Maluco, primcipalmente naquelas em que eles aguora mais abitão ([13]); hos nomes das quaes, huma he Ternate, e outra Tydore, Moutele, Maquyem, a Cayoa, Bachão e Alabua, quujos nomes amtiguamemte erão Guape, Duquo, Moutil, Mara, Maliqua, Seque, Quasaruta ([14]). *Outras* ay a estas sojeytas, de que se nom fara tamta memção.

A feyção das mais destas ilhas e dum pão de açuquer [6], com huma faldra per baixo, e per demtro de aguoa rodeadas de arreçifes,

([11]) Como o *e*, a vogal *a* aparece-nos ao longo do documento com vários valores morfológicos e semânticos: forma do verbo *haver*, artigo e contracção de artigo mais preposição. Pelo contexto poderemos também identificá-la facilmente em cada um dos casos.

([12]) As palavras «e os moradores seyão em corpos e hultos» encontram-se escritas à margem, para serem intercaladas no texto. Iniciam uma oração concessiva, em que o *e* copulativo equivale a *ainda que*. O termo *hultos* julgamos ser uma variante de *vultos*.

([13]) A frase «naquelas em que eles aguora mais abitão» é correcção de «naquelas em que estão».

([14]) Nesta passagem e a seguir ao nome Quasaruta encontra-se riscado o seguinte: «he algua parte de Muhar, Papuas, Mindanao, Moro e Maquaçar».

4 — ateguora; 5 — poriso; 6 — daçuquer.

pouquo mais de hum tiro de pedra. Quamdo vaza ha mare, pode-se amdar a pe e emtrão a elas por sertos quanais que tem; e de fora, muy alto, nem ha domde sorgir, senão em certas calhetas de area [7], cousa periguosa: são malemconyzadas ([15]), soturnas e não bem asombradas.

Como as vem, loguo o parecem ([16]), porque, sempre, ou ho mais do tempo, nos piquos delas ha hum sombreiro de nevoa, he a mor parte do ano amda o ar nubroso, que quausa chover meudamemte; e se isto não faz, perde-se tudo, senão o cravo, que se acreçemta; e em certo tempo quay hum roym orvalho, de que as cabras emmamqueçem [8] e, as vezes morrem.

Quamdo ho çeo esclarereçe (sic) e o soll apareçe, ha nuvẽs tam grosas que o clpsão ([17]); os ares delguados, e os vemtos temperados; e de Abrill ate Setembro, que o soll amda da parte do Norte, são eles suis, e o que mor força tem e o sudueste; quamdo ele he da bamda do sull, são os vemtos nortes, e o que mais curça, e o noroeste.

A esta mudamça de tempos chamão elles moução, que he como quamdo acaba o Imverno e começa o Verão em Eyropa; ho que qua nom, porque, de tres ate quatro graos da linha, nom fazem nenhuma deferemça os dias das noites, que tudo e igual e pouquos tempos; ho mor estio que se semte e de Junho ate Setembro, que amtão ([18]) cay alguma folha as arvores: huma caida, outra naçyda ([19]); asy, que numqua estão sem ellas e a erva se muscha, (sic) mas não pera deixar de estar todo anno verde. *Algumas* destas ilhas deitão foguo ([20]) e a

---

([15]) O adjectivo *malemconizadas* é também uma variante de *melancolizados*.

([16]) Quer dizer: logo parecem *malemconyzadas, soturnas e não bem assombradas*.

([17]) Assim está escrito, em vez de *eclipsão*.

([18]) A palavra *amtão* parece estar riscada.

([19]) A frase: *huma caida, outra naçyda*, quer dizer: ainda as folhas velhas não têm caido, já as novas estão a nascer.

([20]) Quer dizer que nalgumas destas ilhas há erupções vulcânicas.

7 — darea: 8 — em mamqueçem.

nela(s) aguoas quemtes, como caldas, e tão serradas de arvoredo, que pareçe huma pinha dele, polo que são emparadoras de malfeitores. *Tera* cada huma, em roda, de 4 a seis, ate oyto leguoas.

São sadias; ho Bachão e mais doemtio; por ser alaguadiça; estão ao lomguo de huma ilha, que se chama a Batachina do Moro (21), domde lhe vem muytos mamtimemtos, fiças (22) com que se vestem; jazem da parte do loeste dela, duas, tres, ate quatro leguoas, segumdo cada huma tem o sytio em espaso de hum grao, da parte
[1 v.] do norte; correm-se de les ao sull (23). //

CAPITOLO SEGUMDO. Da terra destas ilhas, sua calidade; e as agúoas de que bebem (24); e o mar se he ffurioso e de bons sorgidouros; como nace e crese nele pedra; e os metais e droguarias e calidade das arvores; como nom hareyguão [9] na terra.

A terra destas ilha(s) he preta e solta, e a luguares barro e pisarra depemdurada (25), fraqua, por estar sobre pedra, omde nom faz

---

(21) *Batachina* ou *Batochina*, um dos vários nomes dados à ilha de Halmahera. Nos documentos portugueses é frequente aquela designação da ilha. Mais adiante, fl. 6v. do documento, o seu autor refere-se de novo a este topónimo.

(22) *Fiças*, nome dado, na ilha de Halmahera, a certos panos indígenas. Gabriel Rebelo descreve assim o fabrico destes panos: «Fazem o vestido de certas casquas de vergontes d'arvores, molhando-as e batendo-as com macetas sobre paos, e assi as estendem quanto querem, ou dão de si, e as fazem delgadas, grossas, e largas, pegando-as humas com as outras; e as pintão louçamente, mas aprodrecem com a agua, e chamão-lhe fiças». (Cf. *Insulíndia*, vol. 3.º, p. 375).

(23) Ao alto da margem esquerda desta folha, com a mesma letra cursiva da do texto, foi escrito o seguinte conselho em latim: *scalpit, prurit et perpetuo esurit*. Por baixo deste conselho, e com outra letra, encontra-se escrito o nome «Richardo Xelley» e ainda outros ilegíveis.

(24) Este período é correcção de «e as aguoas de que bebem, como se comsomem».

(25) Frase elíptica, equivalente a «a lugares que são barro e pissarra dependurada».

9 — ha reyguão.

cemtyo ([26]), e por muyto que chova e pouquo que este ([27]), loguo se ha aguoa comsome; quavamdo altura de huma braça, acha-se area, casqualho e, não muyto baixo, agoa doce e boa ([28]); tem vales fumdos, imgremes barroquães de penas ([29]) talhadas, gramdes madres de ribeiras ([30]), por omde a aguoa não corre senão chovemdo; a rios he fomtes que, imda que a levão, não cheguão ao mar, porque se comçume na ([31]) terra; e de que se mais servem e bebem são posos bons e sadios.

O mar e quente e não do de Espanha differente; turvo, causado do escuro ar ([32]), nem he furioso; somemte se vem trovoadas vemtosas, que qua acodem meudamemte; e nas vazamtes e emchemtes, de gramdes e rijas corremtes, pollo que não tem vaza e pouca; athe o fumdo e cascalho denso e seyxos; tem ruyns sorgidouros e em sertos luguares, des ([33]), doze braças; hum tiro de pedra da terra e tão alcamtilada que muytas vezes toqua a nao com ho costado e torna a sair dela, como se pasa Borneo e a Java.

Por estas partes nace e crese nele pedra viva; sua cor e bramqua; tiramdo-a fora e emxuta; se a mais deixão estar, morre; e morta, nom tem bom cheyro nem aproveita pera call, que dela fazem, porque não toma foguo, mas fiqua pera parede.

([26]) Leitura hipotética, devido a um borrão.

([27]) Julgamos tratar-se da forma *estie* do verbo *estiar*.

([28]) Na margem das ribeiras, quando estas levam água turva, ou nas planícies do litoral, o processo vulgar naquelas ilhas, para se obter água que se possa beber, consiste em abrir na área uma cova mais ou menos profunda, onde aparece filtrada e aproximadamente potável.

([29]) O mesmo que penhas ou rochedos.

([30]) Por *madres de ribeiras* entendem-se as nascentes das ribeiras.

([31]) Em todas as pequenas ilhas daqueles arquipélagos o facto deve ser geral: no tempo das chuvas ou da monção, as ribeiras correm caudalosas; no tempo seco, levam, quando muito, um fio de água.

([32]) A frase, «turvo, causado do escuro ar» quer dizer: «turvo, por causa do escuro ar».

([33]) À margem, escrita com a letra do texto, lê-se também a palavra *dez*.

Thambem nom ha nestas ilhas nenhum metal; em algumas dizem que se achou ouro, e tam pouca camtidade, que lhe não ficou senão a saudade.

A nos, maça, pymemta lomgua, gemgivre e cravo e asas camtidade que he o primcypal trato delas; a muito e muy espeço arvoredo e mato meudo, e não de espinha ([34]); tem a(s) raises a frol da terra; se as arramcão huma vez ou as cortão duas ate tres, não tornão a rebemtar; e as mais delas, quamdo as talhão ([35]), deitão aguoa; são moles e pouquo duraveis, porque, asy na terra como no mar, come-se muito sua madeira [10] do guzano ([36]); a emtre elas tais que não ha memoria de dura, como he o pao berce ([37]), a que chamamos ferro; e pao preto e mamgue, craveyro, de que fazem viguas, barutos ([38]), esteos para casas; e quamdo são velhos, carvão; e outras a nos não tam conheçidas, e o da polvora e pao bramco e leve como sabugueyro.

([34]) O termo *espinha* parece ser a correcção de *Espanha*. A passagem não é clara, por constar de palavras sobrepostas.

([35]) O verbo *talhar*, empregado com o sentido de *cortar* ou *golpear*.

([36]) A frase: *come-se muito sua madeira do gusano*, quer dizer: *a sua madeira é muito comida pelo gusano*.

([37]) *Pao berce* ou *pau-ferro*. A designação *pao berce*, ou melhor *pau-berce*, julgamos ser uma palavra composta do termo português *pau* e do malaio *besi*, transformado em *berce*. Na ilha de Timor, esta árvore, nos dialectos indígenas, tem o nome de *ai-besi;* em malaio *kayu-besi*, correspondendo, à letra, a *pau-ferro*.

([38]) *Baruto*, julgamos ser uma variante de *baru* ou *barut*, nome local dado, nas Molucas, a certa árvore, à panha ou sumaúma, colhida nos ramos dessa árvore, e a um camisão acolchoado, feito com esta espécie de algodão. Gabriel Rebelo, nas suas Informações escreve: «vão as taboas por dentro torneadas de paao como brasil ou cana; antre humas e outras poem, pera vedar a agua, hum algodão tirado dos ramos de humas arvores a que chamão baru-baru, e na India, aonde as ha, beru... Geralmente pelejão em panetes, ou em cachados, e os honrados com carapuções de feltro vermelho, e huns camisões acolchoados de algodão, a que chamão barut». (Cf. *Insulíndia*, vol. 3.º, pp. 367, 382).

10 — madr.ª

CAPITOLO TERÇEYRO. Das arvores destas ilhas de mais proveyto, e de sua feição e o que dão; primeyramemte, da do cravo, noz, maça he do sagueyro; e outras que dão pão, vinho, fruito, de que se a terra mamtem.

A arvore que da ho cravo he gramde; chamão-lhe craveyro; a folha tem ho (39) sabor do fruyto; quem ho quiser ver, olhe hum loreiro, quamdo esta florido; e toma cor e amadurese, em que he mor; em tudo o parese. *A* que da noz, maça e huma pereira, asy no pe como na folha e fruita; nestas ilhas a pouca e brava; comem-na com o betele (40); doutra cousa não serve.

As arvores de que se mais aproveytão e costem (41), comem, bebem e mamtem, chamão-se sagueiros; paresem palmeira natural, senão que tem a folha mais bramda e verdoemgua; fazem dela toalhas de mesa (42) e copos para beber (43); e do myolo, / / farinha e [2 r.] pão que (44) am-de comer; dão vinho, a que chamãm tuaqua (45), e

---

(39) A frase: *tem ho sabor do fruyto*, é correcção de: *é do sabor do fruyto*.

(40) Este vocábulo oriental é registado nos documentos sob várias formas, como *betele, betere*, betelle e betle. Significa, em primeiro lugar, a folha de certa trepadeira, que serve de invólucro à mistura de ingredientes, em que entram areca, cal e várias substâncias aromáticas, formando, assim, um ardente masticatório, muito apreciado pelos indígenas, que usam continuamente. O termo *betele* designa também este *masticatório* ou *masca*, que a etiqueta social indígena ordena se ofereça às visitas, com maiores ou menores requintes de cerimónia, como prova de distinção e amizade.

(41) A palavra *costem* deve estar por *sostem*, i. é, *sostentam*.

(42) Estas toalhas, a que o documento se refere, são uma espécie de esteiras, feitas com tiras das folhas, ainda tenras, destas palmeiras.

(43) De facto, com as mesmas tiras, muito bem entrelaçadas, fazem-se ainda diversos utensílios, como sacos, cestos e vários tipos de recipientes, que aguentam os líquidos por algum tempo.

(44) Esta farinha, feita com a fécula da estipe, é vulgarmente conhecida pelo nome de *farinha-de-pau*, ou *farinha-de-sagu*. Obtém-se com ela certa massa que, depois de torrada por vários e rudimentares processos, fica uma espécie de bolacha com o mesmo uso que, entre nós, o pão. Nas suas *Informações*, Gabriel Rebelo disserta largamente sobre o sagu. (Vid. *Insulindia*, vol. 3.º, pp. 312-313).

(45) Termo vulgar na Insulíndia e designa certa bebida, mais ou menos fermentada, extraída de várias palmeiras.

vinagre; e do olho tyrão fio, de que fazem panos pardos que vestem, trazem por doo; o somenos serve em saquos. *No* tromco, jumto das ramas, tem humas barbas pretas e tezas; fazem delas cordas, cordões e amarras, as milhores que se sabe; porque, quamto as mais molhão, e mais rijo, duravel; e com este guamuto ([46]) cobrem misquitas, quasas reays e as capelas de seus defumtos e as cousas tais.

Outras ha que chamão nipas; paresem-se com estas; dão pão, vinho e vinagre; com as folhas de humas e outras cobrem as casas; e milhor e mais limpa que ha da palmeira, nem toma tão asynha foguo. *Nypas* ay da mesma feyção que dão tudo o que estas dão, senão que o seu tromco e ramos tem puas que paresem porquo espim; é cousa que alegra a vista, e os olhos folguão de a ([47]) ver.

A arvores que são como arequeiras, de que fazem farinha e pão; ão-no por milhor e de muyta avamtagem e sabor que das outras duas ([48]); se algumas estão onde chegua o mar, ou as alquamce a mare, dão tudo salguado.

([46]) *Guamuto* ou *gamute* é o nome dado aos filamentos negros que se formam na base das folhas de várias palmeiras, com os quais os indígenas cobrem os tectos de suas habitações e fazem cordas muito resistentes e que dificilmente apodrecem.

([47]) Sobre estas palmeiras Gabriel Rebelo escreveu: «E, como ja disse, deu-lhe o cravo nascido e produzido do matto, sem arte sua, para com elle remediarem melhor suas necessidades, e da mesma maneira lhes deu o mantimento, o qual o mesmo matto tem cuidado de produzir em duas sortes de arvores, e cazi semelhantes, e humas dellas nascem na terra seca e as outras na molhada e apaullada, e chão de vassa, e por isso he mais trabalhoso e menos saboroso; seu mantimento he muito mais geral. Chamão-se estas arvores, desta sorte nipeiras, remedão a palmeiras; são muito espinhosas.

«As outras que nascem no seco se chamão çagueiros, donde tomou o nome no matto o çaguu tãobem arremedão palmeiras, mas são as folhas mui verdes e escuras, e o pao he preto, e entre os ramos cria grande soma de estopa preta, com humas arestas pretas, e agudas e secas, e dão muito grão trabalho aos que sobem, e por isso as alimpão daquilo; e, sacudido todo o grosso que fica, fazem cordas e amarras, e todo o necessario para serviço dos navios; faz-se muito preto, como retroz, quando se molha; dura muito nagoa, mais que em terra, porque o sol o seca e moe, e a agoa o refresca e sustenta; chama-se esta maneira de estopa gamutte». (Cf. *Insulíndia*, vol. 3.º, p. 312).

([48]) A palavra *duas* está escrita na entrelinha.

A *humas* que os portugueses chamão figueiras ([49]), e não são
ɔres nem canas, aimda que ho quer parecer; e pramta doutro
ter, e muito comum em todas estas partes e dizem que as a no
pto e Canarias; por ser mamtimemto de todo o ano, e proveitoso,
io no ver em Portugal, nem creo que viesem a notiçia de todos,
aquy neles falar. *É* de grosura de huma couxa; delas como hum
nem pola çimta e tão temras que de hum guolpe de espada e
ada; e ao pe naçem outras e em hum ano e menos vem en toda sua
eição. *E* fruita nom dão dela, senão hum ramo, e a fruita e como
pepino, quando he maduro; tem a cor amarela, cheirosa, sabo-
. A-os [11] de muytas castas ([50]): huns milhores que outros;
nemdo-os verdes, tem-se doze ou quinze dias; comem-nos crus,
dos, cozidos; fazem deles outros mamjares; e o olho desta arvore
nem cozido e curão com ele feridas; a folha e gramde; serve de
has e baçios; quamdo chove, com ela se cobrem; e tem proprie-
e de guastar e danificar a terra [12] omde as [13] poem.

E a outras arvores gramdes, que no tromquo, jumto domde os
nos naçem, dão figuos como os de Portugal, por emsoados, os
comem ([51]).

As palmeiras qua dão-se bem e de seis anos e meo ate sete em
nte, comesão a dar quoquos e muitos. A outras anãs, que os dão
çimquo; tirão hum pouco a ruivas; podem-nas trazer a mesa com
como huma maçeira; numqua as vi nem ovi dizer ave-las senão
ta terra; he asy tirão delas vinho, a que chamão sura ([52]), e

---

([49]) Por analogia, os Portugueses deram à bananeira o nome de figueira, e à
na, o de figo. O nome generalizou-se em todo o Oriente, como consta da
mentação coeva.

([50]) Só na parte portuguesa da ilha de Timor contam-se mais de vinte e cinco
edades.

([51]) Julgamos referir-se à *Ficus indica*.

([52]) *Sura*, líquido extraído de certas palmeiras, fresco e agradável. Levedado,
sforma-se em vinagre.

11 — aos; 12 — atrª; 13 — omdas.

vinagre; e dos quoquos fazem azeite como das gramdes e de tamta dura.

A arequeiras, que são como archiprestes na feição, no pe e copa, senão que he mais limpa e fermosa e com ha frol cheirão bem, e o fruito e como huma bolota; naçe em cachos, guasta-se com ho betele ([53]), e uza-se muito dele. Dizem que embebedão e lavamdo-se com sua aguoa, haperta ([54]).

CAPITOLO QUARTO. *De* mais arvores que ha e de sua feição e os fruitos que dão, e as que se paresem com as de Portugual, quamtas, he de que castas são.

A arvores a que chamão jaqueiras; ho fruito he tamanho como hum melão e asy o quer pareçer. *Abrimdo* [14] (-o), tem demtro castanhas em casas, por ordem, que lhe comem; pegua-se hum pouquo aos dedos; a casqua e groça, correemta e sarabulhemta; nace no pe da arvore por sua gramdeza prouvem ([55]) a natureza, como faz outras muitas que qua ha, que os ramos nom podem soster.

A mamgueiras; ho fruito e bom e çumaremto; tem grande

[2 v.]. carouço, chamão-se mamguas; e sobre estas e os pomos / / que nomeão por figuos, dizem não saber mal os vinhos.

A arvore a que chamão quaramboleiras, e o fruito quarambolas; e quadrado e hum pouco agro, natural da terra, porque [15] iso e o mais que ha nela.

A outra que querem pareçer pinheiros, e asy ho são na gramdeza; chamão-lhe dorieiros; e o fruito, doriões; he mor que pinhos, quasy

---

([53]) O fruto da arequeira (*areca*), devidamente preparado, é um dos ingredientes que entra na preparação do *betele*, o masticatório oriental.

([54]) Na leitura desta palavra duvidamos entre *haperta* e *haparta*. Inclinamo-nos, porém, a ler *haperta*, pois a vogal em questão parece-nos mais um *e* do que um *a*.

([55]) A redacção nesta passagem não é clara, mas percebe-se bem o sentido; i. é: (assim) «provê a natureza, como faz com muitas outras (frutas) que qua ha, que os ramos não podem soster».

14 — abrimdo; 15 — p^{or}q.

de sua(s) feições, cheo de pomtas de diamães; tem a aspereza dum oriço; e maduro, asy ([56]) se abre, cheira a sebolas; quem os não a em costume, no nõ os (sic) pode comer na primeira; mas, em verdade que, despois, se repremde ser tão tarde ([57]). *Tem* demtro castanhas, cubertas de huma maneira de mamjar bramco, e asy ho he emtre outros fruitos. A muytos em Malaqua, e comtão que vierão hay naos e riquas, que guastarão neles, em suas guolodiçes, todas as mercadarias ([58]).

A arvores da mesma gramdeza; chamão-se canarias ([59]) e asy (o) fruito são amemdoas; servem em tudo como elas, ate na sabor, a casqua e a mesma feytura, mas muyto mais dura.

([56]) Na frase, a palavra *asy*, equivale a *assim que, logo que*.

([57]) A frase *se repremde ser tão tarde*, quer dizer: quem tenha provado uma vez este fruto, *repreende-se a si mesmo de o fazer tão tarde*.

([58]) Do durião escreveu Fernão Lopes de Castanheda: «no derrador ha muytas & boas fruytas, assi como uvas que vem de quatro em quatro meses, & duriões que sam da feyção dalcachofres, & do tamanho de grãdes cidras: & de tão singular sabor que diz a gente que naquele pomo pecou Adão» (História do Descobrimento & Conquista da Índia pelos Portugueses, Livro II, Cap. CXII). Por sua vez, João de Barros, em Década II, Liv. VI, informa a propósito da mesma fruta: «E como o lugar em que estavam por serem já muitos era estreito, mudáram-se dalli obra de huma legua per o rio acima a hum monte de comprimento de meia legua, a que elles chamam Beitam; na fralda do qual estava hum campo, a que tambem deram este nome, com o qual sitio, por ser grande, e espaçoso, e saberem que Paramifóra vivia em lugar estreito, o foram convidar, levando-lhe por mostra da fertelidade da terra algumas frutas. Entre as quaes foi huma, a que ora chamam duriões, cousa mui estimada, e tão golosa, que contam os mercadores de Malaca vir já áquelle porto mercador com huma náo carregada de muita fazenda, e comeo toda nestes duriões, e gastou em amores das moças malaias».

([59]) Da sua existência fala-nos o documento n.º 37 da *Insulíndia*, vol. 4, p. 194: «e outras de variedades de fruitas, tambem maravilhosas, que sera hum proceso emfenito nomearem-se; todo o mato he cheyo de humas arvores que chamão canarias, que são como amendoas, mas são quentes e verdes; são boas».

Em Timor abundam também pelo mato.

Ha outras a que chamão catapas ([60]): o fruito folhado, revolto e serrado como huma hobrea ([61]) mays pequena; dizem que estes dous fruitos são quemtes, provocão ho coito, he ha folha e largua, redomda; poi-na nas praças he em luguares que se posão de sua sombra aproveitar; que e boa, imda que os da terra nom na tem por tall.

A(s) lamceiras ([62]) dão fruito, que chamão lamçãs ([63]); parecem amexias (sic) bramquas, gramdes, sumaremtas; a casqua groça, e o caroso amarguoso.

Ha humas que chamão colomdroeyros, e os fruitos colomdrões ([64]); asados, tem o sabor de marmelos. *Outra* ay que se diz belimbeiros; e os fruitos, belembims ([65]).

A outras que se chamão aeyros ([66]); e os fruitos ayões; no sabor são castanhas, e asy causam vemtozidade com suas manhas.

Outras ha que dizem sequões ([67]); o fruito é como gramdes romãs; fazem tavoados para forros de navios, a que chamão la pez e queimão-no primeiro, ate que faz carvão a façe da roca, pollo guzano não emtrar nela.

([60]) Em malaio: *ketapang* (Terminalia Catappa, Lin.) Gabriel Rebelo, nas suas *Informações*, escreve: «vi em huma formosa arvore, que está à porta da nossa fortaleza, chamada Catapa, e na India, Amendoeira, cahir huma folha mais pequena que as outras geraes, cujo pé era cabeça de bicho». (Cf. *Insulíndia*, vol. 3, p. 391).

([61]) O mesmo que *obreia*, supomos.

([62]) *Lamceiras* é termo aportuguesado do malaio *langsat*. (Lansium domesticum).

([63]) Idem.

([64]) *Colondrões* será talvez uma variante de *colondros* ou *colombros*.

([65]) Belembins ou melhor *belimbins*, do malaio *belimbing* (Averrhoa bilimbi), fruto ácido que entra, como o limão, no condimento de certas comidas.

([66]) Julgamos que seja, esta, uma designação local de qualquer espécie de árvore.

([67]) Desta árvore escreve Gabriel Rebelo: «e pera bem peguar, untão primeiro a taboa, de leite de humas grandes arvores, a que chamão çuquão, que tem as folhas maiores que de papel, e fruito quasi semelhante, e adubada a tavoada, apertão com macetes, e fiqua tão justa que quasi se não enxergua a costura, e por dentro atão, sobre asas ou castanhas, que lhe ficão, certos liames de raizes, tirados a feição, com que a fortificão».

Outras arvores ha, que o fruito e como huma noz; aproveita para purguas; nom se am-de tomar muitas, porque houve ja homem, que se nelas desmamdou, e arrebemtou.

A tais que ho seu fruito, como molher prenhe o come, morre. *Dizem* que he em estremo quemte. *As* de Portugal, são maçieiras de anafegua; chamão-lhe vidaras ([68]); o fruito e milhor e mais çumaremto. A(s) romeiras dão razoadas romãs agras; laramgeiras de gramdes polas e espinhos; parecem bravas; não dão froll, mas muitas laramjas doces e pequenas, as milhores que creo aver na redomdeza. A outras biquães, que dão froles, mas cheirão como as de Espanha; a limoeiros, cidreiras, azomboeiras; cada huma da fruito e bons.

A(s) parreiras tem duas podas: huma em Fevereyro; e outra, em Setembro; todo o anno estão com folhas e huvas, humas colhidas e outras naçidas. Trouxe-as Amtonyo Galvão de Malaqua na era de mil quinhentos trimta e seis. *Tomou-as* a terra por filhas [16], que em nenhuma parte se dão milhor; em seis meses se fazem tão grosas como huma perna; e asy mamdo aqui trazer jaquas, barcas ([69]) e giraçais ([70]) de Mimdanao, e douriões de Bachão; e tudo prantou, ainda que aquy a muitas diversydades de fruitas; e de todas, pouquas quamtidades.

CAPITOLO QUIMTO. *Das* arvores que não dão fruito e aproveytão pera muyto.

A huma que se diz saeyro ([71]), he a folha e como sumagreyro; serve por verças e todo comer tem-nos nas hortas e quimtays e

---

([68]) Em malaio *bedara*, nome dado a várias árvores. Rodolfo Dalgado, no seu *Glossário* informa ser a mesma árvore que em Concanim tem o nome de *ber* ou *bor* (Zizyphus jujuba), e em indo-português, macieiras e os seus frutos, maçãs.

([69]) Nome de árvore a que não encontramos qualquer referência.

([70]) *Giraçais* ou *geriçais*, espécie de jaca, flácida e viscosa. (Cf. R. Dalgado in *Glossário*).

([71]) Mais adiante, Cap. 7, encontra-se outra referência a esta planta: «Hay erva lombrigueira e outras, que chamão saeyros; parese jaro he dão-no aos porcos e emguorda-os».

16 — f^as.

portas. *Outra* ay que tem a folha lomgua e amarela; comem-na por
[3 r.] alfaçe, com vinagre; que-lo [17] pareser no sabor; estas ão por / / bom synal e estrea; por tal a poem nas emtradas dos luguares.

A tamarinheiros [18]; são gramdes arvores, he folha meuda; ho fruito, da feição da fava he aproveitão para mezinhas; fazem da folha e dele salsa.

Ha arvores que da casqua fazem panos para vestir, a que chamão fiças; sam bramquos, quer pareser papell, de pouqua dura; se se [19] molha, quasy nenhuma; são muy pimtados, por rezão de cores que lhe dão; ha tais que a casqua he boa pera frialdade he doemças desta calidade.

Ha outras que dão baguas com que grudão; outras ha, que tem rozas bramquas e vermelhas, fermozas e não cheirosas; a tais [20], que dão froles muy suaveys; chamão-lhe fules ([72]); emfiadas em huma linha, as trazem por capelas he prezão-se delas.

A arvores que tem a folha como tabua ou espadana, fazem delas esteiras e cofres, a que chamão cotumbos ([73]), mui lavrados e pimtados.

A tais que, cortamdo delas hum ramo, deitão agoa em muita camtidade; he boa para beber, he de bom çabor e cor.

A arvore que chamão das cabras, porque ha comem, imda que estem fartas, de tão boa memte, como ouvese quimze ou vimte dias que o nom fezerão; esta lhe acreçenta carne, cevo e leite.

([72]) *Fule* ou *fula*, vocábulo oriental, com forma portuguesa e que significa flor, em geral.

([73]) Sobre este termo local veja-se *Insulíndia*, vol. 4.°, pp. 208 e 288, onde aparece também com a forma *tutumbo* e se descreve assim: «O cotumbo he hum modo como caixão pequenino, que se fazem nas ilhas de Ceirão, muito galantes e ha piquenos e grandes, e tambem muito grandes. E dizem todos que tem tal vertude aqueles bambus, de que se fazem, que nenhuma laya de panos que se metem naqueles cotumbos não entra nenhum bicho nem traça nela».

17 — quelo; 18 — atamarinheiros; 19 — sese; 20 — atais.

A ariqueiras bravas; fazem delas paos pera arremeçar, por serem rijas, e ferros para calabas ([74]), com gualhos e farpas, por serem periguosas ao escadar.

A outra, a qual se parese com estas, e na reiguada das folhas dão hum como alguodão ou panha; chamão-lhe *baru* ([75]); com isto calafetão seus navios; é salitrado e muito boa isqua, he levão-na pera a a India.

A huma arvore, que chamão *fitaquo* ([76]); am-no por milhor, pera liação, que sovoro ([77]), senão que femde ao preguar, se não he bem furado; e dizem que fazem dele çabão e bom emçaboado amariela, de que fazem tavoas para costado de naos; e serve em solhar e outras neseçidades deste mester. *A* tais, que dão tavoado vermelho.

A puas e faya, que são arvores limpas, direitas; fazem delas mastos, verguas, emtenas, e tavoas des padas e outras que dão breu bramco e bom.

Arvores ay que chamão solavaqueiras; são gramdes, altas, e ao lomge, por syma das outras, pareçem pinheiros; e pao leve; fazem delas escudos, rodelas, que timgem de cores pretas, vermelhas e amarelas.

([74]) Termo local também, sobre o qual Gabriel Rebelo informa: «usão muitos arremessos de ferro, pao e cana, antre os quaes tem farpões com que prendem os homens, como os peixes, alando por elles, e entre os de cana tem huns a que chamão calabas, delgados, e de comprimento de hųma braça, em cuja ponta põem hum ferrão de pao tostado, com farpas, e na outra põem huma cana de comprimento quasi de hum covado que trazem na mão, com que despedem a calaba, mui longe e certo». (Cf. *Insulindia*, vol. 3.º, pp. 366-367).

([75]) Sobre esta árvore Gabriel Rebelo informa também: «fazem huma maneira de covas, ou rego, ao longo da tavoa, o qual untão com hum certo leite e arvores, que dão huma folha mui grande, e o fruito conforme que alguns querem dizer que he platano, e la lhe chamão cuquani; e como esta untada daquele leite, poem-lhe certo miolo de arvore, chamado baru-baru, que he como algodão, e mais espesso; o qual he pardo, e poem-lhe grossura de huma grande polgada ao longo, que pegue no leite». (Cf. *Insulíndia*, vol. 3.º, p. 318).

([76]) Não encontramos qualquer outra referência a tal árvore com este nome.

([77]) Julgamos ser o mesmo que soveiro ou soveio, nome dado em Trás-os--Montes, a uma correia que prende o carro ou o arado ao jugo.

A humas que chamão *suamgue* (78), que em sua limguagem quer dizer diabo; se toqua em carne imcha e esfola e poem a pesoa na derradeira ora; e se com ela fazem foguo, todos hos que estão a roda seguão e por tempo e com asas trabalho cobrão vista; alguns ficão sem ela.

A tais de que tirão e fazem peçonha; são gramdes e de pequena folha; dizem que nom comsemte outra a par de sy [21], porque as sequa; se cousa viva esta debaixo dela, tres dias, morre; e os pasaros que nela pousão, damdo-lhe hum pique, deita çumo verde; se toqua em samgue, mata. *Esta* pesonha não tem cura, curamdo todas as outras, porque, se as comem ou com elas são feridos, bebemdo este çumo, çarão. *E* damdo hum fervor (79) a folha, deita olio, que he bom pera estemder nervos, asy que da morte, vida e resusyta.

A arvore comtra peçonha, que pomdo jumto desta, sequa esta, e quamdo amdão a guerra, trazem-na [22] comsyguo, porque, se são feridos, toquados ou mordidos de peçonha, comem-na [23] com o betele e achão-na aprovada e boa.

A limoeiros *suangues;* são peçonhentos; com tudo, lavão-se com seu fruito.

Nestas partes começão a emcamdieirar (80) as arvores de Janeiro em diamte, e sempre tem folha, polo que são manemconizadas,

---

(78) *Suangue* é a forma portuguesa duma palavra indígena comum a vários dialectos malaios. Propriamente, designa certo feiticeiro ou bruxo, capaz de todos os malefícios.

«Não confundamos, porém, o *matan-dok* com o *buan*, em malaio *pawang*, «lobisomem», pessoa fantasma, banida do convívio humano, obrigada a viver vagabunda pela selva e da qual dizem dependurar-se das árvores, à espera de quem passe incauto para lhe sugar a alma». (Vid. *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense* por Artur Basílio de Sá, pp. 263-266).

(79) O termo *fervor* está empregado com o sentido de fervura. A passagem «e dando um fervor a folha, deita olio» quer dizer: *dando-se uma fervura à folha, deita óleo.*

(80) O mesmo que *encandear* ou *florescer*, supomos. Segundo Cândido de Figueiredo, diz-se da oliveira, quando floresce, e trata-se dum provincianismo. *Encandieirar*, que nos aparece no texto será, pois, uma variante que facilmente se admite.

21 — desy: 22 — trazena: 23 — comena.

soturnas como os arciprestes, pinheiro, loureiro, buxo, oliveira e outras desta maneira.

São muitas e de muitas castas e calidades, porque tudo é arvoredo, asy no razo, como na montanha, diferemte do de Espanha. / / [3 v.]

CAPITOLO SESTO. Do mato he canas que ha, de muytas castas, etc.

A mato de alguodão, de que fazem panos, morrões he linhas; e outro mato, que de seu amtre-casquo trocem linhas, pera coser e lavrar camizas, e depois desde linho de Portugual, nom creo que a outro tal.

A hum como feto gramde, de que fazem penas pera escrever ([81]), por careçer delas; são tezas e não hoquas, polo que tomão mal a timta.

A muitas maneiras e castas de canas; e cousa de que se qua mais servem: humas muy grosas; e outras, delguadas, como penas de patas, maçiças. *Chamão-lhe* rota; fazem delas amarras e boas varas; de a cortar [24], servem como vimes pera atar.

Ha outras de grosura de huma perna, com nos de alto a baixo; estão cheas de aguoa mui syrina; quem quer beber, da-lhe um furo e pode-o fazer, cortadas e atravesadas ou depemduradas, crião outras, como erva baboza; vazamdo-as, cozem carne, peixe e verças, com seu azeite. Para isto escolhem-nas de tona ([82]) delgúada, e nom lhe deitão aguoa; castas delas, que roçamdo huma com outra, acemdem foguo ([83]).

([81]) A frase: «de que fazem penas pera escrever, por carecer delas», é correcção de: «de que fazem penas, por carecer delas pera escrever».

([82]) O termo *tona* tem, aqui, o significado de *casca*.

([83]) Ainda hoje, em Timor, por exemplo, e no interior, por vezes, se recorre a este processo primitivo de fazer lume: adelgaça-se um pedaço de bambu seco, e com outro fricciona-se naquele ponto, até encandescer; soprando, obtém-se uma pequena chama que depois se comunica às acendalhas, previamente preparadas.

24 — dacortar.

A tais, de que fazem lamças, espadas, cutełos e punhaes e limão com elas ferro e serrão hum demte de marfim. *Outras* ay, cheas de espinhos, com que cerquão as çidades; e cousa forte, porque cortar nem queimar se pode.

A de açuquar 25 ([84]): não ho sabem fazer, senão melaço e vinho, que chamão *quilão* ([85]); dão-lhe cor vermelha com casquas de mamgue; e com estas casquas curtem as peles, como com sumaigre. Ho gemgivre no agro quer pareçer canaveal novo.

CAPITOLO SETEMO. Das ervas, e as que ha de Portugual.

A muyas ervas para comer he medecynais, peçonhemtas e comtra peçonha. A de que mais huzão e se servem, e betele, e tão comtino, que numqua ho tirão da boqua, por homde se pode dizer que estas gemtes sempre amdão a remoer.

Ha-as 26 aquy em duas maneiras de folha, acomo em todas as Imdias; a que chamão da Jaoa, não he estimado (sic); a outro de espigua que parese a 27 da; thamchagem ([86]) não no ha em outra parte, segumdo dizem; é muito milhor e mais prezado.

A ervas que, se as dão a beber em hum quoquo novo, a que chamão lanha ([87]) tirão a febre; outras ay que dizem que, se as dão, sarão feridas de vão.

([84]) Julgamos tratar-se duma frase elíptica, i. é: *há cana de açuquar*.

([85]) *Quilão* é a forma portuguesa do termo indígena. Gabriel Rebelo também se refere a este vinho feito de cana-de-açúcar: «Tambem ha muita çura e arraca de palmeira, de maneira que della ou da tuaca ou do das canas, a que chamão quilão, bebem geralmente todos, homens, e molheres, e meninos, e apenas ha quem toque na agoa». (Cf. *Insulíndia*, vol. 3.º, pp. 314, 375).

([86]) Nome vulgar da *plantago lanceolata*, planta vivaz e medicinal. (Cf. C. Figueiredo: *Grande Dicionário*).

([87]) Correcção à margem: «a ervas que se em hum coquo novo as bebem, tyrão a febre». *Lanha* ou *alanha*, vocábulo de origem dravídica, segundo Dalgado, designando o coco tenro, meio feito. «E dado que o dito não abastase, seria a dita aguoa geral em algumas outras castas de canas, por aver muitas e muito mais porosas, pois

25 — adaçuquar; 26 — has; 27 — ada.

A humas que chamão de estrepes, porque como as poem, a quem com hele he emcravado, loguo he tirado ([88]); são muy neçeçarias, porque se costuma qua muyto ho estrepar em todo ho pelejar.

Hay erva lombrigueira e outras, que chamão saeyros; parese jaro he dão-no aos porcos e emguorda-os. *Outra* ha que se cria no mar; parese çeva; fazem dela linhas pera atarrafas he redes e cozem com eles huma de çimquo folhas [28]; ha frol e bramqua; amda com ho sol; asy como naçe e sobe he deçe, para aly obedeçe; numqua vy cousa tamto sua amigua, nem que com tamto amor, obidiemçia o syguise, imda que todas as cousas criadas são ho sol, muy imcrinadas e obriguadas; imda que arvores a na Imdia que, como apareçe ho sol, loguo lhe quay a frol; como se poem, (sic) torna-lhe a naçer e esta toda a noite florida, cheirosa e graçiosa; como parece ho soll, loguo a vereis murcha e caida.

Ha / / (a)quy outra erva, que da hum pomo, como huma abobora de Guine; quamdo e de ves, tem a pevite preta; chamão-lhe patequa ([89]), e por ser fria, comem-na [29] pola sesta. [4 r.]

Ha muitos inhames de castas, cores, desviadas as ervas de Portugual, he perraxil do mar, mamjericão, salsa, bredos, ortelam, coemtros, emdros, berimjelas de duas castas: humas, das ortas; e outras bravas, que comem com seladas; sebolas meudas, alhos e rabãos, favas, ervilhas, grãos, feijões, lemtilhas, pepinos, melões que Amtonio Gualvão mamdou trazer de Mimdanao.

---

todas nacem com as mesmas folhas na propria terra, nas quaes se não acha goteira, por onde está claro ser naturalmente nacida naquella só sorte, como he a da alanha ou coco». (G. Rebelo: *Informações*. Cf. *Insulíndia*, vol. 3.º, p. 309). À margem lê-se a seguinte correcção: «á ervas que se hum quoquo novo as bebem tyrão a febre».

(88) A passagem não é muito clara. Supomos querer dizer: «a quem com hele he emcravado, loguo he preso». As *Informações* de Rebelo acrescentam: «Quando ha guerra, estrepão-se em roda, o que algumas vezes lhes he contrario, porque como muitos não esperão dentro, a pressa com que fogem lhes faz errar os carreiros que deixarão para serventia, e se ferem». (Cf. *Insulíndia*, vol. 3.º, p. 366).

(89) Nome da melancia, no Oriente, proveniente do árabe battikh. (Cf. Dalgado).

28 — f^as^; 29 — comena.

CAPITOLO OYTAVO. Das alimarias e bichos mamsos he bravos.

As alimarias das casas são quães, guatos, ratos, porcos, hovelhas e quabras de duas maneiras: humas, naturais da terra, pequenas e de sedas, como as de Portugual; e outras e ouvelhas vierão da Imdia, são muyto milhores; e não tem cornos carneiros nem bodes ([90]) gramdes e ruivos, as orelhas compridas; parem duas vezes no ano tres e quatro filhos, quada vez; as cabritas e leitoas estão mamamdo e emprenhamdo; as ovelhas erão pelo comtrario, que dos machos nom emprenhavão, nom se sabe porque rezão, em clima de tamta jeração. *Amtonio* Gualvão trouxe hum carneiro gramde, com cornos de marrar; este as emprenhou he fez muito multripicar; he dizem que ouve aqui bufaras, e polas guerras se despovoou a ilha delas; he cães, os mais guozos, nom ladrão; a mor parte da noite huyvão e a-os [30] mudos; huns nem outros numqua se danão, como em Espanha. *E* os guatos tem outra manha, que todo o ano amdão em cavalguação; e quamdo [31] se ajumtão, não são semtidos, porque o fazem sem brados nem haroidos.

A muitos porcos momtezes e gramdes e deles com cornos ([91]); diz que matarão haqui os portugueses hum que pezou quatorze arrobas.

A guatos de Algualia he bujios.

Ha humas alimarias, que pareçem furões, algum tamto mores; chamão-se cusos ([92]), de rabos compridos, com que se depemdurão

---

([90]) Isto é: «e não tem cornos, nem os carneiros nem os bodes»...

([91]) Confusão do autor. Os dois dentes caninos destes javalis, compridos e revirados para cima, pareceram-lhe cornos do animal.

([92]) Animais pertencentes à família dos marsupiais. G. Rebelo desenhou-os e descreveu-os assim: «são de estranha feição, entre ratos e coelhos, e o corpo mui pellozo e aspero; tira a crespo e ruivo, e alguns a brancos. Tem grandes e redondos olhos, o rabo comprido, e sem pello; tem muita força; fedem muito a rapozinhos; trazem a barriga por o chão; os machos tem grandes companhões, e não se lhe sabe

30 — aos; 31 — quã.

polas arvores, em que de comtino amdão, damdo com ele huma volta ou duas no ramo; tem na barriga hum bolso, como amtre-solho; des que pare, cria ali ho filho 32, em huma mama, ate que nom a mester ama (sic); asy que, jerado e criado, a may amda pejada, e comem--nos 33 como coelhos com seu sarmonejos (93) (sic).

Nenhuns bichos maos ha ya, senão cobras muy pimtadas e de gramde gramdeza; dise-me el rey mir de Tidore, que lhe trouxerão huma morta, com hum gramde bode no bucho e os cornos fora; pareçe que lhos rompeo e diso morreo. *Doutra* comtão que, jazemdo hum homem dormido, o emguolio vivo e, achamdo-se as escuras, tirou hum cutelo que levava, abriu-a e sayo pola ilhargua, outro Joanas, mas não profetisava.

A laguartos, sardões, laguartixas, osguas e gramdes formiguas e aranhas e oremques, em muita camtidade; bichos de ceda, mes (sic) não se aproveitão dela; poucas mosquas, esas que são danozas a quem tem sarnas e chaguas, e o remedio que lhe achou a gemte e umtarem-as com azeite.

A bichos de feição de mosquitos e tam pequena camtidade que a hum oução nom tem avamtajem; chamão-lhe melguas; piquão muito e fazem gramdes aboboas e (a)codem ao foguo, de que vos aveis de guardar; que se o temdes de noute, não vos deixão reposar. / / [4 v.]

---

natura; as femeas, pelo conseguinte, não tem, nem gera dentro na barriga, como todas as mais alimarias; mas na abertura do embigo atraz; a qual abertura se não enxerga de fora e, aberta com a mão, fica de dentro, com o corpo inteiro, sem nenhuma quebradura, e sem pello; e tem no meio huma tripinha, por onde se cria a criança; a qual tem pegada em sua boca, e assy cresce, até ser para parir / / ou despedir o filho, e sempre he hum só; o qual se torna aly a recolher, cada vez, como em ninho, ate a mãy o acabar de deitar de sy; a qual se mantem do fruto das arvores, e sobe mui alto, por todas ellas, e dependura-se por o rabo, e o filho sempre dentro, sem cahir; e não tem caza na terra, senão nas mesmas arvores, antre o musgo dellas. Dizem alguns que ha estes no Brazil, e lhe chamão preguiça». (Cf. *Insulíndia*, vol. 3.º, p. 309).

(93) Vocábulo que não conseguimos identificar. Como variante de *salmonejos*, não faz sentido.

32 — fº; 33 — comenos.

CAPITOLO NOVENO. Das aves de todas sortes.

As aves, de fim de Janeiro, começão de jerar[34] e criar em arvores que tem ho pe no mar ou em rios, polas formiguas não comerem hovos e filhos.

A pouquas, por a terra não ser descuberta nem semeada, e não tem que comer, senão fruitas he bagua; por iso, a mor camtidade são pombos troquases e papaguaios de muitas cores e deles tão pimtados que lhas não podeis julguar; a outros vermelhos e coleirados, a que chamão noris ([94]); estes ão por milhores e que milhor tomão a fala; aos bramquos chamão-lhe quaquatuas; querem pareçer corujas, tem cristas de penas na cabeça, emcrespão-na he bolem muito com elas; huns e outros são muy mamsos e domesticos he tão semtidos que, se os anojais huma vez, não não (sic) vos am-de[35] ver mais, imda que os cries; amtes, cheguamdo omde estão, dão gramdes chilros e se não se podem acolher, debatem-se tamto que se querem desfazer; com toda a outra peçoa esta comtemte e se ão amiguavelmente.

A hun(s) pasaros quasy pretos, com humas coleiradas branquas, poco mores que rousynoes, e asy suas alvoradas.

A guaviães, framçelhos, corvos, gralhas, pombas, rolas, não de todo pardas, amtes tem as cores desvairadas; ha huns que parecem estorninhos, ou são, e asy amdão em manadas; ha fiomelas, frei-folhos, ambrinhas, guimchos e algumas aves marinhas.

A gualos e gualinhas; são quasy como bravos, correm e voão muyto, por serem criados nos matos; nom cantão nesta parte a mea noyte, como em Portugual, porque huns ho fazem a prima noite, e outros a duas horas dela amdadas e outras tantas amtemanhãs, mes (sic) a mea noite, numqua.

Ha gualinhas como as de Espanha e asy o são na cor e feição, porque humas são de penas pretas, e ruivas, bramquas, pardas e

---

([94]) Forma portuguesa, no Oriente, da palavra malaia *nuri*, papagaio.

34 — de jerar; 35 — am dever.

syçemtas, senão que tem a carne tam preta como timta, e são mais saborosas que as nosas; e não he isto muito, que os (que) come(m) carne humana, a dos negros am por milhor e mais guostoza que ha bramqua, e as alimarias e aves de penas e pelos pretos ou pardos (95) ja sabemos que são milhores que os bramquos, e a bufara, quem na come bramca (96), cria lepra, e namja preta.

A outras que em tudo por tudo são como as nosas, senão que pera diamte tem as penas revoltas e nuas pera detras; he monstro pera ver, porque poem medo a quem as não conhecer.

Hay humas bravas; querem pareçer perdises, pouco mores e sobre o preto; poem hovos como de pata e avamtejados, case como a mesma ave (97), em covas e buraquos, que fazem debaixo da terra, huma braça, e ajumtão mais sobre ela; ali tirão he crião os filhos, emquanto são pequenynos.

CAPITOLO DEÇIMO. Dos pescados he marisquos.

A ay muytos pescados de mar e nenhum de rios; ho primcipal he hum, a que chamão *juro* e de coiro; numqua o milhor vy em outras partes, senão aquy; e quamdo tomão por tal ao (sic) prezemtão aos reys / / he senhores; na gramdeza e como huma toninha e pareçe no [5 r.]
foçinho e cabeça, vaqua, e os portugueses asy lhe chamão peixe--vaqua, porque em postas por tal he julgada, he dizem que tem humas pedras ou ovos amtre os myolos, que moidos, he dados a beber em vinho ou aguoa, são boms pera a dor de ilhargua 36; e nos ombros jumto do pescoso, tem humas barbatanas como braços, com que se guoverna; e come erva ao lomguo da ribeira, camto pode

(95) As palavras: *ou pardos* encontram-se riscadas.

(96) Palavra escrita à margem, para ser intercalada no texto.

(97) A frase «case como a mesma ave» está escrita na entrelinha. O sentido desta passagem é o seguinte: põem ovos como os de pata e quase tão avantajados como os desta mesma ave.

36 — dilharguas.

alcamçar; deytam de meo corpo fora do mar; as femeas tem nos peitos duas tetas com que crião os filhos (98).

Tudo isto são cosas que creo nom verem nem escreverem de pescados os amtepassados, aimda que muitos me afirmarão [37] que na costa de Melimde avia peixes que tinhão fegura de natureza de molher, e o mais do tempo amdavão im pe [38]; os pescadores, quamdo os tomuavão, (sic) comprião com eles; vendemdo-os [39], nom nos ão-de comprar, sem primeiro jurarem de tal copula carnal; e se o nom fezerão, compravão-nos; e doutra maneyra nom nos levavão (99).

Ay outros que crião, de pequenos, no mar, em covaes, e pescão com eles atralados, como forão no Inverno e Verão.

Ha outros a que chamão Amtonios (100); afirmão os da terra que vão por ela mea leguoa, a beber as tuaquas as arvores; tornão ao mar e as vezes os achão la; e a pesquadas bicudas, rodovalhos, cavalas, sarmonetes he limguoados, çavelhas, çardinhas, tartarugas, outros pescados de Espanha, mas não no sabor; comtudo, am-no [40] qua por milhor e mais são que a carne.

Ha peixe, que sera de dous palmos, pretos he larguos; imvia--se(?) aos homens; tudo que alcamça leva na boqua, segumdo faz mostra; he mais de arratel ha posta; a outro que se diz *guafe*, e se mordem e nom lhe acodem, nom tem outro remedio, senão cortar ho membro; asy dizem que ha hum que chamão *hicão* (101) *bimíta;* quem ho come, loguo morre; e comtra ele e beber lixo de omem [41].

---

(98) Gabriel Rebelo nas suas *Informações* diz ter visto um destes peixes, que descreve minuciosamente, com um desenho do mesmo. (Cf. *Insulindia*, vol. 3.º, p. 310).

(99) O que nesta passagem se diz, anda de facto narrado em documentos referentes à costa de Melinde.

(100) Gabriel Rebelo informa que se dava o nome de Antónios a estes peixes, por gostar muito deles António Galvão.

(101) O termo *hicão* é a forma portuguesa do vocábulo malaio *ikan*, peixe em geral: *bimíta*, o nome próprio deste peixe.

37 — mafirmarão: 38 — impe: 39 — vemdemdos: 40 — a no-qua: 41 — domem.

Ha cobras no mar, pouquas he pequenas; se piquão, faleçe ha peçoa; muitos ha em Malaqua, Seilão e costa de Guoa, numqua tal houvy dizer delas; a aqui quaguados, rãs como gramdes sapos, he cramguejos velosos he peçonhentos; quem os come, emproviso [42] morre; e ay outros e bõs, como os que nos comemos; e a-os [43] do mato, que tomão em fios de arame, e de noite, ao facho; dizem que, se emtrão na agoa [44], que se afoguão; são como huma laguosta; nom ha peçoa que não de por eles huma gualinha guorda; seu comer he quoquos he canarias; com toda sua dureza, quebrão-nas com ha boqua e dizem quasy o farão ao ferro; tem-nos em talhas a çevar; pareçe-me que os levarão vivos ha Portugall.

Ha ostras, a que chamão *bias*, de tamanhas comchas que servem por pias de baptizar, e comem nelas porquos, e podem hamaçar, porque são tamanhas as conchas (102) como guamelas, e muitas vimos estas (103).

Plinio escreve que no Mar Roxo avia casquas de tartaruguas, que huma cobria huma casa, e muitos me afirmarão [45] que na çidade (104) de Dely ha huma porta do dum olho de peixe, que paça hum alyfamte por ele.

Em nossos dias, e todos ho sabem, se vem a mão, que na era de mil e quynhentos e vimte, no mes de Mayo, na parajem do cabo de Boa Esperamça, hum peixe aferrou hum gualião que hia pera a Imdia e o semjio de proa a popa, e o teve quedo, com todalas velas dadas, arrazoado vemto, como que estivera surto; e por iso, nom se pode aver cousa ja por muito, imda que tenha (105) / / mos por exempro e [5 v.]
avizo (106) que as de amiração [46] não se diguão.

---

(102) *Conchas*, é palavra escrita na entrelinha.

(103) Nesta passagem foram riscadas as palavras *inda que*.

(104) Esta frase é correcção de: *me afirmão ha mim que na India e çidade* de Dely...

(105) Nesta folha, à margem, lê-se o seguinte, que vem repetido no fim do capítulo: «grandes quamarões, que tomão em augua doce: amexyas, briguiguões, caranguejos, ostras; todos tem pouco peixe e as casquas grosas».

(106) Correcção de *tenhamos por aviso*.

42 — em proviso; 43 — aos; 44 — nagoa; 45 — ma firmão; 46 — damiração.

E a gramdes camarões; tomão-nos em aguoa doçe; ha amejas, briguiguões, cramguejos, caramujos, ostras; todos tem pouquo peixe e as casquas grosas.

CAPITOLO OMZENO. Da feição dos homens e molheres e alguns seus costumes.

Hos homens e molheres são baços, de cabelos corredios, amte tempo bramquos, e vidas prolomguadas, segumdo as idades de aguora, rebustos e não de boms ultos; carreguados, manemconizados e agualeguados; forçosos, manhozos, dezemvoltos e bem despostos; bilicosos e não briguosos, corredores, saltadores, braçeiros, mergulhadores e gramdes nadadores; tão destros nisto que se podem chamar aves na terra e peixes no mar; descretos, habeles pera apremder qualquer arte e ofiçyo; são imclinados ao mylitar, dados muito aos visos, e pouquo aos trabalhos; dizem que, pera tão curta vida, não são neceçarios; pobres, de gramde famtezia, porque, emquamto tem dous vimtens, não ão-de guanhar outro; estes comem e bebem, afolguão, com as pernas cruzadas e despejão ao lomguo das prayas, omde os todos vem, estão lavamdo suas verguonhas, porque heles nenhuma tem, nem primor; mexiriqueiros, atreiçoados, maliçiosos he memtirosos e desgraçidos (sic); todos os males tem; se os diço arrepremde(m), respomdem que he a *chara* ([107]) de Maluquo, que quer dizer o costume da terra; asy no-lo aprova a Sagrada Escretura, omde diz que a da par do mar sera fortifera, e a gemte malisyma; todos que os escreverão, os imçulanos ([108]) houverão por piores, e asy afirmão que domde has arvores nom fazem norça, nem

([107]) Termo malaio com a significação de «costume», «maneira», «estilo», etc. É vocábulo muito usado pelos antigos escritores portugueses que viveram no Oriente. Nos documentos sobre a Insulíndia, China e Japão esta palavra aparece frequentemente. Fernão Mendes Pinto, por exemplo, criou a expressão *chara-china*, i. é: à maneira dos chinas.

([108]) O que está escrito é *imculanos*, mas cedilhámos o *c*, pois julgamos que se trata do vocábulo *insulanos*.

se arreiguão na terra, que os dela ([109]) serão movediços, não costamtes, boms, nem fixos; imda que não virão nem comversarão hos maluqueses, que escuzarão faze-lo do imferno; estes precedem aos dyabos, e nenhuns a elles, senão os estramjeiros que qua estão; bem o mostrão suas obras e costumes ([110]), pois por elas são deitados das naturezas; e de todas quatro partidas, os omiçidas, se vem a Imdia, e dela os degradão para Malaqua; por inormes quasos, os pramtão em Maluquo, que he viveyro de todos os maos do mumdo, podemdo-se fazer huma das boas cousas dele, pera as almas, vidas e fazemdas, aproveitamdo muyto na sua quem no emmemdar [47] pode.

São muy vaguarosos e asy no amdar huns amte os outros e numqua (a) par; e nos neguoçios, freymatiquos ([111]); se os aveis mester, ou temdes deles neçeçidade, quamto ([112]) fazem, e mal e tarde; se eles tem de vos, a loguo de ser conzerto e talhado, senão tudo he emtornado.

Quamto mais desejão a cousa, tamto com menos efiquasya a pedem; fazem que vos vem ver, e despois de despedidos, como esquesydos, vollo ([113]) tornão ha dizer; quamdo vos fazem alguma roimdade, nom vos am-de fallar nem ver, por mais boas obras que lhe tenhaes feitas; dizem que hão medo, a que chamão colofino ([114]), e por muyto amiguos e familiares que sejão; / / se estão no mar, [6 r.]
sempre deitão pera tras, com o(s) remos, como camgrejos; se os anojais, desemulão, e despois, se podem, vimguão-se de tudo.

([109]) Esta passagem: *os dela serão movediços*, quer dizer: *os habitantes dela serão movediços*.

([110]) Embora a redacção desta passagem seja um pouco confusa, percebe-se perfeitamente a grave acusação do autor contra os mercadores.

([111]) À margem lê-se a seguinte nota: «porque Deos dise que quem fose bom no pouquo ho seria no muito; e quem mao nos negocyos no pouquo, ho seria em tudo, como estes costumão».

([112]) A frase «quamto fazem e mal e tarde» é correcção de «se ho fazem e mal e tarde».

([113]) *Vollo*, i. é: *vo-lo*, é o que nos parece dever ler-se.

([114]) Trata-se duma expressão local.

47 — em memdar.

São muyto de feiras: quada luguar tem seu dia na somana, omde todolos outros vem, por obriguação, com suas merquadorias e mamtimemtos; trazem-nos em huns sestos, a que chamão soloros ([115]), que tem huns cordões, como silhas, que metem polos ombros e deitão as costas, porque nenhuma peçoa, de qualquer calidade que seja, gramde nem pequena, não ha-de trazer cousa a cabeça; amtes am por vetoperio toquarem-lhe nela.

Se am-de fazer alguma obra de importamçia, como he serquar çidades, mudar templos, casas reais, e outras cousas tais, ajumtão-se todos, repartem-se por meses, çomonas e dias, segumdo quaso e luguares tem valias; as molheres são as que tratõ, fazem a fazemda, comprão e vemdem, ao gualarim, ho movell e rais; se se a-de fazer algum comtrato ou destrato, pera se comprar ou vemder, todolos da casa am-de dar seu comcelho e pareçer; asy algum dizer de não ([116]), imda que seja de seis hou sete anos, não se am-de fazer.

CAPITOLO DOZE. Das limguoajẽs que falão, e a que doravão ([117]); como vivião no tempo paçado; e o começo de terem estado.

Estas gemtes tem muytas e diverças limguoagẽs, que as ilhas he huma Babilonya delas, porque não tam somemtes em cada huma ha sua, mas luguares de limguoas diferemtes; huns falão do papo, a modo hebraiquo, outros da pomta da limguoa, quer pareçer latim, alemães, imgreses, framceses. *São* tamtas e tão desviadas, que quasy se não emtende os vezinhos huns ha outros, por omde pareçe que forão povoadas de campanhas estranhas.

Hos reis, primçipes e os de seu segredo tem modo de falar que aos outros nom he dado ([118]); prezão-se, aguora, do malayo, e os mais ho falão e servem-se dela por toda terra, como latim na Eyropa.

([115]) Estes cestos ou sacos, tecidos geralmente com tiras de folhas de palmeira, são muito vulgares em todas as ilhas insulíndicas.

([116]) Frase que quer dizer: «asy, se algum disser que não».

([117]) Isto é: «e a quem adoravam».

([118]) À margem lê-se a seguinte correcção: «nom tem vez».

Não soião a ter ley, rey, nem seita; adoravão as planetas, sol e lua e as estrelas, idolos, que fazião a omra dos seus pais e avos, hos quaes erão de pao, em hultos de omẽs [48]; quaes ([119]), guatos ou doutras alimarias, a que se mais imclynavão.

Nenhum conheçimemto do primeiro criador, nem da revolução dos çeos tinhão observamçia; religião, sacerdotes, nom avião, senão alguns que dizem que forão ao outro mumdo; estes fazião as çerimonyas; falavão com os diabos e davão repostas; nom sabião ler nem escrever; comtar, pezo, nem medida avia; erão e sam gramdes fetiçeiros e aguoreiros.

Ho casar, erdar, por ser quasy como daguora dir-se-ha em seu luguar; ho comer, beber, por folhas ([120]); pera o trazer, o fazer, em canas ([121]); curavão pouquo de semear e pramtar; vevião como na primeyra idade; trazião do mato he mar pola menham, com que se mamtinhão todo o dia ([122]); ho vestir, fiças que cobrião as partes ocultas ([123]); os omrados que os outros amdavão como nacerom ([124]); mantinhão-se / / de rapina, que do cravo não se aproveitavão nem [6 v.] avia quem o compraçem; quamdo estavão mal despostos, punhão-no pola testa e rostros.

Quada luguar tinha seu senhorio e comarqua e demarquação; viajão em comunydade, cada hum a sua vomtade; guovernavão-se por vozes dos mais velhos; tam bom Pedro como seu amo; por omde, comtinuadamemte, amtre eles avia revoltas e embrulhadas, discordias e guerras; nenhum reposo tinhão huns com outros; se matavão e

([119]) Frase elíptica que vem a querer dizer: *outros ídolos eram de vultos de gatos ou de outras alimárias*.

([120]) Esta forma de expressão equivale a «ho comer, beber, era por folhas».

([121]) O mesmo se diga desta passagem: «pera o trazer, o fazer era em canas».

([122]) As palavras «todo o dia» encontram-se escritas à margem, para serem intercaladas neste ponto.

([123]) Outra frase que deve completar-se deste modo: «ho vestir eram fiças que cobriam as partes ocultas». A frase foi ligeiramente corrigida, podendo ler-se a primeira redacção: «ho vestir, fiças com que cobrião as partes ocultas».

([124]) Correcção de «como foranados»; i. é: «como foram nados».

48 — domẽs.

catyvavão, tornavão-se logo a resguatar no mesmo luguar; as vezes, avia parçelidades e amizades; se tornavão a deferemças, tomavão outras novas aliamças.

Os defumtos metião em paraos ([125]) de paao, como guamelas compridas e ponhão-nos sobre esteos ou em arvores. *Estas* erão suas sepulturas, e as quaveiras tinhão em quasa, nuas.

Vivemdo desta maneira italiana, se vierão alguns alevamtar a duques, mais mais (sic) por tirania que eramça, asy que primeiro tiverão capitães he guovernadores que reis e senhores, como todas as outras jerações e provemçias, hos estados se primçipiarão he alevamtarão.

CAPITOLO TREZE. Como aquy vierão ter as primeiras naos e per omde as quaes forão as que levarão cravo, primeiro; huma fabula que comtão, domde hos seus reys desenderõ ([126]).

Estando asy, vierão aquy ter naos ou jumquos, por Borneo; forão as primeiras que nestas ilhas se virão e por aquy fezerão sempre seu caminho.

Huns dyzem que erão Chins, outros querem que foçem malaios he jaos; nom se sabem detriminar, pera verdadeiramemte vos emformar; hos mays se acostão aos chins, e asy pareçe ser verdade, porque eles, segumdo se dys, forão senhores das Indias e seu archipelaguos ou, ao menos, as naveguarão, comtratarão, como se mostra polos hedefiçios que neles estão, he imdaaguora vem a Mimdanao, Borneo, Malaqua, Ceylão. *E* estes e outros reinos tem o seu o çelo, que he o *fom* ([127]), nem por esta terra nom corre outra moeda senão ha sua, por nom aver cobre nem custumão ha fazer de nenhuma

---

([125]) Palavra formada do malaio *perahu*, pequeno barco de vários tipos, geralmente com flutuadores de bambu.

([126]) *Desenderõ* é correcção de *se pricypiarão*, feita com letra diferente da do texto.

([127]) No português do Oriente existe o termo *fão* e o plural *fons*, do chinês *hau*, moeda equivalente a um décimo da *sapeca*.

cousa (128); e á aquy [49] ilhas, as primçipais, a que chamão Batachinas, como he Batachina do Moro e a de Muar e o Maquasar.

Bata quer dizer terra (129), he dizem que heles lhe poserão este nome, pedra da China, como aguora a Madusquar, São Louremço; e a Discordia (130), Çaquatora; e a Traguama, Seilão; e a Trapobana, Çamatra; bem pode ser que com eles viesem malaios que, segumdo hos chins ouvi dizer, o nome da sua provimçia numqua se chamou, nem chama, China, senão Tay-bem-quo (131); e eles, *Taibemquos;* este nome se lhes peguara de Malaqua, por nestas partes ser a primçipal esquala, e sua comta aver nome *gina* (132); he vimdo os taybemquos a ela, com merquadoria, quamdo a pidião, por *gina*, dizião China; os malaios, polos tambemquos não pronumçarem bem sua limguoa, de zombaria, lhe começarão (133) / / ha chamar chins e [7 r.]
daqui fiquo este nome.

Não he muito, porque provimçias e çidades ha que os escritores, amtiguamemte, pozerão seus (134) nomes e os modernos mui diferemtes, por omdede he seguro que primeyro os Taybemques forão ha Malaqua que ha Maluquo (135), e o seu repouso he esquala, nestas ilhas, era Maquiem, por ser gemte domestiqua e comverçavel e de bem. *Os* taibenquos forão os primeiros que nelas, a olho, levarão cravo; por pouqua cousa lho davão.

---

(128) A frase «pór nom aver cobre nem custumão de ha fazer de nenhuma cousa» é correcção de «por nom aver cobre de que ha fazer».

(129) O termo indígena, corrente nos vários dialectos da Insulíndia, é *Batu*, *Fatuk*, *Hatu* e outras variantes, significando propriamente pedra e também refúgios rochosos nos píncaros das montanhas.

(130) Esta palavra encontra-se corrigida à margem por *Dioscorydis*.

(131) Antigo nome da China.

(132) Julgamos tratar-se do mesmo termo que R. Dalgado, no seu *Glossário*, diz provir do japonês *ginnan*; «pequena nos branca, fruto de Gingo bilota, que serve de contagem no Japão».

(133) A meio desta folha lê-se a seguinte nota: «A tinta tambem vem da China».

(134) Palavra escrita na entrelinha.

(135) Nesta passagem vê-se um sinal de chamada para a margem da folha, onde se encontram escritas as palavras «que ha Maluquo».

49 — aquy.

Não sabem como nem como não se perdeo esta naveguação e esteverão muito tempo sem aqui virem naos; no qual comtão que, amdando hum homem dos primçipaes, da Ilha de Bachão, de rador [50] dela, em huma coraquora, cujo nome era Biquo Çiguara, viu huma mouta de rota, jumto duns penedos agudos. *Como* estas quamas ([136]) (sic) sejam cousa de que se aproveitão, mamdou por elas os seus; imdo a terra, não os acharão; tornamdo-lhas a mostrar e os penedos, por synal, avemdo-as craramemte do mar, nem por iso as trazião; pareçe que se somião.

Quamdo isto vio, saio; e cortamdo-as, deitarão samgue e espamtado de tal novydade, olhamdo para huma e outra parte, vio amtre os penedos quatro ovos de cobra e ovio huma voz que dise que os tomaçe e guardaçe, que dali avião de naçer peçoas de gramde valor; mete-os em cotumbo e em quasa po-los [51] em boa guarda.

Nom paçarão muitos dias, que dos hovos nacerão tres homens e huma molher. Crecemdo e amdamdo tempo, forão reis hum do Bachão e outro dos Papuas e outro de Botum e Bemguay e molher casou com el rey de Loloda, luguar na Batochina do Moro, jumto da grão Boquonora; daqui dizem que procedem todos os reis destas ilhas, a que, imda guora, Biquosyguara e os penedos fazem gramdes maravilhas, e tem-nos por cousa samta e sacra, que era aos deozes comçagrada; crea quem quiser, como a da cobra ([137]), que eles querem que seja verdade, e asy fazem a todalas suas fabulas poetiquas, de que vão muyto ([138]).

CAPITOLO QUATORZE. Como a segumda vez tornarão naos a estas ilhas, por outro caminho, que foy causa de se descobrir Bamda e se fazerem mouros, hos quaes forão hos primeiros.

([136]) Deve ser «quanas»; i. é: «*canas*», e não «quamas».

([137]) Sabemos que para os indígenas de Timor a cobra é um animal *lulik*, ou seja, *sagrado*.

([138]) A expressão «de que vão muito» parece equivaler a «de que usão muito».

50 — derador: 51 — polos.

Despois disto, nom pasou muyto tempo, que não tornarão naos; e estas se afirmão virem malaios e jaos, bem desvariados ([139]) do aminho pasados ([140]), (sic) porque ho trouxerão por Botum e Bemguay, ilhas que jazem em cimquo graos, da parte do Sul; daqui e descobriu Bamda, que esta na mesma altura, a leste destas, çemto oitemta; asy que primeiro se soube Maluquo que Bamda; e pola oz ([141]), maça, dali por diamte, fezerão por aly sua derrota e forão stas ilhas mais frequemtadas he tratadas, por omde vierão a elas erças e Arabios; estes dizem que os fezerão mouros, avera oitemta, te novemta anos, e bem o comfirma seu alfabeto he letras, por ser ourisqua.

Comtão isto por duas maneiras: que nestas naos viera huma obre molher, de Jaoa, de samgue de pate ([142]), que he o primçipal aquela parte; he por ser peçoa de tal calidade, Tidore Vongue, rey e Ternate, casara com ela; / / por seu amor se fezerão mouro. [7 v.]

Outro(s) dizem que, primeiro, este rey he alguns ho forão; que ueremdo-se comfirmar na ceita, que novamente tomarão, desejou er costumes, terras estranhas; saio da sua, chegou a Malaqua, imdo pola Jaoa; ay se quasara com huma molher, paremta dos reys ela; tornamdo a seu reino, syguirão esta hopinião todos, por amor a nova molher, que ela hos fez mouros; aimda aguora [52], a mor parte e seus costumes he gemtio, he alguns amtre eles da jemte baixa açio (sic); asy que o primeiro rei que aquy houve mouro foi o de ernate, que seria na era de mill quatro cemtos e sesemta, pouco ais ou menos, e despois se fezerão os outros.

([139]) Por cima da palavra «desvairados», na entrelinha, foi escrito: *desviados*.
([140]) «Caminho passados» é correcção de *caminhos primeiros*.
([141]) A frase «e pola noz», quer dizer: «e por causa da noz».
([142]) A expressão «sangue de pate» é muito frequente nos documentos portu-ueses relativos à Insulíndia, para designar os descendentes de família real. É a anscrição fonética do malaio *sang-adi-pati*, designação honorífica, própria de reis e íncipes.

52 — aimdaguora.

Faleçido Tidorevomgue, soçedeo seu filho [53] Boleife, em cujo tempo aqui veo ter Francisco Sarrão, com nove portugueses, como se dira, quamdo se falar nos castelhanos he neles.

Ysto, he ho que pude alquamçar de suas amtiguidades, porque não tem croniquas, estorias nem carateles; ho que deles emtemdi, he emcomemdarem-se as memorias, por motes, camtiguas e trovas, de que husão muito. *Fazem-nas* bem, soçedem de huns a outros, como costumavão os hebreus, quamdo os seus vinhão com vitoria, quamtavão: «Saul matou mil e David matou dez mil». *E* a Sesar triumfamdo: «senadores de Roma, de vosas molheres avede cura». *E* do comde Fernão Gomçalvez: «estava-se el-rey em Granada, pelos campos de Momdeguo hos cavaleiros asonavão ([143])». *E* outras, de que as escrituras estão povoadas. A(s) suas são a memoria emcomemdadas, por homde se deles sabe pouquo do paçado, e eu menos ho quisera do do (sic) prezemte, da era de trimta he sete em diamte, que aguora falarey.

CAPITOLO QUIMZE. De sua ley ([144]), mesquytas e o modo que tem no fazer quasas; cada hum com seu higual, como hão-de comprar as molheres e terem quamtas p. querem.

A ley dos mouros todos ha sabemos, porque tomarão da velha he nova he da idolatria, segumdo no-la prova a viagem samta, e outros sytos que nyso faça ([145]).

Costumão ter omradas mesquytas, sem nenhuma fegura demtro; hum gramde atambor depemdurado, com que chamão as matinas he oras ordinarias, que rezão çimquo vezes hao dia; has portas estão talhas, a que chamão jarras, cheas de aguoa, com tarros de quoquo,

---

([143]) É o que parece estar escrito.

([144]) Nesta folha a palavra «ley» parece estar substituida por «ceyta», escrita por cima, na entrelinha.

([145]) A frase «e outros sytos que nyso faça» é correcção de «naquela desputa do Doutor Mestre Alomso com aquele sabão mouro».

53 — fº.

para se lavar, ao emtrar, homde o não faz nenhuma molher; seu domimguo e a sesta feira; tem coresma e pasqua, ha que chamão *puaca;* jejuão todolos dias, não comem boquado, senão com ceo estrelado; tudo ho que costumão no carnairo; e, afora estas, tem dias samtos e festas em Fevereiro.

Por Nossa Senhora das Camdeas ([146]), acedem muitas delas, he fazem gramdes alegrias; deitão-nas pelo mar, vão ardemdo toda noite, por serem de breu he azeite e pareçem bem, quem ([147]) amda a aguoa coalhada delas; leva e tra-las [54] a mare; folguão hos homens, quamdo as vem. *Em* cada reino ha quasys mor, como papa, e preguador, he a-de [55] ser paremte del-rey ou irmão, porque nas festas beija-lhe a mão ho quasaz (sic); e com toda paremta he terem as molheres que podem, por omde são mui liados huns com outros; ha de culano ([148]) a-de [56] ser / / filha doutro; esta he a primçipal e seu [8 r.]
filho ha-de erdar; [57] quamdo ha nom ha, cada hum ([149]), das outras; que nem por iso [58] deixão de ter muitas irmãs dos mesmos, he tias, sobrinhas, e primas deles, he filhas dos samguajẽms ([150]) e mamdarins; que como as tem, loguo as dão a el-rey, e nos vemtres das mais as trazem seladas pera yso.

Estas são como mamcebas ou comquobinas; e diz que tomarão de Abrahão, Haguar, a esmaelytas, imda que ja guora folguarião de lhas nom dar, por as casar com quem deixaçem a seus netos eramças e morguados ([151]), e tira-las de desguostos, imvejas, dezavemças e mudamças que ha emtre elas, porque cada hum casa com seu semelhamte; que ho cavaleiro nom a-de ter molher fidalgua; nem ho merquador e official, filha de escudeiro, so pena de morte he perdimemto de fazemda; ha qual ley nom seria ma pera omde eu sei.

([146]) A festa de Nossa Senhora das Candeias ou da Purificação, a 2 de Fevereiro.

([147]) *Quem*, em vez de *que* ou *porque*.

([148]) *Culano*, nome dado aos régulos em Ternate. (Cf. *Insulíndia*, vol. 3.º).

([149]) Quer dizer: cada hum dá ao rei das outras, embora não sejam filhas de *culano*.

([150]) *Sangaje* ou *sangage*, do malaio *Sang-Aji*, título honorífico na Insulíndia.

([151]) Palavra escrita à margem.

54 — trales: 55 — ade: 56 — ades[er]: 57 — haderdar: 58 — piso.

Estàs molheres an-as [59] de comprar a seus pais; por iso, quem tem mais filhas, he mais riquo e pera iso, deitão pedido por seus estados e de boa memte são ajudados ([152]); quamdo dao fazemda ao çogro, da-le ele alguma, em outras peças, muito menos e somenos; esta am-de guastar toda na voda, que he deshomra fiquar alguma. *Se* fazem adultero, matom-na [60], por pena ([153]); e o adultero ([154]), com ela; dizem que a gente baixa podem-nas vemder, imda que delas tenhão filhos, os quaes são muitos, porque nestas partes multipliquão milhor que no Egipto; seguem bem este mamdamemto, sem aver maninhas, corruptas, nem disolutas, que não ha qua quem se de por dinheiro; e o menos que guardão a froll, e dezaseis anos; e as mais, ate vimte e vimte çimquo amdamdo sempre amtre homens e quasy nuas, nem por iso deixão de ser mui quastas e bõas, que pareçe cousa imposyvel, amtre gemte tão devasas; são dinas de grão louvor e emxemplo a nos; quiz aqui por alguns, aimda que serão dos menores, asy em calidade como em camtidade.

CAPITOLO DEZASEIS. De algumas vertudes que fezerão molheres, naquelas partes de Maluquo e Jaoa, neste mesmo tempo he era.

Huma irmã del-rey Almamçor de Tidore e tia de Myr, que haguora reina, fermosa e bem desposta, alva e bela pera a terra, que mais em seu tempo floreçeo, foy quasada com hum mamçebo nobre e peçoa omrada; e por lhe pareçer que nenhum seja ([155]) mais gemtileza, fermozura, saber, que ha sua, se foy por muitas partes, pera isto ver e, segumdo dizem, que tornou comtemte; nom se mostrou se-lo [61] ella mais ([156]).

([152]) «São ajudados» é correcção de «são dos seus ajudados».

([153]) «Por pena», outra correcção de «sem pena».

([154]) Por cima da palavra «adultero», na entrelinha, lê-se: «amiguo».

([155]) Neste ponto, a redacção, mais uma vez, não é clara, embora se perceba o sentido.

([156]) A seguir lêem-se as seguintes palavras riscadas: «na outra parte».

59 — anas; 60 — mtona; 61 — selo.

Como tudo tinha fim, e as mais das vezes amteçypada, deu-ha este, quamdo ha vida mais desejava. *Ele* faleçido, pagou-lhe a molher bem ho amor devido; que, fiquamdo moça, dotada de gemtileza, fazemda, de muitos nobres e senhores requerida, fez perpetuamemte quasta e onesta vyda: disto não comtemtou (sic), em muy aspero luguar se emserrou com suas molheres, omde a tiro de de besta não chegua homem nem numqua o mais vio; somemte, quamdo a filha del-rey, seu sobrinho, casou, veo a Ternate, muy imcubertamemte, ver Amtonio Gualvão; e amtre outras cousas que com ele pasou, disy que despois que dera o lume de seus olhos, numqua outro homem virão nem esperava ver; que isto fez e desejava fazer, polo que dele todos dizião e o gramde amor que lhe / / tinhão, [8 v.] por serem delle ([157]) tratados com tamta humanidade, justiça e verdade, e mamdar vir todalas molheres e seus maridos desterrados a terra, e fazer-se pay dela; e que, por iso, nom quisera perder o que todos alquamsavão e vinhão ver.

E ouvi dizer ao capitão que esta fora a mor omrra que nestas partes reçebera, por esta peçoa ser, por suas vertudes, saber, vida e costumes, de todos muy querida, estimada e amada, e do reis primçypes como may he senhora acatada.

Huma dama del-rei Boleife, de Ternate, pola quererem quasar comtra sua vomtade, dise que amtes se iria despenar (sic) duma imgreme barroqua, domde se chama a terra alta, jumto do mar.

El-rey, por zombar, lhe deu liçemça; ela ho fez e o corpo em muitos pedaços; amtes quiz morrer, que sua castidade comrromper; e não he esta so, de que se pode aqui a dizer.

Em Peneruqua ([158]), çidade de Jaoa, estava huma irmã del-rey dela, casada com hum seu capitão jeral, de muita idade; ele faleçido,

([157]) A palavra «delle» está escrita na entrelinha.

([158]) Penaruqua ou Panarukan, sobre a qual Tomé Pires, em *Suma Oriental*, fls. 154r.-154v., informa: «A terra de Gamda hee gramde. De huma parte ajuntasse com Çurubaia, e da outra com terras de Canjtão, Panarucam, Pajurucam...

«Estas tres terras nomeadamente tinham senhores pates e senhores mujto homrrados e de mujta autoridade. Avera oito annos deles e outros cimquo que sam destroydos. He Canjtam junto com Ganda e Canjtan com Panarucam, e Panarucam com Pajarucam e Pajarucam com Bulambuam»...

a molher ficou moça, fermosa. Vemdo-se sem marido, quis comprir o costume amtiguo, que he as fidalguas queimarem-se.

O povo, nobres e irmão quiserão-lhe ir a mão e, porque estava em Balambuam ([159]), mamdou o primçipe e hum imfamte com os prinçipais do lugar.

Nada puderão aproveitar nisto ([160]); chegou el-rey a lhe roguar com muita afiquaçia, dizemdo que ho marido pasado era mais emprestado que dotado, pola descomformidade da idade; que lhe daria outro em fidalguia, nobreza, valia, qual ela quizese e lhe pertemçia; e outras cousas, não sem lagrimas dele e companhia.

Respomdeo que como queria que ela começaçe erro que pera outras, de menos estado, seria muy vitoperado, que numqua Deos quizese que ela fezece cousa que, semdo seu irmão e de tam alta jeração, fiquaçe imfamação.

Visto, el-rey, sua detriminação, se tornou a Balambuão; ela e criadas, ataviadas, com tamjeres, camtares, festas e prazeres, com as vidas, acabarão suas jornadas ([161]). Nom avia oyto dias que isto paçara a noça cheguada.

([159]) De Balambuam, Bulambuam ou *Blambangam*, no extremo sul de Java, o mesmo Tomé Pires, informa, a fls. 154v.-155r.: «A terra de Bulambuam detremina--se de huma parte com as terras ja ditas de Canjtam, Panarucam, Pajarucam, e da outra parte com Chamda, no sertão. E dahij por diante tudo he terra serrã atee dar nas terras do Rey da Jaõa, que mais devem de chamar do Guste pate, com verdade; chama-se o pate de Bulambuam pate Pimtor; este he grande senhor, gemtio, cavaleiro temjdo e mujto acatado na Jaõa, primcipallmente dos senhores jemtios; este teve os mouros em peso de nom poderem pasar adiamte; he a terra deste de mujto povo e tambem tem mujta fustalha nõ maar; alem deste nom ha mais pates; he jemte rustiqua como de momtanhas. E he da obidiemcia do Guste pate / / ...

«Das terras deste vem mujtos espravos e espravas ha vemder a toda a Jaõa; tem multidam delles; na terra deste, quamdo seus senhores morrem, elles levam suas molheres ao foguo aquy nesta vida perdemdo os corpos e na outra ardemdo as almas. E asy he em Gamda, quamdo o senhor morre, suas molheres se matam ou queymam ou afogam no maar, como ja dise».

([160]) A frase «nada puderão aproveitar nisto», encontra-se sublinhada e corrigida, à margem, por «nada com ella puderão acabar».

([161]) A passagem «com as vidas, acabarão suas jornadas» quer dizer: *pondo fim às vidas, acabaram suas jornadas*.

Reinos a qua, cidades, vilas que, como se vem vemçidos, matão--se velhos e molheres e meninas, por nom serem quativos, forçadas, corrompidas, mal tratadas dos enemiguos ([162]).

([162]) A parte final deste capítulo encontra-se riscada, porque o assunto vem tratado no capítulo seguinte. Contudo, damos nesta nota a parte riscada, que é como se segue: «primçipalmente em Çamatra, a provemçia e jemte dos Sotumas metem estes costumes.

«Quem mais disto quiser saber, pode ver que acomteceo a Badur, rey de Cambaya, depois que tomou o Mandou. Foy sobre o reyno de Recimga, omde reynava Saladim Sultão, o qual se fez forte na çidade de Tasymguão, por ser cabeça do reino, omde ho Badur pos serquo; derribado o muro, por nom ter luguar, seguro veo a partido com quatro ou cimquo; fez a çumbaya.

«El-rey de Cambaja, disto não comtemte, mamdou que viessem, o outro dia, com a rainha e nobre gemte. Saladim tornou-se a recolher aao castelo e deu disto comta a molher, que dise que se espamtava muito como cria ser sojeito a el-rey de Cambaya; que milhor era morrer, com espada na mão que, semdo sultão, ter a outro sojeição; e ela queria ser exemplo do que dizia.

«Mamdou fazer gramdes fogueiras e ali trazer todas suas johias e aver; asy o fezerão todas as donas omradas, com filhos e filhas, criadas, escravas; forão ali queimadas, por nom serem vitoperadas; e el-rey com duzemtos, acubertados, se forão aos arraiais do Badur, como homens / / desesperados, e esteverão quasy; ninhum não fiquou, [9 r.]
senão ho primçipe, que se depois vinguou.

«A rainha Quamita Chitor, molher que foy do omrado Sangua, depois de veuva, o Badur foi comtra ela; como capitaina, andava na guerra mamdamdo e pelejamdo sobre hum cavalo acubertado, e dous ha destro, com seu arquo, frechas e traçado; e quamdo vio que se não podia defemder, não como molher, mamdou em todalas casas fazer covas e muita lenha demtro, por de aredor panelas de polvora, azeite e mamteigua e em cima baileus pimdurados por cordas, omde estavão vemçidos, johias e fazemda.

«Como virão que era emtrada a çidade, poserão foguo e correrão, e ali cada hum se deitava com molheres, filhos e toda a casa; e os que estavão feridos e maltratados, se hião arrojamdo, por serem queimados, amtes que cativuos, desomrados e as molheres vituperadas, corrutas e maltratadas.

«E comtão mais desta parte que o reino e çidade de Liera, cabeça e senhorio das duas Imdias, que se comtem dos momtes Persyquos, ate ho rio Guamjas, que emtra em Bemguala, querem dizer que alem dele tinha mais terra e toda a costa do mar senhoreava, desde o cabo de Jate (sic) por omde a Imdia da Persya se haparta, ate Araquão, que he termo de Pegu; tudo isto era dum senhor ou emperador; segumdo

CAPITOLO DEZASETE. De como ho Imperio da India foy aportado, por bomdades que molheres fezerão, e asy, a nosos dias, façanhas que com Sultão Badur teverão.

Também comtão, quasy todos ho afirmão, que as duas primeiras ([163]) Imdias forão dum so imperio e senhorio, as quaes se comtem da pomta de Jasques ([164]), omde os momtes Persyquos, que ally ([165]) vem ao mar, estão em vimta çimquo graos e meo, ate o rio Imdio, que estara em vimta tres ou quatro graos, novemta legoas a loeste de Dio; e aqui se começa a segumda Ymdia ([166]), ate Bemguala, omde emtra ho rio Guanjas, na mesma altura.

Alguns querem que esta repartição seja ho rio e reino de Syão, mas, com tudo, a estas terras amtiguamemte hum so senhorio [62] lhe dão, do qual era cabeça ho reino e nobre çidade de Dely, omde (o) emperador estava, por omde nace ([167]) emtrar Alexamdre se ver com senhorio dellas, que devia ser (a)quele tempo ([168]) rey, Poro ([169]),

pareçe destes primçipes, devia ser (a)quele (tempo) rei, Poro, porque Alexamdre dise que aguora avia medo higual a seu esforço, porque senhoreava desde os Baloches e Moutanes, que he domde say os Noutaques, ate os Bramas e Bramines. E a quausa da divisão e hapartamemto de tam gramde imperio dizem que foy esta: que naquele tempo avia molheres de fidalguos e nobres omradas, das mais prezadas, que por naturesa cheiravão muito; e a roupas suas, imda que as lavavão, tinhão aquele cheiro, omde estava: humas mais, outras menos, segumdo compreição calidade hera.

«Semdo duas delas quasadas, querem dizer irmãs, com dous irmãos, peçoas primçipaes, capitães, »...

([163]) A palavra *primeiras* encóntra-se escrita na entrelinha.

([164]) *Jasques* ou *Jasque*, no golfo de Omã.

([165]) ...*que ally*, é leitura hipotética. As duas palavras estão escritas à margem, mas apagadas por um borrão.

([166]) Neste passo, o nome *Ymdia* está escrito na entrelinha.

([167]) A passagem «por omde nace» é correcção de «por omde parece». À margem estão escritas as palavras «por homde».

([168]) Outra palavra escrita também na entrelinha: «tempo».

([169]) O célebre príncipe indiano, vencido por Alexandre Magno, restituindo-lhe depois seus estados. Poros, reconhecido, auxiliou o famoso conquistador macedónio na preparação da frota em que devia descer ao mar pelo rio Hidaspes.

62 — sór.

per quem dise que aguora avia medo (170) igual a seu esforço; que // [9 v.]
esta çidade jaz comtra ho norte daquela parte e não muito lomge do rio Hidaspes (171) he Imdio, por omde Alexamdre deçeo ao mar, muito lomge (172).

Como quer que seja (173) este imperio e aguora repartido em muitos reinos e senhorios, que todos sabemos (174), e a causa comtão que foi esta: que naquele tempo [63] avia casta de molheres nobres (175), omradas, prezadas, porque, alem de fermozas, cheiravão muito e a(s) roupas que trazião, imda que lavadas, não no perdião, humas mais outras menos, segumdo a competição e calidade tinhão.

Semdo duas destas querem dizer que irmãs e casadas com dous irmãos, peçoas principaes e de gramde estima, porque outro ninguem as tenhão, e por sua fama, se namorou o emperador delas. *E* como as mãodase requerer, por todas as vias, modos e maneiras, que pera iso pode ter; e vemdo que lhe nom aproveitava nada, nem podia delas aver resposta (176), imdo de dia em dia creçemdo a cousa, como se nos taes quasos costumão creçer a vomtade (177), omde ha mais bomdade, asy o fez este emperador.

---

(170) A frase «per quem dise que aguora avia medo» é correcção de «per quem dise que via medo aguora».

(171) *Hidaspes* ou *Hydaspe*, o rio Djelum, de hoje. É um dos cinco afluentes do Indo, que formam o *Panjab*. Foi nas margens deste rio que Alexandre Magno venceu Poros, numa batalha que se conta entre os seus melhores feitos de armas.

(172) Na entrelinha desta passagem encontram-se palavras escritas de leitura difícil.

(173) A expressão «como quer que seja» foi corrigida para «como quer que fose».

(174) Também «senhorios, que todos sabemos», é correcção de «senhorios, como de aguora que todos vemos e sabemos».

(175) E «avia casta de molheres» é outra correcção de «avia molheres fidalguas».

(176) Por cima desta palavra foi escrita outra, riscada depois.

(177) A frase «como nos taes quasos costumão creçer a vomtade» tem outra redacção na entrelinha, que parece ser a seguinte: «como nos taes quasos acontese o belo creçer a vomtade».

63 — tpô.

Vemdo que não tinha remedeo nem maneira, mamdou estes dous senhores por capitães, com muyta jemte ha guerra, por fiquar solto e so na terra, e pertou muito com elas. *E* vemdo-se tão opresadas como vertuosas, boas e castas, escreverão aos maridos tudo o que passava. *Disto* sertefiquados, vierão comtra ho emperador, com seus exerxitos ([178]), e dizem que por esta causa se levamtou e apartou toda a terra, porque outros capitães ([179]) se poserão de guerra; he se foy de pouquo em pouquo demenuindo a jeração destas molheres, ate que emtrarão os mouros, que se perdeo de todo a Imdia; que não deixão de aver muitas de hopinião, como se vee polo que acomteçeo ha nosos dias a Badur de Guzarata ([180]), depois de tomado ho reino de Mamdou, foy sobre o de Reçimguão, omde reynava Saladim Sultão, ho qual se fez forte na çidade de Tasymguão, por ser cabeça do reino, homde ho Badur pos serquo; derribado o muro, por nom ter luguar seguro, veo a partido com 15 ou 20 ([181]), fez a *çambaya*.

El-rey de Cambaya, disto não comtemte, mamdou que viese a outro dia com ha rainha, e toda gemte ([182]). *Saladim* tornou-se a recolher ao castelo he deu disto comta a molher, (a) qual dise que se espamtava como cria sea sojeito a el-rey de Cambaya; que melhor era morrer com espada na mão que, semdo sultão, ter outra sojeição; e ela queria sem exemplo do que dizia.

Mamdou fazer gramdes fogueiras e ali trazer todas suas johias e aver. *Asy* o fizerão todas as donas omrradas, com filhos he filhas, criadas, escravas; forão queimadas, por nom serem vituperadas he el-rey com duzemtos, acubertados, se forão aos arraiais do Badur, como homens desesperados, e esteverão quasy desbaratados; nenhum não fiquou, senão no primcipe, que se despois vimguou.

([178]) Depois da palavra «exerxitos», foram riscadas as palavras «como estavão».
([179]) «Capitães» é correcção de «senhores».
([180]) «Badur de Guzarata», outra correcção de «Badur Sultão»...
([181]) A informação «com 15 ou 20» é correcção de «com quatro ou cimquo».
([182]) As palavras «e toda gemte» idem de «ha nobre gemte».

Ha rainha [64] Quamita Chitor, molher que foi do omrado Samgua, depois de viuva, ho Badur foi comtra ([183]) ela e, como capitaina, amdava na guerra, mamdamdo e pelejamdo sobre hum cavalo acubertado, e dous ha destro, com seu arco, frechas e traçado.

Quamdo vio que se não podia defemder, não como molher, mamdou em todalas casas fazer covas e muyta lenha demtro; por de arredor panelas de polvora, azeite, mamteigua e em/ /syma, baileus depemdurados por cordas, omde estavão vestidos e johias e fazemda. 110 r.

Como virão que era emtrada a cidade, poserão foguo e cortarão ([184]), he ali cada hum se deitava com molheres, filhos e toda a casa; e os que estavão feridos e mal tratados se hião arroiamdo, por serem queimados, amtes que cativos, deshomrados, he as molheres vituperadas, corrutas e mal tratadas.

Asy que estas tão gramdes empresas de façanhas, omras, bomdades e comservação de castidades e outras muitas mores destas partes, por molheres forão feitas, em que averia muito que escrever, imda que alguns osyosos e visyosos querem delas outra cousa dizer, mas nem as nosas espanhões, framçesas, italianas, grevas (sic) e troianas, não lhe am-de preceder, de que os amtiguos tam craras virtudes he façanhas teverão que escrever, porque como diz o rifão: a terra toda he huma, e a gemte quasy comua.

CAPITOLO DEZAOYTO. Dos estados altos he baixos que tem estas gemtes; do costume de seu herdar; como se presão decemder dos Jaos; e suas çidades como estão açemtadas; e a feição das casas e o que tem nelas.

Estas jemtes he jerações tem estados, remdas e morgados, com seus apelidos, como nos; hos nomes tomão dos avos.

([183]) À margem encontra-se a seguinte variante: «ho Badur foi sobre eles».

([184]) Neste ponto deve entender-se «as cordas», pelas quais estavam dependurados os *baileus, omde estavão vestidos e johias e fazemda*, conforme se diz atrás.

64 — Rª.

A primeyra e primçipal dynydade e a rayall, a que chamão culano; he a rainha, raias ([185]); os duques, samguajẽs ([186]); e os cavaleyros, marçoles ([187]); e fidalguos, mamdarĩs ([188]); os merquadores, chatĩns ([189]); e os pescadores, horão-chariquão ([190]); hos lavradores, alifuros ([191]); e os escravos mofomguares ([192]).

Ho erdar e a maneira de Espanha: o filho mais velho, semdo barão da ligitima molher, discreto, esforçado, sem nenhum masquabo; que ouve ja aquy tal, que por ter hum beiço femdido, de sua livre vomtade, deixou o reino ao irmão, que foy seu avo de Aeiro, que aguora reina.

E quamdo tal nom ha, erda ho filho [65] de quada huma das outras, com as mesmas comdições e calidades, e a-de ser da mais fidalgua, e vão por deçemdemtes, de jeração em jeração; e asy os nobres como ho povo, erda tudo o mais velho, semdo macho, porque nenhuma femea erda morguado, amtre mouro; este he obriguado a soster e casar os outros; se não tem por omde, fazem-no os paremtes.

([185]) O termo aparece, neste capítulo, escrito sob as formas *raias* e *raies*. A variante supomos ser distracção do autor ou do copista, devendo tratar-se da conhecida designação régia *raja*, de etimologia sânscrita, por vezes usada como simples título honorífico de homens ou mulheres de alta estirpe.

([186]) O mesmo que *Sang-Aji*, designação malaia, formada pelos elementos *Sang*, prefixo honorífico aplicado a títulos reais; e *Aji*, real.

([187]) Termo local, talvez, que não podemos identificar.

([188]) Os Portugueses divulgaram este termo sob a forma de mandarim ou outras, na Malásia e na China, principalmente. No malaio a forma exacta é Menteri, com significação de *ministro*.

([189]) Outro vocábulo divulgado pelos Portugueses. A forma exacta em malaio é *cheti*, prestamista.

([190]) Julgamos que esta designação aportuguesada, certamente, é composta dos seguintes termos em malaio *orag-charikan*, isto é, em tradução literal, *homem que procura*.

([191]) Sobre este vocábulo, vid. *Insulíndia*, vol. 2.

([192]) *Mofomguares*, será outro termo local aportuguesado, e que também não conseguimos identificar. Sabemos que na ilha de Timor existe a palavra *Gari*, para designar certos indígenas da montanha, em sentido um pouco depreciativo.

65 — f°.

Os raies e seus irmãos e samguajẽs e filhos destes tem dões ([193]): os homens, quachil; e as molheres, nachil ([194]).

Peramte o culano, não se podem chamar, senão seus irmãos, duques; e filhos erdeiros destes; nenhuma outra peçoa o tem diamte, nem detras del-rey; he este dom dizem que tomarão de Jaoa, que os fezerão mouros, e trouxerão moeda a terra; e asy synos syroneos, demtes de marfins, crises, e a ley, he todas as outras cousas boas que tem. Prezão-se vir desa jeração, como os Frigios dos Dardanos; os Romãos, dos Troianos; os Cartaginemses, dos Sydões; e os Espanhoes, dos Guodos. Mas eu estive na Jaoa e, segumda ha comta que me derão, primeiro forão os Maluqueses mouros, que não eles, nem a tal dom, ao prezemte, ainda que ho parce (sic) e costume não he muy diferemte.

Os Samguajẽs, em suas terras e senhorios, são obedeçidos, temidos e aquatados, como os raies, e asy lhe chamão os seus; tem civell e crime, com todas as imsyneas reaes; e com eles / / casão, os culanos, filhas, irmãs, e a todos chamão escravos, senão a estes; e se as anojão, passão-se a outros; emquamto querem, obedecem duques de Alemenha, tem demarquações, termos nas terras, reinos, luguares, vilas, he çidades, as quaes são repartidas por bairros a que chamão soas ([195]); cada paremtela tem sua, com acheguados e criados, ainda que não são tamanhas como as que escreve Josafo de Belo, judaico, da terra da primição, em espeçial da provimçia de Gualelea, que diz ser, ho menor luguar, de quatro mil vizinhos; he o mor destes não chegua a dous mil, em que a terra não he menos povoada, da que se da outra comta. [10 v.]

([193]) Quer dizer: têm o título de *dom*.

([194]) In *Informações* de Gabriel Rebelo, Cap. II, encontramos esta informação sobre estes vocábulos: «Tem cada hum as mulheres que podem manter, ainda que tenho que os pais as sustentão, a maior parte. O filho da mais honrada herda o reino ou senhorio, e por terem muitas, nem por isso tem mais filhos, porque não vi a nenhum mais de doze; o dom dellas he nachili, e o delles chichili, e nós dizemos a todos quequi».

([195]) Termo local, registado noutros documentos, com o mesmo significado. Cf. *Insulíndia*, vol. 2, Glossário.

O mais do seu viver e a lomguo do mar, ou ribeiras, e demtro nelas, em casas armadas sobre quatro esteos, escada de mão; recolhem-na a noute; não ha portas, senão huma janela gramde, por omde emtrão, como ha do ladrão guajam; que elas todas são pequenas, baixas, com duas camaras; e huma, reçebimemto ou saleta, no meo ([196]); tudo em hum amdar; ho sobrado de canas, como caniçoos, a que chamão *lamteis*, atados com rotas; e por çima cubertas de olas ou guamuto de duas, tres, quatro aguoas; parecem guaiolas, serquadas de gramdes sebes de canas por darredor, com ameias a que chamão paguares. Estas são dos reis he mamdarins, e demtro cateles, em que dormem, que vão da Imdia, cholchas, alquatifas e almofadas de couro, da feição de malas. As do comum são de cebes, terreas, cubertas de ola, ou telhados de canas; e por leitos, baileus, em que poem em cima duma esteira, cubertos com o pano que trazem, o mais fato e alfaias; tão pobre são, como eles riquos na prezunção, porque na terra nóm a casas de pedra e calle nem adeficios sumtuosos como hos nosos ([197]).

CAPITOLO DEZANOVE. Da maneira de seu vestido; de que panos he feito e do modo que se tratão, asy na festa, como de comtinuo.

Ho vester (sic) costumão a modo malajo, que são panos apertados pola symta, com que dão duas ou tres voltas; e de tras, chegua às curvas, com huma pomta diamte, ate ho chão; he bayus ([198]) apertados, e as mamguas ate ho cotovelos; alguns ao colo do braço; são muyto de panos de cores pimtados; e amarelo, não tras senão ho culano.

([196]) A frase quer dizer: «e huma serve de recebimento ou saleta, no meo».

([197]) A frase «porque na terra nõ a casas de pedra e calle nẽ adeficios sumtuosos como hos nosos», encontra-se escrita à margem, com letra diferente da do texto.

([198]) *Bayu* ou *bajú*, vocábulo vulgar nos dialectos insulíndicos, e designa uma espécie de casaquinho ablusado, que usam homens e mulheres.

Quamdo se veste de festa, tras panos de seda ou alguodão, muyto finos, lavrados douro por derrador, bayus de setim veludo, quata-sol ou panos de laam abertos por diamte, com botões douro; e na cabeça, coroa ou sombreyro forrado de ouro batido, he outros de pe, de seda da China, e humas touquynhas, como lemços, com duas voltynhas, a que chamão de estar, de beatilhas de Bemguala ou doutros panos ricos; tafeta verde, vermelho e alaranjado, em que metem hum ramalhete de folhagem douro, por penacho.

São muyto de capelas de jasmim, ervas, frores emfiadas em linhas, nas cabeças; ourilheiras de serpes bem feitas ou pedras dalaquequas bramquas ([199]), redomdas, guarneçidas de ouro tirado; e o pescoço cadea com reliquayros; e manilhas nos braços; e na cinta, crises como adaguas, / / a bainha de pao, e asy ho punho, ou de [11 r.] marfim ou pao preto, he nele huma molher afigurada; e a comteira e guarnyção douro lavrada; nos pes, tamamcos de pao, a que chamão cheripos ([200]), feitos em torno, sem couro; e pera o soster, tem hum pao com huma cabeça emxerido diamte, que metem amtre ho dedo poleguar e o outro dele a par.

Todos geralmemte depenicão as barbas com tenazes, e deixão ho buço com hos biguodes; prezão-se de cabelo; pemteão-no pera syma, pera ho fazer crespo; alcofarão hos olhos e humtão-se com olios cheyrosos.

Asy se vestem os nobres; mas (os) mais pobres comtinuadamemte trazem por bayus huns paninhos com hua abertura no meo, da feyção de bemtinhos, a que dão dous nos nas pomtas, de bayxo dos braços, e deles soltos; e na cabeça, sombreyros de palha he chapeos e

---

([199]) *Alaquequas* ou *laquequas* «pedra branqua leitenta e vermelha, e dentro no foguo ha fazem muyto mais vermelha; arranquam-na em muy grandes pedaços, e aquy ha grandes mestres que a lavraom, e furaom e fazem de muytas feições, scilicet, compridas, outavadas, redondas, folhas doliveta, e em muytos aneis, cabos de tresados e adaguas, e de outras maneiras». Cf. Duarte Barbosa no seu *Livro*, Lembrança 51. Atribuía-se-lhe a virtude de estancar o sangue.

([200]) Gabriel Rebelo nas suas *Informações*, regista a forma *chíripos*, com o mesmo significado.

outros, que parecem diademas, sem copas; nos braços, manilhas de marfim e oso de peixe; as molheres quasy da mesma feição se veste(m) ([201]), se não que trazem os panos compridos, que chegua o chão, e os cabelos ho mesmo; e quem os não tem, suprem com cabeleiras e dão-lhe duas voltas de rador da cabeça e recolhem-nos com hum noo nela; e nos braços e pernas, manilhas douro, ou como ([202]) cada huma pode; as menynas, tusquiadas [66], deixão-lhe huma guadelha na moleyra, omde trazem hum sol de ouro, furado polo meo, com hum no que lhe da muita graça; he todos comumemte amdão descalços, e emquamto não são casadas, trazem hum simto, muito apertadas ([203]).

CAPITOLO VIMTE. Da maneira de levamtar rey; e os ofiçiaes de sua casa e corte; quamtos tras de seu comçelho, como acrecenta hos que o servem ([204]), quem lhe tras espada he betele.

Ho modo de alevamtar he fazer culano e este: veste-se ho primçype das milhores roupas que tem, com huma coroa de ouro ([205]) na cabeça, se poy a porta do paço, em hum terreyro, com sua guarda; aly vem todos os primçypães do reyno, ho milhor ataviados que podem, e fazem a *sumbaya* ([206]); depois, se deitão aos seus pes e beijão-lhos e tornão a fazer a reveremçia; desta maneyra dão hubidiemçia.

([201]) Palavra escrita à margem, com a mesma letra do texto.

([202]) Outra palavra também escrita à margem, com a mesma letra do texto.

([203]) As palavras «e emquamto não são casadas, trazem hum simto, muito apertadas», foram acrescentadas ao texto com letra diferente.

([204]) A frase «como acrecenta hos que o servem» é correcção de «como acrecenta a quem o serve».

([205]) As palavras «de ouro» estão escritas na entrelinha, com letra diferente da do texto.

([206]) Saudação reverencial.

66 — tus quiadas.

Dali o lavão a mesquita, com as mais festas e prezeres, syrimonyas que podem, e vão diamte, em ordem, a maneira de procisão: homens armados com espadas nuas na mão e a bamdeira real diamte, a que chamão pajem ([207]), em huma cana de trimta palmos, que tem ho pe de groçura de huma chuça; e a pomta, delguada, com que dão volta como foçe, toda, de alto a baixo, de pano de alguodão bramquo he vermelho, que são cores de *culano*.

Tamgem-lhe por estrumemtos synos de Jaoa ([208]), quer parecer bacias de arame, com huns imbiguos no meo; e nas bordas, furos, por omde metem cordões com que hos levão depemdurados, em paos, dous omens, aos ombros; e outros vão damdo com huns macetes; fazem comtra tener e tipre, porque huns são mores; e outros, menores; á tambores como atabaque ([209]), e deles pareçem tamborins; chamão-se *tifas* ([210]); a outros, como chamarelas, a que dizem sorunes ([211]); ha frautas, sestros, e todos seus prazeres. *Vem* hos Alyfuros ([212]) com suas molheres, filhas, camtar e bailar a porta

---

([207]) *Pajem*, termo local aportuguesado, talvez; ou variante do vocábulo malaio *panji*, com o mesmo significado.

([208]) Este instrumento é mais conhecido, no Oriente, pelo nome de *gong;* termo comum a um grande número de dialectos malaios. Supomos que seja de etimologia onomatopaica. Na China existem estes mesmos instrumentos, alguns de grandes dimensões. Gaspar Correia numa passagem das suas *Lendas da Índia*, Tomo II, Parte I, Cap. XXVI, descreve este instrumento: «E passando os baixos que estão antes de chegar a Malaca toparão outro junquo, que amanheceo à vista da armada, e forão a elle huma nao e huma caravella que se acharão mais perto, e chegando perto lhe capearão que amainasse, mas o junco respondeo com muytos tiros, capeando aos nossos que chegassem, tangendo atabaques, e dando gritas, e pondo bandeyras, e tangendo de pancadas huns a que chamão sinos, que se fazem em outras terras, que são da feição como gamelas, que trazem pendurados, que fazem hum som muy guerreiro».

([209]) *Atabaque*, pequeno tamboril usado no Oiente, «formados de huns paos occos de grande barriga, e apertados na boca, onde os cobrem suas pelles», (Frei Luís de Sousa: *História de S. Domingos*).

([210]) *Tifa*, tamboril pequeno usado nas Molucas e em Amboino. O mesmo descrito com o nome de *atabaque*. (Vid. *Insulíndia*, vol. 4.°, p. 419).

([211]) Termo local aportuguesado.

([212]) *Alifuros* ou *Alfuros*, designação dada, nas Molucas e em Amboino, aos povos das montanhas, geralmente agricultores.

[11 v.] do paço em redoterça ([213]); chamão a esta *leguo-lego* ([214]): / / husão--no mais de noyte que de dia; e asy he, tornão com as mesmas syrimonyas, as suas casas ([215]); da qual, he reyno, a primçipal peçoa e o regedor, a que chamão *culano maguguo*, que quer dizer, amtre eles, que tem ho rey e reyno em sua mão; he como mordomo-mor e ayo do senhor, mais tymido e hobedeçido que ha peçoa real.

Outro hofiçio ay da casa, a que chamão pinate ([216]), he que dizem se comtem mestre sala e veador; tem carreguo de mamdar arrecadar e repartir os mamtimemtos, polos luguares, ho que cada hum ha-de dar, recolher e mamdar fazer de comer pera os bamquetes e ospedes.

Ha outros que amdão em escudeiros, que estão pelas sydades, vilas he luguares, arrecadamdo mamtimemtos, ho que lhe mamda, como almoxerifes; chamão-se calaodes ([217]).

Outros ha, que tem carreguo de ho trazer he irem com requados e mamdados, como moços de esporas e camynheiros. *Outros* dous ofiçios ay, que amdão em fidalguos, por serem mercadores, que são rejedores e correjedores que chamão veão ([218]); amdão comtino na corte e fazem audiemçias e ouvem partes.

([213]) Leitura hipotética, devido a um borrão.

([214]) Na ilha de Timor, certa dança, nocturna e devassa, é designada pelo nome *liku*. Tratar-se-á, no fundo, da mesma palavra, trabalhada por diferentes alterações fonéticas?

([215]) Por cima lê-se outra redacção com a mesma letra: «e asy he, tornão a suas casas com as mesmas syrimonias...».

([216]) Gabriel Rebelo, nas suas *Informações*, escreve acerca desta autoridade: «Fintão muitas vezes o povo, e cada hum tem certas aldeas obrigadas a fazer-lhe e cobrir-lhe suas casas, e dar-lhe vinho, e fruita, porque a demasia dá o rei, o que se entrega a hum como veador chamado Pinate, pessoa principal e de grande preeminencia, o qual é obrigado a mante-lo dali, e pôr o que falta de sua casa, e como empobrece, fazem outro», (Vid. *Insulíndia*, vol. 3.º, Glossário). Rodolfo Dalgado, in Glossário Luso-Asiático, dá como étimo desta palavra o vocábulo malaio *penat: labor, fadiga*.

([217]) Julgamos tratar-se dum termo local.

([218]) Noutros documentos, para designar o regedor, encontramos as formas *uquão* e *ucom*. Será *vedão* mais uma variante? (Cf. *Insulíndia*, vols. 3.º e 4.º).

Alem destes, a outros rejedores e corregedores polos luguares, como se costuma em todalas partes.

Tras, el-rey, vimte mamdarins velhos, pera seus comçelhos, em que não am-de emtrar nenhum mamcebo, por mais fidalguia, nem valia que tenha; ho qual nom fazem, senão depois de bebados, a que chamão bichara ([219]). *Amtre* estes, am-de emtrar hos ofiçiaes da casa reall, he a tres ou quatro mais comtinos, por ser de mor comfiamça, hou açeitos ha quem hos mamda.

Hafora estes, ja nomeados, a fidalguos he criados que hacompanhão aos reis e a sua corte e os filhos; servem de moços fidalguos e trazem-nos, os pais, o milhor que podem ataviados; e a outros como escudeyros; e a nenhum se da vestidos, comer nem dinheiros, senão depois depois (sic) que são homens, acreçemtos com cada hum mereçe; por seus serviços he peçoa, lhe dão titolos de nome, como comdes, imfamsão, com brazões he riquos homẽs he outros asy; hos quaes são muy cheguados ha gimgamtia, porque huns se chamão Molideturo, Beiçe, Barica, Culano, Momole Matita, Ouro-Bachela, Roboão Omge, Samarao, Chaquamole ([220]); hos quaes hum quer dizer ferro; outro, valemte cavaleiro e himvemçiveis desbaratadores de armadas, he que tremem deles como a dos diabos, que são todos.

Alem disto, da-le espadas, escudos, caracheis e outras peças e armas e, alguns luguares, casas e cidades; e tras molheres anãs, desafeiçoadas e alcrocovadas, as mais monstruosas que podem, e querem dizer que as mãodão, pera iso, quebrar, em menynas, polo espinhaço, que isto tem por estado; porque, como say de casa, estas lhe levão ho betele he espada, ho que he desta maneira: arequa, muito bem aparada, com huns raminhos verdes e frores, pera meterem eles, cheirosas, numas caiçinhas quadradas, hou em baçias pequenas de arame; comem-no com ho cal, a que chamão chu-

---

([219]) *Bichara*, termo sânscrito muito divulgado na Malásia, com o significado de *consulta, deliberação, conjura*, etc.

([220]) Onomásticos honoríficos usados pelos chefes e principais.

nambo, trazem-no numas bucetas de prata, como saleiro, a que dizem chunãobeiros ([221]).

CAPITOLO VIMTE HUM. *Em* que trata como ho rei casa e quem o serve das portas ademtro; e o costume que tem no paso com has molheres que demtro amdão; como são syosos, luxuriosos e estrañam a sodomia muito; e os de Pegu contão que os quasquaveis, pola avitarem, se emventarão ([222]).

Como hos reys são de idade, dão-lhe molher, he este de Ternate, a filha del-rey de Tidore, por ser ho primçipal despoys dele. *Comcer-*
[12 r.] *tado*, vay em peçoa / / por ela, ho mais omrradamemte que pode, acompanhado de todolos gramdes de seu reino; leva may, irmãs e as nobres da corte, he a-de estar em casa do sogro, ate que guoste; a embarcasão em que vão, não ha-de pousar com ele, nem tem la toda jemte; camdo se a-de vir embarquar, tras a molher as costas e as omradas da terra poem-se diamte, a modo de represa, e retem-no ate que de algumas pesas; e com estes prazeres e as mais alegrias que pode, se volve a seu reino, acompanhado das primçypaes molheres do sogro, afora as suas, que leva, e pouquos homẽs.

Ho de Ternate, quamdo quasou, levou tres coroas de ouro, senefiquamdo emperador; ele, huma; e dous pajems, cada hum sua.

Os culanos, das portas ademtro, todo o serviço e por molheres, ate as porteiras; porque em suas casas não emtrão senão femeas; pera yso, são obriguados a dar-lhe todalas que são mester e quamdo as casão, recebem os casamemtos, e fiquão obriguadas a dar-lhe a primeira filha que nace.

Afora estas, tem velhas omradas e delas paremtas, que guovernão as casas; chamão-lhe *sabyas* ([223]); amtre elas a huma que mamda

---

([221]) Vocábulo formado da palavra oriental *chunambo*, que significa a *cal*. Esta é um dos ingredientes que entra na confecção do betel, ou masticatório.

([222]) As últimas frases: «e os de Pegu...» etc. encontram-se escritas à margem com a mesma letra do texto.

([223]) É o que parece dever ler-se, podendo tratar-se dum vocábulo indígena ou da sua tradução em português. Em Timor, ainda hoje os velhos (katuas) são tidos entre os indígenas como homens de bom senso e muito saber.

sobre todas; vay-se polos luguares, omde sabem que estão moças fermosas e tra-las [67] ao culano e despois que se com elas desemfada, se os pais querem, comprão-nas.

Ninguem a-de ser tam ouzado que ponha boqua em molher do paso, por cousa que faça e digua, nem amdar com elas de amores; se pay ou may ou outra peçoa a-de [68] nomear filha [69], paremta, que este (em) casa del rey, nom ha-de dizer: foam, que esta no paço; senão senão (sic) amtre os lavradores; e se o culano mamda chamar algum homem, que he pouquas vezes, imda que estem huma noite e hum dya a suas portas, não am-de ourinar nem falar quasoria, porque tem pena; e se por quaso, a porta do paço, am-de nomear algum homem, imda que este prezemte, não lhe am-de dizer ho nome, senão o de sua molher ou filha; he se não tem, a irmã ou paremta mais cheguada, em seu luguar; como quem diz: he esta foão que fez tal cousa ou tal. *E* se a rainha ou as primçipaes vão fora, levão-nas molheres as costas, porque nom am-de por ho pe no chão, e irem, asy a cavalo; e seu estado, e homẽs diamte, lomge, que os nom vejão, bradamdo que todos se afastem dos caminhos, porque são tão syosos, que os pais nom emtrão em casa dos filhos, nem hos irmãos, por mais que lhe sejão. *Hos* paremtes has portas huns dos outros nom cheguão, e os fidalguos nom lhe vem as molheres, como são casados, e tem rezão; qua nenhum paremtescho ([224]) perdoão senão ha mays e fylhas, irmãs; piadosamemte diz que as amas colaças tem ho mesmo resguardo.

Huma vertuosa cousa ha amtre eles: não se dão ao bominavell pecado; alguns dizem que ho toquão, estranhão-no muyto todos em jeral e dão, por ele, morte natural, aimda que alguns tem que hos mouros ho am por ley; nisto vivem emguanados, que eles seguem hos dez mamdamentos e o seisto ho defemde e a sua seita lho repremde. *Mas* este mal, segumdo Floreto de Abriusa diz, de mais lomge tras sua raiz: que Quaim por emmemdar a morte de seu irmão

([224]) É o que nos parece estar escrito.

67 — tralas; 68 — ade; 69 — Fa.

Abell, que dedejava não aver jeração, este foy ho primeiro que ho costumou e aos seus ho mamdou, por lhes fazer a vomtade, não tão somemtes com hós homẽs, mas com as molheres deu esta liberdade e mandou este mal ([225]), defemdemdo a da verdade, porque hos maos
[12 v] com mores males acrecẽtão a vomtade. / /

He não tão somemtes amtres mouros ha isto, mas hem Italia he outras partes diz que se ha visto; e os que escreverão da grão destruyção de Espanha, dizem que nom foy so la, mas esta manha ([226]); e os de Pegu comtão que ha muyto tempo que este pecado se husava naquele reino, he que huma molher fidalgua, vertuosa, ha qual se chamava Lymilaitão, casada com hum senhor ([227]), por nome Fradeguão, que senhoreava huma terra que esta par duma serra, que se diz Mohat, esta molher, por avitar este mal, ordenou em seus senhorios que todos trouxeçem casquaveis imseridos amtre ha pele he a carne de suas naturas; he por amor dela ho mamdou ho marido, como por ley ([228]), que daqui ho tomou todo ho reino, he o de Syão, imda que alguns querem dizer que dos quães se tirou tal emveção; eu pergumtey haos pegus; heles me deram a sobre dita razão.

CAPITOLO VIMTE DOUS. Das festas que fazem a rainha, quamdo pare; e a maneyra que tem em criar os filhos dos reys; como os imsynão e lhe dão ahios e casyses pera iso, e asi as filhas, emquanto são meninas.

([225]) As palavras «e mandou este mal» estão escritas à margem com a mesma letra do texto.

([226]) Esta referência à Espanha encontra-se à margem, com letra diferente da do texto.

([227]) A palavra *senhor* é correcção de *capitão*.

([228]) Foram escritas na entrelinha as palavras: «como por ley...» No fim deste capítulo lê-se mais o seguinte riscado: «e os que escrevem da grão destruyção de Espanha dizem que no foy so la caba mas esta manha». Mas, à margem, vem repetida esta informação, escrita com letra diferente da do texto com algumas palavras a menos. Assim: «E os que escrevem da grão destruyção de Espanha dizem que nom foy so la».

Quamdo a rainha pare, festeyão-na sete dias; ajumtão-se todos hos primçypaes da corte e vestem-se louçãos; vão ha porta do paço ha dar ao culano a boa profaça; fazem-lhe a çumbaya ha mãy dele e todas has nobres hatavião-se segumdo ho tempo, he levão agoa em canas, pera lavar o menino; he cada hum, seu pao, pera lhe fazer de comer. *He* se pare filha, hos homẽns levão ha lenha; e as molheres, agoa; tudo, hao ombro, porque se não costuma qua nenhuma cousa a cabeça, como ja dise.

Ho mesmo dia que naçe ho circumsydão he fazem mouro he dão hamas das mais homradas da terra; he não dão leite, senão huma ou duas semanas; que ho reino he obriguado a criar os filhos dos culanos, sem nenhum salario, demtro no paço; e não nos ha-de ver, ate idade de seis ou sete anos; nom ser como cheguão a oito a oito, (sic) dão-nos ha cacises, que hos imsynem a ler e escrever e o mostafo ([229]), a que chamão *hero;* he os doutrinem na seita, porque hos culanos e seus filhos, os dos mandaris, são quasyses pera a mais autorizarem.

Porque qua não ha papel, emsynão a escrever em taboas de tamanho de huma folha ou mea [70] dele, molhadas e emgraxadas, de huma he outra bamda, com hum barro bramco e tezo como jeso, as poem ha emxugar ao sol, foguo, hou o har; em pouquo espaço se fazem alvas he escritas dambalas façes, tornão-nas ha lavar de jeso e fazem ho mesmo.

Escrevem hem ola, que são folhas de palmeira, em papel que vay da Imdia e as penas são de feitos ([230]), que não á la de pata; mamdão-nos ha imsynar, ha debuxar he antretalhar; nadar, remar ([231]) fazer redes e a pescar. *Tem* mestres de esgrima, que hos

---

([229]) Assim está escrito. Julgamos, porém, que o autor do documento deveria querer dizer *o mossafo*, vocábulo muitas vezes empregado para significar o Alcorão.
([230]) O mesmo que *fetos*.
([231]) Os verbos *nadar* e *remar* encontram-se escritos à margem, com a mesma letra do texto.

70 — mª.

imsynão juguar de espada he escudo, imda que seu(s) guolpes não são mais que talho he raves; aguora, de espada dambolas mãos, espinguardeiros, bombardeiros he polvoristas em tudo ho que lhes imsynão saibẽ usar ([232]) nestes hofiçios; *Maçarisquos* nom ha qua, mais que torneyros e carpilteiros he de marçanarias, que fazem
[13 r.] alguns hultos, cabeças de serpes ([233]) he / / outras cousas leves, hobra romana he laçaria; he asy imsinão has filhas dos nobres a ler, escrever, amtretalhar, debuxar he a lavrar de bastidor, que fazem bem; e fazem fitas, fiar em roda, dalguodão e a teçer, de que fazem alguns paninhos baixos, poucos estreitos, pequeninos.

Aos meninos dão ajos ou os mesmos casyses, que os imsynem a boms costumes he suas cortezias; ha primçipal he, como vem hos *culanos*, samguajẽs he mamdarins, asemtão-se em coquoras e as mãos ambas jumtas alevamtadas has levão a cabeça, a maneira de adoração. Este he a çumbaya que fazem com imcrynação.

Outra cortesya ha ou saudação amtre hos mamdarins, e, quamdo cheguão huns a outros com hum vizinho, dizem: tabe jou; quer dizer: beijo-vos as mãos, senhor; porque ho *jou* he senhor; o comum falar he tabe. *Cãodo* vão ao culano, primeiro que a ele cheguem, fazem a çumbaya duas, tres vezes, e abaixão-se o mais que podem; se lhe am-de falar, poem ha mão diamte da boqua, por lhe não bofejar; he o que am-de dar, a-de ser com ha mão direita, e a esquerda no cotovelo; quando tornão, não ham-de virar ho rostro, senão afastados oito ou dez passos; hem se viramdo, dão dous ou tres saltos, por gemteleza, he hum par de estralos na boqua ([234]); se estão diamte del-rey, nom ham-de falar; e se ha muita neçecidade pera ho fazer, a-de ser tão paço, que não ão-de emtemder, porque, diamte dos

---

([232]) As palavras *saibẽ usar* são de leitura duvidosa.

([233]) À margem desta folha lê-se mais o seguinte, escrito com letra diferente da do texto: «e a tinta vem da China metida numas cuaxinhas de pinho de dous dedos de mão, ou pouquo mais, de comprido; e dura, e preta como azeviche, e quando se querem servir dela, mojna numa pouqua de augua».

([234]) São palavras escritas à margem: «na boqua».

primçipaes, o somenos a-de estar calado, somemtes respomde, se he pergumtado.

Quamdo decem, vão todos diamte; he, o sobir, detras; porque nenhuma parte am-de estar mais altos, nem higuaes dos reis; nom se hão-de nomear, senão por sol ou lua, porque ho nome real am-no [71] por mais perjudiçial na boca que nos holhos. A jemte baixa nom lhe faz sumbaya, nem no am-de ver, amtes, fugimdo dele, se vão escomder; nem suas casas, e fora delas, am-de ser tão housados que falem nos fidalguos; que se ho sabem, tem pena de morte; dizem que, como am-de falar neles e suas homras, que as nom emtemde nem he igual ha suas pesoas?

Quamdo o *culano* ou hos fidalguos mamdem alguns recados, os que os levão vão saltamdo e corremdo, he, amtes que cheguem a porta, dão hum brado ou dous; e se o esqueçe de o dar, e se acha jumto dela, nom a-de bradar, porque ho dono da pousada pode sair e matallo, sem pena.

Se os mandarins adoeçem, os vizinhos nom am-de falar, bater, nem trabalhar, nem fazer cousa de que se ho paçiemte anoge; am por descortesya estardes mais altos que eles e por-lhe a mão na cabeça; e mostrar-lho cotovelo he figuoa; he a sola do pe, a mor imjuria que se lhes pode fazer. / / [13 v.]

CAPITOLO VIMTA TRES. Da maneira que se tem em fazer justiça, e o juramemto que dão nela.

Hos que tem carreguo da justiça são muy venerados e acatados, asy dos gramdes, como dos pequenos, porque, alem dos ofiçios que tem, am-de ser fidalguos. *Fazem* audiençias nas praças ou ruas publiquas, em sertos dias na somana. *Amtre* eles, nom ha leis; julguão per razão, domde forão ordaenadas milhor e mais craras que as que hapremdem [72]. *Se* para nenhuma parte pemdem, nom tem procuradores, nem escrivães, repriquas, trepiquas, nem outros modos de alarguar e dilatar; amtes, trabalhão por abriviar; comtudo

71 — amno; 72 — queha prendẽ.

os rejidores dos luguares e mamdarĩs falão pelo comum, criados e cheguados, com toda a brevidade que podem. *Quamdo* vem a juizo, nem fora dele, nom neguão ho que devem, mas a pagua e tarde ou numqua, se a escusa; se neguão he comprendem, tem pena de morte, porque amtre eles não ha escrituras, nem conhecimentos, imda que ja dos Portugueses tomarão maos costumes. *Como* he cemtemçiado, nom ha mais apelação nem agravo; e amtes que dali saya, a-de paguar ou dar penhores he tais fiadores de que a parte seja comtemte; e o julguador tem a dizima do comdenado, por seu julguado; se a parte nom pagua ao tempo que he obriguado, pode ho autor a que he devido, sem ir ao juizo, tomar hum paremte ou amiguo do devedor ou qualquer outra peçoa que lhe apraz, por mais omrada que seja, e leva(-a) pera casa ou ha-na sua, por preza, como menaje, ate que a parte pague; e ao que esteve retenido, a-se de paguar a imjuria, segumdo sua calidade, que he muitas vezes mais que a propria camtidade. *Chamão* a isto *bolinhagua*. *E* por iso quem deve, pagua; e se furtão, e se nom pode saber, senão por imdiçios, por pequenos que sejão, a-de paguar o termo e luguar domde se o tal imdiçio achou, e por aqui se sabe, muitas vezes, a verdade, que quem pagua descobre ha verdade; e os homesydos em cousas leves, que se acolhem a casa del-rey, ficão seus cativos, e se se querem depois livrar, am-se de resguatar.

Se dizem mal del-rey, ou de seus mamdarĩs, a que seus carreguos tem, ou fazem casos de que são acusados, e se não pode declarar, e as partes são de calidade, am-de ir amte a peçoa real e seu comselho, e loguo levão a fazemda que aṃ-de dar polos ouvir, que he como parte; e que o caso seja crime de morte, nom no am-de neguar, amtes, diamte del-rey e sua corte comtão por estemço e muy miudamemte, porque o matar, amtre eles, he pouquas vezes ou numqua. *Aos* mamdarins, quamdo fazem por que mereção a tal pena, toma-lhe toda a fazemda e desterra-nos desta maneira: metem-nos num parao com os que no crime forão, com hum remo ou dous, e deixão-nos ir a vemtura; dizem que isto he mais que matar, que despois de morto, nom symtem nenhum mall, e olhão-no bem, que muyto milhor e a vida acabada, que atribulada.

As prizões são de pao nos pes, mãos e pescoço, como camguas fortes e asperas; chamão-lhe *laras* ([235]). *Se* vem a dar juramemto o primçipal e no *mostamo*.

A outra maneira de jurar, que e tomar huma serta camtidade de barro, em que escrevem letras e dão-no a comer ao que negua; emquamto come, dizem dizem, (sic) os casyses, sertas orações; se acabão primeiro que a parte, de comer, condenão-no; e se não, asolvem-o. *Outro* dão, em ferro quemte, ou em azeite fervente, em que metem a mão; e / / se esqualda, e pera sua comdenação. [14 r.]

Outra maneira de jurar: tomão duas varas, como astes de lamças, e metem-nas na agoa e escolhem dous homẽs, a prazimento de partes, e mamdam-nos ir por elas; e o que esta mais debaixo de aguoa, asolve(m); e o outro pagua; e com tudo não seguem a ley de Mafamede, em que mamda que não dem juramemto, senão a testemunhas de tais costumes e vidas que, sem ele, devão de ser cridas; porque el-rey nem seus irmãos e fidalguos nom-no ham-de tomar, mas ham por afromta, se lho querem dar, e, com tudo, se he muy nesesario, fazem-no.

CAPITOLO VIMTA QUATRO. Da pouqua remda que estes reis e senhores tem; como seus são obriguados a lhe dar de comer e o que pera iso semeão; como fazem ho pão he vinho.

Estes reis e senhores, todos rajes e samguajes, tem pouqua ou quasy nada remda, porque na terra nom ha de que, senão cravo, que se da a troquo de todalas mercadorias, he roupas que vem das Imdias, por terem qua valias, e sempre se guanha nelas a quimta parte; e por mais que sejão mais de ametade, os vasalos são obriguados a dar de comer e todo o neçesario: pão, carne, vinho, pescado, areque, betele

---

([235]) Vocábulo comum a vários dialectos da Insulíndia, com o mesmo valor semântico, aproximadamente. No malaio vulgar *laras* significa um tronco de árvore. Nos dialectos timorenses, *laras*, vocábulo paroxítono, são as ripas do tecto duma casa a que se prende a palha: *larás*, vocábulo oxítono, são os barrotes a que se fixam as ripas.

e o que os senhores querem; ate as colheres, lenha e aguoa lhe levão a casa; e os Alifuros emtrão-lhe na sua, he tomão que lhe bem pareçe, pera o rey.

Pera isto tem repartido o que cada hum a-de dar, segumdo seu quabedal, afora seus morguados patrimuniaes: huns erdão menos e outros mais. Cachil Aeiro foy tão ditoso qua, na eyramça, como Framsysquo la, el-rey de Framça; e tem quimtas, a que chamão *guras* e *cuções* ([236]); estas e as terras aproveitão os Alifuros e Mofamguares; são tão fraquas que, se a semeão hum ano, a-de folguar dous, pera dar boa novidade; não são lavradas, cavadas nem gradadas, a mimguoa de ferro e de alimarias; fazem rosas ([237]), a que poem foguo; e com paos agudos, buracos, homde deitão dous ou tres grãos e cobrem com pe ou com has mãos.

Semeão o *pade*, que he arroz, da fim de Agosto, ate de Setembro, e outros ligumes, que são favas, grãos, lemtilhas, jergelem, feijões, pimemta, lemgua ([238]), milhos, zaburro, inhames e irvilhas; colhem este agro, de Dezembro meado, e todo Janeyro, ate Fevereiro; qua nom ha semteo, cevada nem triguo; diziam que, se a semeasem, nom naçeria nem amadureçeria com as aguoas. Amtonyo Gualvão ho esprimemtou e, com toda a chuva, naceo e amadureçeo, curta palha, e boa espigua; que o Criador ha tudo tempo permita.

Poem, estes lavradores e Mofamguares, palmares e ariquaes e despoem betele, figueyraes, gemgivres e canaveaes de asuquares; e alimpão as arvores do fruyto, e de que tirão vinhão e pão; e desta maneira cortão o caqueiro ou nipa polo pe, com machado de cana, e femdem-os ao longuo, he tirão o miolo; metem-no em huns paraos ou guamelões compridos, que tem no cabo, com jeito, huma casqua darvore, como pano de pineira; e desfazem-no com as mãos em aguoa do mar, se he jumto dele; e se de rio, com doçe; e apertão-no tamto que say o polme pelo pano, cay em outros guamelões e

---

([236]) Designações do dialecto local, supomos. Em Malaca existe, com o mesmo significado, o termo *dução*, do malaio *dusum*.

([237]) *Rosas*, o mesmo que *roças*.

([238]) *Lemgua* ou *lengkua*, espécie de gengibre. (Vid. *Insulíndia*, vol. 3.º).

asemta-se no fumdo; daly o metem em huns fardos de folhas, a que chamão *parrochos* e neles o vendem ([239]). *Parese* sebo, chamão-lhe saguu, e os que comprão, metem-no em jarras ou covas, em suas casas; sevão-no com aguoa, com que o fazem: se doçe, doçe; e se / / salguada, do mar; porque se deitão comtraira, perde-se; e sem nenhuma, faz o mesmo; com aguoa, o sostem tres e quatro anos, que se não corrompe, porque como he podre, os porquos o não comem; quamdo o corregem, emxuguão-no e desfazem nuns sepos como jueiras. Cozem-no em fornos de barro, pequenos; tem margens que ho fazem em fatias; comem-no [73] quemte, porque frio e grudento; de boa desystão, nom embutumado, como noso pão. [14 v.]

A outro, da feição de tejolo, abiscoitado; chamão-lhe sagu maruço ([240]); se de daguoa o resguardão, dura dez, doze anos; hum e outro, como he molhado, desfasse em maça; em aguoa, se salva, e com ela, se aquaba.

Ho vinho tirão dos mesmos sagueyros, nypas e palmeiras, podamdo o ramo que da ho fruito; chamão-lhe a isto tiffar ([241]); fiqua ho polguar ([242]), em que dão pamquadas, pera acodir milhor ho licor; chama-se tuaqua.

Se querem haraqua am-na-de cozer, pera a fazer. *He* nestes braços poem canas ou quabaças, a noite; pola menham, achão-nas cheas; levão-no pera casa e aquele dia ho ão-de beber, que se fiqua pera outro, nom haproveita nada; e como magna no dezerto.

---

(239) Sobre a maneira de fabrico desta espécie de pão. (Cf. Gabriel Rebelo nas suas *Informações*, in *Insulíndia*, vol. 3.°, p. 313).

(240) Não encontramos outras referências a este termo. Em Timor ao sagu da cor de tijolo chamam *akar-merak*, «sagu encarnado».

(241) Segundo Dalgado, *op. cit.*, o vocábulo parece de origem portuguesa, usado, especialmente nas Molucas, com o sentido dado no texto.

(242) Vara curta que se deixa, na poda das árvores, destinada a dar outras novas, no ano seguinte.

73 — comeno.

A outro, de canas de açuquar, a que chamão *quilão* ([243]); fazem--no emtre dous rolos ou eixos, com que amdão de redor, e dão-lhe cor vermelha, com quasqua de mamgue. *Estes* vinhos dizem que são frios, trazem os homens rosados, guordos, limpos e sadios ([244]).

CAPITOLO VIMTA ÇIMQUO. De como fazem ho sal e colhem o cravo e fazem-na hola; he as moedas domde lhe vem, he os tizouros que tem.

Aqua não ha marinhas nem quem fazer sall. *Costumão* faze-lo de madeiros e paos, que achão ao lomguo da praya; ajumtam-nos [74] e, emxutos, poy-lhe ho foguo; começamdo de arder, deitão-lhe aguoa salgada; nom comsymtem fazer labareda nem se apague; ardido, tudo ffiqua huma pasta de symza, que parece chumbo, que desfazem, emcemrrada com a mesma aguoa, e poyem-na [75] em panelas a ferver he estyla em outras, ou a coão por panos; e a coalhada fiqua pães tamanhos como has vazilhas e asas duro, não muyto alvo e o sabor rezoado.

Tem estes Alyfuros carguo de colher o cravo, que he a primçipal cousa que ha na terra; e aimda que cada ano aja em sertos portos, nom he jeral, senão de tres em tres, como a çafra da azeitona, em Portugal, a que eles chamão moução. *Quamdo* am-de ir apanhar, comem primeiro, porque emjoa muyto; como pimta, colhem-no loguo, que se o deixão amadureçer, faz-se madre, quasy sem aproveitar. *Os* que isto am-de fazer, sobem nas arvores e levão huma corda e cambo, que deitão abaixo; e os que la estão, atalhão-lhe hum sesto; e ala, açima, a toma por huns cordões, em que mete-os polos

---

([243]) Vocábulo formado, talvez, do malaio *kelang*. (Vid. *Insulíndia*, vol. 3.°, Glossário).

([244]) A seguir, escrito à margem, com letra de muito difícil leitura, encontra-se a seguinte informação mais: «E huns milhores que outros em cor, sabor e guostos, segundo são hos postos, que asy copão (?) das nypas e sagueiros e tobestos (?) Ha todos legumes e de fruitos que os homens se mantem».

74 — ajuntanos; 75 — poxena.

ombros e fique as costas; e colhem ho cravo a mão, quebramdo as pomtas dos ramos; com eles o deitão no *coloyo* (245); aomde nom alcansam, suprem o cambo; e des que he cheo, tornão-no abaixo, pola corda. Levão-no para casa e deitão-no ao sol a sequar, em esteiras, ou em caniços, ao fumo, como castanhas.

Fazem guamute em madeixas; cada hum, tem çem fios de braça; linhas, do mato, de seva, ola; canas pera sebes e telhar as casas; e tudo mais que os lavradores costumão em Espanha; não com tamto trabalho, que são priguisosos, por iso, e tudo mal aproveitado.

Nem tem moeda, senão a que vem de Jaoa, omde ha pouca que a desfazem artelharia; e aqui a fumdem pera fios de arame, pera pescar, a que chamão cavala (246); nom ha outra, senão a que vinha da China; tambem vem de Borneo corrompida; e fiquão como espetadas de sardinhas. *Quamdo* põm nas casas atão nos paos na(s) rypas e vem beber humas cima das outras, com telhas (247). // [15 r.]

Com ligua de estanho ou chumbo, e delas ho são de todo, por omde as nom querem (248); que as boas am-de ser de bom cobre todas; chamão-lhe caixas; do tamanho hum cruzado; duma parte, chãs; e da outra, quatro carateres de letras ou armas devizas em cruz; e algumas, alifamtes, cavalos e outras alymarias escolpidas; por omde vale, huma, dez, doze das outras; e no meo hum buraquo quadrado, porque as trazem emfyadas, como comtas, por se não perderem, com estremos de duzemtas em duzemtas; e valem tres vimtẽs, que say mil e duzemtas, ao cruzado; e polos estremos as comtão de çemtos em çemtos pares, ou por milhares, segumdo ho

---

(245) Supomos tratar-se dum vocábulo local.

(246) Chamam *cavala* ao peixe que pescam: espécie de sarda, salgado e seco ao sol. Este peixe também era conhecido na Índia pelo nome de *cavalinha*, por ser muito menor que a cavala vulgar.

(247) Ao fundo e à margem desta página, escrito com a mesma letra do texto, lê-se a seguinte informação: «Colhem-na ola, concertão-na desta maneira: dobrão-na pelo meo, por cima duns paos ao longuo deles».

(248) A redacção desta passagem parece estar incompleta, embora se perceba o sentido.

ramal he; e por huma so contão; destas duzemtas as tomão todas, porque, se as achais menos, tem pena quem as da, como quem falta moeda; delas fazem tizouros; e de johias, he peças douro, synos de Jaoa, baçias de cobre, demtes de marfim, procelana, panos finos de seda e dalguodão; tudo vem de fora a troquo de cravo, porque nada disto ha na(s) outras terras; tem-nas metidas em talhas, e postos nos momtes, soterradas debaixo do chão, que nymguem ho sabe, senão dous hou tres escravos, que ho levão de noyte.

Estas jemtes são muyto de bamquetes, em todalas suas festas, guerras he prazeres, porque tudo e por tudo o que am-de fazer, primeyro, am-de comer; ho comtyno, he em suas casas feito por molheres; servem-se pouquo de panelas; cozem em cannas carne e pescado e todo mais neçeçario; não lhe deitão aguoa, poem-nas em sequo ao foguo, e elas, de sy estilão tamta, que cozem ho que tem dentro; fa-lo [76] mais saboroso. *O* asado he em talhadas, espetado nuns paosynhos, como passarinhas escaidas ho trazem a mesa; ho peixe, em folhas de segueyro, como empadas; he quamdo abrem, fiqua imteyro e tão aserajado, he bem feyto, que tyra fastyo; e o comum, e asy o cortesão, he mais, comem cruu com çumo de lymão.

Estes comeres são muy comtinuados; huns, privados; e outros, jerais, nas praças e ruas pubriquas, nuns bayleus ([249]), com suas varamdas he cubertos; por cyma dela, de quatro aguoas, estretos e compridos solhados de lanteis ([250]) de cannas; alguns tem debaixo darvores, sem outra cubertura, senão a sombra; jumto deles, ay outras, de *culanos*, pequenos, quadrados, mais altos, cubertos, como charolas, com huns curucheos, por daredor, varamdas ou amdaynas baixas, em que estão os que servem a mesa, homde não a-de cheguar nem estar senão mamdarins e seus filhos; estes alcatifão

---

([249]) Espécie de alpendre. (Vid. *Insulíndia*, vol. 2.°, Glossário).

([250]) Termo aportuguesado na forma do plural. O termo é comum em vários dialectos da Insulindia. Em Timor, *lanten*, designa, além do soalho feito de bambus espalmados, a cama vulgar dos indígenas, espécie de tarimba, feita de bambus igualmente espalmados.

76 — falo.

e paramemtão com panos de alguodão e seda, muy pimtados, a que chamão patolas ([251]).

A estas festas, se não vem os reis vizinhos, mamdão filhos, irmãos ou paremtes, a desculparem-se, como embaixadores; e asy vem a elas outros senhores. Como isto he comcertado e a jemte jumta, say el-rey, diamte dele, homens armados, em ordem, com espadas e çolevaquos ([252]), tamjemdo-lhe seus instrumemtos acostumados; tamto que (o) *culano* chegue ao seu baileu, asemta-se em çyma, com as pernas [77] cruzadas, que asy fazem todos; comem alto do chão, e alevãotão hos panos de armar, porque ho vejão estar nos baileus; ademais cheguados se asentão os embaixadores e estramjeiros que vem polo omrar; acyma de todos, he loguo seus irmãos, samguajes, e mamdaris, por ordem, com cada hum; e a outros pera os cavaleiros e escudeiros, e o comum comem pelo chão.

Como todos / / asy esta, trazem aguoa as mãos ao culano; seus irmãos e os primçypaes servem de copas e estão polas varamdas em coquoras; as toalhas de mesa são de folhas de sagueiros, cozeitas (sic) ou preguadas humas nas outras, com huns paosynhos, como alfenetes; e destes, preguados, fazem copos a que chamão *chaffos* ([253]), por que bebem; ha outros para aguoa de olho das folhas de palmeira; as toalhas do povo e baçios são folhas de figueiras. *Tem*, ho *culano*, alguns copos de ouro, pequenos, he guomis de porçelana e baçios de aguoas mãos (sic) finos; a que chamão pimgua-raja ([254]), [15 v.]

([251]) Termo oriental, designando certo pano de seda, importado para as Molucas, para a transacção do cravo.

([252]) Gabriel Rebelo, nas suas *Informações*, descreve assim o *solavaco*: «As rodelas, a que chamão solavacos, são de feição de telha, e chegão do chão à boca; e dum palmo e meo de largura, até dous, e delgadas e fortificadas com alguma rota bem lavrada, e huma asa, ou castanha que lhe fica do mesmo pao, com hum boraco por que metem os dous tres dedos, e os mais andão por cima». (Vid. *Insulíndia*, vol. 3.º, p. 366).

([253]) Termo local.

([254]) A palavra *pinga* tem no Oriente várias acepções. Uma pinga de água, em Macau, designa a água contida em duas vasilhas de barro ou de madeira e trans-

77 — pnas.

e qua chuba-raja ([255]); e baçios pequenos, da mesma proçelana; baçios de arame, quamtaros gramdes, de cobre, em que tem ho vynho; e para outros, jarras com tarros de coquo; tudo isto vem de fora, porque o serviço da terra nom he senão folhas, quoquos, quabaças, quannas; nisto trazem azeite, vinagre, aguoa, vinho, ao ombro, em hordem, huns ante os outros; pareçem bombardas em carretões, como as boquas altas por diamte; has dos culanos vem atados com panos de fitas amarelas amtretalhados.

As higuorias levão a mesa, alto e limpo, com ho mais aparato, çerimonya que podem, debaixo de huns sombreiros de pe, por ho sol nem chuyva lhe darem, com os quaes sempre amdão de redor; chamão a isto chara-raja ([256]), quer dizer: costume dos reis, que asy o fazem, quando os levão sobre eles. *Todas* iguaryas poem na mesa, jumtas cortadas; são muyto de potãyes ([257]), verduras e achar ([258]); e gramdes baçios de arroz; comem com toda mão jumta, e na fym, trazem alguma pouqua fruyta.

Nestes bamquetes dão carne de cabra, gualinhas, pombos e peixes; e não porquo; o cortar e pera fora; o comer, de meo dia em diamte estão ate mea noyte a mesa; as vezes amanheçe nela, de que se alevãotão a fazer sua neçeçidade e tornão a comer; e do meo por diamte quamtão e tãojem; tem chufas, motes e graças; não am-de

---

portadas ao ombro, suspensas por uma vara. *Pinguaraja*, julgamos ser uma designação composta por justaposição, significando uma vasilha própria de rajá, isto é, de superior qualidade. Não encontramos ainda em qualquer outro documento esta designação composta.

([255]) Segundo o texto, nas Molucas, o primeiro elemento da palavra composta, foi substituído pelo elemento *chuba*, que faz lembrar o português chuva.

([256]) Palavra formada por dois elementos: *chara*, termo malaio, com a significação de *modo, maneira, estilo*, etc.; e *raja*. *Chara-raja*, quer dizer, portanto, à maneira dos rajás, segundo o estilo dos rajás.

([257]) Julgamos ser o mesmo que *potagens*, bebidas, caldos, etc.

([258]) *Achar* é o nome vulgar que se dá à conserva feita de vários frutos. O termo é vulgar no Oriente. À margem desta folha lê-se o seguinte, pertencente a esta passagem: «que e como salla ou sebola picada».

falar ([259]) nem palavra desonestas, asy homẽs como molheres; numqua bebem agua; am-no por traguo mortal; e gulamteria sair daly bebados, a que chamão quotetos ([260]); não curão do mamdamemto de Mafamede, mas amtes grajão muyto, quamdo bebem, como framamguos, se am-de roguar por que todos o fação ha par, com quamto comfesão e dizem comde ([261]) á muytas vinhas, não carecera de briguas. Nestas ilhas á tamto e se guasta em camtidade, que deze-lo nom pareçera verdade; nem por iso imgeitão os varões ([262]) de Malaqua, que fazem de arroz vermelho; e estampões ([263]) de Borneo, que hé de donas ([264]), doçe e quemte, o mais suave e milhor que se sabe, depois do de uvas, que a todos tem a vamtajem.

A estas festas vem os lavradores com filhas e molheres, a bailar leguo-leguo. E comtra a tarde, say(em) os cortesãos vestidos e louçãos, e ao som de estromemtos fazem seus torneos, a que chamão caracheos ([265]); os outros vem com suas espadas de tauxia lavradas e, por louçainhas, nos braços das espadas, penas metidas; e os escudos, pimtados e lavrados de amarelo, vermelhos, amarchetados de cauris; e na cabeça, huns como elmos de feltros, de guadelha, verdes e vermelhos, amarelos, que vem da Persya; e larguos, de muitas penas e cores, como carochas e bolem com elas, que pareçem quaquatuas. *Correm* e saltão de huma parte para outra, com grão feroçidade; e se tem himiguos, deitão o derradeiro guolpe / / para aquela bamda e [16 r.]
poem o escudo e espada; e fazem a el-rei çumbaya, he vem loguo

([259]) Depois do vocábulo *falar* encontram-se algumas palavras riscadas.
([260]) Julgamos tratar-se também duma expressão local aportuguesada.
([261]) Contracção de *que omde*.
([262]) Por *vinhos varões* julgamos dever entender-se *vinhos fortes*.
([263]) E por *vinhos estampões*, *vinhos fracos*.
([264]) Isto é: *próprio de donas*, ou de senhoras.
([265]) Nas *Informações* de Gabriel Rebelo, a palavra aparece escrita de várias maneiras: *carracheo*, *carrache* e *carrachez*: «E como o rey ou reys vão acabando de comer, sahe-se hum a hum, e vão ao campo fazer o mesmo, e o povo lhes dá grande gritos, e emquanto fazem sua obra, a qual se acaba com a noite, começamdo sempre a bespora. Chamão a esta Carrachez, e dizem que tomarão aquella invenção de geitos duns papagayos brancos, que la há, çagatuas. (Vid. *Insulíndia*, vol. 3.º, p. 356).

corremdo moços fidalguos a tomar-los; e amdamdo nestes joguos, se escorreguão e não quay, dizem: *Carachel Momole;* que quer dizer: «cavaleiro valemte»; e se vay ao chão, tomão-no por aguoro; e para o desfazer, vem aly, com mais syrimonyas, synos-samões ([266]), e escomjurações, do que fazem em Roma, pera meter hum familiar numa radoma. *Quebrão* escudos, britão has pedras e bemzem as ruas e derramão a terra e fazem outras diabruras, que durão mais de duas oras, com todo este mester; é cousa pera ver.

He o mais seu folguar e hirem ver remar os navios, e com seus mamdarins, como quem corre Paris, em que a gramdes apostas, porfias e revoltas; e pescão com tarrafas e, muitas vezes, pergumtão se o rey de Portugall sabem (sic) pescar. *E* joguão a pela com ho pe; não lhe am-de toquar com a mão, nem outra cousa do corpo, e o que milhor jogua, a-le de dar com a çola; são de rota tisydas, muito redomdas, tamanhas como de vemto; não pulão bem, porque nenhum trazem demtro, imda que são hoquas como como (sic) as nossas; he as vezes joguão a bola, e arremesão *qualabas* ([267]) e paos tostados, e joguão imxadres, pares e nunes, com dados; he, alem destes, vão por suas terras tomar bamquetes.

Costumão estes reis, em sertos tempos do ano, hirem folguar com molheres fora das cidades, ao lomguo das rybeyras ou bosques e vales; nom a la de ir [78] homem nenhum, e mamda por bamdeiras em arvores altas omde apareção de lomge. *Como* as vem, nom am-de passar por diamte, senão tão hafastados que as percão de vista; e se fazem o comtrario, morrem por elo. *Se* vão a casa de seus irmãos ou

---

([266]) O mesmo que *sinos-saimões*, amuletos indígenas.

([267]) Arma de arremesso. «Usão muitos arremessos de ferro, pao e cana, antre os quaes tem farpões com que prendem os homens, como a peixes, alando por elles, e entre os de cana tem huns a que chamão calabas, delgados, e do comprimento de huma braça, em cuja ponta põem hum ferrão de pao tostado, com farpas, e na outra põem huma cana do comprimento quasi de hum covado que trazem na mão, com que despedem a calaba, mui longe e certo. (*Informações*. Vid. *Insulíndia*, vol. 3.°, p. 366).

78 — aladir.

samguajas, da-le [79] prezemte pola omra que nyso recebem, e asy ho costumão huns a outros.

Se el-rey vay por suas terras e senhorios, o(s) seu officiaes he mandarīs, com requados, am-le de ter feito de comer em sertos luguares; he e (sic) por todos os outros, e tudo framquo, para os que vão com ho *culano*.

Os pesquadores, como vem, poem na pa do remo peixe e deitão--se, anagoando com a mão esquerda, e com a direita o aprezemtão; e os que levão tuaquas e outros mamtymemtos fazem o mesmo; e fora do seu reino nom tomão nada, senão por dynheiro, imda que os pescadores, em toda a parte ho fazem.

Quamdo vão nos navios, tamjem-lhe synos, tifas e sestros que he imsynea reall, que outrem ninguem pode trazer ([268]), e depois que estão no porto do luguar, metem huma vara na aguoa a que chamão *belo*, em que se amarram; despoys que say em terra, vão os seus a folguar ou neguociar por ela; se o *culano* vem embarquar, chamão--nos com a tyffa. *Isto* nom podem fazer no luguar ou cidade domde outro rey estever.

Quamdo se se vezitão, nom tem nenhuma pratiqua, senão mamdar trazer o betele ([269]) com muyto aparato, debaixo duns sombreiros de pe; e asy o trazem em outros pratos para os mandarīs que com eles vem; e tamto que el-rei o toma e come, comem todos. E se a-de dormir ou estar alguns dias no reyno, emquamto isto fazem, se aparelha e comcerta o aposemtamemto, porque no do outro nom a-de emtrar; e depois que he em sua pousada, la falão e combão (?) ([270]) fym e folguão. *Emquamto* esta em sua / / corte a-le [80] de dar huma irman ou paremta com que se desemfade; e se a muito que se não virão, ao despedir, da-lhe algumas peças; he se he *samguaje* ou outro [16 v.]

([268]) As palavras «que outrem ninguem pode trazer» estão escritas na entrelinha.

([269]) A oferta do betele às visitas é uma das práticas mais respeitadas na etiqueta daqueles povos.

([270]) É o que nos parece estar escrito.

79 — dale; 80 — ale.

senhor que vem visytar o *culano*, a-lhe de mamdar apousemtar e dar de comer, com tudo neceçario, e huma molher de sua casa, emquamto hy esta na terra ([271]).

Quamdo mamdão embaixadas, a-de ser por peçoas velhas e omrradas, e todos os que vão com eles estão prezemtes, porque am-de dar comta de tudo que pasa e socede, asy no caminho, como na embaixada, meudamente; e por iso ouvem todos; que se alguma cousa escecer ao embaixador, o lembrem os outros.

Serve-se pouquo de ler e escrever; tudo emcomemdão a memoria; e o que comtão, a-de ser muy larguo; e cada cousa, huma comparação natural, no cabo; e se he recado de importamçia, levão *caboras* ([272]); por estas hurdem todas suas treições e emburilhadas, que chamão *maçalatas* ([273]).

Quamdo am-de [81] ir ou mamdar para alguma parte, deitão primeyro sortes pera ver o que, de caso, a-de soçeder; que nenhuma cousa, sem elas, am-de fazer; ysto a-de ser em azeite, e deles em aguoa fria, o quemte; outros tem paos e folhas; fazem medidas ao palmos ou covados e doutras muytas maneiras de sermões e escomjurações; são sertos e gramdes fetiçeiros, que a tays [82], que hedevynho (sic) o que a-de vir muyto amtes ([274]), ho que depois se ve, como poderia comtar, se não emfadase e desaproveitase.

Se cada hum destes *culanos* a-de-ir fora de suas terras lomge, quer de paz quer de guerra, mamda pedir aos reys, seus vizinhos,

---

([271]) À margem lê-se mais a seguinte informação, escrita com letra garatujada e difícil: «Tanto que esta tifa tangem e os que estão pola terra se vem apresentar fazer a sumbaya e perguntar se querem alguma coisa: hos aseita a pesoa (que) tem a chara fidalguo, porque ninguem houtrem o pode fazer».

([272]) Assim está escrito. Conhecemos este vocábulo no teto e significa certo penacho, feito de crinas, usado pelos indígenas nas guerras e dias festivos.

([273]) Do árabe *masalhat*, trama, ardil.

([274]) A frase quer dizer: «que adivinham o que há-de vir muito antes».

81 — amdir; 82 — atays.

huma linha de pesquar e tifa e outras sertas cousas de pouqua valia, e que estem de foguo e samgue. *Como* lhe isto mamda, pode hir seguro, porque hos que fiquão tem carreguo de guardar seus senhorio e, emquamto la amda, nom a-de-ir nem mamdar a eles. Se, por quaso, alguns dos outros vão pescar a seus lemites, do ausente, seus vasalos podem no mar e cativar (sic); e ele, como torna, trava guerra com ho que isto quebrou, imda que seja pay, nem irmão; e os *culanos* vizinhos favorecem-no e da toda ajuda; he se tem alguma obriguação com suas peçoas, vão; por omde se guarda muito bem estes reis. *Nem* seus filhos e embaixadores solenes am-de emtrar nos portos dos outros, sem seu especial mamdo; ate lho nom fazer saber, estão as boquas das barras, esperamdo pelo recado. *Se* imda, por seu caminho, sobrevem alguma tempestade ou chuveyro, levão raizes de sertas hervas atadas nuns paos e molhão-nas na auguoa e com elas abanão comtra as tempestades; dizem que se vão loguo, como na Beyra, quamdo temjem synos; he qua deytão-nos no maar e outras fazemda(s) e com ysto tem que se amamça. *Se* ha vista da terra, não na hão-de nomear nem mostrar com ha mão, que dizem que foje, senão com ho cotovelo; am-de ir ao lomguo dela, corremdo todalas emseadas, de pedra em pedra e de buraquos em buraquos; nem am-de travesar duma pomta pera outra, imda que torção as dez partes do caminho; e em certos luguares, homde a rochedos e penedos, tirão com qualabaz ([275]) e pedem o que desejão, como amtre duraminhos ([276]) nos murouços de pedras.

Quamdo vão em proçyção, com seus clamores, aly pedem a Deos, e dão seus louvores; por esta terra nem amda nemguem, senão lavradores, trabalhadores, huns amte os outros como ja dise; // pelo [17 r.]
que a pouquos e maos camynhos ou quarreirinhos; são estreitos, que ho mato da no rosto; e, de maravilha, achais quem de hum luguar ha outro sayba emcaminhar, que seja menos de mea leguoa, pelo que os *culanos* he mamdarīs pouquas vezes ou numqua amdão por ela; por

---

([275]) O mesmo que *calabas*.
([276]) Termo que não encontramos registado.

mar he seu amdar, pelejar, neguoçear e folguar, para ho que tem muytos e sotis navyos; correm tamto a vela e a remo, que he imposyvell poderem-se alquamçar, por pequena avamtajem que hum a outro leve; creo que ate ho presemte não se ão outros tais descubertos, he ysto hão por serto.

A feyção destes seus navios he oval no meo he pera ambas as partes saydos; e asy amdão pera detras, como pera dyamte; não são preguados nem calafetados; depois da quylha, lyames e piquas armados; furão em certos luguares, omde com cordões de guamuto são bem atados, he deixão as tabuas huns punhos ou mamzinhas, por demtro, em que fazem o mastro; nem huma cousa por fora apareçe; e pera as ajumtar, metem nas bordas humas (sic) tornos e nas outras fazem buraquos compassados, por homde emtrão, he amtes que se reme, poem *baru* no meo, pola aguoa nom emtrar demtro; e fechadas, fyquão tam poydas, que parese tudo hum; nas proas emxerem hum colo de cobras alevamtado, com huma cabeça de serpe e cornos de servo; depois de acabado o navio, atravesão de bordo a bordo dez ou doze paos, muyto bem lavrados; servem como latas ou baqualhaos ([277]) de guale; chamão-lhe gymguajos ([278]), terçados e asemtados; saem fora do navyo, de cada parte, huma, duas e tres braças, segumdo corpo que tem; e nestes atão duas tres amdaimas de canas, ao lomguo do navio, a que chamão camgualhas, em que vão os remeiros pola auguoa.

([277]) É esta a palavra que se lê no texto. Julgamos, porém, que se deve tratar do termo náutico *bacalares*, peças de madeira pregadas na coberta da popa dos navios.

([278]) Gabriel Rebelo descreve também estas peças dos barcos das Molucas:

«O casco feito, poem-lhe certas vigas, segundo o tamanho do navio, muito bem lavradas, grossas no meio, e agudas para as pontas, as quais chamão inajos, e botão por fora, de cada banda, huma braça e meia, segundo o tamhano do navio».

Como se vê, dá-lhe aqui o nome de *inajos*. No texto deste documento, um pouco mais adiante, também nos aparece o termo *inajos*. Quer se trate de duas designações, quer duma só, alterada devem ser expressões locais, que não conhecemos noutros dialectos malaios.

Afora outras esquypações, demtro no corpo do navyo, he bem na pomta destes *gymguajos*, vão humas forquilhas de pao, a que chamão *pagu* ([279]), em que atão outras quanas, mais grosas e compridas, a que dizem cama pera amcorar, quamdo pemdem; e sobre os *inajos* ([280]), demtro no navio, fazem huns *lamteis* ([281]), de canas femdydas, como sobrados ou telha, a que chamão baileus; os quaes podem cortar, com hos *inajos*, se querem fazer mal e treição aos que em syma vão, que he jemte de armas, porque fyquão pela auguoa e afoguão-se; e os que estão no corpo do navyo acolhem-se nelle; e neste bayleus que tem seus repartimemtos, a maneyra de tolda e comves, em que vão os *culanos* e capitães, mamdarīs e jemte de armas, que chamão hos homēs de baileu. *E* por ryba, cuberto com humas esteiras, a que dyzem quaquojas, de proa a popa, como temdas de guale, em que vão em sombra, omde os não anoja o sol nem chuyva; os *culanos* e seus irmãos e *samguajeis* levão huns sombreiros de *quaquojas* bramquas, chamão *papamjamguas* ([282]), de quatro quamtos ([283]); e em cada hum, bamdeira de penas, de feição de rabo de gualo e outras e outras (sic) duas na proa, a lume de aguoa; de cada parte, sua, de pano de alguodão vermelho, e não quadradas, mas de limguoetas; outra no meo do navio, alta, que he a real, nom na tras senão o *culano* ou seu capitão jeral; nom vay no navyo em que o *culano* vay, senão noutro do Estado; am por baixeza muytas bamdeiras; dizem que he pera os Papuas; levão atambores, synos, esteos, que he imçynea reall, ao som dos quaes remão e camtão em metro, a maneyra de gualeiza ([284]), (?) vem dizemdo tudo

---

([279]) A palavra termina por um borrão, parecendo incompleta.

([280]) *Inajos*, segundo Gabriel Rebelo, são as traves a que atrás, neste documento se dá o nome de *gymguajos*.

([281]) No malaio «lenting» significa um pequeno barco e o soalho feito de bambu.

([282]) Sobre esta designação, vid. *Insulíndia*, vol. 4.º, p. 291 (147).

([283]) Nesta página, à margem lê-se mais a seguinte informação: «deitados hou asentados numas tumbas e de fora, hos capitães».

([284]) Esta palavra encontra-se rasurada. *Gualeiza* é o que nos parece estar escrito, devendo tratar-se, talvez, do nome próprio *Galiza*.

ho que fezerão e esperão de fazer, asy na paz como na guerra; polo
[17 v.] modo de cantar ([285]) não conheçido huns dos outros. //

El-rey, com seus capitães he mamdarins, vão em ryba dos baileus; e seus filhos [83], emquamto são mamçebos, debaixo, remamdo; e outros nas camgualhas, aos remos; e quamdo os querem acresçemtar sobem-nos ao baileu e não remão; esta he a maior omrra que lhe da. *Emquamto* não fazem valemtia, não podem trazer espadas, nem receber ho tal acresçemtamemto, que he como de cavaleiro; e os das camgualhas metem-nos no corpo do navio; e a mais dynidade. *Despois*, se ho merecem, sobem-nos ao baileu e deixão os remos, que são muito lavrados, leves, e as pas, de feição dum ferro de chuça; e delas, redondas; aste, dum covado; e no cabo, huma cruzeta pequena, aomde trazem a mão direita; e jumto da pa, a escerda; e remão com eles em vão; chamão-lhe pamguayo ([286]). *Servem* de comer neles e dar qualquer cousa, como em hum trimcho. *As* vellas são de pano, de que fazem saquos, e de esteyra; ou metem hum ramo gramde, que servem de mastos he vellas.

Destes navios ha huns mores que outros, porque os tem os *culanos, samguajẽs* he mamdarins, como genetes; e quamdo se querem desemfadar, vão-nos provar ([287]). Para isto os tem varados ([288]), limpos e comcertados, postos em alpemdres de duas aguoas, a que chamão cabaias ([289]), cada hum com seu nome, como guales e gualiões, fustas e barguamtis; e as primçypaes chamão joamguas ([290]); são como guales reaes. *Outras* a que dizem laqua-

---

([285]) Leitura hipotética, por se tratar de outra palavra também rasurada.

([286]) Nome de certa embarcação com velas latinas, corrente na África Oriental e na Índia. Nas Molucas designava também os remos descritos no documento e a que Gabriel Rebelo também se refere. (Vid. *Insulíndia*, vol. 3.°, Glossário).

([287]) À margem lê-se: *postos sem remar*.

([288]) A frase: «Para isto os tem varados», é correcção de: «Para isto estão varados»....

([289]) Não temos visto esta palavra em qualquer outro documento, com o significado que no texto lhe é atribuído.

([290]) Embarcação grande. (Vid. *Insulíndia*, vols. 1.°, 2.° e 3.°).

83 — f.os

funes ([291]), coraquoras ([292]) e qualaluzes ([293]) e paraos ([294]) pequenos; todos estes são de remar, não de carregua, nem altos de pomtall, mas compridos; que ha tais que dizem ter quilha de dezoito, vimte braças; e por cima, hum palmo e meo ou dous de avamtajem e em boqua, de largo, quinze e dezoito; e de pomtall, com falquas, nove ou dez.

Estas são as joamguas, e de cada parte levão duzemtos remos e mais; perto de çem homẽs de baileu. *Outras* joamguas a menores, que tem de cylha ([295]) dez ou doze braças; e por syma, pouco mais dum palmo; e em boqua, dez ou doze; e de alto, cymco ou seis; remão çemto he çimquoemta homẽs; e de baileu, coremta ou cimcoemta; e a outras mais pequenas. *Os laqafunes* são da gramdeza, feição e maneira destes; são os seus galiões. *Para* estes escolhem os mais esforçados, asy de remo como de baileu; vem cubertos de rotas e tavoas como amdas, de maneira que nenhum arremeço lhe pode fazer dano, por omde numca são desbaratados. *Quamdo* os vedes com suas proas serpes e asas que fazem as amdas que cobrem os remeiros, recorda-se-vos a serpentina de espladião sem foguo ([296]).

Outros navios ha como guales a que chamão camanomes ([297]) e caracoras. *Tem* menos comprimento, largura e altura; levão de coremta ate setemta remos [84] e vimte [85] çimquo homens de baileu.

([291]) A frase «que dizem laquafunes» é correcção de «que chamão laquafunes». O nome desta embarcação é termo local.

([292]) *Coraquoras*, barcas de cabotagem de fundo chato. A palavra aparece nos documentos escrita de várias maneiras: *corcora* e *cora-cora*.

([293]) *Qualaluzes* ou *calaluzes*, são embarcações menores e mais ligeiras, de remos.

([294]) *Paraos* e *parós*, do malaio *perahu*, pequeno barco de várias feições.

([295]) O mesmo que *quilha*.

([296]) Este último período parece ter sido riscado. À margem, escrito com letra diferente da do texto lê-se o seguinte: «cãdo os vedes com seus colos e azas que fazem as ãdas, parecem serpes do Corpos Crysti».

([297]) *Camanomes*, deve ser também designação local.

84 — r.[os]; 85 — v.[e].

A outras, a que chamão roreyre ([298]) (?) e paraos; são de quimze ate trinta remos, e de seis ate dez omens de baileu; todos estes de camgualhas. A outros, que as nom tem, que são calaluzes; levão de vimta ate noventa ([299]) remos; dez, quimze, vimte omens de baileu. A paraos de pesquar, a que dizem nhonhao ([300]), de tres ate doze remeiros e dous homens de baileu; destas levão as joamguas, laquafunes e coracoras, hum dous, tres, de serviço; e se se vem em aperto, alarguão-nos como porco a sisqualho. Á qua outros e pouquos, como
[18 r.] caravelões de cargua; chamão-se champanas ([301]). //

Has armas suas hofemçivas são espadas, a que chamão padas ([302]), de hum so corte, sem pomta comtra ela, mais larguos he de bom comprimemto, he quasy na pomta tem huns buraquos em que metem penas, por louçainhas; hos punhos de pao e guardas de estanho mesturado com chumbo, em que trazem posto hum cordell, que metem no colo do braço he fiqua a espada depemdurada, se salta da mão.

Outros lhe trazem humas rodas no luguar da cruz, do tamhano dum pratel, e asy redomdas, que guardão as mãos, de marfym ou douro; são são (sic) de ferro morto e pezadas; dum so guolpe cortão hum homem pela symta e quamdo chove metem-nas em canas por bainha, em que as resguardão de auguoa. *Trazem* crises de Jaoa, que são como adagua, colobrinos.

Costumão huns arremesos, como farpões a que chamão touranas ([303]), com hos alvados com punhos e aste de varas, homde atão

---

([298]) Designação que nos parece estranha, mas é o que se lê no texto.

([299]) Correcção de coremta.

([300]) *Nonhas* nos crioulos portugueses do Oriente quer dizer «senhora».

([301]) *Champana* ou *sampana*, pequena embarcação da Malásia e da China, principalmente. Do chinês *sam*, três; e *pan*, tábua.

([302]) Este termo aparece nos documentos portugueses como nome de certas embarcações fluviais. Com o sentido de *espada*, corrente nas Molucas, deve ser, supomos, afim do malaio *pedang*, com o mesmo significado.

([303]) O mesmo que *calaba*. Sobre este vocábulo vid. *Insulíndia*, vol. 4.º, Glossário.

hum cordel e daly vay dar volta na pomta e atão-nos no braço, porque são compridos; recolhem-nos na mão, em roda; e quamdo o arremeção, alarguão-na. Se aserta de premder, tirão pera sy e cortão-lhe a cabeça ou o cativão, se o podem tomar vivo. *Tem* outros de paos tostados e de arequeira brava, com muytas farpas a que dizem çagu-çagu ([304]). A outros tiros, como vemtoinhas, a que chamão *qualaba;* arremessam-nos com huma cana que tem na mão, femdida polo meo, dum covado, e as tres são canas como varas com huns ferros de paos metidos nelas farpados; tirão lomje e serto; vasão huma saya de malha dobrada, adargua e pomta; quem na ve, pareçe cousa mais de ver e brimquar que para pelejar; tem lamças de canas compridas.

As armas defemsyvas são vestidos acolchoados, a maneira de roupões, que dão por mea perna; cobrem pescoso e cabeça ate as orelhas; ho nome seu e baruto ([305]). *Costumão* couraças de peles de bufaro cru, de peyxe, de rota, tudo isto vem de fora. *Fazem* escudos de comprimemto de seis hou sete palmos he dous de larguo; para o trazer, por demtro, lhe deixão no mesmo pao, omde metem a mão. *Tinhão* espadas de ambolas mãos e pequenas das nosas, lamças, cotas, saias de malha, couraças, corceletes, adarguas, rodelas e capacetes, bombardas e espimguardas, arrezoadamemte, que lhe trazem de Malaqua, Jaoa e Bamda; salitre e polvora, afora a que lhe deixão os Castelhanos, e eles a nos tomarão nas guerras passadas, que nom foy pouqua; e os Portugueses lhe vemdem, a troquo de noz, maça, cravo; por noso pecado, o tem por trato, ate que Deos deu vitoria a Amtonyo Gualvão que lha tomou.

A maneyra de sua guerra e faz gemte pera ela; e esta tem as sydades vilas ou luguares repartidos por bairros, a que chamão *soas;* cada paremtela, sua, com cheguados e criados e dous outros capi-

---

([304]) Noutro documento encontramos, com o mesmo significado, o termo *sungas;* julgamos que se trate da mesma palavra, ouvida e grafada diferentemente. (Vid. *Insulíndia*, vol. 4.°, Glossário).

([305]) Do malaio *barut;* espécie de camisão.

tães; cada huma e obriguado a ter huma joamgua ou *laquafuno* e, quamdo menos, coraquora; e delas duas, tres, segumdo a jemte que tem. *Estas* estão comçertadas, prestes e aparelhadas, ao lomguo da praya, cubertas, e cada huma com seus capitães de proa a popa e no meo; por eles se sabe a jemte que hia, porque hum e de quatroçemtos
[18 v.] homens e outros / / de quinhemtos e mais e menos e nom lhe paguão nenhum salario, senão se a-de-ir lomje, dão-lhe espaço para se aperceber de comer, que do mais sempre estão, por amor dos omgues ([306]), que acodem meudamemte, que são como repiques ou apelidar a terra; e os que amdão no mar pesquamdo, que e comtinuo, acolhem-se a ela, bradamdo, tocamdo synos, tifas e buzios, e todos acodem a praya com suas armas e remos na mão, cada hum seu capitão e navio, e em huma ora esta, e tamjem, toda a armada ([307]) no mar apercebida pera pelejar.

Quamdo el-rey vai fora, de armada, ou mamda seus capitães, por eles sabe a jemte que leva e todos vão com milhores vestidos, johias e arros que tem ([308]); e emquamto la estão bamqueteão-se as molheres e festejão humas as outras e am-de fazer todalas cousas de prazer, folguar e deitão sortes; dizem que nelas vem o que os maridos passão.

Toda mais de sua guerra e por mar; pouquas vezes ou numqua say em terra nem nas tomão huns a outros, porque o seu primçipal viver e dele e trabalhão polo defemder.

O pelejar e a maneira de escaramuça; não am-de balroar; os que podem menos, recolhem-se os lugares, e os vemçedores poem-se sobre eles e seus portos, ate que paguão parias, a que chamão

---

([306]) Julgamos tratar-se do termo oriental *gong*, grande prato plano de metal, que faz as vezes de sino no Oriente.

([307]) As palavras «esta e tamgem toda a armada» encontram-se à margem, escritas com letra diferente da do texto, com o sinal indicativo da passagem em que devem ser intercaladas.

([308]) Mais uma palavra escrita à margem, nas mesmas condições que as anteriores.

buas (309); muitas vezes são quativos. *Tem* por costume, tamto que o fazem, a preza tornão-lha loguo a resguatar (310), no mesmo porto omde o tomão; por iso tudo o que guanhão, guardão para aquela ora, que nos catyveiros dão-lhe ma vida.

Como tudo isto sejão ilhas, e cada huma em sy não tem o comprimemto para humana vida, e forçado amdar de huma a outras em que tem dividas, pays, mays, filhos, paremtes e amiguos; e por yso comtinuamemte amdão no mar, como em outras partes pola terra, por omde sempre nele a guerra e corsairos e ladrões (311) e todos tamto de comdição que suas quapas escomdem e tornão a furtar, por se nom se desacustumar (312).

Esta e a causa porque tem os navyos tão sotis e ligeiros que o mor tiro de pedra que podem sofrer huma bombarda roqueira, falquão e berços. *Sempre* amdão em guerras, folguão com elas, que diso vivem, se mamtem. Matão-se e quativão-se pais a filhos [86]; irmãos a irmãos; nenhum se perdoão huns a outros e loguo se cortão as cabeças. *Deitão-nas* pelos quabelos ao pescoço e metem a lymguoa na boqua e humtão peytos e mãos com ho samgue e vão-se aprezemtar diamte dos reis e capitães, para reçeberem homra e merçe, e despois se chorão, e des que saqueão os imiguos, fazem-no a si mesmos (313).

Ho pelejar de aguora e muy differemte do passado, porque na primeira, como vião hum homem com capaçete, dizião: «aly vem cabeça de ferro»; e todos fozião (sic); tinhão que eramos emvemçiveis e não mortais; e ja guora sabem que debaixo daquele capaçete

---

(309) Talvez do malaio *bua*, nome genérico que designa qualquer espécie de fruto.

(310) Esta palavra foi substituída por «llargar», escrita à margem.

(311) Passagem que é correcção de: «por onde sempre nele a guerra e saltos e bayus, que são consairos, piratas e ladrões e todos»...

(312) Correcção feita à margem de *desvezar*.

(313) Outra correcção de: *huns a outros*.

86 — f.os

tem cabeça que se pode cortar e corpo que não he immortall; e quamdo vião tirar espimguardas, cuydavão que deytavamos foguo pola boqua, que matava ([314]); e as molheres, de ouvir tirar bombardas e nomear portugueses, movião as prenhes, porque amtre eles nom avia artelharia nem por pemsamemto delas se sabião. *E* já guora, a tamto tempo que comnosquo amdão em guerra, que nos nom tem em comta e todos comeriamos a huma mesa, se nos Deos nom ajudase milagrosamemte.

São de gramdes ardis, syladas, e homens destros nas armas, e tem por costume ou leis nom ferir nem mata los reis ([315]). *Se nas* guerras se despovoão as terras, os prymcipes que tomão, conta do reino fasem pases. E, se são vemçydos, nom am-de fazer paz, senão peramtre peçoas, nem se aa-de ver com vemçedores, senão daly a sete, oyto meses; y Amtonyo Gualvão foy o primeiro que ysto quebrou, porque na batalha que lhe deu, matou el rey Dayalo, que era muy valemte cavaleiro; e asy se nom alevamtou de sobre el rey, mir de Tidore, ate que se não vio com ele, peçoa por peçoa, por lhe terem dito que queria mamdar cortar os craveyros e destroir toda a terra e ir-se pera outra que tinha na Batachina.

A amtre eles muy esforçados e valemtes cavaleiros; quamdo pelejão, nomeão-se, como naquela fabula: *«Guala-guala, que eu*
[19 r.] *som / / Amadis dela»*. *Aqui* aconteçeo, em tempo de Dom Jorge de Meneses, deitarem hum homem a dous libres, com as mãos atadas detras; colheo-se ao maar, e os cães nom deixarão de morder e esfarrapar; tornou-se a eles e, com os demtes, levou hum pola orelha e mete-o debaixo de aguoa, em que outro o esfarrapava; se lhe nom acudira ([316]), aly o afogarão ([317]). *A outro* mamdou Tristão de Tayde

---

([314]) Palavra escrita na entrelinha.

([315]) Nesta passagem, vê-se o nome de António Galvão riscado; e o período que se segue, escrito à margem com letra diferente.

([316]) A oração condicional, «se lhe nom acudira», encontra-se escrita à margem, com letra diferente da do texto.

([317]) «Aly o afogarão» por «aly o teriam afogado».

cortar mãos, naryses e orelhas; avemdo-se masquabado, se afogou em aguoa baixa, sem o poderem estrovar, imda que muitos acodirão a o remedear.

Hum moço papua cativarão, filho dum homem omrado; feleçido aquele portugues que o tinha, foy o menino vemdido em leilam a hum novo e ruivo christão [87]; ouve o moço por tam gramde agravo, que arremeteo a ele, que estava semtado, e tirou-lhe a espada da bainha: com ela o matara, se não acodirão, e numqua se quis dar, ate ser esforçado de, as lamçadas, o matar; e comtão dele ser tão pequeno, que he cousa de espamto, se nom visemos, soubesemos façanhas, que fazem na guerra, que escureçe as de Muçio Çevola ([318]).

Estas ([319]) ilhas são as mais sadias que se sabem, ate o prezemte, primcypalmente a cydade de Ternate, que esta na propria altura e clima (da) povoação de São Tome, segumdo se diz, tão doemtya.

A causa dysto eu a nom poso emtemder, senão se he São Thome ser de todalas partes serquada de terra firme e receber os maos vapores dela; e esta nenhuma, ou a distamçia, que ha dum luguar a outro: porque pareçe estarem comtra postos, e que devem amdar com pes huns para os outros, porque a espera lhe jaz dereyta, e elas estão hum do outro de diamte, e ambolos polos a orizomte. Causa disto fique a quem ha milhor emtemderem, que eu muyto a quesera saber; mas Deos que a fez, que (é) a propria verdade, sabera mylhor sua qualydade.

A maior doemça que se nestas partes semtia, era quamdo o cravo nasya: acodião como cadarrões, e muytas lombriguas, pouquas bobuas e febres; as quaes dizem que se causão dumas bexiguas, que

---

([318]) Quinto Múcio Cévola, áugure e cônsul, que se distinguiu na resistência que opôs a Sila.

([319]) Esta passagem do texto, que se segue, vem repetida mais adiante; repetição que damos também, mas em *Nota*.

87 — xpão.

se crião no baço e recebem do corpo todos os maos humores; e como são cheos, deitão aquelle foguo. E a destruyção deste dano fique isto a quem segue Ipocras e Gualieno; e direy sua cura, que nom he muyta; fazem bem, porque de fizico e precuradores, os menos, ou nom aver, são os milhores; que nom ha emxaropar, nem purguar e menos samgrar; tudo ([320]), com ervas conhecidas e sumos delas; e quamdo estão com a quemtura, metem-se naguoa fria ate o pescoso, e com ela lavão o corpo todo e as chaguas ruis, aguoas quentes como qualldas.

Os feridos nom nos cozem; curão-nos com olho de figueira asados e molhados no azeite, ou tomão duas, tres pedras quemtes, com coquo relado, as metem num pano, esfreguão darredor a ferida, escaldamdo, carreguamdo tamto, ate que deitão toda a reyma. E com isto sarão feridas muy mortays, que eles bem sabem dar.

Ha peçonha e muy acostumada: uma fazem para matar loguo; que dura oito, dez, dias, he para hum mes, dous e tres, e ano, e mais; e asy amda definhamdo, ate que acabão; e os que delas são toquados, achão-se peor, as luas novas cheas; e comtra ela a paos, ervas, suas raizes, que comem ou bebem moidas.

Dizem que de sete em sete annos a nas Indias huma doemça tão comum como peste, e se nom vem senão aos aos (sic) catorze, é muyto peor e mais comta que o são ([321]); mas nestas partes nem se acordão de tal cousa, como que na era de quinhemtos coremta, ate trimta quatro, pouquo mais ou menos, acomteçeo vir ter a Bamda, com os vemtos levamtes, veo huma doemça como peste, que dava em arrevesar e sair tão desatynados, que ho fazião sem o semtir; e faltava em frio e quemtura, como maleytas, com priores, e asemtada em modorra; de mariavilha escapava peçoa, e breve espaço morrião, oyto, nove dias, e deles menos; quamto mais moço e rijos, mais

([320]) A frase «tudo, com ervas conhecidas e sumos delas» quer dizer: «tudo curam com ervas conhecidas e sumos delas».

([321]) Na repetição desta parte do texto, em vez de *e mais tomta que o são*, lê-se *e mais contagiosas*.

azinha se hião; todos bradavão de estomaguo e peitos; como comião, abafavão, inchavão, tosyão e escarravão muyto, e alguns saya brotoeja, que pareçia sarampo; isto mais nas criamças; e dali por diamte, se achavão milhor algum tamto; e a samgria amtre os Portugueses pareçia que dava algum remedio; os que escapavão, tornavão a recair dous, tres e quatro vezes, e nom durava menos de dez ou doze meses, e na era de trinta e sete veo a Amboino ([322]). // [19 v.]

([322]) Segue-se nesta folha (19v.) e em parte da seguinte, a repetição da parte do texto a que nos referimos na nota 318. Notam-se algumas alterações do texto; e a letra, de muito fácil leitura parece de época posterior. Damos em seguida, o texto repetido:

«Estas ilhas sam as mais sadias que se sabem, ate ho presemte, primcipalmemte a cidade de Ternate, que esta na propria altura e clima da povoaçam de Sam Tome, tam doemtia.

«Ha causa disto eu a nam sinto, senam se he Sam Tome ser de todas as partes cerquado de terra firme e reçeber os maos vapores della; e esta nam no esta de nenhuma, ou a distançia que ha de huma a outra; porque parece que estam contrapostos e devem de amdar com os pes huns pera os outros a espera lhe jaz direita e ho orizonte; ambas estas ilhas os moradores os devem de ter numas linhas.

«A mais da doemça que nestas partes se simtia he quamdo ho cravo naçia; acudião como cadarrões e ą muitas lombrigas, boubas e febres pouquos; os quais (sic) dizem estes Mouros que se causam dumas bexigas que se crião no baço e reçebem todos os maos umores do corpo; e semdo cheas, deitam aquelle frio e fogo, por omde vem as febres ao corpo.

«A distimção disto fique a quem segue Ipocras e Galileno; e direi sua cura, que nam he muita. (Fazem bem, porque do fisiquo e precurador, o menos milhor); que elles não costumão qua emxaropar nem purgar e menos samgrar; tudo curão com ervas conhecidas e çumos delas; e quamdo estam com a quemtura, metem-se na agoa fria, ate ho pesquoço e com ella lavão ho corpo todo e as chagas, nas agoas que la ha, como caldas.

«Os feridos não os cosem; curão-nos com olho de figueira asados, e asi quemte, molhado no azeyte; ou tomão duas ou tres pedras e metem-nas no fogo, e com quoquo rallado as poem num pano e esfregam de arredor da ferida, escaldamdo, carregando tanto, ate que deita toda a reima; com isto sarão cotiladas mortais, que elles bem sabem dar.

«A peçonha he mui acostumada; huma fazem pera matar, emproviso; e outra, que dura huma somana; e della, hum mes e dous e tres e ano e mais; asim andam

Na era de trinta e nove, no mes de Abryll, no fim delle ([323]), apareçeo huma estrela a ocidemte, de muytos arrayos piramdais, como huma tocha natural, como a que se vio em Portugal, quamdo a terra tremeo e durou Mayo e Junho, com hos vemtos suys, veo esta imfermidade a Bachão; logo se espalhou por todas as ilhas, começamdo nas gualynhas, porque manham se fez, que de Amtonyo Gualvão se acharão mais de çimquoemta ou sesemta mortas, que se empolavão sãs e gordas; e despois lhe adoeçerão pasamte de cemto e dez peçoas, amtre criados e escravos, que so hum nom ficou, e a mor parte lhe faleceo, afora os portugueses e filhos delles ([324]). E por toda a terra era este mal tão jerall, que os nom podião emterrar e o mar era coalhado dos mortos e muytos luguares despovoados; amdavão hos homẽs e molheres como pasmados, dyzemdo que numqua tal virão nem ouvirão aos amtepassados ([325]).

---

definhamdo, ate que acabam: e os que della são tocados, acham-se pior, as luas novas
[20 r.] e cheas: / / e comtra ella a paos e ervas ou raizes dellas, que comem, bebem moidas.

«*Todos* dizem que de sete em sete anos ha nas Indias: são tam comuns como peste e, se nam vem senão aos quatorze, muito pior e mais comtajiosa: mas nestas partes nam se acordam de tais cousas; como na era de 534, pouquo mais ou menos, aconteceo vir ter a Bamda, com os vemtos levamtes, huma doença, como peste, que dava em arrevesar e sair tam desatinado, que ho faziam sem ho sentir; e saltava em frio e quemtura, a maneira de maleitas com priores; e asentada em modorra; de maravilha escapava nenhuma pesoa, e nam escapava nenhuma pessoa, e em espaço de oyto ou nove dias morriam, e delles menos: quamto mais moços, e rijos, mais asinha se hião; todos bradavão do estamago e peitos; se comiam, abafavam, inchavam, tosiam e escarravam muito; e a alguns sahia brotoeja, que pareçia sarampo: ysto mais nas criamças; e dali por diamte, achavão-se milhor algum tanto; e a sangria antre os portugueses dava algum remedio; os que escapavão, tornavão a requair duas, tres, quatro vezes; nam durava menos de dez, doze meses».

A passagem «de maravilha escapava nenhuma pessoa» encontra-se escrita à margem, onde se vê ainda outra nota riscada e ilegível.

([323]) À margem lê-se esta outra redacção: «*Na era de trinta e nove*, em Ternate e por toda esa parte, no mes de Abril e fim delle»...

([324]) As palavras «e filhos delles», encontram-se escritas à margem, com letra diferente.

([325]) Outra nota à margem, incompletada, diz: «e asi se achavão ho vizões, de noute, que os homens amdavão como»...

O primçipal remedio que a tão jeral mall se achou, amtre os Mouros, foy a dieta e nom comer carne nem fruyta; peixe, pouquo, asado e não de couro nem vermelho nem arroz; çagu, quamto quisese, alguns figuos sem casqua, pequenos e assados; inhames bramquos e arequa sequa, nem sal; vinagre nom comião nem cousa que com ele se fesese; nem bebião tuaqua; auguoa a que davão huma fervura com sertas ervas e a com que se lavavão quemte, com outras; e com ysto salvarão allguns as vidas.

Quamdo os reis, duques e mamdarins adoeçe, mamdão matar homẽs a que chamão suamgues, que quer dizer diabos, porque dizem que lhe comem o coração. *Afirmão* aver muytos deses, como hos amtiguos nosos labusomes, e estrias; e comtra eles tem gramdes vizias, de noite, e foguo de arredor das casas dos primçipais e mamdarins; e guarda a porta do paço; e pera iso vem de cada luguar, como preso, a guardar; e quamdo os matão, tomão-lhe a fazemda // [20 v.] para el-rey; e alguns dizem que por iso lho asaquão; e que bebem ho samgue, ou se lavão com ele; outras syrimonyas que se nom pode saber, por se fazer muyto secreto ([326]).

E quamdo os nobres morrem fazem-lhe muy veneradas e omrradas esequyas; dão de comer, ao emterramemto, mes, ano; aos quasyses, fazemda como hofferta; fazem esmola em muytas obras meritorias e as milhores sepulturas que podem, apartadas das mesquytas: as dos reis, mais altas, poem-lhe cabeçeiras de pao ferro preto he pedras lavradas de romano frol deles e outras maneiras de laçaria; he cobrem-nas de alpemdres armados sobre quatro esteos e doutras tamtas aguoas; e outras, de feição de charolas, com mamjericões e cheiros, sobe las covas e prefumaão-nas; de noyte, camdeas e peçoas que delas tem carreguo e as guardão com irmitães que as tem muy limpas e varridas.

Se estes senhores faleçem fora do reyno, vão-lhe pola hosada, e trazem-na ao emterramemto de seus avos: e se os emmiguos tomão a osada del rey, e o que sobeçesodeo (sic) torna-lha a comprar e bem;

([326]) A palavra «secreto» está escrita à margem.

costumão estar emserrados polos defumtos oyto, dez dias, que os nom vem nem fala com eles nymguem; e a casa omde o finado (está) am-lhe de trazer, outros, de tudo o que tiverem, ate lenha he a auguoa e am-lhe de fazer de comer e tudo o mais de casa.

O primçipall e jerall do he bramquo de fitas e algum preto; trazem destares (?) ([327]) e outros amdão so quexados ([328]), como as molheres. Rapão as cabeças e sobramcelhas, trazem nos pes e braços e pernas manilhas de rotas, de arredor de sy panos pardos, de que fazem os saquos; tamjem frauta com a vemtana do naris, pelos bosques, vales e salutarios luguares; nom am-de trazer carregua as costas nem hombro, senão debaixo do braço. *Os* navios ãodão com as proas por diamte, e todas as cousas que podem fazer e trazer, a-de ser ao contrairo do acostumado.

Se ho faleçido é fidalguo, todos os das outras ilhas, quamdo vem aquela, trazem do e doutra maneira nom podem emtrar a ela, porque na vida são muy estimados, prezados e acatados; e nos faleçimemtos com muitas omras e serimonias emterrados. *Quamdo* am-de tirar ho do, am-de ir primeiro pelejar; doutra maneira nom no podem deixar.

Porque ate qui faley geral destas ilhas, quero fazer particolar, começamdo na de Ternate, por ser a primçipal a meu preposyto, comforme é a jemte dela mais belicosa que nenhuma outra.

HO DA MANEIRA QUE AS IMDIAS SE DESCOBRIRÃO

Porque, daqui por diamte, se ha-de fazer mais memção dos Portugueses, me pareçeo bem dyzer como vierão a estas partes, começamdo nos reis de Portugal, poys forão ho prymçipio [88] do que he descuberto, e se descobrira, ate fim do Mumdo.

([327]) Assim está escrito. Desconhecemos a expressão.

([328]) O mesmo que *encochados*, isto é, vestidos de encacho ou tanga.

88 — prypio.

Tocamdo neles, hirei acabamdo este breve sumario, o qual sera mais serto e verdadeiro, segumdo ho que pude alcamçar, que com palavras ornamemtado, porque meu preposyto, asy neste como no escrito, e ser mais abreviado que floreado.

Sabido e notoryo he a todos cão milagrosamemte estes esclareçidos, virtuosos e muyto poderosos reis de Portugall o vierão a erdar; como se ve polo mosteiro de Quarquade (329) e armas que traz, decemderem dos reis Domgria hou de Costamtenopola e sua monarquya, que da parte da may bem sabemos todos que vem dos Guodos. E asy como estes primçypes acresçemtarão seus estados, ho fezerão nas vertudes, justiças e bons costumes, como alguma pequena parte pode ver quem suas coronicas quiser ler, que segundo os cronitas afirmão, o mais ficou por dizer; e asy deve ser, porque os feytos dos Portugueses são tais e tão gramdes que sempre faltara mais quem os (330) (digua que delles se escreva) ouze a escrever, que deles que dezer, e por iso se não atreve nimguem a o [89] fazer.

Deixando ysto, pois e imfinito, diguo que imdo asy por soçesores e decemdemtes destes reis, primcipes tão claros e exçelemtes, veo o deçimo primeiro, / / por nome Dom João, de Boa Memoria, que [21 r.]
mereçeo bem a tal coroa.

Começou a reynar, na era de Cezar, de mil e quatro semtos vimta tres annos, semdo de ydade de vimta sete. Foy ho que mudou a esta era a de christãos (331) e, alem doutros muytos e omrados feytos, quue (sic) tomou a muy nobre e gramde çidade de Ceuta, no reino de Fez, que era huma das milhores do Mundo, em tudo e por tudo chave da christandade.

---

(329) Assim está escrito, parecendo-nos que deve tratar-se do nome próprio Carcamo.

(330) Nesta passagem nota-se uma chamada para uma correcção, que se encontra escrita à margem, com a mesma letra do texto: «que sempre faltara mais quem os digua que delles. se escreva».

(331) D. João I, em 1422, ordenou a adopção da era de Cristo, em vez da de César.

89 — ao.

Foy o primeiro que com braço armado passou naquella parte, despois da vimda da nossa salvação, avendo setecemtos e setemta e tamtos anos que Espanha era de Mouros, da qual vitoria se devia mais lembrar de celebrar que nenhuma outra de Portugall, por hevitar discordia, zizania, e ser causa, esta empresa, de tomar espada (?) e deitar totalmente os mouros da Europa, e termos, a christandade, tanta parte em Africa ([332]). *Prazera* a Deos e a Nossa Senhora que por aquy, como eles dizem, se guanharara todo este senhorio.

Foy casado com a imfamta Dona Filipe de Vilhena, do duque de Alemcastro [90] de Imglaterra, de que ouve muytos e virtuosos filhos, castos, onestos, tememtes a Deos, de vivos emgenhos, dotados de symgulares vertudes.

O que socedeo, por ser mais velho, se chamou Dom Duarte. *Começou* a reinar na era de Noso Senhor, de mill quatro cemtos trynta tres annos, semdo de ydade de coremta e dous. *Reinou* ([333]) pouquo, imda que foi vertuoso, sem muytos trabalhos [91]; nom mais de cimquo annos, desejamdo sempre fazer guerra aos mouros. *Foy* casado com a imfamta Dona Lyonor, filha del rey Dom Fernamdo de que ouve dous filhos machos Dom Afonso e Dom Fernando; seu quimto irmão se chamou Dom Amrryque; foy duque de Viseu, e de Christãos Mestre ([334]); não era casado e viveo casto. *Por* sua imdustria he saber descobrio e nos deo a emtemder o que tamto tempo avya que estava emcuberto; começamdo na ilha da Madeira e Porto Samto ([335]), nos foy de pouquo em pouquo, lumiamdo ate Serra

---

([332]) À margem lêem-se as seguintes palavras do texto: «a cristandade tanta parte»...

([333]) Na entrelinha este vocábulo está corrigido por «guovernou».

([334]) É o que nos parece estar escrito. Esta folha é de leitura difícil.

([335]) Palavras escritas à margem: «Na era de 402. E a primeira cousa foy o Porto Santo e a ilha da Madeira».

90 — dalemcastro; 91 — no.

Lyoa, e os que despois deçemderão asy ho fezerão, domde os reis de Castela seguirão esta empresa, que ate guora dura.

Ho filho de Dom Duarte, que socedeo no reyno, se chamou Dom Afomço, ho quimmto; tomou o setro, da era de mill quatro centos he trimta oyto, semdo de ydade de seis ou sete anos.

Foy o primeiro que nestes reynos se chamou primcipe e remidor dos cativos, por ordenar para eles pedidos. *Em* seu tempo se descobrio ate alem da Mina, e tomou aos Mouros Alcacyre, Tamjere e Arzila, e por força, e justamemte com pretemder guerra com Castela, deixou de alarguar mais sua terra. *Foy* tão liberal que a Alexamdre se fez hegual.

Casou com huma filha do Imfamte Dom Pedro, seu tio, que se chamou Dona Isabel. *Este* lhe socedeo na era de 14. *Foy* primcipe altivo e bom e zelo grande e pemçamemto. Fyco so ([336]) no campo na batalha de Touro. *Este* descobrio, por costa, ate alem do cabo de Boa Esperamça. *Fez* o castelo de Myna e mamdava por mar e terra descobrir a Imdia e buscar outro novo Mumdo, mas a morte atelhou a tudo.

Casou com Dona Leonor, filha do Imfamte Dom Fernamdo, seu tio, de que ouve primcipe Dom Afomço, que faleçeo em Samtarem, do cavalo, por omde ficou sem erdeiro, e lhe soçedeo Dom Manoell, seu primo e cunhado, deste nome ho primeiro, fylho do Imfamte Dom Fernamdo. *Começou* a reinar na era de 595.

Foy primcipe muy humano, catolico e vertuoso, escolhido por Deos como David amtre todolos os seus irmãos, pois trouxe o nome comsyguo, porque despois que reynou, sempre foy de bem em milhor, ao Reino, acrecemtamdo muyto seu estado, sendo ao serviço de Nossa senhora e seu filho muy imcrinado, como se ve polo fruyto que fez na *Guine* e os judeus christãos em seu senhorio; e por todo o Mumdo eyxaltou muito o nome de Christo.

([336]) Outra passagem de leitura difícil, devido à tinta que trespassou dum lado para o outro da folha.

Mamdou descobrir a Imdya e em Africa tomar a çidade de Azamor e Safim e fez outros gramdes e ecelemtes feitos que numqua terão fim. *Casou* tres vezes: duas com filhas del rey Dom Fernãodo de Castela, o quarto; e a terceira, com huma sua neta, das quaes ouve
[21 v.] muitos esclareçidos e virtuosos primçipes. //

Este muito vertuoso e catoliquo senhor, como he ja dito, mamdou descobrir a Imdia na era de 1497; hum sabado, oyto dias de Julho, partio por capitão mor da armada Vasquo da Gama e com ele Paulo da Guama, capitão do navio; Nycolao Coelho, doutro; e Guomçalo Guomez, criado do capitão mor, hya em outro; que fazião, em soma, quatro e hia outro irmão menor, que se chamava Ayres de Guama ([337]).

Como de Portugual sairão, primeira terra que tomarão foy o Cabo Verde. *Correrão* a costa ate aver vista da Terra do Reis, que são coremta leguoas aquem re [92] do cabo da Boa Esperamça, e o outro dia fezerão nele aguoada; e, dobrado, nom se apartamdo da costa, forão ter a aguoada de São Bras, que esta em altura de trimta graos, omde puzerão padrão de pedra com huma cruz nela e queimarão a nao em que hia por capitão Gomçalo Guomez, em que levava mamtimemtos, e recolherão-nos com a gemte as outras.

Dahi forão a hum ryo que puserão nome de Boa Paaz, pola acharem na jemte da terra. Esta em vimta cymquo graos larguos; e dahi forão ter a outro, a que chamão dos Bons Synaes, por verem ja algumas cousas da Imdia. *Esta* em dezasete graos ([338]); e dahi forão a Quyloa, que esta em nove, omde lhe mamdou dar el rey dela hum piloto mouro, que os levou a Mombaça e a Melimde, domde travesarão a Qualecu; carregados os navios especiaria, (sic) se tornarão, e

([337]) Ao fundo desta página lê-se o seguinte: «e muitos e suntuosos templos e obras pias, como e o espital de Lisboa e a casa de Bellem e muitas outras que no Reino tem».

([338]) Para ser intercalada neste ponto do texto, encontra-se escrita à margem: «dallturas».

92 — aqu redo.

no caminho faleçeo Paulo da Guama, em que poserão vimta tres meses.

Chegou Vasquo da Gama a Lisboa na era de 499, e na de mil quinhemtos, partio Pedro Alvarez Cabral, a vimte de Março, com treze naos, das quaes sosobrarão seis.

Descobrio a terra do Brazill; tornou a mamdar a Portuguall hum dos navios com nova do que achara, e com as outras seis chegou a Imdia e achou Qualecu alevamtado. *Foy* a Cochim fazer pazes com el rey dele.

Na era de mill e quinhemtos e um partio João da Nova a çimquo de Março, alcaide de Lisboa ([339]), por capitão de quatro naos; pasarão por as Canararias, sem vista doutra terra. *Descobrirão* huma ilha, a que puserão nome de Conceição; dahy foy ter a aguoada de São Bras, havia cemto trimta tres dias que de Lisboa saira; dahy a Moçambique, omde fez paaz com o senhor dele, e dahy a Quiloa, com recado de Pedro Alvarez ([340]), que era pasado na era de mill e quinhemtos e dous.

A dez dias de Fevereiro tornou ha Imdia Dom Vasquo da Guama, ja almirante, com vimte duas naos, e acabou de asemtar pazes com el rey de Cochim e com outros senhores e, nom estamdo la muyto, se tornou; e na de mil quinhemtos e tres foy Afomço de Albuquerque a guardar costa de Ormuz, cabo de Rosalguate.

Na de mil quinhemtos e quatro foy Lopo Soarez por capitão mor de doze naos, que tornou a Lisboa todas jumtas num dia. *Na* era de mill quinhemtos he çimquo partio por viso rey da Imdia Dom Framcisquo de Almeida. *Este* foy o primeiro que la fiquou de asemto e acabou comfirmamdo as pazes com os reis, com que os outros capitães tomarão amizades, e fez outros muitos he omrrados feytos, desbaratamdo os reinos, na era de mill quinhemtos e oito, em Dabul e Dio, por lhe terem morto Dom Louremço, seu filho, na qual armada levou dezoito velas.

([339]) As palavras «alcaide de Lisboa» também se encontram escritas à margem.

([340]) À margem lê-se o seguinte: «omde achou recado de Pedro Alvarez»...

Na era de mill e quinhemtos e nove foy o marechal entreguar a Imdia a Afomço de Albuquerque, e neste mesmo ano partio para Portugal. *E* no cabo de Boa Esperança ([341]) foy desbaratado e morto com çimquoemta e tres fydalguos e cavaleiros e outra muyta jemte, semdo os da terra outros tamtos homens nus, que não tem outras armas senão paos tostados e varas. *E* os que aqui falecerão erão cavaleiros que em Africa e na Imdia fezerão muytos e homrados feitos, por omde todos devem de tomar emxempros, que não pelejão

[22 r.] nem vemçem os homens senão Deos por eles ([342]). / /

Partido ho viso rey Dom Francisquo, ficou por guovernador Afonço de Albuquerque, que tomou as milhores cousas daquelas partes ([343]), que he Hurmuz ([344]), Guoa, Malaqua, na era de mill quinhemtos e omze; he na de doze mamdou ([345]) a Bamda, e por capitão hum Amtonyo de Abreu, com duas naos e huma caravela; e em Bamda cheguados, comprarão hum jumquo em que tornavão por capitão huma peçoa ([346]) homrada, que se chamava Francisquo Sarrão, e abrio no camynho, e por salvarem as vidas, emcalharão nos baixos de Lucipino, que estão em çimquo graos e dous terços da parte do Sul, a vimte çimquo ou trimta leguoas a loeste de Bamda, he tem algumas ilhetas despovoadas, sem aguoa, e por mimguoa dela e esterlidade da terra estavão aem nenhum remedio, cando ([347]) lhe diserão os seus marinheiros, que erão mouros, que com aqueles tempos acodião aos baixos cosairos piratas, a que eles chamão

---

([341]) Outra palavra escrita à margem: «D. Francisquo».

([342]) No fim desta página, e à margem, lê-se: «de que todos»; e ao fundo: «na aguada de sardanha».

([343]) Nesta passagem existe outra redacção escrita com letra diferente: «Ficão Afonso dAlbuquerque na guobernaça, tomou as milhores cidades da India». E à margem foi ainda corrigida a expressão, «as milhores cidades» *por* «as milhores cousas».

([344]) Corrigido à margem por: «a cidade dOrmuz».

([345]) Outra correcção à margem: «mandou descobrir a Bamda».

([346]) Ainda outra correcção também à margem: «cavalleiro» *por* «huma peçoa».

([347]) O vocábulo «cando», *i. é.*, «quando», encontra-se escrito à margem.

saletes ([348]) e bayus ([349]), ha roubar e cativar os que se hay perdião; e não tardarão muyto que os não virão e deitarão-se hos Portugueses em cilada, e os cosairos sairão em terra, com pouquo recado e muyto destraido.

Foy sua armada dos Portugueses tomada he eles mesmos se derão a partido, dizemdo que hos porião em Amboino, como de feito fezerão, num luguar que se chama Rucetelo.

Foy sabido dos reis de Maluquo como aly estavão aquelas gemtes, he que erão nove framgues. *Mamdou* el rey Boleife de Ternate por eles nove coraquoras e hum seu irmão por capitão, que se chamava Culliba, e el rey Almamçor de Tidore mamdou sete. *Mas* quamdo cheguarão, eram partidos com hos Ternates.

Estes forão os primeiros espanhoys ([350]) que aquelas ilhas aportarão, omde lhe foy feito muyta omra e guasalhado, e eles asy com el rey de Ternate estamdo, cheguou hum jumquo de Portugueses em que hya por capitão Alvaro do Cocho e pilloto Luis Cotim, e foy o primeiro que de Maluco levarão para Portugall padrão e por eles escreveo a el rey Dom Manuell Framcisco Sarrão e mamdou alguns de sua companhia por emburulhadas e revoltas que ja amtre eles avia.

El rey remeteo a Lopo Soares, que a Imdia guovernava, qual (sic) mamdou Dom Tristão de Meneses numa caravela. *Chegou* a Maluquo na era de mil e quinhemtos e dezanove; e na de vimte, primeiro dia de Abril, partio de Bachão, com çimquo jumcos, e tres arribarão. *E vemdo-se* Dom Tristão sem eles em Bamda, tornou em sua busqua: huma estava em Bachão, com dez ou doze portugueses; Framcisquo Sarrão, que hia em outro, em Talamguame, que e porto

---

([348]) Este termo aparece escrito sob várias formas: *Salete*, *Celete* e *Celate*, com o significado de corsário e pescador.

([349]) *Bayu*, ou *baju*, significa certa peça de vestuário, propriamente. Com o significado de corsário é a primeira vez que aparece em documentos por nós estudados.

([350]) Passagem irónica, segundo cremos, visto que os Espanhóis pretendiam para si a prioridade na descoberta das Molucas.

na ilha de Ternate, omde Dom Tristão mamdou por caravella a momte.

Estamdo-se corregemdo veo carta de Simão Correa, que em Bachão estava, em que dizia que os foçem socorrer, que os Mouros os queriam matar.

Dom Tristão deu presa em mastear e aperçeber a caravela, para hir nela. *El rey* de Ternate lhe dise que mamdava polos Portugueses, qué os de Bachão se queixavão que fazião muytas sem rezões e agravos, que escrevece que se embarcasem nas suas coracoras e a fazemda, e ele tomava sobre sua cabeça. *Framcisquo* Sarrão era da mesma opinyão ([351]), por saber quão desmamdados são os Portugueses nestas partes.

Mas Dom Tristão prestes foy sorgir sobre Bachão. *Os* portugueses que la estavão vierão ver, dizemdo que tudo pasado era nada; de que ele se queixou, por fazerem la yr de balde.

El rey de Bachão mamdou hum fidalguo seu a Dom Tristão fazer coixume dos framgues: que olhase a pena que lhe dava. *Quamdo* o mamdarĩ vio que lhe não fazia nada, tornou-se com a reposta que era: que dizião da caravela que lhe emtreguasem sertos mouros que fogirão do junco, estavão em terra, senão que sairião e a destruirião--na toda.

El rey tornou com reposta, que ja de Ternate tinha aquela nova, que não queria com eles nada, mas a sua jemte amdava muy agravada ([352]), por nom ver dar castiguo aos portugueses de seus males; que não sabia o que dali soçederia, e por iso pedia que fose juiz damtam ambas as partes, e castiguase a quem o mereçese.

Tornarão e reposta que saerião e pousarião na mesquita e verião se os deitavão dahi fora, e os portugueses que estavão em terra se começarão armar, para que, como os outros saisem, os viesem ajudar. *Mas* os Mouros não derão ese vaguar, porque todos matarão, senão so hum que escapou a nado.

([351]) Corrigido à margem para: «e asi dizda Francisquo Serrão»...

([352]) Correcção à margem: «... que não queria com eles nenhuma cousa, mas a sua jemte amdava muy alvarasada e agra...».

Recolheo Dom Tristão e fez-se a vela por nom ver tempo de // [22 v.]
sair em terra, e dahi se foy a Bamda por o vemto ser contrairo.

Semdo Framçisquo Sarrão sabedor de quão mal socedera, faleceo de paixão mesturada com alguma doemça; nem el rey Boleife de Ternate durou muito traz dele.

Tornado Dom Tristão a Amboino, carregou de cravo, se foy a Malaqua e achou Amtonio de Brito nela, que hia para Maluquo fazer a fortaleza (353).

A causa era esta:

Neste tempo, em Portuguall, hum cavaleiro, que se chamava Fernão de Magualhães, se dezaveo dell rey (354) sobre sertas cousas que pedia a el rey, e alguns dizem que a primcypal era moradia, e pasou-se a Castela para Emperador Carlos, que aguora reyna. *Ho* qual fez huma armada e o mamdou a Maluquo por capitão mor.

Partio na era de mill e quinhemtos e dezanove (355), a vimte dias do mes de Setembro, de São Luquas de Barrameda, com çimquo naos a demamdar as Canarias, *Dia* de São Miguell, que erão vimta nove do mes, forão nelas, e estiverão quatro ou cimquo dias; e dahi forão na volta do Brazill e tomarão refresquo no Ryo de Janeiro, que esta em vimta tres graos, e costeamdo a costa ate ho Ryo da Prata, omde esteverão a dous dias de Fevereiro da era de mill e quinhemtos e vimte, e dahi fezerão sua viajem, imdo sempre ao lomguo da terra,

(353) Neste ponto, à margem e no intervalo èm branco lê-se o seguinte: «E ell que tinha mandado recado a Indea a ell-rei de Portugall pera dar em sua terra fortaleza, os mais dos quais erom capitaẽs estes castelhanos: Luis de Mendonça, João de Carcasena, era sotocapitão, e Guaspar de Quelada (?); e ell-rei de Tydor queria que a fortaleza estivese em sua ilha hou fezesem em Maquiem pera saber quem era milhor servidor del rei de Portugal».

(354) As palavras «dell rei» estão escritas à margem.

(355) Neste ponto e à margem encontram-se escritas as seguintes palavras: «dese mes a 10 de Agosto». Como se sabe a armada de Fernão de Magalhães partiu de Sevilha a 10 de Agosto de 1519; e fez-se ao largo, saindo a 20 de Setembro do mesmo ano, do pequeno porto da vila de San Lucar de Marrameda.

palpamdo toda bahia, rio e porto e emseada ([356]), por ver se achavão por omde pasasem a outra parte: no qual camynho houve amtre eles gramdes dezavemças, e discordias ([357]) e se lhe levamtarão tres naos e com hasas trabalho chegou hum cabo que esta em cimquoemta e dous graos, ha vimta hum do mes de Outubro, a que poserão nome das Virgens, polo verem em dia de Santa Husula ([358]) e avamte desta altura, tres ou quatro leguoas, acharão ha boqua do estreito ([359]) por omde pasarão. *Era* de cem leguoas em comprido, corre-se de leste hoeste e da outra parte nom levava ja mais, Fernão de Magualhães, de tres naos, porque huma se perdeo e outra fogyo.

Correrão çimquo meses ou seis a loes noroeste, sempre vemto popa, e acharão huma ilha em dezanove graos e outra em quatorze e a outra em treze; e asy correrão ate a lynha. *Pasarão* da parte do norte, ate se porem em doze, treze graos, imdo guovernamdo a loeste. *Seis* ou sete dias do mes de Março de quinhemtos e vimte hum tomarão humas ilhas muyto povoadas; na mesma volta, forão ter a Mindanao e dahi a humas ilhas que dizem Matão; e sobre um luguar que chamão Nata, omde Magualhães sayo em terra, foy morto com çimquoemta ou sesemta homens, a vimte sete dias de Abril; e fizerão os Castelhanos dous capitães mores: hum era Duarte Barbosa, portugues; e o outro, castelhano ([360]).

Estes sairão em terra, ha hum comvite, e matarão-nos, com vimte çimquo ou trimta homẽs. *E* estes mortos, levamtarão ho Carvalhinho, que era piloto, por governador; e o meirinho-mor da armada, que se chamava Guomçalo Guomez de Espinosa, capitão doutra nao. Comtarão gemte que tinhão, e acharão çemto oyto homens, amtre feridos e doemtes. *Por* nom se treverem naveguar as tres naos,

---

([356]) As palavras «e enseada» estão escritas à margem.

([357]) O termo «discordias» vê-se aí corrigido para «revoltas».

([358]) Outra correcção para: «seu dia».

([359]) Também à margem encontra-se a seguinte nota, escrita com letra diferente da do texto: «que se entetulou de nome Magualhães».

([360]) João Serrão.

queymarão huuma (sic). *Com* asas trabalhos e desavemtura forão ter a Maluquo, a oyto dias do mes de Novembro, era de mill e quinhemtos vimta hum ([361]).

Sorgyrão em Tidore, reçeberão muyto bom guazalhado del rey dele e semtarão os preços do cravo caro, porque foy como os da terra quyserão; que hum portugues que ahi estava, quamdo se vio com eles, lhes dise ho emguano que receberão, e aqui carreguarão as naos de cravo.

Estamdo para partir, abrio a capitayna huma aguoa, e mamdarão ([362]) em outra nao, que partio vimte dous dias do mes de Dezembro, era de mill e quinhemtos vimte hum.

Foy a Buro tomar mamtimemtos e dahi a Timor e ao cabo de Boa Esperamça se foy ([363]) para Sevilha; e a outra descarregou e derão querena, e nisto faleçeo Carvalhinho que era piloto dela; com mestre e piloto se fizerão a vela e forão demamdar a Nova Espanha. *Partirão* a dezaseys de Abrill, e nom poderão tomar terra e forão a norte comtra China ([364]), ate coremta e dous graos, segumdo dizem, se vão mill e quinhemtas leguoas de Maluquo; e aqui lhe faltarão mamtimemtos. *Tornarão* com mastos quebrados; era capitão dela Guomçalo Guomez de Espinosa. *E* destas naos deixarão em Tidore cimco castelhanos, para fazerem fazemda; e hum deles se foy a Bamda ([365]). / / [23 r.]

El rey Dom Manuell, por saber isto, mamdou Jorge de Brito, na era de mill e quinhemtos e vimte, fazer fortaleza de Maluco. *Seu* irmão, Amtonyo de Brito, mais moço, por alcayde mor e soçesor

---

([361]) Com letra diferente foi escrito à margem: «houtro conta isto por outra maneira. mas não muito desviada».

([362]) Subentende-se *o cravo*.

([363]) Corrigido à margem para: «se pasou para Sevilha».

([364]) Outra correcção à margem: «fazemdo mais do tempo ha China».

([365]) Ao fundo desta folha lê-se a seguinte nota, escrita com letra diferente e que continua no alto da folha seguinte: «indo ao nordeste e o mais dos dias numa volta hora na outra, sem gente honde lhe servia, e acharão la Antonio de Bryto que hos tomou, como se dira ao diante. E esta nao fez fim junto de Ternate, numa calheta».

dele. *Qual* Jorge de Brito partio de Cochim na era de mill e quinhemtos vimte hum.

Em Dachem o matarão e soçedeo seu irmão, como era ordenado; no mesmo tempo, anno he era e do mes de Dezembro, faleçeo o bom rey Dom Manuell, que samta gloria aja, e ficou por erdeiro seu filho Dom Johão, deste nome o terçeyro.

Tomou o governo, semdo mamçebo de ydade de dezanove anos, não sem trabalhos que, alem deste que estava começado, soçederão outros muytos pelo mumdo, temdo dyferemças e guerras com hos mores monarquas de que he o emperador Carlos ([366]) ([367]) e Framcysquo rey de Framça e soltão Soleimão, senhor de Torquia, e Tamahaz Pachar da Persya, Sultão Badur da Imdia e o Grão Cão, todo pairou e comservou com muyto syso e prudemçya, não como quem emtrava no Mumdo, mas como aquelle que sabia dele ho todo; asy regeo e menistrou seu povo, com muyta justiça concordia e aseseguo, tomamdo por primcipal guya, e que nos Deos tamto emcomemda, que he a paz na terra, a qual ele asemtou em toda ela, em tempo de tamtos males, guerras e deferemças, como ha na cristandade, mourama, e todo o ambito da redomdesa, que parese cousa para ho tempo milagrosamente feita.

Foi o primeiro que mamdou trazer samta imquysysão, e fez vir todos os estudantes ao reino que, alem de ser tão vertuosa obra, he muy proveitosa, pela gramde camtidade do dinhei (sic), que se guastava fora; e com isto cria os fylhos dos fidalguos, com tamto amor, boms costumes he emsynos, como seus proprios fylhos, temdo-os a mesa e zombamdo com elles e damdo-lhe da sua mesma fruyta, mamdamdo-lhe varrer e aguoar o terreiro e campo em que cavallo am-de pasar, folguamdo e guazalhamdo, emparamdo todos seus irmãos, damdo a huma irmã, pola ver omradamemte casada, ho dobro do que dera ha huma so fylha prima jenyta, qual nem he de

([366]) Vid. f. seguinte.

([367]) Outra correcção à margem: «Carlos dAllmanha».

menos e exceles (sic) vertudes dotada, que suas amtepasadas ([368]), porque quem quesese falar nas claras perfeições, costumes, samtidade e virtuosas vidas das primcesas e rainhas de Portuguall seria querer vazar o mar; pois sabemos que em vidas fezerão muitos ([369]) milagres e por suas mortes muitos mais milhares.

Huma cousa me pareçe que nome de calar, que muitas vezes Amtonio Gualvão ouvi comtar, que achamdo-se numa // tromemta ([370]) [23 v.] com duas naos abalrroadas no guolfão de Ceilão, omde se ja nom esperava nenhuma salvação; somemtes chamar por Deos e Nosa Senhora, com toda sua companhia, como nos taes quasos seo costume; recordando-se da raynha Dona Maria, molher del rey Dom Manoell, que esta em gloria, se emcomemdou com muyta devação a ela e loguo, emproviso, foy desbalroado e salvo de tão grão peri-

---

([368]) No alto desta folha encontra-se riscada uma parte do texto, e que damos em nota:

«El rey Dom Manoell, por saber isto, mamdou Jorge de Brito, na era de mill e quinhemtos e vimte, fazer fortaleza de Maluquo, seu irmão, Antonyo de Brito, mais moço, por alcaide mor e soçesor dele. *Qual* Jorge de Brito partio de Cochim na era de mill e quinhemtos e vimte hum em ho mes de Dezembro.

«*Em* Dachem o matarão e socedeo seu irmão, como era ordenado. No mesmo tempo ano e era faleçeo o bom rey Dom Manoell, que santa gloria aja, e fycou por erdeiro seu filho Dom Johão, deste nome ho terceiro. Tomou ho governo sendo mamcebo de ydade de dezanove anos, não sem trabalhos que, alem deste que estava começado, socederão outros muytos polo mundo, temdo deferenças e gerras com os mores monarquas de que he o Emperador Carlos e Francisquo de França e Sultam Soleimam, senhor de Torquia e Tamahaz Pachar da Persia, Sultão Badur da India e o Gram Cam da China. Todo pairou e conservou com muito siso e prudemcia, nam como emtrava no mumdo, mas como aquele que sabia delle o todo. Asi regeo seu povo com muita justiça e bom conselho, agasalhando e emcaminhando todos seus irmãos, dando a huma irmã, polla ver omradamente casada, o dobro de que deu a huma so filha prima genita, a qual não he de menos escellentes vertudes dotada que a tia...».

([369]) A palavra «muitos» está escrita à margem, com a mesma letra do texto.

([370]) No alto desta folha, escrito com letra diferente lê-se o seguinte:

«Reinava Ati, filho de Boleife, moço. No seu tempo se fez a fortaleza e guovernava por ele a terra Cachil Daroez, seu tio».

guo ([371]); polo que tomou nela tamanha devação, que dezia que em todas as cousas a tomava por avoguada e valedora ([372]), como foy em huma doemça que teve em Malaqua, e na batalha que deu aos reys de Maluquo e em todas as outras cousas em que se achava em periguo; verdadeiramente hele a tinha por samta ([373]). *Na* prezemte nom falo nada, porque, por suas quatholiquas e virtuosas hobras no seo e na terra he desejada.

Imdo asy Amtonyo de Brito seu caminho, chegou a Bamda, domde levou o castelhano que fiquara com os simquo para fazer la fazemda; e dy se foy a Maluco e Bachão, por vinguar a morte dos Portugueses; pelejou com eles e cheguamdo a Ternate, que foy na era de mille quinhemtos e vimte e dous, a treze de Mayo, loguo em Junho, ho dya de São Johão, comesou fazer a fortaleza, a qual pos nome São Johão de Ternate, asy que ja foy feita em tempo del rey Dom Johão o terceiro.

Tem a serqua, em vão, vimte seis ou sete braças; e de parede, huma; e a torre, cymquo, que são quoremta palmos, e de dous sobrados; e o vão da casa, seis braças. *A* parede, huma para terra, esta boa, imda que não perdera por mais llargua e allta, e muy serqua qua de Malaqua ([374]).

Este meo tempo ([375]) mamdou Amtonyo de Brito hum jumquo, em que hyão os castelhanos, e perdeo-se na ilha de Burro; e dahy se tornarão na champana para Maluquo, em 15 ou 16 do mes ([376]); e amtes que cheguasem, forão tomados pelos de Bachão, muyto feridos, os levarão a el rey; fe-los curar ([377]) e mamdou-os ao capitão,

---

([371]) A frase «foy desabalroado e salvo de tão grão periguo» é correcção à margem de «foy balroado por sua imterçasão e ajuda de Jhu Christo», que se encontra no texto riscada. Segue-se mais uma nota que não conseguimos ler.

([372]) O adjectivo «valedora» está escrito na entrelinha.

([373]) Leitura hipotética: «verdadeiramente hele ha tinha por samta».

([374]) Neste ponto lê-se escrito na entrelinha: «asentou o cravo».

([375]) À margem, esta variante: «E dizem que neste meo tempo...».

([376]) As palavras *em 15 ou 16 do mes* vêem-se na entrelinha.

([377]) Mais palavras na entrelinha, mas ilegíveis.

polo que semtarão pases e amizades ([378]); mas dahi a pouquo tempo, sabemdo Amtonyo de Brito que vinhão jumquos de Bamda ou desas partes, a fazer cravo, mamdou huma fusta comtra eles, com vimte tamtos homens, e deu em Tidore a costa, e matarão-lhe desaseis ou desasete deles, pola qual quausa se começou guerra com D. Tydore, que durou todo tempo de Amtonyo de Brito ([379]); ho qual se vio tão aguastado duma limguoa, que não avia mais naquela terra quem soubese falar dela; e asy desguostoso dos outros portugueses e dos trabalhos que tinha na terra com eles que mamdou pedir capitão ha Imdia e mamdarão-lhe Dom Graçya ([380]).

Dom Graçya ([381]) Amrriques cheguado que dizem que foy na era de mill quinhemtos vimte quatro em Setembro ([382]), emtreguou Amtonyo de Brito a fortaleza e não sem amtre eles, por amor dos portugueses, mexeriquos que ouve amtre eles, aver deferemças fyquamdo asy de guerra com Tidore, asemtou pases, com comdyção que lhe emtreguase artelharia. *E* nom durou muyto, porque el rey Almaçor faleçido, os fidalgos nom quiserão comprir pauto ([383]).

E na era de mill quinhemtos vimta çimquo partio outra armada, mamdada pelo Emperador Carlos de Castela, do porto e vila de Acunha, em que hya por capitão Frei Graçya de Loays, comemdador

---

([378]) Esta passagem encontra-se à margem corrigida para: «por omde ficarão amiguos».

([379]) Outra nota à margem: «ho quall se houve bem nella».

([380]) À margem e no fundo desta folha lêem-se as seguintes notas escritas com letra diferente da do texto: «E asentou o cravo a duzemtos reis ho bar». «E o capitão Anryque de Figueiredo 1.° morto com houtros muitos ferydos em os navios que forão no tempo de Antonio de Brito». «E cortarão as cabeças a dezaseis ou 17 deles».

([381]) No espaço da folha, antes de continuar o texto, lêem-se nas notas escritas com a mesma letra:

«Alevantarão por rey hum seu fylho menyno, que aguora reina»; «da guerra»; «por mãodado do guovernador».

([382]) As palavras «em Setembro» estão à margem.

([383]) Nesta passagem foram riscadas as seguintes palavras: «e tornarão como estavão». E à margem, com letra do texto: «pelo que foy Dom Graçya com poder del rey de Ternate e outras ajudas sobre eles e os venceo e destrono».

da Ordem de São Johão. *Levava* quatro naos e dous gualeões he hum patas bisquainho de remo. *Diz* que hião nestas velas quatro çemtos e çimquoemta e sete homens de armas.

Forão ter a boqua do estreito de Magualhães e dahy arrybarão dous a Castela e outro se perdeo na emtrada; e quamdo forão da outra parte nom avya mais que a nao capitanya e os dous gualeões e o pataz. *Deu-lhe* hum temporal, que se apartarão huma das outras: o pataz foy ter a Nova Espanha, e hum dos guallioes se perdeo jumto de Maluquo, na ilha de São Gym, e o outro numqua se mais soube.

Ha capitanya foy a Mindanao e dahy a Samafo, que he uma çidade da Batachina do Moro, e dahi a Tidore, o primeiro dia de Janeiro de quinhemtos vimte sete ([384]), com çemto e dezasete homẽs, na era de mill quinhemtos vimta seis ([385]).

[24 r.] *Dizem* que mamdou emperador / / outra armada de Castela, de que era capitão e piloto Sabastião Guaboto. *Não* sey omde foi ter nem no acho vivo nem morto, por iso se nom faz dele aqui descomto.

Na era de mill e quinhemtos vimte sete partio de Nova Espanha huma armada ([386]), e por capitão Alvaro de Says Vedra Cerrão. *Dia* de Todolos Samtos se fezerão a vela da parte do sull do porto São Christovão [93], doze leguoas de Saquatula, com dous navios he hum gualeão pequeno; trazião cem homẽs.

Em sesemta dyas cheguarão as ilhas dos Ladrões, que podem estar de Maluquo duzemtas e cimquemta leguoas, pouquo mays ou menos. *E* desta companhia desaparecerão dous navios, de que numqua mays soube parte; e a capitaina ([387]) foy ter a Mindanao, e day a

---

([384]) Na margem da folha está escrito com letra diferente da do texto: «A 24 de Junho, festa de S. Tiaguo da cremsa». (?)

([385]) Ao fundo desta folha com a mesma letra diferente da do texto lê-se: «E Dom Guarcya meteo a nao no fumdo, em que lhe ferirão, alguns homens; isto no porto de Tidore».

([386]) Esta passagem é correcção de: «uma armada, de que era capitão...».

([387]) Mais outra nota à margem com a mesma letra diferente: «esta acabou em Geilolo».

93 — xpovão.

Maluquo, com trimta homẽs; avomeçerão (?) muytas vezes a tornada a Nova Espanha, e numqua acharão tempo para ela, que foy quausa de acabarem todos estes navios, em Maluquo, terem guerra com os Portugueses, por se acostarem a el rey de Tidore, que tinha com eles, com ho de Ternate, em que ouverão muitos recomtros, em que Dom Graçya guanhou omrra ([388]) com estes trabalhos e socedimemtos.

Esteve sempre de guerra ([389]) e asy emtreguou a Dom Jorge de Meneses ([390]) a terra, e não sem revoltas e diferemças que ouve amtre eles, porque asy Portugueses como Mouros numqua outra cousa herdem nem deçem nesta ([391]) parte. *E* dizem que lhe não vay bem senão emquamto os capitães estão mal, porque fazem tudo ho que querem.

Dom Jorge de Meneses foy o primeiro capitão que fez o caminho por Borneo, que he muyto mais curtu que pola Jaoa, Bamda ([392]).

Ficamdo asy de guerra, mamdou huma gualeota fora, bem comcertada ([393]), e com a armada dos Ternates. *Sairão* a ela os Castelhanos ([394]) e Tidores, desbaratarão armada, tomarão a gualeota e senão sem muyta gemte ferida e morta, de que os Portugueses reçeberão gramde quebra.

Na era de mill quinhemtos vimte nove, sendo Dom Jorge sertefícado como mor parte dos Castelhanos e Tidores erão numa armada, fora, por se vinguar da perda reçebida, se fez prestes com soquorro

---

([388]) Na entrelinha, com letra diferente lê-se: «nom perdeo nada».

([389]) À margem e com a mesma letra do texto encontra-se escrito: «que a teve sempre com o de Ternate».

([390]) Outra nota à margem, neste ponto, mas com letra diferente: «em seu tempo forão tantos navios».

([391]) Correcção de: «naquella»...

([392]) Na entrelinha encontram-se escritas as seguintes palavras: «e veo por mandado do Guovernador».

([393]) A seguinte nota na entrelinha: «E por capitão della Fernão Baldaja, que era feitor».

([394]) Outra nota, mas à margem: «estes prenderão hos Portugueses despois do capitão deles».

que novamemte da Imdia lhe viera ([395]) e com poder del rey de Ternate e de Bachão e outros que tinha de sua parte, foy sobre Tydore ([396]) e o emtrou e desbaratou el rey dele e os Castelhanos ([397]), e asemtou com eles pazes com tal comdição que se fosem a Çamafo, que he no Moro çidade del rey de Tidore, omde esteverão, ate que tornarão os companheiros e Tidores, que erão fora, e todos jumtos se vierão a Geilolo, por ser mais perto; com hajuda del rey dele e favor de Tidore tornarão a guerra comtra fortaleza.

Neste tempo premdeo Dom Jorge a hum irmão del rey de Ternate, que se chamava Quachil Daroes; era peçoa muy estimada e guovernava a terra pelo Bayate, seu sobrinho, que era moço.

Foy Quachil Daroes daguolado, pelo averem por tredo e nom averia trimta ([398]) dias que isto soçedeo, quamdo cheguou Gomçalo
[24 v.] Pereira, que hia por capitão da fortaleza ([399]). / /

Na era de mill quinhemtos e trimta a vimte dous ([400]) de Dezembro, cheguou Gomçalo Pereira que foy por Borneo e o primeiro capitão que foy ymviado por el rey, que os outros forão providos pelos guovernadores ([401]). / /

([395]) Esta passagem foi corrigida para: «da Imdia lhe foy»...

([396]) Na entrelinha encontram-se as seguintes palavras: «em dia desaseis» e algumas palavras mais ilegíveis.

([397]) Nota à margem, com a mesma letra do texto: «e ouve-se esforçadamente».

([398]) Na entrelinha foi corrigido para 20.

([399]) Num espaço que se segue ao texto foi escrita a seguinte nota, com letra diferente: «E pos as caxas a meo real, que são 800 cruzados, que damtes valião 1200 e envernou nos Papuas, por se correr Maluco na ylha de Vesay».

Depois seguem-se mais as seguintes notas: «As naos que forão em tempo deste. Cheguou a Maluquo em mao (sic)...».

([400]) A data «a vimte dous de Dezembro» encontra-se escrita na entrelinha.

([401]) Esta parágrafo encontra-se repetido no texto, o que respeitamos, repetindo-se também a seguir.

No fim desta folha, lêem-se, escritas com letra diferente, as seguintes informações acrescentadas: «Morto Frey Garcia de Loes, chegou por capitão Martim Mendez de Quarquasena, e depois socedeo Fernão de la Torre.

«Foi a Tidore na era de 1539, a 27 de Outubro».

Na era de mill quinhemtos e trimta, a vimte dous de Dezembro, cheguou Gomçalo Pereira por Borneo, como de Dom Jorge por diamte todolos capitães fezerão, porque por Jaoa he Bamda e o caminho muy comprido, como he ja dito.

Este foy o primeiro capitão emviado a esta fortaleza por mamdado del rey e senhor dela ([402]).

Foy de Dom Jorge bem recebido; como aquela que sempre tem boas emtradas e ma saidas, como estava, nom se pasarom muytos dyas, que amtre eles nom ouve dicordias e dyferemças, pelos mexeriquos e maldades dos que estão nela, ho mamdou preso para a Imdia.

Ficamdo asy, Gomçalo Pereira, de guerra, trabalhou semtar a terra e fazer serviço ([403]) del rey, que ele desejava, queremdo para ele o cravo, que naquele tempo tinha pouca valia, por nom estar tam danado. *E* com tudo, nom poude levar ao cabo.

Tomou por remedio que paguase no terço, e este foi o primeiro que enventou este modo, de que os Portugueses e os Mouros lhe tomarão tão gramde odio que, dahy seis ou sete meses, ho matarão, asaquamdo-lhe todos os males que poderão, e quiserão deixar sem emterramemto; e a morte sua foy desta maneira ([404]):

Acostomarão, tanto que a fortaleza foy feita, terem ([405]) os reys demtro, como arrefens, emçarrados, por terem a terra mais segura, mas ysto a pos em mor avemtura, porque os reis e a fortaleza tinham dentro quem os servia e, allem destes, emtravão e sahiam os mouros, quada vez que crião ([406]), como os Portugueses, porque era forçado levar-se de comer a el rey e aos que com elle estavão e tudo o necesario.

([402]) À margem, com letra diferente, está escrita a seguinte nota: «que os dantes erão providos por hos guovernadores».

([403]) Correcção da seguinte redacção riscada: «fazer serviço del rey, que desejava»...

([404]) Neste ponto o texto passa a ser escrito com uma letra diferente.

([405]) Correcção de: «meterem os reys demtro»...

([406]) As palavras «quada vez que crião» estão escritas na entrelinha.

E estando Gomçallo Pereira dormimdo a sesta, emtrarão os da terra, como estava em costume, deixando ja a cousa concertada e detras muita jente em cillada, dentro da mesquita, que ay estava perto com o pe; toda a outra parte, darredor da cidade, com certos synays que os que estavão dentro na fortalleza avião de fazer, e aviam todos de acodir (407).

Como foram em cima, quiseram entrar com o capitam, e asi os que estavam na mesquita sairam a matar hum portugues que por ay pasava. *E* a esta revolta bradou huma moça e Gomçallo Pereira, não sabendo o que era, abrio a porta da camara, onde jazia, e com huma espada e huma adaga sahio a salla. *Mas* como os mouros estavão a par da porta (408), em sayindo, deram-lhe (409) quada hum sua crisada (410) e elle defendendo-se, acodiram os seus e o allcayde-mor e feitor (411) e outros com elle. *Os* quais mataram os mouros; e elles, alguns dos nossos; e asi o quiseram fazer a el rei Daiallo, e os que com elles estavão, mas Gomçallo Pereira não comsimtio, pera tirar emquiriçam de quem copillara aquella treiçam, porque a ay (sic) avia sospeita em omens omrrados, que não eram da ceita; mas morreo (412) logo das feridas que lhe deram, e allevãotarão por capitão a hum Vicente de Afonsequa e não sem muita revolta e manha, como se la em tudo costuma.

E daqui foy sempre de mal em pior a fortalleza e serviço de Deos e de Sua Alteza, porque nunqua se deu castigo aos grandes malles

(407) Embora se perceba o sentido, não deixa de ser confusa esta passagem.

(408) A expressão «a par da porta» foi corrigida à margem, com letra diferente, para «apercebidos».

(409) A frase «deram-lhe quada hum sua crisada» é também correcção de «deram-lhe quada hum huma crisada».

(410) *Crisada*, golpe de *cris*, típico punhal malaio.

(411) À margem encontra-se escrito o nome do feitor: *Lluis dAndrade*.

(412) Nota à margem: «foi morto a 27 dias de Maio, era de 1531, bespera do Espyryto Santo».

que se nella fazem ([413]). *E* por não terem mamtimento, alargarão a Daiallo ([414]), a troquo delle. *E* / / o tempo ([415]) andando, travaram guerra com el rey Daiallo, por dizerem que tinham delle algum escamdallo e o deitaram os Portugueses e Mouros da ilha e allevamtaram por rei seu irmão Tabarija ([416]), e elle pasou-se a Tidore e dahi a Geilolo, vivendo com este desgosto ([417]). [25 r.]

Na era de 533 chegou ([418]) Tristam de Tayde e tomou pose da fortalleza, emtregamdo-lha Vicemta de Afomsequa, de guerra; e por ter com elle alguma deferemça e se nam perder o bom costume da terra, o mandou preso a India.

E ficando asi Tristão de Taide, comesou-se a mostrar mui fero ([419]) por haverem medo; com ajuda dos Ternates e Tidores foy sobre Bacham e destruio, e dalli se veo a Jeillolo; com ajuda destes reis fez o mesmo e despoys, por alguns casos e mixiriquos que socederão, porque nunqua nestas partes malles faltam sobre o cravo, prendeo a el-rei Tabarija e sua may e o rejedor e outros e em feros os mamdou ao governador; e matarão hum homem omrrado que chamavão Ourobachella, a porta da fortalleza, que com medo da revolta se acolhia a ella.

E dizem que não forão estes malles e outros que se fezeram, sem ramo de cobiça e tirania, pollo qual se allevamtou de gerra toda a terra ([420]), o que nunqua ate aquelle tempo fora, porque sempre el rei

---

([413]) Neste ponto encontra-se uma nota escrita com letra difícil, que não conseguimos decifrar inteiramente: «Porque atequi sempre o cravo este em preso que o asentou (?) Antonio de Brito a duzentos reis ho bar na feitoria...».

([414]) A palavra *Daiallo* está escrita à margem.

([415]) No alto desta folha lê-se, escrito com letra diferente: «Hos navios que forão ao tempo destes dous capitães».

([416]) À margem: «Porque o capitão erão compadres».

([417]) Na entrelinha foi corrigido para: «por estar com desguosto»...

([418]) À margem parecem estar escritas as seguintes palavras: «Ate que este tempo».

([419]) Outra nota à margem: «por haverem medo».

([420]) Na entrelinha lê-se: «a mais brava que nunca teve».

de Ternate, que he mays poderoso ([421]) que todos os outros tres ([422]), foi em ajuda e favor dos portugueses e fortalleza; e Bachão e Jeiloullo, as mays das vezes. *Mas* neste alevantamento foy toda a terra asuada des nos (sic) Papuas ate Jaoa e por todo este arcipellago mandaram os reis de Malluquo pidir ajuda e socorro pera deitarem Tristão de Taide e os Portugueses fora, agravamdo-se todo o mundo delles ([423]).

Foy el rei Daiallo ([424]) pellos Mouros tornado a seu estado; e a primeira cousa que fizerão, queimarão a cidade de Ternate e da ilha a maior parte; pasarão-se a Tidoure, Maquiem, Bachão e Jeiloullo; e asi se puserão todos da fortalleza em contorno e outros se fizerão fortes na serra e começarão a fazer a mais crua e forte guerra de que nunqua se vio naquella terra, porque não ouve ilha que de sangue portugues não fose tinta, tomando hum bragantim em que mataram Baltesar Vogado, que era capitão delle, com todos os que levava; e alguns calalouses, matando, firindo e cativando muitos portugueses e escravos delles ([425]).

Foy a guerra e fome tam ateada que ([426]) mamdou Tristão de Tayde pidir socorro a India e Mallaqua, o qual lhe Dom Estevão
[25 v.] mandou ([427]). / / *E* como aparente, foy o milhor que pode.

E com elle chegado, Tristão de Tayde foy sobre Tidore, mas os Mouros sairam a pellejar com elles ao mar. *Vendo* elle seu poder,

---

([421]) Corrigido à margem para: «posante».

([422]) O numeral *tres* foi riscado e por cima parece estar escrito: «pretos».

([423]) À margem, uma nota de muito difícil leitura: «porque inda que os capitães pasados a tivesem sempre cousa de sua e de seus males e a fortaleza de Tidore basta deitar-lhe hum fyo preso (?) da madre, pera por ele no em que (?) tomarem muitas armas so das nosas».

([424]) Na entrelinha lê-se: «parente dell-rrei de Ternate».

([425]) À margem, entre as notas, vêem-se palavras riscadas.

([426]) Escrito na entrelinha: «que os mortos desta erão mais ditosos».

([427]) Texto no fundo desta folha que passa para a seguinte:

«Ytem. loguo fez huma tranqueyra que elles chamão fortaleza e asy já feita (?) e asi todos, ho milhor que poderão e começarão fretando huma nao as suas custas por nom terem que levar tanta gente e fato».

tornou-se a recolher e tornou a ir ao mar sobre Jeilolo, onde sairão os Portugueses e matarão hum delles e os fizerão embarquar com aguoa pollo pescoço ([428]), por onde os mouros tomarão tão grande orgulho e esforço, que ([429]) sayam cada dia a pellejar comnosquo ([430]).

Foi tam grande o aperto ([431]) em que nos puseram, que tornou Tristão de Taide a mandar pidir socorro, e ao tempo que chegarão a Mallaqua, estava ay Antonio Galvam mui doente e numa cama, com vomtade de se tornar pera Portugal, se lhe Deos dese saude, pollos malles que daquellas partes lhe contavão, ainda que, contudo, polla fortalleza lhe davão vinte e çinquo ou trinta mil cruzados; e aynda que não estava em a vemder, por quam mal soava, era mui çerta sua tornada, se a esta nova não chegara que Malluquo estava perdido ou o seria ja de todo.

Como isto soube, sem mais dilação, mandou carregar duas naos de mantimentos ([432]) com outras moniçöys necesaryas ([433]) e com a mais luzida gente que nunqua foy aquella parte, se meteo dentro, não lhe custando ysto, do seu, pouquo; e contra pareçer do capitam e de fidalgos e cavalleiros, que estavão na terra, que lhe diziam e requeriam que onde se hia a morrer. Sem estar mais em Mallaqua ([434]), se fez a vella, fretãodo huma nao as suas custas ([435]). / / [26 r.]

([428]) À margem lê-se: «mais que de paso».

([429]) Foram riscadas as seguintes palavras: «que não tinham os nossos...».

([430]) Corrigido para: «com nosos».

([431]) No texto lê-se «aperto e fome», mas esta última palavra foi riscada.

([432]) Sinal de chamada e à margem, onde se lê: «e com ysto e com periguos (?) e a qota haberta e barrete fora llevou...».

([433]) Outra chamada à margem, onde se lê: «e muitas armas».

([434]) As palavras «sem estar mais em Malaca» estão escritas à margem.

([435]) No fundo desta folha, e à margem, lê-se mais a seguinte nota: «E a sua hobriguasão levou a nao em que llevou muita gente e mantymentos sem pagua e fretes».

Ao fundo desta mesma folha, foram escritas mais as seguintes notas: «E case com a candea na mão, fretãodo huma nao as suas cuastas.

«E fizerom a guerra com tal pauto e condição que não podendo deitar hos

Chegou Amtonio Guallvão a Maluco, que foy na era de mill quinhemtos e trinta e seis, a vimta seis de Outubro; e achou a fortaleza peor do que dizião dela, porque hum alqueire de arroz valia çimquo, seis cruzados ([436]).

Chegou Amtonio Guallvão a Maluquo na era de mill quinhemtos he trimta he seis, ha vimta sete de Outubro he foy ho primeiro capitão que el-rey fez merçe de quatro annos daquela ([437]) fortaleza; que achou ainda peor he mais desbaratada do que se dela comtavão: a ilha despovoada e os lugares queimados, tudo destroido muyta gemte portuguesa he escravos mortos ([438]), valemdo hum alqueire de arroz dous mill quinhentos reaes he de pão nom se fartava hum homem com dous tostões por dia: hum porquo cimquoemta cruzados e huma cabra ou bode, quimze dezaseis; e a gualinha, dous, tres; hum ovo, vimte vimta çymquo reis; huma cavala, sesemta, oitemta; huma sardinha, çimquemta e sesemta he huma abobora, outro tamto; hum figuo, oyto, dez reaes ([439]), e tudo mais mamtymemto a peso de ouro he de prata, e nom se achavão muitos. Comião cruas, he dizião que os escravos lhe pereçião a fome.

---

portugueses fora, cortasem hos craveyros e destroysem a terra como tinha feito a ylha Ternate.

«Porque, ainda que todos cristãos, com muitos roguos e benefycios, nom consentindo que la fosem nenhuns chatyns por que ell rey fose milhor servido.

«Tantos navios que rende o Maluquo tantos (?) afora Banda tue rende 1.500 bares e perde-se este tão groso e bom fruto, por mymgua de mao regymento.

«Que pedio que nom consentise lla hir mercadores, que ja de muytos se escusara e lhe fazyão bons partidos e isto por ell-rrei ser milhor servido, porque, porque nunqua ate gora houtra cousa desejou».

([436]) Neste passo lê-se a seguinte nota que começa à margem e continua nas entrelinhas: «E que llevou pareiras a ela e molheres portuguesas, sem nenhum enterese dellas, e fez outras muito boas cousas, deixando-a huma Veneza, como se dira ao deante».

([437]) Corrigido para: «desta fortaleza».

([438]) À margem: «e cativos».

([439]) Também à margem com letra do texto: «E huma pipa de vinho de de Portugal, trezentos cruzados, mas seu dono nom na quis dar».

As armas, huma saya de malha, çem cruzados; e huma lamça vimte he vimta çimquo; e huma espada outro tamto e huma espimguarda ho dobro. *Vistido*, calçado, linhas, papell ([440]), nom se pode crer ([441]).

E artelharia sem rabos nem piães nem repairos; e armada bem mal repairada. Nom avia ferro, ferreiro, polvora a muy pouqua, por omde todos dizião que os fora Amtonio Gualvão remir e sairão a ho reçeber com cruz alevantada e *Te De(um) laudamus* [94], porque loguo com sua cheguada he bom regimemto e taxa que pos, valeo ho mamtimemto por quasy de graça para o que estava; que são os nervos da guerra e propria saude e repairo dela aos serquados, e faz perder o esforço he esperamças hos comtrairos.

He pera isto lhe ser mais sertifiquado, mamdou Amtonio Gualvão paguar o mamtimemto de todo o tempo pasado, em arroz, trimta guamtas e quinhemtos reaes, que se dava por mes he comprou-se em Malaqua oitemta e çimquo e novemta a cruzado; por omde el rey guanhou ho tresdobro, alem do dito serviço ([442]).

Estavão mais neste porto duas outras naos ([443]) de chetins he oitemta ou cem mill cruzados de fazemda, por omde o bar do cravo valia cimquoemta, sesemta cruzados, avemdo de ser a dous, segumdo ho regimemto.

Como Amtonio Gualvão vio a cousa em tal maneira, asy mal desposto como chegou, foi loguo busquar ao mato viguas, tavoas, carvão pera fazer repairos, polvora, toda outra monição de guerra.

E nisto amdamdo, foi sertifyquado como os reis estavão em Tidore e fazião nele e em todas suas terras outro tamto. ***Detriminou*** de lhe mamdar recado he pedir pazes, porque val mais huma boa nova ([444]) que çemto de guerra.

([440]) Nota na entrelinha: «e tudo o mais».

([441]) Neste ponto existe uma linha riscada.

([442]) Nota à margem: «fez a terra barata».

([443]) Outra nota à margem: «e huma de Sua Alteza casi perdida».

([444]) Correcção de: «vale mais huma doba».

94 — ete delaudamos.

E pera este recado foy Gomçalo Vaz Sernache, capitão-mor do mar, numa caravela bem aperçebida.

Sua reposta era darem alguma cor ao conçerto, pera se melhor de nos emformarem; nos quaes recados se pasarão alguns dias ([445]). *Mas* como estavão soberbos das vitorias paçadas, mamdarão-nos correr por seus capitães. *E* por estar a cousa sobre aviso, foy mais o alvoroço que ho dano, Deos seja louvado.

Amtonio Gualvão, vemdo esta sem razão, mamdou-lhe dizer que se fizesem prestes, que cedo seria com eles; que imda que fosem muyto mais do que erão, que os nom avia de tomar de modo que eles a ele fazer quizerão, senão de dia e a bamdeiras despreguadas, pera que cada hum ordenase milhor suas cousas ([446]); que amtes se queria arrepemder, que emverguonhar-se da vitoria ([447]).

[26 v.] *E avemdo* sobre esta ida comselho, foy como em tudo, / / porque os mais dizião que era imposyvell tomar-se Tidore, nem pelejar com tamta gemte; que se devia de mamdar pedir soquorro a Imdia e guardar-se a fortaleza milhor que podese, e que se não avia de vemturar tudo em huma batalha, avemdo de nosa parte tam pouqua gemte, e tanta de sua ([448]).

Outros aprovavão outra cousa, que era fazer la guerra guerreada.

Vemdo Amtonio Gualvão tamto descomçerto e que dali ha dous anos não lhe poderia vir soquorro; isto ainda temdo seu pay por guovernador na Imdia, que em tamto tempo faleceria ho mamtimemto, achou por milhor remedio avemturar tudo ([449]). *E*, deixamdo a fortaleza a Tristão de Taide, com milhor recado que pode

---

([445]) Corrigido à margem para: «antremeterão-se nos quaes recados alguns dias»...

([446]) Na entrelinha: «batalhas, *em vez de* cousas».

([447]) À margem e no fundo desta folha lê-se o seguinte: «e tremoia (?) 50 cruzados; hou canada de azeite 4 cruzados e por hum par de faquas 6 e 7 tostões e por hum taxo de barro para beber, 50 reis, houtro tanto: e por hum barrete, 20 cruzados».

([448]) A frase «e tanta da sua» encontra-se à margem.

([449]) Nota à margem: «E esta rezão muitos aprovarão; não faltou quem o ajudou».

ser, foy a Talamguame, omde estão as naos, que he huma laguoa da fortaleza e asas trabalho pera os que estão nela.

He ai cheguado, mamdou deitar hum preguão que so pena do caso maior nimguem fose tão ousado que fose a Ternate nem viese, tememdo-se de sylada. *He* depois de provido de capitão, que foy hum Fernão Amriques, he gemte pera guardar as naos e armada que ali ficava e com tudo ordenado he espirito mais repousado, se comfeçou e comumgou. *E* aquele proprio dya lhe fez mostra huma armada, que foy apodada a mais de trezemtas velas.

Estamdo sobre mesa praticamdo nela, dise Amtonio Gualvão que, se aqueles homens erão tão ousados e guerreiros, como lhe dizião, que se fazia maravilhoso como ([450]) lhe não tinhão dado algum rebate, que nam podia ser estarem sem çilada no mar he terra amtre eles e a fortaleza para os que fosem e viesem quativarem ou matarem.

Para disto ser serto, mamdou armar vimta çimquo ou trimta homens, he que fosem ao lomguo da praya em sua companhia num calaluz, pola auguoa; que se visem em hapertado, se recolheçem a ele e cheguacem ate huma pomta, que se diz dos mamgues, por ser perto he descuberto.

Não serião hum tiro de espimguarda, quamdo se sairão dous ou tres mill homens do mato, que Amtonio Gualvão loguo hacodio asi como estava.

E no caminho, imdo corremdo, tomou huma confradaçeiro, (?) adargua, saia da malha, com alguns coremta ou çimquemta, ajumtou-se com a dianteira, começarão a travar a peleja he, por ser pela sesta, os mais dormião he repousavão por suas estamçias. *Mamdou* toquar as trombetas e acodio a gemte e nisto saio huma armada dos comtrairos que estava emcuberta amtre Tidore he Meitara; he cheguamdo com gramde furia pegou-se com a praia, tiramdo-nos com artelharia e espimguardaria.

([450]) Corrigido à margem: «como aquella armada não tinhão dado algum rebate»...

Com todo este periguo ([451]) numqua os portugueses se retirarão, mas Amtonio Gualvão bradava que tomaçem algum homem vivo; nem feri-lo se podia fazer, porque cada hum trabalhava por defemder a vida he omra. *Asy* que embarquarão a noso pezar, sem reçeber nenhum dano; somemtes dos que ficarão na trazeira, por mais valemtes, tomarão hum que por derradeiro se deitou ha nado, os do calaluz ([452]).

E nisto se acabou ho feito he esteverão huns com outros a fala, pergumtamdo quamtos averia feridos he mortos de cada bamda, mas por serteza se achou que nenhum o fora, que pareçia cousa comtra razão, por estarem tão jumtos que nom havia hum tiro de barreira duns haos outros he juguoava artelharia, nem espimguardaria estava queda, que não era pouqua, que so da nosa parte avia mais de cemto çimquoemta espimguardas he que no tal mester estão bem destros.

[27 r.] *Asy* que, sem nenhuns mortos nem feridos, fomos espartidos. / /

Amtonyo Gualvão, cheguado a tramqueira, fez vir amte sy ho mouro he huma limguoa, e dise-lhe desta maneira: que lhe disese toda a verdade do que passava, asy da gemte he força, que em Tydore avia, como da artelharia he o mais que se la detriminava; que se o achase em verdade, que lhe daria a vida e liberdade; e que se o comtrairo fose ou dize-lo nom quizesse, que se aparelhase.

Ho mouro não quis deixar falar a limguoa, por saber também ha portugueza, como se fora criado em Lixboa, e deu esta resposta: «se os reys he terra e minha companhia prouvese de vir algum dano pelo que eu disese nem fezese, escuzado seria pergunta-lo; que estamaguo teria para sofrer qualquer tromemto, nem tomava vida, porque asy como fiquei na trazeira, polo escudo e amparo dos da minha bamda, asy sofreria aguora toda pena por salvar ha sua; he o que eu diser, que sera verdade, de que me pergumtarem, nom fara a eles de nojo nem perda, porque imda que viesse todo poder da Imdia, estão

---

([451]) Corrigido à margem para: «avidente periguo»...

([452]) A seguir encontram-se riscadas as seguintes palavras: «em que se ha falado».

bem seguros serem desbaratados; o que te eu, capitão, acomcelho he que olhes por tua vida e da companhia, porque da minha ja não faço comta pela não perder ou salvar, como desejava; e roguo-te que, pola tua e dos teus, queiras dexar esta ida, porque hos que estão hem Tidore são tamtos como os cabelos; he as mãos, sem vos ferirem, vos amde tomar todos vivos, e asy esta acemtado; e os que aqui estavão damtes, por lhe terem feito gramdes desgostos e tromentos amde morrer todos, e os que aguora vimdes novos ficareis cativos; e bem ho sabe Tristão de Taide; e muitos destes, que duas vezes correrão ja traz ele, e nesta travessa, omde aguora estamos, num berguamtim se salvou a vela e a remos, nem com nosas armadas ouza vir a Talamguame, senão nao gramde; he alem diso, a çidade de Tidore esta tão forte de muros, baluartes, cavas, tramqueiras, estrepes, que se nom pode emtrar por nenhuma parte».

Amtonio Gualvão lhe atalhou a fala, roguamdo muyto que lhe nom posese mais medo ([453]), que lhe nom pezava senão por nom ser aly toda mourisma jumta; que hos nom tinha em comta, pois tinhão ha fee perdida; que esperava, com ajuda de Deos he Nosa Senhora, de aver a vitoria; que lhe disese por onde emtrava a çidade.

Respomdeo que já disera a verdade, e amtre outras cousas que lhe pergumtou, foy que se atreveria por terra leva-lo a fortaleza.

Ha que ho moro respomdeo, que como havia de hir por terra, com gemte armada, huma leguoa ou leguoa e mea, tudo sobida he não caminho; que so isto abastava para não ter nenhuma vida; e que, comtudo, ele ho levaria.

Os Portugueses aprovarão a razão do mouro. Amtonio Gualvão ho mandou por a bom recado, he se foi com todos çear e repousar.

Ao outro dia, que foy bem craro e sereno, se fez a vela com duas naos he hum braguamtim, afora ho calaluz e paraos; duma das naos hia capitão Gomçalo Vaaz; he da outra, hum Fernnão Leitão; e da outra vela latina, Framçisquo da Sousa; e num dos paraos, Fernamdo de Momrroy; e em outro, Baltezar Veloso; e irião nestas velas ate

---

([453]) Correcção à margem: «que lhe nom pusese mais medo do que levava».

çemto e setemta homẽs fidalguos e cavaleiros, escolheitos e bem armados para qualquer feito, amtre os quais havia oytemta bem destros espimguardeiros, afora alguns escravos seus, que cheguarião por todos ha cemto.

Dos comtrairos se dizia que se não podião comtar, mas, segundo despois se soube, serião coremta ou çimquoemta mill, em que averia numero / / de quinhemtos ou seisçemtos tiros de foguo, amtre bombardas e espimguardas; e asy tinhão couraças, corçoletas, sayas da malhas, capaçetes, espadas, lamças ([454]), que aos nossos tomarão he dos Castelhanos ouverão, que serto para terra era muito, alem dos barretes e couraças de bufarus, e outras armas, que eles costumão; asy que numqua tam bem armados e aperçebidos esteverão, porque avia muytos dias que ho fazião e bem se via, pelo estreito em que nos tinhão.

[27 v.]

Saido Amtonio Gualvão do porto, segio armada que hi.amdava, e, imdo ao lomguo da ilha pela praia, acodio muyta gemte soldada, que estava por fora aposemtada, por nom caberem na çidade; e, com grandes gritos he alaridos, tamjemdo seus estromemtos, se hião a ela cheguamdo.

Como Amtonio Gualvão ([455]) descobrio a çidade, mamdou-lhe tirar toda sua artelharia, e asy fez toda nosa armada; a quall foy de seus baluartes he muros com mesmo reçebida; e depois de pasar esta furia, mamdou Amtonio Gualvão hum recado aos reis, seus irmãos, he capitães, que ele nom vinha ali pera pelejar com eles, mas por desejar suas amizades e os dezagravar, se algum agravo tinhão reçebido, e que a iso o mandava el-rei, porque não desejava outra cousa, senão que eles dos seus ([456]) fosem servidos he os povos bem tratados, com outras boas palavras.

([454]) Nota à margem: «adarguas e rodelas».

([455]) Correcção à margem: «Como António Gualvão hia na dianteira descobrio a cidade»...

([456]) Nota à margem: «capitães»...

A reposta foy firirem ho mesyzeiro as espimguardadas, he todo dia e noite numqua outra cousa fezerão senão iso, por estaremos deles muy perto, damdo suas gritas, chamamdo-nos filhos das putas, e outros nomes peores, zombamdo de noso atrivimemto.

Amtonio Gualvão mamdou que nenhuma palavra respomdesem, somemtes que lhe disesem que se espamtava omde estavão tão omrrados reis, primçipes, duqes he senhores, dizerem nem comsemtirem tão maos costumes, estãodo tão perto das obras, que aguora os tinham em menos, pois se ajudavão mais da limguoa, que da espada; que como fosem bem haperçebidos e jumtos, que lho fezesem saber e sairia loguo em terra, omde se veria cada hum para ho que era.

Derão esta resposta; que quanto era as palavras, que aly avia muyta gemte e de diverças partes he limguoajens: huns baixos e outros altos; que cada hum falava como queria e lhe vinha a vomtade, que huzamça era de guerra terem a tal liberdade; e no mais que lhe dizia, que se ajumtaçem e aperçebesem, que dias avia que ho tinhão feito e tamto tempo por ele esperamdo, que ja suas armas criavão ferrugem; mas eles bem sabião que nom mamdava el-rey de Portugual capitão samdeo he de tão mao recado que posese asy e aos seus em tal periguo; que ja la forão outros e se tornarão; que asy faria ele, que não lhe pareseçe que fezera pouquo, que se eles teverão naos as suas higuais, que ja nom estaria no porto; e sobre isto tornarão seu offiçio, damdo gramde grita, tirarão com muita artelharia pelo que toda noite estiverão com muyto trabalho e gramde periguo; pelo que Amtonio Gualvão mamdou meter a gente debaixo de cuberta, que nom pareçese candea, que loguo tiravão a ela.

Pola menham fez-se a vela, foi-se deitar dabaixo da çidade, para sair naquela parte, mas hos mouros, pasamdo la alguma artelharia e defemderão-lhe a saida; com tudo esteve com mais repouso aquele dia he noite.

Ao outro, a tarde (457), tornou-se de fromte da çidade, fazendo mostra que por ali queria dar combate; chamado ho mouro, pergum-

(457) Nota à margem: «fez-se a vela»...

tou-lhe pola despocição da terra, e se se atreveria leva-lo por ela ([458]), porque desejava muyto ver-se demtro nela.

Sabendo que ruas tão estreitas, com pouqua gemte se ajudava milhor da comtraira o mouro lhe dise que pois asy era, ele ho levaria; e que semdo em çima, que não hera o sytio em sy tão forte como por ca por baixo, nem menos ho tinhão tão afortalezado, porque os comtrairos estavão bem fora de cuidar que se podia per aly escalar a
[28 r.] sydade. / /

Mamdou Amtonio Gualvão chamar a comçelho ([459]), em que ouve diversos ([460]) pareçeres, mas, por derradeiro, asentaram que fosem por terra, como ([461]) desejava.

Passou ([462]) da mea noyte, e sintio a jente mais repousada, meteo-se com hum batel, e foi correr toda a sua armada, e mandou que almoçasem e se armasem e o mais caladamente que pudesem o segissem, deixando dito aos capitães das naos que, como fosse manha clara, tirasem a cidade ([463]), tocando seus instrumentos, fizesem mostra que querião sair nella.

Antonio Gavão, posto em terra e ho mouro que tomara por gia se foi por ella, para emcavalgar a fortaleza, com cemto e vinte portugeses, em que emtravam oytenta espimguardas, afora os escravos e criados, que levavam as lanças e adargas, por yrem mais despejados e não chegarem tão cansados.

Como forão em terra, fez-lhe Amtonio Galvam esta falla: «Bem vedes, Senhores, que estais todos em meos de vosos inimigos,

---

([458]) Outra nota à margem: «a fortaleza»...

Esclareçamos este passo, servindo-nos da acentuação moderna: *e se se atreveria levá-lo por ela à cidade*, i. e., *à fortaleza*.

([459]) Aqui o texto é escrito com outra letra.

([460]) Correcção de: «em que ouve muitos pareceres»...

([461]) Outra correcção de: «como Amtonio Galvão desejava»...

([462]) Mais outra correcção de «Como passou da meia noyte»...

([463]) Nesta passagem lê-se na entrelinha o seguinte: «que e paso perto do noso». À margem parece estar escrito: «e ficando molle e boa, senão...».

cerquados de muitos pirigos, omde não tendes outra salvação, senão abrir caminho com a espada na mão, porque as naos ja daqui não pareçem, nem podeis tornar a embarquar, sem pasar polla metade da çidade, onde ellas fiquão defronte. Dizer-vos, Senhores, palavras de esforço, he escusado, que de cada hum de vos outros me pode ser dado; so huma cousa vos peço e muito emcomendo, que nesta vitoria, que nos Deos e Nossa Senhora dara, seja todo noso pensamento e obra não matar nem firir quem se não defenda, nem cativar velhos, molheres e mininos».

Ysto dito, começarão todos, a sigillo; e, sol fora, ouve das atallayas dos contrairos vista, e elles começarão a bradar aos seus, que se ajuntasem e viesem, que eram tam pouquos que as mãos os tomarião todos.

Os reis e capitamis (sic), como homens de gerra, ordenarão suas batalhas e esquadrõys desta maneira: el-rei Dayallo de Ternate, com sua jente escolheita, na dianteira; e na traseira e resaga vinha el-rei Mir de Tidoure; no lado da mão direita, el-rei Laudim de Bachão; e no esquerdo, Cachil Quatrabume, rei de Jeiloulo, e por fazerem o seu mais salvo / / deitaram ([464]) ciladas, onde tinham muitas covas e as [28 v.]
emtradas estrepadas. Nisto gia esteve queda e disse Amtonio Galvão que deixasse aquelle caminho, porque os avia de achar. Asi e da maneira que he dito, que os levaria pello mato, inda que era espeso, era mais seguro e os poria demtro na fortaleza.

Mas nom erão cheguados a ela, quamdo Dayalo lhe saio em ao emcoutro, como forçado que era, asy como estava na diamteira, sem mais esperar pelos outros reis nem companhia; he cheguamdo, dise esta palavra: «aqui somos».

([464]) Ao alto desta folha, lê-se a seguinte nota incompleta: «da que elle ter atado com aquelas cordas que levava e os que com ele»...

E à margem: «como ele desejava, inda que ele bem sabia que aquele dia o avia de llevar aos seus sobrasado».

Trazia vestido huma saia da malha, he huma espada portuguesa semgida, e dous fains de cada ilhargua, e hum par de espimguardas, espada dambolas mãos, de que se ele bem ajudava (465).

Toquada as trombetas e todos hos estromemtos de huma e outra parte foi primeiro Daialo desbaratado, que, secorrido, asy que muyto ferido he a mor parte dos seus, he alguns, mortos, virarão as costas e todos em volta emtramos a fortaleza, e os outros reis por outra parte soquorre-la (466).

Amtonyo Gualvão, demtro, mamdou tocar ao recolher e fez corpo de sua gemte, he depois de corrida e bem vista, achou-os todos ledos he comtemtes, sem nenhum ferido, do que deu a Deos muitas graças; mamdou loguo por foguo todalas primeiras casas; como erão de madeiras, taboas, cannas, he olas, ja com o tirar das bombardas he espimguardas e labareda e apupada, fazião tão gramde arroido, que parecia que era ali todo Mumdo jumto, por omde os imiguos tomarão tão gramde medo e espamto, que cada hum nom acodia senão a por em cobro molher, filhos he fazemda, senão alguns que por vergonha (467) fazião mais mostra que guerra.

Amtonio Gualvão mamdou aos da sua parte que nenhum se desmamdase nem roubasem, que tudo se posese foguo, por nom poder a gemte, que era pouqua, e soubesem os Mouros que hia mais cobiçoso de os someter por guerra, que de le roubar a fazemda; he daqui se deseo a çidade e a queimou toda, sem deixar senão a mesquita por se apousemtar nela. *Foi* esta vitoria acabada ao meo dia do Senhor São Thome, vimta hum de dezembro, da era de 1536. Foy esta batalha, em que Deos deu vitoria, tão milagrosa que passavão de duzemtos mouros para hum christão, e por aqui se pode ver he crer (468) a misericordia dyvina tamanha he para os seus remidos.

---

(465) Nota à margem: «um capacete na cabeça».

(466) Outra nota à margem: «as espadas que são as armas de que se mais aiudão» (?).

(467) Lê-se na entrelinha: «de seus reis e capitãis»...

(468) À margem: «por estas e outras cousas que ha pelo Mundo»...

. E os da sua companhia avião de ser todos cativos e atados, como ele, hia todos disto virão e aprovarão, segirão seu caminho.

Feito isto, comerão he repousarão com aquele guosto he comtemtamento (469) que da ho tall tempo, comtamdo cada hum como lhe comteçera no destroço; a tarde, forão desfazer hum baluarte a lamço de muro e emtupirão a cava, para mais facel emtrar. Isto acabado, recolherão a artelharia que hai foi tomada; forão-se as naos dormir.

Ao outro dia amanheçemdo, tornarão a desfazer ho muro, e cada dia isto fazemdo, foy Amtonio Gulvãom pelas espias avizado que huma armada se aparelhava para, quamdo fose para a çidade, dar nele; mamdou outra que pelejase com a dos comtrairos, que foi desbaratado, huma coracora das suas tomada.

Vemdo quam mall esta empresa soçedera, detreminarão outra; os reis, por terra e a armada pola mar; amdamdo acupados na obra, os acometece, que / / não terião omde se acolherem. *Amtonio Gualvão,* [29 r.]
serteficado polas espias he escutas, e como sobre isto avião de fazer comçelho um luguar certo, comemdo, bebemdo primeiro, como eles costumão, tomados asy de sobresalto, pelejou cada huma das partes ho milhor que pode, em que nom durou muyto, porque os Mouros começarão-se a retrair e fugir; huns sacolherão pelo mato; outros se embarcarão; amtre os mortos foy hum primo comirmão del rei de Geilolo, em que os comtrairos tinhão muyto esforço, polo que se fez tão gramde espamto que cuydamos que era algum dos reis faleçido.

Tomarão isto e o de Daialo em tão mao agouro que cada hum se foy para seu reino, omde tinhão suas çidades muy fortes, dyzemdo a el-rei de Tidore, que não era razão que mais se palpase a fortuna comtra quem tão mal coçedera.

Amtonio Gualvão he os Portugueses recolheitos com esta vitoria he comtemtamemto, damdo graças ao Espirito Samto e a Nossa Senhora, tornou a obra, que era derruba-lo muro todo ha roda, mamdamdo que não cortasem arvores, figueirais, canaveaes de

(469) Correcção de «vencimento». E mais a seguinte nota: «desta grossa terra».

açuquar, nem arramquasem inhamais, nem fesesem outro nenhum dano, nem perda, porque ([470]) visem hos da terra, que nom lembrava cousa tão pequena.

Sabemdo que estava hum luguar perto, foy a ele, achou despovoado, mamdou-lhe por ho fogo.

Semdo sertifiquado que el-rei se recolhera a huma vila forte, que se chama Çeli, detriminou de ir sobre ele; el-rei disto sabedor, e como Amtonio Gualvão tynha prometido de ho nom deixar ate ho nom destroir ou matar, mamdou recado sobre algum comçerto.

Amtonio Gualvão guazalhou bem ho meçizeiro, e damdo-lhe algumas peças, por ser homem baixo, nom lhe deu nenhum credito, nem reposta, somemtes que disese a el-rei que, se queria algum partido, que mamdase hum fidalguo conheçido:

Nom tardou muito, que nom veo hum mamdarim, razoadamemte acompanhado, e com ele, primeiro misyzeiro, dizemdo que el-rei Quachill Mir, seu senhor, ho inviava com aquela embaixada, porque la não costumão escrever; podião dar credito a sua palavra. *Amtonio* Gualvão dise que dysese ao que vinha.

Diz el-rei que se tu, capitão, desejas ha ([471]) paz, como mostras, que aguora tens tempo, he que a-de ser loguo com comdição que te as-de-ir da terra, he nom lhe fazeres mais ha guerra, porque el-rei de Bachão e Geilolo são recolhidos seus senhorios, he do de Ternate nom fez memção; que, segundo parece, e despois se dise, era ja faleçido, ho que eles sempre teverão muyto emcuberto, por ser ho primeiro rey de Maluco que morreo a ferro, he ouverão-no por gramde dezomrra he vituperio, porque naquelas partes nom se costuma ferir el-rei, quamto mais mata-lo; he tem-no por ley, porque não por cousa samta he sagrada, e os que ficão, são obriguados a vimguarem sua morte ou morrerem sobre iso e perderem seus estados; e asy estavão estes ajuramemtados.

([470]) À margem lê-se a seguinte nota: «nem fezerem outra nenhuma perda».
([471]) Corrigido à margem para: «desejas a sua paz»...

A resposta de Antònio Gualvão foi esta: que a paz sempre para ele fora muito desejada, he que bem se pareçia, pois com tamta heficaçia a pidira; e que aguora que lhe Deos dera vitoria, por nom mostrar soberba, folguaria muito mais com ela; mas que avia de ser com comdição que el-rey se avia de aver com ele, e ao ([472]) qual daria seguro, que não recebeçe nenhum nojo.

Ha isto respomdeo o miçigeiro, que era cousa imposyvell ver-se el-rey com ele, por ser alomguado de seu costume; que ao menos que se poderião ver com hos vemçedores era day a sete ou oyto meses.

Esta razão do mouro aprovarão todos hos portugueses, dizemdo que isto era emtyguo amtre eles, que os nom avião demdar (sic) diso, que seria bom se podese ver-se com Quachill Rarrade (sic), que era irmão del rey, peçoa de muita estima, credito he calidade.

Amtonio Gualvão diso era comtemte, mas ho embaixador repricou que nem irmão del-rei, duque nem comde, não podião ver, segumdo seu costume; que ele abastava, pois trazia todo poder, que el-rey podia ter.

Ao que Amtonio Gualvão dise que se fose / / embora, que não [29 v.]
queria paz nenhuma, sem se ver com el rey ou Cachil Rade, he com estes se faria tudo o que fose justo, e com algumas dadivas despedido, se foy comtemte.

Nom tardou muyto que não tornou com recado, vimdo estes he outros com todos os boms partidos, tiramdo vimda del rey Quachill Rade, outro irmão, nem çamguaje, Amtonio Gualvão lhe mamdou que não viesem mais diamte ele, nem outra peçoa, salvo as que ele dizia.

Amdamdo-se aparelhamdo para ir a Çele, chegou recado, que vinha Cachil Rade, bem acompanhado, vistido de bramco e todolos seus, como quem trazia do polo desbarato. *Amtonio* Gualvão, semdo disto avisado, saio a reçebe-lo, hum bom pedaço; he despois de se darem as mãos, que he seu costume, se vierão asemtar e asy todos os seus fydalguos forão polos portugueses aguasalhados.

([472]) Nota à margem: «e por-se em sua mão»...

Amtonio Gualvão se alevamtou, e apartou-se com Quachil Rade, e por estar emformado dos portugueses ser este primçipe pesoa de comdição e costumes dos milhores da terra, lhe dise desta maneira:

«Eu tenho, Senhor Cachil Rade, sabido que sois homem de muyto preço he credito; e, alem de voso estado, polo primçipal da terra, em bomdade, vertude, estimado, semdo sempre capitão jeral comtra os Portugueses; he bem no mostrão os synaes que temdes, he por esa diamteira de vosa valemtia; he com tudo isto, pelo que de vos ouço a mim me apraz, em nome del-rei de Portugal, de vos dar este reino, porque minha vomtade não he que voso irmão o tenha nem nenhum dos outros reis, por se alevamtarem, cada dia, comtra a fortaleza; que se os capitães he Portugueses lhe fazem ho que não devem, como eles dizem, asy esta ho guovernador a que se podem aqueixar ou mamdarem a Portugal, que el-rei he tão magnanimo he virtuoso, que não tão somemte lhe fara justiça, como eles a seus capitães manda, mas muyta merce he omrra».

E porque os ca primçipaes daquela ilha sabem falar portugues, castelhano e amtremetem biscainho, nom quis Quacil Rade amtrepetre me disy:

«Eu, capitão, tenho muyto em merçe, asy ho louvor que me deste, como ho reino que me prometeste; mas como queres tu que eu aseite cousa tãoto comtra ho que devo ha minha omrra? Que dirão os que isto souberem senão que, vimdo para te comsertar com meu irmão, te pedi ([473]) ho seu; por omde, tudo que mim disestes que guanhei, em tãoto tempo, por cobiça, ho perdi num so momemto. Maldito ([474]) fose ho tal reino, por onde ouvese de perder ho que com tanto trabalho tenho ganhado, asy pera este mumdo, como pera o outro. Eu me contento de ser escravo de meu irmão e não deixar de mim e de minha linhagem tal infamia».

Dizendo ysto e outras cousas que fazião ao preposito, começarão a correr muitas lagrimas por seu rosto.

([473]) Palavras à margem: «ho seu».

([474]) O texto, aqui, passa a ser escrito com outra caligrafia.

Amtonio Galvão, avendo delle piedade, dixe:

«Senhor Cachil Rade. Muito me pesa ver-vos mostrar tão grão fraqueza, que nas molheres parece mal, quanto mais em principal (475)».

Esta foi a reposta:

«Não vem isto de fraqueza, nem me // nos por perder a vida, nem estado, que bem sei que ay iso pello mundo, mas ser nacido em tam ma terra, que me amde contar por hum dos della: Por iso, Senhor, te peço que me não queiras mais afrontar com este senhorio e deixes estar meu irmão em seu reino, que eu te prometo que elle não se alevante em todo o teu tempo, nem de nenhum outro capitão, emquanto eu for vivo. A merçe que me fazes deste trebullado reino eu a aceyto, tomando sobre meu cargo de tu seres delle bem servido, com tanto que meu irmão e nossa jeração fique em seu estado». [30 r.]

As quaes pallavras e pormetimemto (476) sairão depois bem certas e verdadeiras, porque sempre forão fieis amigos a Antonio Galvão, e nunqua lhe chamarão senão irmão e conte Antonio Galvão fazer a este principe o que com tanta vontade pidia, com tal que el rei viesse a se ver com elle.

Quachil Rade dixe que trabalharia quãoto pudesse, lhe parecia que o não acabaria; huma, por se não quebrar costume tão antigo e averem-no por agouro; e asi, avia de ter contra sy todos os do conselho, porque avião medo de lhe cortar a cabeça ou ao menos mãodallo preso a India, como fizerão a seu sobrinho Tabarija.

Antonio Galvão lhe respondeo pois não confiava em sua palavra, nem queria aceitar o reino, nem fazer vir seu irmão onde estava, que elle avia a tregoa por alevantada.

Ao outro dia, Quachil Rade mãodou hum requado, que lhe pedia que estivese asi sem fazer dano, ate ver outro; o qual não tardaria

---

(475) Corrigido à margem: «quanto mais em pessoa tam principal»...

(476) Correcção à margem: «e prometimento deste principe sairão depois bem certas e verdadeiras»...

muito; e asi foi que, saindo polla manha çedo, lhe fizerão a saber as atallayas que vião vir muita gente, não parecia ser armada.

Nisto chegou requado que vinha el-rei e todos seus irmãos.

Antonio Galvão sayo a receber fora da cidade com toda sua companhia de paz e de gerra; el-rei vinha no meo e Cachil Rade na dianteira, todos vestidos de branquo por Dayallo e pollo primo del rei de Jeiloulo, em que elles davão a entender que o do era por seu vencimento.

Antonio Galvão asentou-se com el-rei e todos embayxadores, que não quiserão entrar na mizquita, que o avião por descortesia; e despois de pratiquarrem em muitas cousas e asentarem as suas, foy
[30 v.] // e os seus bamqueteados; e pollos milhor asegurar, mãodou-lhe dar muitas peças e alquatifas suas.

El-rei não fazia senão perguntar quada hum quem era, e dizia que nunqua viera naquellas partes jente tão portugueses luzida nem tam grande e bem desposta; e asi era, que alli avia homens dos mayores de toda a India, principalmente dous criados do conde do Vimioso; hum se chamava Luis Drago e outro Fernão Gomes Quabreira; havia tãobem Gonçalo Vaz Cernache e outros quasi da mesma maneira e todos de armas riquas, asi branquas como de laminas erão douradas.

Estiverão ate a noyte, que se Antonio Galvão recolheo as naos e se despedio del-rei e seus irmãos e mãodou com elles muitas tochas, asi de cera como de azeite, de que se el-rei amostrou mui contente.

Amtonio Gualvão, fazemdo-se prestes para se ir sobre Geilolo he Bachão, veo a ele muyto secretamemte Quachil Rade, e dise que se avizase daquele porto; se não partise, porque el-rey era emportunado do de Bachão e Geilolo e de seu comçelho, que cortasem hos craveiros, e destroisem todalas ilhas e as despovoasem, se fosem delas, como damtes estava asemtado, e vinguasem a morte del rey Dayhalo.

E daqui foy Amtonio Gualvão sertefiquado da morte de Dayhalo, he que este fora ho seu primçipal desbarato, qual teve sempre muyto em segredo, porque lhe dise Cachil Rade, que se tal fose sabido, que loguo seria morto.

Foi forçado estar todo mes de Janeiro, falamdo cada dia com el-rey e os de seu comselho, ate que asegurou daquele movimemto; he despedido de todos, se foi caminho de Geilolo, omde lhe deu hum temporal forte, que se não dobrara huma pomta, se tornara perder na costa. *He* deli se acolheo a Talamguame, omde esteve alguns dias, sem querer sessar a tromemta; polo que comveo ir-se a fortaleza mamdar fazer mamtimemtos, deixamdo aly todas as armas he munição de guerra, para tornar a ela, mas os Portugeses, com o cheiro de cravo e paz, nunqua a mais pode ter com elles nem tirallos a gerra; todos diziam que queriam fazer fazenda, que não ião la a outra cousa, o qual logo poserão por obra ([477]).

Vendo ysto Antonio Galvão, mandou deitar pregão, que nimgem fose tam ousado, que fizese cravo, senão o feitor pera el rei, noso senhor. *Sobre* iso creçeo tanto a discordia e amutinamento, que pareçia guerra civil e o menos que se dizia era que matarião e prenderião quem lhe tolhese fazer fazenda ([478]).

A ysto não se podia dar credito, em a torre / / nam tem mais de [31 r.]
dous sobrados; e num aviam preso hum capitão; e no outro, outro morto; e a morte de Fernão de Sousa, capitão de Banda, he disto boa testimunha.

Os reis de Geilolo e Bachão, ysto souberão, que he o que elles esperavão, porque naquele inferno sempre foi usado e, per vergonha, o mais callo; não quiserão estes jugurtas, como ysto virão, asentar ([479]) pazes nem dar artelharia, portugueses, escravos, que la do tempo de Tristão de Taide tinhão cativos.

Antonio Galvão, vendo sua ma detriminação, e asy dos portugueses, desimulou com elles e mandou-lhe dizer que sua tençam

---

([477]) Nota à margem: «que enfadados estavão dos trabalhos».

([478]) Nota à margem: «e por se haver milhor pasou mandado o houvidor e ofyciais que nom fezesem contratos nem escrituras sobre ele mas como isto virão hos Portugueses fora tanta»...

([479]) Outra nota à margem: «E os reis, como isto virão nom quiserão aceitar pazes, mas antes querião fazer guerra».

nunqua fora nem era matar, cativar, nem fazer outro nenhum mal, nem desservir a terra; que bem o tinhão visto por obra; e pois não queriam paz e dar o que tão injustamente la tinhão, por não se fazerem mais danos, que elle os avia a ambos juntos por desafiados de sua pesoa as suas; que escolhesem o campo e armas; o qual os reis aceitarão; mas, quando veo a concrusão, dizião que como avia de ir Antonio Galvão a Jeiloullo nem a Bachão ao desafio, porque lhe não seria lugar seguro, nem eles menos virem a Ternate, e com ysto alargavão tempo.

Antonio Galvão, vendo ysto, disse que se matasem todos tres em hum ylheo despovoado, que esta na baya de Jeiloulo; a que os reis responderão que não era seguro, por ser de mato (480) e arvoredo; quasi de huma parte como da outra se podia por cilada.

Vendo Antonio Galvão esta escusa e as que ja derão, mandou dizer: que fizesem elles, ou elle o mãodaria fazer, hum sobrado sob 3 ou quatro bateis e o posesem no mar e elli se metesem todos tres e se matarião, sem ninguem os poder estrovar nem ajudar.

Tornarão por resposta, que seus vasallos eram ja sabedores daquella cousa e lhe yão a mão, dizendo que como elle, sendo dous reis juntos (481), se avião de matar com hum so homem; que se o vencesem, visem a omrra que ganhavão, e sendo o contrario, quanto perdião.

A ysto foi respondido que se matasem hum, ou como elles quisesem. *Vendo-se* tão apertados e envergonhados, diserão que, pois ysto era descuberto, que querião com os seus aver conselho, em que sayrão por derradeiro que querião paz. *Pera* ysto logo mandarão a artelharia e espingardaria e asi escravos e portugeses, os quais vinhão das prisõys nus e doentes.

Antonio Galvão os mandou em sua casa vestir, curar e agasalhar, porque sempre sua casa foy de todos sprital; e as pases asentadas,
[31 v.] com suas condiçõys ordenadas, os reis lhe mãodarão pormeter // dez

(480) A palavra «mato» encontra-se escrita à margem.
(481) À margem: «de nenhuma parte arrecear; que querião paz».

mil cruzados de *buas*, que são como pareas; e, alem disto, lhe mandou el-rei de Jeiloulo hum anel, com huma pedra, que tinha em muita estima, e em começo de pago, lhe trouxe el-rei Aeiro de Ternate ate mil cruzados em peças douro. *Elle* nada não quis tomar, dizendo que boa amizadade não se comprava por dinheiro; que el-rei não no mandava la senão asentar a terra e fazer justiça e arrequadar sua fazenda; e que ysto não se podia fazer com cobiça; que elle não queria delles outra cousa senão verdade e verdadeira amizade.

Com tudo isto, logo lhe mandarão certos bares de cravo, com prometimento de virem mais de trezentos. *Antonio* Galvão os não quis tomar, mes mãodou-os pesar e eemtregar na feitoria e fez vir ante si os reis e rejedores ou os seus procuradores e dixe-lhes desta maneira:

«Eu não vim a esta terra por mandado del-rei e senhor della senão pera vos fazer justiça e comprar o cravo pera Sua Alteza, segundo em seu regimento e a voso contentamento esta asentado, porque elle não a mister nem quer outra cousa desta terra e pera isto tem aqui esta fortalleza, em que guasta quada hum ano, por regimento, dez ou doze mil cruzados; com a gerra que lhe fazeis, lhe custa mais o quarto ([482]) dobro, sem nunqua aver nenhum proveito. Por iso vos peço e rogo que lhe deis todo o cravo que pera mim nenhuma cousa quero ([483]). // [32 r.]

He dixe mais: que day a Portugal avia çimco mil ([484]) legoas, que era quasy toda ([485]) a redomdesa, em que el-rei tinha muytos he muyto milhores terras que podia aproveitar com menos custo he periguo, porque aqui virião que nom mamdava la senão pelo cravo

([482]) A palavra «mais» encontra-se à margem.

([483]) Ao fundo desta página lê-se mais o seguinte, acrescentado ao texto, mas riscado: «E isto diante dos portugeses, pera tomarem exempro; o que elles bem mal fizerão; mas com isto huns com outros mais se danarão, como se despois vio craro e asi dixe aos portugueses que lhe pidia e rogoava e mandava da parte de Sua Alteza que elles não comprsem cravo».

([484]) Na entrelinha foi corrigida esta passagem para «perto de 4.000».

([485]) Outra correcção na entrelinha: «mais de metade».

nem ele era la a outra cousa imviado e por iso nom queria deles outra merçe senão aquela he que ouvesem por bem que corresem por suas terras as moedas del rey de Portugal com suas armas, pois dizião que erão seus vasalos, que milhor pareçeria que del-rey de China, senão todo dum metall, que era cobre que vale ho seitil a meo real como ha caixa.

Diserão que de tudo erão comtemtes; somemtes que fosem furados, por amdarem emfiados, por não se perderem ([486]).

E com isto asemtou outras cousas muytas que a serviço de Deos he del rey e bem da terra comprião.

E asy disy aos portugueses que lhe pedia e roguava e mamdava da parte de Sua Alteza que eles não comprasem cravo, porque estava craro que, emquamto eles desem por ele o que davão, que era quoremta, çimquoemta ([487]) cruzados em roupas a escolher, he que fosem a muito menos, que mal averia Sua Alteza a dous, como ele mamdava; he pera lhe dar emxempro, mamdou vir o vigario com hum livro misal, em que po las mãos he jurou pubricamemte que ele nom fezese cravo nem no mamdase fazer, senão que todo se fezese para Sua Alteza e, alem disto he de pasar alvaras he mamdados ([488]), rogou aos amiguos he defemdeo aos criados particularmemte que ho nom fezesem; he logo mandou ao feitor, que era Belchior Botelho, he os escrivães da feitoria, que hum se chamava Fernão Leitão, e outro João Bramdão, que se pose (sic) pela terra a fazer cravo para Sua Alteza, he que ele daria para iso todo favor he ajuda.

E pos-se loguo a rejer a nao que hi estava del-rei, case perdida, de que era capitão Francisco de Sousa, a qual, carreguada de cravo, ha mandou ha Imdia he huma caravela a Bamda, de que era capitão

---

([486]) À margem lê-se mais o seguinte: «rogamdo-lhe que tornasem (?) a povoar a ilha».

([487]) À margem, escrito em algarismos, lê-se mais o seguinte: «60».

([488]) Outra nota à margem, como correcção: «E pasou hum allvara do houvidor e ofyciais da justiça que não fisesem contratos nem escrituras sobre iso, nem ouvisem partes no tal caso».

Amtonio da Madureira, qual levava cartas he devaças ([489]) para el-rei he guovernador; os quaes não quiserão tomar, mas amtes amdarão com as caravelas as punhadas, como se fora cousa de ymiguos.

Mamdou outra armada ao Moro, em que foy João Freire por capitão asemta-lo he trazer mamtimemtos; he mamdou hum jumco de Fernão Amrriques a Amboino, a faze-lo mesmo; he outras armadas, em que foy Dioguo Lopez de Azavedo por capitão para esas ilhas asemta-las e trazer, fazer vir gente para povoar Ternate, he ouvindo os portugueses he huns he outros com suas demamdas he queixumes he que numqua serrou a porta nem teve a sesta ([490]).

Amtre estes e outros muitos trabalhos, que nom davão hum mumemto de repouso, chegou Gorge Mascarenhas com a defeza do cravo, não para sy e os que com ele vinhão, imda que jeralmemte el-rey, em seus regimemtos, a todos ho tiravão ([491]), mas vinha grozado polo gogvernador e vedor da fazenda. / / [33 r.]

([489]) Nota à margem: «que muito comprião».

([490]) Outra nota à margem: «e nunqua tomou nada, mas antes dos alvaras que asynava, mandava ao seu escryvão que não tomase nada e fez paguar ho que os Mouros devião do tempo do prymeiro capytão, mais por ero que por força; ho que não foy pouquo, por ser muy alonguado (?) dos seus costumes».

([491]) Mais uma nota, esta, ao fundo da página: «para se melhor poder fazer para ell rey, nosso senhor, fazemdo mui fielmente, sem nenhum interese».

Na folha 32 v., sem texto, encontram-se as seguintes notas: «E pera elle e ofyciaes sertos bares e a sete (?) soldos de viandas (?) hou mantimentos».

«O llugar de Veranulla donde estas ylhas provião de artelharia».

«Tomarão antelharia que me truxerom, que dizião hos reis e os da terra que nom houzavão de se aqueixar, porque hum capitão ydo, vinha houtro e nisto como vinguavão os Portugueses nelles que la estavão».

«E chamãodo os mercadores mudas-mudas, como vierom a porta da fortaleza a pedir a Antonio Galvão que lhe faria cravo».

«E que tomase as naos aos chatins, como o viso-rei mandava e da falla que fezerom estes homens, estando num banquete».

«Foi filho del rei Dom Pedro bastardo e duma dona Teresa, mulher fidalgua, dizem que guallegua; nom se lhe pom por tacha, que dos mais claros e grandes homens que houve polo Mundo, bastardos forão, como Tiseo e com elles Romullo e outros

Nisto chegou ([492]) Georje Masquarenhas com a defesa do cravo, mas não pera sy he os que com ele vinhão, imda que jeralmemte os regimemtos del-rey a todos o deffemdião. *Mas* vinhão tão mal grosados pelo governador he vedor da fazemda que deu aos que la estavão mais atrevimemtos de agravos; que asy christãos como mouros fezerão tão gramde habalo que pareçia hum dia de juizo, porque huns bradavão que posese fogo a nao e Jorge Masquarenhas he quamtos com ele vinhão. *He* isto nom erão palavras, mas teverão debaixo da agoa quasy hafoguados em Talamguame, se os seus não valerão milagrosamente.

Quamdo isto Amtonio Gualvão soube, mamdou-o vir para a fortaleza, aguazalhamdo, favorecemdo, bamqueteamdo, guardamdo ate que pasyfiquase mais a causa.

Começarão logo os da fortaleza, quando isto virão, a tornar-se a Amtonio Gualvão, fazemdo requerimemtos que larguase ho cravo, protestamdo ([493]) de deixar a fortaleza aos Mouros ([494]), pois que

---

muitos, asy antyguos como modernos, que conta-los serya nunqua acaba-los. Naceo em Llisba (sic) a 11 dias da nosa (?) era».

«Dom Duarte naçeo na cidade de Viseu».

«Ell-rey Dom Afonso naceu em Sintra, no mes de Janeiro. Era esforçado, que o compararão a Pirro (?); e assi no guanhar e perder e na lliberallidade, ao grande Alexandre».

«Na de mil 455 a 4 de Mayo naceo ell-rey Dom João ho segundo, em Lisboa».

([492]) No alto desta página vem o seguinte, com letra de leitura difícil:

«Mas des que virão os grasiosos regimentos que da Imdia levava, que se dezia que, sendo elle ho misejeiro da defesa ho pudese fae os qus com elle yam. E pera melhor se rejestar (?) todo o cravo que estava feito, pera se houtro nóm fazer nem (?) se papaguasem os terços e os que fogisem perdesem tudo pera ell-rei, deu houtra provisão ao feitor-mor». A seguir, e à margem, vêem-se palavras ilegíveis e riscadas. Depois, também à margem, com letra do texto, a nota supra, mas alterada: «Mas des que virão os graciosos regimentos que da India levava, que se dezia que sensendo elle ho misejero da defesa, o podese fazer, e os que com elle yão e os que lla estavão, nenhum: por onde huns bradavão que posesem foguo a nao».

([493]) Nesta passagem encontra-se riscada a frase seguinte: «dizendo que que os que levavão a defesa fezesem...» Depois, muito apagadas, parece estarem escritas as palavras: «tynham a quem o tomassem».

([494]) Na entrelinha lê-se o seguinte: «aos Mouros como defeito ho fizerão».

com aquele regimemto que el-rey mamdava não se podião soster nela ([495]), e que ja o governador e vedor da fazemda quebrarão, damdo cravo a quem o não merecia como elles; que asy o podia elle fazer, temdo ([496]) naquellas partes o mesmo poder, dizendo que elles não erão casais pumareiro, que avião de gardar o fruito e outrem colhe-lo a mantêns postos ([497]), gastando elles suas vidas e fazendas. *Chegarão* a tanto que todos andavão armados e amutinados.

Quamdo Antonio Galvão vio ysto, pasou mãodados que os del-rei se comprisem inteiramente ao pe da letra como yam, não querendo aceitar o que por requerimento da India lhe mandavão, querendo em si permeiro agardar a lei; mas Jorge ([498]) Mazquarenhas, como vio o agravo que os mouros e portugueses diso tomarão, fez liança com elles e pos-se a fazer cravo pubriquamente por essas ylhas; e dizendo-lhe Antonio Galvão quão mal fazia em quebrar ([499]) os mãodados que levava, respondeo que milhor seria dar-lhe elle cem bares de cravo que comselho.

Fez-lhe Antonio Galvão sobre ysto hum requerimento, a que elle respondeo o que lhe bem aprove e não deixou de fazeo o que fazia, de que todos tomarão ousadia a fazer o mesmo, dizendo que Antonio Galvão não queria muito cravo na terra, senão por vender a fortaleza aos Mouros, a troquo dele e yr-se a França; e com ysto se recolheo a nao e se fez forte com outros que ay estavão e poserão prancha em terra a tomar quanta gente se queria ir com elles ([500]) e toda a noyte se

---

([495]) Na entrelinha parece estar corrigido para: «e por iso todos ho fezerão».
([496]) Mais palavras ilegíveis na entrelinha.
([497]) Na entrelinha parece estar escrita a palavra *sobre*.
([498]) Palavras escritas na entrelinha: «mas como lhe custou este serviço e para melhor se comprirem estorvou»...
([499]) Correcção de: «quão mal parecia em quebrar»...
([500]) Nota à margem: «de que era capitão Gonçallo Vaz Carvalho e Fernão Anrryques dizendo que deixarião a fortaleza ao que pedio muito que olhasem que erão Portugueses, que tal nom fizesem e que, quando se fosem, que ele fyquaria nella e seria sua sepulturara (sic)».

vijiavão, tirando as bombardadas e espingardadas polla noite ([501]), dizendo que Antonio Galvão os queria ir prender. E os primeiros que com Jorge Masquarenhas se liarão e abrirão este caminho forão os que não deverão em tão grande ero e pecado; huns com minações, e outros com prizões quebradas com murrões asesos e espinguardas sevadas; todolos que podião se acolhião, dizendo que nom ião la ha guardar fortaleza, senão fazer fazenda ([502]); que pois que Antonyo Galvão queria guardar os regimentos del-rey, que ele viese ha
[33 v.] defender dos mouros. //

Asy com estes e outros tomultos se embarquarão quasy todos e muito vay de escreve-lo ao pasa-lo. *Huma* housa vertuosa não quero emcobrir nem neguar aos castelhanos, que so estão la ja ([503]) pouquos muytos, os quaes se forão a Amtonio Gualvão he lhe diserão desta maneira:

«*Nos* nom somos vasalos del-rey de Portugal, nem naturais desta terra, nem temos nenhuma obriguação a ele, mas lembramdo-nos a omrra, guazalhados, merces que a todos tendes feito e vemdo quão mao gualardão os vosos naturaes vos dão he vos deixão em tal tempo, Deus numqua queira que nos façamos tal movimemto, mas antes vos juramos e prometemos que, emquamto tivermos qua comer ou no-lo der, que numqua ho leixemos he hum he hum, dyamte dele, todos morreremos».

He Amtonio Gualvão, não sem lagrimas, lhe deu diso as graças, e escreveo ao guovernador, por veador da fazemda, quão mal fizerão em dar a nenhuma pesoa cravo e quebrarem os regimemtos que el-rei mandava, com que fizerão tanto mal aquella terra, que lhe pidia, e da parte de Sua Alteza lhe requeria que não alargasem mais cravo a nenhuma pesoa e que quanto era ao cento de mil, que lhe davão, que os não queria, nem quinhentos tomaria e que nisto, se perdese, como

---

([501]) Neste ponto encontra-se riscada a palavra «terra».
([502]) Aqui está também riscada a palavra «dizendo».
([503]) Uma palavra rasurada, que nos parece ser *já*.

estava craro, ganharia os desejos que sempre de servir el rey tivera; mas caso lhe custe este desejo e serviço, fyquaria nela e seria sua sepulturara ([504]) (sic).

Partio Jorge Mazquarenhas e Gonçallo Vaz e Fernão Hamrriques sem quererem obedecer a nenhuma cousa, levando quantos se quiserão ir da fortaleza ([505]), porque a a ysto não lhe pode valler, por estarem huma legoa daly ([506]) e os moradores mãodão ([507]) ay suas fazendas e dizem que não am-de ir contra elles nem contra quem lhe faz boas obras. *Asy* que elles ydos, sem quererem dar artelharia que la tinhão da fortaleza, ficou ella com bem pouqua jente e menos fazenda e os mais que fiquarão erão parentes, amigos, chegados e criados de Antonio Galvão e os catilhanos e quasados e alguns aleijados; e destes os mais proves, por onde lhe conveo dar-lhe todo o necessario ([508]) e o comer, pera os soster e asi nollo Deos de, como ate o qualçado, camisas, prata e as colheres com que comia lhe vi dar, sem nenhuma cousa lhe fiquar.

E vendo Antonio Galvão que esta terra sempre se alevanta, quanto mais em tempo de tanta fadiga, como era esta, e rojir-se que Malaqua era tomada, e ysto não sem causa, pellos Dachens que entrarão nella e que andavão y duas naos de Castella, pera tomar terra e vendo que tinha tanto que remedear e os contrairos pouquo que trabalhar e os reis e o povo mostraram-se muito seus amigos, como de feito sempre o forão, que foi grande remedio para elle e os que com elle fiquarão na fortaleza e emquanto o tempo lhe dava luguar quis-se delle ajudar. / / *E* a primeira cousa que fez contou os [34 r.]
portugueses e achou cento e vinte e tres e as suas molheres filhos e

---

([504]) Neste ponto do documento as notas confundem-se com o texto.

([505]) A palavra «fortaleza» está escrita à margem.

([506]) As palavras «legoa daly» são correcção de «da fortaleza».

([507]) A frase «e os moradores mãodão» é outra correcção de «e os moradores delle levão ay».

([508]) Nesta passagem encontram-se palavras riscadas no texto e à margem: «e quiserão pasar sua desaventura».

escravos e criados que eram 1.600, por todos ([509]), pera que se logo proveo de mantimentos, mandando trazer muitos que recolheo a fortalleza ([510]) e olhou ç proveo toda a ([511]) monição que tinha nella e mandou pesar (o bar do cravo pera saber o que rendia; e achou que pesava este peso de Ternate, que he o mais pequeno, por ser de duzentos quates, pesa quatro quintays e tres arrobas e vinte arratens; e asi mandou fazer espremento nas quaxas por serem qua necesarias e achou que hum quintal pesa dez e seis mil, que são vinte cruzados, pello preço da feitoria que asentou Dom Jorge de Meneses, a meo real a quaxa; e na India se da o quintal do quobre a cinquo mil e quinhentos e duzentos, que inda say menos de quatorze cruzados; por aqui se pode ver o que se a-de ganhar ou perder e fez o mesmo) ([512]) ao ferro e a todos os outros metais, e o que quada hum quebrava e o que levava quada peça de artelharia grosa e miuda, e a espingardaria de polvora ([513]).

E achou que o peso de pelouro com pouqa aventajem ou falta, segundo a polvora he refinada, de que se elle proveo de mandar fazer muita e asi toda a outra monição de gerra, emxadas e machados, lavanquas, pas, repairos, mantas e dous bateis que podesem jogar huma espera, e toda a outra peça grosa, porque nenhuma não avia na fortaleza nem nunqua se nella fizera, e são mui necesairo pera a gerra.

E ysto asi feito, pidio a el-rei Aeiro que mandase mudar a mesquita, por estar mui perto ([514]) a fortaleza, donde os della podião

---

([509]) Correcção de: «e poor todos fiquarão em 1.700 e tantos, pera que se logo proveo»...

([510]) Palavras à margem: «e partio com eles».

([511]) Notas à margem: «emprestando ao feytor 700 cruzados pera remedio della»; e «almoxarife dinheiro, para paguar soldos e se fazerem outras cousas muy necesaryas».

([512]) As passagens entre parêntesis parecem estar riscadas.

([513]) As palavras «de polvora» estão escritas na entrelinha.

([514]) Na entrelinha vê-se uma correcção: em vez de «mui perto» está escrito: «mui alto». E à margem mais o seguinte: «mui alto e sobre a fortaleza».

receber grande perda; somentes abastava por-lhe fogo com vento prospero, pera queimarem quantos estavão dentro, inda que nisto ouve muita escusa, polla obra ser sumtuosa e de grande trabalho e custo (515).

Contudo Antonio Galvão falou ao regedor e os do conselho e privados, rogando-os e peitando-os, e asi aos reis vizinhos que mandarão ajudar e Antonio Galvão ay andava a trabalhar (516).

Com ysto se começou a obra a mudar, a qual he desta maneira: Esta armada (517) sobre trinta e seis esteos da grosura e altura, duas vezes, dum homem, / / ate onde era toda intopida de barro e pedra, [34 v.] que fiquava outra fortalleza e, sobre ysto, solhada de barrotes mui juntos e lamteis (518) com tres ordens de telhados de quatro agoas, huns sobre os outros, como charollas; e compasados de maniera que a espaço grande, antre estes postos em quatro mastos mui altos; e asi elles, como as asnas, frechais, linhas e tudo o mais, lavrado de romano com muitas e diversas maneiras de lacarias.

Com tudo ysto foi mudada longe da fortaleza, ao longo da ribeira, onde ficou mais baxa e sem nenhum perigo da fortaleza; a qual tem huma arrecife, e (519) todo por syma feito a mão, de pedra, a qual se guastou, quando se fez, quase toda, nesta fortelleza, por onde se o arrecife perdia, que e emparo de sua armada (520) e da nossa e

---

(515) Correcção de: «polla obra ser sumtuosa e de grande trabalho e custo mudar-se tal cousa».

(516) A expressão «andava a trabalhar» é correcção de «tambem ay andava».

(517) Leia-se: «Está armada»...

(518) *Lanteis*, plural de *lantém*. Vocábulo tomado do malaio *lantai*, com a significação de soalho ou sobrado. No teto, um dos dialectos de Timor Português, existe a forma *lanteen*, uma como mesa feita de bambus rachados; tarimba indígena feita do mesmo material.

(519) Nesta passagem vêem-se palavras riscadas, que ainda se podem ler, com a seguinte redacção: ...«a qual tem hum arrecife e a mor parte delle ou todo era feito de madeira e pedra, e todo por cyma»...

(520) Neste ponto o documento encontra-se também muito corrigido e acrescentado.

cousa mui proveitosa ([521]). A qual tem tres barras he todas muy periguosas, omde se perdião muitas velas; nem as nosas nom podião entrar nelas, senão hamainadas e revoquadas, por serem muy baixas, porque, com mare chea, averia oyto ou nove palmos dagoa, porque a mare não creçe mais de seis ou sete.

Huma se chamava Lymatão, que esta contra o Sul, no cabo da cydade dos Mouros; e outra se diz a *Barra da Arvore*, por estar defromte muy grande ([522]); esta he do meo; he outra que esta comtra leste he na fim da povoação dos portugueses, homde esta huma casa de Santa Maria ([523]), se chama barra de Nosa Senhora. *Esta* tinha hum penedo grande no meo e fora outras pedras he inda que pareçe milhor da todas, era cousa muyto periguosa; he comtudo, como avia guerras, emtravão hos Mouros por humas barras he saião polas outras, quativamdo, matãodo dos nosos, se hião em salvo.

Vemdo Amtonio Gualvão isto, e que tinha aly gemte jumto da obra da misquita, pidyo aos mouros que lhe ajudasem fazer esta obra, que era tornar a empedrar o reçife, que se não perdese, polo muito mar que entrava nele; he asy sarar a barra de Lymatão he do meo, por estar mais seguro, he abrir a de Nosa Senhora, que esta 200 braças da fortaleza he quebrar os penedos que estavão nela; ho que se ouve por emposyvell, porque asy Portugueses como Mouros ja amdavão neste trabalho he não poderão da pedra quebrar hum palmo, porque ela, com mare vazia, descobria quasy toda.

Foy-se la Amtonio Gualvão num batel, com hum padre, que se chamava Fernão Vinagre, por ser homem solisyto pera iso; he como lhe visem algumas veas, com lavamquas de ferro, que mamdou fazer pera iso apropriadas, metemdo-as por aquelas veas, quebrou ho penedo, pedaço pedaço, e asy as pedras, alimpamdo ha barra, e pos em duas braças de agoa, por omde emtravão e saião os nosos navios

---

([521]) Correcção de: «e cousa mui proveitosa para esta cidade e fortaleza».
([522]) Quer dizer: «por estar de fronte uma árvore muy grande».
([523]) Supomos que se trate de qualquer capela dedicada a Nossa Senhora.

guales caracolas e velas, que foi muy proveitosa e segura hobra, asy para os portugueses, como para os da terra. / / [35 r.]

Isto acabado ([524]), comesou loguo a serquar a çidade he povoação dos Portugueses de muros, taipas, quavas he baluartes, sem custar a el-rei hum so vimtem, porque fora queimado duas ou tres vezes; a qual obra se comesou na era de 1537, vespora de São João; e foi milhor emvemtada do que se vio, ate gora ([525]), asy de forte, como proveitosa para os que estão ([526]), porque das casas ate o derradeiro muro, a tres ou quatro, afora os que cruzam, que he como emxadrez ou crasta.

Fiqua quada morada sobre si, com ortas, pomares e outras cousas necesarias que se podem remedear aos cerquos, que fiqua tudo dos muro (sic) pera dentro, em que a campo largo; e mandou fazér em quada casa seu poço, por amor do fogo; e algumas são de pedra e barro, que qua ha muito; e os camtos, portays, janellas, de pedra e cal, pera se mais asinha desfazer, se comprir; bem rebocadas; e dentro nellas tulhas pera terem mantimentos sempre de sobejo, porque dantes não avia senão comprallo quada dia e comello, como faz o mouro; pollo que se a fortaleza via muitas vezes em tam grande aperto que quasi não sabião dar-se arremedio.

Mãodou arquar a feitoria da mesma taipa e fazer quasas dentro, a que chamão *bamgasays* ([527]), pera o cravo estar mais seguro; e a casa da ferraria e polvora, que dantes era como tudo de sebes mui perdida; e ordenou fazer a casa da Misericordia, e tudo o que compria se fez pera ella.

([524]) No alto da página, fora do texto, lêem-se repetidas as palavras deste parágrafo: «Ao meu preposito. Isto aquabado comesou loguo a serquar a çidade he povoação dos portugueses de muros de taipas com seus aliserses de pedras baluartes he»...

([525]) Lê-se na entrelinha: «naquela terra».

([526]) Correcção de: «asy de forte para ho que he, como proveitosa para os que estão dentro»...

([527]) Termo levado da Índia para as Molucas pelos Portugueses. (Cf. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático* I).

E mãodou arruar as ruas e tirar dellas grandes penedos e emnovou todas as cousas e mandou trazer agoa de tres legoas, com que moera uma acenha per quanos a çidade, por imitar e sigir a el-rei naquella tam memoravel e bõa obra ([528]), como fez a Evora; e tirou as sebes e tramqueiras, que fazião quada ano grande custo e pouquo proveito. *Mandou* fazer casas, tulhas e outras cousas necesarias dentro na fortaleza; repairar os muros, cobrilla, que estava mui danifiquada; e despois de sua armada concertada e aparelhada, fez
[35 v.] com os Mouros que fizesem outra e pidio a el-rei / / darredor da cidade terras que tinhão grandes e espesos matos e arvoredos, onde elles deitavão suas cilladas, pegadas com as casas, e de riba das arvores vião tudo o que se passava na nosa povoação e fortalleza; as quais deu aos Portugueses pera que as roçasem e cortasem, que fiquase tudo raso e escalvado daredor do muro e cidade, em que os Portugueses semeão arroz, grãos e outros ligumes e mantimentos, de que ão muitos proveitos; e de quintas e pumares que nellas fizerão, pois os gados e criação que nella deixou, era hum campo de Santarem, porque nunqua a trabalhou naquella terra senão fazella como propria ([529]) sua.

E a ilha povoada e a terra asentada, fez com os della que semeasem, prantasem e aproveitasem, pera que della gostasem e tirou-os dos roubos e pellejas do mar, que elles sempre soyão usar; os quais, pollo comprazer, fizerão casas a nosa gisa e mui omrradas misquitas e emnobrecerão suas cidades, villas e lugares, fazendo outras muitas boas obras e cousas que nunqua naquella terra se virão

---

([528]) Correcção de: «e grande obra».

([529]) Neste ponto encontram-se à margem as seguintes informações: «Pollo que se casarão mais em tempo de Antonio Guarvão somente que de todos os outros capitães, nem nunqua poderão someter 4 legoas a terra, nem ter paz com ella; elle fez obedeçer mais de duzentas em roda por paz e por gerra; porque, Deos seja louvado, nunqua mandou capitão que lhe não tornase vitorioso, nem se matou em todo seu tempo nesta ilha e fortaleza de Ternate portugues nem mouro; e asi ouve o tresdobre do cravo do estas ilha nunqua derão, porque sepre as arvores o tiverão. Este foi ho primeiro capitão que entregou esta terra toda da paz e o tempo da Jano sarado nela».

nem cuidarão em ser feitas; e com isto pedio licemça aos reis para poder fazer christãos. *Elles*, com ma vomtade, lha derão para alguns sertos, mas que não fosem mouros.

Mas, amtre outros muytos que se fizerão, foy hum primo mouro com-irmão del rey de Geilolo, que se pos nome Antonio de Sa, de que a terra tomou algum desgosto. E di a pouquo, se fez em Ternate outro senhor, peçoa de grande preço, por ser um dos tres dos comçelhos; chamava-se Culano Sabra que quer dizer: Rei Sabio; derão este titolo he nome, por ser mui esforçado e simgular homem.

Sobre este ouve gramde movimemto, asy dos Mouros como dos Portugueses, porque todos dizião ([530]) que ho nom fizese christão, porque se perderia toda a terra, mas que emtreguase a el-rey, como pedia; ao que respondeo Amtonio Gualvão que socedese o que quisese, que ele avia de fazer ho que Deos mamdava, que cada hum guardaria sua pousada.

Veo-se el-rei he Portugueses a porta da ffortaleza e quasy atemtavão tomar-lo por força, ate que se Antonio Gualvão alevamtou e dise que a todo o Mumdo defemderia com a espada na mão, que ele nom avia de negar agoa do bautismo quem na vinha pedir, como ja a alguns fezzera pelos comprazer e que dali prometia que fezese quamtos christãos podese e que sobre iso morrese marter.

Foi-se el-rey he todos descontentes; fez-se ho mouro christão; tomou por nome Manoell Galvão; e asy se fezerão molheres e filhos e toda a casa, com gramde syrimonya he festa; e asy se fezerão muitos houtros por toda a terra comtra ho norte, bem duzemtas legoas desta fortaleza, seis reis e rainhas, primçipes, imfamtas he outros gramdes senhores; he comtra leste, bem sesemta leguoas, huns povos he çidade, que chamão os Selebes; para a bamda do Sull, e os Amboinos, que estão 70 ou 80 legoas; para parte do loeste, Morotais e Morotia, que serão outro tamto; he foi Amtonio Gualvão, com ajuda de Deos e graça do Espirito Samto, o primeiro que lhe nesta

---

([530]) Correcção de: «porque todos dizião a Amtonio Gualvão que ho nom fezese christão»...

terra ([531]) fez este serviço; e para mais confirmar e se segurar mandou vir hos morgados dos prinçipais a sua casa ([532]), de que fez escola,
[86 r.] hos imsynarão ([533]) / / a ler e escrever e a cartilha, todos outros bons costumes, pelos os milhor comfirmar na nossa samta fe; e os filhos dos Portugueses com eles. *E teve* movido el-rey de Ternate pera ser christão ([534]), (o) qual mamdou dizer nove misas a omra dos nove meses que Nosa Senhora trouxe seu Filho; e estamdo para tomar a aguoa do bautismo, chegou Dom Jorge, por homde se arramoveo tudo, como se dira ao diamte, fiquamdo em aberto para se fazer mais christãos nesta terra que na Europa ([535]).

Estamdo asy a caousa jamais hasoseguada e mamdamdo Amtonio Gualvão prover-se de mamtimemtos he vimdo hum sertos (sic) senhores e regedores do Morotia, que são ilhas alem do Moro ([536]), que avia pouquo que ele fezera christãos, he outros com eles, pera ho ser ([537]), saio a eles do Moro hum senhor, gramde capitão, que dizião que nom podia morrer a ferro, por trazer huma manilha ou serta reliquia. *Este*, no tempo pasado, tynha feito muito dano; he no prezemte, nada emmemdado, nem numqua quis tomar a paz de todo, mas amtes com sua armada deu a estes ([538]); nem comsemtia que da

([531]) As palavras «nesta terra» encontram-se escritas na entrelinha.

([532]) Nesta passagem pode ler-se, riscada, uma outra redacção que foi abandonada: «e para mais comfirmado, mamdou vir hos filhos he morguados primçipaes e trabalhou com el rei»...

([533]) Ao fundo desta página lê-se mais o seguinte: «E não sem muito custo seu, ho qual ele houve sempre gosto e por bem empreguado e provera a Deos que nisto (?) houvera».

([534]) À margem: «E dise que lhe perdoava por ser de Banda, mas que nom tornase la mais nem houtra cousa alguma, que paguaria tudo iunto com elle».

([535]) Nesta passagem, num espaço sem texto, lê-se esta nota escrita com letra diferente: «e o capitão desta nao se chamava Marma; e mandou outra armada por Dyoguo Llopez de Azevedo contra os e Maquasares e Bamdanezes, que vinhão a Maluquo a vender artelharia e outras armas e fazer fazenda e trouxerão de preza huma nao de Bamda a que Antonio Galvão fez muita festa».

([536]) À margem: «de cidade muy grande».

([537]) Correcção de: «pera o ser, e trazião mantimentos, saio a eles»...

([538]) Outra correcção de: «mas antes com sua armada saio a estes»...

sua terra ([539]) reçebecemos nenhuma boa hobra; todos reis he povos tinhão nele olho e seguião como cousa samta; isto por emcuberta ([540]), dizemdo que ele nos avia de fazer a guerra e pera isto, he nos ver (sic) correr a costa, tinha huma grande armada aparelhada; he pera sua peçoa, hum calauz ([541]) feito muy comprido he remeiro.

Amtonio Gualvão, disto sertefiquado, detriminou de mamdar la busqua-lo. *Com* estes mesmos que vinhão fez huma armada prestes, mamdamdo por capitão Francisco Alvarez Pinheiro ([542]), que era ele pera ser o forçado ha dar aguoa do baltismo; e deu-se, ha tall manha, que desbaratou ho mouro, he não roto de todo, mas como capitão muy destro hia na trazeira, recolhemdo sua armada, reçebemdo he damdo muytas frechadas e espimguardadas; nem as bombardas estavão quedas. *Desta* maneira, com muy bom comcerto, sem reçeber nenhum danno, mas de houfano, muy de vaguar varou sua armada e o qualaluz na derradeira.

Vemdo os nosos tam gramde afromta, se deitarão em terra, mas foy-lhe muy bem defemdido, que os da nosa parte guanharão nada, amtes com alguma gemte ferida ([543]) so se recolhia mais dos tiros do foguo, que outra cousa; e o mesmo capitão dos comtrairos, como immortal he nada os estymasem, amdamdo na diamteira, recebeo huma bombardada, que caio em terra, em que dizem que nom era mortall a ferida; hum seu irmão, como asy vio, tomou as costas, pelo tirar da presa. *Hum* portugues, que se chama Amtonio Fernandez,

---

([539]) Palavra corrigida à margem por «casa».

([540]) Outra redacção à margem: «favorecendo seu partido por encuberto, dizemdo que ele nos avia de fazer a guerra»...

([541]) O termo *calaluz* é a correcção de *navio*.

([542]) Esta passagem é correcção da seguinte: «mamdamdo por capitão o vigario Francisco Alvarez Pinheiro, que era ele pera ser dum bom escodrão e avia de la ir forçado a dar aguoa do bautismo e por isso o escolheo com outros portugueses pera iso e deu-se a tal manha que desbaratou ho mouro»...

([543]) Correcção de: «amtes com alguma gemte ferida, ho se recolhia com tal conserto que do que devia dos tiros do foguo, mais que outra cousa ajudassem; e o mesmo capitão dos comtrairos, como immortal he nada os estimassem nem mostrasse fraquesa, andando na dianteira»...

em sylada como estava com huma espimguarda aparelhada e no rostro pera tirar, e vise aqueles dous jumtos, pareceo-lhe que em huma outra parte a podia milhor empregar; deu-lhe pelos fios dos lombos he, pasados ambos, cairão mortos.

Nisto cheguava ho filho erdeiro, que dizem ser bom cavaleiro, acodimdo com a gente da çidade ao arroido; e avemdo asy mortos (544), fez grande pramto e semtimemto, dizemdo que, como era imposyvell aver cousa no Mundo que a seu pay matase (545), ja ninguem não devia de crer viver (546); pois seu pay era morto a ferro.

Com estas e outras lastimosas pallavras, arramquando dum cris, se deu pellos peitos e quaio sobre os corpos mortos.

Os seus, retraidos, com gram pranto, se vieram os nosos, tra-
[36 v.] zendo o callaluz, por mostra de sua vitoria, // que outra cousa nam poderam della tomar.

Pos tam gramde espanto a morte deste duque na terra que todos obedeceram e nunqua mais se allevantarão, somentes hum lugar, que esta na ponta da ilha de Muar, pegado com Amboino, cujo nome he Veranula, por ser senhorio (547), por estar em lugar forte e dizerem que tinha quatro centos tiros de artelharia, não veo dar a ubidiencia, nem menos fazia gerra.

Antonio Gualvão, temendo-se que se recolhesem a ella as naos, que dizião andar huma de Castella (548), mandou la a el-rey, com huma fermosa armada, bem aparelhada, e de Portugueses comsebida a quem dise que pidisem paz e artelharia; e nam na querendo dar, os acometesem e destruisem; o qual foy feito, por elles não quererem

---

(544) Esta passagem é também correcção de: «e sendo estes mortos, avemdo asy o pai e tio mortos, fez grande pranto»...

(545) A frase «como era imposyvell aver cousa no mundo que a seu pay matase» é outra correcção da seguinte: «como era imposyvell aver cousa no mundo que a seu pay pudese matar, quanto mais ha ferir»...

(546) Mais outra correcção de: «ja ninguem devia de crer viver no mundo».

(547) Nesta passagem vêem-se riscadas as palavras: «a ninguem dar obedi-emcia». E à margem: «e ser forte ho sityo».

(548) As palavras «andar huma de Castella» encontram-se escritas à margem.

nenhum bom conçerto ([549]). Neste lugar forão cativas, afora mortas, mays de mil almas; estara da nosa fortalleza setenta ou 80 legoas. Isto feito, fiquou tudo sosegado.

Antonio Galvão foy del-rei requerido que o casase com huma filha do de Tidoure, que lha não queria dar, ou lha ajudase a tomar por força. Antonio Galvão, por milhor a terra apacifiquar, mandou chamar Cachil Rade e outros principais de Tidoure e pidio-lhe muito que, por amor delle, quisese acabar aquelle negocio; a que responderão que, segundo el-rei estava duro, que não poderia ser sem elle la ir em pesoa; o que logo pos por obra, com mui pouqua companhia; foy del-rei bem reçebido e com muito prazer e gasalhado pollo tão so e seguro ir ver; foi cousa muito fallada, no que el-rei nom queria consintir, dando por reposta que elle bem via a onrra que dali recebia, e que o de Ternate era mayor senhor, seu primo conyrmão duas vezes, mas que elle não era contente da sua arte e que pois lhe elle sua filha não dava, não era sem causa.

Antonio Galvão lhe dise que se não partiria ate que aquella merce delle não recebese, que se a dera na primeira, como lha pedião, escusada fora la sua ida; e com todos ter de sua parte, foy el-rei de a dar contente, dizendo que a casava com Antonio Galvão, porque estava asentado de nenhuma cousa lhe negar, em que lhe pudese fazer prazer, que prouvese a Deos que fose por bem de todos.

Antonio Gualvão mandou a princesa muitas peças riquas, em que ya huma cadea, manilhas e huma espera de ouro, cheas de ambre, pollos ter mais contentes; asi que por todas as vias este casamento não lhe custou pouquo ho quall foy selebrado com muitas festas, prazeres e trihunfos (?). // [37 r.]

E porque a nova das naos de Castella atiçava ([550]) e a avião por certa, por virem ao Moro, para tomar porto ([551]), que lhe não

([549]) A passagem «por elles não quererem nenhum bom conçerto» é correcção de: «por elles não quererem nenhum bom conçerto, senam muito a seu proveito».
([550]) Correcção de: «atiça».
([551]) A frase «pera tomar porto» é correcção de: «pera tomar terra».

consintirão, polla amizade grande ([552]) que com Antonio Galvão tinhão, e dahy forão sorgir a pomta dos Sumas he Vedas que he no mesmo Moro, mais abaixo, e por aqui aver muyta pedra e rato, se fizerão a vela e comtra os Papuas.

Temdo Antonio Gualvão este recado, mamdou la huma armada, por capitão João Foguaça, ho qual nom trouxe nova serta e asy mamdou pidir aos reis, senhores e a todolos guovernadores dos lluguares que lhe soubesem ho serto daquelle caso; que quem trouxese a serteza, que llevarya boa allvysera. Nom tardou muito que ell rei de Tydore nam mandou dizer que em a cidade de Çamafo estava hum castilhano, que os seus governadores della resgatarão os Papuas, que o trazião cativo; pello qual elle ja mandara e quada dia esperava. *Mandou-lhe* Antonio Galvão hum Pero de Ramos ([553]) com que el-rey folgava ([554]), tendo-lhe muito em merçe o tal cuidado e dilijencia, inda que não foy sem boa custa. Chama-se Migel Nobre ([555]), de idade de trinta anos; era contra-mestre da nao capitayna, ao qual Antonio Galvão fez muito gasalhado e omrra. Este deu conta de tudo o que passava naquella viajem e armada ([556]).

Primeiramente disse que na era de 536, pouquo mais ou menos ([557]), sendo Fernão Cortes capitão e governador da Nova Espanha, se partio della, do mar do Sul, de um porto e lugar que se chama Culima a descubrir contra o norte, o qual chegou a vinte e tres graos, onde achou huma ilha a que pos nome a Cardona, por ter muitos cardos; deixou ai sesenta castilhanos com mantimentos e tudo o necesario; e no tempo que o Marques partio da Nova Espanha, deixou fazendo dous navios num porto, que se diz Tagante Peque, o

---

([552]) A palavra «grande» está escrita à margem.

([553]) Correcção de: «Pero de Ramos, castelhano»...

([554]) Correcção também de: «com que el rey muito folgava»...

([555]) Corrigido na entrelinha para: «inda que não foy sem boa custa, e não da feitoria. Este omem chama-se Miguel Nobre»...

([556]) Lêem-se à margem os seguintes dizeres sem nexo: «com a resposta» e «chama-se».

([557]) À margem: «e foi-me trazido na era de 37, a 23 de Outubro».

mayor seria de cento e vinte tonelladas; chamava-se Santiago e o outro ate noventa; os quais acabados, carregarão de mantimentos e forão em busqua de Fernão Cortes; era capitão mor de ambos Jorje Seirão, primo de Alvaro de Sayavedra, que veo a Maluquo por capitão-mor da armada, que o Cortes mandou na era de 527 e acharão o Marques no caminho, que vinha, por ser mandado chamar do viso-rei ([558]) que novamente era chegado, e veo desembarquar a Capuquo, donde o Marques mandou requado ao Emperador / / [87 v.] Carlos por Jorje Seiram e fez capitam dambas as naos a Fernão Grijalvarez, que era seu mordomo-mor, omem de 40 anos; e da mays pequena, ha hum fidalgo, que se chamava Alvarado, de idade 26 anos, pouquo mais ou menos.

Asy como estavão caregados com os mantimentos, partirão na mesma era deste porto de Capulquo, a primeira oytava da Pasquoa, pera Piru, onde os mandavam; e do navio em que ya Fernão de Grijalvarez era pilloto Martim da Costa, portuges, natural do Porto, homem que pasava de 40 anos; e o mestre do senhorio de Jenoa, dum lugar que se diz São Pedro de Arena, da idade do piloto, cujo nome era Estevão de Castilha, casado, vizinho com Sevilha, contra mestre do senhorio de Saboya de villa Framqua de Niça, que se criara de pequeno em Espanha; e o outro, de que era capitam Alvarada,(sic) ya por mestre e piloto hum bizquainho, chamado Joam Martinez e o contra-mestre de Merselha.

Chegados ao Piru que foy em 40 dias, a huma cidade que se diz Mantua, e estar na linha; dai forão a Tumbez e a Paita, que he porto da cidade de Sam Migel, onde estão os Castelhanos de asento; aqui descarregarão e mandarão requado a Fernão Piçarro, governador de Piru, que estava na cidade de Xauxe; estiverão agardando polla resposta tres meses e recibidas as cartas, sem tomarem nenhuma merquadaria, somentes alastrados ([559]) de chumbo, que trazião da Nova Espanha, se fezerão a vella, levando de presente ao Marques

([558]) À margem: *D. António de Mendonça.*
([559]) A palavra *alàstrados* encontra-se rasurada.

hum omem douro e huma molher de prata, que lhe mandava Fernão Piçarro.

Duzentas legoas da costa, denotificou o capitão que queria ir a descobrir; do que dizem que pesou muito a todos, por virem mal aparelhados, asi de cabres e emxarcea, como de mantimentos; contudo, fizerão o que o capitão mandava e forão na volta do norte, ate se porem em quatro graos daquella parte e daqui mandou governar ao sul e tornarão em cinquo graos daquella banda; e, governando aloes-noroeste, tornarão a sete graos do norte; e tornarão ao sul, ate se porem em treze graos de altura e daqui se vierão a linha.

Como forão nella, governarão a loes-noroeste, ate se porem em vinte e quatro graos da parte do norte, sem nunqua verem terra; e, por falta de agoa, tornarão a linha onde a tomarão.

Andando asi em calmaria e com muitos chuveiros, quebrou o mastro do meo; com duas antenas o remediarão, andando asi cimquo ou seis meses, mandava o capitão arribar a Nova Espanha, por falta de mantimentos e agoa, fazendo caminho ao mesmo norte e as mais
[38 r.] das vezes / / ao noroeste, forão asi neste bordo a vella ate vinte e sete graos, em busqua da terra, onde acharão muitas trevoadas, frio e neve.

Fazendo-se na volta de leste, acharão o vento noroeste e o esnoroeste largos e como abayxavão de 27 graos, escasearão; andando numa e outra volta, a maneira de cosarios, descairão ate quatro graos; não tinhão ja quasi que comer, porque lho não davão senão de meo dia a meo dia, que era a regra de mea livra de pão e agoa bem pouqua, ate virem a seis onças de pão e agoa, quasi nada; não podião ja trabalhar.

Vendo o capitam que a jente não podia trabalhar nem tinha que lhe dar a comer, mandou chamar a conselho, no qual lhe diserão todos que arribase em Malluquo; o qual elle não quis, senão que andasem de redor da linha, ate que le adoeceo o pilloto, que foy o primeiro; e que lhe tornou a pidir a jente que fose logo a Malluquo, o qual elle não quis; fallecido o pilloto, começou a jente a adoecer e a morrer a fome e o mesmo capitam adoeceo das pernas e duraria trinta

ou quarenta dias; e neste meo tempo, pondo a proa a lloeste forão demãodar Malluquo, sempre grao e grao e meo, ate dous da llinha, ora duma parte ora da outra, e os ventos erão de popa, fraquos, com alguns chuveiros.

Nisto andarão tres ou quatro meses, sem nunqua verem terra; o capitão mor falleçido, pozerão ([560]) o mestre em seu lugar e do pilloto. *Avendo* ja 10 meses menos seis dias que andavão naquelles trabalhos, ouveram vista de humas ilhas, a que chamão as Papuas Versai, segundo a emformação que derão e nos a chamamos a ilha de Dom Jorje de Meneses que, quando descobriu Malluquo, foi nevernar nella. *Estara* duzentas legoas delle, a qual diz que não puderão tomar, pollo vento lhe escasear; e dai tornarão ao norte e surjirão na ilha que se diz Quaroar e nos a chamamos a ilha Baxa, em que fizerão agoada e estiverão dous dias; e por perderem huma anquora, se fizerão a vella e a lloeste vierão ter a outra que estava 50 ou 60 legoas desta, a que os / / abitadores chamão Meumçu e nos a dizemos [38 v.]
Agoada de Simão de Brito.

Andarão per antre estas ilhas 7 ou 8 dias, onde lhe falleceo a mais da jente; os que fiquavão andavão em pes e em mãos e iso detreminarão de dar com a nao a costa; e primeiro que isto fizesem, deitarão duas pasa-muros de ferro ao mar com outra alguma artelharia que trazião e arribarão a terra e vararão nella, numa baya, onde estão dous ilheus, em que entra hum rio de agoa doçe, por onde poderão navegar fustas e bragantins.

Chama-se este porto Savaym em lingoa dos da terra; quando derão com a nao nella, podia aver ate 20 omẽns branquos e dez escravos, e despois de a nao estar emqualhada, tirarão della o milhor que poderão, principalmente o ouro e prata ([561]), em que podia aver tres ou quatro mil cruzados, e meterão no batel dous berços e ate doze omẽns com detriminação de irem a Malluquo, e os outros, por estarem muito doentes, puserão em terra deixando-os a ventura, em

([560]) Correcção de: «fezerão».
([561]) À margem está escrita a palavra «meuda».

que falecerão logo tres; e estando em concertar o batel dous ou tres dias, nunqua virão omem nem cousa viva.

Indo asi o batel polla costa da ilha, toparão huma povoação, que se chama Ar, que sera de Sauvaym 15 ou 20 legoas, a qual saio a elles hum parao com mantimentos; e os Castelhanos, como se não entenderão com elles, o mestre com huma espada dambas as nãos matou hum dos principais (562), querendo tomar por força o que trazião, se acolherão a terra e vierão sobre elles com huma armada, tomando-lhe o batel, os trouxerão todos a espada, os que fiquarão doentes, o milhor que puderão, se forão tres e elles o milhor que puderão polla terra dentro, ate acharem quem lhe tomou iso pouquo que levavão vestido e os deixarão em couro e os fizerão ir comsigo onde se a nao perdera, porque elles não erão naturais desta ilha, mas vinhão alli de Versai a resguatar fisas, onde estiverão hum mes e meo; e se tornarão a sua terra, dando-lhe tambem vida, tratamento como a si mesmos fazião. Hum dos que escapou era o nobre que foi ter a Malluquo, que pasara dum ano que estava cativo; o outro, se chamava João Camacho, mancebo, filho de Alonso Camacho de Pallos; e o outro se chamava Joam Preto; era mullato e por indiabrado e velhaquo o matarão.

E a outra nao de sua conserva diz que se tornou a Nova Espanha,
[39 r.] ou não sabem onde he deitada. //

Pasamdo (a) cousa desta maneira e Amtonio Gualvão muy gastado, por aver dous anos que mamtinha esta fortaleza casy as suas custas, emprestando dinheiro a el rey, como he ja dito, e com tudo muy ledo, por lhe pareçer que avia Sua Alteza dele ser servido como desejava, polo muyto cravo que Deos deu em seu tempo, porque erão ja tyrados quatro mill bares, sem ele aver hum so arratal; e o fez pera el rey, foi com tamto trabalho que e nada seas lamçadas, guanhando, mas jaguora; mas, segumdo o que el rey mamdava, ele tinha escrito a Imdia lhe pareçia estar seguro e que se não fezesse la tão grão serviço como crer deitarem-lhe lomge, cada ano, quatro cemtos mill que Sua

(562) Correcção de: «principais da terra»...

Alteza tinha jumtos e seis ou sete mil bares de cravo que as ilhas derão; o qual ele estava esperamdo com olhos lomguos por naos de Sua Alteza que o levasem, quamdo vio asomar de mercadores a pares com bem novas que a ho cravo larguo e terços na Imdia, sem levarem hum so real pera a feitoria, levamdo muytos seus e de partes pera fazer cravo; o que loguo poserão por obra e os que la estavão, como virão cousa tão desejada, seguirão seu partido, nom semdo ho feitor Belchior Botelho e escrivão e ofeçiaes os derradeiros, como se vio polas tulhas que depois dele tomarão; fazemdo-se procuradores mercadores vierão a Amtonio Gualvão com estromemtos que os quapitães das ([563]) naos trazião de Malaqua, como ho cravo era larguo na Imdia, requeremdo-lhe que asy ho fizese, pois eles ficarão com ele e tinhão dyso tamta neçeçidade.

Amtonio Gualvão nam quis ver os estromemtos e disy que não avia de quebrar os regimemtos de Sua Alteza nem dar de sy tão maa comta, pois era naquelas partes capitão e veador da fazemda, ainda que posese em risquo a peçoa e fortaleza, pois emtemdia milhor serviço del-rey e bem dela que os que estavão na Imdia; que ele não podia crer que o guovernador e veador da fazemda mamdasem tão imjusta cousa.

Loguo vierão com requerimentos, que deixarião a fortaleza ([564]); ao que respomdeo que ele ficaria nela e seria marter do serviço de Sua Alteza e que não queria milhor sepultura que aquela que tamtos milhares de cruzados e mortes de homens custarão; e imda que estava mais em tempo de arrogar que de asanhar, nam quis larguar o cravo, mas ser bem guardado da lei que lhe mamdavão; e pera isto premdeo os capitães das naos; das quaes huma era de Pedro de Faria, capitão

---

([563]) Escritas com letra diferente às palavras: «com estromemtos que os quapitães das naos»...

([564]) Em nota à margem, com muita dificuldade, lê-se o seguinte: «Pedindo-lhe todavia que o aiudasem a guardar aquela forteleza; e mandarão-lhe hum prezente com cem (?) sinabafos (?)... e houtras peças boas e algumas tifyas e que vinhão enteiras (?) riquas, com hum alquorão no meio; jarras de vinho de Portugal novo nom quis somente tomar, mas ver; somente comprou huma jarra».

de Malaca, de que vinha por capitão Amtonio Tavares; he e o senhorio e capitão da outra, Numno Preto; e tomou um os lemes e velas e mamdou-os meter na fortaleza, porque, como ja dise, estão huma leguoa dela e fazem o que querem, porque estavão em milhor sytio, pera se judarem do cravo. Das quaes cousas daquelas partes nimguem imtemde senão quem no padese e asy lhe mamdou escrever as fazemdas e ouve-as por perdidas pera Sua Alteza, segundo em seus regimemtos mamda.

E pera se milhor comprirem, mamdou registar todo ho cravo que era feito, pera se outro nom poder fazer e pasou mamdados ao feitor e ofiçiaes que soubesem, se ele ou seus tynhão algum, por juramento he o tomasem pera Sua Alteza em que fose feito antes da defeza pola ele ja ter posta.

E vendo elles ysto, ajuntaram-çe todos, a hum domingo, a porta; fyzerão a Amtonio Gallvão esta falla: «Nos, senhor, nos espamtamos de vosa merçe e sua comtumaçia quererçe perder mais do que esta, e deyxando vosos criados e nos outros que vos aqui fyquamos servindo, com tantos trabalhos, nos desejaes de ver todos perdidos e yndo-se todos caregados de cravo, como nos poderemos fazer, e a
[39 v.] guerra, que estamos caze perdidos; / / e vosa merçe de todo não days a Deos muitas graças yyr-nos remir e vir com o cravo llargo da Yndia, que fiquaes desobriguado aos mandados de Sua Alteza; e se quiserdes comprir e guardar os do governador e veador da fazenda e deyxar-nos fazer cravo, como leis mandam, nos nos obrigamos e vos daremos dous mill bares, que vallem çem mill cruzados, ysto por preços muy baratos, ajudando-vos a fazer o mays que quiserdes, poys Noso Senhor deu tamto em voso tempo, o que se nunqua vyo, pareçe que lhe tynha guardado esta boa ventura. Olhe, senhor, que dyz o emxempllo, que quem tem tenha e quem não, que ma pasquoa lhe venha».

Outras muitas cousas dyserão, que fazya a seu preposyto e muito proveyto.

Antonio Gallvão respomdeo que milhor seria ouvir misa, que nom costumava quebrar cousa tão sagrada, como era o que ell-rey

mandava, e que nom podya ser mor ganho que niso tynha. Sua Allteza lhe fizera merçe della.

Ao que respomderão que ell-rei não tynha fazemda, pera fazer cravo, que nem na feytoria avya hum soo pano.

A que Antonio Gallvão dyçe, que verdade era, mas que elles a tinhão muy boa e em milhores leayos (?) e çortes, que a dos merquadores e tamto por tanto os Mouros folegavão mais com ellas, por serem de Cambaya e cores e as que tynhão os merquadores erão bramquas, fynas de Bemgalla, que se lla nom gastão senão de maravilha; que elle ofreçia e dava loguo ao feytor e oficiaes que por mingoa dyso nom deyxasem de fazer a ell-rey tão grande e proveytoso serviço, como era mamdar-lhe perto dum comto de ouro, que se podia aver com bem pouquo custo.

Todos / / callarão, porque lhe vinha naquellas naos muita fazenda [40 r.]
de retomado cravo que a Indya nas outras naos tinhão mandado. *E quom* ysto se llevamtarão, dyzemdo o feytor Belchior Botelho que elle nom hya lla por feytor de pao, senão pera se fazer ryquo, que ja nom no avyão de emguanar, como fyzerão com outro ofyçio. E lloguo armarão os criados de Amtonio Gallvão, damdo-lhe roupas, pera que fosem fazer cravo e o deixaçem todos, como fyzerão; somemtes hum Francisco de Crasto e hum Dyoguo Llopez de Azevedo.

E mandando Amtonio Gallvão pollas ilhas, a primeira fazemda que se lla tomou e achou foy a do feytor e asy lhe tomou Amtonio Gallvão duas tulhas de cravo huma em Ternate, na çydade dos Mouros; e outra em Tallamgame; o quall cravo mamdou pezar e emtregar peramte os escrivães da feytoria, premdemdo o feytor, por quão mall o fazya; e deu cata por todallas casas, começando na do vygayro, que lloguo fez escrever sua fazenda e cravo e asy fez por todallas cutras; o quall mamdou ao feytor, escrivãis que o reçebeçem. *E* çemdo sabedor que pollos matos e alldeias o punhão em tulhas, foy dahy duas ou tres lleguoas com as armas as costas e aças trabalho, se fez hum pe de fero, amdando de dya e noyte; e desta maneira tomou muita fazemda, a que el-rey Aeyro de Ternate

acodyo, por partidos purtugeçes, dyzemdo que este cravo era seu e o mandava defender por hum primo comirmão, a que chamão Chaquamoll, que hyão qua por muy vallente, por onde Amtonio Gallvão quebrou com ell-rey e com toda a gemte, dyzemdo elles que lhe avyão de tirar a vyda, poys elle queria tyrar as suas de cada dya; era avizado primçipallmente pollos padres, porque em comfyção
[40 v.] dyzyão que lho era dyto. / /

Estamdo tyramdo huma devaça sobre quem fazia cravo, em que soo os defumtos achou sem cullpa, e queremdo emxecutar, chegou Dom Jorge de Crasto, com comfyrmação do cravo llarguo çoquor ([565]) de terços, de que ell-rey nom averia nem hum por çemto, dyzemdo que lhe emtregase, Amtonio Gallvão, a fortaleza, que asy vynha asentado pollo governador e veador da fazenda; temdo ainda hum ano por servir, comprio fazello, por sallvar a vyda e omrra, por ter todos por comtrayros sobre este fruyto da dyscordya; que se não podem escrever os que naquelle llabarimto imfernall se pação; tyramdo estromemtos e sertydõis de agravo que nyso e em outras lhe fizerão, se partio, como se dyra ao dyamte ([566]). / /

([565]) Supomos que se trate do vocábulo oriental *choquel* ou *chuquel*, do malaio *chukai*, tacha, imposto, frete do cravo de Maluco.

([566]) O documento termina aqui. A continuação que o autor anuncia, ou se perdeu, ou não chegou a escrevê-la.

INFORMAÇÃO DAS MOLUCAS
(Texto III)

Existente na biblioteca particular do major Charles Ralph Boxer.

Este é o terceiro texto que damos das *Informações* de Gabriel Rebelo. No Volume 3.º da nossa *Documentação* publicámos o primeiro e o segundo textos. Como deixámos aí dito, o primeiro é a reprodução dum manuscrito existente nos *Reservados* da Biblioteca Nacional de Lisboa; e o segundo, por sua vez, é a reprodução duma cópia recente existente também nos *Reservados* da mesma biblioteca, e que já fora publicada pela Academia Real de História. Esta cópia supomos ser tirada do manuscrito que existiu na biblioteca particular da Casa Cadaval e que terá desaparecido.

Qualquer destes textos é de valor muito reduzido: o primeiro, por se tratar dum trabalho de Gabriel Rebelo na sua primeira forma, provisório, omisso, portanto; o segundo por se tratar duma cópia sem qualquer classificação histórica, muito imperfeita, com muitas lacunas e erros; a única, no entanto, da obra definitiva de Gabriel Rebelo, existente nos nossos arquivos, segundo cremos, uma vez que se dá como desaparecido o manuscrito pertencente à Casa Cadaval, não há muitos anos ainda.

Este terceiro texto, que agora publicamos, é a reprodução dum manuscrito da biblioteca particular do ilustre professor da Universidade de Londres, do qual muito amavelmente nos cedeu uma cópia microfilmada.

Pela letra e pela ortografia parece tratar-se duma das várias cópias coevas do original de Gabriel Rebelo e, portanto, com real valor histórico; mas diferente da que existiu na Casa Cadaval, como se pode ver pela ortografia, pela disposição dos índices e por algumas variantes em certas passagens.

Não existindo nas nossas bibliotecas uma cópia autêntica e coeva das *Informações* de Gabriel Rebelo e dada a importância deste interessante documento, pareceu-nos não só útil mas até necessário incluir na nossa colecção documental a reprodução da que possui aquele distinto e fervoroso devoto da nossa História no Oriente, apesar de ser este já o terceiro texto de tal documento, o único de real valor histórico, pelas razões acima ditas.

Tanto quanto nos é dado julgar pela cópia microfilmada que possuímos, o manuscrito encontra-se em muito bom estado, a sua leitura é fácil, se tivermos o cuidado de separar vocábulos justapostos ao longo das frases, com certa frequência.

2

INFORMAÇAM DAS COUSAS DE MALUCO

Dadas ao Senhor Dom Constantino em que se tractam algumas novidades da naturesa e socintamente de seu descobrimento pellos portugueses e castelhanos e de todas as armadas suas que la foram, ate Rui Lopez de Villalobos, he aa destruição das fortalezas de Geilolo e Tidore em que se recolhião.

Composto por Grebiel Rebello

TAVOADA DESTE LIVRO

Primeira parte he a que se segue

Segunda parte he a que se segue

Terceira parte

Fin. // [1]

PRIMEIRA PARTE

Que trata por treze capitolos os ritos e costumes dos moradores de Maluquo e das cousas diversas que a em todo seu arcepeleguo e do Moro, Anboino, Celebes e Papuas, pelos quaes se verão as superfluidades que deles em muitas partes andão enpremidas.

Composto por Gabriel Rebello.

Aos lectores

Se fora liçito não comtar cousas de amiração, como aconselhão os sabios, não se atreverão alguns (ainda que menos prudentes) escrever as que com immenso trabalho alcançarão, cuja verdade as tem acreditado e persuadido o animo dos omens a curiosidade doutras, do que se segue maior fruito que da inorançia. *O* qual me persuadio escrever as de Malaquo, confiando na esperiençia delas. *E* anhadi, o mais breve que pude, as armadas de Castelhanos que a ele forão e a destruição das fortalezas de Geilolo e Tidore, pousadas suas.

E asi ofereçi meu atrevimento ao Senhor Dom Constantino, acabando os trabalhos da guovernação, por me ter mandado lhe declarase hum matiz que lhe dei do mesmo Maluquo ([1]). E quis satisfazer por escrito, confiado mais em Sua Senhoria, que encobreria meus erros, que em Vosas Merçes, de quem cuidei escapar. *Mas*, como muitas vezes aconteçe as cousas ocultas darem maior preguão, não pode esta deixar de ser sentida de alguns amiguos, a quem não ousei neguar sua vista, temendo por seus fraquos mereçi-

---

([1]) Confrontando esta passagem com outra do capítulo 8, Gabriel Rebelo parece referir-se aos desenhos do Texto I das suas *Informações*, ou a qualquer debuxo panorâmico das Molucas, de sua autoria ou doutrem, cuja existência, porém, ignoramos.

mentos ir parar aos meninos das escolas; particularmente, por me antremeter tratar de vidas alheias; mas fi-lo com tenção de segredo, por trazer a memoria a Sua Senhoria alguns serviços dos Portugueses daquela alonguada tera, e não ficarem em esquecimento os de tão singular varão, como foi Bernaldim de Sousa, que alguns emulos tem trabalhado de escureçer; e quis antepor sua memoria a meus defeitos, porque o tive por menos maao que ocultar-se o exemplo de sua constançia na paz e na guera.

E se Vosas Merçes acharem superfluidades ou faltas na istoria, podem-nas emmendar, com me não condenarem por sospeito, atreboindo-me amor ou odio, porque de todo estou livre e a escrevi o mais cinplesmente que pude e entendi, conforme a minha fraqua abelidade, por cujo respeito devem ser relevadas as faltas do estilo.// [2]

Querer mostrar a Vosa Senhoria o desejo que tinha de o servir, me fez temerariamente ordenar este memorial das cousas de Maluquo, por me mandar que lhe declarase o matiz que dele lhe dei, pera o que não ouvera ter ousadia meu debilitado engenho, ao menos por viverem ainda os de que trato, dos quaes poso ser reprovado, por pretenderem em suas obras mais ou menos do escrito, mas não foi em mym deixar de o fazer, por aver que em outra cousa não podia servir Vosa Senhoria, confiando que regularia meu zelo com sua grandeza, por tratar novidades de que he corioso e alguns feitos de Portugueses, particularmente os de Bernaldim de Sousa.

E quis antepor a tudo sua memoria, por aver que por a mesma causa favoreçia e se averia Vosa Senhoria por servido da obra; a qual lhe mandei depresa, por se anteçipar mais do esperado sua ida pera o Reino; pelo que levou muitos eros que neste quis emmendar, por me livrar dos que reprendo no primeiro capitolo que achei em outras escrituras; das quaes apontey os menos, deixando os mais, pera por o pouquo mostrar o muito; e das duas partes fiz tres; e do cabo, prinçipio, pretendendo melhor ordem, que foi causa de maior trabalho. *O* qual ofereço a Vosa Senhoria, cuja vida Noso Senhor acresçente e prospere por muitos anos.

mentos ir parar aos tocados de velhos; particularmente, por me entremeter tratar de vidas alheias; mas fi-lo com tenção de segredo, por tratar somente das acções de alguns [illegible] dos Portugueses daquela conquista sem, e não ficarem em esquecimento os de não singular valor, [illegible] Bernardino de Sousa, que algumas [illegible] tem [illegible] sua [illegible] defeitos, porque o tive por menos dano que ocultar-se o exemplo de sua constância na paz e na guerra.

E se Vossas Mercês acharem superfluidades ou faltas na istoria, podem-nas emmendar, com me não condenarem por suspeito, atribuindo-me amor ou odio, porque de tudo estou livre e a escrevi o mais cumpridamente que pude e entendi, conforme a minha fraqueza e habilidade, por cujo respeito devem ser relevadas as faltas do estilo. //

Quis [illegible] mostrar a Vossa Senhoria o desejo que tinha de o servir, [illegible] das coisas de Malaca, [illegible] por me mandar que lhe declarasse o mais que dele me [illegible], pera o que não [illegible] ter [illegible] engenho; ao menos por [illegible] de que trato, [illegible] por [illegible] do escrito; mas não foi [illegible] e fazer, por aver que em outra coisa não podia servir Vossa Senhoria, confiando que regataria meu zelo com sua grandeza, [illegible] de que se [illegible] algumas letras de Portugueses, particularmente os de Bernardino de Sousa.

E quis anteper a tudo esta memória, por aver que por a mesma [illegible] Vossa Senhoria por servirão da obra, a qual lhe mande [illegible], por se [illegible] sua ida pera o Reino; pelo que levou muito, e [illegible] que [illegible]; por me livrar [illegible] que [illegible] capitolo que achei em muitas [illegible] ou menos, [illegible], pera por o pouquo mostrar o muito; e das duas partes fiz tres: e do cabo, principio, pretendendo melhor ordem, que foi causa de maior trabalho. O qual ofereço a Vossa Senhoria, cuja vida Nosso Senhor acrescente e prospere por muitos anos.

CAPITOLO 1

Da nota dalguns principais erros que achei escritos de Malaquo.

Pareçe que da pouqua conta que os homens fazem das cousas, vem a erra-las, quando as tratão, donde tem nasçimento esqueçerem-se dumas e sobrepujarem em outras, como alcançei polas que vy escritas de Malaquo, cujos erros me mostrou a esperiençia. E achei casi todas desfaleçerem em huma parte e creçerem muito em outra e as mais erarem e as menos açertarem.

Os quaes defeitos forão, em parte, causa de meu trabalho, por mostrar a Vosa Senhoria o que vy e me perguntar por algumas de que o tinhão enformado tanto ao reves que casi duvidei dizer a verdade, temendo não ser crido, porque jeralmente as primeiras enformações são reçebidas e as segundas avidas por duvidosas. *E* porque, para trazer a tereiro estes erros, convinha maior volume, quis neste prymeiro capitolo apontar os pryincipaes, a saber:

Achei escrito que estava a ilha de Ternate hum grao da banda do sul e que na de Tidore se ajuntarão em campo, pera dar huma bahalha, çinquoenta mil homens; e que todas as y / / lhas erão chãs, [3]
ao longuo do mar, e se levantavão pera o sertão, espaço de duas leguoas, donde sayão ynabitaveis arvoredos por as grandes rochas que tinhão, em que avia grandes viveiros de enxofre; e todas erão mui fortes por natureza e arteficyo. *E* asi o erão os reçifes que tinhão, em que entravão mui defecultosamente os navios estrangeiros.

E que as mais das povoações erão çercadas de cavas, tranqueiras e fortalezas; e as casas, de paredes de tera; e somente as mezquitas, de pedra. *E* que tinhão todos huma lynguoa e que, depois de bebados, tomavão conselho, e ao mais bebado tinhão por mais onrado. *E* que erão seus navios tão compridos que remavão çento e outenta remeiros por banda. *E* trazião bajus de seda riqua com botões de ouro e pedraria, pola dianteira e manguas; e colares de ouro e sombreiros guarneçidos de ouro e pedraria; e nas festas, coroas de ouro e se

servião com grande estado. *E* cada lugar era obriguado dar de comer ao rey e a toda sua casa, em grande abastança; ao qual tinhão por tão devino que tapavão os olhos e se deitavão de bruços no chão, por o não verem; e os nomeavão por Sol e Lua e que o vençido não via o rosto ao vençedor, senão pasados seis meses.

E que avia mais cravo em Moutel que nas outras ylhas; e verde, era de vez; e sequo ao sol, se tornava roxo e negro, de o borifarem com aguoa salguada. *E* deitavão o çagu em jaras com aguoa salguada; e, pasados alguns dias, o sequavão ao sol; e asi o moyão e a farinha dele fazião pão como de rala.

E que os nobres e riquos bebem hum liquor, que se estila dumas canas grosas, cujos canudos são de cinquo palmos; o qual e mui suave e custa muito; e que a canudos de cana que levão oito canadas de aguoa. *E* a tera tão fertil que, quando vão a elas doutras teras molheres manihas, loguo emprenhão; e que o rei de Geilolo tinha seiçentos filhos; e não era muito, por ter trezentas molheres; e o outro seu vezinho, seisçentos e cinquoenta.

E que a ilha de Batochina, aonde ele mora, estava cynquoenta leguoas da de Ternate e era tamanha que a não podia rodear hum navio, em seis meses.

E antre estas achei outras que se poderião notar, particolarmente no livro que compos Gonçalo Fernandez de Oviedo (2), do descobrimento de Magalhães, no qual foi tão mal enformado que não quis apontar seus eros; mas o dito basta pera, polos capitolos seguintes, se
[4] saber e entender a verdade, aynda que tudo monte pouquo. //

(2) Cf. Texto II, nota (6), p. 352 do nosso vol. 3.º.

CAPITOLO 2

Que trata da repartição do arcepelago de Maluquo e dos reis que neles ha e seus costumes e como são servidos.

Moloc, a quem por curução do vocabolo chamamos Malaquo, he nome proprio, que comprende en si comerçio de mar e ilhas, a que seus naturaes não sabem dar cantidade. *E* daqui vem termos que começa, pasando Mindanaao, e tudo pera la e Malaquo, em cujo meyo fiquão as ilhas do cravo; e aos lados norte-sul, as ilhas do Moro e Amboino; e leste-oeste, as dos Çelebes e Papuas.

E como esta oupenião e geral, deve-se ter, ainda que vim a alcançar, por alguns entendimentos que os da terra dão, que as cinquo ylhas do cravo e vezinhas são o proprio Malaquo, em que a quatro reis.

O primeiro e Bachão, em cujo senhorio acaba o arcepeleguo de Malaquo e começa o de Amboino e esta debaxo a equinocial. E dele nove ou dez leguoas para o norte, Maquiem. E comtando de terra a terra, e Moutel; então, Tidore e depois Ternate, hum grao da linha. *E* todas em corda norte-sul, ao longuo da Batochina. *A* qual e huma ilha de 180 leguoas em roda, pouquo mais ou menos, aonde a o rei de Geilolo e outro de Loloda, junto de duma ilhas, asi chamadas, em que acaba o arçepelaguo da banda do Norte, o qual e mais antiguo reino de todos, mas ja mui debilitado e esqueçido.

E nestas quatro prinçipaes ilhas do cravo a dous reis: hum de Tidore e o outro de Ternate, que tem tres, a saber: Moutel, Machiem, e o mesmo Ternate, aonde esta a nossa fortaleza, e por cuja causa o chamamos rei de Malaquo, e por ser senhor de mais teras e provincias que todos os outros. Esta em meio de dous ylheos seus, a saber: Rezi e Meitara. Chama-se rei de Ternate por a cidade em que vive, cujo nome muitos tem ser o da ilha, a qual se chama Guape.

E da mesma maneira as outras tem nomes proprios, por os quaes se não nomeão, senão por o da principal çidade, como a de Tidore,

que se chama asi, sendo o seu proprio Duquo; a qual estara hum quarto de leguoa da de Ternate, em meio do ilheo Meitara e doutro seu, chamado Pulo-Cavali.

A estes reis em todas as liguoas chamão *colanos* (3), que são de todos mui venerados. *Não* tem renda propria, por o qual são maiores
[5] senhores do alheio, e mal quistos. / /

Quando a novidade do cravo, lanção a cada luguar o que a-de dar, e no peso lhe levão quasi outro tanto. *Fintão* muitas vezes o povo e cada hum tem certas aldeas obriguadas a fazer-lhe e cobrir suas casas e dar-lhe vinho e fruita, porque a demasia da o rei (4); o que se entregua a hum como veador, chamado Pinate (5), pesoa principal e de grande preiminencia, o qual e obriguado mante-lo dali, e por de sua casa o que falta; e como enpobreçe, fazem outro.

Pera os banquetes jeraes acodem todos os lugares com seu quinhão e peça de preço. *Se* casa, ou algum filho neles, são servidos dos principaes, corendo e saltando, sem nenhum silençio. *Comem* asentados, como molheres, nos baileos pubriquos, que são como tabernaculos de varandas. *As* toalhas são de folhas de figueiras e outras ervas limpas; e a jente comum, no chão.

Começão geralmente vespora e acabão de noite; e o vinho, a que chamão *tuaqua* e *jado* (6), senpre a ilhargua; o qual he tirado do olho do çagueiro e da nipeira e algum das palmeiras; pareçe todo soro. *Em* fresquo e muito doce e vai-se azedando, te ser vinagre. Não onrão nem vituperão a bebediçe, mas tem para muito o que muito bebe, sem se enbebedar.

Como vão no meio do comer, saem alguns galantes, hum e hum, com modo de guera, com espada e rodela e carapução de feltro

---

(3) Cf. Texto II, nota (19), p. 355, vol. 3.º.

(4) A frase «porque a demasia da o rei» supomos que queira dizer: «porque a demasia dão-na ao rei».

(5) Sebastião Rodolfo Dalgado, no seu *Glossário Asiático*, relaciona este termo com o malaio *penat*, «laborioso», «fatigado».

(6) No Texto II lê-se *sado* em vez de *jado*. Supomos que ambas estas formas sejam alterações do termo indonésio *sabut* ou *sabu*.

vermelho na cabeça, com penachos dos pasaros de Banda, sobre que alguns poem chapinhas de ouro. E ao som dos atabaques e sinos da Jaoa dão algumas careiras e çertos saltos e voltas, com alguns airosos talhes, fazendo mutanças com os pes, cabeças, boqua e olhos, mostrando-se temerosos; e asi se vão chegando perto do rei, aonde poem as armas no chão e lhes fazen grande *çumbaia* ([7]) com as mãos juntas, altas ao çeo. *E* em tomando as armas, dão hum grande e bom salto, com hum reves, contra alguma tera de inimiguos e vão-se a todo corer; e loguo vem outro e os mais, a que o tempo da luguar, ate o rei ou reis, mui ataviados e galantes, a quem o povo vai, por ordem, fazendo a *çumbaya* e dando algumas gritas em louvor, com o que se acreçenta a matinada. *E* asi se acaba a festa, que e a maior que tem; a que chamão *qarache* ([8]). *Dizem* alguns que a tomarão dos papagaio branqos, / / que fazem os mesmos geitos com a cabeça. [6]

Por onra dalguma festa ou vitoria se ajuntão as casadas en tereiro, bem vestidas, e dadas as mãos humas nas outras, andão a roda, cantando louvores do rey ou da festa ou victoria. *E*, a çertos compasos, batem juntamente com os pees no chão, ao som dum atabaquinho, que huma tange no meio. *E* asi, mui friamente, andão hum dia e muitos.

O desposar dos reis, feitos os conçertos, e por-se o pai da noiva em hum baileo, donde manda hum onrado enbaixador ao do noivo, que esta em outro afastado, quanto hum tiro de besta, a pedir-lhe por a filha huma grande soma de ouro, ho qual responde com muito pouqua cousa. *E* asi, por çerimonia, vai e vem, ate açertarem em tres ou quatro arateis, que lhe fiquão de pena pera ela, quando a botar fora; e se se sair, não vençe nada.

E loguo vem hum caçis da parte da noiva que mete as mãos por antre as pernas do noivo a ver se os tem e diz-lhe çertas palavras; e com ysto a vai tomar o marido as costas e a leva pera casa.

([7]) Forma corrente na Insulíndia que designa o cumprimento reverencial devido a pessoas reais.

([8]) Cf. Texto II, nota (28), p. 356, vol. 3.º.

Dão por elas aos paes muitas peças, os quaes tornão outras, com seus enxovaes, com que sempre fiquão melhor; e o mesmo se usa antre outra gente, mas os paes pouquas vezes tornão; por o qual dizemos que os maridos comprão as molheres; e cuido que se se saem, tornão os paes o que por elas levarão.

Quando o rei vai fora, todo o luguar por onde pasa lhe da banquete e peça. São todos os seus obrigados servi-los sem ynterese, salvo de onra, por alguma boa sorte, que he mudarem-lhe o nome em outro mais feroz, que dizem: *rei forte*, ou *rei de fero*, ou *bonbarda rija*, ou *valente pelouro*, e outros semelhantes.

Tem cada hum as molheres que pode manter, ainda que tenho que os paes as sostentão, na maior parte.

O filho da mais onrada erda o reino ou senhorio; e por terem muitas, nem por iso tem mais filhos, porque não vi pasar a nenhuma de doze.

O Dom delas e *nachili;* e o deles *chichili* (9) e nos dizemos a todos *quechil*.

O rei sae os mais dos dias ao pubriquo, em quja presença se usa pouquo çilençio; e, quando não a de que tratar, fala hum principal em alta voz seus louvores ou o que se deve fazer em seu serviço.

Quando vai por tera ou por mar, todos os que o alcanção de vista
[7] se poem de cocoras e lhe vão fazendo a *çumbaia*. *E*, quando a / / sentado, todos da mesma maneira, sobre pedras ou paos, que loguo ajuntão; e os que vem a ele de fora ou com recado, ão-de vir depresa e agachados, como besteiros, ate que se asentão com a *çumbaia*. *E* a mesma lhe faz sempre o com quem fala; o qual, com os olhos as menos vezes nele e as mais no chão, lhe vai respondendo: *oe jou colano;* que quer dizer: «sinhor rei». *E*, quando manda algum com recado, seguem-no muitos, recuando agachados para tras, sem virar a traseira, senão de longe e mui de supito e corendo ate o perderem de vista.

---

(9) Cf. Texto II, nota (30), p. 358, vol. 3.º.

Nenhum a-de estar mais alto nem sobir em parte que o veia. *Quando* sae fora, vão diante moças, que lhe levão a espada e o betele em bateguas; e tudo sobre o ombro.

Prezão-se de novidades e de moços ou moças corcovados para pajens. *Ninguem* pode trazer sombreiro de pe, e algumas cores, senão eles. *Todos* os maleficyos geraes e particulares lhe pagão com fazenda e os mesquinhos se lhe encomendão na ora da morte, segundo ouvy.

CAPITOLO 3

Dos costumes que alcançei dos Maluquos.

Os abitadores destas ilhas guardão, na maior parte, a secta mahometiqua, que tomarão (segundo dizem) pouquo antes que la fosem os Portugueses. *Os* demais são gentios; e huns e outros geralmente pobres e a terra de pouquos mantimentos, por sua pobreza. *São* membrudos e de groseiro engenho.

Carecião de escrituras antes de mouros, pelo que não sabem doude proçedem, ainda que contão humas patranhas imaginadas, que se não podem escrever. Tem pouquas artes macaniquas; somente carpinteiros, torneiros e algum fareiro e ourives de fraqua e groseira obra.

São corteses e saudão-se com dizer: *tabeia*, que senefiqua «perdoai» ou «estou prestes para vos servir».

Vendem seus mantimentos e cousas em praça, a que chamão *buto;* e o malayo, *paçara;* e nos, bazar.

Não tem moeda, salvo huma, a que chamão *pipes;* e o malaio, *cazre* ([10]); nos dizemos caixas, que são de metal, fundidas do tamanho de grandes çentis, com letras duma banda e nada da outra; redondas, / / com hum buraquo quadrado no meio pera as enfiarem [8]

([10]) Sobre os termos desta passagem cf. as notas do Texto II. p. 359. vol. 3.º.

em numeros da cantidade dos nosos; são fondidas e de boa feição; vierão ai acaso da China. *E*, por aver ja muito tempo, são todas gastadas pera a Jaoa; e aguora corem bazaruquos.

São mais ynclinados e usados a guerear e furtar que agricultar nem marecadeiar; (sic) não pesão nem areneguão, mas jurão muito.

Nunqua vi antre eles surdos, mudos, alporquas, tisiquos, doudos, gafos, papudos, ydropiquos, paralitiquos, ceguos de natureza, pestes nem mordexi; as boubas são mui geraes, ate nas crianças, e as curão. e as febres e cararas. com lavar no mar.

A huma enfermidade que supitamente da e loguo enfraqueçem os braços e pernas e inchão a humas pesoas e a outras murchão e sequão de tal maneira que não podem andar sem muletas, e cura-se com andar ao sol e comer e beber; mas, como o mal chegua ao estomaguo, loguo mata. *Vi* a hum castelhano abafar-se e tomar unturas de sevo de cobra e sarou, saindo-lhe dos giolhos abaxo muita lepra como boubas.

Crião aos filhos, em nacendo, com os untar e esfreguar com raladura e quoquo e os botão de costas sobre as pernas e lhe tirão por as orelhas, pera que chorem, e chorando, engulão figuos verdes asados, de mestura com aroz cozido. *E* loguo começão a beber a *tuaqua*, que ão que alinpa, engorda e refresqua.

Não costumão mendigar, salvo alguns jogues, a que chamão *deuuyas* ([11]), por os bazares somente. São mui crueis na guera, na qual não tem eiçeição a pai nem filho, ainda que este neles sua salvação. Husão saltos e çiladas, em que fazem grandes geitos e momos, nomeando-se os onrados e valentes pera serem temidos. O vençido, por algum tenpo, não entra nas festas do vençedor, porque lhe pode qualquer tomar as armas.

São mui paçifiquos e domestiquos antre si. *Não* se furtão nem demandão, senão mui raras vezes; algumas, briguão os lugares ou bairos huns com os outros, de que não pesa ao rei, por as penas que leva.

([11]) Do malaio *dewana*, «cortesão», «real».

Furtão aos vezinhos das outras ilhas, com quem tem pouqua fedelidade; e so color de amizade, reçebem o custumado banquete e, no melhor dele, tomão / / os que podem e resguatão loguo alguns; e a [9] outros levão e se tornão com os navios enramados de canas lavradas e furadas por dentro. *E*, quando pasão por algum luguar, dão certas gritas e juntamente avozinão com as canas e batem com os remos no navio, com o que fazem hum som triste e matinada pera não ouvir. *Por* o numero das canas se ve a grande ou pequena presa, a qual se parte com o rey e regedor do luguar. *E* pendurão-nas nas arvores, nas entradas dos seus lugares. *As* cabeças cortadas levão penduradas em paos; e, se por ser longe, devem de apodreçer, botan-nas e fazem outros tantos molhos de estopa de gamuto, para que vejão sua obra.

São grandes comedores e bebedores na terra e em estremo abstinentes no mar. *Como* lhes falta a aguoa, bebem da salgada, temperada com çumo de limões, como zanboas, e comem o peixe cru.

A maior parte dos seus conselhos fazem depois de comerem, porque ão que em jejum ninguem pode falar bem. São muito çiosos, mas não estranhão casar com molheres infamadas, ou que outro botou; usão todo ynçesto e abominação; a sodomia a qual tenho que se não sabe antre eles.

As molheres são engenhosas e em geral baças e prezão-se de si; vestem-se de panos de alguodão, ao costume malaio. *As* onradas, que podem, trazem orelheiras, manilhas, colarinhos e aneiszinhos com pedras de vidro e alguns botões. *Falão* paso e brando e os omens ao reves, mostrando feroçidade. *Vestem-se* da mesma maneira e com as mesmas joias: tosquiados sobre pente e humas rodilhas nas cabeças de panos finos de cores, que lhe fiquão como cercilho de frade, e a maior parte da barba rapada ou aranquada; descalços e alguns trazem chiripos de pao. *Os* quaes trajos são das cortes, particularmente da de Ternate, aonde avemos que a mais policia.

Cada ilha tem deferente linguoa, salvo a ternata e tidora, que deferem como a castelhana e portuguesa. *Machiem* tem tres e os mais dos lugares da Batochina cada hum sua; tão deferentes que se não

entendem, senão por meio da ternata ou tidora. A ternata, segundo alcançei, e composto de muitas, particularmente da gusarata, com
[10] vocabulos semelhantes e toquão a latina / / e portuguesa, persia e arabia.

A figua chamão *toma*, a qual dão com o cotovelo ou sola do pe, que e maior ofensa, e por yso em seus asentos as tem senpre cubertas, com grande resguardo; e a toda a cousa erada, *sala*.

Tem grande cortesia no andar por fora, porque o mais onrado ade ir diante; e os mais, em fio, por a mesma ordem, no que tem tanto primor que vi a hum filho de Quechil Daroes acompanhar seu padrasto, indo o moço senpre diante.

As prycypaes povoações, a que chamão *guamos*, são ao longuo do mar e os do sertão são seus lavradores, a que chamão *alifuros*. Tem cada hum seu regedor ou regedores, segundo sua grandeza; os quaes servem ao rei com a abastança de corocoras que podem armar. *Em* cada povo conheçe o regedor das cousas ou huma pesoa prinçipal, a que chamão *Ucom* ([12]), e cada reino tem hum regedor e hum *Ucom* geral. *Ouvem* verbalmente, sem leis nem escrituras, senão por costume ou razão. *Os* casos novos ou graves detreminão com alguns velhos que mandão chamar. Não tem ordenado, senão a peita das partes. *Apelão* dele pera o rei, cujos filhos e irmãos fazem de suas cousas justiça como querem.

Pouquas vezes matão, mas degradão e tomão a fazenda; e, quando algum a-de morer, entregam-no aos mais chegados parentes, os quaes o enfeitão e com os caçizes que lhe ão-de encomendar a alma o vão botar ao mar, bem amarado, pera que va ao fundo. *E*, sendo ai condenado hum, chamado Cochi, foi levado, dezendo senpre que era cristão, zonbando da doutrina dos cacizes e asi o botarão amarado e com bom peso aos pes. *E*, tornados, saio o mancebo, a boqua da noite, a terra, e os que o virão, cuidando ser diabo, corerão apos ele; e, ferido, se salvou no mato e depois se fez cristão na fortaleza.

([12]) Cf. as notas do Texto II, p. 363, vol. 3.º, referentes aos vocábulos indígenas desta passagem.

A alguns baixos e vis atam-nos a hum paao, aonde o matão a espada os filhos ou irmãos do rei; e, se algum o leva dum golpe, an-no por boa sorte; ou lhe tirão a bareira, a quem o melhor açerta. *E*, quando algum a-de purgar sua culpa por juramento, dão-lhe a comer çerta cantidade de pedra mole, a que chamão *papangana*, que costumão comer; mas se a não enguole e condenado; e, se a levão, dão-lhe em çertos casos sangue da palma da mão a beber e fiqua solto.

Ou//vi que usavão outro juramento, que era meter-se o autor e [11] reo juntamente debaixo de aguoa, e o que prymeiro saia, era condenado. *Tambem* husão prova de testemunhas; costumão sortes em principio de suas cousas.

Prezão-se de falar por comparações e de corer, saltar e esgremir e juguar a pela com os pes e muitos em roda, dando-lhe por todas as partes com airosos saltos e voltas; e, sem lhe toquarem com a mão, a trazem bom espaço no ar, a qual e de cana ou rota teçida como botão e do tamanho duma pequena bola e pula alguma cousa. Tambem joguão o enxadrez sem dama, corendo algumas peças como as nosas.

Tem grande fe em aves, bruxos, que chamão *çuangues*, a que tem grande odio, porque imaginão que matão secretamente, comendo todo o debulho do homem; o que e causa de muitos vingarem suas ofensas, fingindo estes danos; porque qualquer do povo os pode matar.

Querendo em Tidore, os filhos de Quechil Rade, irmão do rei, mal ao seu servidor, de que, por sua muita valia, não podião tomar satisfação, lhe asacarão que pasara em fegura de quão por detras dum deles, do que morera, e por iso o matarão com alguns yrmãos e muitos parentes que o quiserão defender.

Contou-me hum mandarym de Geilolo que hum rei seu mandara matar çento e trinta pesoas de huma geração, sem fiquar casta, por serem *çuangues*, os quaes ão que se fazem ynvesiveis e com yso quanto mal querem, e como se fazem cristãos, perdem esta vertude.

CAPITOLO 4

Da poliçia e alguns ritos que usão os Maluquos.

Em suas povoações tem pouqua poliçia e menos ordem no arumar das casas, pelo que tudo são travesinhas cheias de erva, por andar em fio huns atras outros. *O* geral das casas sera pouquo mais de duas braças em comprido e huma e casi meia de larguo; baxas, a feição de moimentos, e de duas aguoas, cubertas de ola das nypeiras, cujas folhas durão muito e ardem mal. *São* de madeira encachadas sem preguo; cada huma sobre quatro esteios inclinadas pera dentro, como pes de banquo. *Sobem* a elas por escada de cana levadiça, por// [12]
causa das gueras. *Os* sobrados são de canas atadas, bem lavradas, e asi os dos baileus pubriquos que tem em tereiros.

Tem seus tesouros soterados nas ortas e matos. *As* mesquitas são de madeira, armadas sobre muitos esteios bem lavrados, postos em cima do chão, sobre pedras. *Os* sobrados de canas e de dous e tres telhados, hum sobre o outro e nenhuma a de pedra nem taipa. *Os* lugares são na maior parte fortes por natureza ou arteficio de cerquas de canavieiras ou pedra ensonsa.

Quando a guera, estrepão-se em roda, o que algumas vezes lhes e contrairo, porque, como muitos não esperão dentro, a presa com que fogem lhes faz erar os careiros que deixarão pera serventia e se ferem.

Suas espadas, a que chamão *guoles*, são de bom fero, mais curtas que as nosas e dum so corte; estreitas na empunhadura e alarguão pera a ponta; o punho e maçãa, de paao bem guarnecido de estanho, no qual trazem hum escudo que lhe empara a mão; e alguns por çima hum manqual de ostra branquo e bem polydo e pareçe bem e guarda a mão. *E* os riquos poem sobre ele outro de ouro vazado ou como querem, com que fiqua mais leve e galante. *Cortão* facilmente hum homem, porem são mui pesadas.

As rodelas, a que chamão *solavaquos*, são de feição de telha; chegão do chão a boqua e dum palmo e meio ate dous de largura e

delgadas e forteficadas com alguma rota bem lavrada e huma asa ou castanha que lhe fiqua do mesmo pao e com hum buraquo per que metem dous, tres dedos; e os mais andão por cima.

Usão muitos aremesos de fero, paao e cana, antre os quaes tem farpões com que prendem os omens como a peixes, alando por eles. *E* antre os de cana tem huns, a que chamão *calabas*, delguados e do comprimento duma braça, em cuja ponta poem hum ferão de paao tostado com farpas; e na outra poem huma cana do comprymento casi dum covado, que trazem na mão, com a qual despedem o *calaba* mui longe e çerto. *Tambem* husão frechas e em algumas poem algum cabelo de molher na ponta, pera ficar na ferida e nunqua sarar. *Os* pobres fazem espadas de cana e paao e alguns lhe metem na ponta osos agudos, a maneira de ançinho.

Geralmente peleião em panetes ou encaixados e os onrados com carapuções de feltro vermelho e huns camisões acolchoados de alguodão, a que chamão *barutes*. *Mas* aguora, por nosos pecados, usão todas nosas armas e da Jaoa lhe levão berços de metal, salitre,
[13] enxofre, pedra ume, com que / / fazem boa polvora.

Não costumavão balroar no mar nem cerquar em terra, mas nos os ensinamos, de tal maneira que nos tomarão hum bargantym em Tidore e hum junquo em Bachão, a treição, no tempo de Antonio de Bryto. *E* no de Tristão de Ataide, outro bargantym e no de Dom Duarte Deça tomarão, os Tidores, abalroada, outra fusta com vynte çynquo omens que matarão; e, escapando escondido o bombardeiro, o mandou o rei pera sua casa, sem nenhum dano, anichilando ([13]) mandar-lhe Dom Jorge Deça hum caçis com as mãos, orelhas, narizes cortados, avendo aquele caso por tão novo como cruel; ao qual Dom Jorge teve, o mesmo rei, abalroado em outra fusta, que defendeo com muito trabalho e esforço. *E* tomou outra fusta com tres portugueses; e os Ternates tiverão abalroado hum junquo, em que vinha Beltesar Veloso com quarenta omens.

([13]) Nesta passagem o verbo «anichilar», o mesmo que «aniquilar», parece ter o significado de «ameaçar».

São grandes mestres da solorgia e tem em muitas partes que não pode morer o enfermo bem regido, se chegua a primeira cura. Não sangrão nem cosem as ferydas nem encabeção nervos, pelo que fiquão aleijados e as ferydas feias. Burnem as feridas com hum seixo quente, espremendo fora todo o danado e deitão-lhe o çumo duma erva e da raiz doutra, de mestura com leite de quoquo, tudo bem quente; e por çima humas folhas untadas do mesmo e guardam-no do ar e de comer carne e asi nunqua crião materia nem espasmo. *Lanção* ventosas e dão botoões de foguo com pano e purgão com muitas ervas.

A em toda a tera muitas castas de canas, das quaes se servem em suas casas no fazer delas, em tirar, acaretar aguoa e vinho, e fazerem de comer nelas, e tornos para os navios, mastos, vergas, bainhas de espadas, zaravatanas, armas, e ferir foguo, roçando huma com outra, e de lumieiras.

São todos, ate os reis, grandes pescadores do alto e do baixo, huns de dia, outros de noite, as escuras o com foguo, corendo e a pe quedo.

Os peixes agulhas tomão com laços na frol da aguoa e aos voadores lanção muitos paaos no mar, do comprimento dum covado; e em huma das pontas, atada huma pequena pedra, que o faz andar direito; e no meyo, uma lynha, pouquo mais duma braça com seu anzol ysquado, e se poem a vista. *E,* como o pao a mergulha, acodem a tomar a presa. *Fazem* boas tarafas e redes de fio dumas folhas que nasçem no mar, as quaes, apertando-as com os dedos, dão de si fio // [14]
como de fino linho.

Ha muitas castas de peixe de Portugal e o que mais continoa a praça e bonyto e voadores, a que chamão geralmente *Antonios,* por Antonio Galvão lhe ser mui efeiçoado. *Tambem* a todo o marisquo de Portugal e antre ele se achão huns caranguejos, conhecidos por certo pelo que tem, que são tão fina peçonha que mata em vinte e quatro oras. *A* todo mais e a outros que no mesmo espaço fazem grande febre, sem aver comer, beber, dormyr, asentar nem deitar, senão rir, bailar, saltar, brinquar, zombar, sem nenhuma consideração nem

repouso. *E*, pasado o termo das 24 oras, torna em sy. *Dizem* que são criados ao pe dumas arvores, sob cuja sombra adoeçerão ja muitos, destas enfermidade, pasando por elas, que são ja conhecidas, porque, quanto toma a sombra delas, tanto esta queimada a tera, sem nenhuma erva nem arvore.

A outros, como lagostas, ainda que de menos pernas; e tem huma grande e outro mayor, com humas boquas de dentes, a feição de aliquate, com que quebrão huns mui rijos caroços de fruitas, pera lhe comer a amendoa. *Criam-se* em covas no mato e tomão-nos de noite com lua ou foguo. *Tem* o corpo e pernas com carne, como lagosta, e no rabo hum bolso duma certa masa de muito gosto, pelo que são mui estimados e valem como as galinhas. *A* toda a sorte de caranguejo, a que chamão *catão*.

A peixe vaqua, de mui estranha feição e grandura, do qual não trato, por ser muito conheçido por os do Brasil, que são os proprios, sem deferir, segundo dizem.

Ouvi a alguns velhos que tinhão os antiguos que a tormenta do mar era causada da paixão do rei, a qual aplacavão com dadivas, pera poderem pesquar; e ele, usando da boa ocasião, seguia ou moderava--se, conforme ao tempo, pera melhor os pesquar.

CAPITOLO 5

Das alimarias, bichos e aves que a em Malaquo.

A muitos porquos domestiquos e silvestres, e gatos domestiquos
[15] e da Algaeia, galinhas domestiquas e do mato, pretas, / / pernaltas, semelhantes a pavões novos; o corpo do tamanho das da Beira, da cor e da feição do da perdiz; poem ovos tamanho como os de pato; e de vantagem no comprimento, em covas que fazem de mais de braça no mato o medo, onde não entra sol, cobertos de tera, com monte alto, por onde sam conhecidos, donde saem os filhos tamanhos e tam

penudos que se crião sem a mãe, como choquarão; de maneira que, como põem os ovos, logo os cobrem e deixão.

A pombas mansas, do mato e troquazes, e adens mansos e maritimos, e corvos minhotos, guaviães, moços, curujas, garcenhas, gaivotas, guinchos, alveloas, andorynhas, solytarios e outros como zorzaes, e huns, a que chamarão *vancoles* ([14]), que crião e andão pelos quintaes e por cima das casas, que da meia noite por diante fazem mui resonante musiqua, respondendo o macho a femea; nos quaes se conhece melhor a meia noite que nos galos, que a dão duas ou tres oras ante manhã.

A muitas castas de papagaios, e os pasaros de Banda, cuja feição e bem conhecida, mas seu nascimento não pude alcançar, mais que dizerem que os traz o vento mortos, a cairem nas ilhas de Banda. *Destes* papagaios, a que chamão nores, a alguns que ensinados falão bem, entre os quaes ouvi dum que, estando são, dise: «Moro! Moro!» E moreo loguo. *E* doutro que, yndo em hum paiol duma fusta, sendo de noite commetido dum rato, bradou muito rijo: «Xo! Xo! Bastião! Bastião!» E com yso se livrou, ainda que com algumas penas menos, por lhe acudirem.

A muitos e grandes morcégos, e em algumas partes andão em bandos, como se põe o Sol. *Vi* hum que, duma ponta de asa a outra, tinha grandes sete palmos. *E* a humas aves que andão de salto, por terem os pes como de papagaio, sendo tamanhas como pequenos pequenos (sic), patos; e tem tamanho biquo que põe espanto, sobre o qual tem certos debruns, por que dizem que mostrão os anos da idade, com o qual, juntamente com o sonido das asas, fazem tão triste e bradado som que se não pode ouvir. *Quando* a femea choqua, não sai do ninho, onde perde toda a pena, ate o nascer dos filhos, com os quaes torna a ser vestida e sai; e em todo este tenpo a sostenta o macho, o qual não consente pasar por junto do nynho a nenhuma

---

([14]) Sebastião Dalgado no seu *Glossário* relaciona este termo com o malaio *unggal* ou *tunggal*, «único», «só», etc.

[16] pesoa, particularmente femea, porque com o biquo / / e unhas a trata mui mal.

Vi duas serpes do tamanho de grandes lagartiças, que voavam por as arvores, de feição e pintura das que pintão, e ouvi que em Amboino virão huma da grosura duma perna de omen.

Na ilha de Taguima a coelhos como os do mato da India, que voão por as arvores; tambem a la cameyões, e bogios sem rabo, e a cobras de vinte e cynquo e trynta pes, e desconforme grosura; não são daninhas nem venenosas nem lygeiras; dizem que, com fome, mastiguão certa erva e vão-na botar a borda da aguoa, a qual acode muito peixe; e como se embebeda, anda sobre a aguoa, e então se fartão.

Tem a ilha de Ternate huma boa alaguoa doçe, em cujo cercoito a muito arvoredo, sobre que andão muitos lagartos, casi duma braça de comprido, por terem o rabo longuo e o corpo curto, e tem sobre o espinhaço hum alto sero com pontas, como asa de morceguo, e com a vista da gente saltão e amergulhão na aguoa.

Tanbem a muitos maritimos que matão gente, dos quaes se guardão, saindo em tera, pelo grande fedor que lhe sai da boqua. *Dizem* que tem quatro olhos, a saber, os dous da testa, e outros dous da garganta, e mui pequeno coração, pelo que são covardes e se deixão atar e amarar debaixo da aguoa, mergulhando a eles tres, quatro negros, fazendo matinada, com que se agachão e não ousão bolir, segundo me contou hum padre de São Paulo que o vira.

A muitos bichos (a que chamão *cuços* ([15]), que habitão nas arvores, de cujo fruito se mantem) do tamanho de coelhos; tem o pelo espeso, crespo e aspero, e os olhos redondos e mui vivos, e pequenas orelhas e pes e mãos, e o rabo comprydo e sem pelo, pelo qual se pendurão, pera melhor alcançarem a fruita. *E* caem muitas vezes de mui alto, sem receber dano, e fedem muito a raposinho.

Os machos tem grandes companhões, sem se lhe enxerguar natura, nem as femeas, pelo que temos que serão como coelhos; mas

([15]) Pequeno quadrúpede da família dos marsupiais.

fora da barrigua, em hum bolso que tem do embiguo atras, que se enxergua de fora e, apartado com a mão, fiqua como aljebeira, sem pelo, e o corpo ynteiro como carne esfolada, em cujo meio tem huma tripa, em que esta pegada a criança pela boqua; e ali gera, creçe ate nacer, e depois lhe fiqua em ninho, sahindo-se fora e tornando, ate ser de todo criada. / / [17]

CAPITOLO 6

Do mantimento, fruitas e do sal que fazem na terra.

Asi como Noso Senhor foi servido povoar aquelas ilhas, tão remotas das outras teras, e cidades populosas, aonde com mais perfeição usão da vida politiqua, pera o que ynventarão grandes artes, nem por iso desenparou a estes, deixando de os prover do necesario, conforme a suas perezosas (sic) compreensõens e debilitados engenhos, e conforma-los tanto com yso que ão não aver outra melhor tera, particularmente por aver seu uso com menos trabalho e arteficio; e pera o que lhes podia faltar, lhe deo o cravo e pera por meio dele serem comonicados das outras gentes, principalmente de cristãos, por cuja doutrina se podesem salvar; *O* qual naçe no mato, sem trabalho nem arte sua; e da mesma maneira o mantimento que usão por pão, o qual se da em duas sortes de arvores, que diferem somente na cor e ambas semelhantes a palmeiras e mais grosas e menos altas; mas o çagueiro tem o pao preto e as folhas verdes, mui escuras, desta tomou nome çagu; a outra casta se chama nipa ou nipeira, a qual naçe em vasa e o çagueiro em terra.

E antre suas folhas ou ramos se cria muita estopa preta, a que chamão gamuto, que tem mui sequas e rijas arestas; mas limpo e sacodido o groso, fiqua boa; e dela fazem todo o necesario de cordas e algumas redes; dura muito na aguoa e debaixo da tera, pelo que forão dele os pes dos esteios de suas casas; antre as folhas tem hum olho que da çerta semente em hum ramo como tamaras, do qual, antes da fruita, e asi da nipeira, tirão çura, a que chamão *tuaqua*, e outros nomes, segundo as linguoas; parece na cor a soro.

E de ambas estas castas se tira o çagu, duma maneira de tronco ate as folhas; e quanto mais velhas, mais dão, e asi as cortão e fendem facilmente, porque o paao sera de dous dedos e menos de grosura; e todo dentro he huma masa dura como nabo, e a tirão com alguns feros ou paaos agudos e a desfazem na aguoa, dentro dos mesmos casquos ou cochos que pera iso tem; e nada o farelo e muitas arestas e
[18] palhiço que cria / / dentro, e alastra o bom; e, coado por huns panos, que crião as nipeiras, ou çestos que fazem das mesmas folhas, o tirão mui branquo e limpo, sem cheiro algum; os Portugueses o guardão em jaras, bem pilado, ou em covas, pera durar mais, porque a umidade o conserva e sostenta, e o vento e o sol o dana e faz mudar a cor e feder.

O bom, antes de cozido, apertado entre os dedos, faz huma masa como de castanha verde bem cozida; quando o querem comer, aquentão humas pastas de baro cozido, que tem humas conquavidades, segundo a dos oleiros; e depois de bem quentes, enchem-nas daquela farinha, desfeita as mãos, por tempara que não seia sequa nem molhada; e sem mais a cheguar ao fogo, a cobrem com hum pano e em breve tirão o pãao da feição da forma e da cor que tinha; he de boa disistão e bezcoutado dura muito tempo, se se não molha; em fresquo, sabe melhor que todo o pão que não for de triguo; feito em polme, serve de manteigua crua nas queimaduras.

Fazem vinho (a que chamão *quilão*), de canas de açuquar, que aparão, e expremem antre dous eixos oitavados, que virão hum sobre outro; e cozem aquele çumo por tempera que não fique açuquar; e, botado-o em jaras, lhe botão lançoaz e pimenta longua, pera o aquentar; e huma casqua de pao, pera lhe dar cor, e asi ferve por vinte dias; e pasados, o coão e temperão com *oraqua* pera o aquentar e durar; e alguns o soterão, por muitos meses, e achão que se faz como tinta; fazem azeite de coquo, de peixe e dumas fruitas a que chamão *çaquetas*, que não comem, e naçem em grandes arvores, e e tão bom como o de peixe, pera navios.

O aroz da-se-lhe por outeiros, sem mais trabalho que alimpar o chão, cavar, semear, colher.

Fazem o vestido de certas casquas de vergontes de arvores, molhando-as e batendo-as com maçetas sobre paaos, e asi as estendem quanto querem, ou dão de si, e as fazem delguadas, grosas e largas, peguando-as humas com as outras; e as pintão louçãamente; mas apodrecem com a aguoa, e chamão-lhe *fiças* ([16]). *As* velas dos navios e saquos fazem dos olhos e folhas novas das nipeiras; e dalgumas fazem panos finos, e asi fazem outro de alguodão, em que entrometem fios de bretangi e cadeguin, pera o ornar.

O sal fazem de lenha da mato, a falta de que, algumas vezes, achão no mar; e, fendida, fazem monte e lhe põem o foguo e o vão molhando com aguoa salgada, por tempera que o não apague, mas consuma e gaste a lenha, de cuja cinza fazem decoada; e depois a botão em hum pano comprido, posto em alto, sobre que vão botando a decoada, pouquo a pouquo, quente; a qual vai cair sobre testos de panelas que tem postos por ordem sobre brasas; e gotejando, ali se conjela e faz / / pão duro, da forma do testo. [19]

O mato lhes da todas as fruitas, na maior parte, em grandes arvores, a saber: jaquas de muitas e boas castas, jambos brancos e vermelhos, mangas e humas fruitas que sabem a nozes verdes, e outras amendoas e servem a diso, maçãs de Malaqua; antre as quaes ha humas silvestres, cuja amendoa faz purgar por alto e por baxo; e asi os grãos, a que chamão de Malaquo; duriões a somente em Maquiem, Bachão, Anboino.

A outras muitas castas que servem aos pobres e aos porquos e bichos; e humas com que se tenpera o comer e outras pera conservas; muito boas laranjas doces, azedas e bicaes, e romãs e uvas; e cada pe dizem alguns que as da quatro vezes no ano; e como as vendimão, logo as podão, senão fazem-se mato; boas castas de limões e cidrões e de figuos melhores que os da India, que os da tera comem na maior parte asados, verdes; e os pepinos, maduros; melões, aboboras de Portugal e de Guine, patecas, conbalenguas, biringelas, antre as quaes a humas pequenas e amarelas, que, mastiguando-as asadas,

---

([16]) Cf. as notas do Texto II, p. 375, vol. 3.º.

fazem botar da boqua ou dos dentes muita cantidade de bichinhos branquos, que duvido poderem ser delas, ainda que nunca lhos pude enxerguar.

A toda a ortaliça da India, salvo çelpas, borases, salsa e couves, e pareçe porque não a vaqua nem carneiro.

A outras muitas ervas de que comem os olhos e folhas; e bredos, manjaricão, jesmim, aipo, avenqua, çaralha, almeirões, artemige, aruda; arvores como salva, malvas, malvaisco, perexil do mar, ortiguas, figueiras do inferno, betele de folha e de espigua, da feição e maior que pimenta longua; a qual ão por mais eçelente na vertude que o outro; a muitas castas de arequas, pimenta longua, gengivre, lancoaz, a que nosos mediquos chamão calangua, açafrão da tera, tamarinho, canas de açuquar, alguodão, panha, feijões, grãos de cavalo, inhames de muitas castas, milho zaburo, painço; e da-se boa palha de triguo sem grão, e a humas ervas que de noite enflorecem e com o sol murchão; e outras que, toquando-lhe com o dedo, secarão e depois tornão.

Os matos são de grande arvoredo e pela maior parte de pouqua dura e fraqua madeira, senpre verde e as raizes pouquo profundas; algumas arvores fazem concavidades a roda do pe, em que podem abitar muitas pesoas e de tal feição que tirão dos repartimentos taboas de mais de braça de largo, com somente cortar e alimpar; tambem a boa madeira e breo pera navios.

A humas arvores que não dão frol nem fruito e os olhos e folhas sabem a alfaces; os olhos são branquos, e as folhas amarellas e verdes, as maduras pera sequar; com as quaes cores são mui fermosas e apraziveis a vista. *E* o viço tamanho que, cortando algumas castas de arvores, crião grelos e fazem ramos, ainda que as ponhão
[20] no ar, que durão mais de tres meses. / /

CAPITOLO 7

Da cantidade das ilhas do Cravo e a ordem dele.

As ilhas do cravo são sinquo, o que se deve entender, falando sumariamente, porque fazemos Bachão huma, sendo na verdade muitas; que se navegão por braços de mar, das quaes se ajuntarão quantidade de trezentos bares de cravo, na maior monção. *Tanbem* não e de crer que so nestas cinquo a cravo, por o aver em alguns lugares da Batochina, Irez, Meitara, Pulo Cavali e em muitas partes de Amboino; o qual vão os Jaos ai busquar, a troquo de mantimentos, artelharia e monição. *Quando* havia boa novidade, ajuntavão-se em todas as ilhas seis mil bares de bastão, de quatro quintaes e meio e dezanove arateis, cada hum, que são duzentos cates. *As* novidades não tem ordem, porque o avia hum ano; e outro, não; o que se conronpeo, por muitas vezes; e se algum sinal a, e aver muita fruita, particolarmente huma casta a que chamão lançãas.

Maquien de mais cravo que Ternate, e Ternate que Tidore, e Tidore muito mais que Montel, e o Bachão menos que todos, o qual andara casi igual com o de Anboino.

As arvores dele são mui altas e fortes, e asi sua madeira, a qual não queima nem cheira nem os ramos, como o cravo, ainda que as folhas tem algum pequeno sabor dele; remedão loureiros e na India, berindão, que lhes e mui semelhante; dão fruito de seis anos, tendo grosos tronquos; produzem muitos e delgados braços, são naturais do propio mato, e tambem naçe de madre que cae jerada de cravo maduro, que fiqua por colher, a que chamamos girofo.

Não lhe fazem mais bemfeitoria que alimpar o mato, em que o cravo quaia; convem que aja sol em seu nacimento, e chuiva no cryar, porque, como naçe das pontas dos ramos, com ela viceja, e converte-se em folhas. *Vem* em pinhas, sem proceder frol, salvo a das pontas, com que dizem que cada grão tem cinquo quinas; em algumas pinhas nacem outrosi de cinquo em cinquo grãos.

Em novo he verde roxo, e vermelho, quando e maduro. Estando na arvore, cheira a maçãs maduras; algum cae e o mais apanhão com
[21] ganchos, como sereijas; mas como as arvores são mui altas / / e os ramos delguados, levão muito trabalho e corem muito risquo de quedas.

Enxugão-no ao sol e ao fumo, onde se faz mais escuro e quebra muito; chamão-lhe, os da terra, *buan lavoa;* e *buan* quer dizer frol, e *lavoa,* deve ser o nome da arvore. *Em* Bachão colhem-no, cortando os ramos, sem o qual o não da tam cedo, pera do cortado arebentarem os olhos que o hão de dar. Nas outras ilhas usão quebrar, aonde não podem alcançar com a mão.

A boa novidade começa a naçer em Fevereiro e a colher na fim de Agosto; e mais e menos, segundo os postos e copia dos colhedores.

Estas quatro ilhas do cravo são mui altas, e casi redondas; e a de Tidore mui aguda; e o mesmo dizem que foi a de Maquiem, e botava foguo; e, abrindo seu piquo, caio grande parte delle, alagando hum lugar, e intupio hum pedaço de enseada, como ainda aguora mostra, asi nela, como na abertura que em cima deixou, sem nunqua mais o botar, nem fumo. *Tremem* muitas vezes e são mui alcantiladas, pelo que ha nelas mui pouquos portos.

Ternate tem o de Tarlanguame, huma boa leguoa da fortaleza, aonde ynvernão as naos; e dai a outra leguoa, o de Toloquo, aonde podem estar os navios com prancha. *Tidore,* tem hum baixo, junto do seu porto, que não he muito bom; e Moutel, outro com baras abertas, pera entrarem suas corocoras.

Sendo Alvaro de Mendonça capitão, ouve huma grande tormenta, que fez grande alvoroço no mar, que o fez lançar de si muitas pedras, das quaes edificou hum mole de duas leguoas de comprido, junto da Batochina, defronte de Ternate, por tal ordem que pareçe muro, segundo dizem, e descobre com as mares; e navega-se franquamente entre ele e a terra.

CAPITOLO 8

Da arte das corocoras em que naveguão e da ordem que com elas e nelas tem.

Pois as corocoras forão parte de dar a Vosa Senhoria o matiz em que yão debuxadas, perguntando-me por elas, parece neçesario tratar de sua feição e arte.

São navios mui sotis e remeiros, tanto // que dizem poder remar, huma, vinte leguoas, de sol a sol. *Em* geral chamão a todas *otes;* como nos, navios; e em particular as grandes, joanguas, que remam de outenta ate 120 remeiros, e levão vynte, trinta de peleja; e aos daqui pera baixo chamão corocoras, que remão de çinquoenta ate setenta; e dai pera baixo, tem outros nomes. A outros, a que chamão calaluzes, que diferem somente na feição de popa e proa. [22]

Aos carpinteiros destas obras chamão *menos,* os quaes me parece tomarão nome de huma ylha ai perto, asi chamada, ou ela deles, por ser povoada dos mesmos.

Quando fazem obra do rei ou do regedor do luguar, podem tomar o mantimento que ouverem mester, por onde quiserem. *Usão* somente enxoo, escoparo, maçete, veruma, a que he como goiva encavada; e, pondo-a com a mão esquerda aonde ha de furar, dão-lhe em cyma com o maçete, e com a outra furão tudo, sem trabalho, muito direito.

A quilha he mui grosa e a primeira taboa sera de huma polegada e vai engrosando ate duas, que tera a deradeira; de cada paao, ainda que muito groso, fazem duas somente, fendendo-o, porque não usão sera; vão as taboas por dentro torneadas de paao como brasil ou cana; antre humas e outras poem, pera vedar a aguoa, hum alguodão tirado dos ramos de humas arvores, a que chamão *baru-baru,* e na India, aonde as a, *beru;* e pera bem peguar, untão primeiro a taboa de leite dumas grandes arvores, a que chamão *çuquão,* que tem as folhas maiores que de papel e fruito casi semelhante; e adubada a tavoa, apertão com maçetes e fica tão justa que casi se não enxergua a

costura; e por dentro atão sobre asas ou castanhas, que lhe fiquão, certos liames de raizes, tirados a feição, com que a fortifiquão. *Como* o *baru-baru* yncha com a aguoa, nunqua mais adubão, salvo se o gasta a formigua.

Sobre o casquo atravesão certas viguas, em cantidade e grosura conveniente, grosas no meio, e agudas pera os cabos; botão fora por
[23] ambas as partes mais e menos de braça / / e meia; sobre as quaes asentão por cima hum sotil sobrado de paaos e canas, em que vai a gente de guera; e sobre ele, outro, de popa, pera o capitão, cuberto pera o sol e chuiva, dumas lindas folhas, que não pode trazer senão rei ou *çanguage;* e os mais vão doutras folhas de nipeiras, com que se cobre todo o navio, quando chove, ainda que reme ou este surto.

E estão asentadas as viguas por tal ordem que, atados nas pontas huns paaos fortes, de altura pouquo mais de hum palmo, dobradas como lynguoiça, em que atão certas canas grosas, que vão por a aguoa duma a doutra banda, nas quaes se sostenta o navio, e vai direito sem se poder virar, nem meter mais do neçesario. *Antre* estas e o casquo vão, de longuo, atadas outras, a que chamão *nanes* ([17]), sobre que vai, de cada banda, outra chusma dobrada de dous, remando huma parte para o navio, e outra pera fora, e assim por sua conta, vão tantos remeiros por fora, como por dentro.

Sai-lhes da quilha hum pequeno esporão de proa e outro de popa, que vão casi de baixo de aguoa; sobre o de proa vai posto hum pesquoço de pao, com boa volta, e huma cabeça de serpe, de boqua mui aberta e comprida, e bem feita linguoa e dentes e cornos de veado, e mui fantastiqua coroa, tudo bem lavrado e as vezes pintado, mostrando grande ferocidade aos que se lhe anteposerem, sobre que vão algumas louçãs bandeiras, que ornão muito.

Sobre o outro esporão de popa levão hum galante e alevantado rabo, guarneçido da mesma maneira, e pelo meio vão outras bandeiras e envenções, com que parecem bem. *São* mui lympas e lindas pera andar nelas; levão maior cargua do que parece ser-lhe posivel;

([17]) Sobre os termos locais desta passagem cf. as notas do Texto II, pp. 381-385.

atravesão grandes mares, sem nunqua se perderem, salvo dando em sequo, nem se virão, nem vão ao fundo; joguão berços nosos e seus, com que fazem crua guera, na qual não costumavão abalroar, mas, rodeando-se e dando caça, se desbaratavão.

Usão panguaios de tres palmos, as pas redondas e sotis, e os cabos delguados, quanto apertão com a mão, que anda junto da pa e a outra na ponta, sobre huma crupeta, como de muleta; remão mui igualmente e de muitas maneiras e sempre cantando, conforme ao tempo: prazer, tristeza, vitoria, desbarate, ou fortuna que pasão, ou rei, ou pesoa que levão.

Hum de boa voz diz hum pe; e os mais juntamente, outro, que // [24]
não parece mal, ao som duns abataquinhos e sinos pequenos, que os do baileo sempre vão tangendo; virão mui de subito e mudão o conpaso, regulando-se por eles; são tão rasteiros, que, quando um vai armado, leva o bordo em cima da aguoa, pouquo mais de meo palmo, por o qual se alaguão muitas vezes, mas enproviso se lança toda a chusma ao mar e torna juntamente, sem se bulirem, nem molharem os do baileo. Se quebra alguma cousa, loguo e remendada; e se abre no mar, tirão-lhe a armação e virão o casquo sobre ela e o concertão e tornão a armar e fazer seu caminho.

Os remeiros de fora, a que chamão *nanes*, fazem todo o serviço do navio e da gente; navegação, enquanto lhes e posivel, ao longuo da tera; e como são agourentos, vendo alguma nuvem por proa, vão-lhe dizendo çertas palavras e açanando com humas raizes de arvore, que se va pera huma banda.

Quando atravesão, que começão a ver terra, vai hum de proa, ameaçando-a com hum gancho com que a fera, e não na ão-de mostrar com o dedo, senão com o cotovelo.

Os Papuas, Mauas, Vedas, trazem paguodes de popa e proa, os quaes mergulhão na aguoa, quando vão cançados, pera que o navio ande mais; cada hum tem hum so masto de duas canas, a maneira de cruzeta ou cabria; e na ponta, huma forquilha sobre que labora a adriça; tem hum ostai por diante e outro por detras; levemente o armão e desarmão; a vela e comprida e estreita, e navegua atraveçada

com duas verugas de canas; huma por cyma, outra por baixo da relingua, na qual a enrolão, como vão amainando, o que não fazem com tempo, senão algum pouquo, pera segurar a vela.

Fazem nelas muita abstinencia, sofrendo muito trabalho, principalmente os *nanes*, que vão mui desenperados. Como cansão, vão-se molhando huns a outros, ou se lanção na aguoa pera refresquar, e tornão de novo. *Quando* lhe acontece desastre, pera que ajão de tomar doo, tirão as cabeças e rabos e poem ramos sequos e com a popa pera diante, sem tanger nem cantar nem remar por ordem, pasão ou entrão por as povoações. *E* asi vão mostrando seu sentimento e doo, o qual tomão os da tera, com trufas nas cabeças de fiças branquas e panos çujos, rapando as cabeças, barbas e sobrancelhas; e com manilhas de rota, tecidas como botão, por os braços e pernas; e
[25] asi se fazem tão feios, / / que apenas a quem os conheça; o qual dura quarenta dias, no cabo dos quaes se vão lavar fora e deixão o doo na tera de alguns ymigos, se esta perto, com cortar o deixar algumas cabeças.

CAPITOLO 9

Da nosa fortaleza, e do foguo da ilha e do da Guamoconora, e das canas de aguoa.

A ilha de Ternate, ou Guape, tem hum recife que cerqua somente a povoação portuguesa e mourisqua, em cujo meio esta a nosa fortaleze, a borda da aguoa, ao pe dum teso alto; a qual e hum castelo de pedra e qual, quadrado, e não menos forte que cerqua de colmeas; antre ela e o recife, esta hum poço, em que podem estar caravelas, mas não entrão sem prea mar de aguoas vivas, e descareguadas; não se lhe pode dar bataria do mar, por ser longe, e o Noroeste com que se acosta core mui soberto, e o Sueste e Sul, travesão; e o fundo mui alcantilado e de roim pedra, porque as deste recife gerão-se de limos, que se endureçem e fazem coral branquo de muitos ramos. que se ajuntão e fazem pedra que crece. a qual e boa pera parede e cal.

Esta posta por a banda de fora, por tal ordem que pareçe edifiçio humano, pera defensão do sitio, o qual e mui sadio, e o ar fresquo e tenperado.

Tem a ilha, na mais alto, huma grande cova, que ao parecer, em baixo sera como huma eira; e em a boqua, quanto hum homem enxergua, outro da outra banda; dentro mana huma fonte, cujo sabor, cor e cheiro não pude alcançar; cai sobre cinza, que se faz de grande copia de pedras que fervem fortemente com a grande furia do fogo que coze por baxo, botando com grande efeituo açima mui espeso e casi palpavel fumo, e não menos fedorento; todo por cima parece oquo, porque vai somindo a tera, como trigo na tremonha, por o foguo gastar por baxo; do qual arebenta fumo por muitas partes, longe da principal cova, quando o ela bota com ympeto, o que aconteçe muitas vezes; nas quaes faz tamanho teremoto, que pare/ /çe, aos que estão em cima, que cai o monte (a que chamão [26]
Guno), o que acrescenta e matinada das pedras que bota.

E asi lança mui grande arvore de fumo claro e escuro, segundo o tempo e a materia que tras, e em mui grande altura, sobrepujando as nuvens; porque, quando se ve de fora o orizonte do *Guno*, ja tem subido, ate ali, mais de quinhentas braças, que pode aver de altura ate o fundo e apareçe, como experimentei por estimativa de vista, do qual se ve muitas vezes o foguo e pedras vermelhas que bota.

E contão os velhos que virão cair huma alem do recife, tamanha a vista como hum bom caxão; o que não pode ser, ainda que vi em cima cairem as maiores, mais longe, como a roqua da bombarda, cujo pelouro faz maior pasada. *A* cinza ou area grosa, que se moe das pedras, torna a cair sobre o monte, e a mais leve muitas vezes na fortaleza, e outras vai pasar a ilhas dos Meaos.

Dizem os da tera que a causa dela ser sadia procede desta vacuação, com que vão os maos vapores, o que tenho ser ao contrairo, porque raras vezes fez esta obra por continoação, que deixase de aver enfirmidades geraes, que pareçe causa a corução do ar e das fruitas e aguoa em cujos poços cae muita cinza; ao que respondem, como ynvenciveis, que seria pior, se não purgase, como que a enfermidade não estivese mais sogeita a ele, que ele a ela.

Dentro na cova se acha algum pouquo e fino enxofre; o caminho dela e mui aspero e trabalhoso, e sera de duas legoas e ate hum terço e abitado; no mais alto faz mui grande frio, que coalha o comer e casi o beber, mas não ynpide aver moscas, sem outro algum bicho nem ave; parece dela grande cantidade de mar e ilhas, que dão muito que fazer a vista; esta casi no cabo huma singular fonte, de tão fria aguoa que se não pode beber, senão traguos.

O deradeiro ano da capitania de Anrique de Sa, arebentou este monte por huma ilhargua, a meio caminho, e por dous dias botou huma ribeira de aguoa, com penedos que fizerão muito dano ate o mar.

Na Guamoconora, dezoito leguoas daqui, esta outro *Guno*, que nunca botou foguo; mas, sendo capitão Alvaro de Mendonça, tremeo a tera mui rijo e arebentou por cima e botou huma ribeira de aguoa,
[27] ardendo em vivo e claro foguo, ate o mar, aonde escaldou muitos //
pescadores e trouxe a tera muitos penedos e arvoredo, que destruyo muitos fruitos e casas, em que moreo muita gente, e fez huma grande ponta no mar, que hoje em dia esta fumegando, segundo dizem, e se acha ali muito enxofre. *Por* todos estes Gunos a grandes arvores e canavieiras mui altas e grosas, cujos canudos, sendo cavados, são cheios de fria e singular aguoa de cor e doçura casi da alanha. Querem alguns dizer, e o afirmarão em Portugal, que não e propria, dizendo que, quando são novas, tem humas folhas a redor dos canudos, as quaes se enchem da aguoa da chuiva, corendo por a cana e daly por os poros dela se coa dentro; o que parece falso, porque a folha cerqua o noo grosura de hum dedo, ou dous; e dali despede pera cima, fazendo-se aguda, cuja ponta não chegua ao segundo noo, em que esta o pe da outra; e desta maneira fiquaão as tres partes do canudo descubertas; e ainda que este muito pegada, que pareça que não pode recolher aguoa, conçedendo o que dizem, encheria outro tanto quanto tomão dous dedos, que a folha cerqua o noo, pois naturalmente a aguoa não pode subir mais do que deceo, e o canudo e cheio ate acima; quanto mais que, como as cousas naturalmente com seu semelhante se conservão, com o contrario se coronpem; por o

qual, sendo aguoa da chuiva, forçadamente a coronperia e federia, ou a cana apodreceria, o que não e, por a aguoa ser mui singular, com a qual creçem e amadureçem as canas, e são mui fortes.

E, dado que o dito não abastase, seria a dita aguoa geral em algumas outras castas de canas, por aver muitas e muito mais porosas, pois todas naçem com as mesmas folhas na propria tera, nas quaes e não acha guoteira, por onde esta claro ser naturalmente nacida naquela so sorte, como e a da alanha, ou quoquo.

CAPITOLO 10

Dalgumas cousas novas que vi nos arcepeleguos de Maluquo.

Como a natureza não tenha taxa em produzir e fazer seus edificios, edifiqua em humas partes cousas que por o uso são mui faceis, e a outras donde são alheias, mui dificeys, como se acharão a/ /gumas [28]
neste proceso; e, ainda que o acredita-las fique ao alvidrio de cada hum, nem por iso devo fiquar oprimido a calar as que mais souber.

Vi a Francisco Palha hum reverendo bode, que tinha hum grande teto de leite, em que mamavão os cabritos; e a huma escrava do mesmo botar huma pedra, como grande cabeça de alfinete, que achou na boqua antre aroz cozido que comia; a qual, posta na mão, com alguma guoteira de aguoa, nadava a outra parte, fazendo escuma, como que a forçava com seus pes e mãos, que não tinha.

Vi outras pedras, huma algum tanto maior, que foi achada em huma laranja doce, cujos amaguos representava por certas veias de que era rodeada; e outra mior e mais comprida, que foi achada em huma arequa, e todas mui rijas e almeiceguadas; e outra branca, maior que todas estas, que foi achada em hum quoquo.

Vi raizes de paao que, a dereita, a loeste, e mui fina peçonha; e dereita, a leste, sua contra-peçonha, e de toda outra sorte dela; e aproveitada pera purguar todo maao humor e curar de muitas infirmidades, asim a homens como alimarias.

Vi pedaços de paao, cujo nacimento não alcancei, que tira na cor e vermelho; arde, fazendo chama e brasa, sem se guastar nada; e tenho que tem natureza de pedra, porque, desfazendo-se facilmente entre os dedos, tratado com os dentes, trinca e quebra como area.

Vi em huma formosa arvore, que esta a porta da nosa fortaleza, chamada *Catapa*, e na India amendoeira, cair huma folha mais pequena que as outras geraes, cujo pe era cabeça de bicho; e o talo, o corpo; e as veias que procedem dele, os pes e as mãos com que andava, sendo perfeito bicho e folha, das quaes ouvi que avia muitas geradas do viço.

Quando se a mesma arvore enfeita das novas folhas, bota humas candeias como de castanheiro e de hum pedaço de huma vi andar um bicho, como era vivo, servindo-lhe os grãos a roda, de pes; e o talo, de corpo; mas não lhe enxerguei cabeça; *No* mesmo tenpo, criaão as novas folhas huns bichos como os da ortaliça, que vem ao chão, pendurados por fios de aranhas, aos quaes apanhão huma casta de abespas, e os metem em seus ninhos, que fazem de lama, dentro das casas; e cheos, lhe tapão hum pequeno boraquo que lhe fica e vão-se. *Dos* quaes se fazem outras abespas, que por si se formão e saem.

Vi antre humas pedras, em que batia o mar, hum folhelho de feição de bexigua defumada, que tinha hadentro huma fermosa
[29] gema, como de ovo, de cuja galadura pendia huma tripa, / / em que estava pegado hum peixe do conprimento dum dedo, da feição e pintura de cação.

Vi hum homem que tinha na anqua hum mamilo, como hum dedo poleguar, que vulgarmente chamão rabo, e dizem que a muitos por casta; os mais dos velhos tem nos tornozelos e joelhos e cotovelos calos casi de poleguada de conprido e agudos como esporão de galo; dizem que naçem da continoação dos asentos, o que não creo, por os ver a escravo, e em partes que não roção; mas pareçe ser alguma novidade da natureza, como os rabos.

A por estas ilhas mui grandes tartarugas que poem infinitos ovos em covas por as praias e, cubertos de area, os deixão; em huma que matou hum meu vizinho, achou myl e duzentos, sem outros muitos meudos do oveiro, que não pode contar.

A muitas ostras ou ameijas, cujo recheio enchera huma jara de dous almudes, e as conchas servem pera nelas comerem porcos, e asi a outras muitas cousas e novidades da natureza, a que a memoria não alcança.

CAPITOLO 11

Que trata dos arçepelaguos dos Papuas,
Moros, Celebes, e Amboinos.

Ja que tratei do arcepelago de Maluco, parece que fiquo obriguado a faze-lo no mesmo modo dos outros quatro arcepelaguos, que dividi no segundo capitolo.

Geralmente usão em todos o traio, armas, costumes dos Maluquos, ainda que em algumas partes não são perfeitos e tem os mesmos fruitos, bichos, peixes, aves; mas diferem nas seitas, por serem na maior parte gentios, adorando diferentemente e a diversas figuras.

O arcepelaguo dos Papuas demora a leste de Maluquo; tem muitas ilhas, baixos e restinguas, pelo que não são naveguadas, salvo dos de Bachão, por lhes cairem mais a geito. Papua, em todas as linguas de Maluquo diz Cafre, e asi são pretos como malavares, magros, feios e de grandes grenhas; tem grande espirito pera os trabalhos e toda treição e maldade; não tem em sua tera nenhuma mercadoria, salvo algum ouro com que se resgatão. *A* antre eles alguns, mui branquos e sardos, que não vem com o sol.

Segundo / / a enformação que a destas ilhas, corem ao longo [30]
duma grande tera, a qual pareçe ser a imaginada do Sul, que por a banda de leste e a loeste vai ter ao Estreito de Magualhães.

O arcepelaguo dos Çelebes demora a loeste de Maluco; e, segundo pareçe, a nele maior cantidade de ilhas; começa na grande ilha dos Çelebes, em que a muitos reis e vaquas e bufaras e cabras, e muitos mantimentos; e acaba em Çebu e Matão, junto de Mindanao; e ainda avante a muita cantidade de ilhas inconhitas.



Em muitas partes deste arçepelago a fama de muito ouro, asi de minas, como colhido nos rios, particolarmente na ilha de Macagua; e em a enseada de Butão e Mindanaao, aonde a outrosi muita e boa canela; e na do Soluquo, grandes perolas, mas não as sabem colher, nem aproveitar-se delas. Em muitas partes são senhoreados do rei de Borneo; e em outras, do de Ternate e Tidore; e doutras vão e nosa fortaleza, onde vivem de pescar e fazer fio de arame.

Facilmente se convertem a nosa santa fe, e geralmente são çiveis e atreiçoados; husão peçonha em suas armas, que mata em vinte e quatro horas, inchando os companhões; andão encachados, causa de os terem por bem despostos.

Limão os dentes, que lhe fiquão agudos de cima somente, e os fazem pretos, e as orelhas tão compridas, com humas arguolas de estanho, que trazem no buraquo, que lhas fazem cheguar aos peitos; e pintão-se mourisqua e louçamente; o cabelo cortado nas fontes e o demais atado ao toutiço ou coroa; as testas batidas pera tras e pera cima, como que fazem os rostos agigantados; usão em seus membros genitaes cascaveis de cobre, como Pegus; e outros, humas argolas de qualquer metal, de grosura dum delgado dedo, da banda de fora lavradas e com huns meios botões, ou outra cousa que roçe sem ferir, tudo fundido na mesma peça, a qual fechão com hum torno de metal, no mesmo membro, por hum buraquo que nele trazem, e asi usão com as mulheres, metendo-o morto. Em algumas partes da ilha dos Çelebes ha mancebias pubricas de homens, que usão por cima e por baxo.

E tem sandalo, e aguila, e dai perto a muito e bom fero na ilha de Benguia; tem pequenas povoações, mas de muita jente, porque em cada casa mora toda huma geração; pendurão a roda delas as cabeleiras dos que matão na guera, os quaes cortão em roda todo o couro e carne da cabeça, ate ao casquo, por cima das sobrancelhas e orelhas;
[31] e asi dizem que viveo huma mo/ /lher do Buro, muito tempo, mas esta crueza não e geral em todas as partes. *Tem* arvores, cuja sombra e fina peçonha da banda do ponente, quando por ela pasão, mas cura-se este dano com a do levante.

O arcepelago de Amboino cae a banda do sul; cria-se nele muita rota, como a das canas de Bengala, que dão muitas voltas por cima das altas arvores, aonde se achão algumas de sinquoenta braças; e tera mui fresqua e de muitas ribeiras e boa aguoa e na maior parte de asperas seranias, e alguns morão em cima de arvores e altos penedos e isto me pareçe que causa não terem rei e andarem a quem mais pode.

Alguns deles comem todos os que matão na guera e dizem ser o calcanhar e o peito do pe o melhor boquado; a outros que enterão seus mortos sem sepulturas de paao, com vultos de bichos e peixes e aves e asi os guardão em seus baileos, aonde dependurão as caveiras dos que matão ou comem. *Dizem* aver outros, cujos filhos comem seus pais, depois de velhos e se algum quer fazer festa e tem o seu magro, pede outro emprestado e pagua depois de o ter gordo.

A esta parte de Amboino jaz Banda, e a leste dela, 300 leguoas, e outros dizem muito menos, a huma ilha povoada de gente de quatro palmos, aonde a muito ouro, de que os de Banda tem bom tesouro.

Em Amboino a muitos cristãos do noso tempo, e muito *maçoi* que parece canela brava. Ajuntar-se-ão nele trezentos bares de cravo de bastão, mas não e tão perfeito, em gosto e grandura, como o de Maluquo, e pareçe-me que e de o colherem ante tempo.

Nesta ilha a huma grande enseada, a qual faz outra pera a banda do norte, em que envernão as naos cubertas, e com prancha em tera; e, estando ai Dom Jorge Deça, a segunda viagem que fez a Maluquo, tremeo a tera mui rijo e longuo, em espaço de seis oras (com grande impeto e macareo, nunqua ali visto) cresçeo a mare e vazou de dezasete ate vinte e çinquo vezes, segundo muitos testemunharão em hum estromento, a qual deferença proçedeo de huns atentarem niso primeiro que outros. *Chegarão* as aguoas aonde nunqua.

Na ilha do Buro, quinze leguoas daqui, a huns porquos silvestres, a que chamão *ruças*, que tem mais compridos pes e focinho, e menor orelha que os nos/ /os, aos quaes nacem as presas pera cima, [32]
ao longuo da queixada e creçem tanto que dão muitas voltas, a feição de cornadura de carneiro; e como são juntas, embaraçando-se no mato, em algum paao ou rota, fiquão presos ate morte.

Tem mais hum rio doce, no qual aonde a mare não chegua, esta hum peguo aonde anda muito peixe, como sermões (sic) os quaes saem dali, nas aguoas vivas, duma so lua do ano e vão ao salguado fartar-se de muita cantidade de peixe meudo, que na mesma lua somente lança o mar aly; do qual os da tera fazem boa pescaria, que lhe dura, salgada, todo o ano, e os sermões se tornão a viver em seu peguo, sem ousarem bolir com eles.

A ali grandes eiros que fisguão a borda da aguoa, acondindo com impeto a certas guoteiras de crara e gema de ovo mexido, que lhe botão.

Dizem que a ali huma castas de grandes aves, que andão em bando; e huma maior que as outras, se leva por a manhã e se poem (sic) a tarde em huma alta arvore, primeiro que as outras, as quaes a seguem como a rei.

Em huma enseada da mesma ilha, chamada Chiquomaraça, singular porto pera navios, a muitas ostras de perolas, de que se não aproveitão; e junto em hum grande pedaço de tera naçe por si muito gingivre; o qual, depois de maduro, no mes de Aguosto e Setembro de cada ano, se queima todo com foguo visivel, sem se saber donde vem, nem quem lho põe, por ser aquilo desabitado.

CAPITOLO 12

Que trata da poliçia dos Moros, tera de cristãos.

O arcepeleguo do Moro começa nas ilhas de Doe, que estão duas leguoas a re da ponta de Biçoa e não avante, como falsamente as trazem os pilotos.

Esta ponta e o cabo da Batachina, cinquenta leguoas da nosa fortaleza, povoadas na maior parte de gente embrenhada, sem caminhos pubriquos. *Chama-se* de Biçoa, por razão do luguar que esta junto dela, asi chamado. E da outra banda de leste e povoada ao longuo da praia de grandes e bons luguares, e de diferentes linguoas cada hum. *Chamão* a estas costas Morotia, que quer dizer Moro da

tera; e as ilhas defronte, Morotai, que diz Moro do mar, e a todos juntamente chamão o mar, cujos abitadores são brutos e posilanimos e dados / / a toda pereza ([18]); ainda que alguns povos belicosos [33] careçerão sempre de rei, lei, peso, medida, prata, ouro, moeda, preços e feira, são em geral abastados de mantimentos e a tera melhor aproveitada que todas as de Maluquo, donde são providas e asi das *fiças*.

Guoverna-se cada luguar por hum principal, a quem obedeçem em pouquas cousas e na guera, e não lhe paguão tributo. São mui ynconstantes e facilmente obedeçem aos que mais podem. *Forão* grandes idolatras por meio de peixes, aves, arvores, pedras e o mesmo diabo em fegura, o qual pintão tão feio como o são suas obras. Usão sortes e feitiçarias, como os mais.

Ouvi a pesoas que o virão que tomão huma cana grosa dos canudos çarados e a dão a ter a quantos homens cabem nela e então lhe defumão as pontas com ervas e beijoim e lhe dizem em ambas sete palavras, com as quaes vai pesando tanto que e imposivel poderem-na sostentar os que a tem, e suando, a alarguão ou caem. *E*, se algum açerta de ter anel de tartarugua ou algum pedaço de casquo, não pode vir a efeito o peso.

Tem as mesmas armas, casas, navios dos Maluquos, cujos reis os começarão a conquistar, como forão mouros, avendo cada hum os luguares que pode, cabendo a maior e melhor parte ao de Ternate, a qual lhe tomou depois o Geilolo, favorecido dos Castelhanos; e, querendo-se depois restaurar com a paz da nosa fortaleza, temerão os conquistados seu dano e tomarão por valedora a aguoa do santo bautismo, a qual lhes mandou dar Tristão de Ataide, sendo capitão, polo vigario Simão Vaz, que começou no pais de Dom Joam, regedor de Mamoia na Morotia; o qual luguar, com muitos trabalhos e persiguições de arenegados, mouros e gentios, defendeu sua vertude, avoreçida de todos, por ser o autor dela, ate vir em muita demenuição.

([18]) O termo deve tomar-se aqui no sentido de *preguiça, indolência*.

Sendo capitão Dom Jorge de Castro, se acabarão de bautizar em todo o Moro, começando de Biçoa; e como o demonio ficava mal desta obra, ordenou por meio da pouqua doutrina que ainda tinhão e mao exemplo noso e dos trabalhos da fortaleza alevantarem-se por o Geilolo; e, queimando as igreias, lhe entreguarão alguns portugueses, aos quaes mandou espetar na praia; e, tornando ela a seu estado, eles tanbem, a custa de sangue e fazenda dos Portugueses e dos Ternates, sem cujas embarcações se não pode la obrar, e ficarão ainda alguns povos rebelados, que derão muito trabalho ate a final

[34] destru/ /ição da fortaleza de Geilolo.

Sendo Bernaldim de Sousa capitam, se alevantarão outra vez pelo mesmo Geilolo e matarão tres portugueses que tinhão e queimarão as igreias; e depois outra, por o rei de Ternate, a quem se entreguarão, por Dom Duarte Deça, que erão capitão da fortaleza, mandar vir dela pera Ternate alguns portugueses, com que se poderão defender; o que fez por a querer guardar na dita guera, mas primeiro sofrerão alguns trabalhos e no fim forão vançidos das armas. *E* depois os tornou el-rei de Ternate ao noso estado, o qual teve o Tolo, principal luguar de tera, de çerquo, com Anryque de Lima, Pero da Cunha e alguns outros portugueses, pasante de tres meses, ate o entrar por força das armas.

Caraçerão de doutrina ate os visitar o Padre Mestre Francisquo que naquela tera, antre mouros e gintios e cristãos, foi sempre chamado padre santo. *Cheguou* la em tempo de Jurdão de Freitas e começou mandar padres de sua Companhia no de Bernaldim de Sousa, os quaes asi por a tera ser muito enferma, como por as muitas revoltas dela, com ymensos trabalhos, os começarão a doutrinar e tirar alguns ritos maos, instruindo-os na poliçia cristãa, que teverão tomado, se não forão tão posilanimes e as gueras da forteleza, de cuja paz pende seu fruito.

Costumavão outrosi dar peçonha pera çertos tempos, asi no comer como no beber, metendo-a debaxo da ponta da unha, a qual a mergulhavão no copo ao que a querião dar. *E* desta maneira, bebendo todos por hum vaso e dum mesmo vinho, a davão a quem

querião. *Tambem* a dão, esfregando suas mãos untadas dela (em sinal de amor) com as do padecente.

Costumão comer e beber em luguares pubriquos comumente, convidando liberalmente aos pasantes. *Erão* muito crueis na guera, da qual trazião as cabeças, pernas, braços dos que matavão e os punhão em seus tereiros, a cuja vista comião e ali se çevavão os rapazes com pedras, e algumas velhas.

Ali vi bater pedaços de fero frio, com pedras sobre outras, e o afeiçoar e aguçar, pera fazerem suas obras e fazer pilões de pedra com outros. *Fazem* mui louças manilhas das ostras grandes, rocando algum pedaço; e sendo liso, o asentão no chão e com hum canudo de cana cortado bem redondo e da grosura do braço o furão, trazendo-o antre as mãos como torno e antre hum e outro alguma area, gotejan-
do-lhe com aguoa; e o primeiro / / canudo e sempre da grosura do [35]
braço; e como e furado, fazem outro tanto com outro muito maior e asi fiqua a manilha feita; a qual fazem redonda, ou como torçida, limando-a com canas delgadas. *E* do mesmo modo fazem os escudos, que poem sobre as empunhaduras das espadas.

Fazião as sepulturas a seus mortos por os matos com çertos sinaes de suas valentias, mas das almas não sabião dar razão. *Pranteavam-nos* com molheres e homens aluguados; as quaes, cubertas como feitiçeiras em cadafalso, andavão por as ruas bradando, a maneira de o buscarem. *Quando* fazião pazes, tiravão sangue dos braços e qada hum bebia o do outro.

Casavão ou enpenhavão da mesma maneira dos Maluquos. *Como* as molheres tinhão conhecimento do omem, limavão com pedras todos os dentes de çima ate as gengivas, que pareçia que nacerão sem eles.

As moças teçião humas cintas de rota bem lavrada e apertada a qarão da carne, pouquo mais larguoa que meio palmo; e como as moças creçião e a cinta não dava de si, ficavão delicadas, sem reçeber dano; casando, cortavão-nas, mas não deixava a natureza de as por em liberdade. *São* boas pera escravos, por fazerem todo o trabalho de suas lavouras; e nela e nos caminhos parem facilmente e lavão-se loguo e ao naçido na aguoa fria, sem se deitar.

Tem muita madeira pera navios e rota delgada e pao preto e vermelho como brasil. A tera e mui doentia, o que tem bem sentido os Portugueses, a quem tem bem custado sostenta-los a propria custa, sendo geralmente pobres e sem nenhuma satisfação.

CAPITOLO 13

Dalgumas maravilhas acontecidas no Moro.

Forão estes Moros mui afeiçoados ao demonio, o que e de grande amiração, asi destes como dos mais gentios, porque todos o pintão tão feo e com tantos esgares que bem mostrão por a fegura qual deve ser sua vertude, com o qual tem tanta devação que com os fazerem
[36] matar huns a outros e receberem por sua causa muito // dano, não a boa razão que lhe quadre, nem milagres que os movão, senão a neçesidade temporal, como tem acontecido a estes.

E foi o caso que, sendo Bernaldim de Sousa capitão da fortaleza, fez guera ao rei de Geilolo e huma das principaes cousas que o moveo foi te-los alevantados asi. *E* como a cidade de Tolo e a maior, não somente do Moro, mas de todo Maluquo, fez dela cabeça forte ficando-a com tranqueiras e artelharia nos lugares debiles.

E, soçedendo Cristovão de Sa na capitania, pedio-lhe el-rei de Ternate licença pera os ir guerear, e não lha dando, o roguou despois que fosem e deu-lhe pera iso a hum Luis de Paiva, de Santarem, com vinte e cinquo omens.

E aceitou a ida de maa vontade, por lha não fazerem, quando a tinha e por ter ja espalhada sua aramada. *Partio* com pouqua e foi sorgir defronte a Tolo. *E*, requerendo aos de dentro que se tornasem pera os Portugueses e que lhes perdoaria, responderão que não querião, mostrando-lhe, hum, o trazeiro; por o qual se foi dali corido, por não poder vingar a ofensa. *E* foi sorgir a huma pequena ilha defronte, mandar fazer de comer e não vindo a efeito, se levou e foi sorgir a outra mais afastada, pelo inpider (sic) muita cinza, que

lhe começou a cair dum outeiro que esta detras outro, ao pe do qual, a borda da aguoa, esta a cidade, cerquada de rocha mui expunhavel em meio de Chiaoa e Mamoia, huma leguoa dum a outro. *O* qual Mamoia fiqua mais perto do foguo, por estar ao pe do proprio Motir, do qual naçem fontes de aguoa quente, de que se servem e no mais alto dele, casi meia leguoa de vista, esta huma cova, de que sai continuamente grande cantidade de fumo. *E*, como o Tolo e mais longe e se lhe antepõe o seu outeiro, ve-se menos dele o fumo e foguo; mas naquele dia, acabadas as pratiquas, e em dous mais, fez hum grande teremoto, nunqua ate li visto; botou muito foguo, pedras e area, a que chamamos cinza, em que se desfazem as pedras recozidas; derubou muitas arvores de fruito e a maior parte da cidade, a qual tinha muitos penedos, cujas concavidades e vãos encheo e entupio de tal maneira que ficou tudo raso.

Pasados estes tres dias, conheçendo o rei a maravilha, persuadido dos Portugueses, foi cometer as tranqueiras, mandando-os por huma parte, na dianteira, com seu irmão / / Quechil Guazarate, [37]
capitão-mor, que levava outros irmãos e mançebos de openião, a qual se lhe acresçenta na companhia dos Portugueses; e asi cometerão e entrarão a mais forte, com morte dum yrmão do Guzarate.

El-rei deo por outra parte, com ate quinhentos omens, o qual entrou com muito animo, e tomou a cidade, em que averia mil e quinhentos homens de peleia, afora os de socoro.

Forão mortos e cativos muitos, sem aver despoio, asi por a destruição do teremoto, como por costumarem terem todo o bom nos matos, pera onde se forão, sem acabar de tomar concrusão, a qual os forçou despois a destruição da fortaleza de Geilolo.

Tres cousas se podem notar deste caso; a primeira, a novidade do teremoto, nunqua ali visto nem ouvido; a segunda, o tempo em que foi, e não fozer nenhum dano aos outros lugares vezinhos, tambem alevantados; a terceira, a ousadia que tomou tão pouqua jente a cometer tanta, em tão forte sitio; a qual foi vencida, tomando aquilo por acontecimento. *No* mesmo tempo creceo a aguoa duma grande alaguo doçe, que cerqua o lugar dos Galelas, tanto que subio,

segundo fama, mais de duas braças, não se movendo nunqua dantes.

Despois, sendo Alvaro de Mendonça capitão, tremendo aquela tera, creceo o mar com grande macareo, que matou muita gente em paros e em tera, aonde acharão por o mato muitos peixes; no mesmo tempo se ouvirão muitos trovões, por tal ordem que em toda a tera e nas ilhas de Maluquo ate Bachão cuidarão ser bombardadas que vinhão sobre cada hum, pelo que em muitas partes acudirão as armas, e em algumas mandarão a nosa fortaleza saber o que era.

Antes desta destruição me contou hum Dom Fernando, regedor de Chiaoa, que no primeiro levantamento que fizerão pelo Geilolo, queimando a igreia, tomou hum homem hum retavolo de Nosa Senhora; e começando-o a quebrar, pera das bordas dele fazer a empunhadora de sua espada, supitamente lhe fiquarão as mãos tortas, e dentro em hum ano morreo, com todos da sua geração, de desastres; e o deradeiro fora dum peixe agulha que, saltando (andando ele pescando) lhe meteo hum biquo por hum olho.

Na ilha de Chão, principal no Morotai, estava hum grande e prospero luguar, em o qual, neste alevantamento, matarão seus
[38] moradores a hum cleriguo (cuido cha/ /mado) Francisquo Alvarez, que os baptizava e doutrinava; e dali a pouquos anos foi todo despovoado e deserto, como agora esta, por gueras, fomes, desastres, trabalhos e outros casos, a que não sabem dar rezam.

Acabou-se a primeira parte, pela qual se vera meudamente o que ha em Maluquo e os eros que dele são escritos. *E* começa a segunda que por 12 capitulos trata do seu descobrimento, asi pellos Portugueses como dos Castelhanos; e as armadas suas que a ele forão, particularmente da de que era Geral Rui Lopes de Vilha Lobos.

CAPITOLO 1

Do descobrimento de Malaquo pelos Portugueses e Castelhanos.

Como Afonço de Albuquerque tomou Malaqua, ordenou mandar descobrir Maluquo e Banda, por cujo caminho avião de fazer sua derota, pera se aver o cravo, noz e maça; e tirar aos Jaos, Chins e Gusaratas o proveito do trato dele; pera o que mandou Antonio de Abreu por capitão-mor de tres navios, e a Francisco Serão por sota e capitão; e partio de Malaqua em Dezembro de mil e quinhentos e onze anos; e, indo por a Jaoa, chegou a Anboino; e, partindo dali pera Banda, se perdeo Francisco Serão e foi salvo com sua gente, com Antonio de Abreu, que em Banda lhe comprou hum junquo pera ir nele; e, sendo ai todos caregados, se tornarão pera Malaqua; e no caminho se apartou, com hum tempo, ho / / Francisco Serão e se foi [39]
perder nos baixos de Luçapina, donde foi levado ao lugar dito, em Anboino; e outros dizem a Nuçatelo, que são vezinhos, aonde foi bem agasalhado, com seis ou sete portugueses, a saber: Dioguo Lopez, Dioguo Cão, Dioguo Afonço, Pero Fernandez e Antoneto, cezeliano. *E*, por ser de boa arte, como por a fama que ja tinhão dos Portugueses, se ajudarão deles em briguas que trazião com seus vezinhos, em que se ouve Francisco Serão com tanto animo e prudencia, que foi sua fama ao rei de Maluquo, chamado Quechil Baiano Çirola, o qual ja tinha notiçia dos Portugueses da India por Chins e Malaios, que la yão de veniagua, e particularmente por hum caçis da tera, que fora a Mequa em romaria e levou algumas faquas deles, a quem, por esa causa, chamarão frange, o qual nome dura nelas, entre todos, ate oje.

Sabida a nova em Maluquo pelos reis dele, ordenarão mandar busquar a Francisco Serão, o qual ouve, o Ternate, por meio de Quechil Baidua, seu irmão e caçis maior, que a iso o mandou e lhe fez muita honra; e foi dele e dos companheiros bem servido em gueras que tinha com os outros reis; e asi, muito favorecido, andou la ate o trazer Dom Tristão, não muito por sua vontade.

E, vindo em hum junquo, aribou a Maluquo, onde esteve ate os reis fazerem paz, com a qual deo o Tidore ao Ternate e Portugueses hum banquete, em que lhes deo peçonha, de que moreo Francisquo Serão, (tendo ja mandado, segundo se soube) aviso de todas as cousas de Maluquo a Fernão de Magalhães, seu grande amiguo de pousada, que andava na India; e o rei escapou com mezinhas, ficando enfermo e pelado.

E, por se achar bem com os portugueses, mandou a Dioguo Lopes e Dioguo Cão a Malaqua pedir mais portugueses e armas e feitoria pera o trato do cravo. E, indo estes a India, acharão por governador Dioguo Lopes de Siqueira, o qual mandou loguo por capitão do primeiro navio que foi ao dito Maluquo a Dom Tristão de Meneses; e, o ano seguinte, foi de Maluquo Alvaro da Costa e Dioguo Cão, em dois juncos que tomarão, bem careguados; e depois forão as duas naos que ficarão, de Fernão de Magalhães, de quem
[40] tratarei brevemente, por ser sua istoria bem sabida. //

Basta que com estas novas e enformações se foi ele da India a Portugal e agravado se pasou a Castela, aonde persuadio ao Enperador Carlos lhe dese armada, pera descobrir Maluquo por novo caminho; e, dando-lhe credito, foi despachado de Sevilha e saio de São Lucas de Barameda, a dez de Aguosto de myl e quinhentos e dezanove anos; e outros dizem que a vinte de Setembro, com cinquo navios, com os quais, corendo a costa do Brasil, se pos em sinquoenta e dous graaos e meio, aonde achou o estreito que, por seu respeito, se chama de Magalhães, que divide a tera do Sul, e pasa a outro mar do Poente, e na entrada dele se lhe perdeo hum navio, de que era capitão Joam Serão. E, antes que saise, mandou outro descobrir humas abertas, que o dito estreito fazia, pera saber por onde avia de ir; e a jente do dito navio prendeo o capitão, que se chamava Alvaro de Mezquita, parente do Magalhães, e se forão pera Castela, levando-o preso.

E, com os tres navios, pasou o estreito ao outro mar, a que pos nome Pacifiquo; e dai foi ter as ilhas de Çebu e Matão, que estão em dez graos escasos, junto de Mindanao, onde foi morto com alguns

dos suus, peleiando com o rei de Matão, imiguo do de Çebu, que tinha feito cristão; e os da armada elegerão, em seu luguar, a Joam Serão, piloto-mor; e outros dizem a Joam Lopes Carvalho, que outrosi era piloto-mor; de maneira que o Joam Serão foi convidado do rei de Çebu, com pasante de vinte e sinquo omens dos principaes, e ali forão mortos, por treição do rei cristão, induzido de hum escravo que fiquou do Magalhães, a quem o Serão tinha escandalizado.

E os navios se fizerão a vela e elegerão os oficiaes e soldados, por seu geral, a João Sebastião del Cano, mestre dum; e outros dizem que a Joam Lopez Carvalho, e depois o tirarão e fizerão e João Sebastião del Cano; do modo que, por serem pouquos, queimarão a peior nao e a jente dela meterão nas duas, e forão ter a Borneo, donde derão volta e forão sorgir a Tidore, a oito de Novembro de mil e quinhentos e vinte e hum anos.

E, sendo bem recebidos do rei, chamado Quechil Mire, pelo mesmo respeito e interese que pertendia o rei de Ternate ter dos Portugueses, lhe derão loguo caregua de cravo e cometerão ao Ternate com paz e que aceitase ser vasalo do Enperador; o qual não somente o não aceitou, mas mandou recado do que pasava a Maluquo. *E* como el-rei Dom Joam o terceiro, de cristianisima memoria, tinha visto suas cartas e a informação da tera e o proveito que do trato do cravo se lhe seguia, mandou fazer fortaleza por Jorge de Brito; o qual partio da India com boa armada e foi morto, por desordem, com muitos dos seus, dando nos Achens de Çamatra, a quem soçedeo seu irmão Antonio de / / Brito, por alvara que tinha, e foi esperar a Banda [41]
(aonde invernou) a monção do Sul, com que avia de fazer sua derota.

E, temendo-se desta vinda os Castelhanos, caregarão, com grande presa, do cravo que poderão aver e do que lhe deu hum Gaspar Roiz, portugues que la fora com Dom Tristão e ficara em Bachão, feitorizando fazenda, o qual se lançara com eles.

E asi partio a naao capitaina, chamada Vitoria, de que era capitão o Joam Sebastião del Cano, e foi a vista de Anboino a Banda e dai ao boqueirão de Timor; e, com muita temeridade, pasou o cabo de Boa

Esperança e foi sorgir nas Ilhas Terceiras, aonde lhes tomarão o batel, com dez ou doze omens; mas sem ele, e com muito cravo e trabalho, foi ter (rodeado o Mundo) a Sevilha, a seis de Setembro de mil e quinhentos e vinte e dous, e pos no caminho tres anos e vinte e quatro dias.

A outra fiquou tomando huma grande aguoa e partio no mesmo ano de vinte e dous pelo caminho que viera, com detreminação de ir tomar a costa do Peru, ou Nova Espanha, e ficarão de ambas feitoria com Castelhanos em Tidore.

Estas novas soube Antonio de Brito em Banda, por as quaes pedio a Dom Garçia Anriques, que ali estava fazendo fazenda, fose com elle; o que açeitou, deixando seu interese, por servir ao seu rei.

CAPITOLO 2

Do que soçedeo a Antonio de Brito no fazer da fortaleza.

Partio Antonio de Brito com trezentos homens, em outo velas; e, cheguando a Maluquo, ouve loguo os Castelhanos que estavão em Tidore com a feitoria e começou à fazer a fortaleza com muito trabalho (dia de São Joam Bautista, seu oraguo, do ano de vinte e dous).

Por falta do aparelho conveniente e da fome e da diversidade e descostume dos mantimentos, lhe moreo muita gente; e não foi pequena parte deste mal achar morto o rei Quechil Baiano Çirola, que mandara pedir a fortaleza, e reinar hum moço, seu filho, chamado Quechil Buaia; ao qual meteo Antonio de Brito na Fortaleza, por conselho de Quechil Daroes, seu tio, yrmão de seu pai, pesoa de muita autoridade e saber; no qual conselho entrou o Çamarao, seu grande amiguo, que era regedor dum bairo, por fiquar por ouvidor geral; e o Aroes, por regedor geral do reino, como fiquarão; os quaes
[42] fizerão des/ /terar aos mais irmãos do rei morto, pera fiquarem

quietos como ficarão; porque a mãi do rei moço era irmãa do Tidore, a quem pesava muito da obra, a qual fogio pera ele; e isto foi a principal parte da obra yr avante com quietação e alevantar a guera a Tidore, que durou algum tempo, no qual aribou a naao do Espinhosa a Gamoconora, mui desbaratada.

E dali a mandou trazer pera a fortaleza, tendo andado pasante de myl leguoas, na qual ia o Joam Lopez Carvalho, e nela foi tomado o Gaspar Roiz e esquarteiado por sentença.

E asi acabou Antonio de Brito quatro anos de capitania, no fim dos quaes fez paz com os reis de Geilolo, Tidore e Bachão, com a qual tomou o Tidore huma fusta, a treição; e o Bachão huma chanpana com tres portugueses e quatro castelhanos, que se salvarão dum junquo de Curiadeva, que se perdeo no Buro; e ordenou com o Tidore e Geilolo que tornasem fazer guera aos Portugueses; a qual resestião Quechil Daroes e Çamarao, com Martim Corea, que servia de capitão-mor; os quaes derão em Tidore e o destruirão e cobrarão a fusta, com sua artelharia.

E, porque deste tempo anda tudo enpremido, paso brevemente, contando o que ouvy ao rei de Maluquo e a alguns velhos, quanto baste a compryr com o descobrimento somente.

CAPITOLO 3

Que trata da segunda armada dos Castelhanos, de que era Geral Frei Garçia de Loaisa.

Tornando Joam Sebastião del Cano a Sevilha, despachou o Enperador outra armada de quatro naaos e dous galeõszinhos e hum pataxo que remava, de que era geral Frei Garçia de Loaisa, biscainho, em huma; e Joam Sebastião del Cano em outra e piloto-mor da armada; e das outras duas erão capitães Dom Rodriguo da Cunha e Dioguo da Vera; e dos galeõszinhos, Francisco Doezes e Dom Jorge Manrique; e Santiaguo de Guevora, do pataxo.

Partirão da Corunha, vespora de Santiaguo, de myl e quinhentos e vinte e cinquo anos e forão ter a Guomeira e corerão a costa de Guine, por falta de tenpo, por o qual ordenarão fazer sua derota por o cabo de Boa Esperança; mas sendo-lhe o tenpo contrairo, andarão bordejando, ate irem sorgir as ilhas de Santana, despovoadas, aonde acharão osadas de omens, larangeiras doçes, galos e galinhas e alguns pasaros que tomavão facilmente, esperando; e outros que se vinhão pôr nas mãos.

E dali, pasando o cabo de Santo Agostinho, forão corendo a costa do Brasil, ate lhes dar hum tenpo que os apartou e ao outro dia se
[43] ajuntarão todos, salvo o Geral; e asi cheg/ /arão a hum rio chamado Santa Cruz e mandarão o pataxo por ele dentro e que arvorase huma cruz e que ao pe dela posese huma panela com cartas dos capitães pera o Geral, se ai fose ter, em como o ião esperar ao estreito; e, corendo a costa, derão em outro rio chamado Santo Ylifonso; e, enbocando-o, derão em sequo e sorgirão e se tornarão a sair, por se afirmarem não ser o estreito.

E, tornando outra vez a corer a costa, forão sorgir na boqua dele, ao por do Sol, pera entrarem o outro dia a busquar porto, pera nele esperarem ao Geral, no qual lhes deu hum grande tenpo, que fez yr sorgir os galeõeszinhos mui longe; e o pataxo se foi meter em hum esteiro e Dioguo de Vera se teve sobre a amara, ate pasar a tromenta, e se fez a vela, sem mais aparecer.

Joam Sebastião del Cano, caçando rijo, cortou a amara e com o traquete dado, deu a costa tanto em tera que do guoroupez saltarão cynquo omens nela; e morerião por todos dezanove.

Dom Rodriguo da Cunha se saio pera Castela e no caminho encontrou com o capitão-mor, a quem aconpanhou com pouca vontade; e, enbocando o estreito, vio, o capitão-mor, a naao perdida, cujo capitão mandou trazer e dizer a jente que ia busquar porto, pera onde os mandaria levar, como depois fez por hum dos galeõeszinhos, que antes que entrase com a jente pera dentro, lhe deo outro tenpo, com que lhes desguerou a outra costa, com o qual caçou a capitaina, com todas as arcoras, pasante duma leguoa, toquando com

o arfar de tal maneira que fazia muita aguoa, pelo que alijarão algumas cousas; e, ficando o mestre com os marinheiros, se pos em tera o Geral, com a mais gente e tornarão, o tenpo pasado, que durou dous dias; e dali se tornou ao rio de Santa Cruz, que estava 50 legoas a re, pera ai se concertar as mares que cresçião e vazavão sete braças.

Levou consiguo os dous galeõeszinhos, e mandou a Dom Rodriguo busquar o pataxo, ao qual achou no estreito, junto da naao perdida; e, tomando-lhe a jente que quis, se foi pera Castela, e o pataxo foi despois ter com o Geral, o qual concertou a naao e tornou a entrar o estreito com o pataxo e galeõszinhos, em cujo meio determinou invernar; e, acodindo-lhe tenpo, saio fora; e, dando as vela pera Maluquo, quatroçentas leguoas da costa, lhe deo hum grande tenpo que o apartou dos mais navios, porque os gualeõszinhos nunqua mais apareçerão e o pataxo foi a Nova Espanha.

De maneira que, fazendo o Geral soo sua derota, pasou a linha, por conselho de Joam Sebastião del Cano que levava consiguo, o qual dezia que em doze ou treze graaos da banda do norte estavão humas y/ /lhas mui ricas de ouro e prata. E, com os trabalhos e cobiça [44]
desta volta, faleçeo hum sobrinho do Loaisa e depois ele; e, enleito em seu luguar, por soçesão do Enperador, Joam Sebastião del Cano, faleçeo em poucos dias, e o thisoureiro geral, e o piloto, e muita gente, dos peitos, e dumas nodas pretas que lhe saião polas pernas.

Socedeo por Geral Turibio Alonço Solazar, que se tornou a meter debaxo da linha e faleçeo, cheguando as ilhas dos Ladrões; por cuja morte ouve grande debate sobre a capitania, antre Martim Inheguez de carquiçano, alguazil-maior da armada, e Fernão de Bustamante, que fora tesoureiro da naao Santo Spirito, que se perdera, e avia ja ido a maluquo com o Magalhães; e, por evitar escandalos, conçertarão ficarem ambos na capitania the chegarem a demarcação de Maluquo, aonde se detriminaria quem avia de fiquar.

Em huma destas ilhas acharão hum galeguo, cubertas somente suas verguonhas e o cabelo muito comprido e os dentes pretos, ao costume da terra. o qual ficara ali da naao do Espinhosa. quando tornara aribar a Tidore.

Avendo vista de Mindanao, foi jurado por capitão o Martim Inhiguez de Carquiçano, e loguo prendeo em feros na varanda o Bustamante, ate que consentio e jurou como todos os outros. *E* toda esta enformação me deu Pero de Ramos, biscainho, omem de muita verdade, que foi na mesma naao.

CAPITOLO 4

Em que se prosegue a istoria e trata de outros acontecimentos.

Jurado e obedecido por capitão Martim Inheguez de Carquiçano, pos a proa a Maluquo e chegou a Çope, luguar de Morotai, aonde refresquou a sua gente, e dai foi aver vista do *guno* da Gamaconora; e, conhecida a terra por alguns da armada de Magualhães, tornou e foi sorgir defronte de Chiaoa (e diguo eu que lhe seria o vento por a proa, pois tornara atras) donde foi loguo levado a toa pelos Çamafos, vasalos do rei de Tidore, ao seu luguar, aonde esteve dous meses; nos quaes lhe forão feitos, por parte de Dom Garcia Anriquez, que era capitão da fortaleza, muitos requerimentos, que se fose pera a dita fortaleza; e senão, que não entrase em Maluquo, por ser del-rei de Portugal; ao que respondeo que o Enperador o mandava e pois ja estava tão perto, se não avia de tornar nem deixar de entrar nele.

[45] *Pelo* / / que Dom Garçia mandou la quatro navios pequenos que tinha e Quechil Daroes, com muitas corocoras; e, indo sorgir em huma das ilhas de Doe, pasou a naao ao mar, a qual não poderão cheguar e asi foi sorgir no porto de Tidore, dia de Janeiro de quinhentos e vinte e sete; e, pondo loguo gente e artelharia em terra, pasados alguns dias, chegou de noite a armada dos portugueses e, salvando a naao, lhe matou dous omens; e, vindo o dia, a baterão em quatro e, sem lhe fazer dano, se tornarão e fiquou a guera travada.

E, dali a dous dias, tomarão 15 castelhanos em duas corocoras de Geilolo, huma champana careguada de cravo e matarão nela hum portugues e alguns negros; e depois queimarão o lugar da Gaçea, que

era de Ternate, e fizerão boa presa; a qual lhe foi tomada no caminho por os Portugueses e Ternates e ouve outros acontecymentos de guera, ate hir Dom Jorge de Meneses por capitão, que lhes conçedeo paz, ate mandarem, os reis de Portugal e Castela, o que se devia fazer; a qual se quebrou, porque, mandando Quechil Daroes çertas corocoras e champanas ao Moro busquar aroz pera fazer a mortalha do rei Buaia que falecera em sua casa, saltou Quechil Rade, regedor de Tidore, com sua armada, no caminho e tomou todas as champanas e gente que trazia o aroz, pelo que Quechil Daroes com Martim Corea derão na cidade de Tidore e a queimarão e destroirão, sem os castelhanos le valerem e asi fiquou a guerra outra vez armada.

Neste tenpo faleçeo o Capitão Martim Inheguez de Carquiçano; dizem eles que de peçonha que lhe deu Fernão Baldaia, feitor de Maluquo; mas la tem-se por falso; soçedeo-lhe Fernão de la Tore, que continuou a guera. E, durando ela, cheguou ao dito porto de Tidore Alvaro de Saiavedra Çerom, primo de Fernão Cortes, no tenpo que conquistava ou tinha conquistado a Nova Espanha, da qual partio a este descobrimento (e a ver o que era feito da armada do Loaisa), dia de Todos os Sanctos, de quinhentos e vinte e sete, com tres navios; e tendo perdidos os dous, foi com o seu aportar a Tidore, aonde em seu porto fizerão hum mole de pedra secqua, com baluartes e artelharia, com que guardavão seus navios e fizerão mui crua guera aos portugueses e seus vasalos.

Daqui partio Alvaro de Saiavedra Çerom, careguado de cravo, pera a Nova Espanha, a tres de Junho; e outros dizem de Agosto de quinhentos e vinte e oito, e levou consiguo a hum Simão de Brito Patalym e a Bernaldo Cordeiro, Portugueses que se tinhão lançado com os Castelhanos, e ao comitre duma galeota que tomarão aos Portugueses, com alguns outros cativos; os quaes furtarão o batel da naao no caminho, pera se virem a fortaleza e serem por iso perdoados.

E, vindo o Pataly e o comitre ter a hum luguar do rei de Tidore, dando novas que era perdida a naao, forão presos por alguns desvairos; e, tor/ /nando a naao a aribar a Tidore, foi o Pataly arastado e [46]

esquartejado, e o comitre enforquado pelos castelhanos; e tornou a partir dai a naao, em Janeiro, e outros dizem em Maio de myl e quinhentos e vinte e nove, e tornou a aribar a Çamafo, em Dezenbro do mesmo ano, onde foi tomada por Dom Jorge de Meneses, sem o capitão, por ser morto com a mor parte da jente; e a que fiquou, foi bem agasalhada na fortaleza e forão alguns por a India ter a Castela.

Despois disto, mandou Fernão Cortes a hum Fernão Grijalva em hum navio, com presente de cavalos e de armas, pera Francisco Piçaro; e, tornando-lho a mandar, com boa reposta de peças de ouro e prata, foi avisado que fora mexeriquado de certa culpa com Cortes; e, temendo-se dela, governou ao largo, engolfando-se quanto pode, pelo que foi morto dos seus e o navio foi ter aos Papuas, aonde se perdeo e salvarão as peças no batel. *E*, corendo nele a costa de huma ilha, sem quererem sair em terra, por medo dos seus moradores, que os ião com as armas esperando, soçobrou-se e perdeo-se o que levava, de que os negros ouverão a maior parte, e cativarão-nos, dos quaes alguns forão depois, acaso, ter a nosa fortaleza, que he o mais çerto remedio que tem. *E* nela soube esta istoria, de dous Castelhanos do dito navio, que ai forão; hum chamado Camacho, e o outro Gines Domingues, mas a verdade foi que se não perdeo o Grijalva, por ser mexeriquado, mas por ir, da dita volta, busquar huma ilha riqua, por mandado do Cortes, a qual estava em çerta altura que lhe deu por seu regimento; e, desgerando com tempo contrairo, foi o navio ali ter.

CAPITOLO 5

Do fim que ouverão estes Castelhanos e doutras cousas aconteçidas no tempo.

Acabando Dom Garçia os seus tres anos, socedeo-lhe Dom Jorge de Meneses, em cujo tenpo creçerão as batalhas navais e da terra dos Castelhanos, Tidores, Geilolos, contra os Portugueses e Ternates, depois da paz quebrada, como atras fiqua dito.

E, mandando Fernão de la Tore alguma jente ao Moro e outra pouqua que tinha em guarda de Geilolo, fiquaria com corenta omens.

E, sabido por Dom Jorge de Meneses por aviso dum Castelhano e da rainha velha de Tidore, mãi do rei que era moço, fe-se prestes pera dar nele supitamente, o que ordenou em grão segredo e brevedidade com Quechil Daroes. *E* partio loguo de noite, contra o pareçer dos mais Portugueses e Ternates; e deu na tranqueira dos Castelhanos e a / / entrou por força, sendo ferido duma espingardada na entrada. [47]

E, recolhendo-se os Castelhanos a hum forte, se lhe entregarão, dia de São Simão e Judas, com pacto que se irião pera o Moro, donde não entrarirão mais nas ilhas de Maluquo nem farião guera aos Portugueses e Ternates nem ajudarião e favoreçerião (contra eles) aos Tidores nem Geilolos. *E*, tornando alguns lugares que tinhão tomados, e queimada e destroida a çidade dos mouros, se forão os mais dos Castelhanos com seu capitão pera Çamafo, donde se vierão depois meter em Geilolo contra o capitulado, porque os que ai estavão não se forão com Fernão de la Tore, por lhes não pareçer bem o partido que fez.

E, asi juntos, guardarão a paz e dai mandou Fernão de la Tore a hum Pedro de Montemor com enbaixada ao guovernador Nuno da Cunha pedir enbarcação e dinheiro pera se ir pera a India e dai a Portugal.

E neste tenpo começarão os Tidores e Geilolos e alguns castelhanos imiguos de Quechil Daroes, por as muitas gueras que lhes fez, mexerica-lo de treição contra a fortaleza e Dom Jorge de Meneses, no que forão favoreçidos da rainha, mai do rei Daialo, que alem de ser irmãa do rei de Tidore, queria mal ao Quechil Daroes, porque não quisera casar com ela; o qual deixara de fazer, por ela ter dormido com Quechil Ato, seu primo, a quem ja neste tenpo deseiava ver regedor.

De maneira que, sendo esquecidos todos os serviços de Quechil Daroes, foi preso e deguolado por sentença, o que atrebuio a odio que lhe tinha Dom Jorge, porque era muito amiguo de Dom Garcia e favorecia suas cousas, com quem Dom Jorge estava mal. *E* fez loguo regedor ao Quechil Ato, o qual com a dita rainha (por conprazerem

aos Ternates, que deseiavão ver vingada a morte de Quechil Daroes) mandarão depois matar dentro na fortaleza a Gonçalo Pereira, que la tinha soçedido a Dom Jorge de Meneses.

E de como isto foi feito e ordenado não trato, por andar ja enpremido.

E, por morte de Gonçalo Pereira, foi com revolta enleito por capitão Viçente de Afonsequa, que estava preso, a requerimento dos Ternates e Portugueses. *E* forão tomadas as chaves por força a Fernãodo Alvarez, feitor e alcaide-mor, a quem pertençia.

E loguo os Castelhanos çesarão dalgumas contendas, por lhes ser muito açeito o Viçente de Afonsequa e o proverão de mantimentos, por seu dinheiro; e com seu favor começou desfavoreçer a rainha e o filho, por a dita morte, os quaes se ausentarão da çidade pera o luguar da Cocanora, meia leguoa da fortaleza; e dai se forão pera Tidore, donde lhe ordenarão guera.

E Viçente de Afonsequa alevantou logo por rei a hum seu meio irmão, Quechil Tabarija; e, depois disto, lhe socedeo na capitania
[48] Tristão de Ataide, com o qual foi da India o Pedro / / de Montemor, com boa reposta do guovernador; e, porque se não ousava vir Fernão de la Tore, com reçeio dos Geilolos, ordenou Tristão de Ataide i-los busquar com armada; e, tirando todos por alto, se entregarão; e, fogindo os Geilolos, lhe foi queimada a çidade e os Castelhanos forão bem agasalhados a custa dos moradores e da fezenda del-rei, que pera iso lhes mandou dar.

E, vindo-se o Fernão de la Tore com alguns pera a India e Castela, ficarão la outros que casarão na terra. *E*, como a jente de Maluquo e amigua de novidades, ainda que redundem em seu dano, começarão de mexeriquar ao mançebo Quechil Tabarija e a rainha, sua mai, e a Pate Çarangue, seu padrasto, que era regedor, e a outros mandarins principaes, de treição; a qual, como cheirava naquele tenpo, loguo se fazia obra, como se ouvese prova bastante. *De* maneira que Tristão de Ataide os prendeo a todos e fez loguo rei a Quechil Aeiro, que ora reina, meio irmão dos outros, por ser mançebo de muita descrição e saber, pelas quais partes foi anteposto a outros irmãos mais velhos; e fez regedor ao Çamarao, que era de

muito serviço; os quaes se meterão na fortaleza, quando os Maluquos se alevantarão contra ela, por estes mudamentos e prisões, como por a força que Tristão de Ataide lhes fazia, lançando-lhes roupas por altos preços, por cravo pera el-rei; a qual guera continuou como singular capitão, ate o ir tirar Antonio Galvão, que o socedeo; o qual deu em Tidore huma batalha, em que moreo o Quechil Daialo, na qual deu fim a guera.

E a ele soçedeo Dom Jorge de Crasto, que esteve na fortaleza cinquo anos; nos quaes a guovernou com muita paz e quietação e foi o prymeiro que levou liberdade pera os omens fazerem o cravo por as ilhas, dando a Sua Alteza o terço, sem quebras, de todo o que enbarcasem, posto debaixo da vergua, por tres pardaos o bar, como se conprava por contrato de Antonyo de Brito; e asi foi o deradeiro em que se acabou a liberdade do dar mesa aos soldados.

Os primeiros tres anos teve de merçe; e o quarto, que era de quinhentos e corenta e dous, fiquou por ser em Malaqua morto, em desafio, Lionel de Lima, que o ia tirar; e o quinto, por faleçer em o mesmo Malaqua Fernão de Crasto.

Neste tenpo ordenou Dom Antonio de Mendonça, viso-rei da Nova Espanha, mandar a Maluquo outra armada sua, em que tinha parte Dom Pedro de Alvarado, adiantado da provinçia de Guatimala, trezentas leguoas do Mexiquo, que ouvera de ir por geral dela, se não faleçera, saindo dum cavalo, deçendo dum penhol, na / / conquista [49]
da Nova Galiza; pelo que fiquou toda ao viso-rei, que mandou por geral dela a Rui Lopez de Vilhalobos, pesoa de mais autoridade que fidalguia.

Trazia seis navios, a saber, huma naveta chamada Santiaguo, em que ele ia, e tres galeõeszinhos: Santo Antonino, de que era capitão Francisco Marinho; e São Joanilho, de que era capitão Dom Alonso Manriques; e São Jorge, em que ia Bernaldo de la Tore; e huma galeota, em que ia Pero Ortiz de la Rueda; e huma fusta, de que era capitão Dioguo Martel; nos quaes ião trezentos e cinquoenta homens com os maritimos.

E partirão do porto de Navidad na Nova Espanha, dia de Todos os Santos, de quinhentos e corenta e dous. *E*, navegando ao ponente,

pasarão por algumas ilhas das povoadas; e a primeira que tomarão foi a dos Coraes, aonde sorgirão, dia de Santo Estevão; e se levarão, o dos Reis, de 1543; e forão tomar a ilha de Mindanao, aonde estiverão trinta e dous dias; donde se levou o geral e foi sorgir na ilha de Saranguão, a quatorze de Abril do mesmo ano.

CAPITOLO 6

Da nova que veio a Dom Jorge de Castro desta armada e do que por causa dela fez.

Esta nova dos Castelhanos foi dada a Dom Jorge de Castro, a qual não fez pequeno abalo e alvoroço nos Portugueses, por o grande que sentirão nos da terra, que geralmente são amiguos de novidades; e ainda que lhe veio por Negros, que a davão doutros, mandou saber a certeza por Antonio de Almeida, (filho bastardo que dezia ser do contador-mor), em duas coracoras que com muito trabalho chegarão a ilha de Sarangão, junto de Mindanao, aonde acharão a dita armada. *E*, avido seguro de seu geral, foi Antonio de Almeida bem reçebido, asi dele como dos da armada, que não ficarão pouquo espantados, asi da novidade das coracoras como do trajo daquele barbaro tenpo, e daquele encontro tão remoto do seu e noso natural. *E*, juntamente com o envite de boa seja a vinda, lhe deu Antonio de Almeida huma carta de Dom Jorge, em que dezia a duvida em que estava e a pouqua certeza que tinha de sua vinda; mas que, sendo çerta, lhe pedia lhe mandase dizer a causa; e se vinha enviado a Maluquo ou ali aportado
[50] com fortuna, / / pera o prover do neçesario.

Ao que Rui Lopez respondeo com agradecimentos, e que vinha somente a descobrir o Ponente. *E*, avida licença do geral, se tornou Antonio de Almeida a dar novas da gente que trazia e muitos ofeçiaes do exercito e da fazenda del-rei e da do viso-rei e çinquo frades agostinhos e outros tantos clериguos.

Dadas estas novas e outras, que commumente os novamente vyndos acreçentão, foi bem reçebido e milhor murmurado, avendo que vinha afeiçoado aos Castelhanos; e, com achaque de seu pasado trabalho, mandou Dom Jorge a Belchior Fernandez Corea, seu criado, com outro recado; o qual partio com duas coracoras e achou a armada em Mindanao, no porto de Camarião. *E*, avendo seguro, deu seu recado por hum requerimento e protesto, no qual lhe ofereçia Dom Jorge de Castro o provimento neçesario pera a armada, vindo--se pera a fortaleza; e, doutra maneira, requeria ao geral não entrase nas ilhas de Maluquo e suas terras.

O qual respondeo que a todo seu poder não entraria nelas, por lhe ser defeso por Sua Magestade; e, dando as graças do ofereçimento, foi despedido Belchior Fernandez, o qual lhes trouxe hum Gonçalo Fernandez, marinheiro algarvio.

E pelejou com hum luguar, doze leguoas da armada, onde andavão certos soldados colhendo aroz, sem lhe querer falar, chamando-o. *E*, cuidando os Negros serem todos Castelhanos, derão--lhe dali por diante muito trabalho de guera e fome, ate chegarem a comer toda a imundiçe de bichos, por o qual lhes foi forçado, segundo depois derão a entender, yrem-se como desguerados a Maluquo, como se dira adiante.

Cheguado Belchior Fernandez, deo nova que depois que Rui Lopez viera a Saranguão, se perdeo Santo Antonio e a fusta, saindo do mesmo porto; e São Jorge, perto da baia de Camarião.

Daqui foi São Joanilho e a galeota a tomar mantimento as ilhas de Dabuio e Felipinas, donde partio o São Joanilho pera a Nova Espanha, a vinte e sete de Agosto de 1543, em que ia Bernaldo de la Tore por capitão; e Gaspor Riquo, algaravio, piloto-mor, por piloto. *E* a gualeota desguerou a Geilolo, em que ia por piloto Antão Corço, genoos que ja la fora em outra armada; a qual foi bem reçebida do rei, não tanto por caridade (por carecer dela) quanto pelo interese de aver algumas cousas e anojar a Dom Jorge.

Como Antonio de Almeida / / deu a nova çerta, temendo-se Dom [51]
Jorge não viese a cousa a mais, fez hum baluarte de pedra e cal no

canto do muro sobre o mar, onde estava outro que não prestava, e começou de forar o muro de viguas, que trouxe el-rei de Ternate e algumas o de Tidore; e, temendo-se não viesem ao Moro, ordenou mandar la duas fustas que tinha com coracoras que pedio ao rei de Ternate; o qual lhas não deo, escusando-se com a presa que Dom Jorge lhe dava, mas a verdade era por não anojar aos outros reis que favoreçião a parte castelhana, de quem pretendia favor, se o tirasem do reino em que residia, por a prisão de seu irmão Quechil Tabarija, ja cristão, chamado Dom Manoel, por quem esperava cada ano.

Vendo Dom Jorge a cousa tão clara, quy-lo prender e depois o deixou de fazer, por escusar mais dano, temendo as cousas contrairas que destas novidades podião soçeder.

Este ano de corenta e tres moreo em Malaqua Fernão de Crasto, que ia por capitão de Maluquo, de mas disposições. *E*, temendo-se delas o guovernador Martim Afonso de Sousa, deu a hum ouvidor, que pera la ia, huma soçesão çarada que se abrio por sua morte perante Rui Vaz Pereira, capitão da fortaleza, na qual se continha que em qualquer parte que faleçese, fose capitão Gil de Crasto, seu parente; e com todas as mais çircunstancias neçesarias, não faltarão pesoas que agrosasem, mas contudo se enbarquou o capitão e chegou a Maluquo a dezoito de Outubro do mesmo ano.

E, antes que desenbarcase (sendo Dom Jorge avisado) a sonbra da visitação, lhe mandou pedir os papeis que trazia; os quais lhe mandou Gil de Crasto; e depois desenbarquou e foi bem recebido e ospedado de Dom Jorge, o qual lhe pedio o alvara, pera lhe levantar a menajem; e aprentou-lhe (sic) o mesmo de Fernão de Crasto, alegando a liberdade da soçesão, que lhe não aproveitou, e fez seus protestos, os quaes lhe notou bem o mesmo Dom Jorge e forão senpre amiguos.

CAPITOLO 7

Da armada que Dom Jorge de Crasto mandou ao Moro e do que lhe soçedeu. / / [52]

Acabando Dom Jorge de Crasto de se apaziguar com Gil de Crasto, não deixava de se ver em grã fadigua, por não ter armada de remo, de que esperava ajudar-se, não ousando pedi-la ao Tidore, por se confiar pouquo em todos e conheçer deles sua pouqua fe e constançia e serem naturalmente amiguos de novidades, maiormente daquela onde esperavão discordia antre cristãos; mas, conformando-se com o tempo e usando o melhor que pode da neçesidade, trabalhando o posivel por a não dar a entender, asi por lhes não fiquar ese contentamento, como lhes mostrar que os não avia mester e sem eles faria seu feito e sentindo, por outra parte, o pooquo poder e força que o Rui Lopez ja traria, ordenou mandar as fustas, sem coracoras, ao Moro, aonde se esperava virem ter; e nelas, a James Lobo, que servia de capitão-mor do mar, com titolo de socorer a huns lugares de cristãos, a quem certos vezinhos arenegados e mouros fazião guera. *E* a sete de Novembro do dito ano de 93 se fizerão a vela. *E* ia Antonio de Almeida por capitão da segunda fusta e levavão em anbas cinquoenta omens. *E* forão sorgir na cidade do Tolo, aonde o capitão-mor deixou a sua fusta com guarda e se foi a Mamoia, aonde deixou a outra; e, com os Portugueses que fiquarão e muitos cristãos da terra, se foi em seus paraos desenbarcar em huma praia, perto doutra leguoa, na qual os da terra tomarão os paraos as costas e navegarão por ela huma boa meia leguoa; e, no cabo dela, estava huma grande e profunda alaguoa doçe, aonde aparelharão os paraos; e, metidos todos dentro, navegarão por ela outro tanto caminho, em cujo cabo metia a tera huma ponta grosa, que lhe ficava pegada por hum forte paso, sobre o qual se foi por Jame Lobo com grande arail (sic) de gente preta, que com suas gritas asonbravão aos çerquados e cerquadores, antre os quaes era Liliato da Guamoconora, que pretendia ser aquele luguar, chamado Galelas, seu; e não lhe abedeçião.

Naquela primeira noite cometerão muitos partidos de paz; (que, por seguir o capitão licitamente a oupenião dos soldados) lhe não quis aceitar.

[53] *E* loguo por a manhã, ordenadas duas genguadas sobre paros / / pera os dous capitães, tendo anbos asentado partir Antonio de Almeida diante, rodear o ilheo e dar primeiro por lugar pera iso apontado; e despois Jame Lobo, por huma entrada boa, perto donde avia de partir, não guardando a ordem, partio juntamente com Antonio de Almeida, que avia de aver maior caminho; e deixou sair alguns que começarão a sobir ao luguar sem espingardas, aos quaes seguio, sem esperar por os mais. *E*, porque era alcantilado, recuava cada vez, a genguada, que algum saltava dela, sem aver quem a tornase nem atase, pelo que com muito trabalho saltarão alguns trese ou quatorse omens em tera, ficando os mais; a qual desordem e os Negros não defenderam a entrada, os fez ir sem espingardas, que são as armas per que os portugueses são la temidos; e reçeando-as, começarão a retraer-se (sic) pera o paso; mas, como o acharão tomado e não virão espingardas, tornarão com grande furia e grita, pronosticando vitoria, com armas, paos e coquos, por careçerem de pedras. *E*, dando sobre os Portugueses, que andavão com desordem a querer prender, de tal maneira os cometerão que os fizerão recuar, quasi todos feridos, tomando-lhes das mãos algumas lanças. *E*, como de nenhuma desordem proçede ordem, asi a não teverão no enbarquarem por a aguoa.

E, andando as cousas neste conflito, deu por outra parte Antonio de Almeida, que, sentindo o rumor, começou a remar rijo e bradar que lhe roubavão sua onra. *E* com a furia deo com a jenguada sobre humas pedras e, desfazendo-a, saio em terra mui atrebulado e com a mesma desordem de James Lobo, que não pereçeo, por esta lhe valer; porque, como os negros o sentirão desenbarquar, acodirão a ele e teverão tenpo, os de James Lobo, pera se salvar sem morte alguma; o qual beneficio lhe pagou com outra desordem; porque, por não aver quem remase a jenguada, esperou e por dita achou Antonio de Almeida com os seus peleiando, deixando hum morto e dous que

cativarão, por não acertarem ali; os quais tres pareçe que conprarão a morte, porque todos ião aluguados por outros que o capitão mandava.

Antonio de Almeida faleçeo em se enbarcando, de duas cotiladas que trazia por huma perna. *E*, recolhidos ao araial, se enbarcarão e tornarão pela mesma ordem aas fustas, aonde James Lobo meteu na mais fraqua vinte e sete feridos, de que erão / / os principaes: [54] Antonio de Figueiredo, moço de camara do duque; Graviel Rebelo, Anrique de Lima, Vasquo Reimondez, Guomez Fernandez e Manoel Monteiro, alferes de James Lobo; e os mandou a fortaleza e ficou com os que escaparão, a quem Dom Jorge mandou loguo bom socoro, que achou os dous cativos e o morto, podres, espetados a borda da aguoa; e fogirão os do luguar e por iso lhes foi queimado sem periguo.

E, tornando o mesmo socoro, fiquou la James Lobo esperando a vinda dos Castelhanos, com alguns omens, ate vir depois o geral na sua naao ao luguar de Cugala (arenegado por o Geilolo) que esta tres ou quatro leguoas de Tolo; o que pos muito espanto aos da terra; e aos nosos, temor, por serem ja alguns mortos e os outros doentes. *E* o Rui Lopez vinha casi da mesma maneira. *E*, estando huns e outros quem faria o primeiro pique, lhe mandou James Lobo dous soldados, os menos doentes que avia, com hum requerimento que levava de Dom Jorge, conforme ao poder com que partio e não da miseria que tinha; no qual lhe requeria que, se vinha com fortuna e constrangido do tenpo, se fose a fortaleza, onde lhe seria feito todo bom tratamento. *E*, doutro modo, não saise em terra nem nela tratase nem fizese dano, porque lho defenderia, protestando por toda a culpa.

O qual respondeo que não entraria nas ilhas clavarias nem em seus limites, por lhe ser defeso; e que a todo o tempo que lhe constase estar nelas, se sairia; e que avia aquelas por de Sua Magestade; e ainda que asi não fose, a neçessidade aos preceitos divinos quebrantava, quanto mais aos umanos.

Com a qual reposta se tornarão os enviados e foi dali levada a naao, por mandado del-rei de Geilolo, ao seu porto, onde estava a gualeota. *E*, sendo bem agasalhado, fizerão suas estançias.

Com esta cheguada nunqua mais veio o rei de Tidore a fortaleza, a qual mandou o geral por enbaixador a Matias de Alvarado; e, sendo bem reçebido e agasalhado, apresentou hum requerimento que dezia, em suma, o geral, que era ali vindo com contraria fortuna e pidia ao capitão fizese bom tratamento a gente da tera, por serem vasalos de Sua Magestade e senão, que sairia por iso, avendo que o
[55] fazia em seu menoscabo e lhe mandase a / / artilharia e Castelhanos que estavão na fortaleza das gueras pasadas.

Ao que respondeo Dom Jorge, que dava liçença aos Castelhanos que se fosem (o que nenhum quis fazer) e que a artelharia fora tomada de boa guera; e quanto ao tratamento dos naturaes, não era ele parte pera o pedir, pois erão vasalos del-rei de Portugal e que muito mal dezião aquelas palavras com as primeiras, que não entrava nas ilhas de Maluquo, por lhe ser defeso; mas pois asi era, lhe requeria que com a dita jente não ęntendese nem tratase. *E* despedio o enbaixador.

CAPITOLO 8

De como os Castelhanos se meterão em Tidore; e de como aribou São Joanilho e tornou a partir; e da cheguada de Jurdão de Freitas e da prisão del-rei de Maluquo.

Tanto que Dom Jorge de Castro vio que Rui Lopez de Vilhalobos fizera o contrairo do que tinha dito, fez com os moradores que vegiasem a povoação e a vegia durou todo aquele ano com muito regozijo, no qual tornou Matias de Alvarado com outro recado e apos ele mandou o geral a Dom Alonso Manrique com trinta ou corenta omens meter-se em Tidore.

E foi bem reçebido do rei e dos prinçipaes, mas não do comum, por os muitos trabalhos e perdas que os das armadas pasadas lhe derão e sabião que a necesidade destes avião de suprir com suas pobrezas. *E,* como são mais amiguos de pedir que de dar, esperando

polos que fiquavão em Geilolo, pesava-lhes. *Da* qual nova fiquou Dom Jorge mui frustado e o envyado muito espantado della, sendo de crer que não veio a outra cousa, senão a segurar a Dom Jorge e avysar aos seus se avia algum sentimento deste trato com Tidore, que lhe podese empedir a ida.

Dom Jorge o despedio com palavras de grande espanto do roim efeito das boas razaões (sic) do geral; / / a que respondeo que a [56] neçesidade lhe fizera mandar a Tidore aqueles pouquos soldados, por se não poderem sostentar todos em Geilolo. *Com* as quaes escusas e o pouquo remedio que Dom Jorge tinha pera os estorvar, se apaziguou tudo.

E as palavras não erão ditas, quando se foi o geral meter no mesmo Tidore com todo o resto da jente; e dai a pouquos dias cheguou São Joanilho, que aribou pasados oito meses de viajem, o que sentirão muito.

Os Tidores fizerão huma fortaleza de pedra sequa, detras da çidade, em hum outeiro; e, com liçença do rei, bateu o geral huns pequenos çeitis de cobre furados pelo meio, como caxas jaoas quadradas; e, porque não tinhão a mesma valia, se obriguou de os tornar a tomar e satisfazer a quebra. *E* asi começarão alguns dos seus soldados virem pera a nosa fortaleza, onde erão bem reçebidos.

No fim deste ano chegou Jurdão de Freitas, que ia por capitão dela, a sete de Novembro de quinhentos e corenta e quatro. *E*, sendo loguo mandado visitar do geral, começarão tratar de paz. *E*, antes de ser firmada, lhe mandou o Rui Lopez mostrar o regimento que trazia, jurando em huma ostea consagrada que não trouxera outro; no qual lhe era defeso por o Enperador que não entrase nas ilhas de Maluquo nem sua demarquação; e com ysto se firmou a treguoa ate ir seu socoro ou o noso.

E dezia depois Jurdão de Freitas que Rui Lopez lhe pedira e aceitara pera quietação da terra e aver o cravo das ilhas mais seguramente e poder ir sobre Geilolo. *E* mandou duas coracoras, em que ia por capitão seu sobrinho Vasquo de Freitas visitar e tomar pose de Anboino, de que o Dom Manoel lhe tinha feito merçe na India, a qual lhe confirmara el-rei, noso senhor, pera senpre.

Asentada a treguoa, mandou Jurdão de Freitas chamar a el-rei e ao Çamarao; e, antes que entrase, se encostou a hum esteio da ramada e dise depois que lhe dera ali no coração que o querião prender, mas não deixou de entrar, confiando em sua justiça. *E*, sendo anbos na sala, forão presos. *E*, perguntando por a causa de sua prisão, lhe respondeo o capitão que tomase huns feros e então o saberia; os quaes lhe botou Francisquo Palha, feitor e alcaide-mor; o que reçebeo com grande animo e paciençia. E, lançando outro grilhão ao bom velho Çamarao, forão postos em huma casa sobre o
[57] almazem, aonde / / moravão os sobrinhos do capitão, a quem forão entregues. E loguo o vigario Rui Vaz e Anrique Fernandez de Lordelo forão a çidade dos mouros e trouxerão preso a Mama, ouvidor e irmão do Çamarao. E a pouquos dias foi solto a roguo de Pate Çarangue, padrasto do rei novo que ja guovernava com a molher, mai do Dom Manoel, que ficara em Malaqua pera vir o ano seguinte.

Com esta prisão foi grande estraguo na casa do rei, asi na fazenda como nas molheres, ao que acodio o vigario com muitos escravos e fez como os outros, pelo que o capitão mandou aviso o ouvidor com alguns omens com que se evitou o dano, pondo em cobro o que puderão, que se deo despois ao rei.

A este tempo estava ja Dom Jorge deferente com o capitão, por lhe ter enprestado çento ou dozentos bares de cravo, com esperança de lhe dar liçença pera trazer seus criados, em que pos taxa e lhe pedia çento, por a dar a Jame Lobo e Belchior de Siqueira; e com esta prisão o acabou de estar de todo, por lhe não dar conta dela.

O dia que se a naao da careira fez a vela, pasou defronte da fortaleza; a qual foi levado o rei e Çamarao em hum batel bem ermado e entregues a Françisquo de Azevedo Coutinho, capitão dela, com muito sentimento de todos, asi portugueses como mouros.

Pasado isto, veio o geral a fortaleza visitar Jurdão de Freitas, por ser primeiro visitado dele. *E*, como todos os maos exenplos ão começo de bons respeitos (como diz Salustio) tendo a naao e San Joanilho e a galeota mui deneficados e pior aparelhados, sem ter pera

iso remedio, lhe conprou o dito vigario e Anrique Fernandez de Lordelo a galeota pera Jurdão de Freitas e a naao pera si, avendo que era serviço del-rei tirar-lhos, por não navegarem mais nelas; mas com seu preço aparelharão e caregarão o São Joanilho que o geral tornou a mandar pera a Nova Espanha e a Inhiguo Ortiz de Retis por capitão dele e por piloto o mesmo Gaspar Riquo. *O* qual tornou a aribar a Tidore, pasados tres meses, o que sentirão muito, asi por o gasto como por a desconfiança do descobrimento da volta, que era o principal que pretendião e desesperaram de novo socoro.

E asi se pasou aquele primeiro ano de Jurdão de Freitas, no qual se lhe perdeo a galeota na ilha de Buro. *Depois* fez o mesmo a nao, indo-se ao fundo em Talàguame, bem conçertadas e aparelhada, mas não tinha quem lhe dese a bonba, por a ter encanpada o Anrique Fernandez a Bernaldim de Sousa, por huma licença que lhe deu.

Cheguando o rei e regedor a Malaqua, lhes mandou Garçia de Saa, que ai estava por capitão, tirar os feros, com muitos comprimentos; e o rei foi pera a India e o Çamarao pera Maluquo em conpanhia de Fernão de Sousa de Tavora, que asi / / era chegado com [58]
armada pera Maluquo; o qual o levou, avendo que estaria a tera revolta por sua prisão e do rei.

No mesmo dia ou na vespora que o rei chegou a Malaqua, faleçeo o Dom Manoel Tabarija e fez testamento, em que deixou a el-rei, noso senhor, por erdeiro de seu reino; o qual testamento dezia Jurdão de Freitas que escondera Garçia de Saa e Dom Jorge de Crasto, pera poder tornar o Quechil Heiro pera Maluquo.

CAPITOLO 9

De como cheguou Fernão de Sousa de Tavora com armada a Maluquo e das pazes que fez com os castelhanos e do cerquo que ele e Jurdão de Freitas puserão a Geilolo.

Como o natural dos trabalhos seia enfadar, ainda que husem brevidade, muito mais o fazem, quando se tesespera do fruito deles, como aconteçeo aos Castelhanos; porque, enfadados da longua viajem, fomes e risquos em que se virão, regulando alguns estas miserias com suas fraquezas, vierão-se pera a fortaleza; e, estando, por a mesma causa, a maior parte dos que fiquavão deseiosos do noso socoro, desesperando ja do seu e de melhor fortuna, chegou Fernão de Sousa, de Tavora, a dezoito de Outubro de quinhentos e corenta e cinquo, ao qual mandou o Governador Martym Afonso de Sousa, como soube a nova da armada castelhana.

Hia num galeão pequeno e levava duas fustas, de que erão capitão Manoel de Mesquita e Lionel de Lima, que despois se meteo na Companhia de Ihu; e a nao Santo Espirito, em que ia Joam Criado pera levar o cravo. *E* em Malaqua lhe foi dada outra fusta, de que fez capitão a Joam Galvão; e asi foi dai mais outra naao de mercadores, em que tinha parte Jurdão de Freitas, de que ia por capitão Antonio de Freitas, seu filho bastardo, o qual lhe levou o trelado do testamento do Dom Manoel, com a nova de sua morte, que muito sentio.

A vista destes navios, com a nova de mais gente do que levavão, alvoroçou todos; e loguo mandou o Rui Lopez de Vilha Lobos visitar por carta a Fernão de Sousa; a que respondeo por outra de breve palavras, escusando-se de curto delas. E, como trazia o Çamarao pera com ele concertar / / a terra, se a achase revolta, e a achou [59]
paçifiqua, pedio-lhe Jurdão de Freitas pera o ter arecadado, porque com sua vinda se não alvoroçasem alguns. *E*, sendo-lhe entregue, o meteo em huma casa da fortaleza, donde não saia. *O* que foi mal julguado a Fernão de Sousa, a quem o Rui Lopez loguo mandou

cometer paz, que se concruio na fortaleza, dia de São Simão e Judas, na qual se continha que se viria com sua jente pera Talanguame, onde estava Fernão de Sousa e teria a mesma jurdição nos seus que dantes tinha e se viria pera a India em sua armada e Fernão de Sousa lhe daria enbarcação pera suas fazendas e o neçesario pera suas pesoas.

As quaes pazes fez com Jurdão de Freitas, por levar por regimento que faria tudo com seu pareçer e no demais ia isento com bastantes poderes na fazenda e justiça.

E, antes de se acabar de firmar a pauta, erão ja vindos muitos castelhanos e depois veio o Geral com o resto e pousou da outra banda dum regato, que estava no cabo da povoação, aconpanhado de Inhiguo Ortiz de Retis e outros dous ou tres; e os mais com os Portugueses e comião com Fernão de Sousa e seus capitães que davão boas mesas, dos quaes era o Geral mais prageiado que visitado.

E estando asi, lhe levarão os tidores da porta hum camelete de metal, sobre o que se fez mui pouquo, causa de se presumir que lho vendera ou dera em satisfação da moeda que fizera.

Acabada a paz de concluir, tomou Jurdão de Freitas pose por el-rei, noso senhor, do reino do Dom Manoel, conforme a seu testamento, com bandeira real e preguão de tronbetas, ao costume de Portugal, o que consentião os da terra; e ordenou com Fernão de Sousa ir tomar a fortaleza de Geilolo, pera o que deixou em seu luguar a seu irmão Dioguo de Freitas com os casados e levou os fronteiros e Castelhanos que tinha e muitos çestos e escadas e huma manta e hum trabuquo, de que os velhos e novos soldados começarão a zonbar, chamando-lhe *dachem*, que e o peso do cravo com que se muito pareçia.

E mandando por huma bandeira de geral em huma fusta que tinha na fortaleza, em que avia de ir, poserão os capitães da armada, que estava em Talanguame, cada hum sua nas fustas em que ião, afora a da guavea que levava Fernão de Sousa; o que sintio muito mais Jurdão de Freitas que a zonbaria que andava de seus pertrechos (sic);
[60] mas disimulava, por o tenpo em que estava e deseiar aca/ /bar o que

lhe relevava, pois avia de ficar na fortaleza com os trabalhos da outra que pretendia tomar.

E asi partirão, levando Fernão de Sousa com sua gente muitos Castelhanos, salvo o geral, e alguns velhos, que serião por todos, com os de Jurdão de Freitas, quatroçentos homens; os quaes em todo o camynho, ainda que breve, não deixarão de zombar das cynquo capitainas.

Hia tanbem o regedor Pate Çarangua com boa armada de coracoras. *E*, surtos todos na baia de Geilolo, tomou Fernão de Sousa a mão e corendo todos os navios falou com Jurdão de Freitas que desenbarcasem a ver terra; e ao outro dia sairão, ao *balo-balo* (19), longe da fortaleza, cada hum com sua bandeira de geral e Fernão de Sousa tomou a dianteira; e achando o alferez de Jurdão de Freitas, lhe deu sem causa hum grande enpuxão, o que não vio Jurdão de Freitas, porque pareçe que o não sofrera ou se tornara, por ir entendendo o fym que a cousa podia aver.

E asi, sem guardar a ordem por onde e como avião de caminhar, fez Fernão de Sousa de sua jente hum esquadrão e deu a dianteira aos tres capitães das fustas que ião em outro; o qual levava huma espia que sabia hum caminho, pera os yr por no mais fraquo da fortaleza; do qual fizerão zonbaria e se forão por com mais soberba que ordem debaxo dumas arvores que estavão defronte duma tranqueira de pedra e forteficada dum baluarte de pedra e terra, a modo de valado; cerquado tudo de cava bem estrepada por fora e por dentro; a qual não ousarão cheguar os nosos, pondo-se das arvores as espinvardadas com os de dentro, que não fazião muita conta daquele forte, ainda que dele se recolherão os Portugueses, avendo que bastava a vista; do que aos çercados não fiquou pequena oufania, fazendo conta que, quando lhe não tomavão aquilo, menos o farião a fortaleza que tinhão dentro. E loguo poserão ai mais artilharia e gente.

---

(19) Segundo a passagem paralela do Texto I, a expressão *balu-balu* parece significar «à tarde».

Fernão de Sousa se recolheo com alguns feridos, de que era hum Gaspar Omem, de Chaves, moço da camara do duque, o qual de ma cura que lhe fizerão, de huma espingardada que lhe deo por a barigua da perna, lha cortarão depois por o joelho, do que moreo pouquos dias.

E, estando-se a gente enbarcando no mesmo luguar onde desenbarcara, saio-se hum mulato da conpanhia, a fazer suas neçesidades antre humas ervas, sem ser visto; e, como era perto, virão alguns que bolião elas e reteficando-se, lhe apontarão com as espingardas, cuidando ser espia ou que vinha fazer alguma sorte; e ali foi morto por hum Joam Roiz, soldado castelhano, que lhe deu com hum
[61] pelouro pelos / / peitos. *O* qual desastre foi aviso pera muitos que depois bradavão, quando yão fazer a mesma obra.

CAPITOLO 10

De como os capitães desenbarcarão a por çerquo a Geilolo e o levantarão; e das pazes que depois lhe forão feitas e da morte do Çamarao.

Enbarcados os capitães, ao dia seguinte, pela manhã, fez Fernão de Sousa desenbarcar os cestos e alguma artilharia por hum esteiro mais perto das arvores que o caminho do dia dantes, onde fez huma tranqueira fortefiquada de artelharia, cujo careto custou a morte a muitos Negros. Atras desta, a tiro de espingarda, no cabo do mesmo esteiro, mandou Jurdão de Freitas outra de palmeiras, que custarão bem de sange aos que as trazião, aonde se pos com sua gente mui alheia da conversação dos de çima.

E, continuando-se nesta fortefïcação alguns dias de trabalho, neles o mesmo Jurdão de Freitas, huma vez; e os tres capitães das fustas, outra, quiserão ir rodear a fortaleza, busquando alguma entrada; mas, sem a acharem nem fazerem muito por iso, se tornarão loguo com alguns feridos.

Como se Fernão de Sousa começou a ir desenganando que a não podia entrar, começou a dizer que aquela obra era de Jurdão de Freitas e não sua, ate o dizer em hum soo ajuntamento que teverão, confesando que no mar peleiara senpre muito bem, mas que em tera nunqua posera çerquo; do que vierão e palavras sequas, em que alguns dos capitães menores se toquarão com alguns dos principaes da conpanhia de Jurdão de Freitas; repetindo mais que viera ali por amor dele, e vise o que queria, porque era tenpo de se tornar pera a India com os Castelhanos.

Debatida a cousa, alevantarão aquela noite o raial (sic) e se tornarão a enbarcar por a mesma ordem que desenbarcarão o primeiro dia, pasados quatorze ou quinze dias, nos quaes forão mortos dezasseis ou dezasete omens dos mais esforçados, de que os mais erão da conpanhia de Joam Galvão, que entrou no numero deles, dum pelouro de berço que lhe deu por huma perna, dentro da tranqueira; cuja morte sentio muito Fernão de Sousa, asi por o grande amor que lhe tinha, como por o grande esforço e diligençia com que o ali ser/ /vio; e asi outro soldado, chamado Borges, esforçado cava- [62]
leiro, cuja cabeça cortou hum Geilolo; e por ela lhe deo o rei de preço huma filha, que era molher do rei de Ternate, que lhe ficara em casa, quando o prenderão, o qual a engeitou depois por iso e enforquou ao da sorte, sendo tomado por os Ternates em huma coracora na guera que lhe despois fez Bernaldim de Sousa.

Fernão de Sousa foi muita parte da morte dalguns omens e dalguns feridos, porque lhe pesava de quem coria ou se abaixava por lugares periguosos, paseando ele por eles com huma capa de escarlate e como por sua casa.

E, porque não faltou quem antre ele e Jurdão de Freitas ordise odios, vierão a estar mal, dezendo cada hum pubriquamente mal do outro.

Queixava-se Fernão de Sousa que dava liçença pera enbarquar cravo a quem queria e não a quem ele pedia, pelo qual veio a careguar o seu galeão e huma naao de Garçia de Saa, que ele ai tinha botada ao mar, com muito trabalho e gasto; e fez pera iso ofiçiaes de sua mão, sendo ysto dos da fortaleza e do capitão dela, ao que dava por

desculpa a obriguação que tinha de dar embarcação aos Castelhanos. *E* asi se partio pera Anboyno, bem careguado deles e de cravo.

E Jurdão de Freitas fez com Pate Çarangue que fizese pazes com o Geilolo, que estava mui soberbo, não se querendo antremeter nelas, por o não ser mais. *Mas* mostrou que dava a iso consentimento.

Neste tempo pedia o Çamarao cada dia soltura, desenjando ir morer a sua casa; e sendo-lhe conçedida, foi fazer loguo a *çunbaia* a rainh'a e regedor e da volta po-se a lavar em humas fontes, que estavão no caminho aonde foi salteado e morto sem causa nenhuma por Quechil Guape, meio yrmão do Dom Manoel e do Aeiro e Quechil Chire, seu sobrinho, mancebos viciosos e de pouqua reputação, o que bem mostrarão na maldade do feito; e di-se que o fizerão somente, por conprazer aos dous que guovernavão, segundo depois se vio no favor que lhe derão, estribando no do capitão, que não era de todo lyvre desta culpa; porque não tão somente os não castiguou, podendo, mas deu-lhes perdão, movido de areceios dalgum alevantamento, se os castiguase. *O* que bem podera fazer, por quão malquistos erão e a parçealidade do rei e Çamarao se não ouverão de bolir, pois em seu favor se castiguavão os delinquentes; nem a de Pate Çarangue e rainha, que dezião ser ynoçentes e mui liaes e amiguos do capitão. *Do* qual dezião que disera que bem sabia que o avião de matar, mas não tão çedo, pera o que lhe ouvera de alenbrar
[63] seus serviços e inocençia. *E* que, fazendo os da tera, huma vez, conselho pera to/ /mar a fortaleza, ir-se ele a praia, aonde fez huma pequena cova, em que estava botando aguoa com huma casqua de quoquo; e, perguntado por hum pera que o fazia, dise que queria ensequar ali a aguoa do reçife. *E* dizendo-lhe que era inposivel, sem o primeiro tapar todo a roda, pera que não entrase outra vez a do mar, ao que respondeo que asi o fizesem com a destroição da fortaleza, a qual lhes não aproveitava, sem tapar todo o mar, pera que não fosem outros Portugueses.

Finalmente foi-lhe negada a sepultura e ausentarão-se seus filhos e alguns parentes, e não foi pouquo sentido tudo dos Portugueses,

que fiquão temendo estas mortes; e por endespor reis e regedores, das quaes pedras fazem os da tera aliçerces de odios sobre eles, de cujas culpas tem naçimento o contino tremor e reçeio em que senpre vivem, conhecendo que todos seus males trazem principio de suas culpas, as quaes se enmendão de tal maneira que cada dia creçem juntamente com o temor e são nesta parte como guozos com lebre, cujo medo os faz ladrar-lhe sem çesar.

CAPITOLO 11

Da morte de Rui Lopez de Vilhalobos e da fim que teve a jente da sua armada.

Esta nova soube Fernão de Sousa em Anboino, a qual sentio muito, por a causa que deu a ela; e enquanto ali esteve, lhe moreo alguma gente, antre os quaes foi Rui Lopez de Vilha Lobos; e dezião que de imaginação de se ver perdido e escandalizado dos seus e asi por se entreguar tão facilmente a Fernão de Sousa, avendo que não tinha poder pera fazer com ele paz e temia, por esa causa, não lhe guardarem a que fizera.

Era homem conprido, magro e de boa varonyqua; mui afable, aprazivel e cortes e a barba sorteada de preto branquo. *Ficarão* ainda muitos da sua armada, que se casarão na terra, os quais mandou depois ir o governador Dom Joam de Castro, de que alguns, escapando, se tornarão. *Donde* se vera a maa conpanhia que reçebem dos Portugueses, como espreverão falsamente seus caronistas (sic), a saber: o clériguo que copilou a Conquista da Nova Espanha e Gonçalo Fernandez de Oviedo no tratado do descobrimento do Magalhães.

Esta foi a fim das suas armadas, de que não duvido aver outras enformações, como / / e geral em todas as istorias. [64]

Fernão de Sousa chegou a Malaqua, aonde achou a Bernaldim de Sousa, que levava ao rei Aeiro pera Maluquo, por mandado do

governador Dom Joam de Castro, o qual, com o novo desenbarquo que trouxe de Portugal, o sentençeou solto e livre e tornase a ser restetuido ao seu reino, e lhe paguase Jurdão de Freitas as custas e fose, desaposado da fortaleza, dar razão de si, e tomase Bernaldim de Sousa pose dela, dando a da tera ao rei.

E a causa disto foi ter tirado Jurdão de Freitas devasa dele, de culpas antre mouros, e de não dar corocoras a Dom Jorge de Castro, pera James Lobo ir ao Moro, como fiqua dito; as quaes culpas não ouverão por obrigatorias e mostrou por elas não fazer a dita prizão puramente por meter de pose ao irmão Dom Manoel, cuja morte, e aver Castelhanos em Maluquo e não ter Jurdão de Freitas amiguos que por ele falasem e pareçer que estaria Maluquo em periguo, ouverão alguns que forão partes de ser julguado tão gravemente.

CAPITOLO 12

De como Bernaldim de Sousa tomou pose da fortaleza
e entreguou o reino a el-rei; e de como foi livre
Jurdão de Freitas e deixou de ser capitão.

Bernaldim de Sousa foi escolhido por o governador Dom Joam de Castro, pera ir meter de pose do reino de Maluquo ao Quechil Aeiro e tomar a da fortaleza a Jurdão de Freitas, que tinha ainda hum ano por servir e avia de ir dar razão de si. E forão na naao Bufara, em que ia por capitão da careira Duarte de Miranda.

E indo ter a Guamoconora, dezoito leguoas da fortaleza, foi o rei ai bem servido de Liliato, senhor dela, seu vasalo e cunhado; o qual com suas corocoras deu toa a naao, ate junto de Ternate, aonde lhe acodio bom vento, polo qual e por a chusma ir cansada, se amararão por a popa da nao, o que o piloto não quis consentir, favoreçido de Duarte de Miranda, que mandava cortar o cabo, a quem dise Ber-
[65] naldim de Sousa que o não fizese e por o trazerem ate ly // com muito trabalho e que avia mester as corocoras pera desenbarquar, porque não sabia como acharia a tera.

As quais razões não quis conheçer Duarte de Miranda e tornou a mandar que cortasem o cabo. *Ao* que respondeo Bernaldim de Sousa que, se o cortasem, que com o que ficase, o avia de mandar amarar. *E* asi fiquou o cabo sem se cortar.

Cheguando a nao a ilha de Ternate, desenbarcou Bernaldim de Sousa e fiquou el-rei escondido, ate ele tomar pose, por temer de sua vista algum alvoroço; e, começando hum a dar novas na fortaleza, que vira huma naao, cheguou ele; e, sendo conhecido, enburilhou todo prazer a Jurdão de Freitas; porque, ser capitão da fortaleza, não no esperava; e pera da naao, não no cria; e pera outra cousa, não avia a que; e com esta torvação o foi reçeber a praia.

E, dado o custumado abraço e o primeiro envite de boa seia a vinda, caminharão sequamente pera a fortaleza, não se querendo Bernaldim de Sousa asentar a porta dela, como e costume. *E*, sobindo pera a tore, aconpanhados da nova e velha gente, lhe perguntou Jurdão de Freitas se trazia mantymentos. *E*, calada a reposta, se asentarão na sala, aonde Bernaldim de Sousa dise ao que vinha, mostrando sua patente e alvara pera lhe levantar a menajem, o que Jurdão de Freitas reçebeo com grande animo, sem soltar palavra que não fose acomodada.

E obedeçendo, requereo-lhe que não dese a pose ao Quechil Aeiro, por a ter tomado por el-rei de Portugal, cujo o reino era. *Ao* que respondeo Bernaldim de Sousa, que não sabia nada daquilo e que o avia de ir meter de pose, como mandava o governador e relação, perante quem podia aleguar o que dizia. *E* com isto ficou na fortaleza e se saio loguo Jurdão de Freitas, tirando cada hum seus instrumentos.

El-rei desenbarquou o dia seguinte, vestido a portuguesa e mui aconpanhado e reçebido do capitão e moradores, a quem abraçou mui afabelmente e fez grande reverençia as armas reaes que estavão a porta da fortaleza, na qual toquou com a mão e po-la na boqua e na cabeça e asentou-se. *E* despois foi por alguns dias aconpanhado dos Portugueses, porque se se temia dalguns dos seus e de Jurdão de Freitas, porque sua ida foi sentia de muitos que o tinhão ofendido nas

molheres e fazenda, avendo que não avia mais de tornar, como dezia Jurdão de Freitas. *Aos* quaes perdoou as vidas, a roguo de Bernaldim de Sousa, e foi visitar a rainha e marido e fe-los amiguos com os filhos do Çamarao, cuja morte sentio muito (mas como e geral, no seu poder ausaluto) não fez nada por ela.

Cheguou Bernaldim de Sousa a dezoito de Outubro de corenta e
[66] seis e / / loguo se fez a liquidação das custas da pesoa que Jurdão de Freitas avia de paguar, ao que veio com huns enbarguos que lhe não reçebeo, pelo que se começou o odio que se confirmou pera senpre, porque teve depois pera si que Bernaldim de Sousa o enganava, aconselhando-lhe que se fizese amigo com el-rei; do qual depois se arependeo.

E não quis tomar outro conselho que lhe deu o padre mestre Françisquo, que trouxese sua molher, porque poderia ser não tornar e folgaria de a ter na India.

E asi se veio soo, malquisto da tera, como aconteçe aos mal afortunados, com grande perda das custas, que montarão perto de quatro myl pardaos.

Enbarcou-se com o mesmo Duarte de Miranda e veio a India, aonde com muito trabalho foi livre; e que tornase a servir seu carguo e por razão dos enbarguos, que lhe não forão reçebidos, lhe fose tornada a fazenda socrestada, e novamente se fizese liquidação; e, como a fazenda lhe foi tomada e entregue ao rei, não teve lugar a setença, do que depois soçederão mais demandas.

Foi despachado por o governador Garçia de Saa, o qual, por evitar os odios antre ele e Bernaldim de Sousa, mandou em huma caravela a Cristovão de Saa, seu sobrinho, que tomase a pose da fortaleza, e a entreguase a Jurdão de Freitas, depois de enbarcado Bernaldim de Sousa; e, antes de lha dar, abrise huma carta çerada que levava, em que se continha que, se el-rei fose contente de Jurdão de Freitas ser capitão, lhe dese a fortaleza; e se não, ficase ele nela e se viese Jurdão de Freitas; da qual diserão que soubera antes que partise da India, mas não deixou de ir, por amor da molher, que fora bom ter trazido, por não pasar tantos trabalhos, por quão çerto estava

não consentir o rei, cujo amiguo não quis ser, por o conselho de Bernaldim de Sousa.

Finalmente chegou la na naao de careira, de que era capitão Dom Jorge Deça, a dezoito de Outubro de 1594, e aconteçeo-lhe tudo como diguo por a provisão çarada que se abrio antes de madura, a seu requerimento, por andar jaa forma dela nos moços das escolas.

Nesta sua yda e tornada se pasarão tres anos, que Bernaldim de Sousa foi capitão, por morer Fernão de Lima, que o avia de tirar. / / [67]

TERCEIRA PARTE

Que trata por doze capitolos em còmo Bernaldim de Sousa alevantou a guera ao rei de Geilolo e a prosegiu ate lhe dar fim; e de como la foi Dom Rodrigo de Meneses com armada contra outra que se esperava de Castelhanos; e dos odios e deferenças que ele e Bernaldim de Sousa teverão e da fim que ouverão; e de como tomou a fortaleza de Tidore e doutras muitas cousas que aconteçerão neste tenpo.

CAPITOLO 1

De como Bernaldim de Sousa alevantou a guera ao rei de Geilolo, antes de acabar a capitania.

Bernaldim de Sousa foi desta vez capitão da fortaleza tres anos, com muita paz, asi da tera como dos craveiros, porque em todos não ouve novidade; e tres ou quatro meses antes que acabase, quis alevantar a guera ao rei de Geilolo, asi porque a fazia mui continua aos cristãos do Moro, que ja tinha por si, como por ser a colheita de quantos escravos tinhão os Portugueses, e ter muita artilharia del-rei, noso senhor; pera o que cometeo ao rei de Ternate, que lhe deixase fazer represaria na jente que ai vinha sua, pera por ela averem, ao menos, os escravos; o que não conçedeo, asi por o temer, como por ser seu parente e genro.

E calada a cousa por alguns dias, movido o rei por o serviço del-rei, ou amizade do capitão, lhe mandou dizer que na çidade andava gente de Geilolo, que a mandase tomar; ao que o capitão mandou a Rui Diaz Coelho, moço da camara do duque; e, por mar, a Manoel Boto, rodear a ilha; os quaes trouxerão alguns trinta, que forão metidos no tronquo.

E vendo isto Raque-Raque, regedor do luguar de Toloquo, sem liçença do rei, saltou no lugar da Batochina de Geillolo e, fazendo

[68] presa, deixou hum yrmão morto, por o qual / / trazia doo, que lhe el-rei tirou, guavando-lhe a sorte.

E loguo escreveo ao Geilolo, da sua parte e do capitão, a causa da represaria e que a tornarião, satisfazendo a artelharia del-rei e os escravos que tinha dos Portugueses. *Ao* que respondeo, que não daria o mais roim berço por toda a jente que lhe tomarão; por o qual os repartio o capitão por os Portugueses, em satisfação soldo a livra de seus escravos, com obriguação de os tornarem a todo tenpo que fosem satisfeitos.

E com preguão de tronbetas lhe levantou a guera a fonso (sic) e sangue e escala franqua, por as mesmas causas ditas.

E, acabado isto, mandou a Rui Diaz Coelho, que servia de capitão-mor do mar, com alguns portugueses, em companhia de Quechil Guzarate, dar salto na baia de Geilolo aos pescadores, das quais trouxerão algumas cabeças, com que se fez festa.

E asentou loguo el-rei com o capitão de fazer a guera com sua gente somente, sem Portugueses, que não servião, pois avia de ser de saltos e çiladas, como se fez por alguns dias.

Mas, porque não chegava ao vivo, ordenarão que fose o mesmo rei dar em hum luguar grande e forte do Geilolo, chamado do *Guno* (por estar junto dum alto monte), pera o qual ajuntou boa armada; e, levando consiguo a Rui Diaz e Manoel Boto, com trinta homens, destroio e queimou o mesmo luguar; e, querendo proseguir a guera a outros, foi-lhe dada a nova da chegada de Tristão de Saa e Jurdão de Freitas, de que desgostou muito e se tornou, mas satisfez-se com Jurdão de Freitas não ser capitão, pela maneira ja dita; o qual se veio pera a India com molher, deixando la a raiz com algum movel, com esperança de inda tornar.

E Bernaldim de Sousa se foi pera Talanguame a acabar e guardar huma naao que ai tinha nova, que sem iso coria muito risquo de vir nunqua de laa.

E pareçe que o primitio asi Noso Senhor pera bem daquela tera e aver fym a guera de Geilolo, a qual dali continoou com seus amiguos e criados, fazendo muitas saidas de que os Geilolos se guardavão,

por o temerem. *E* em huma seguio ao propio rei, que por se vingar do Ternate, do luguar que lhe queimou, veio a propia ilha, pera lhe queimar outro; e não podendo, se tornou e fora tomado ou perdera a armada, se seguirão a Bernaldim de Sousa humas coracoras de Ternates, que se deteverão, por cheguar Quechil Pase, irmão del-rei; que, por ser velho e temer a brigua, as não deixou ir adiante; e, pera melhor se escusar, dezião que botara ao mar a / / polvora que levava. [69]

Outra vez o foi Bernaldim de Sousa desafiar, com çinquo coracoras, ao seu porto; e dentro esperou hum bom espaço, sem lhe sair ninguem. *E*, outras, o foi busquar a Tidore e outras partes, onde se esperava estar. *E*, por estas saidas que fazia, não ousavão os Geilolos fazer saltos, os quaes erão tão temidos que mandava Cristovão de Sa vigiar a povoação; do que Bernaldim de Sousa zonbava, por estar mais perto e com muito menos gente, e casas de canas e ola, sem fortaleza nem çerqua, aonde tinha a sua naao, que bem desejarão queimar.

E asi durou esta guera dezaseis meses, na qual perderão muita gente, que os Ternates matavão com ciladas no mar e na tera, ate Bernaldim de Sousa tornar a ser capitão, como se dira adiante.

CAPITOLO 2

De como foi Dom Rodriguo de Meneses com armada a Maluquo, com nova de Castelhanos; por a qual tornou Bernaldim de Sousa a ser capitão.

Guovernando Jorge Cabral, por morte de Garçia de Sa, que guovernara por a de Dom Joam de Castro, lhe escreveo el-rei Dom Joam, que esta em gloria, que mandase armada a Maluquo, por ter nova ser la outra de Castelhanos, de que era geral Bernaldo de la Tore, e capitães Dom Alonso Manrique, Pero Pachequo, Guonçalo de Avalos; e Joam Gaitano, piloto-mor; que avião já la ido com Rui Lopez de Vilhalobos; por o qual ordenou mandar a iso Dom Rodri-

guo de Meneses com quatro navios, a saber: ele em huma caravela, e outra em que ia Joam de Almeida; e o galeão Coulão, em que ia Dom Joam Coutinho por capitão de careira, pera trazer o cravo; e a naao Santa Cruz, de Jorge de Sousa, em que ele mesmo ia.

E, chegando a Malaqua, acharão novas que ficava Bernaldim de Sousa em Maluquo e que não avia Castelhanos, pelo que se desfez a armada e fiquo ai Jorge de Sousa e mandou ao irmão Bernaldo de Sousa na naao, pera a caregar de cravo. *E* asi fiquo a caravela do Joam de Almeida e ele casado e forão os tres navios com pouqua
[70] jente; e chegarão a Maluquo / / em Outubro de cinquoenta.

E loguo Dom Joam Coutinho mandou a Bernaldim de Sousa hum maço de cartas do guovernador, em que lhe mandava huma patente de merçe da capitania da fortaleza, que dezia que em qualquer parte que estevese, e aquela o tomase, tornase a tomar pose da fortaleza, sendo certa a nova dos Castelhanos, por quanto era enformado que não estava provida como convinha; e com ela o alvara pera lhe levantar a menajem a Cristovão de Sa. *E* outra carta mesiva de muitos cumprimentos, as quaes leo a alguns que da fortaleza o forão visitar, cujas linguoas (fazendo seu ofiçyo) derão loguo novas da condição a Cristovão de Saa, por a qual não podia Bernaldim de Sousa ser capitão, sem enbarquo de desejarem todos que o fose.

E, porque estivera os quatro anos pasados sem aver cravo e deseiava salvar a sua naao com carguoa, por se não perder e tomar a fortaleza de Geilolo, cuja guera principiara e militara, socorendo Noso Senhor a estas miserias, acabou tudo; e de maneira que, enbarcado em corocoras que lhe el-rei mandou, foi a fortaleza, a cuja porta o esperava Cristovão de Saa e Dom Rodriguo com todos os capitães e cavaleiros e casados, aonde leo a patente e mesiva. *Das* quaes se sentio Cristovão de Saa e começou a defender sua causa, dizendo que por aquelas condições não poderia entregar a fortaleza, por não aver Castelhanos.

Sobre o que ouve debates que Bernaldim de Sousa rebatia com suas razões, mostrando o alvara da menajem sem condição alguma; ao que começou a afraquar Cristovão de Saa, porque nenhum dos

capitães falava, sentindo ter justiça, por o qual deixava a causa a juizo do feitor e ouvidor. *Ao* que respondeo Bernaldim de Sousa que não avião de ser juizes de sua onra.

E, estando as cousas nestes termos, se foi hum soldado da sua conpanhia, por desemuladamente, a porta da fortaleza, que tinha o postiguo aberto, ao qual se seguirão dez ou doze, de quem se presumyo que se querião senhorear dela. *Mas* nenhum deles foi visto dos dous contendores, por a muita gente que estava antreposta antre huns e outros e terem o sentido no de que se tratava; sobre o que os ouvyntes fazião o custumado rumor.

Finalmente, ensestindo na resposta, lhe deu Cristovão de Saa pose, ao qual abraçou loguo e fy/ /carão amiguos e deu a menajem [71] nas mãos de Lopo Mendez Botelho, feitor e alcaide-mor, como mandava o guovernador. *Do* que fiquou Dom Rodrigo mui enfadado, asi por o que fizera Cristovão de Saa, como por não ser a soçesão sua, como levava imaginado da India. *E* entreguou na fortaleza cinquoenta boas espingardas com muita polvora delas e de bonbarda e outra monição bem neçesaria ao desenparo da tera e pera o que Bernaldim de Sousa pretendia; cuja pose não foi menos desejada que murmurada, a qual parece que premitio Noso Senhor por meio daquela falsa nova, pera destruição de Geilolo e restaurar--se a fama dos Portugueses, tão demenoida por o esforço daquele rei.

E tenho que piedosamente se achara outro na India tanto pera aquele feito, com tão pequeno poder como ele tinha; por ter juntamente todas as principaes partes que se requerião, a saber: muita amizade ao povo e rei; grande sofredor de trabalhos e desguostos a soldados; e em estremo confiado, grave, brando, aprazivel, com muita descrição, o que convinha pera o temerem, amarem e obedecerem.

E pera se não dar por achado das continuas murmurações; e, pera conheçer as malicias e ardis da guera, nas quais pareçe que adivinhava, dando muito credito a humas cousas e nada a outras e fazer muitas em contrario, que lhe soçederão prosperamente; e asi, porque tendo zonbado da ida de Fernão de Sousa e Jurdão de Freitas, sem

fazerem nada, com tamanho poder, e de Dom Jorge de Castro, que tanbem la fora e se tornara, por huma nova falsa que lhe derão, se persuadio a não crer nada nem tomar conselho, e levar avante a enpresa tão defecultosa como era julgada dos que a virão.

CAPITOLO 3

De como Bernaldim de Sousa ordenou por cerquo a fortaleza de Geilolo e do trabalho que niso teve.

Como Bernaldim de Sousa teve a pose da fortaleza, botou a sua naao ao mar e ordenou ir por cerquo a fortaleza de Geilolo e levar a
[72] Dom / / Rodriguo com os mais capitães em seus navios, do que lhes pesava muito, porque querião mais fazer cravo e ir-se, que tomar a fortaleza, de que esperavão trabalhos.

Asentada a ida, deixou a Antonio de Sequeira, feitor e alcaide-mor, na fortaleza, com alguns çynquo ou seis omens mal despostos, neçesarios pera a Misericordia e Esprytal; e todo o mais resto de moços e velhos, armados e desarmados, levou, avendo que a confiança da fortaleza estava na que tynha em el-rei de Ternate. *E* asi, como os da armada, fez copia de çento e oitenta omens, afora os que fiquarão nela.

Hia Manel (sic) Boto em huma caravela, que avia na fortaleza, com a monyção; e Beldesar Veloso, capitão-mor do mar; e Cristovão de Sa, em coracoras. *E*, como o capitão entendia que os capitães da armadaião de maa vontade, determinou por meio de seu trabalho levar avante o que começara; e meteo-se em humas coracoras e com outras que deu el-rei tomou o galeão de Dom Joam Coutinho a toa e po-lo no Toloquo, que e de Talangame huma leguoa; e tornou a tomar a naao de Bernaldim de Sousa; e, levando-a hum pedaço, deu a naao fundo sem o ele saber, por ser de noite; ate que o remar em sequo lho deo a entender, do que se muito anojou, mas desemulou e foi tomar a caravela de Dom Rodriguo. *E*, bradando ao piloto que se

levase, respondeu que não podia, por não estar ali o seu capitão-mor. Perguntado aonde era, respondeo que em Ternate; do que se agastou mais, por lhe pareçer que tudo era meio pera não ir. *E* tornou mandar ao piloto que se levase loguo; o qual respondeo que o não avia de fazer, porque não estava ali o seu capitão-mor. Ao que repricou, bradando: «O fi de puta vilão, aonde eu estou, ai outro capitão-mor? Levai-vos loguo!».

O qual respondeo outra vez que o não avia de fazer; por o qual fez, com muita furia, chegar a bordo e entrou dentro e fez levar a amara mui depresa e asi foi tomada a caravela e posta no Toloquo.

E, vindo loguo Dom Rodriguo e não na achando, a foi busquando em huma manchua; e, como era senhoreado da paixão, pareçe que ate o tenpo lha quis aumentar por meio duma trevoada / / que o [73]
molhou e pos em risquo de perder; mas, como deu com ela, consolou-se e ao outro dia, a tarde, saio em tera com os mais capitães, que se ajuntarão com Bernaldim de Sousa, mas nunqua travou pratiqua com nenhum, por sua paixão que bem foi entendida.

E ao outro dia seguinte se acabou de ajuntar aly a armada del-rei de Maluquo, que tomou todos os navios a toa, corendo-os o capitão em hum parao e fazendo remar, ate que o prospero vento deu fim a seu trabalho, metendo-os todos na baia de Geilolo, vespora do Natal do mesmo ano de cinquoenta. *E* sorgirão por ordem que não podese ninguem sair da fortaleza sem ser deles visto; a qual começarão de salvar sem a verem, por o grande arvoredo que lhe estava anteposto; mas por a estimativa lhe matrão alguma gente.

E asi se pasou o Natal, ate a vinda del-rei, que cheguou a segunda oitava, trazendo todos seus filhos e parentes e ao prinçipe de Bachão, seu sobrinho e genro; aos quaes a armada fez grande festa, a custa dalguas vidas dos novamente çerquados; e trazia huma carta que lhe mandara o Geilolo, na qual lhe lembrava a lei, parentesquo e amizade que antre eles senpre ouvera; e que tinha muita artelharia e monição e dozentos *tabares*, que e jente antre eles mui temida, e tem que se fazem invesiveis, porque andão muitos dias por o mato, por matar a treição a qualquer pesoa; cuja falsidade se vio neste çerquo

em outros da nosa parte e neles, porque, matando-lhe, hum tiro perdido da armada, dous, lhe fogirão todos os outros.

De maneira que pedia no fym amizade e não fose contra ele, do que o Ternante zonbou, dizendo que ja era tarde. *E* como o Geilolo se sentio desenganado, temendo a pouqua constancia dos seus (confiados nos cerquos pasados) lhes mandou meter todas as fazendas na fortaleza e meteu o seu tesouro; mas secretamente o tornou a tirar e matou os caretadores, por se não saber. *E* asi ficarão os seus sogeitos a morer, cuja nova esforçou aos soldados, por a fama e o saquo ser libertado.

CAPITOLO 4

Da ordem que teve o capitão no desenbarquar e da primeira brigua que teverão os nosos com os
[74] çerquados e dos trabalhos que mais pasarão. / /

A deradeira oitava do Natal desenbarquou o capitão no mesmo lugar de Fernão de Sousa; e, posto Dom Rodriguo e Beltesar Veloso na dianteira, e Quechil Guzarate com toda a gente preta, que serião ate dous mil omens, fiquou ele com os mais capitães e el-rei a rectaguarda.

E asi começarão a caminhar com guias a hum outeiro que estava sobre a fortaleza; e, como a jente da terra era muita, facilmente fez caminho pelo espeso mato e cobrarão em paz o outeiro que estava hum tiro do berço a montão da fortaleza.

E, linpo o sitio do mato e das rodelas, ordenarão a cama sem jantar nem çear, porque cuidarão os homens que era a saida a ver o canpo, como a de Fernão de Sousa. *E*, na mesma tarde, asentado o raial, mandou o capitão a Manoel Boto ao mar com ate vinte e cinquo homens e muitos escravos e jente da tera a busquar mantimentos e artelharia meuda e monição, pera vir a manhã seguinte.

E, na mesma noite, começou o raial a ser conbatido de muitas espingardas, frechas e panelas de polvora, que tiravão do mato com que derão naquela e nas mais contino trabalho; o que se remedeava com tirar toda a noite a montão ao mato.

Na manhã que Monoel Boto avia de vir, quis o capitão mandar-lhe Beltesar Veloso, pera virem mais seguros, temendo algum desastre; e o tirou diso o rei e Cristovão de Saa, avendo que não avia cousa que podese estorvar a vinda de Manoel Boto. *Mas*, como Noso Senhor favoreçe as cousas juntas, sabendo que em ser desbaratado Manoel Boto, estava mui duvidosa a vitoria, asi por sua pesoa e companhia, como por artelharia e monição que trazia, com o que ouverão de fiquar com maior animo e poder e os nosos com tudo menos, ordenou que se não perdese tamanha enpresa.

E asy, tendo o capitão tomado o conselho, supitamente mandou a Beltesar Veloso que se fose o mais depresa que pudese, o qual o fez asi, causa de levar menos jente da que convinha. *E*, com seus escravos e alguns vinte portogueses e alguma jente del-rei, em meio caminho, deu nele com grande inpetu e grita o prinçipe de Geilolo, com pasante de quatroçentos homens escolhidos, os quaes estavão em çilada, esperando a Manoel Boto. *E* o bom velho com se/ /tenta [75]
anos, usado aqueles sobresaltos, ajuntou os seus que ião em fio; e, posto na dianteira e Anrique de Lima, esforçado cavaleiro, na traseira, nomeando-se ao modo da tera, fizerão-no fogir com muitos feridos; mas primeiro o fizerão os Ternates, ficando somente sete ou oito que o ajudarão bem.

E, sendo aqui vençedor da primeira brigua, sem nenhum ferido, se foi ajuntar com Manoel Boto, que começava a caminhar; e num corpo forão ao raial com muito contentamento de todos, porque perderão huns a fome e outros o medo.

Pasados dous dias, começou o capitão mandar fazer çestos, de que asentou huma estançia mais abaixo, em outro outeiro, sobre a fortaleza, a qual fazia a artilharia algum dano. *E*, como tinha deseios de acabar o começado, parecendo-lhe que de tão longe o não podia bem fazer, por ficarem os cerquados sem o ser, determinou yr

busquar lugar acomodado junto da fortaleza, pera asentar o raial; e deixou el-rei com alguns capitães e com os outros e Quechil Guzarate e foi rodear, sem nunqua a poder ver, por o muito arvoredo de que era cercada; e de tiros perdidos lhe ferirão alguns Ternates.

E, sobindo-se a hum teso, com alguns pouquos, a ver a fortaleza, foi visto e logo deu antre eles hum tyro, que ferio ao proprio regedor, a hum Fernão Machado, bom soldado que aly matou hum negro e outro, na prymeira brigua com Beltesar Veloso; o qual moreo, pasado hum mes, por conprir sua palavra, que afirmou, antes que desenbarcase, que o avião de matar e sobre iso fez grande festa, bailando e tangendo, e cantou as oras dos finados por sua alma.

Tornou-se loguo o capitão, enfadado dos feridos e de não achar o que busquava; e, sabendo no caminho que Manoel Boto e Sobe, ouvidor del-rei, mui principal pesoa, ficavão com a conpanhia atras, esperou-os em huma orta, da qual se saio Graviel Rebelo com dous soldados por hum careiro contra a fortaleza, por hum fresquo palmar, ver se a podia ver ou se achava algum espia; e a vio toda por duas quadras, por estar perto, e o sitio do mesmo palmar mui acomodado pera o que o capitão pretendia. *E*, dando-lhe loguo recado, o foi ver; e, segurando na bondade, tornou-se contente, e asi
[76] por ter recado que erão vindos os que ficarão / / atras.

E mandou loguo ao mar busquàr artilharia pera bater o muro, que lhe foi trazida pelos Ternates, com muito trabalho, por a defeculdade do caminho e de carecerem de caretas. *E* asi poserão em çima çinquo ou seis peças. *E* enquanto se trazião, ordenou mandar fazer çestos, o que lhe contrariou el-rei e Cristovão de Saa e outras pesoas, com razões que mais tiravão a pouqua concrusão que a boa ordem, por o qual não deu jente para os fazer, escusando-se com a mesma oupenião ser de todos; do que começou o capitão a ser murmurado, porque não somente não pedia conselho, mas não tomava o que lhe davão, particolarmente del-rei e da jente da tera, que sabia muito dela.

E, usando do tenpo o melhor que pode, foi cortar muitas canas, das quais os mesmos fizerão muitos cestos; e, querendo deles fazer

huma tranqueira, tornou el-rei a repetir a desordem dela, ofereçendo-se com sua jente fazer a guera, tomando os mantimentos aos cerquados; (e pesando a todos com este xaque) fez o capitão levar os cestos e asenta-los e enche-los no luguar deputado, em huma noite, com muito trabalho, sem dormir em toda ela nem seus amiguos e criados, a saber: Dom Joam Coutinho, Vasquo de Freitas, Graviel Rebelo, Anryque de Lyma, Rafael Monteiro e outros que trabalhavão e davão guarda aos Ternantes, que acaretavão a tera de longe, por não ser sentido o cavar de perto. *E* trouxerão a artelharia de çima, da qual e da espingardaria foi salva a fortaleza em amanheçendo.

E, feito ysto, pareçeo bem a todos e a el-rei, que loguo mandou fazer outra tranqueira, hum pouquo atras, em que estava de dia; e de noite ya dormir antre os portugueses, de cujo animo se fiava muito, ou o faria por evitar algumas murmurações de maas suspeitas.

Corendo a ordem destas cousas, andou Beltesar Veloso queimando alguns lugares vezinhos da fortaleza, donde veio senpre com vitoria e asi os outros capitães fazião suas saidas, donde os Ternates trazião muitas cabeças.

Determinando o capitão chegar-se mais a fortaleza, que senpre fazia dano aos nosos dentro da tranqueira com sua artelharia e espingardaria, mandou fazer huma cava aberta e no cabo mandou por os çestos da primeira, na qual pos ao mesmo Dom Rodriguo. *E*, amanheçendo, foi muito conbatida por todas as partes, asi do muro e do canpo, como do sol; e porque os çestos erão pouquos e fraquos, mandou Dom Rodriguo dizer ao capitão / / o trabalho em [77]
que estava. *O* qual lhe respondeo que se recolhese com hum falcão que tinha.

Do que os cercados fizerão grande festa e cobrarão animo, o que não bastou pera o do capitão se mostrar menos forte e constante, sendo por iso murmurado. *E* ordenou bastiães de madeira, com os quaes se aumentou a murmuração, atrebuindo-lhes a fin de dilação, por mandar a sua naao caregada e não irem as outras e que por o mesmo não escalava a fortaleza; sobre o que lhe fez, Dom Joam Coutinho e Bernaldo de Sousa, grandes requerimentos e protestos, que mais sentio que todo o trabalho do çerquo.

Dom Joam se recolheo a sua estançia a modo de doente, aonde esteve muitos dias sem falar ao capitão, que deu a capitania da sua gente a Vasquo de Freitas, que com ela servio muito bem e fez boas saidas, ate o tenpo os tornar a conçertar e fiquarem amiguos.

CAPITOLO 5

Dalguns rebates e novas que o capitão teve pera o estrovarem.

O grande deseio que Bernaldim de Sousa tinha de tomar esta fortaleza o fazia ter pouquo repouso, maiormente por sair com a sua contra os emulos, que desesperavão tomar-se por a ordem que levava e que sem a escalar era inposivel. *O* que estava bem fora de seu pensamento, asi por ver a força do imiguo e a pouqua sua, como porque sintia muito matarem-lhe hum homem. *Pelo* que asentou toma-la a fome e fazer estançias de bastiães com cavas, pera que andasem e estivesem mais seguros, porque os çestos erão causa a muitos da morte.

El-rei mandou fazer tudo por sua gente, a qual asentava e enchia os bastiães com muito tento, de noite, nos lugares que o capitão mostrava, corendo com seus amiguos muito risquo; porque, como os çerquados se vegiavão com grandes foguos sobre o muro, defecultosamente andavão e trabalhavão sem sangue.

E asi foi fazendo quatro ou cinquo estançias com cavas dumas a outras, pondo senpre na dianteira a Dom Rodriguo; e asi mais se guardavão do araial. *E* huma vez, ao meio dia, veio hum negro da
[78] fortaleza com hum cabo e atou-o a hum camelote por a bon/ /-bardeira, pera o levarem dentro, mas anbos escaparão, fogindo o negro.

Neste tenpo saião muitas vezes os çerquados a busquar mantimentos e fruitas, a troquo de cabeças, que os Ternates lhes cortavão, que, por o costume, fazião pouquo nojo e davão contentamento.

E, temendo-se el-rei de Tidore, confederado, genro e parente do Geilolo, que tomando-lhe a fortaleza, coria a sua muito risquo, chamado ou peitado de çerta artilharia, veio com sua armada e sorgio junto das naaos, donde mandou a Quechil Munavari, seu irmão, visitar ao capitão e rei ternate. *E* sendo bem recebido e respondido, tornou mui espantado da ordem do araial, não tão somente nova a ele, mas a toda a tera. *E*, perguntando como se chamavão os bastiães, lho diserão: e, dando a cabeça, dise: «bastião, bastião, basta pera tudo.» e se foi ao seu rei, o qual o tornou a mandar outra vez, presumindo estorvar o çerquo, por meio do Ternate; mas não podendo, foi-se com a armada, com a qual tornou, pasados pouquos dias.

E mandou ao mesmo enbaixador, a quem respondeo a capitão que se vinha a ve-lo, lho tinha em merçe; e se ajudar ao Geilolo, folgava muito, e que lho mandase dizer, pera mandar a armada que o deixase entrar, porque quantos mais la estivesem, tanto maior seria a vitoria; com o qual recado se tornou pera a sua tera, donde teve maneira de semear por o araial que ia queimar a fortaleza que fiquara soo, avendo que se levantaria o capitão pera a socorer.

Ao que respondeo que lhe não dava nada, porque como tomase a sobre que estava, a tomaria. *Com* a qual reposta coreo outra nova, que lhe ia queimar a sua naao que tomava caregua. *Ao* que dise que não avia de deixar o serviço del-rei por seu interese, e que, se lha queimasem, que se vingaria.

E espantados disto cristãos e mouros, cometerão a el-rei, avendo que por meio dele o dobrarião; ao qual derão novas que lhe ião queimar a vila do Malaio. *Ao* que respondeo que, se lha queimasem, que muitos paaos avia no mato, pera fazerem outra.

E loguo coreo outra nova, a mais picada: que queria casar, o Geilolo, ħuma filha com o pryincipe de Bachão, que o Ternante trazia criado, avia muito tenpo, pera a sua; no que a mai / / do [79]
mançebo consentia, por ser afeiçoada ao Geilolo; o que sentio muito o Ternate e levemente ouvera algum mudamento, se o capitão o não tirara de sospeita.

Como o Geilolo e Tidore virão que não avia remedio pera alevantar o araial, ordenarão tornar o Tidore a armada com preposito de ver se podia tomar algum navio. *E* sabida a nova, mandou o capitão a Dom Rodriguo pera o mar e que peleiase com ele, se ai viese, como veio. *E*, saindo-lhe Dom Rodriguo em hum batel bem aparelhado, com tres boas coracoras, em que ia Quechil Ayo, meio yrmão de Quechil Guzarate, esforçado mançebo, fogio o rei sem mais tornar.

Dai alguns dias se foi o Ternate muito doente curar a sua casa, deixando em seu lugar ao Guzarate, de cuja vinda não faltou que dizer, avendo a doença por fingida, sendo sem nenhuma duvida verdadeira; mas, como nestas cousas os mais velhos lanção maiores juizos, avião de ser com maior rigor castigados, por o credito que tem, o qual causa maior dano.

E, vendo-se o capitão com el-rei menos, e alguns portugueses mortos, feridos e doentes, por conprazer aos que fiquavão, mandou fazer escadas, que se acabarão em menos tenpo do que forão pragueiadas, por verem muita desfalencia no poder, não no regulando com o da fortaleza, que sem medida era ja muito menos; e, como o araial estava asentado alguma cousa mais alto que o muro, ficarão os cerquados sogeitos a artilharia, da qual se guardavão em covas e com ante-muros de pedra sequa, nos quaes davão os pelouros e fazião maior dano e asi senpre tinhão que chorar, o qual lhe era vedado por o rei, por não levarem os nosos gosto do seu mal, sabendo que lhe fazião dano.

CAPITOLO 6

De como foi queimada a cidade dos mouros e morto o seu capitão-geral; e do desastre dum batel.

Na obediençia dos soldados nunqua faltou primor, porque, como por a maior parte erão casados, obrava cada hum por a liberdade; e,

como isto acresçentava animo aos solteiros, por huma çerta anbição que os obrigava, trabalhavão por se avantajarem, antre os quaes Graviel Rebelo / / com alguns conpanheiros, dum quarto que tinha, [80] queimou de noite humas casas, corocoras e paros que estavão guardados ao pe do muro e dum soberbo baluarte. *E*, ficando-lhe huma casa, a que não pode chegar, por participar do muro, queimou-a do araial, com grande prazer geral, hum Tristão Lopez, mestiço, criado do capitão, com hum calavaa de aremeso, na ponta do qual pos polvora com hum murão açeso, que bastase pera em chegando queimar.

E, como estava em alto, vio-se abaixo hum vale de vasa, que a mare cobria, em que estava grande povoação. *Pelo* que o capitão mandou a Bernaldo de Sousa, que ate li não tinha feito nenhuma saida, que com cinquoenta homens e a gente del-rei se fose meter no esteiro, dar guarda a alguns deputados que avião com bonbas de foguo queimar a çidade e a armada que ai estava.

E foi asi começado, mas não acabado, porque, como se acharão os soldados escandalizados da profunda e mole vasa, não quiserão tornar e entrarão por a cidade com grande inpetu, pronosticando vitoria, cujo alvoroço fez retirar aos vezinhos; e asi foi queimada a povoação e muitas coracoras e paros, sem fiquar cousa que aproveitase.

E, seguindo adiante, enquanto o foguo fazia sua obra, se poserão em hum tereiro as espingardandas com a jente do muro e ao pe dele, que avia muita. *E*, como a desordem geralmente faz vençedores aos Portugueses, espantados os çerquados dela e do novo acometimento e por parte que não esperavão, cuidarão que os querião entrar por o arraial, cometendo-os por aly; e por iso não sairão ao canpo.

Mas fe-lo Quechil Quebuba, sobrinho do rei e seu capitão-geral, que sostentava a guera, por temer ao Ternate, cuja molher, filha do mesmo Geilolo, tinha que era a do repudio de que tratei no decimo capitolo da Segunda Parte; mas naquele dia deu, huma espingardada, a seus temores fim com a morte; na qual teve muitos companheiros, em que entrou hum honrado caçiz.

Durou a brigua hum bom espaço e foi forçadamente quente, asi por o grande sol e foguo que ardia, como da artelharia e espingardaria duma e outra parte e do raial, a qual se aumentava com os grandes estouros das canas das casas. *E* feridos alguns portugueses e
[81] Quechil Boçaide, meio irmão de Quchil Guzarate, se recolhe/ /rão por outro caminho, deixando tudo bem feito e descubertas duas outras fontes, donde bebião, nas quais lhe botarão os Ternates muitas cabeças de seus mortos.

O capitão, regozijada a boa vynda, chamou quatro ou cinquo dos principaes dela, a saber, Bernaldo de Sousa, Vasquo de Freitas, Graviel Rebelo, Anrique de Lima e Gaspar de Morym, e fez o prymeiro conselho, preguntando se, tomadas as fontes, se se entregarião. *No* qual saio que fiquavão de todo çerquados e sem nenhum remedio, mas que pera iso avia mester tenpo, o qual se não sofria, por o capitão estar doente; e que o mais breve era, conforme ao tenpo, escalar a fortaleza, pois tudo estava prestes.

E, dando o capitão a entender que açeitava o conselho, mandou a Bernaldo de Sousa pera a armada, onde estava Dom Rodriguo, a quem mandou dizer que mandase por a gente das coracoras tomar çertos bastiães, que o ouvidor Sobe mandara fazer, pera secretamente tomar as mesmas fontes (o que não acabara, por adoeçer) e os pusese nelas; e saise primeiro em tera ver aonde seria melhor asenta--los. *Ao* que tornou a murmuração cobrar novos acometimentos, atreboindo tudo a fraqueza; mas sua grande constancia de tudo zonbava, porque sabia que não tinha força pera escalar a fortaleza, maiormente sem el-rei a quem erava, se o fazia, por ser tanta parte do vençimento com o trabalho de sua pesoa, irmãos e parentes; e ja que avia de esperar por ele, pareçeo-lhe bem tomar entanto as fontes.

Saio Dom Rodriguo e vio todo o sitio aonde ferirão a Bernaldo de Sousa na cabeça, duma espingardada. E tornado a enbarquar, asentou aquela noite os bastiães que fez a li trazer o Quechil Aio, que estava no mar com Dom Rodriguo, por capitão-mor do rei.

E custou o asentar deles hum soldado e alguns feridos e fez boa estançia, a qual lhe não pode estorvar a pouqua força dos cercados,

que a não ouverão de deixar acabar, se não estiverão tão debilitados, pois lhe ia nela a vida.

Como o rei se vio com a aguoa tomada, cometeo paz, bradando hum de dentro que comerião porquo; e ate ly nunqua se deles sentio deseiarem-na. *Somente* huma noite a começarão a toquar a mo/ /do [82] de zonbaria; e que por a manhã falarião nela; na qual estava Cristovão de Saa prestes pera entrar por o esteiro e hum batel bem artilhado dar por a cidade ver o que ia nela; o qual cheguou em se querendo os negros por a fala, e a sua vista tomou a artilharia foguo duma gamela de polvora que ia na tilha, aonde saltou huma faisqua dum murão. E fez grande matinada, aronbando o batel e queimando quatro ou cinquo soldados, de que morerão alguns e marinheiros; e perderão quatro espingardas, que os çerquados tirarão despois.

Cristovão de Saa ia em huma manchua e deitou-a ao batel e salvou-o com a jente. *E* dali se foi com seus criados pera Ternate e pera Malaqua, sem tomar o araial; e, vendo os cerquados a destruição do batel, zonbarão da paz e ficarão com sua onra, ate as fontes tomadas.

CAPITOLO 7

Da paz feita aos cercados pela qual derão a fortaleza, fazendas e artilharia.

Amanheçerão as fontes tomadas, a dezoito de Março; e aos dezanove começarão os çercados pedir paz, estando o seu rei a porta da fortaleza, a vista do araial, bem vestido e hum capaçete guarneçido de muito ouro na cabeça; e com ele Quechil Tidore, caçis maior, falando nos conçertos, os quaes não vierão a efeito, porque teverão os Ternates maneira de os estorvar, ate vir seu rei, que era a curar-se; o qual tardou pouquos dias, nos quaes se vinha ao raial alguma gente tão desfaleçida das carnes que movia a piedade.

E outros se punhão por o muro, sem armas, a modo de pedirem misericordia, aos quaes mandava o capitão tirar com a artelharia, pera se acabarem de entregar; mas a desobediençia dava aqui lugar a piedade, porque não querião os homens matar ninguem; e, como o capitão estava muito enfermo e não podia sofrer suas dilações, apertava-os; mas nem iso bastava; e asi estiverão ate quarta feira de Ramos, que veio el-rei e o seu ouvidor, ainda bem fraquos.

E a quinta seguinte, a tarde, avido seguro, veio ao raial Quechil
[83] Atimom, / / pesoa mui principal e em todas aquelas partes avida por de melhor conselho, e outro mandarim; os quaes forão bem reçebidos do capitão e rei, que estavão juntos; e, confesando sua culpa, pedirão paz. *Ao* que respondeo o capitão que lha daria com a condição que o rey avia de perder o titolo e fiquar *çangaje* do Ternate e daria a obediençia a fortaleza, derubando a sua e perderia toda a fazenda e artilharia e ficaria ele e os seus somente com as vidas e teras. *Ao* que respondeo o enbaixador, sem repriquar, que açeitava com as mesmas condições, do que loguo foi feita carta asinada por o capitão e rei, e a reçeberão e poserão na cabeça e se forão.

E veio loguo o seu rei aconpanhado dalguns menos magros, tão gualante e contente como se fora vençedor e não vençido; e abraçou ao capitão e a el-rei e asentarão que ao outro dia entrarião e ele teria a fazenda e artilharia prestes e junta.

Mas os soldados portugueses e ternates não consentirão na ordem e entrarão loguo e toda aquela tarde e noite teverão que tirar, sem lho poder defender o capitão nem el-rei nem o proprio Geilolo.

E, a sesta feira, vinte e sete de Março, por a manhã, entrou o capitão e el-rei, com que creçeo a desordem do apanhar, porque não somente esbulhavão aos vençidos, mas aos vençedores; sobre o que se começarão algumas briguas e os Ternates a matar aos vençydos, ate acodir o seu rei que lho defendeo, com serem ja alguns trinta mortos; mas não lhe pode vedar o cativa-los, dos quais careguavão, como se lhe forão conçedidos, ao que o capitão não pode valer por sua enfermidade, mas despois fez tornar muitos.

E estava asentado sobre hum baileo e os reis anbos em hum caxão junto dele e dum principio de tore, em que estavão todas as molheres

e filhas do rei, ao qual se vinhão alguns que lhe valese, a quem respondia com os olhos cheios de aguoa, sem falar nem fazer nenhum ademão dos costumados no choro. *E* mui seguramente falava e respondia ao capitão e rei, com muita gravidade e confiança, como homem que não tinha recebido dano.

Acabada a revolta do que se boamente / / achou, mandou-lhe o [84] capitão que tirase suas molheres fora, porque avia de ser a tore saqueada; o que sentio muito, porque cuidava que fiquavão ali agasalhadas e sem serem vistas e esbulhadas dalgumas peças que tinhão escondidas em si e soteradas. *Mas* obdeçeo, levando-as com muito sentimento (que não pode deixar de mostrar a fraqueza da carne) junto duma fonte, fora de todo o povoado. *E* a tore foi saqueada de muitas peças que se acharão, das quais ouve o capitão huma de toalha de Frandes adamasquada, que depois partio com as comadres. *E* el-rei de Ternate mandou cavar e achou boa presa.

O capitão se enbarcou loguo pera a fortaleza a curar-se, aonde cheguou a noite de sabado de Ramos, e na atras, os que fiquarão, poserão foguo as casas e mesquita, o qual mostrava do mar hum temeroso prazer, e fizerão tudo tão raso que não fiquou cousa que podese aproveitar.

Soando esta nova por todas as ilhas, foi ma de crer, avendo-a por enposivel, mas por o testemunho do saquo a crerão, porque fiquarão mui pouquas de que não ouvese gente nele, do qual todos levarão seu quinhão, mas nada do tesouro do rei, porque como tinha mortos os caretadores, matou o tesoureiro, quando se entreguou, por o não descobrir.

E, contudo, foi a presa mui grosa, porque ouve quem cheguou a seis mil pardaos e ainda fiquou muito soterado. *E* o rei Ternate, a seu costume, mandou por em huma praça hum tacho de azeite quente, em que avião de meter a mão os que não partisem com ele e asi levou de todos e fiquou com o melhor. *E* desta maneira costumão pagar os serviços aos seus.

CAPITOLO 8

Delgumas generalidades que ouve neste cerquo.

Durou o çerquo tres meses de muito trabalhos, sol, chuva, sedes e alguma fome, particolarmente nos das ilhas, por virem sempre providos pera menos tenpo do que convinha, pera os quais foi grande remedio a muita fruita que ouve no mato.

Forão mortos dezanove ou vinte portugueses, asi peleiando,
[85] como dentro nas es/ /tançias, por pasarem ou oulharem desordenado, o que o capitão muito reprendia, ao reves de Fernão de Sousa, por cuja causa fez os bastiães e cavas, que alguns se não querião aproveitar, por mostrar ousadia, não se enmendando por o dano doutros nem por o capitão, (que pera dar exenplo) pasava por os lugares perigosos com grande resguardo, o que lhe reputavão a fraqueza, não trazendo a memoria quanto contra vontade de todos se cheguou ao muro e que nenhuma estancia se pos em que primeiro não fose; e algumas vezes, com muita temeridade, do que era enmendado de seus amiguos. *De* maneira que, no que convinha, ninguem se mostrou melhor; e no que não ia nada, ninguem se guardou mais, e asi fez mui inteiramente seu ofiçio.

Ouve muitos feridos, asi Portugueses como Ternates, e foi morto a espada hum gentil mançebo, irmão do sobe-ouvidor, cuja cabeça foi posta no muro pera maior maguoa dos Portugueses e Ternantes. *Mas* foi bem vingada, porque, acabados os corenta dias do doo, se foi o irmão lavar e botar fora, em conpanhia de Dom Rodriguo, e trouxerão ao araial pasante de corenta cabeças, que forão enforquadas sobre os bastiães.

Yndo huma vez tres mançebos ternantes por o mato, encontrão com hum geilolo, que lhes não quis fugir, podendo; e como o virão detreminado, conçertarão-se, por primor, que o cometese hum e hum; e fazendo-o desta maneira, aos primeiros dous ferio; e o terçeiro o matou, tomando-o ja cansado.

Morerão alguns homens de camaras, antre os quais foi Dioguo de Freitas, que com sua velhiçe quis continuar o çerquo mais do que convinha; e casi morto veyo acabar a sua casa, deixando dous filhos no araial, no qual arebatarão quatro peças de artilharia grosa sobre hum baluarte, a que não fizerão dano, por ser de pedra e tera e muito lauvorado (sic); e quanto lhe derubavão de dia, tanto conçertavão de noite. Estava o araial tão perto que lhe tiravão, os moços, dentro com fruitas pera os seus comerem.

Todo o muro era feito a maneira de valado com tera e pedra; tinha a çerqua dous baluartes e sua cava mui largua, estrepada por dentro e por fora, com tão bastos estrepes e postos ao reves huns dos outros, que nem hum gato os podia andar nem nenhum omen aranquar, por serem metidos ao marão, e depois a/ /gudos, os quaes erão toda a [86] força da fortaleza, por os defenderem com muitas espingardas e aremesos.

Tinha o castelo outros dous baluartes com sua cava estrepada e outro ao pe do muro que não servio, porque defendia somente o esteiro.

Forão-lhe tomadas pasante de çem espingardas e dezoito berços del-rei, todos de metal, e mutos outros da Jaoa e huma roqua de fero e polvora que fazião muito refinada.

Erão mui estremados espingardeiros, o que se vio em mui notaveis tiros que fizerão, e os mais temidos que avia em todas aquelas partes, o que mostrarão no grande sofrimento do çerquo, tão novo antre eles, porque, quando os entrarão, não lhe foi achada cousa que se podese comer nem beber e estavão as ruas e casas cheias de mortos, huns fresquos e outros ja gastados, por não aver quem os enterase, o que causava grande fedor.

A miseria dos mesquinhos, molheres e filhos, era mui grande, caindo com fraqueza a huma e outra e asi se deixavão matar, roubar e cativar, sem bradar nem refusar, como se forão ovelhas.

Enquanto durou o çerquo, fizerão muitas saidas, levando sempre o pior delas e em algumas se achou Dom Rodriguo, que ainda que tinha pouqua jente, sempre o aconpanhava muita e foi mui sogeito e

obediente aos mandados do capitão, sem nunqua o conversar; o qual trazia consiguo a Bernaldo de Sousa e Cristovão de Sousa e Antonio de Lacerda, que depois se meteo em São Dominguos.

Servio-se o capitão muito de Beltesar Veloso, por ser bom cavaleiro e temido e bem asonbrado e leve de aparelhar, que são partes que se requerem em todo serviço da guera. *Trazia* consiguo bons soldados, particolarmente Anrique de Lima, esforçado cavaleiro e famoso espingardeiro, e alguns parentes, e todos da sua parte favorecião ao capitão com Manoel Boto, que tanbem o servio como bom amiguo.

Os mais o fizerão, por o conseguinte, muito bem, ainda que mostravão ma vontade ao capitão, tendo a mal todo o que fazia, o qual husou dum bom ardil, pera se livrar dos muitos que lhe davão, em lhes mandar que ordenasem o mesmo que dezião, porque não sentia quem melhor fizese; e, como a cousa era defecultosa, escusavão-se os ardilosos e ele fiquava livre. *E* asi acabou a obra como
[87] quis, contra o parecer dos emulos, que conver/ /terão em odio a gloria de sua vitoria, que foi grande e não menos neçesaria pera quem vio o poder daqueles, cuja força ouvera de enganar a todos, se seguira o pareçer comum; porque tinhão dentro mil e duzentos homens, e no araial averia cinquoenta que fosem pera feito e avia tantos ternates, antre dous e tres mil que ali andarião. *Mas*, como avia que nestas cousas os fraquos e os imiguos falavão mais, desemulava, sem mostrar escandalo, cuja confiança deve ser estimada, poys por o contrario dela são vistos muitos danos, em descredito do nome portugues, o qual ele restaurou naquela tera e a cristandade do Moro, donde vem os mantymentos a fortaleza, e asegurou-a com o xaque de tão forte vezinho, cuja soberba acanhava aos reis e capitães, que lhe sofrião muitas cousas que fiquavão em perda e grande vergonha dos moradores, de que lhe dava bem pouqo, como trazião boa mão cheia de cravo.

CAPITOLO 9

Do principio dos desgostos de Bernaldim de Sousa e Dom Rodriguo; e de como foi derubada a fortaleza e alevantada a guera a o Geilolo.

Veio-se o capitão de Geilolo, sem derubar a fortaleza, por sua enfermidade não conpadecer dilação; e mandou huma coracora a Anboino levar a nova da vitoria a sua naao, que somente hia pera a India. *E* na mesma coracora mandou pera ir na naao a hum Pantalião dos Banhos, que avia tenpo que estava na tera feitorizando fazenda de Jorge de Sousa. *Avendo* que fora causa e parte dos requerimentos de Bernaldo de Sousa, em cuja casa ainda estava ferido, e por a perda que da sua ida reçebião, se socorerão a Dom Rodriguo que o pedise; o qual, por satisfazer a huma çerta obrigação, o fez contra sua vontade, porque se afastava do capitão, não no vesitando em sua doença.

E, indo-lhe falar, lhe dise que, se lho não dava, não avia de ser seu amiguo; donde pareçe que / / tomou ocasião pera não fazer o que [88]
lhe pedia. *E* asi fiquarão quebrados, mas senpre se falavão de barete, encontrando-se, cometendo o capitão senpre prymeiro.

E, como foi são, tornou a Geilolo sem Dom Rodriguo, de cuja conpanhia levou a Cristovão de Sousa e alguns soldados e a el-rei e Quechil Guzarate. *E* foi derubada a fortaleza em pouquos dias e não sem maguoa dalguns, que acharão muitas cousas que os cercados abrirão, donde tirarão muita fazenda que nelas meterão.

Daly se foi o capitão a huma praia, aonde o *çanguaje* tinha feita huma pobre povoação, donde se acolheo ao mato, sem ver ao capitão, de que ficou frustado, tendo que se não fiava dele, mas a verdade era por não ver ao Ternate nem lhe fazer a *çunbaia*, por lhe ter grande odio.

Estava nesta povoação Quechil Timom e Quechil Liaça, seu irmão, com familia e alguns apaniguados, aos quais mandou com Graviel Rebelo pedir ao *çanguaje* o viese ver, pois era vasalo del-rei

de Portugal; e que se espantava muito de o não ter feito e ir-se a tenpo que ele vinha; e levava portaria pera lhe levantar a guera se não viese, quebrando, a seu modo, huma cana, pao ou folha, perante ele e os seus, em sinal da rotura do contrato da paz. *O* qual foi huma meia leguoa pera o mato mui espeso e espinhoso e envasado, no cabo do qual atravesava huma pequena ribeira, que tinha humas fontes quentes; e junto delas algumas cabanas, em que avia pouqua jente, donde o não deixarão pasar.

E dali forão chamar ao *çanguaje*, que estava outro bom pedaço com sua familia, o qual veio com a vasa, que lhe dava por o jiolho, e vestido de panos grosos, mui piedoso, pera quem o conheçeo em sua prosperidade. *E* asi, mui debelitado na cor e carne, abraçou e fez grande gasalhado ao enviado e o asentou consiguo em hum pobre baleo e os seus a roda no chão. *E*, dado o recado, se desculpou com sua pobreza e outras muitas miserias, que tudo redundava na pouqua vontade que tinha. *E* repetindo anbos, por razões e conparações, hum bom espaço, ate sobrevir a noite, asentou em não ir, contra o pareçer de todos os seus, pelo que lhe levantou claramente Graviel Rebelo a guera, fazendo o sinal que lhe era mandado. *E*, tornando-
[89] -se, deu o recado ao capitão e ao / / Ternate, o qual pedio ao capitão não fizese obra por aquele so recado e tornase mandar outro, como fez. *E*, tornando o mesmo enviado com a conpanhia, achou as cabanas despoiadas, sem cousa viva.

O Quechil Timom e seu irmão pedirão loguo seguro pera si e todos os seus e pera os que se viesem a eles, o que lhes foi dado e a cada pesoa seu chito, sem o qual forão achados muitos que ficarão cativos.

O *çangaje* fogio aos matos, a quem seguirão alguns que o deixarão e se tornarão. *E*, vendo-se mui atrebulado e que não tinha outro remedio pera se restaurar e vingar do Ternate se não fazer-se cristão, mandou pedir paz ao capitão e hum padre; o qual lhe mandou a Joam da Beira, da Companhia de Jhus, cuja alma ja nesta vida pareçia estar com Deos; e asi loguo quis la levar a daquele mouro, o que ele não queria tão çedo e desavierão-se por parte das molheres,

que não quis loguo apartar de si, como o padre queria; e, fiquando em sua feita, moreo dai a pouquo tenpo. *E* pareçe que o premetio asi Noso Senhor, pera quietação da tera, porque a ouvera de meter em revolta, pretendendo vingar-se do Ternate.

Chamava-se Quechil Quatrebumo e fiquou por guovernador do reino, por morte dum irmão, a quem fiquou hum pequeno filho que matou secretamente, fazendo-se muito servidor da fortaleza en tentenpo (sic) de Tristão de Ataide, pelo que o fez rei; e dai a pouquo tenpo se levantou contra ele (com alguns berços de metal que lhe enprestou) na guera que os Maluquos lhe fizerão, na qual tomou hum bergantim com oito homens que matou, com o que quebrou muita fama e acrescentou seu tesouro, porque, sendo em favor da fortaleza, com a novidade do reino, foi mui peitado de todos os levantados, pera que os seguise.

E estas sortes e outras dizião que fizera por conselho dum homem de Viseu que consiguo trazia, ao qual mandou cortar a cabeça, depois de o ver arenegado e de lhe ter dado a ordem da fortaleza, dizendo que quem fora tredoro (sic) aos seus, melhor o seria a ele.

Era mui esforçado, belicoso e ardiloso, e guardava bem a paz, e onrava muito aos cavaleiros, causa de ter muitos. *Era* mui prudente, porque senpre busquava tenpo pera sair com a sua; fez em principio grande fortaleza e cava, a qual restryngio depois do cerquo de Fernão de Sousa, porque, ainda que fiquou vençedor, alcançou que a não podia guardar. *Fez* a / / maior e milhor mesquita que avia naquelas [90]
partes; e dizem que inventou letra de sua linguoagem, com caracteres que os seus facilmente podesem entender, por terem a mais roim linguoa e menos entendia que a naquelas partes; a qual envenção tirou do arabio que se la usa.

Tinha tanto credito que não faltava mais pera o terem por Mafamede, senão ir-se Bernaldim de Sousa sem o desbaratar. *Ficarão-lhe* tres filhos e tres filhas; o maior, a quem pertençia o Estado, se chamava Quechil Guzarate, mançebo traveso e viçioso, trazia por molher sua propria irmãa, do qual pecado os vituperavão os Ternates no cerquo; e eles aos Ternates de quebrantadores da lei e de irem contra eles em favor dos cristãos.

Cometeo este tanbem ao capitão que se faria cristão, se lhe deixasem ter a irmãa, a qual lhe tomou depois o Ternate, mas o capitão lhe outurgou a paz, que o pai pedia, com titulo de *çanguaje*, como dantes estava e que paguaria de parias, cada ano, tres mil olas de braça, cada huma, pera se cobrir a fortaleza; e quinhentos fardos de çagu, que podião fazer dozentas e cinquoenta jaras de meação.

Estas lhe tirou despois Dom Duarte Deça, restetuindo-o no titolo de rei, polo ajudar na guera que lhe fizerão os Ternates, por a prisão de seu rei, o qual titolo lhe confirmou Anrique de Saa, sendo depois capitão, obrigando-os a pagar as ditas pareas, como paguão.

CAPITOLO 10

De como o capitão fez derubar a fortaleza ao rei de Tidore e dos odios com Dom Rodriguo de Meneses.

Acabados os trabalhos de Geilolo, quis Bernaldim de Sousa, no mesmo ano de cinquoenta e hum, tomar a fortaleza de Tidore, que as pazes de Fernão de Sousa não desfizerão. *E*, sendo neste tenpo ido o
[91] rey as presas aos Çelebes, deixou a tera encomen/ /dada ao de Ternate, seu genro e cunhado, ao qual mandou o capitão chamar e aos principaes portugueses, e pos-lhe diante a vitoria de Geilolo ser inperfeita, se a fortaleza de Tidore fiquava, pois casi tanto perjudicava ao serviço de sua Alteza; e por iso lhe pareçia bem ir-lha tomar, pois não tinha artilharia e momção pera esperar outro tenpo; e a que avia bastava, por o rei ser fora. *No* que ouve muitos pareçeres, sobre os quaes estava bem dobrado, porque não tirava a mais que a obriguar a el-rei, que sabia que o avia de roguar, sem o qual o não podia fazer.

E asi foi que dise que enquanto ali não estava o dono da casa, não era licito devasar-lha; que o deixasem vir, e ele lha faria derubar; pola qual palavra o penhorou o capitão desemuladamente, dando-lhe

a entender que, por o servir, esperava. *E*, vindo depois o Tidore cansado, como quem vem da guera, se foi por o capitão no seu porto com el-rei, Dom Rodriguo, Beltesar Veloso, em corocoras; e Dom Joam Coutinho e os mais, em paros, por ser perto.

E foi loguo mandado visitar por o rei, ao qual respondeo seus agradecimentos; e que sua vinda era a ve-lo e pedir-lhe derubase a fortaleza, pois era vasalo del-rei de Portugal, com cujo favor não tinha necesidade dela, e se o não era, naquilo o veria; e os enbaixadores que erão seus irmãos, forão e vierão por tres ou quatro dias, muitas vezes, a tera falar com o Tidore, o qual consentia derubar-se, mas temia a huns sobrinhos, filhos que forão de Quechil Rade, que o defendião, por ser obra de seu pai, sem primeiro pelejar, como fizerão os Geilolos; e por a mesma causa aplicava o capitão muitas razões e medos; e mandou lançar preguão, que nenhuma pesoa saise em tera, sob pena do caso maior.

E mandou dizer ao Tidore (que se queixava dalguns desmandados) que os matase, se la fosem; e que nenhum dos seus viese tanbem tomar aguoa dos poços que estavão na praia, porque os avia de mandar matar; o que fez a sombra do queixume, pera os come/ /çar [92]
de apertar por a neçesidade da aguoa.

Dai a dous dias diserão ao capitão que andava gente em tera, do que se agastou muito e, despido como estava, se meteo em hum parozinho de Afonso Figueira e, corendo a armada ao longuo da praia, vio a Dom Rodriguo a quem dise: «Alto, Senhor Dom Rodriguo. Não mandei lançar preguão, que não saise ninguem em tera, sob pena do caso maior? Enbarcai-vos».

Ao que respondeo: «Loguo me enbarcarei. Os omens ão-de caguar». E indo aviado, ja longe, respondeo:

«*Ora* caguai, e seia...», etc. *E* diserão alguns que o ouvira Dom Rodriguo e respondera ao conforme; mas o çerto he que o não ouvio.

O capitão encontrou loguo ao ouvidor Eitor Mendez e lhe mandou que fose tomar a menajem a Dom Rodriguo; o qual a não quis dar nem deixar asinar o termo a Cristovão de Sousa e Antonio de Laçerda, que estavão com ele; o que foi dizer ao capitão, que voltou

loguo com a espada nua na mão, como lha levava hum pajem, e fez asinar as duas testemunhas e tirar os baretes da cabeça e cometeo a entrar com Dom Rodriguo, dizendo: «Asinai, não vos aconteça como a voso irmão!»

Dom Rodriguo o defendeo, estando com huma espada e dagua (sic) na cinta e a celada na cabeça e huma rodela na mão ezquerda e na direita huma azeguaia, a modo de querer tirar, dizendo: «Não entreis, senhor Bernaldim de Sousa, que sou tão bom fidalguo como vos».

E, vendo Afonso Figueira que ensistia o capitão, estando desarmado, pedio-lhe se fose armar e çiou (sic) atras, pelo que se foi a corocora tomar as armas e mandou a Graviel Rebelo, que estava nela (com outra conpanhia) se levase e se fose por em huma calheta e defendese a saida a Dom Rodriguo e o mesmo mandou a Beltesar Veloso, que se fose por em outra. *Com* o qual estava hum sobrinho, chamado Manoel Veloso, o qual pos hum arcabuz no rosto, pera tirar a Dom Rodriguo, vendo sua resistençia, se lhe o capitão açanase; o qual lhe fez mostra que o não fizese.

Indo o capitão daquy a armar-se, meteo-se Dom Rodriguo em
[93] hum parao que tinha / / e mandou aos seus que se fosem na coracora. *E*, começando eles a remar, bradou o mesmo soldado (pola linguoa) a chuzma, que se botase ao mar; e fazendo-o asi, fiquou a coracora queda, indo ja Dom Rodriguo remando pera tera.

Neste tenpo estava el-rei de Ternate na çidade com o Tidore, asentando ver-se, aquela tarde, com o capitão e fazer-lhe a vontade no derubar da fortaleza; e, ouvindo o rumor, perguntou a hum que ia da praia, que era aquilo; o qual respondeo que não sabia, mas que lhe pareçia que era o capitão e Dom Rodriguo. *E*, como o rei tinha sabido que não erão amiguos, temendo ter feito Dom Rodriguo (como omem asomado), algun desacato ao capitão, sem usar de cortesia, saltou mui depresa dum baileo e coreo a praia, despindo-se por o caminho e em panetes se enbarcou em hum paro, pondo ao remo os irmãos e parentes, bradando senpre: «contra o meu capitão, contra o capitão del-rei, meu senhor», com toda a presa a Dom Rodriguo, que

ia pera tera. *E* chamou-o com grandes brados: «A, senhor Dom Rodriguo! A, senhor Dom Rodriguo, metei-vos aqui comiguo», indo-lhe tomando a dianteira, pera que não tomase tera; com detreminação, segundo dise, de o abalroar, se lhe não obedeçese, porque, como não sabia o que fora, temia não tão somente ter feito crime, mas ir-lhe estorvar o que tinha concertado com o Tidore.

Dom Rodriguo se meteo com ele e nisto cheguou o capitão armado, e de longe lhe dise el-rei: «A, senhor, torne-se Vosa Merce, que o senhor Dom Rodriguo esta comiguo e eu o tomo sobre mim». *Pelo* que se tornou pera a coracora e Dom Rodriguo pera o seu paro, sem sair mais fora; e el-rei pera o Tidore e acabou com ele ver-se com o capitão, como se fez em tera, na mesma tarde, e foi bem abraçado do rei e o rei dele, folguando muito de se ver o rei, por a fama do capitão, e o capitão, por a jentileza e boa pesoa do rei, que guanhava a todos.

E, com este prazer, se concertou derubar a fortaleza, a qual foi o capitão somente com / / dous criados; mas refusando o rei, asi por lha [94]
não verem, como por temer fazerem-lhe alguma descortesia os do bando contrairo; mas entendendo que asi os segurava mais, foi com grande trabalho, por a aspereza do caminho, e vio tudo; cuja ousadia fez espanto aos mouros. *E*, tornando, concertou com os reis que ao dia seguinte iria Beltesar Veloso derubar algumas pedras, em sinal do conçerto, e depois derubarião eles o mais, por não ousarem, enquanto ele ali estava.

Ao outro dia saio o capitão a praia com alguns homens e mandou a Beltesar Veloso que fose ao outro fazer o asentado; e diante, a Quenchil Muna Vary, que fora enbaixador do Tidore em Geilolo, e a Francisco Carvalho e a Martim Calado, portugueses que ai resedião a fazer cravo. *Os* quais tornarão loguo mui afadiguados, dizendo que estavão na fortaleza muitos armados, pera matar aos que o fosem derubar; a que o capitão não deu vento, porque tevera ja muitos rebates destes, de que os soldados estavão enfadados e deste esperarão loguo aver presa.

E nisto cheguou Beltesar Veloso e Manoel Veloso e Gaspar de Azevedo, seus sobrinhos, ao qual perguntou o capitão, (como omem que não sabia nada) a que tornava. *E* respondeo o que lhe diserão os outros no caminho, que estavão presentes. *E* o capitão mui seguro lhe dise: «Espanto-me muito de vos, senhor Beltesar Veloso. Credes quanto vos dizem. Ora ide e matem-vos».

O esforçado velho tornou mui alegre, senhor si (sic), de muito boa vontade. *E* derubou todo o que quis em paz, sem achar ninguem que o enpedise; e tornou la dai a muitos dias, com seus escravos, e acabou de por tudo por tera, por o não terem bem feito os Tidores.

E desta maneira tomou Bernaldim de Sousa, por sofrimento e descrição, aquela fortaleza, que não podia tomar por força, com que cerou o numero de tres, a saber: estas duas e Catifa, do reino de Ormuz.

Acabado tudo, ouve o Ternate licença e foi-se pera sua casa, e
[95] Dom Rodriguo, com os de Talangame, fizerão o / / mesmo secretamente, de noite; e querendo-o na mesma noite prender o capitão, o não achou, do que pesou a seus amiguos, por reçearem quere-lo ir fazer a Talanguame, aonde se aventurava mais.

CAPITOLO 11

De como ordenou Bernaldim de Sousa prender a Dom Rodriguo e deixou a fortaleza e se foi pera a India.

Como Bernaldim de Sousa não achou a Dom Rodriguo, fez seu caminho pera Talanguame; e, chegando a vista dele, mandou ao ouvidor que se enbarcase com Beltesar Veloso e que fosem dereitos a sua casa e o prendesem e ele iria nas suas costas, pera acodir, se fose neçesario.

Como Dom Rodriguo vio ir ao capitão por aquela parte, ordenou defender-se por armas, o que lhe não consentirão alguns amiguos, que despedirão loguo a hum seu cafre, levar por tera recado a el-rei, que acodise, pera evitar alguma desordem, se aconteçese.

E, entanto, o fizerão sair pera o mato que estava detras, o que bem vio Beltesar Veloso e o ouvidor; mas, desemulando, levarão recado ao capitão (que era ja desenbarcado) que o não acharão em casa; o qual se foi asentar a porta de Dom Rodriguo e lhe mandou escrever e depositar çerta roupa que tinha, avendo que era del-rei, pera o gasto da caravela, que lhe esperava tirar; e, sabendo Dom Rodriguo, quis dar nele e não sofrer aquela afronta; do que foi inpedido pelos mesmos amiguos, por não ter gente pera o ajudar e ter a caravela varada, que não poderia botar ao mar, pelo que se acabaria de perder.

Acabado isto (não pouquo murmurado) se enbarquou o capitão pera a fortaleza e, a pequeno caminho, encontrou com el-rei, que vinha em hum fermoso calaluz com toda a presa acodir; e, como entendeo que vinha fora de tenpo, desemulando, voltou com o capitão; em cuja conpanhia, / / feita huma soiça ([20]), desenbaquou na [96] fortaleza, aonde o capitão proçedeo por editos contra Dom Rodriguo e alguns dos seus, sentençeando-os em certo degredo, antes que chegase a naao da India, aonde se esperava por capitão, que não foi, nem naao, por morer Dom Garçia de Meneses em Malaqua, que ai provido da capitania pelo viso-rei Dom Afonso, em huma caravela, em que, na monção de Banda, foi Games (sic) Brito.

Vendo-se asi frustrado Dom Rodriguo, enbarcou-se com Dom Joam Coutinho, na entrada de Fevereiro de quinhentos e cinquoenta e dous. *E* loguo foi o capitão a Talanguame e achou a caravela mui roubada, daneficada e areada; de maneira que, com toda a jente que tinha e a dos outros navios, a não pode botar ao mar, quebrando-lhe muitos aparelhos e alçapremas; pelo que foi a Batochina no batel, com duas corocoras, a cortar outras e muitos rolos e madeira neçesaria; o que lhe custou muito trabalho e enfermidade que depois teve. *E* asi, em espaço de dous meses, a botou ao mar.

([20]) O mesmo que *suiça*, que neste ponto tanto pode significar «guarda» de espingardeiros, criada por Afonso de Albuquerque, como «certo cortejo», ou ainda «qualquer discurso».

Os navios se vierão todos, ate vinte de Fevereiro, bem careguados, por a grande novidade que ouve. *E*, apos ele, mandou o capitão a hum Rafael Carvalho, em duas coracoras, saber novas da India e Malaqua a Banda; o qual achou em Anboino a Gomes (sic) Bareto na caravela de Dom Garçia, com algun provimento pera a fortaleza; e deu novas da vitoria que ouve Malaqua do cerquo que lhe pos o rei do Jantana com os Jaos; e que na primeira monção ia Francisquo Lopez de Sousa por capitão da fortaleza; com as quaes novas se alegrou ho povo e muito mais o capitão.

E, como soube que avia de achar a Francisquo Lopez de Sousa, seu primo, em Malaqua, entreguou a fortaleza a Beltesar Veloso, de quem confiava muito; e, tomada a menajem, partio-se pera Anbaino nas mesmas coracoras, com grande sentimento de cristãos e mouros. *E* meteo-se na caravela de que era capitão Manoel Boto e veio a Malaqua, aonde achou a Francisquo Lopes de Sousa.

Dom Rodriguo adoeçeo e moreo ai, fartando-se de aguoa sôbre huma purgua. *Daqui* alguns tomarão ocasião de dizer que fora
[97] peço/ /nha; e pareçe que seria da que trazia, por se ver prove e tão mal tratado; e dezião que dezia que se avia de vinguar com Bernaldim de Sousa por justiça; e, se fose condenado, avia de ser seu amiguo; e vençendo, avia de fazer enxecução por o riguor das armas.

Os que mais sabião de Bernaldim de Sousa dezião que o fizera, por conprir ao serviço e estado del-rei naquela tera tão aforada a desobediençias, de que ja procederão bandos que pararão em grande verguonha do maao exenplo antre mouros; e daqui veio a Jurdão de Freitas prender em feros a Francisquo de Azevedoo Coutinho, capitão da naao Taforea, em que ia, antes que chegase a Malaquo. *E* o mesmo Bernaldim de Sousa dizer a Duarte de Miranda o que escrevi no deradeiro capitolo da segunda parte e a prende-lo depois, por não querer levar huns berços quebrados pera a India; e a fazer a Jorge de Sousa estar diante dele em pe, falando com o barete na mão; e, ficando-lhe huma carapuça, lha mandou tirar e que metese tudo debaixo do braço; e prende-lo e condena-lo em dozentos cruzados que paguou, por algumas descortesias e lhe não querer mandar

mostrar a patente da sua capitania, nem ir, mandando-o chamar. *O* que proçedeo duns requerimentos que lhe fez sobre Bernaldim de Sousa o não consentir envernar, chamando-se neles, algumas vezes, capitão-mor; e em todas lhe borou o mor, pondo-lhe, por antre-linha, feitor; e asi ficava dizendo capitão e feitor, conforme a dita patente.

Tirou mais outros costume, de que alguns capitães se aproveitavão ou a seus creados; que era não darem liçença, maiormente aos riquos, pera se virem nem enbarcarem cravo, sem aderençias que custavão muito dele; com o qual reçeio não ousavão la ir mercadores, que era o que pretendião.

Tanbem era costume darem os riquos aos pobres e aos negros da tera roupas por cravo, a paguar na novidade por menos preço do que jeralmente valia. *E*, como a novidade mancava, sobia o cravo a muito maior preço, ao qual obrigavão a pagar aos acredores (sic), do que ficavão muito daneficados.

Mandou Bernaldim de Sousa que quem não tevese / / cravo, que [98]
paguase o mesmo que reçebera, ou lhe esperasem ate que o ouvese. *E* primeiro enxecutou em sy a ley, a qual fiquou em costume por algun tenpo. *Foi* morer a Ormuz, sendo capitão dele, cuja alma Noso Senhor tenha em gloria.

CAPITOLO 12

Em que se trata e resumem os reis que ouve em Maluquo, depois que a ele forão portugueses.

Quando Francisquo Serão cheguou a Maluquo, naquela primeira idade de seu descobrimento reinava em Ternate (segundo alguns escreverão), Quichil Boleife e, segundo dizem, seus filhos (sic) se chamava Quichil Baiano Çirola, que quer dizer «luguar bom e linpo e cousa clara».

Era mui prudente, insinado da longua idade. *Por* sua morte, ficarão muitos filhos, de que quatro forão reis, dos quais tratarei

(socintamente) ainda que em alguma maneira saia fora de minha profisão, particolarmente do deradeiro que ora reina:

O primeiro que o soçedeo avia nome Quechil Buaia, que na linguoa malaia diz «Quechil lagarto» e na arabia «aguoa viva». *Este* reinava, quando se começou a fortaleza, aonde foi metido pera segurança dela e foi morer a sua casa. *E* soçedeo-lhe seu yrmão Quechil Daialo, que tambem foi metido na fortaleza, aonde estava, quando matarão a Gonçalo Pereira, capitão dela. *Por* cuja morte o soçedeo Viçente da Fonsequa, o qual soltou ao mançebo, por apaziguar a tera, a roguo do povo e da mãi; mas, tratando-o com desguosto, por a culpa do delito, se forão, mãi e filho, pera o luguar de Açoconora, meia leguoa da fortaleza; donde se pasarão pera Tidor e por esa causa fez Viçente da Fonsequa rei a hum irmão, chamado Quechil Tabarija, que tambem meteo na fortaleza, seguindo todos o conselho que Quechil Daroes dera a Antonio de Brito.

E, soçedendo Tristão de Ataide a Viçente da Fonsequa, prendeo
[99] ao / / Taberija e a mãi e ao regedor Pate Çarangue, seu padrasto, e a outros muitos mandarins, que mandou pera a India, por mexeriquos de se quererem alevantar. *Este* se fez depois cristão e se chamou Dom Manoel e moreo em Malaqua, como se dise; e a mãi e padrasto o seguarão, depois de sua morte, e em deferentes tenpos e por diversas causas.

Por a presão destes, fez Tristão de Ataide a outro meio irmão, filho duma molher da casta da Jaoa, chamado Quichil Aeiro, que ora reina, ao qual deu por regedor o Çamarao, omem de muita reputação, por o qual mandou lançar por todos os povos roupas, pera darem cravo a sua Alteza, a razão de tres pardaos o bar, como era asentado por Antonio de Brito; o qual açeitarão forçados do medo, porque lhe davão porque lhe davão (sic) os Portugueses mais por ele.

E, como Tristão de Ataide era asomado e conhecido por cavaleiro, temião-no com grande odio, o qual teve naçimento da presão do rei e por lhes dar outro que avião não ser igual por parte da mãi, e confirmou-se com a conpra do dito cravo. *E*, como seus irmãos erão nisto a principal parte, seguião-nos o povo.

E, acumulando os agravos pasados aos presentes, alevandarão--se juntamente com os Tidores e Bachões, não escapando os filhos nem parentes do Çamarao, que neste tenpo estava na ilha da Caioa; e, sentindo a nova, veio por Maquiem, donde levou, casi por força, hum portugues que ai estava e se meteo na fortaleza, onde achou o novo rei recolhido com alguns pouquos criados. *E* com seus ardis avião os Portugueses muitas vitorias, ate virem a obediencia muitos mandarins e regedores, com os quais creçião muito as vitorias de Tristão de Ataide, que fez esta guera com grande prudençia e esforço; e foi qual que me dise o Pate Çarangua, dai a muitos anos, que ele fora o melhor capitão que ouvera em Maluquo e deve ser crido, por ser seu amiguo.

E, soçedendo-lhe na capitania Antonio Galvão, não teve mais que fazer que dar huma batalha em Tidore, em que matou ao rei Daialo, com o qual se concluio a paz e fiquou o Aeiro obedeçido e foi senpre lial, servindo a fortaleza com suas armadas e navios, a sua custa e do seu povo, sem lhe por iso ser dado nada, porquanto la não ter a fortaleza fustas nem catures nem outras nenhuma enbarcação, senão as coracoras do dito rei que da quando são necesarias; o qual serviço se não a/ /chara em outro nenhum vasalo do Mundo, sem ser [100]
obriguado por guera nem algun contrato de paz, e asi se espanta da memoria de treição, como se fora naçido do mais leal sangue lusitano.

E, de muitos anos a esta parte, o fazem tredoro em todos, o que me pareçe que proçede de nosas culpas, esperando o justo castiguo delaas e de pouqua consideração da maliçia dos Maluquos, que nos trazem as novas e de nos as levão a eles, de que contarei hum caso pera exenpro dos mais.

Sendo Dom Jorge de Castro capitão, pedio-lhe el-rei liçença pera ir alguns dias folgar fora com suas molheres e filhos. *E*, dando-lha, foi e tornou ao outro dia a tarde, asi como fora; e, espantando-se diso o capitão, lhe perguntou da praia como vinha; o qual respondeo que por hum mexeriquo e que por a manhã veria a fortaleza dar-lhe conta dele. *E* vindo, lhe dise que hum negro onrado, que ai trazia preso, lhe

fora dizer que a noite antepasada lhe dera ele, capitão, tormento, pera que cofesase a treição, que lhe ele, dito rei, tinha ordenada; que ele ja sabia; e por iso, que se fose e não tornase a fortaleza e o mesmo lhe aconselharão os seus. Mas ele e o Çamarao forão de contrairo pareçer, pelo que tornara e vinha ali saber o que era e estar a obediençia; do que Dom Jorge se espandou muito, temendo dizer o negro que era verdade; mas sendo posto diante, pera lhe fazerem pregunta, se lançou aos pes do rei, confesando que lhe mentira, pelo que o mandou enforquar e se tornou a seus praseres.

Despois foi com o mesmo Dom Jorge por çerquo a Geilolo, donde se tornarão sem fazer obra, por outra nova falsa de treição; pera qual teve muitas vezes aparelho, se ela morara em seu peito, particolarmente quando se veio Bernaldim de Sousa de Maluquo e deixou a fortaleza a Beltesar Veloso, tão deneficada que em toda ela avia casa nem aposento cuberto, salvo huma cozinha; e ouve nisto tanto estremo que avião os negros que a querião deixar os Portugueses; o que procedeo do maao provimento dela e duns novos regimentos de poupar; e asi na povoação, como por fora, nas ilhas, não averia quarenta homens; e ajuntando-se ai muita gente de todas as partes ao çasamento da primeira filha do rei com o de Bachão, sentio que se
[101] temião de tamanho ajuntamento e mandou // que ninguem saise com armas em tera. *E* asi foi que nem huma faqua se vio a nenhuma pesoa; e fez a vista de todos muito gasalhado e onra aos Portugueses e suas molheres (ainda que erão pretas) pondo-as acima de suas irmãas.

Tanbem lhe fez justiça, mais da que reçebe, porque, sendo Cristovão de Sa capitão, a prymeira vez, lhe mandou entregar dous negros que matarão huma negra dum portugues; e hum foi enforcado e o outro morto em huma bonbarda. *E*, sendo capitão a segunda vez, lhe fez queixume que huns Tabaros ([21]), vasalos do Bauto, regedor de Meia, çidade da Guomoconora, derão hum salto em vingança doutro no lugar de Çugala, cristão no Moro, pelo que loguo foi a

([21]) Supomos que seja o mesmo que *Javaros*, indígenas habitantes das montanhas, bravios e guerreiros.

Gamoconora e fez tornar a presa e cortou a cabeça ao Bauto e a mandou ao capitão, porque lhe deo licença.

Sendo Francisquo Lopez de Sousa capitão, lhe pedio, por huma provisão do viso-rei Dom Afonso, que mandase fazer todo o cravo, de cabeça, alinpando todo o bastão e madre; o que mandou loguo fazer, contra vontade dos seus, que recebião niso grande perda e acrescentavão trabalho; e segirão-no os outros reis. *E*, pedindo-lhe, a requerimento dum padre da Companhia, que lhe dese algumas corocoras, pera mandar ao lugar de Çamafo, del-rei de Tidore, apartar e tirar os cristãos dos mouros e gentios, dise que aquela obra era grande e não podia aver efeito, senão por eles anbos e por iso seria bem irem la. *E*, pareçendo bem ao capitão, deixou a fortaleza a Gavriel Revelo; e, tomada a menajem, se enbarquou em corocoras com alguma jente e deixou a outra na fortaleza; (e, sendo-lhe por o caminho feitas todas as onras de banquetes e presentes devidas ao rei) chegarão ao Moro, aonde andarão trinta e seis dias.

E ai foi cometido do Tidore, que matasem ao capitão e Portugueses e tomarião a fortaleza e ficarião todos livres; o que dizem que abominou grandemente; e com muito trabalho seu e de Pero de Ramos e Baatião Valejo, que o aconpanhavam, apartou muitas molheres dos maridos e maridos das mulheres e paes dos filhos e filhos dos paes; e, ficando os infyeis, forão os fieis postos nos lugares dos cristãos. *E*, tranzendo ele huma molher de muito tenpo consiguo, sem lha conheçerem, dise: «ora estou bem aviado; venho a tirar as molheres dos outros e não tiro a que / / traguo»; e loguo a despedio, [102]
com muitas saudades de anbos.

Adoeçendo, depois, Francisquo Lopez e estando na deradeira, fez socesão da fortaleza a Cristovão de Saa, que ai estava por capitão da naao da careira, por se não atrever deixa-la a Felipe de Aguiar, a quem pertençia, por alcaide-mor; o qual, por esta causa determinou tomar por força as chaves ao criado que fechava a porta. E, sabido por o rei, o reprendeo, dezendo que ainda podia sarar o capitão; e se morese, ai lhe ficava tenpo pera aver o seu.

O Aguiar com boas razões ouve que o tinha obriguado pera quando fose tenpo, pelo que, no mesmo dia, apresentou Cristovão de Saa estromento da soçesão ao povo e foi de todos obedeçido. *E*, morendo o capitão, dai a quatro dias veio o rei com doo, a portuguesa, a seu enteramento. E, feito, se asentou a porta da fortaleza, perante quem Cristovão de Sa (incapazmente) contendeo com Felipe de Aguiar sobre pose, aleguando hum a soçesão e a ordenação do segundo livro, titolo dos alcaides-mores; e outro, do regimento do Governador Nuno da Cunha, porque faz aos alcaides-mores socesores das fortalezas, por morte dos capitães. *E* anbos fazião juiz ao rei, senão quanto (sic) o Aguiar o fazia seu rei e senhor, aqui ele avia de obedeçer; e outras cousas semelhantes, nasçidas da cobiça e anbição.

O rei a tudo calava, mas vendo-se apertado danbas partes, dise em alta voz: «Senhores portugueses, não a quem duvide que antes que vieseis a esta tera, erão os Maluquos mui barbaros; e ainda, em suas cousas, de pouquo saber; e.o bom que aguora temos, de vos aprendemos, porque vos guovernaes por letrados e religiosos e justiças que enderetão as cousas tortas; pelo que o voso entendimento e mais verdadeiro e a este quero seguir; pelo que vos peço, da parte del-rei, meu senhor me diguaes a qual destas leis devo seguir, pera que Sua Alteza seia bem servido e sobre vos seia a culpa do ero, se o ouver, porque estou prestes pera seguir o melhor». *E*, calando-se todos, fycou livre de poder erar.

E dai a pouquo, porque hum dise que obedecia a Cristovão de Sa, pois ja era metido de pose, seguirão-no todos, em voz alta, do que el-rei folguou muito, por Cristovão de Sa ser bem quisto; e o Aguiar,
[103] muito mal. / /

CAPITOLO 13

Em que se prosegue e conclue a estoria.

Soçedendo Dom Duarte de Çaa na capitania a Cristovão de Saa, acaretou, o rei e seus filhos e gente, toda a pedra que avia por a

povoação dos Portugueses, sem ajuda deles nem de nenhum seu escravo, pera se fazer hum baluarte, que caio, da fortaleza, pera o qual deo toda a qal que foi neçesaria, de graça; e, ao segundo ano, por não sei que causa, o prendeo o capitão e a may e a ho irmão Quechil Guzarate e forão postos na logea da tore e a ele forão lançados dous grilhões com huma corente presa a huma camara de bonbarda e humas algemas nas mãos, tapando-lhe todos os buraquos que podião dar luz e tirando-lhe o comer, ate lho vir a dar a Misericordia e alguns casados, as somanas. *E* duas vezes achou nele peçonha, a qual conheçeo com hum anel que tinha de metal e pasou ali, segundo ouvi, outras muitas calamidades não costumadas antre cristãos.

E por ela fizerão os Maluquos crua guera a fortaleza, por a qual forão forçados, os Portugueses a prender o capitão e soltar ao rei, o qual foi pouquo a pouquo ajuntando a sua jente, ate fazer armada com que ajudou aos Portugueses contra (o famoso naquelas partes) rei de Tidore. *E* cheguou a fazer a *çunbaia* aos seus, pera que socoresem a Dom Jorge Deça, que estava abalroado e ferido com muitos portugueses em huma fusta, o que os seus fizerão esforçadamente e a ajudarão a salvar.

E, soçedendo Manoel de Vasconçelos na capitania, foi o rei ao Moro, que estava por o Tidore, e pos çerquo ao Tolo, cabeça de toda a comarqua, e fortificado por natureza e tranqueiras e artelharia.

E, porque não podia guardar a tera e o mar, foi a Çequita, no Morotai, trazer huma caravela que ai careguava de mantimentos pera a fortaleza. *E*, acalmando-lhe o vento no caminho, desguerou muito longe com as grandes corentes que aly a, sem nenhuma esperança de tornar, como ja ali tinhão feito / / algumas chanpanas. *E* o rei a foi [104]
socorer com suas corocoras; e, dezendo-lhe alguns portugueses que era em vão seu trabalho e que se tornase, dise que se não avia de perder o navio del-rei, seu senhor, aonde ele estava, vindo a gente morta de fome e sede, por não yrem aperçebidos; e dali a foi por no porto de Tolo, e se foi ao raial, aonde esteve quasi quatro meses; ate que, por força darmas, entrou e tomou a fortaleza e o capitão dela,

primo do rei de Tidore, com muita gente. *E* ele perdeo muitos dos seus e quatro ou cinquo portugueses e feridos outros, em que entrou Anrique de Lima, que la he avido por famoso. *Com* a qual vitoria fez o rei paz, tão forçado da neçesidade, que, sendo de menos de trinta e cinquo anos, desestio do reino com grande animo, por as não fazer como rei; e entregou o reino a hum yrmão mais moço e ficou sendo regedor; e como tal as fez e obedeçeo ao vençendor, cousa dina de grande memoria.

E, ficando o Ternate vençedor paçifiquo, em luguar de se satisfazer dos agravos reçebidos (como muitos esperavão) arenunciou todo seu reino e senhorio em el-rei, noso senhor, e o reçebeo em seu nome e como da sua mão, pera o guovernar e lho tornar a entregar cada vez que Sua Alteza mandase; e se fez vasalo, que dantes não era. *De* maneira que de livre se fez servo, de modo que com todos estes seviços e os outros de que nesta istoria não trato, afirmo que mais se lhe deve, por o que sofre, que por eles.

E não me declaro mais, por não repunhar a oupenião de muitos; mas os mais livres de paixão e que não sabem menos da tera afirmão estar no rei a segurança da fortaleza, por causa da fraqueza e mao provimento e longe o socoro dela; e que em vida dele não pasara detrimento da gente da tera nem estrangeira, ainda que seia de Castela, a qual alguns deseião, por se satisfazerem de suas ofensas, ainda que geralmente tenhão em mais estima e melhor conta aos Portugueses. *E* daqui veio huma escrava dum Luis de Paiva não querer casar com hum soldado castelhano, chamado Alonso Garcia, sendo casamenteiro o Padre Mestre Francisquo; o qual deo, por parte do noivo, algumas razões, a que não podia fugir; de que se vio tão afadiguada que lhe jurou loguo por a cruz que nem com el-rei dos Castelhanos avia de casar; do que o padre depois ria muito, gavando-a.

E, estando huma vez hum mandarim de Maquiem, chamado
[105] Quebuba, em huma praia de Tidore, lhe dise Dom / / Alonso Manrique e outros soldados grandes grandezas de Castela e pouquidades de Portugal, araiando na mesma praia Castela, mui grande; e Por-

tugal, mui pequeno; e, calando-se o negro a todo o mais, respondeo: «quando aquilo asi, como foi o de Algibarota?» *E* outros dizem que perguntou aonde estava ali a Algibarota. *Mas*, como quer que fose, em no dizendo, se acolheo ao paro bem acompanhado de pedradas.

E, porque a contenda destas ilhas não he oculta aos moradores delas, tem por çerto que ou huns ou outros os ão-de senhorear. *E*, como o Ternate tomou a parte portuguesa, em cuja poliçia se criou e ensinou a seus filhos, pareçe que dele mais que dos outros se deve ter confiança, aos quaes favoreçem, sendo senpre da parte contraira.

E, aynda que estes bens não proçedão de amor (como alguns dizem), ao menos serão por se não ver abatido deles, como se vem dele; asi que sua anbição nos segura; alem de sua condição ser branda e pouquo belicosa e de muito sofrimento e grande obediençia, no que claramente entende ser serviço del-rei.

E, se alguma duvida ha nesta parte, proçede algumas vezes de culpas alheias, porque diz que ninguem entende melhor o serviço del-rei que ele, que e rei, e lhe usurpão seu mereçimento, atreboyndo-o a si, diante a magestade real, desfazendo todos nele, por fazer em si; pelo que são demenoidos seus serviços e multiplicados seus queixumes, sem avertirem quanto importa te-lo quieto e desagravado, por o muito que monta aquela fortaleza, pois sem ela caira o Estado da India em grande demonuição, particolarmente se for em poder de Castelhanos, que dali ãao todas as drogas, a saber: o cravo e a noz e maça, de Banda; pimenta, de Jaoa; sandalo, aquila, de Timor e Macaçar; canela, de Mindanaao e da Jaoa; gingivre, calangua, pimenta longua, tamarinho, açafrão, da tera; canas pera fazer açuquar, salítre, enxofre, madeira, fero, estopa, breo, azeite; não falta nela nem em Borneo e per outras ilhas, muita pedraria, aljofar, perolas, canfora, tartarugua e ouro; e pera a prata, cobre, azougue, pedra ume, vermelhão, seda e outras mercadorias riquas, não lhe fiqua Japão e a China tão afastados como he em seus corações a cobiça destas cousas; e nos dos Maluquos, verem-se livres dos Portugueses. / / [106]

Capitães que forão em Maluquo

Antonio de Brito, que edifiquou a fortaleza.
Dom Garçia Anriques.
Dom Jorge de Menes (sic).
Gonçalo Pereira, e por sua morte,
Vicente de Afonsequa.
Tristão de Ataide.
Antonio Galvão.
Dom Jorge de Castro.
Jordão de Freitas.
Bernaldim de Sousa.
Cristovão de Saa.
Bernaldim de Sousa, outra vez, com
Beltesar Veloso.
Francisquo Lopez de Sousa.
Cristovão de Saa, outra vez.
Dom Duarte Deça.
Antonio Pereira Brandão.
Manoel de Vasconcelos e
Bastião Machado, que de escrivão da feitoria soçedeo a feitor e alcaide-mor e a capitão por a morte.
Anrique de Saa.
Alvaro de Mendonça.
Dioguo Lopez da Mesquita de Lima, que serve nesta tera de 1569 anos.

Tenpo que se guasta na viajem corrida de Malaquo, tratando do bom partir e cheguar.

Partem de Guoa a 15 de Abril; cheguão a Malaqua na fym de Maio; e dai, a 15 de Aguosto e cheguão a Maluquo ate a fym de Outubro; donde partem a 15 de Fevereiro e em seis, sete dias,

cheguão a Anboino, donde partem a 15 de Maio ou segura a lua cheia do mesmo mes e cheguão a Malaqua no fim de Junho.

E, pera bem tomarem as naaos do Reino, partem de Malaqua a 15 de Novembro e cheguão a Cochim na entrada de Janeiro; e descaregando ai, chegão a Goa ate quinze de Março. *E* asi se guastaom (sic) vinte e tres meses de viajem. *E* por a via de Banda poem trinta meses. // [107]

Forças tiradas do contrato feito entre el-rei
Dom João o terceiro e o Enperador Carlos,
sobre Malaquo.

A vinte e dous dias de Abril de mil e quinhentos e vinte e nove anos forão juntos na çidade de Çaraguoça de Araguão Mercurio de Guatinara, conde de Guatinara, chancherel (sic) maior do Enperador Carlos, rei da Castela; e Dom Frei Garçia de Loaisa, bispo de Osma, seu confesor; e Dom Frei Garçia de Padilha, comendador-mor de Calatrava, procuradores de Sua Magestade; e Francisquo dos Coivos, seu secretario, esprevão e notario pubriquo; e Antonio de Azevedo Coutinho, enbaixador e procurador del-rei Dom João o terceiro de Portugal. *E* diserão os tres procuradores de Sua Magestade que, em seu nome, por vertude da sua procuração, vendião como de feito venderão daquele dia pera senpre a el-rei de Portugal e todos seus socesores da coroa de seus reinos, todo o dereito, aução, domenio, propriedade, posisão ou casi posisão e todo o direito de naveguar, contratar, comerciar por qualquer modo que fose, que o Enperador rei de Castela dezia e podia ter por qualquer via, modo e maneira que fose em Malaquo, com os luguares, terras, mares, segundo seria adiante declarado, por preço de trezentos e cinquoenta mil cruzados douro ou prata, que valese em Castela trezentos setenta e cinquo maravedis, cada hum, a qual venda se fez com as condições seguintes:

Item. Que em qualquer tenpo que o Enperador e seus soçesores tornarem ρ dito dinheiro, sem lhe faltar cousa alguma, a el-rei de

[108] Portu/ /gual e seus soçesores, fique a dita venda desfeita, ficando cada hum com o direito que tinha dantes e pera se saber a repartição:

Item. Avião por deitada huma linha de polo a polo, a saber: norte-sul por hum semicilculo que dislase (sic) de Maluquo, ao nordeste, tomando da quarta de leste, dezanove graos, a que respondião dezasete graos escasos em a equinocial, em que montavão dozentas noventa e sete leguas e meia por grao equinocial. *No* qual merediano e rumo de nordeste e quarta de leste estavão situadas as ilhas das Velas e Santome, por onde pasava a dita linha e semisirculo. *E*, sendo caso que as ditas ilhas estivesem ou distasem mais ou menos de Maluquo, todavia a dita linha ficase lançada nas ditas dozentas noventa e sete leguoas e meia, mais ao oriente de Maluquo. Do que farião dous padrões iguaes asinados por os reis e aselados de seus selos, pera fiquar a cada hum o seu, e seus vasalos saberem por onde avião de navegar.

Item. E qualquer tenpo que el-rei de Portugual quisese que se vise o direito de propriedade de Maluquo e as teras e mares comteudas no contrato, posto que ao tal tenpo o Enperador não tenha tornado o preço nem o comtrato fose resoluto, cada hum dos ditos senhores nomease tres astroliquos, tres pilotos ou tres marinheiros espertos os quaes se ajuntarião em hum luguar da arraia que lhes fose nomeado, onde asentarião da maneira em que se avia de ir ver o direito da propriedade, conforme as capitulações feitas ante el-rei Dom Fernando e a raiiha Dona Isabel, com el-rei Dom João o segundo de Portugual. *E*, sendo caso que se julgase o direito por Castela, não se exetuaria nem faria de tal sentença, sem primeiro tornar realmente os trezentos e cinquoenta mil cruzados. E, sendo o direito julgado por el-rei de Portugual, seria obriguado o Enperador tornar o dito dinheiro, do dia da sentença a quatro anos primeiros seguintes.

Item. E vindo de qualquer parte algumas droguas ou especiarias aos reinos de Castela ou Portugual, serião depositados, ate se saber
[109] se / / erão da parte que cabia a Portugual ou a Castela; e dar-se-ão a quem pertençesem. *E*, sendo levados a teras de imiguos, cada hum

dos reis as poderia pedir pera anbos, sem outro poder nem procuração e que se não entenderia nas que fosem pera el-rei de Portugal.

Item. E da dita linha pera dentro não poderião as naaos do Enperador nem de seus subditos e vasalos nem doutras nenhumas pesoas antrar con seu favor e ajuda nem se nela tratar, naveguar, comerciar nem careguar cousa alguma, de qualquer maneira e sorte que fose. *E* quem o contrairo fizese, seria preso por qualquer capitão ou justiça del-rei de Portugal e por eles avidos e castiguados como cosairos e quebrantadores de paz; e, não sendo achado dentro da linha e indo ter a algum porto outro do Enperador, as suas justiças os prenderião e castiguarião, como lhe fosem mostrados autos e pesquisas per que fosem obriguados.

Item. O Enperador, por si nem por outrem, não enviaria as ditas ilhas e mares dentro da dita linha nem consentiria que la fosem seus vasalos e naturaes nem estrangeiros, postos que naturaes nem vasalos fosem, nem lhes daria favor nem ajuda, antes seria obriguado a defende-lo quanto nele fose. *E*, mandando-o ou dando favor e ajuda e o não estorvase e defendese quanto nele fose, que o dito pauto de retrovendendo ficase loguo resoluto e el-rei de Portugal não seria mais obriguado a reçeber o dito preço nem a retrovender o direito e aução que o dito Enperador, por qualquer maneira, podia ter a ele; antes, por vertude do dito contrato, tinha vendido e renunçiado e trespasado em el-rei de Portugal e pelo dito feito a dita venda fique pura e valedeira pera senpre; na qual pena não encoreria, quando alguns seus vasalos, naveguando por o seu mar do Sul, entrasem com fortuna e tenpo forçozo a dita linha, porque então serião bem tratados, como vasalos del-rei de Portugal e do Enperador, seu irmão; e seçando a neçesidade, se tornarião loguo a sair. *E*, pasando a dita linha por ynorançia, não encorerião, por iso, em pena, ate lhe não constar que estavão dentro e se não saisem.

Item. E descobrindo, os que asi entrarão, algumas teras ou ilhas dentro da linha, serião del-rei de Portugal, como se as descobrisem seus capitães e vasalos. // [110]

Item. E as naos do Enperador e de seus subditos e vasalos poderião naveguar por os mares por onde as armadas del-rei de Portugual yão pera a India, tanto quanto lhe fose neçesario pera tomar suas derotas pera o estreito de Magualhães; e, naveguando mais por os ditos mares del-rei de Portugual, encoreriaom (sic) nas ditas penas. *E*, constando que o fizerão por mandado, favor ou ajuda do Enperador, as penas sobreditas asi e da maneira açima declaradas e todos serião castiguados por os capitães e justiças del-rei de Portugual, se por eles fosem achados. *E* indo ter as teras do Enperador, o serião por ele e suas justiças, mandando-lhe as culpas nas quaes encorerião, da nateficação do contrato en diante. *O* que se não entenderia nas armadas que o Enperador tinha mandadas aquelas partes; e, do dia do outorgamento do contrato em diante, não poderia mandar outras de novo, sem encorer nas ditas penas.

Item. E el-rei de Portugual não poderia fazer nem mandar fazer dentro da dita linha nenhuma fortaleza de novo nem se faria obra de novo na que estava feita, mas poder-se-ia sostentar no estado em que então estava; e jurava de asi o comprir e manter.

Item. E as armadas que o Enperador la tiha mandadas, serião bem tratadas e favoreçidas, como se fosem del-rei de Portugual e não lhes seria posto enbaraço nem enpedimento a sua navegação e contratação. E que, se dano algun ouvesem reçebido ou reçebesem ou lhe tevesem tomado algumas cousas, seria obriguado, el-rei de Portugual, enmendar e satisfazer e paguar loguo o que o Enperador e seus subditos ouvesem sido danefiquados e de mandar ponir os que o fizerão e de prover com que as ditas armadas se podesem ir quando quisesem, sem enpedimento algum; e o Enperador mandaria loguo suas provisões, pera os que estivesem no dito Maluquo sairem loguo e não entrarião mais nele e que lhes deixarião trazer o que tivesem resguatado, contrado e careguado.

Item. E que nas provisões e cartas que açerqua deste contrato o Enperador avia de pesar, diria que o que dito era se asentava e capitolava, contratava, valese bem como se fose feito e pasado em cortes geraes, com consentimento expreso dos procuradores delas.

E que, pera validação diso, de seu poderio / / real ausoluto de que, [111]
como rei e senhor natural, não reconheçente sobperior (sic) em o tenporal, ouvese de usar e usava e abroguava e deroguava, casava e anulava a sopricação que os procuradores das cidades e vilas de seus reinos e nas cortes que se celebrarão na cidade de Toledo e o ano pasado de 1525 lhe fizerão açerqua do tocante a contratação das ditas ilhas e terras e a resposta que a ele dera; e qualquer lei que em as ditas cortes se fez e todas as outras que a isto podese obstar.

Item. E que el-rei de Portugual, porque alguns subditos do Enperador (e outros de fora de seus reinos que o ião servir) se quixavão que na Casa da India e seu reino lhes tinhão enbaraçadas suas fazendas, prometese de mandar fazer clara, aberta e livre justiça, sem ter respeito a nojo que deles podese ter.

Item. E que as capitulações feitas antre el-rei Dom Fernando, rainha Dona Isabel e el-rei Dom João o segundo de Portugual, sobre a demarcação do mar oçeano, ficasem firmes e valiosas em todo e per todo, como nelas era conteudo, tirando as cousas em que por este contrato em outra maneira erão concordadas e asentadas. *E*, sendo caso que o Enperador tornase o preço que por o contrato lhe era dado, em modo que a venda ficase desfeita, em tal caso; as ditas capitulações feitas antre os catoliquos e el-rei Dom Joam ficasem em toda a sua força e viguor.

Item. E que, posto que o direito e aução que o Enperador dezia ter em Maluquo, que asi, por o modo sobredito, vendia, valese mais da metade do justo preço do que por ele lhe dava; e sabia certo por çerta enformação de pesoas que o bem sabião e entendião que era de muito maior estima da metade do justo preço do que el-rei de Portugual dava ao dito Enperador aprazia fazer doação, como de feito fez, do dito dia pera senpre jamais antre vivos valedeira da dita maior valia e estimação, que asi valia mais da metade do justo preço, por muito mais grande valia que fose, o Enperador a demenoia de si e de seus soçesores e desmenbrava da coroa de seus reinos pera senpre e trespasava a el-rei de Portugual e seus socesores e coroa de seus reinos realmente, durando o tenpo do contrato. / / [112]

Item. E foi asentado que qualquer das partes que fose contra o contrato ou parte dele, por si ou por outrem, por qualquer uso e modo que fose pensado, perderia o direito que tinha e ficase loguo todo aplicado junto e aquerido a outra parte que por ele estevese e a coroa de seus reinos, sem pera iso o que contra ele fose ser mais citado, ouvido nem requerido nem ser neçesario pera iso sentença de juiz algum, averiguando-se e provando-se primeiramente o mandado ou consentimento ou favor da parte que contra ele fose. *E*, alem disto, pagaria dozentos mil cruzados douro ou prata a outra parte de pena, na qual encorerião tantas quantas vezes contra ele fosem, em parte ou em todo. *E* a pena levada ou não levada, o contrato fiquaria valioso e firme jamais por quem estevese por ele, pera o que obriguarão todos seus bens patrimoniais e fisquaes dos costetuintes e das coroas de seus reinos. *E* jurarão solenemente e prometerão de em nenhum tenpo irem contra o contrato, em parte nem em todo, por si nem por outrem, em juizo nem fora dele, por nenhuma maneira que pensar se podese; e que em nenhum tenpo, por si nem por outrem, poderião relaxação do juramento ao Santo Padre nem a outrem que pera iso poder tevese. *E*, posto que Sua Santidade, ou quem pera iso poder tevese, sem lhe ser pedido, de seu proprio moto lhes relaxase o dito juramento, que o não aceitarião nem em nenhum tenpo usarião da dita relaxaçaom nem se ajudarião dela por nenhuma via nem maneira que podese ser.

3

CARTA DO PE. NICOLAU NUNES AO SUPERIOR E RELIGIOSOS DO COLÉGIO DE GOA

Ternate, 10 de Fevereiro de 1569

BNL: Fundo Geral N.º 4532.

Fls. 12r-143.

Cópia muito clara, notando-se facilmente um ou outro descuido do copista, sobretudo quando se trata de nomes próprios.

a) Grande movimento de conversões nas Molucas e falta de missionários.

b) Actividades apostólicas em Ternate, onde se está construindo uma igreja muito formosa.

c) Notícias sobre as cristandades do Moro, que vão em muito progresso, apesar de muitas dificuldades.

d) Bachão é a melhor cristandade daquelas ilhas.

e) Visita do Pe. Pero Mascarenhas às Celebes.

Mui Reverendo em Christo Padre e charissimos Irmãos.

A paz e o amor de Jesu Christo faça continua morada em nossas almas. Amen.

O anno passado tirião largas novas destas partes de Maluco e assim tambem dos felices successos que aconteçerão em Amboino e de como aquella terra fiquou mui quieta, que todas aquellas ilhas pedem christandade.

Prazera a Deos, Nosso Senhor, que virão muitos obreiros desse collegio, pera sostentar aquellas partes, que tão faltas estão de quem lhes administre os sacramentos.

E esta he huma das grandes emprezas, que ao presente tem a companhia entre mãos, de que esperamos em Deos Nosso Senhor se dara mui grande serviso. E não menos esperanças temos que agora

se acabara a secta de Mafamede nestas partes de Maluco, pera o que são mui poucos quantos nesses dollegios della ha, porque, ainda que venhão todos, não serão a metade dos que se hão mester pera este effeito.

Roguem, charissimos irmãos, que aumente, Deos Nosso Senhor, o numero dos da Companhia e os vista de suas armas, pera que aya quem reparta seus pães por estas almas tão famintas, a minguoa de obreiros; que ainda que em algumas partes a secta de Mafamede viva, tenho pera mim que con mui pouca resistencia se converterão muitos e entrarão em o curral do Senhor.

Avião de pedir todos a Deos inspirasse ao Superior os mandasse quaa socorrer a tão grande necessidade e desemparo dalmas, como vay por estas partes, pois este he hum dos maiores sacrificios que se pode fazer a Deos, tendo o mesmo officio que Elle teve, que he converter e remir as velhas perdidas assi.

[12 v.] *Este* anno passado de 68, socçederão nestas partes de Maluco, // a saber; Ternate, Moro, Bachão, Celebes, onde os da Companhia residimos, algumas cousas em que se deve louvar muito ao Senhor, principalmente aqui em Ternate, nesta nossa casa, em confissões, pregações e outras obras pias, que os da Companhia costumão fazer.

Pregou o Padre Luis de Goes, nesta fortaleza, aos domingos e festas; e o Padre Pero Mascharenhas, antes de ser enviado aos Celebes; são mui aceites ao povo em suas pregações, feasse muito fructo, o que se ve claramente pola frequencia das confissões.

Esta festa de Iesu nos ajuntamos todos os da Companhia, que ca ha nesta casa de Ternate, e fizemos os votos, precedendo nossas confissões geraes; e passada a festa, fomos cada hum pera sua vinha.

O Padre Reitor comprou este anno duas moradas de casas, que accresçentou ao nosso chão, assi polo nosso ser pequeno, como por sermos destas casas devaçados, e começou huma fermosa igreja e ha-de ser honrra de toda esta terra, por ser a major e milhor que nella ha. A capella esta ya quasi acabada e alguma parte do corpo da igreja, que tem de largura seis braças e mea, e doze de comprido; a qual he muy trabalhosa de fazer nesta terra, por se não acharem

servidores por dinheiro, nem as cousas necessarias para ella; de maneira que os nossos moços ão-de fazer a cal e acarretarem a pedra e a madeira e se não tiveramos moços, não tiveramos obras.

Na terra do Moro residem, este anno, dous padres e hum irmão; e o Padre Diogo de Magalhaes, da banda da Moroçia ([1]) (sic), no populoso lugar do Tollo, e incita todos aquelles lugares comarcões, que daquella banda estão, com muita edificação e bom odor de virtude e muita paciencia, em suas enfirmidades continuas; mas nem por isso, com o seu bom odor de espirito, deixa de acudir aos da terra em suas necessidades, com a mezinha espiritual, como he o bautismo, confissão e missa, e ha muitos dias que anda maltratado dum braço que se lhe encolheo de frio, e agora tem huma chaga num pe, perigosa, de que se veo curar a esta casa. Ja lhe cortarão a carne roim e ainda esta não bem são. Querera Nosso Senhor que não sera nada.

Na outra banda, na ilha de Morotoay, esta o Padre Nicolao, que he o escritor desta, em hum dos milhores lugares daquella terra, que he Saquita, e tenho a cargo visitar certos lugares, aos quaes tambem acudo com baptismo e confissão na lingoa e com a missa e casar.

No lugar onde resido lhes declaro, aos domingos e festas, o evangelho do dia e as vidas dos sanctos. Esta doutra banda desta ilha o Irmão Antonio Gonçalvez, que he bom companheiro em o Evangelho; esta em hum lugar que se chama Pão; assi os doutrina, e visita / / certos lugares, baptizando; onde faz muito fruto, com grande [13 r.] edificação, tirando maos custumes, introduzindo os bons e doutrina do evangelho com muita paciencia, tendo continuas dores de cabeça, que o tratão mal, por serem as terras do Moro mui quentes e doentias, mas nem por isso deixa de fazer seu cargo com muita charidade, como se não fora doente, que certo me edifica muito.

Temos, os que andamos no Moro, muy grandes trabalhos, por ser a terra que pera homem visitar os lugares se ha-de embarcar em embarcações que causão mui pouca saude corporal e as desposições,

---

([1]) Erro do copista, certamente. O lugar chama-se Morotia, uma das cristandades na ilha do Moro.

se não ja consumindo com o que se ganha nellas, com muitos frios, chuvas e grandes calmas. E esta christandade do Moro, pola bondade do Senhor, com o trabalho dos da Companhia, vai ja muito avante do que era dantes, em serem ja muitos capases do sacramento da Eucharistia, sendo pera louvar ao Senhor, como pedem por si confissões, sem os amoestarem a isso.

Tem feito quasi em todos os lugares suas igreias, aonde todos os domingos e dias sanctos se ajuntão e fazem a doutrina, a qual lhes passa por missa. *E sabem* ja todos quando he domingos; tanto que adoecem, vão logo chamar o padre, que lhes reze o evangelho e os confesse; e certo eu tenho experimentado e muitos da Companhia, que se faz muito fructo em suas confissões e tem muita fee em Christo Nosso Senhor, bendito seja Elle, que assi lhes alumia os corações, pera se consoslarem (sic) tambem, porque, em verdade, me metem em muita admiração. *Prazera* a Nosso Senhor que sempre vão em milhor.

Em o reino de Bachão esta o Padre Fernão Alvarez; com sua boa virtude e constancia faz assi muito fruito, doutrinando-os em as cousas da fee, pregando-lhes aos domingos na igreia e ministrando--lhes o sacramento, tirando os maos custumes e instruindo-os em bons, visitando aquela terra com grande trabalho. *Por* ser soo, teve elle, este anno, muito trabalho de enfermidades e agora veio a esta casa de Ternate doente de febres. *Prazera* ao Senhor que cedo convalecerá.

Alem deste trabalho, tem outro que não he piqueno, em se vir confessar a esta fortaleza, que esta trinta legoas de Bachão, vindo com roins embarcações e passando golfons.

He a gente de Bachão do milhor iuizo e entendimento que a do Moro e mais capaz dòs sacramentos e em que se milhor emprime a fee de Nosso Senhor. *He* gente que totalmente daa grandes mostras de se tornar esquecida de toda a seita de Mafamede que dantes tinhão, principalmente el-rei; e querem grande mal aos mouros e trabalhão, principalmente el-rei, de aquirir outras gentes a si, para serem christãos.

Quando estão doentes estes Bachões, chamão e procurão confessarem-se em suas necessidades, assi homens como molheres; e provem logo a igreia de dadividas (sic) e azeite pera a lampada ([2]), no que mostrão religião e devação de seguirem ao Criador.

Quando morrem, levão muitas peças a igreja, a saber: escravos, ouro e outras peças de costume da terra, que certo he muito de louvar ao Senhor em gente que ha tão pouquo tempo que adorava a Mafamede; e isto que dão, he de seu proprio motuo, sem ninguem lho mandar.

Costuma esta gente, quando se vem naufragar, fazerem grandes promessas a igreia, de que a igreia retem bons ornamentos. Agora faz el-rei huma grande igreia.

Fez, este anno passado, o Padre Fernão Alvarez, humas Endoenças, onde offerecerão humas peças, dinheiro e ouro a igreia, com muita devação, do que tudo gloria ao Senhor / / e praza a Elle que o [13 v.]
deixe ir avante, de bem em milhor, e assi o peção, charissimos, a Deos Nosso Senhor.

Quando o capitão-mor foy em busca dos castelhanos, foy daqui o Padre Pero Mascarenhas com el-rei de Siau, que andava nesta fortaleza, christão ha anos pedindo socorro ao capitão contra a sua gente, que se avia alevantado contra elle. *Foy* o padre com elle, para o aiudar com os portugeses ao concerto da sua terra, de que esperamos felices novas.

Ja devem de ter sabido como nestes Celebes ha tres reis christãos, feitos pellos da Companhia, dos quais o milhor christão he este rei de Siau que indo com o capitão-mor a Ambouano (sic), todo o mundo se edificou delle, das grandes mostras que daa de bom christão.

Estando elle nesta fortaleza, me pedio com grande instancia, por eu saber a lingua, que o confessasse, que certo me edificou muito. He esta terra dos Celebes de muito grande grandeza, de ilhas mui grandes e tem infinitos reis, todos gentios, nos quais não ha mais

([2]) Neste ponto parece haver palavras rasuradas.

trabalho que doutrinar e baptizar. *He* terra muito abastada, a gente simplez e de grandes corpos, gente mais vermelha que negra, de boa disposição e proporsão. *Sam* inquietos, por causa dos muitos reis, os quais, como tiverem a lei do Criador, facilmente se aquietarão.

He esta terra, charissimos irmãos, onde se podem bem exercitar seiscentos deseios e fervores, que nesse collegio tem, com aumentarem nella muito numero de electos que podem morrer baptizados, ainda que não seião mais que os meninos, que he o muito a que agora o Padre Pero Mascarenhas pode acudir naquelles tres reinos ia christãos, por onde podem bem entender a grande mingua que ca ha de obreiros, que hum soo padre acode a tres reinos, afora outros que la podem pedir o baptismo.

E para que veião as terras que ca pedem christandade nomeallas--ei para que roguem a nosso (Senhor) que mande muitos obreiros a ellas, pois tantas almas se perdem a mingua de quem os baptize, a saber: a terra dos Papuas, que he gente como cafres, onde ha muitos reis e estara daqui algumas sessenta ou setenta legoas e he terra de infinita grandeza e dizem que são ia descobertas della 70 legoas. *He* terra incognita e indescuberta. Dizem que chega ao cabo de Boa Esperança.

Alguns destes reis vi eu, estando em Bachão, que vierão visitar el-rei por serem amigos e iuntamente a pedir-lhe a christandade, o que lhe não concederão, por não aver quem os doutrinasse e conservasse. Deos, por sua misericordia, socorra a tanto desemparo de almas.

Tambem da banda do sul esta hum rei nas terras de Engai, o qual hà muito tempo que pede christandade; e outras muitas terras que seria largo contar, porque tambem o rei Horentalho, que he a contra--costa dos Celebes, mandou pedir agora ao capitão padres para o baptizarem, onde ha gente inumeravel; e sendo este rei christão, esta certo se-lo toda aquela costa, que he mui grande e confina com hum rei de muito mais gente do que he o rei de Datao. Este rei de Horentalho mandou chamar o Padre Pero de Magalhaes ao Manado, para o fazer christão, no tempo que o padre de Magalhaes esteve nas

Celebes, o que o padre deixou de fazer, por o tempo não dar lugar.

E por aqui verão quão antigos e de quanta constancia são estes deseios neste rei, que ha seis anos que tem deseios de ser christão e nunca os perdeo, antes neste meio tempo o pedio muitas vezes e mandou agora seus embaixadores ao capitão da fortaleza, pedindo--lhe padres para que fossem baptizar.

O capitão mandou la dous portugeses, mandando-lhe algumas peças boas, em retorno de outras que o rei lhe mandou; e mandou-/ [14 r.] /lhe dizer que ao presente não avia padres, que laa pudesem ir, mas que da outra banda da sua contra-costa andava o Padre Pero Mascarenhas e que a elle se socorresse. Queira Nosso Senhor dar desposição ao padre pera que o va baptizar, do que cedo teremos gloriosas novas.

Parece-me que me vou alargando muito, pello que acabo, não acabando de lhes pedir que pessão todos muito a Nosso Senhor socorra com brevidade estas almas que se perdem a mingua.

O Padre Marcos Prancudo e ho Irmão Manuel Gomez são idos na armada aos castilhanos. Ho Irmão Vicente Diaz esta neste casa de Ternate, aonde lhe não faltão trabalhos, os quaes elle leva com muita paciencia, com que muito edifica a todos, por elle ter cuidado de toda esta casa, donde se acode a todas as partes, aonde estão padres, com o necessario:

Nosso Senhor lhes de muita graça, para serviço de sua divina Magestade.

De Ternate, a 10 de Fevereiro de 1569.

Servo de todos em ho Senhor

Nicolao Nunes



4

CARTA DO PE. PERO MASCARENHAS AOS SEUS RELIGIOSOS DE PORTUGAL

Ternate, 6 de Março de 1569

BNL: Fundo Geral N.º 4532.

Fls. 14r-18r.

Trata-se duma extensa e interessante carta de leitura fácil, embora com uma ou outra passagem obscura e duvidosa.

a) O Pe. Pero Mascarenhas visita alguns lugares das Celebes, convertendo e baptizando muita gente.

b) Leva consigo o régulo de Siwau, refugiado na fortaleza de Ternate, e que vai tomar posse de suas terras, auxiliado por alguns portugueses.

c) O Pe. Pero Mascarenhas e a sua comitiva, recebidos por toda a parte festivamente: celebram-se baptismos, levantam-se cruzes e constroem-se capelas.

d) Chega a Siaw Mem Dornelas, que toma de escalada certos lugares inacessíveis, onde indígenas rebeldes e fortificados se negavam a obedecer àquele régulo.

Por a santa obediencia me mandar, este anno, aos Celebes, pareceo serviço de Nosso Senhor dar-lhe conta do que la se passou, alem do que na carta desta fortaleza de Ternate se dira, pera que, vendo a muyta despocissão que la vay e a muita necessidade de obreiros, pessão todos a Nosso Senhor lhos mande em abastança.

Estando o capitão-mor Guonçalo Pereira pera se partir, ao outro dia, com sua armada, a se ver com os castelhanos, chegou huma embarquação dos Celebes da ilha de Manado, que he christão, e deu

por nova que todos os lugares del-rei de Syam ([1]) se tinhão tornado a sua obedientia, e estavão esperando por el-rei pera lha dar.

He este rei de Syam christão, a quem baptizou o Pe. Dioguo de Magalhaes, quando bauptizou os Manados, por este rei se achar no Manado, quando la o padre foy ter; mas dahy a hum anno e meio, se alevantou, por isso, todo hum reino, sem ficar por elle mais que hum soo luguar, onde se acolheo com seu pay e hum yrmão, e dahy se veo a esta fortaleza a pedir socorro, onde andou muyto tempo, sem o poder alcançar, com muyto trabalho seu e nosso, por não ser possivel satisfaze-lo; mas agora se lembrou Nosso Senhor delle, como ho mandar o reino pedir e lhe offerecer a obediencia.

O Pe. Reitor, vendo tan / / boas novas e reccado, aynda que não estava mais na fortaleza, onde são necessarios muytos padres, que elle e eu, quis antes fiquar soo que perder-se esta occasiam, e mandar-me com este rey. [14 v.]

O capitão-mor nos mandou la levar na festa do Spiritu Sanctu, todos, e pormeteo a el-rey que, quando embora tornasse dos castelhanos, veria costeando o seu reyno e, se ainda lhe não tivessem todos dado a obedientia, lha farião dar a todos.

Partimo-nos desta fortaleza, dia de S. Bertolameu; o dominguo seguinte fuy dizer missa ao Manado, onde soubemos que soo a metade do reyno estava por el-rey e a outra ametade pela Java contra elle.

Partimo-nos do Manado pera Syão e fomos surgir no luguar mais forte e principal inimiguo, que el-rey tinha; mas tanto que pella terra se soube que el-rey era cheguado em fusta de portugueses, se aiuntarão os principaes, que ja por elle estavão e dentro a fusta, lhe vierão dar a obediencia, beijando-lhe os pes com lagrimas, que não foy pequena alegria, assi pera mym, como pera todos os portugueses que ally yão ver tratar com todo amor e reverentia, gente tam barbara, a seu rey.

([1]) O nome da ilha de Siaw aparece neste documento grafado de vários modos.

Tres dias estivemos sobre este luguar e pormetendo-lhe o capitão e eu e todos os mais muitos perdoens e abastanças, não se querendo render, sayo o capitão Lourenço Furtado em terra, com os seus soldados e trezentos homens del-rey, mas loguo lhe renderão o luguar os imiguos e seguindo-os a hua serra, a gente da terra não ousou a sobir, por ver pouquos portugueses e a gente daquelle lugar seer mais bellicosa de todo Sião. Por ysso e porque a monção se nos ya acabando, o capitão se avia de tornar ajuntar com o capitão-moor a tempo que podessem yr aos castelhanos, nos partimos de Syau, dia de Nossa Senhora de Setembro (2), yndo ya confessados todos os soldados, capitão e o proprio rey.

Partido Lourenço Furtado, el-rey e eu com dous portugueses ficamos em huum lugar de huum seu primo, que sera de trezentas pessoas. Ally nos derão logo humas casas, em que todos pousamos, e fizerão huma ygreya, em que cada dia dezia missa. Ally baptizei o pay del-rey, huum velho honrrado e beem inclinado, que folgava de ouvyr as cousas da fee e de perguntar por ellas e fazer o que lhe ensinão, dizendo que não ha outro Deos nem outra verdade, senão a nossa.

Na fim de Setembro dise eu a el-rey que queria ir ao Manado, a visitar os christãos; que me mandasse fazer huma embarcação prestes. Elle a mandou fazer logo prestes, com determinação de ir comigo elle e muitos dos seus principaes.

Neste tempo chegou huma caracora de Sanguim, em que vinhão todos os principaes daquelle lugar, tirando el-rei que fiquou laa, e me diserão que elles não vinhão a outra cousa senão buscar-me e que,
[15 r.] ainda que eu estivera no Manado e mais longe, me ouverão de / / buscar, porque tinhão grandes deseios de serem christãos e que prestes os trazião a Sião, onde eu estava, e que se não avião de tornar, sem lhes prometer de os fazer christãos. E pera que eu visse a vontade que elles tinhão de o ser, cortarão logo os cabellos, que elles

(2) Festa da *Natividade*, a 8 de Setembro, segundo supomos.

custumão ter compridos como molheres e corta-los he pera elles mui caro.

El-rey de Siao me pedio iuntamente que os quisesse baptizar, por serem antiguamente muito seus amigos e de seus antepassados, e tambem por estar Sanguim perto de sua terra, que huns a outros se podião ajudar.

Vendo eu seus tam efficazes deseios e o muito que se ganhava em estes se fazerem christãos, pois se abria a porta pera toda ilha, que he mui grande, vir ao conhecimento de Deos, lhe disse que se fossem diante e me mandassem huma coracora esquipada, em que eu fosse, e que eu iria a sua terra faze-los christãos.

Sem duvida, charissimos irmãos, que mostrarão tanta alegria e contentamento com a minha reposta, que lho não sei contar com palavras, porque 3 ou 4 dias estiverão esperando por ella. E tanto que lha dei, se partirão logo pera a sua terra, onde tanto que chegarão, fizerão logo prestes a coracora, em que vierão huum sobrinho del-rei e huum filho de huum principal, homem que ha na terra, a buscar--me; e os que ficarão na terra se puserão a fazer humas casas novas pera eu pousar com meus companheyros; mas, pela muyta pressa que lhe derão, não as puderão acabar, antes que nos chegassemos, porque, quando a caracora chegou a Syao e el-rey estava ya prestes, com oyto ou dez embarcaçõis, pera yr comiguo a Sanguyn, com todos os principais de Syao, donde nos partymos dia do glorioso S. Francisco e fomos o mesmo dia anoytecer perto de Sanguim; ao outro dia nos veyo a receber el-rey de Sanguim, com todos os principaes, com toda a festa e gasalhado que a seu modo podia. Basta que a segunda pessoa do reyno, por nos fazer mais gasalhado, se tirou das suas casas em que pousava com sua molher e filhos e se foy pera outras mais pequenas, por mas daar, por serem ellas as milhores da terra.

Depois de aver tres dias que cheguey a cidade de Calangua, que he a principal do reyno, onde reside el-rey, iuntou-se el-rey e a raynha e principais da terra, com todas as molheres dos principais, // [15 v.]
em hum campo muy grande e fresco, a sombra de muy fermosas

arvores, ao longo do maar, por seer este o mais acomodado lugar pera muyta gente que se ayuntou pera ouvyr as cousas de nossa santa fee. *As* quaes, depois que ouvirão, declarando-lhas eu por huma lingoa, estando eles mui atentos, me responderão que estavão satisfeitos do que ouvirão, que deseiavão muito de ser christãos, e que farião tudo o que eu lhes mandasse e a eles fosse possivel.

Neste mesmo dia receberão o baptismo el-rey e a rainha, com todos os principaes e suas molheres, e o sacramento do matrimonio, recebendo, todos, as primeiras molheres.

Que direy, charissimos, que foi tanto o contentamento e alegria que neles senti, depois que os bauptizey e recebi, que lho não sey dizer. Basta que o resto deste dia, que foy pouco, e perto de quynze mais que ahy estive, tudo forão festas e banquetes huns aos outros; e el-rey de Siao e com sua gente ya a mym e aos outros portugeses não se occupava el-rey de Sanguim e todos os principaes em outra cousa, senão a quem nos avia milhor de servir e banquetear; e mandou mais cousas, assi galihas e porcos, como toda a maneira de fruitas, que ha muitas na terra, de maneira que nossas casas erão huns paços, que de dia e de noite estavão acompanhados de gente principal, hindo com presentes, e outros que vinhão a falar comigo e perguntar cousas de sua salvação.

Certo, charissimos, que ver o fervor e deligencia e perfeição da obra da cruz que fizerão, que era dar graças ao Senhor e causar muita alegria, porque andarão dous outros dias buscando o milhor pao e mais direita arvore que ouvesse; e depois de acharem huma muito boa, não consintirão que nenhum homem que não fosse fidalgo lhe posese a mão e trabalhasse nela, porque todos os mançebos principres, abaixo del-rey, cortarão a arvore e fizerão a cruz por sua mão, tão prima e fermosa, que he huma das mais bem acabadas que nestas partes tenho vistas. *A qual*, depois de acabada, foy alevantada e arvorada pelos mesmos, não se tendo por honrado e fidalgo o que não pegava nela.

Se virão, charissimos, ir dous reis celebes e tão barbaros com a cruz de Christo, Nosso Redemtor, ás costas, pera a exalçarem e

honrrarem, e ve-los estar com toda sua gente principal, postos de giolhos, adorando e reverenciando, fora-lhe causa de muita alegria, e mais aqueles que honrravão e acatavão ao demonio, avia tão pouco.

Acrescentemos mais a alegria começarem a tenger e a repicar sinos por toda a cidade, ao tempo que estavamos adorando a cruz; e durarão as festas ate muita parte da noite; e todas as festas fazião a honra da cruz e por neste dia lhes comprir Deos seus deseios de tanto tempo antes, que erão ser alevantada e adorada huma cruz na sua terra, e eles / / todos feytos christãos; porque muito tempo antes tinha [16 r.] este rey pedido a alguns portuguezes, que a sua terra forão ter, que os fezessem christãos, segundo os mesmos portugezes me contarão, pedindo-lho com muita efficacia.

Vendo eu que se hya acabando a monção pera ir visitar os christãos de Cauripa e que, se tardasse mais hum mez, não podia la ir, disse a el-rey e aos principaes que era necessario ir visitar aquelles christãos; que se ficassem embora, mas que, da vinda, eu os tornaria a visitar. *Certifico-lhes* em verdade, charissimos, que sinty nelles tanta tristeza e pezar, como sente huma may apartando-se de hum filho que muyto ama pera longas terras. E assy me responderão que pera que os deixava tão cedo?

Que se era por nelles achar roim gazalhado ou poucos mantimentos na terra, que elles mandarião logo embarcações a trazer muitos, e que me prometião que, se elles atee então me fezerão roim gazalhado, que lhes perdoasse, por me não saberem agazalhar como eu mereçia, mas que, daly por diante, davão por testemunha o tempo, e que me não fosse.

Entendendo elles de mym que nenhuma cousa das que propunhão me movia, senão o deseyo de visitar os christãos, e que mo não podião estorvar, offerecendo-me, então, huma caracora, hum sobrinho del-rey e hum mançebo, filho do principal homem da terra, pera me transportarem; e pedirão-me que ia que me queria ir, lhe assinasse, primeiro, lugar pera a igreia, porque querião ter prestes toda madeira necessaria pera quando eu tornasse.

Assinei-lhe eu hum campo chão, muy fermoso, que estava ao longo do mar, todo cuberto de arvores, feito hum mato cerrado; mas era tanto o fervor e deseios que tinhão de ter igreia que, começando hum dia pela menhã, quando veo ao medo dia, tinhão ia dado com todas as arvores em baixo, e todas forão cortadas por mão dos principais, abaxo del-rey, o qual, por ser velho, não cortou seu quinhão, mas estava ali mandando.

A raynha me mandou dizer que ella com todas as molheres virião tambem tomar parte do merecimento e servirião de alimpar as ervas.

Finalmente, chegando-se ja o tempo em que me avia de partir pera Cauripaa, me despedi del-rey e de todos os mais honrados, os quais vierão ate a praia a embarcar-nos e trouxerão dous escravos que derão a meus companheyros, a saber: aos dous portugueses que forão comigo, dando a cada hum seu pera o servirem; e isto, por irem comigo a sua terra delles.

Partidos de Sanguim, fomos a Syam, onde el-rey de Siao mandou fazer prestes algumas embarcações, pera irem comigo a Cauripa com toda sua gente principal; deixando todos seus lugares de Syao muy apercebidos de gente, pera peleiarem com os imigos, nos partimos cinquo embarcações, o primeiro de Novembro, e fomos day a dois dias ao Manado, onde estive alguns oyto ou des dias; nos
[16 v.] quais vyerão aly ter / / Bachachinas ([3]), onde me dixerão que avera mais de cem mil almas, que he gente como os Celebes, a qual ha muito tempo que deseia ser christam. E como as cabeças que governão aquella terra são parentes del-rey de Syão, pedirão-lhe que me falasse os quisesse fazer christãos; e vendo que os que nesta terra temos feytos são muytos, e nos tão poucos que os não podemos visitar, senão de muito em muito tempo, quanto mais conservar, me escusei o milhor que pude, dando-lhe esperanças que os padres que viessem pera estar nas Celebes, os farião; que eu não hia a mais que a visitar os feytos. *E* hum moço que o Padre Diogo de Magalhaes

([3]) Outro nome escrito com algumas variantes. Trata-se da ilha de Halmahera ou Batochina.

deixou nos Celebes, quando de la veo, que avera seis annos ou pouco menos foy ter algumas vezes a esta terra de Bathàquina, onde estes senhores dizem que lhe fizerão muyto gazalhado, soo por moço dos padres; e lhe disserão que se os padres os fizessem christãos e quisessem hir a sua terra, que farião quanto os padres lhe mandassem e que darião ao padre quanto quisesse na sua terra.

Finalmente, parti-me para Cauripaa, e indo correndo a costa dos Celebes, fuy ter ao principal lugar del-rey de Bolão, a buscar este moço que o Padre Diogo de Magalhaes deixara no Manado, porque residia então aly, por este rey de Bolão ser filho del-rey do Manado, porque he mouro, deseia muito ser christão.

Ao tempo que eu fuy ter, não estava ahy el-rey, que era hido a Bool, de que tambem he rey, que esta dahy a cinquenta ou sesenta leguas, mas a may del-rey, tanto que soube que eu estava no seu porto, mandou-me do seu porto porcos e galinhas e sagu e mandou--me dizer que quisesse hir ao lugar que estava longe do porto donde eu estava, pelo rio dentro, e que la me faria o gazalhado que lhe fosse possivel.

Eu, como não pretendia nem buscava naquella terra mais que o moço, partimos logo pera Cauripa, onde nos receberão os principaes do lugar com todo gazalhado, amor e honra que podia ser, assi dos christãos como dos gentios.

Logo em chegando, nos derão humas casas das boas que avia na terra, as quais tinhamos quasi sempre cheas de gente do mais principal, e vinte e tantos dias que aly estivemos, tudo erão banquetes.

Sem duvida, charissimos, que ainda que nos foramos seus pays e sua may e seus irmãos e seu rey, nos não fizeão tanto gazalhado quanto nos fizerão, e isto com tão boa vontade e amor que se lhe enxergava depois. E foy muita causa de tudo isto el-rey de Siao, por ser hum homem dos mays temidos que ay em todo Celebes e em todo ele muyto conhecido e ouvydo de todos. E como ele, a todas as partes, a que fuy dos Celebes, hya sempre comigo, em todas nos fizerão muyto gazalhado e honra, asy por ele ser meu companheiro, como polos muitos e grandes beens que em todas elas ele dezia dos

[17 r.] padres, dizendo que não avia outra ley verdadeira senão a christaa e que ele a tinha bem experymentado e que, perdendo ele pay, may, fazenda e terras, que tudo achara em hos padres e que nos o sostentamos em nossas terras e que o levamos e metemos da posse das suas // que tinha perdido.

Sem duvida, charissimos, que este rey de Syao, pera christão de tam pouco tempo, que he dos boons que eu tenho visto. Por esta rezão me parece que se fara grande fruyto, não somente em toda sua terra, mas com todo Celebee, por amor dele, porque he muyto humilde e sogeito aos padres, e tanto que em toda a parte que fuy das Celebes, nunqua fez pesoa de sy senão de mym.

Dezia aos outros que ele não tinha mais parecer que ho do padre e que quem o quisesse ter por amigo, que ho seguise. *Se* quisesse contar dele cousas boas, que tem particulares, seria dilatar-me muito. *He* finalmente mais sogeito a nossa vontade que hum escravo he a seu senhor e o que a nos parece bem, parece a ele, e não outra cousa.

E porque eu me vou alargando muito, porey o que resta em breve.

Finalmente que em Cauripa declarei as cousas de nossa santa fee, assy aos christãos, que erão feitos, como aos gentios, que ja erão muytos, os quais me pedião que os quisesse bautizar. Eu o deixey de fazer, pola mesma rezão que deixei aos de *Badachina* (sic), mas dando-lhe esperanças que ho padre avia de vir estar com eles, o faria.

Assy me despedy deles. Mandarão para a matolotagem porcos e quabras e huma bufara, e tinha mandado trazer outras mais que qua não quis esperar, por estarmos ja embarquados; e, alem disto, muyto sagu.

Partimos para Syao, por ser jaa tempo para o capitão-moor fazer a volta dos castelhanos; e como era perto do Natal, tive-o no camynho; e dia de nossa festa de Iesu tive a vista de Syao no mar.

Erão passados vinte e tantos de Janeiro e o capitão-moor não vinha; tinha mandado el-rey fazer 5 caracolas prestes para vir visitar os christãos de Sanguim. Hum dia despois das caracolas estarem

prestes, pola menhãa muyto cedo, aparecerão ao mar duas velas. *Mandou* el-rey logo lançar duas caracoras, das quais nos fomos aos navios, tres ou quatro legoas ao mar, e toda a alegria que levavamos de nos parecer que vinha o capitão, pera destruir os imigos del-rey, se nos converteo em tristeza com as novas que Mem Dornelas nos deu, que vinha por capitão de hum junco, e da sua fusta (que vinha como junco, que são as velas que vimos ao mar); deu-nos por novas como o capitão-moor era jaa passado para Maluco e como ele tinha mandado os navios de remo, que fossem a Syao, mas que o não poderão tomar, com hum grande temporal que ouve.

Entendendo Mem Dornelas a rezão de minha tristeza ele e hos soldados se offerecerão a fazer o que de sua parte fosse / / possivel, [17 v.] pera meter el-rey de Siao de posse de sua terra, o que a mym e a el-rey, que estava bem triste, alegrou muyto. E assy começarão a governar pera ir sorgir em huma baya pegada com o principal lugar dos alevantados e imigos del-rey.

Estando ja perto, deu-nos hum vento contrario, de maneira que não quis Deos que sorgissemos aly, mas andando nos toda aquella noite bordo ao mar e bordo ha terra, e ao outro dia, por todo meio dia, fomos surgir da outra banda da ilha.

Logo Mem Dornellas se fez prestes com os soldados, pera irem dar no lugar principal, que estava da outra banda da ilha, por nome Baçem, na fusta e caracoras, e assi nos partimos, ia anoutecendo. *E* quando veo ao outro dia, polla menha, achamo-nos muy perto do lugar, pouco mais de mea legoa, e deu-nos hum vento pola proa tam rijo que nem a fusta nem as caracoras o poderão romper.

Tornamos então daly a hum lugar que estava perto donde o iunco estava, feyto muy forte. Depois do Baçem não avia outro mais forte; e desembarcamos, polla menhãa, hum dia de Sancta Ines ([4]); e peleiarão ate muito tarde, has espinguardadas, e elles de riba as pedradas, sem quererem nenhuma maneira de concerto, antes o que dezião e com vozes altas e gritas, em reposta do concerto: «mata

([4]) A festa de Santa Inês é a 21 de Janeiro.

padre, mata padre». E parece que me conhecerão polla cruz, porque a nenhuma parte tiravão tantas pedradas como adonde eu estava, polla boa vontade que me tinhão.

Ja sobre a tarde fez-lhes el-rey de baxo huma pratica, chamando aos principaes do lugar por seus nomes, dizendo-lhes e lembrando--lhes como elle, de seus antepassados, era seu rey natural e elles seus vassallos e que o deixarão por hum tyrano, vassallo seu, e que como deixarão o senhor pollo servo, pondo-lhes outras muytas cousas diante.

Com esta pratica e tambem porque, neste comenos, os soldados, que andavão da outra banda do outeiro em que elles estavão, acharão o caminho por onde se podia entrar o mato e entrados e andavão ia da outra banda as espinguardadas com elles, disserão que verião fazer a *çumbaia* a el-rey e que darião vinte escravos pera os soldados; e cada homem honrado dos que estavão dentro, que serião vinte, daria alguns 25 ou 30 pardaos e ouro. Aceitado o partido, vierão os principais por huma escada abaxo, porque se não pode subir nem decer de riba, senão por escada; e assy feita a *çumbaya*, nos partimos pera as embarcações com detriminação de ao outro dia pela menha yrmos por terra aos lugares de Paçem e atravessar a ilha da outra banda.

E assi se fez, que tanto que amanheçeo, ao sabado, nos partimos, não levando os soldados mais que cada hum sua cana (5) na mão, porque a gente de Siao lhe levava as armas, por seer o caminho comprido. *Andamos* todo o dia, e quando veio perto do Sol posto, chegamos perto do lugar e ally cearão os soldados e dormyrão e em amanhecendo se armarão e entrarão o lugar de Paçem, que era mui forte, assi no sitio, que era hum outeiro mui alto, como de paredes.

[18 r.] *Ao subir* do outeiro, fomos sentidos pelas espias que / / virão os murrõis acesos dos soldados; ouve logo revolta na gente; tomando armas e pedras se começarão a defender e offender-nos, mas com aiuda de Nosso Senhor e do bemaventurado Sancto Illefonso, cuyo

---

(5) Correcção de *casa*.

dia era [6], entrarão o lugar, os portugueses, e matarão-lhe cem almas, assy na entrada como no alcance. *Todo* o que quis peleiar, morreu. *Mais* de mil almas *Siaos* vierão a huma serra, em que os portugueses detriminavão de os buscar, se elles não tardarão pedir misericordia das vidas, a qual lhe concedeo el-rey com algumas condições: a primeira, que todos avião de ficar cativos; a segunda, que devião de dar logo, todos, vinte escravos e todo ouro e fato que tinhão pera os portugueses.

Aceitarão este partido e vierão todos os principaes e beyjarão os pees a el-rey, segundo seu costume. E com a destruição destes lugares que dantes fiz a saber, que erão os principaes, ficou toda a ilha de Syao sogeita a el-rey e os Celebes pasmados dos portugueses, dizendo todos que entendião ya a maliçia dos Ternates, que nunqua fallavão verdade, porque lhe tinhão metido na cabeça que os Portugueses não sabião andar por terra; e com seus olhos vyão que erão aves calefuras(?) dos matos. *E* que caminhão milhor que nenhum delles e tambem virão quanto sem medo erão, que soo dezanove homens entravão num lugar tão forte e o poserão a espada.

Finalmente, porque me vou alargando muito, depois que comprirão com os portugueses o que prometerão, nos partimos de Şyao, deixando a el-rey de posse da ilha, e deu-me, el-rey, seu filho, o morgado, pera se criar aqui na casa, em Ternate, e doutrinar; sera de idade de 8 ou nove annos, muito vivo e muito bonito.

Por amor de Deos, que este rey e sua terra e toda a christandade dos Celebes encomendem muito a Nosso Senhor em suas orações e sacrificios, em os quaes me encomendo muyto.

De Ternate a 6 de Março de 1569.

Por comissão do Padre Reytor

Servo indigno

Pero Mascarenhas

---

[6] Dia 23 de Janeiro.

5

OUTRA CARTA DO PE. PERO MASCARENHAS PARA OS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL

Ternate, 3 de Agosto de 1569

BNL: Fundo Geral N.º 4532.

Fls. 18r-20r.

Carta de escrita pouco clara, oferecendo algumas dificuldades na leitura, existente também no ASJ: Goa-12-1.

a) Construção duma nova fortaleza em Amboino.
b) Operações empreendidas para submeter alguns lugares ainda rebeldes.
c) Muitos gentios pedem o baptismo, apesar de tudo.
d) São necessários mais religiosos, porque as cristandades multiplicam-se por toda aquela zona.

Pax Christi.

Pollas cartas geraes de Maluco e Celebes terão sabido e entendido o que Nosso Senhor tem obrado por meyo dos padres da Companhia, e as muitas necessidades que ha em todos naquellas partes de quem os doutrine e encaminhe no serviço do Criador. E pera que mais se acrecentem seus santos deseyos, pera acudir a tanta perdição de almas, que ao filho de Deos tão caro custarão, e se
[18 v.] perdem a mingoa, lhes contarey mayores necessidades que todas / / as outras e a innumeravel gente que nas terras de Amboynno se offerece e deseyão de entrar no curral de Christo, Nosso Senhor, e ser apascentadas com a doutrina evangelica.

De todo este bem foy meyo o capitão-moor Gonçalo Pereyra, pello grande zelo que tem do serviço de Deos e del-rey; o qual, depois que chegou a Ternate, dos Castelhanos, deseioso de ver fazer

esta fortaleza, que entendia ser tão necessaria ao serviço de Deos e del-rey e huma chave e este o Maluco, fez logo prestes os galiões e mandou-nos diante a Amboyno, ficando elle em Ternate nas fustas e galeotas pera deixar a terra quieta o mais que fosse possivel, e pera tambem vir castiguar huns lugares de Buacanora que estavão por el-rey de Ternate, contra nos; e tendo todo Amboyno dado obediençia ao capitão-moor, soo este lugar o deixou de fazer.

Tanto pois que os galiões e nao de carreyra, de que Lopo de Noronha era capitão, chegarão a este porto, mandou Lopo de Noronha logo recado aos Itos; e como o capitão-moor vinha a fazer a fortaleza em sua terra, como estes o anno passado lhe tinhão prometido, resposta foy quererem alguns Itos matar o embaixador por conselho dos Itaoos, que avia poucos dias que aly tinhão chegado em dous iuncos e outras embarcações. *Fez-se* logo prestes Mem Dornellas, que vinha por capitão do galeão do capitão-mor, com quarenta soldados, e deu nelles, e depois de os por todos em fugida, lhes queymou os iuncos.

Neste tempo chegou o capitão-mor de Maluco, com cuja chegada os Itaoos, com obra de quatrocentos Itos, se forão apozentar em huma alta çerra, muy fragosa. O capitão-mor os foy buscar a riba; tomou-lhes huma tranqueyra muy forte, que tinhão no caminho, onde lhes matou alguma gente que a querião defender.

Tres dias andou por esta cerra, com muyto frio, fome e sede e grande trabalho dos soldados, a qual he tão alta que affirmão, os que la forão, que em todo este tempo não virão la passaro.

Quando chegarão ao forte onde os imigos estavão, hyão ia tão fracos e debilitados, assy da fome e sede, como dos grandes trabalhos do caminho, que pareceo bem tornarem-se, sem dar nos imigos, pera tornarem la bem providos dos mantimentos e do necessario pera tão trabalhoso caminho, que he tão ingreme em partes, que sobir por elle, he sobir por huma parede açima, o que aos soldados que hião com as armas as costas era muy trabalhoso.

Destes trabalhos e de outros muytos que nesta armada de tanto tempo e tão necessitada de mantimentos não faltão aos soldados,

adoecerão alguns de febres e corrimentos e outras imfirmidades, com os quaes os padres e os irmãos usarão da charidade acustumadas, acudindo-lhes em suas necessidades corporaes e spirituais, quanto o tempo e necessidade pedião e hera possivel.

Fazendo-se o capitão-mor prestes por tomar a çerra e destruir os imigos, neste tempo cheguei a Maluco, por me ter o padre rector mandado chamar, pera ficar em Amboyno. *Ao* outro dia, depois que cheguei, foy o capitão-mor dar em hum luguar, onde estavão Itaos e
[19 r.] Itos / / muy fortes. *O* Irmão Vicente Dias ia com Dom Duarte de Meneses na dianteyra, com huma cruz nas mãos, e eu com o capitão--mor com a mais gente. *Os* imiguos, vendo o capitão-mor, posto(s) em confusão, fugirão e deixaram o lugar, o qual o capitão--mor mandou distruir e por foguo, onde se queimou huma misquita nova e bem lavrada.

Os Itos sofrerão mal cortarem-lhes as palmeiras, que era seu mantimento. *Fizerão-se* amoucoos, dando na dianteira, mas sayo--lhe tão mal a sorte, que deixarão o seu cacis morto no campo, e o seu capitão escapou com as tripas fora e outros muitos mal feridos; dos quaes, depois, alguns morrerão, posto que alguns portugueses ficarão feridos de feridas leves; entre os quaes o Yrmão Vicente Dias ficou com huma lançada por hum braço; mas foy tam pouco que em poucos dias foy são, e se não levara huma ploura(?) de laminas, que lhe emprestarão, em que lhe derão humas poucas de lançadas, ficara tambem no campo.

Despois de destruidos os palmares, nos tornamos pera as embarquações. *Por* ser ja cheguado o tempo em que as naos costumão ir pera Malaca e não ser ainda começada a fortaleza, pareceo bem ao capitão-mor e a todos comesar-se logo a fortaleza, porque depois della feyta, em todo o tempo podia destruir os imiguos, que tinhão pera sy não se aver de fazer; que não pretendia o capitão-mor mais que destruillos e por esta rezão, ate este tempo, se não entreguavão.

E assy veo-se pera Ito aonde mandou loguo abrir os alicerces. Cortarão muyta madeyra muy grossa. Deu-se tanta pressa e bom avyamento a obra que começando-se a fortaleza a 20 tantos de Mayo,

quando veyo a 20 tantos de Julho, estava toda cercada com fortes fechados, onde fizerão 4 baluartes muy fortes e grandes. *Mas* não he muito fazer-se tanta obra em tam pouco tempo, por ser muyta a gente que trabalhou e trabalha nesta fortaleza, na qual se occuparão todos os lugares de Amboyno, asy infieis como christãos, todos trabalhando com tanta diligencia e alegria como homens que adivinhavão o grande thesouro e bens que pera elles se fundarião nella, como na verdade ella a-de ser seu refugio, muro e escudo de seus imiguos corporaes e spirituaes; e como aquelles que estão confiados de serem escudados com tal escudo, dexando a huma parte todo o temor que tinhão dos Iaos e Ternate e em cujo poder erão tam tyranizados, não sendo ainda deitados os Iaos da terra.

E tendo novas certas que he chegado o Babu, filho herdeiro del-rei de Ternate, a Xula, que he mui perto daqui, com quarenta caracoras, com tudo isto não cessam muitos lugares de mouros e gentios a pedir baptismo, assi desta ilha como de muitas outras, ao que tee agora se não pode acudir; não sei se se podera, por não aver quem os possa doutrinar, por serem muitos os que pedem o bautismo e nos tam poucos, que ainda que todos os que ay em Maluho se aiuntem em Amboyno, sem duvida, charissimos, que nem pera esta soo ilha de Ito, em que estamos, basta; que não sendo mais de vinte legoas em roda, tem sesenta e seis lugares e o mais pequeno delles tem cento e corenta ou mais almas, afora muitos outros pequenos, que se não contão. E muitos destes tem quatro e cinquo mil almas; e menos podemos acudir a sete ou outo ilhas outras mui grandes, em outras das quaes a ia muitos / / christãos e os mais deseião e pedem [19 v.]
que os bautizem.

E muito menos podemos acudir aquella grande ilha de Burro, que he, pollo menos, maior que esta de Ito, tres vezes, onde ha ja muita christandade e os infieeis, que nella vivem, deseião de ser christãos. Havera dous meses que andão nesta fortaleza alguns regedores dos christãos pedir padres que os vão doutrinar; e se não podemos acudir a tão pouca gente, como esta que tenho nomeado, como poderemos fazer a quasi innumeravael da grande ilha de Celano, que agora se

offerece? *Porque*, ainda que a gente que tenho nomeada das ilhas, iaa christans, e os mais que pedem agora seiaa tanta que, sem duvida, não bastão trinta da Companhia para os poder doutrinar, e todavia mui pouca em comparação da muita que ha nesta ilha de Ceirão, que he de 150 legoas, ou mais, em roda, e assi no sertão, como ao longo do mar, he mui povoada; em a qual ay ya tres ou quatro mui grandes lugares de christãos e muitos dos mais que ha na ilha pedem o bautismo; se ouvera quem os doutrinara, facilmente e em poucos dias vierão em conhecimento de seu Criador, por serem gentios em os quaes ai pouca contradição, porque os lugares dos mouros que nella ha tem dado obediencia a esta fortaleza, e com lhe tirarem as mesquitas e cacizes, como veo ordenado pollo sancto Synodo, o qual nesta terra se pode guardar mui bem e sem trabalho, facilmente se converterão todos os mouros a nossa santa fee catholica, e mais com a ficada do capitão-mor Gonçalo Pereira, que he tão zelozo da christandade, que se esta muitas vezes alegrando com cuidar a maneira que ha-de ter no dia de extripar (sic) todo o grão de infedilidade de todo Amboino, daqui atee Maio, que nelle espera de estar; e assy no lo diz muitas vezes aos padres, de cuia ficada folguarão muito, não somente os christãos, mas tambem os mouros e gentios; tanto que hum mouro principal de Ito, que esta comnosco, deu hum escravo de alvisaras a quem lhe servia no... ([1]).

Ora veião, charissimos, que poderão fazer dous padres e hum irmão, que nesta terra ficamos soo, que he o Padre Marcos Prancudo, que andava na armada. E parece ordenou Deos ficar o capitão-mor de nos aiudar aqui, este ano, nesta christandade, porque não ficamos este ano em Amboino mais que hum e o irmão Antonio Gonçalvez, que o padre reitor tinha mandado chamar a Maluco. *Ha* tres dias que chegou, com arribar tres vezes aas terras de Bachande, quasi pegado com as terras de Amboino, com tempestades e ventos polla proa, e per derradeiro se perdeo. *Todavia*, lembrandosse Deos das necessidades que padeçem tantas almas a que elle pode acudir, o trouxe,

([1]) Passagem danificada, não se podendo ler a palavra que falta.

ainda que mal tratado de camaras e frialdade e trabalhos do cominho. Prazera a Nosso Senhor que não vão a vante.

Os que pera qua vierem, tragão a mesinha, que qua morre muita gente de camaras e so no lugar de Rochane ([2]) dizem que morrerão, este anno, perto de trezentas pessoas dellas.

Pouco escrevo pera o muito que tinha, se em particular ouvera de relatar as cousas que acontecem, de que não faço nem sei fazer caso, por ver outras muitas de mor importançia, que me pareçe se pode escusar gastar tempo nisto e da-lo a outras obras de maior serviço de Deos, porque são tantas as que por qua se offerecem que muitas vezes falta tempo pera comer o necessario, ora pera confissões, ora pera fazer amizades, ora pera estar com enfermos e consola-los e e aiudar a bem morrer, e pera outras muitas necessidades e quasi sempre nos occupão, tomando aos padres por refugio e amparo de seus trabalhos. E esta he nossa continua occupação.

Somente lhe torno a dizer que se perdem almas sem conto nestas partes de Amboyno a mingua dos que estais nesse collegio, e estão gritando que venhão ensina-los a conhecer o Criador. Trabalhem pollos vir aiudar e salvar, porque com esta fortaleza se abrio porta a gente quasi sem conto, e se lhes parece que não poderão sofrer os trabalhos, com algumas irfirmidades que tem, venhão, charissimos, e não temão, porque ca Deos supre onde faltão as forças naturaes.

Ca estamos com grandes trabalhos e enfermidades e Deos, por sua bondade, nos da forças pera podermos com os trabalhos que se offerecem e maiores. *Portanto* peção a Nosso Senhor os faça grandes obreyros desta grande sua vinha.

Em suas oraçõis e sanctos sacrificios muyto me encomendo e peço queyrão encomendar tambem esta terra.

Desta fortaleza, 3 de Agosto de 1569.

Por comissão do Padre Reytor

Servo indigno de todos

Mascarenhas

([2]) Talvez Roçanive.

6

CARTA ESCRITA AOS RELIGIOSOS DA COMPANHIA

Cochim, 16 de Janeiro de 1570

BNL: Fundo Geral N.º 4532.
Fls. 9v-11v.
Cópia escrita com letra clara e de fácil leitura. Contém:

a) Descrição duma batalha naval entre portugueses e dachens.
b) Carta do rei de Malayo ao capitão Men Lopez.
c) Outra carta escrita ao mesmo capitão.

Relação da Victoria milagrosa que Nosso Senhor deu a huma nao dos christãos contra os Dachens e seu rey, em mayo de 1569.

Depois de termos as outras escritas, trouxe Nosso Senhor a salvamento a esta cidade de Cochim huma nao de Malaca, com seu capitão e senhorio, a quem Nosso Senhor deu a maior e mais milagrosa victoria que ha muitos dias que se vio; e ainda que, antes que ella chegasse, todos os que daquellas partes vinhão nos disião desta victoria grandes cousas, depois soubemos em particular e mais certo, porque desembarcando o capitão, veo loguo, ao outro dia, ao collegio a visitar o Padre Manoel Teixeira, pollo conhecimento e amizade que em Malaca tinhão; e lhe contou em pessoa, na verdade, todo o successo e victoria milagrosa que Nosso Senhor lhe dera; e depois disso, lhe mandou mostrar os estromentos e cartas dos reys que sobre isso lhe escreverão, assinadas por oito testemunhas iuradas aos sanctos evangelhos e com çertidão do capitão e governador de Malaca, assinada por elle, de todo o que na verdade passava.

E porque esta victoria pareçe mais milagrosa que natural, e mais divina que humana, pareçeo ao padre que se lhe escrevesse pera que

todos dem graças a Nosso Senhor polas grandes merçes e beneficios que cada dia nos faz e por este em especial, porque todos veiamos como Nosso Senhor torna a peleia polos seus christãos contra os imigos de sua sancta fee.

Indo este capitão e mercador com quarenta portuguezes em huma nao sua desta cidade de Cochim pera a fortaleza de Malaca costeando a costa da ilha de Samâtra, defronte da ponta e perto de Dachem, e a nao dando em calmaria, perto de terra, veo a reconheçer huma embarcação ligeira; e chegando-se ha nao e perguntando por mercadoria, como quem a vinha fazer, o capitão, sem ainda ver armada alguma, pareçe que querendo-o Nosso Senhor avisar do que avia de ser, conheceo que era espia; e ainda que os companheiros quiserão loguo matar has arcabuzadas aos que na embarcação vinhão, elle lhe defendeo, dizendo que, pois vinhão / / sobre fee, que lha avião de guardar; e a esta embarcação disse que elle sabia de çerto que erão espias da armada dos Dachens e que vinhão a reconhecer aquella nao pera a tomarem, que a olhassem muito bem e que tornassem a dizer a quem os mandara, quer fosse a el-rey, quer a seus capitães, que ally o estavão esperando e que esperava em seu Deos que lhe prometia de peleiar com elle atee a morte. [10 r.]

Tornou-se a espeia, e não se passou muito tempo em que a nao se achou quatro braças com o proprio rey de Dachem, com cento e trinta e tantas velas, em que entrarão 9 gallees reaes, de 25 e 26 bancos por banda, e duas galees e tres iuncos grandes, do tamanho de caravelas, e as mais fustas e lancharas, que são como fustas fracas; e todos muy apercebidos de gente, artelharia e espinguardaria, frechas e outras munições, e as gallees com basiliscos, aguras, leões, camellos de marca maior, cavaletes e muytos falcões e caẽns; e alguma artelharia deitava peloura de 35 a 40 arratens, dos quaes elle aquy mostrou alguns.

Aos 17 dias de Maio, vespora da Ascensão do Senhor de 69, em rompendo alva da menhãa, começou furiosamente de combater a nao, com toda a armada, atee o meio dia; e dahi atee noite a abalroou 4 vezes, sem nunca a poder entrar, porque maravilhosamente os christãos peleiaram, atee que a noite os apartou.

A noite seguinte, abaterão as galles, de 3 em 3, toda a noite e quartos; e em amanhecendo, ao outro dia, que era da Ascensão do Senhor, em que os nossos tiverão muyta confiança, veo toda a armada a abalroar a nao e as galles cubertas de rede ao modo de levante.

Durou a briga atee as 9 horas do dia, em que, não podendo entrar a nao polo esforço e cavallaria dos christãos, se afastarão os imigos, mas com deyxarem o mar vermelho com seu proprio sangue, porque, quando em suas embarcações davão a bomba, em lugar da aguoa, deitava sangue, pellos muitos mortos que em ellas estavão. *E* tornando-se a refazer, loguo ao meio dia, tornarão a abalroar a nao com nova invenção; porque, metendo debaixo da opilação das galles manchuas grandes, que sam como seus bateis, por onde, ao modo de pranchas, estavão muitos calafates e furadores, emquanto os nossos peleiavão, furando e descalefetando muita parte da nao. *Mas* porque lhe acharão outro costado, ou forro, desesperarão de a arrombarem. *E* em isto estiverão toda a tarde daquele dia, em que se apartarão muito destroçados dos nossos, pelas muitas espinguardadas e panelas de polvora que dentro das embarcações lhe deytavão.

Em este combate lhe tiverão os nossos perdidos [1] duas galles; e huma dellas, atraveçada, ou cortada ja a rede; em que os nossos entrarão e a dispeiarão dos imiguos; mas porque, pola outra parte da nao, acudirão muitas embarcações dos imiguos e os nossos estavão ja cansados e feridos, lhes pareçeo melhor larga-la vazia e recolherem-se a nao. *E* dahi ate noite, a tornarão a abalroar tres vezes, de modo que, em este dia da Ascenção, foy abalroada sinco vezes. *E* assi pelos muitos buracos dos pelouros, como pelos furos que lhe derão, fez a nao tanta aguoa que ficou em sete palmos della; mas teve o capitão tanta prudencia e resguardo que nunca disso forão sabedores os imiguos, mas nem os proprios que na nao hião, porque mandou aos oficiaes, a quem isto pertencia, que nunca dixessem mais que dous palmos, porque lhe não enfraqueçesse a gente, e os

(1) Leitura duvidosa.

marinheiros, que erão arabios, se lhe não lançassem / / ao mar, aos imiguos, como estiverão perto de o fazer, pelas muitas promessas que da parte del-rey lhe fazião, vindo a falla com elles, segundo elles despois dizião, a que o capitão acudio e com prudencia e largueza os aquietou; de maneira que depois o aiudarão bem e fielmente; o qual, vendo o grande trabalho dos imiguos em que todos estavão e o grande poder que tinhão e o socorro de gente e armas que de continuo da terra lhe vinhão e que lhes tinhão ja morta algumas gente e muita ferida e a nao em calmarias, sem se poder apartar dos imiguos, nem guovernar, tomando hum crucifixo nas mãos, se pos ao pee do mastro e chamando pelos portugueses, soldados e mercadores, e todos os christãos que na nao hyão e ainda os mouros que levavão, lhes falou, perguntando-lhe desta maneyra: «Soes, senhores irmãos, verdadeiros e catholicos christãos?» E respondendo todos que si, lhes tornou a perguntar se erão verdadeiros portugueses; e respondendo que si, lhes tornou a perguntar se erão leaes vaçallos a seu rey e senhor; e respondendo a tudo que si, começou desta maneira: [10 v.]

«*Estas* tres propriedades que agora, senhores, confessastes, são as mores e melhores cousas que ha no Mundo e em nenhuma outra nação de gentes. E sendo isto assi, peço-vos e rogo-vos da parte de Nosso senhor e de vosso rey e de quem vos soes que cada hum de vos e todos iuntos peleiamos pella fee de Nosso Senhor Jesu Christo e pelo serviço del-rey nosso senhor com o nome de Iesu na boca e no coração, porque se isto for assi, eu vos prometo e fico que os imigos se vão da impresa desbaratados e destruidos. E disto vos dou por fiador este crucifixo, que tenho nas mãos. *Lembro-vos* tambem o rey, a quem nisto servis, por quem ninguem nunca peleiou, que não fosse premiado, Lembro-vos mais quanto importa defenderdes a nao em que ides, porque se os imigos a tomassem, (o que Deos não permitira) tomavão nella meus e de partes trezentos mil cruzados em dinheiro e fazendas, que aqui vão. *Esta* artelharia que vedes e assi com este çevo não so ficarão poderosos mas ainda enguodados para tomar as que vem. E tomando-as, (o que Deos não permita) ficarão todos os reys destas partes vizinhos de Malaca espantados e enfra-

quecidos e a perigo de se renderem do serviço de Sua Alteza ao do inimigo com que peleyiaes, pois todos são mouros como elles. *E* sendo isto assi, pode o estado de Malaca e destas partes do Sul, que Sua Alteza qua tem, ter muytos trabalhos e oppresões e ver-se em necessidade e risco, que lhe seia necessario ser socorrido da India, com muita despeza de Sua Alteza, e mais agora que elle anda tam occupado nas gerras que a porta tem, dependendo aquele da India tanto deste e destas partes do Sul; peço-vos logo, senhores e irmãos vasalos de Sua Alteza, que vos lembre quanto isto importa ao serviço de Deos e de Sua Alteza, para que todos morramos por nossa ley, por nosso rey e por quem nos somos».

A isto responderão todos com muita vontade no coração e lagrimas nos olhos que assi o farião e elle assy o veria, e pedindo o crucifixo pera o beijar, o beijarão todos hum e hum e se tornarão todos a seus lugares com suas armas nas mãos.

Contava mais o capitão ao padre que a cousa que o muito animara no meio destes trabalhos fora que, estando cansado de peleiar e retirado a huma parte, emquanto os imigos se refazião, viera ter com elle hum menino portuguez de dez annos e lhe dissera: «Senhor Mem Lopez (que assi se chamava) alegresse Vossa Merce e confie em Deos, porque eu espero nElle, que esta nao se não perca nem os imigos a tomem, mas que Vossa Merce va com ella vivo e são a Malaca e dahy a India, a sua casa, ver sua molher e seus filhos».

E perguntando-lhe donde isto sabia, lhe respondeo que elle o tinha por muy certo; e que emtão o mandara com as lagrimas nos olhos de alegria e devação, do que o menino lhe dissera, e que fosse rezar por todos diante do crucifixo, pedindo a Nosso Senhor que não permitisse que os imigos de sua santa fee tomassem aos christãos,
[11 r.] para que / / alguns fracos não enfraquecessem mais do que erão.

Depois disto se viera a elle hum gentio buzarate (sic) dizendo-lhe: «Senhor, não temas, que a nao se não perdera». E que elle lhe respondera: «Promete de seres christão, que eu te prometo que Deos a salve». O que lhe prometeo e Deos compriu ambas as cousas, como logo se vera, porque, depois de feita a pratica que disse, logo a noyte

seguinte do 2.° dia lhe baterão a nao como acostumavão, mostrando querella abalroar e ainda que então o não fizerão, o 3.° dia, em amanhecendo, se veio toda a armada iunta a ella e com grandes gritos e alaridos, trombetas e atabales e outros instrumentos a seu modo a tiverão abalroada atee horas de vespora; e ainda que chegarão a entrar alguns mouros dentro, forão loguo recebidos com tanto dano seu, que lhes foi forçado afastar-se a armada toda, com deixarem mortos dos nossos vinte e huma pessoas, ainda que portugueses erão soos cinquo; e feridos, cento e trinta.

Este foi o derradeiro combate, porque estando neste aperto, trouxe Nosso Senhor a este tempo a vista dos nossos hum galeão da armada de Sua Alteza; que, chegando a vista e fala da nao, lhe prometeo socorro e amparo atee ambos se perderem. *Mas* com sua chegada os imiguos desesperarão de a nenhum delles danar e deixando o mar feito sangue, se recolheo o rey do Dachem a terra, com a perda que se segue: matarão-lhe, os christãos, nesta batalha, mil e trezentos homens de guerra.e dos principais que trazia e depois tiverão os nosso recado que elle em terra mandra matar quatro centos dos seus, por não tomarem os nossos, que são mil e sete centos e que levava feridos da artelharia e espinguardaria, estocadas etc, perto de dous mil homens; perdeo duas ou tres embarcações que com toda sua artelharia os nossos lhe meterão no fundo; e outras muitas, destroçadas. Foi, finalmente, tão desbaratado, que não pode fazer a jornada a que yão, que era tomar os estreitos de Sincapura e Saabão e nelles a el-rey de Bitão ou do Malão, nosso amiguo, e as naos de Maluco e da China; e os mantimentos a Malaca, por onde todos lhe vem e day a ella a fome.

E todos estes males se evitarão e bens se seguirão da victoria milagrosa que o Senhor deo aos christãos.

Chegou este capitão a Malaca com a nao muito fermosa, feita hum São Sebastião, de tiros e frechadas, onde todos a vinhão a ver, dando graças a Deos da merçe que lhe fizera.

O capitão e gente della forão recebidos com alegria e a nao enramada e procissão do bispo, capitão e dos mais moradores, dando

todos graças a Nosso Senhor, pela merce que a todos fizera. (O gentio que acima disse se fez christão, com muita solenidade).

Mandarão-no aqui visitar os reys amiguos por suas cartas, dando-lhe os agradecimentos da victoria que Deos lhe dera e como os defendera de hum tão grande imiguo. Hum delles foi o Resatalle, rey e regedor do Malayo, cuja carta e a seguinte:

«Ao Senhor Mem Lopez, capitão assinalado do grão rey de Portugal.

O affamado e esforçado cavaleiro por todas as terras, em estremo [11 v.] folguey // de ouvir que tivestes batalha com o rey do Dachem e que não ficastes vencido mas vencedor nella.

O nome que nisto ganhastes e muito grande e affamado, por todas as partes e se eu tivera muitos quintais douro, que os gastara em vossa honra, polos muitos Dachens que matastes, porque não so defendestes a vossa nao, mas a mym e a meu reyno; prazendo a Deos, se eu tiver vida, eu o pagarei, etc. Dagosto de 69 annos. O regedor da Quedaalhe».

«Ao Senhor Men Lopez, capitão da nao que pelejou com o rey dos Dachens.

Foy tamanha a boa ventura que Deos vos deu, que deveis por isso dar-Lhe muitas graças e posto que o feito que fizestes ninguem o sabera milhor que vos, porque nelle vos achastes, a damno e destruição que a el-rey do Dachem destes, direi eu, porque e muito maior do que cuydais.

Elle ya para Jantana a destroir Rayayale e impedir a Malaca os mantimentos e fornecer-se delles e fazer o mais damno que podesse aquella fortaleza, m̃as foy o seu noçivo ou dita tão roym e a nossa tão boa que se foi encontrar comvosco, que foy causa de se tornar a recolher, com mil e trezentos homens mortos, e delles dos principais e a mayor parte da gente ferida; enterrou os mortos e pagou aos feridos e mandou matar os que não chegão, como elle queria, que forão quatrocentos e tudo isto soube de duas embarcações que para aquy vierão fugidas.

Ca vy a vossa nao pintada, aynda que com menos embarcações do que erão e ainda assy folguey muito de a ver. Vy o vosso batel pintado em poder dos imiguos; se vos aproveitar e quiserdes hum que ca tenho, manday por elle. Feita em Quedaa, a seis de Setembro de sesenta e nove».

Tudo isto se tresladou das cartas e instrumento autentico pelas testemunhas e assynado do capitão de Malaca. E posto que o mesmo capitão da nao por sua propria boca disse ao padre reitor, quando o aquy veyo ver.

Hyão nesta nao quarenta portuguezes com outras duzentas e cincoenta almas de fieis e infieis; levavão trezentos mil cruzados; cento e oitenta em dinheiro e os mais em fazendas para a China. Segundo o mesmo capitão disse ao padre, levavão quatro falcões pederiros e dous cameletes, quarenta ou cinquoenta espinguardas, dezasete caixões de polvora, duzentos ou trezentos pelouros, que ainda que era muy boa munição pera mercador, não era nada pera o poder com que pelejou e desbaratou.

Pareçeo escrever-lhes isto, para que todos os que souberem a certeza e verdade com que aqui vai, dem muitas graças ao Senhor, por esta tão milagrosa victoria e vejão como Elle toma e pelleja pellos seus que fazem o que devem e pelleião por sua santa fee.

Seja elle muito louvado, porque nestes nossos tempos mostra a experiencia de sua bondade e poder antigo e tem por costume salvar *et in multis et in paucis*, e que ainda em nossos dias unus persequitur mille et duo fugiunt decem millia.

De Cochim aos 16 de Janeiro de 1570.

7

CARTA DO PE. FERNÃO DA CRUZ AOS PADRES DE GOA

Bachão, 20 de Abril de 1570

BNL: Fundo Geral N.º 4532.
Fls. 99v-101r.
Desta carta existem mais duas cópias no ARSJ, Goa-12-1.

a) Os religiosos das Molucas correm muitos perigos do corpo e da alma.
b) Os Bachões são gente de muito juízo, pelo que são dados às cousas da Fé.
c) Celebram a Semana Santa; têm muita devoção à Cruz e fogem de juramentos.
d) Medo supersticioso dos gentios a seus *suangues*.
e) Os cristãos, nas suas enfermidades mandam logo chamar o padre e têm muita devoção à água benta.
f) Cuidado especial com a educação e catequese das crianças.
g) Morte del-rei de Ternate, opressor dos cristãos e auxílio que el-rei de Bachão e um sobrinho seu D. Duarte tem prestado, nesta conjuntura, aos Portugueses.

Pax Christi.

Ja que pera se mais acenderem nossos corações no amor e charidade huns dos outros, e mais nos aviventarmos a levar a cruz com Christo, estaa entre nos ordenado que por cartas communiquemos as cousas de edificação, trabalharei por lhes dar conta do que o Senhor obrou nesta ilha de Bachão, ainda que pera isso folgara de ter tempo mais quieto, porque o estrondo da guerra, que se agora nesta alevantou, e alvoroço que com ella ha neste lugar me não deixa

ter tão particular como devia, iuntamente com estar o parao para se partir.

Este reino de Bachão he grande em terras, mas pequeno em gente e, tirando este lugar, em que el-rei reside, os mais são pequenos, repartidos por muitas ilhas, que estão humas das outras dez ou doze legoas, o que daa muito trabalho a quem os doutrina em o spiritual; porque, se não frequenta as visitações, morrem muitos meninos sem baptismo; e pera as frequentar, he necessario andar mais do tempo embarcado, em que se passão muitos trabalhos, fomes e chuivas e frios e muitos perigos de tormentas e de ladrões. *Os* quais, em embarcações ligeiras, muitas vezes antre estas ilhas vem fazer saltos. Assim que nos não faltão perigos do corpo nem dalma com as desinquietações que isto consigo tras, *Deus* seia bendito, que nos daa graça pera por seu amor e serviço sofrer com gosto estes e muitos outros trabalhos.

Estes Bachões são gente de bom iuizo, pelo que caem bem nas cousas da fee; confessão-se muitos e mostrão affeição a estes e aos mais sacramentos; e na verdade que veio nelles, has vezes, tantas lagrimas e sinais de contrição, que me poem em admiração.

São homens que fazem muitas preguntas dos artigos da fee: da morte, do iuizo, inferno e gloria, deseiando de serem instruidos e informados nestas cousas. *Tem* muita devoção na missa e ha quem não soo nos domingos e sanctos, mas tambem pola somana a ouvem el-rey com muita parte dos seus, com tantos sinaes de devação que ha muitos portugueses que se achão com elle mete em confusão. *Louvado* seia o Senhor, que de gente que tão poucos annos ha venerava a diabolica seita de Mafamede, agora seu divinissimo culto e os sacramentos da sua santissima Paixão e morte, com tanta devação venerão.

Na somana sancta custumão amostrar muito sentimento da morte e Paixão de Christo, Nosso Senhor; e ha Quinta Feira de Endoenças, e toda a noite seguinte, andão da igreia para a cruz e da cruz pera a igreja, que he hum pedaço grande, como quem corre estações. *Nunqua* estaa o caminho vazio, fazendo oração, ora na igreia, ora na cruz. *E* muitas pessoas destas, movidas de devação, neste dia he

noite, gastão o mais do tempo nesta devota peregrinação, offerecendo cada hum, conforme a sua pobreza.

Com a vinda deste galeão se lhe pregou o jubileu que este anno veio, que foi o primeiro que nesta terra se deu. *Vio-se* em muitos muito fervor e aparelho pera o receberem e assi se desposerão a isso, acudindo has procissões que lhe precedião. *Não* faltou pessoa alguma; hião nella com muita quietação e devação. *Praza* a Deos de receber a pureza de suas intenções e ouvir os gemidos e roguos deste seu povo.

Huma cousa tem que he muito pera confundir a desordem de nossos tempos, em os quaes não soo os homens mas as crianças, com tanta soltura e pouco temor, poem sua boca sacrilegoa em Deos, iurando por seu nome santissimo e polo de seus sanctos, que he muito pera chorar. Estes christãos, polo contrario, tem tanta devação e reverencia ao nome de Jesus, ha cruz, ha igreia e sanctos, que huma das cousas trabalhosas, que se pode acabar com elles, he que iurem
[100 r.] pola cruz ou por outros iuramentos, sendo necessario // pera verdade dalgumas cousas; ja mentir, por nenhuma cousa o fazem.

E assi como hum achega a cruz ou a porta da igreia e iurar sobre a verdade dalguma cousa, por ella ão os outros, a cuio requerimento o faz, que não pode mentir; e que, se mentir, que ão de receber de Deos logo o castigo, pera o que trazem em prova a morte e castigo com que elles dizem que Deos castigou alguns dos seus, porque na cruz e igreia iurarão falso. *Graças* seião dadas a Deos, que polla via do temor quis levar a estes aa veneração de seu santissimo nome.

Tem a gente destas partes grande medo a huns homens que elles chamão *soangues* [1], que pareçe que são, como antre nos, bruxos; tem pera si que os embruxão, o que lhes causa alguma enfermidade; no que tem alguma superstição, porque, se estão doentes e estão mal com alguma pessoa, tem que aquelle he o que lhe causa sua enfermidade, e assi o mandão matar por seus parentes ou criados. *E* achão

---

[1] Termo dos dialectos malaios corrente sob várias formas: *pawang*, *pwan* e *Bwan*. *Suangue* e *suanguice* são expressões aportuguesadas.

que, untandosse com hum pouco de seu sangue, sarão de sua enfermidade que lhe causou.

Antre os christãos esta isto emmendado; e falando-me, os dias passados, um dos principaes deste lugar nestes *soangues*, e querendo-o eu persuadir que não os avia, e que era falsa a openião que os Malucos delles tinhão, porque ninguem sabia mais delles senão os que sonhavão; e trazendo-lhes para o pesuadir por rezão que se os seus *soangues* matavão o homens, porque não matavão os Portugueses, e lhes causavão doenças, como os Malucos dezião que causavão a ssi mesmos?

Ao que elles me responderão que os Portugueses erão christãos de muito tempo, bem instruidos nas cousas da fee, e mais achegados a Deos e que por isso seus *soangues* lhe não podião fazer noio; mas que elles, que erão novos christãos e boçaes nas cousas de Deos e pouco constantes na fee, e que por isso os *soangues*, como ministros dos demonios, tinhão nelles poder.

A rezão não foi boa, mas por ser humilde lhes quiz contar, e para que veião como huma superstição, que de seus antepassados tem tão rapressas em seus coraçoens, a atribuão não a ser verdade, mas a seus pecados, e a não terem a constançia na fee que devião.

Em suas doenças e infermidades, huma das primeiras cousas que fazem, he mandarem chamar padres, para que os confessem, ou para que lhes rezem o evangelho. E tambem para lhes pedirem que roguem a Deos, que aya com elles misericordia. Tem muita devação em chamarem pollo nome de Iesu Christo e de Nossa Senhora e são muito da agoa benta em suas necessidades e enfermidades, em que tem tanta devação que he de louvar a Deos. *E* bebendo-a e lançando-a na cabeça com fee viva de Nosso Senhor, polla virtude della lhe dar saude. *E* assi se ve, as vezes, obrar Deos obras de sua omnipotencia.

Costumão tambem muitas vezes trazer azeite a igreia para a lampada e offerecer nella outras cousas com que mostrão em suas necessidades tomar soo Deos por valedor.

Nos meninos se vee claramente frutificar-se muito, que he cousa que qua temos por grande fruito: vem todos os dia à doutrina, no que

são continuuos e faltão poucas vezes. Sabem-na toda de cor, e assi andão cantando pollas ruas e embarcaçoens.

Trabalho por lhe desarreigar de seus coraçoens algumas erroneas e superstiçoens, que seus paes e mouros e gentios tinhão e de que ainda em alguns, algumas vezes, se achão, por não estarem de todo fora dellas.

Mas eu trabalho muito por lhes empremir a verdade da nossa ley. O que tudo, por serem de idade tenra, se imprime nelles façilmente.
[100 v.] *E* assi se crião com amor as cousas da fee, // e odio e aborreçimento a falsidade das erroneas de seus antepassados.

Dos innoçentes caminhão muitos deste lugar para o ceo, cada anno, que he huma das mayores consolaçoens que tenho e com que recompenso parte do trabalho que em outras cousas padeço. *E na* verdade, que maior gosto e alegria pode ser, que ter homem por officio despoiar ao demonio de hum tão rico despoio, como he de quantas almas desta terra, cada anno, tragava? *Deos* Nosso Senhor, por quem he, nos dee a conhecer esta merçe e nos dee graça, para em cousa de tanta sua gloria fielmente O podermos servir.

Polla carta geral de Maluco entenderão como Deos Nosso Senhor foi servido de livrar a christandade de todo este arcepelago de tão grande oppressão, como era a que lhe dava el-rey de Ternate, com muitas mortes e roubos, por meyo dos seus. *E querem* dizer que o capitão o mandou matar, o qual se assi he, podemos dizer por elle, que foi para este povo como outro Moisez para o povo esraelitico, pois o livrou de outras oppressoens e tiranias corporaes e espirituaes, porque, ao que nos entendemos, emquanto este rey foi vivo, a christandade não deixava de padecer muitos trabalhos.

Como o rey de Bachão foi sabedor destas novas, ainda que seu sobrinho, filho de sua irmãa, pode mais a obrigação de christão que a rezão do parentesco e sangue; e se fez logo prestes para por sua parte ayudar aos portugueses em tudo o que pudesse e para morrer pollo augmento da fee que tinha reçebido. E logo mandou dous paraos, hum apos do outro, ao capitão moor, a lhe dar novas do estado em que a fortaleza estava.

Poz logo em ordem aparelhar a mais armada que tinha, para com ella ir em companhia do capitão moor a fortaleza pelejar com os Ternates, que a tinhão de çerco. Não vay la antes da vinda do capitão-moor, por ter pouco poder, e os Ternates serem poderozos, e assi, seria mais ir-se a entregar a elees, que ayudar-nos.

Em alguns lugares, que aqui estão perto del-rey de Ternate, mandou fazer alguns saltos, para que alguma gente, que delles estava ayudando ao Babu, herdeiro do reyno de Ternate, acudisse à suas molheres e filhos e assi, sendo menos gente, não dessem tanto aperto a fortaleza.

Poucos dias depois da morte del-rey, mandou a mesma fortaleza duas coracoras para o estado da fortaleza e mandou dizer ao capitão como se ficava fazendo prestes para ir la com o capitão-moor.

Estas coracoras, estando dentro no porto de Ternate, vierão sete embarcaçoens grandes de Ternates, a fazer diante da fortaleza o *carracheo*, que he, ao seu costume, hum modo de ronca e desprezo. *E* vendo isto o primo del-rey de Bachão, chamado Dom Duarte, que nestas caracoras de Bachão vinha por capitão, não podendo sofrer afronta tamanha, sem querer tomar portugueses que o capitão lhe dava, soo com dous que de Bachão trazia, tomando mais alguns berços da fortaleza, foi cometer as sete embarcaçoens dos Ternates; e a vista da fortaleza andavão as berçadas e espinguardadas, tão grande espaço que com os muitos tiros arrebentarão dous berços dos que levavão.

Ayudou-os Nosso Senhor, de maneira que foi forçado aos Ternates voltarem, fogindo com morte dalguns. Dom Duarte se tornou para a fortaleza, sem dos seus perigar nenhum.

Depois de estar ahi, passante de hum mes, vendo que não podia ayudar a fortaleza, pedio licença ao capitão para se tornar com cartas para el-rey, que mandasse outro parao a Amboyno. // [101 r.]

Os Ternates, como que são poderosos no mar, tinhão muita armada nos caminhos por onde podia ir Dom Duarte e assi lhe tolhião a saida do porto.

Sabendo isto, Dom Duarte partio da fortaleza a boca da noite, e duas legoas della se fez na volta do mar, muy desviado de seu

caminho e vay de frecha demandar huma ilha pequena, que chamão os Meaos, que estará ao mar, da fortaleza, trinta legoas. Ha nesta ilha hum lugar soieito a el-rey de Ternate.

Dom Duarte, com as duas embarcaçoens que levava, huma antemanhã nelle, queimou-lhe o lugar e cativou trinta e cinco pessoas. Dahi se fez em outro bordo e, por fora de todas as ilhas, veio tomar Bachão.

Afrontados disto os Ternates vierão em doze embarcaçoens grandes a barra do rio(?) de Bachão. Tomarão quatro ou sinco pessoas, que no mar em paraos andavão pescando.

Quiz-lhes escrever estas cousas, ainda que são de guerras, porque entendo que ão-de servir para o nome do Senhor ser exalçado e o nome do diabo abatido. Encomendem, charissimos, estas necessidades a Deos, que são grandes, e lhes peção queira abater, com a dextra de sua omnypotençia, o poder destes inimigos da sua santissima cruz.

De todos peço ser encomendado ao Senhor, porque tenho disso necessidade.

De Bachão, aos vinte de Abril de 1570.

Por comissão do Pe. Reitor Luis de Goes

Inutilis

Fernão da Cruz

8

CARTA DO PE. JERÓNIMO DOLMEDO AOS RELIGIOSOS DE PORTUGAL

Amboino, 2 de Junho de 1570

BNL: Fundo Geral N.º 4532.

Fls. 101r-102r.

Desta carta existem no ASJR, Goa-12-I três cópias escritas com letras diferentes, em bom estado e de fácil leitura.

a) Padres que estão em Ternate e no que se ocupam.
b) Em Amboino vai muito adiantada a construção duma igreja.
c) Perseguições movidas pelo rei de Ternate; barbaridades cometidas em vários lugares por gente às suas ordens.
d) Morte do mesmo rei e revolta que se lhe seguiu.
e) Estado em que se encontra a fortaleza de Ternate.

A graça e o amor do Espirito Santo faça continua morada em nossas almas. Amen.

Por carta de Ternate do anno passado terão entendido o que Deos Nosso Senhor, por meyo dos da Companhia, que ahi residem, tinha obrado, e agora, por não virem cartas suas, e estes galioens estarem para partir, me mandou a obediençia o fizesse.

E por satisfazer a obrigação e dezeios que os ausentes commumente tem de saber novas de nos, e destas partes, o farei brevemente do que me ocurrer.

Os que em Ternate ao presente estão, são tres, a saber: o Padre Andre Cabreira, por superior; e o Irmão Vicente Dias, e o Padre Diogo de Magalhaens, que ahi veio do Moro curar-se dum pee, de que avia dias estava mal, por huma chaga que lhe nelle naçeo, de que esteve muitos meses em cama. *Com* sua humildade e paçiençia a todos nos edificou muito. *Mas* ya ficava bem; todos estão bem, louvores ao Senhor.

Quanto ao espiritual, não ha que dizer, porque todos proçedem com muita edificação e augmento. *Tem-se* muita conta na obediençia das regras e vesse nelles muita promptidão na obediençia e nos mais exercicios espirituais. Ocupan-se em pregar, confessar, iuntamente [101 v.] com / / algumas amizades, e de tudo se serve muyto Nosso Senhor. Pera a renovação dos votos, que foy dia de Jesus, nos confessamos todos com o Padre Reytor, geralmente, com as mais preparaçoens costumadas.

De Bachão e do Moro pollos padres que la residem saberão o que Deos Nosso Senhor, por meo delles, naquellas partes cada dia obra.

O edificio da igreia foy muito por diante, com o muito cuidado e diligencia que o Padre Reitor nesta obra poz: as paredes estã em boa altura, e falta-lhes pouco pera se porem no em que ande ficar. Vão fortes. Tem a igreia duzentos palmos de comprido e cincoenta e dous de largo, afora a capella que he de bom tamanho, proporcionada ao corpo.

Posto que esta obra, no principio, parecesse grande para a terra, ia agora nos vay parecendo pequena, porque se vay abrindo caminho, com a aiuda divina, por a obra da christandade ir muito adiante, porque foy Deos servido de nos desapressar, e a esta pobre christandade, do mor inimigo de Christo e de sua cruz, que nos nestas partes sabemos que era el-rey de Ternate, e elle por tal se manifesta e publica. *E aynda* que com a boca o dissimulasse, com as obras bem o pregava e mais conforme a traça, que muitos dias ha tinha ordenado, que agora lhe parecia ser tempo de a executar.

O primeiro em que começou, foy em querer-nos tolher os mantimentos, que os não podessemos ter senão por sua mão, os quais vendião como querião. Finalmente, que mandou a huns lugares seus, como he a Bocanora, Sabugo, Doy, que armassem caracoras para nos tomar as champanas, que do Moro vem com mantimentos para esta pobre fortaleza.

E a primeira preza que fizerão foi em 4 champanas de portugueses, grandes e carregadas de mantimentos. Mas quis Deos que a gente se salvou toda, por estarem perto da terra.

Depois, foram com trinta vellas correr a costa do Moro, e o primeiro lugar em que derão, foy em hum que se chama Pune, onde matarão e cativarão (segundo soubemos) trezentas almas, com as quaes usarão de cruezas inauditas, por as molheres prenhes abrião e dos ventres lhes tiravão as crianças e lhas espedaçavão.

Quatro ou cinco lugares mays atemorizados destas cruezas lhe derão obediencia. A outros forão, de mais gente que estes, onde os fizerão embarcar a espada, com lhes cortarem algumas cabeças; e em outros não ousarão de desembarcar; em hum lhes entregarão dous portugueses, que logo matarão; tambem matarão outros dous ou tres mestiços que hião pera a fortaleza, ainda que, segundo dizem, venderão bem suas vidas.

Despois disto, em humas ilhas perto da fortaleza, a cinquo e sete legoas, mandou el-rey matar outros tres portugueses e o mesmo fizerão a alguns christãos, escravos dos portuguezes, que por aquellas ilhas andavão fazendo cravo. A todos estes males se fazia el-rey muito de novas, e dizia que os seus o iniuriavão, que erão huns alevantados, ameaçando-os que os avia de matar e destruir. *Depois*, fingia que fugirão e passava a cousa por aqui, que era asaz de vergonha e descredito deste estado da India e portuguezes.

O capitão da fortaleza vio-se envergonhado e afrontado com estas cousas del-rey e pos em conselho, com os casados, se mataria el-rey ou o prenderia; mas todos forão de parecer que se não bulisse com el-rey, pondo diante falsos temores, ainda que, por outra parte, tambem fossem muito apparentes, mas muito mais era pera temer o estarem como estavão.

De tudo isto foy el-rey sabedor, presume-se que de pouco segredo que entre nos ouve e não ousava vir a fortaleza. Despois de serem dous galeões de cravo carregados, sendo o de João Gago ido, Simão de Mendonça, estando pera partir, vendo a terra como ficava muito perto de se revolver, ententou com alguns casados de reconçiliarem el-rey com o capitão, o que se fez com iuramento que de ambas as partes ouve de pazes. *E* que o passado fosse passado, prometendo de mandar vir tres portuguezes e huma molher mestiça, que na Bacanora estavão cativos, e todos os christãos e escravos de

[102 r.] portuguezes; mas de tudo isto se sospeita/ /va aver el-rey de faltar, como sempre teve de costume com os capitães, e seu intento era, principalmente, com esta falsa paz, pretender ir-se o capitão-mor de Amboyno pera a India, pera depois fazer a sua livremente.

Sendo ya partido Simão de Mendonça pera Amboyno, hum dia depois de sua partida, que forão 8 de Fevereyro, foy el-rey, a fortaleza e saindo pera se ir, travou com elle rezões hum primo do capitão, por nome Martim Afonso, e o matou. E nesta revolta foy tambem hum seu capitão, chamado Gorãogo, homem principal entre elles.

Alevantou-se a terra; matarão nesta revolta, os Ternates, dous ou tres portuguezes, que fora acharão descuidados, com alguns christãos e escravos dos portuguezes.

A fortaleza esta falta de gente e tem muito poucos mantimentos, mas esperamos em Deos que daqui resultara ficar a terra bem conçertada, desta vez, porque este he o meo por onde ella tinha remedio, conforme ao entendimento dos que desta terra entendem. *A* christandade ira por diante com muito augmento.

Esta necessidade, charissimos padres e irmãos, lhes encomendamos muito em seus santos sacrificios e orações tenhão particular cuydado diante de Deos, porque como a obra he sua e de que se espera muito fruyto na conversão, por muito certo temos não nos negar seus acostumados favores. El-rey de Bachão e os seus tem dado mostras de bons christãos e constantes na fee e estão muy determinados de acompanharem bem o capitão nesta guerra.

Do Moro temos por novas que hum capitão, que la esta com obra de cinquoenta portuguezes, depois de ter as novas del-rey, deu em Lamafo, que era seu e donde muitos males tinhão feyto a christandade e, segundo dizem os Tidores, por quem esta nova soubemos, entre mortos e cativos, dizem que chegou o numero a 900 almas, que foi huma boa victoria e muy necessaria à quietação e bem daquella christandade.

O iubilèu se publicou e toda a povoação se confessou e comungou com muita devação, preçedendo suas acostumadas

processões em que se vio notavel proveyto e fruyto de suas almas. Nosso Senhor os conserve em seu amor.

Não tenho outra cousa mais que escrever, senão pedir-lhes muito nos encomendem a Deos em seus santos sacrificios e orações, nas quais muito me encomendo.

De Amboyno, 2 de Junho de 1570.

Por comissão do Padre Reytor Luis de Goes

Hieronymo Dolmedo

9

CARTA DO PE. PERO MASCARENHAS AOS SEUS RELIGIOSOS DE PORTUGAL

Amboino, 15 de Junho de 1570

BNL: Fundo Geral N.º 4532.
Fls. 102r-106r.
No ASJR, Goa-12-1, existem também três cópias desta carta, escritas todas com letras diferentes, mas de fácil leitura.

a) Um padre visita os lugares cristãos de Amboino, onde é recebido com júbilo festivo.
b) Passa depois a visitar os lugares de Sore-Sore, Ulate, Tua, Hiamao e outros, com o mesmo regozijo dos cristãos.
c) Relato da morte cruel do Pate de Ulate pelos mouros em ódio da Fé.
d) Casos edificantes que se deram durante estas visitas.
e) Dom Diogo, regedor de Rocotelo, morto pelos mouros também por ser cristão.
f) Muitos outros lugares desejam ser cristãos, no que não podem ser atendidos por falta de religiosos.
g) Os Itos inimigos do nome cristão.
h) Alguns lugares de cristãos submetem-se aos mouros, mas a maior parte resiste-lhes e defende-se.
i) Fervor com que os cristãos constroem as igrejas em seus lugares.

Avendo de dar conta dalgumas cousas desta terra, começarey primeiro pellas da Companhia, conforme ao costume della.

Os que ao presente residimos nestas terras de Amboyno somos cinquo, convem a saber: 4 sacerdotes e hum irmão, todos bem dispostos e com saude, ainda que, este verão passado, nos visitou Nosso Senhor com algumas infirmidades de febres e outras que durarão poucos dias. Todos procedem com muita edificaçam em

seus ministerios, aiudando-se dos meios que a Companhia usa de oração e exercicios. *Renovaram-se* os votos nos dias acostumados com muita consolação spiritual, e deseio de os comprir perfeitamente, precedendo as confissões geraes, como se costuma.

Os exercicios que por quaa temos sam os mesmos que a Companhia custuma exercitar para bem das almas, a saber: confessar, pregar quem o tem a cargo, fazer amizades entre os que estam em odio, bautizar e ministrando todos os mais sacramentos com muito fruito das almas. *E* em particular lhes direi algumas cousas que me ocorrerem das muitas que por quaa vy, por ser materia para muito louvar ao Senhor.

Como os nossos padres por quaa custumam avisitar os lugares e estar nelles alguns dias, ensinando-os e doutrinando-os nas cousas de nossa santa fee, no principio / / do veram mandou aquy hum lugar [102 v.]
muy grande destes de Amboyno pedir hum padre que os fosse fazer christãos o que logo se acodio. *E* por estar a terra ainda muito emburulhada, e muitos lugares alevantados levou o padre consigo alguns portugueses; os quaes estiverão com o padre, no lugar, oito ou dez dias e todos forão muy festeiados, asy da gente da terra como dos portugueses; porque, de dia e de noite, tudo eram folias e festas e principalmente o dia em que se alevantou a cruz; a qual levavão aas costas todos os principaes do lugar donde se fez ate onde se avia de alevantar, com grandes folias e festas dos da terra e dos portogeses, por todo o caminho. *E* depois de arvorada, alevantarão os portogeses hum *Benedictus*, ate o cabo, que causava muita devação e diziam-no muito bem, por se acharem ali das melhores falas, que se ouvia em toda a armada; e despois humas ladainhas de canto de orgam, estando todos de giolhos, adorando a cruz, assi gente da terra, homens e molheres, como os portogeses, e em todos se via muita alegria e devação.

Neste dia, a honrra da cruz, fizerão todos os principaes o *carochoo* ([1]), dando hum grande banquete a todo o lugar, que he a

([1]) Dança festiva. Vid. Vol. 3.º, Glossário.

mor festa que conforme a seu costume fazem; e nam era o Sol bem posto, quando começou a gente da terra a acender grande numero de candeas de breu; que, por serem muitas, alevantavão huma grande labareda em roda de toda a cruz, o que nam causou pequena devação e alegria em os portugeses, que o viam; e asy o fizerão depois e o fazem todas as noites, pondo ao pee da cruz candeas de breu; e na igreja, candeas de azeite.

Neste mesmo lugar, declarando o padre as cousas da nossa santa fee a todos os homens que para isso se aiuntarão em hum muy grande baileu, ouvião com tanta devação, que não perdião palavra. E assy, depois que o padre acabou, lhe começarão a perguntar muitas cousas do juizo final e se este mundo avia de ter fim e outras muitas cousas; e diziam huns aos outros quam verdadeira seia a nossa ley e quam falsa a sua, e quam cegos ate entam andarão, pela cegeira e ignorancia de seus cacizes.

Ao outro dia veo hum homem honrado ter com o padre, que o fizesse christão e perguntando-lhe quem o movia a isso, respondeo que nam outra cousa senam o mao estado em que estava, pois nele nam podia ver a Deos nem cousas boas, antes emquanto o nam era, era escravo do demonio, como lhe tinha ouvido.

Neste mesmo lugar mandou o padre hum dia os moços e iuntamente com eles hum moço principal, filho do *pate* do lugar, o qual moço ainda nam era christam, a derribar huma sepultura de hum casis, que estava perto da cruz. *Isto* foy pola menhã, e sendo ja perto da noite, foy hum mançebo christam, filho do dito pate, que se fez christam com dous anos, o qual servia de lingoa ao padre, e disse ao padre como a mais gente principal do lugar estava em casa do pate aiudando-lhe a chorar um filho que estava para morrer de hum mal que lhe deo na garganta. E começando a derribar a sepultura do casiz que o padre lhe mandara, porque de tal maneira lhe inchara o pescoço, que nem agoa podia levar para baixo.

Foy o padre logo ter a casa do *pate* e consolando-o, lhe disse que nam se entristecesse, que nam avia de ser nada e mandando vir, o padre, o moço diante de si, o baptizou e rezou o Evagelho de S. Marcos.

Foi Nosso Senhor servido de lhe dar saude, o que nam causou pequena admiração e espanto em toda a gente do lugar. Louvarão todos a Deos Nosso Senhor e causou em especial grande admiraçam no lingoa, que logo disse ao padre que agora acabava de conher verdadeiramente a verdade da nossa fee e que na verdade não avia outra e que tudo o mais era falso; e porque elle com seus olhos o vira, e isto contava e dizia a todos os Amboynos com quem se achava e o mesmo dizia despois das pazes a sua gente, persuadindo-os a ser christãos.

Ficarão tão atemorizados os da terra com o sucesso do filho do *pate* que nenhum, antes de ser christão, ousava achegar a nenhuma sepultura de defuntos para a quebrar, porque soo ao filho do pate, que ainda não era christão, com a destruição da sepultura do caciz, veo tanto mal e não aos outros que ia erão christãos; e por esta rezão, quando os mancebos e meninos acabados de baptizar sahião a quebrar os pagodes e sepulturas de defuntos pello lugar, as molheres e homens ainda não baptizados os chamavão, pedindo-lhe que entrassem em suas casas a quebrarem os pagodes que tinhão nellas, por elles se não atreverem e não serem ainda baptizados.

Emquanto o padre esteve neste lugar, a gente / / delle lhe dava de [103 r.] comer a elle e a hum portuguez que ficou com elle e aos moços que levava consigo, não consentindo que delles o comprasse.

Ficarão-lhe tendo tanto amor que avendo-se o padre de ir insinar e baptizar outros lugares que o mandavão chamar, trabalhavão muito por lhe impedir a ida e lhe pedirão que não o fizesse, pois o tinhão por pay, os insinasse e doutrinasse como filhos de poucos dias e regenerados pollo baptismo; dizendo-lhe o padre que elle tornaria cedo a visita-los e que era necessario tambem acudir aos outros.

Entendendo elles que lhe não podião estorvar a ida, lhe disserão que ia que hia, que olhasse por sy, por ir a huma ilha onde avia muitos mouros e cacizes acostumados a matar a muytos com peçonha e, portanto, tivesse muito resguardo no comer e beber; e assi fizerão os principaes deste lugar huma grande pratica os regedores dos lugares da outra ilha, que vinhão buscar o padre, encomendando-lhe muito e dizendo que lho entregavão são e bem desposto e que tal

lho tornassem a entragar (sic), porque, se adoecia, que elles lho avião de pagar.

Fazendo-se o padre prestes pera se ir com os que o vinhão a buscar, chegou o regedor com os principaes de hum lugar de huma ilha e pedio ao padre quisesse ir ao seu lugar a fazer sua gente christãa. O padre se escusou por entanto, por estar de caminho para outra ilha que o mandava buscar; a qual resposta tornou tão triste ao regedor que começou a derramar muitas lagrimas e meteo o portuguez por terçeiro, não cessando de chorar.

Movido o padre de suas lagrimas, lhe disse que folgara de ir, se seu lugar fora mais perto, mas que era 30 ou 40 legoas por terra de grandes outeyros e roins caminhos, onde avia de aver muita detença, porque estava de caminho, e o estavão esperando.

Respondeo o regedor que, quanto ao trabalho do caminho, não no temesse, porque a sua gente e elle o levarião em hum andor e que nem averia detença, por elle ter a gente toda prestes.

Vendo o padre seus tão grandes deseyos, se partio para o seu lugar; e em todo caminho, atee chegar, forão fazendo grandes festas porque hia o regedor diante do padre com os mais principaes, fazendo o carocheo e cantando a seu costume: «Deos e Nosso Senhor nosso e ao padre, como a seu ministro, obedeceremos na terra». E quando nomeavão a Deos, alevantavão os olhos ao ceo e tiravão o barrete e cantando outras cantigas em louvor dos christãos.

Desta maneira forão atee chegar ao lugar onde o padre foy recebido muy bem de toda a gente principal, assi homens como molheres que estavão esperando na entrada do lugar.

Aquella gente, ate polla menhaa e dous dias mais que o padre ahy esteve, em que baptizou toda a gente do lugar, tudo forão cantigas e festas, de dia e de noyte, e principalmente o dia em que se arvorou a cruz, que todos adorarão de giolhos com muita alegria e contentamento de todos.

Acabando de baptizar este lugar, se partio o padre com a gente que estava esperando para a ilha de Sore-Sore, com a mesma que o vierão buscar, que erão os principaes do lugar de Sore-Sore. E no lugar foy muy bem recebido de toda a gente principal.

Ao outro dia vierão ter com o padre os principaes deste lugar de Ulate, e lhe contarão a grande obrigação em que o lugar de Sore-Sore estava aos Ulates, / / pelo destruirem, não por outra cousa senão por serem christãos. E por esta rezão matarão a muitos e ao seu bom *Pate*, pelo que o padre mandou ayuntar os principaes de Sore-Sore e lhes perguntou a causa porque destruirão os Ulates e entendendo de sua resposta não ser outra senão a que os Ulates davão, lhe disse a obrigação em que estavão de restituir aos Ulates tudo o que lhes tomarão e as perdas que lhe derão. Ao que elles responderão que, se isso era necessario para serem christãos, que assi o farião. [108 v.]

E começarão logo a trazer alguns sinos e fato; e como a quantidade de fato era muita e não se podia aiuntar, senão de vagar, o padre tinha nesta ilha alguns lugares de christãos pera visitar, e outros de mouros e gentios, que querião ser christãos e chamavão o padre pera isso, despedido dos principaes de Sore-Sore, despois de aver estado tres dias nos lugares, se partio por terra visitar o lugar de Tua christão, que tinha ya vindo visitar o padre com cincoenta ou sesenta homens, pera o acompanharem pello caminho, deixando dito aos Sore-Sores que como acabassem de iuntar o fato, que elle tornaria a faze-los christãos, com cuia ida elles sentirão muito e trabalharão estrovar, buscando todos os meios que puderão, ate aiuntarem todas as molheres principais, pera que o pidissem ao padre.

Mas como o padre tinha muito que fazer naquella ilha e em outras partes donde o chamavão, e ali não fazia mais do que perder tempo, não lho concedeo, antes se partio pera o lugar de Tua; onde, alem das festas que por todo o caminho fizerão, de muitos tangerer e cantigas, todas em louvor de Deos e dos christãos, o regedor com os mais principais o estavão esperando hum grande espacio do caminho, fora do lugar, e a cruz estavão todas as molheres principais esperando, onde o receberão, fazendo-lhe muito gazalhado.

Neste lugar esteve o padre alguns dias insinando-os e, depois de baptizar os mininos e pessoas que não erão ainda christãos e casar alguns que estavão pera isso, se partio a visitar Ulate, tambem por terra, por estarem ay ya alguns sacenta ou satenta Ulates com os

principais que o vinhão buscar, os quais por todo o caminho fizerão grandes festas e muitos tangeres e cantigas em lovor de Deos; e antre outras cousas, dizião hum, em que contavão sua destruição, so por serem christãos; e que ate então estiverão mortos, mas que agora começavão a viver, ya que Deos os vinha visitar.

Tendo ya mais de meo caminho andado, entrando por hum grande arvoredo, em hum campo chão e sombrio, lhe saio subitamente ao encontro hum grande exercito de molheres, ricamente vestidas a seu costume, de muitas patulas de seda e ouro e todas bailando e dançando e cantando louvores de Deos, ao som dos sinos e tinas, que os que acompanhavão o padre yão tangendo.

O padre se deteve hum pouco e, agradecendo-lhe o trabalho que quiserão tomar tão longe do seu lugar, lhe pedio que fossem diante, porque elle iria mais de vagar. E chegando ya perto do lugar lhe tornarão outra vez a sair em huma cham da mesma maneira bailando e cantando. E ninguem mostrava mais contentamento e alegria que huma molher velha e onrrada, molher do bom Pate que morreo martir por amor de Deos.

Este Ulate foi, antigamente, hum grande lugar e da mais gente pincipal de toda a ilha de Sore-Sore; sendo gentios, os fez o Padre Diogo de Magalhãis christãos, avera seis annos ou pouco mais. E como na destruição de Amboyno fiquou desamparado de portuguezes, tiverão lugar os Mouros, com favor e aiuda dos Ternates, pera destruir os christãos. E como os Sore-Sores tinhão particular odio aos Ulates, assi por ser christão, como por ser tão poderoso e rico, ou mais poderoso que todos os da ilha, buscarão todos os meos que puderão pera o destruir. E como não poderão, por ser lugar muy forte, determinarão de o tomar por enganho (sic); e assi, fizerão pazes de baixo da fe das quais o entrarão, huma noite, estando descuidados e dormindo. *Entrarão* mais quatrocentas pessoas, os mais delles homens, e cativarão muita gente e pouca escapou, fugindo.

Antre estes cativarão o *Pate*, ao qual cometendo que se fizesse mouro e que o não matarião, elle respondeo que era christão e tinha dado sua fe a Deos e que, portanto, a não avia de quebrar.

Vendo que se não queria fazer mouro, / / começarão a dar-lhe huma nova maneira de morte, que tendo-o bem amarrado e feito hum grande brazeiro de fogo, lhe cortavão a carne, posta e posta, e a comião e lha davão tambem a comer a elle. O *pate*, vendo o genero de morte que lhe davão, lhes disse quão pouca rezão tinhão de usar com elle de tanta crueza; e profetizou o que depois se vio com os olhos, porque lhes disse que a morte que lhe davão e destruição de seu lugar avia de ser vingada pelos portuguezes e pera testemunho e sinal do que lhes dizia, tomassem huma posta da sua carne que cortavão e a pusessem em hum bacio, porque ao outro dia se desfaria e a acharião feita azeite. E assim foi, que elles, deseiosos de ver cousa tam nova, o fizerão assi, cortando-lhe huma posta de carne de seu proprio corpo e a puserão em hum bacio, como elle disse; e ao outro dia acharão azeite em lugar de carne, de que se ficarão depois muito arreceando, e temendo o castigo que os portgezes depois lhe derão; porque, alem de lhes destruirem o lugar, matando-lhe e cativando-lhe muita gente, os principaes que forão no martyrio do Pate, hum delles morreo queimado e outro metido em huma bombarda. [104 r.]

Isto, das palavras do *Pate*, de sua vingança e da carne se tornar em azeite, não sei mais que os Ulates o contaram ao Padre, e o padre o preguntar depois a alguns dos Sore-Sores, os quais disserão que assi passava como dizião os Ulates; os quais, posto que depois de sua descruição ate o capitão-mor chegar a Amboino, os que escaparão andavão derramados pellos outros lugares, com a chegada do capitão-mor, tornarão a iuntar-se todos e povoar o seu proprio lugar, onde o padre esteve alguns dias ensinando-os; dos quaes, de dia e de noyte, foy mui festeiado, em especial no dia em que se alevantou a cruz, a qual foy arvorada com a mesma festa de ladainhas e *Benedictus* e as outras, e adorada por toda a gente do lugar, senão que, depois de arvorada, vierão todas as molheres principaes do lugar, e bailando diante da cruz, de quando em quando, alevantavão os olhos e as mãos, adorando-a e beijando-a.

Depois do padre neste lugar bautizar a gente delle e dum seu nyde(?) ([2]) 200 almas, em que os mais erão crianças, filhos seus, e casar os que estavão pera isso, confessando-os primeiro, espicialmente os homens que sabião falar malaio, se partio tambem por terra ao lugar de Hiamao, que avia dias que tinha mandado chamar o padre, por se quererem todos fazer christãos e estarem perto de 200 homens do mesmo lugar esperando pello padre, pera o virem acompanhando ate o lugar com as mesmas festas que os outros, onde, chegando, foy mui bem recebido de toda a gente da terra.

Neste lugar esteve o padre mais de hum mes, por ser grande e aver muita gente e muitos cacizes, com os quais teve algumas disputas; mas, por derradeiro, renderam-se e confessarão e siguirão a verdade de nossa santa fee.

Depois do padre estar alguns dias neste lugar, se aiuntarão todos em hum grande baileo, donde lhe declarou as cousas da fee, a que estavão tam atentos que nem cuspir ousavão, por não perder ponto do que o padre dizia. E acabadas de declarar, lhes perguntou se erão contentes de seguir e guardar a ley que lhes tinha declarado. Ao que lhe responderão os principaes, que elles, como cegos, em lugar de Deos honravão atee então o demonio; e ia que o padre, servo do verdadyro Deos, os viera alumiar, que elles estavão prestes pera fazer tudo o que o padre lhes mandasse e a elles fosse possivel.

O padre lhes disse então que, se querião que Deos, charidade aeterna e infinita, entrasse em sua terra e lugar, que era necessario lançar della, primeiro, o demonio, porque ambos não podião estar iuntos.

Entendendo elles que o padre lhe dizia isto pellos pagodes e mesquitas, se alevantarão logo todos iuntos e se forão a quebrar todos os pagodes e a queimar duas mesquitas, que tinhão no lugar, com suas proprias mãos, e vierão todos os principaes mouros e cassizes e disserão ao padre que, pera que entendesse quanto deseiavão ser christãos, farião diante delle o que he mais caro aos

([2]) Foi o que conseguimos ler.

mouros, que he comer carne de porco. E logo a comerão todos diante do padre e dizia hum, falando com os outros acerca da verdade de nossa fee e de sua cegueira e em especial dos cassizes, praticando hum com o outro, diante da outra gente, que era tam verdadeira nossa fee que ainda que se aiuntassem dez cassizes dos seus, os mais sabios que ouvesse, e se pusessem a disputar com o padre, que o não poderião sofrer muitas horas, que não fossem vencidos, e dizião mais: que se hum dos seus cassizes soubesse o que sabe hum padre, teria as casas cheas de fato, do muito que lhe darião os Mouros, // [104 v.]
por lhes dizer alguma cousa. E falando huns com os outros dizião: «Nos outros não sabemos nada; o pouco que sabemos he hum demolho e bem demolho a pezo de fato, como cousa grande; e o padre diz-nos tantas cousas e tão verdadeiras, sem interesse, o que bem mostra tudo o mais ser mentira».

Depois de contribuirem com algumas obrigações e lançarem as segundas molheres, ficando com as primeiras, os baptizou o padre a todos, fazendo elles muitos rogos e festas, em sinal de alegria.

Nestas festas aconteceo hum desastre, que Nosso Senhor parece ordenou pera confirmação da fee destes, e foi que, andando hum homem de volta com outros, festeiando esta solemnidade, cahio de huma rocha abaixo que por ser alta, da grande pancada que deo, perdeo o sentido. *Trouxerão-no* ao padre, o qual achando-lhe pulso, o baptizou e prouve a Nosso Senhor de lhe dar saude e tornou logo em si, com o que estes novos christãos ficarão mais confirmados na fee, atribuindo esta merçe e saude desta aa virtude do sacramento do baptismo que recebera, e assi, dahi por diante, se via nelles muita fee has cousas de Deos e reverencia ao padre, como ministro de tão salutifero sacramento.

Avia na ilha de Amboino hum lugar de Mouros, tão zelosos de sua ma seita que com estar cercado de lugares de christãos, com que tinhão muito parentesco e amizade, e com ser contra elles, e pellos padres, que antigamente qua andarão, exhortados a que deixassem a erronea em que vivião e siguissem a verdade que lhe ensinavão, tam contumazes estavão que nunca o quiserão fazer e assi erão tidos de todos os outros Mouros por homens zelosos da lei mahumetica. Foi o

capitão-mor ter a este lugar, em cuia companhia hia hum padre nosso, o qual depois dos mouros estarem iuntos, por ordenação do capitão-mor e pera isso os do mar, lhe fez o padre huma pratica, em que lhe declarou alguns misterios de nossa lei e algumas erroneas e falsidadès de sua maa seita; movidos por isso e iuntamente por rogos do capitão-mor, que nestas cousas da conversão è das mais mostra muito zelo da gloria e honra de Deos e augmento de sua fee, vierão em odio de sua maa seita, queimando logo a mesquita e outras casas de oração e pagodes e pedindo os quisesse baptizar, porque esperavão em Deos que ia que em mouros erão dos mais contumazes em suas erroneas, que assi christãos, ninguem lhes avia de fazer a ventagem em serem bons christãos; e espero em Deos que assi ha-de ser, porque he gente de bom iuizo, que tem primor em suas pessoas.

Dali a alguns dias, depois de instruidos nas cousas da fe, os baptizou com muita alegria e contentamento seu e não menos daquelles que os baptizarão, por verem aquelle grande numero de almas livres das trevas e oscuridades em que vivião e regenerados novamente a Christo e de filhos da ira adoptados èm filhos de benção.

No meo do lugar alvorarão huma cruz, com muita alegria e contentamento, que de todos he adorada e tida em veneração. *Ao* derribar dos seus ritos e sepulturas de mortos, em que usam de muitas superstições, foi tanto o fervor que forão correndo a quem seria o primeiro que os derribasse; mas chegando a huma sepultura, que no cabo do lugar estava, em que estando sepultados dous caçizes, que elles tinhão por homens santos, não ouve entre elles pessoa (parece por serem ainda tenros na fee) que lhes ousasse a por a mão, por medo que tinhão de lhes acontecer algum mal grande, por terem em tanta veneração que tinhão como por fe, que ninguem podia tocar naquella sepultura, para lhes fazer desacato, que escapasse com vita.

Vendo isto hum irmão nosso, que com elles ya achegando a sepultura, começou a derribar; animados com isto os novos christãos arremetem todos, ayudando o yrmão a quebrar a sepultura. E assi não ficou pedra, pao nem ola, que não derribassem. *Antes* de os baptizarem e depois de baptizados, fizerão e fazem muitas perguntas que bem mostrão o deseio que tem de sua salvação.

Avia nesta ilha de Amboyno outros lugares, que avia hum ano que com muita instancia pedião o santo baptismo, aos quais se não podia yr, neste tempo, por falta de quem os baptizasse; mas offerecendo-se oportunidade, / / o padre reitor lhe mandou hum padre, o [105 r.] qual receberão com muita alegria e grandes mostras do deseio que tinhão de receber o baptismo; e em dous dias que em hum destes lugares esteve, baptizando-os, lhe fizerão muito gazalhado, e todo este tempo se ocuparão em festas, principalmente as noites. E sabendo que tinhão ay huma casa pera veneração do demonio, foi logo desfeita e por elles mesmos e em seu lugar se poz huma cruz, a qual os principais do lugar vierão a por com muita alegria sua.

Aos outros tres lugares, que tambem avia muito tempo que deseiavão serem christãos, tambem se acudio e os baptizarão com muita festa.

Hum lugar grande, chamado Rocotelo, com outro que perto delle esta não menor em gente e instar a muitos dias que os fizessem christãos, o que por falta de obreiros se lhe dilatou muitos dias, no cabo dos quais pareceo necessario ir la hum padre a os catechizar e baptizar, nos quais não foi menos festeiado do que nos outros lugares. *Ouvião* as cousas da fe com muita prontidão e fazião grandes promessas de morrer pola lei que recebião.

Deste lugar de Rocatelo era regedor hum Dom Diogo, que nesse collegio, em tempo de Dom Constantino, homem de bom iuizo e tido por casis entre elles, o qual veo com Antonio Paiz; e por vyr feito christão e trazer armada pera contra os mouros e em favor da christandade, não somente não foi dos seus recebido, mas os seus mesmos, induzidos pelos Iaos e Itos, o matarão com hum cruel genero de morte, o que elle tudo sofria com grande alegria e constancia.

Huns dous filhos deste Dom Diogo, que com ele forão aa India, são os que na obra da conversão deste lugar mais trabalhão.

Outros alguns lugares fizemos christãos, do que nam trato em particular por nam ser comprido. Abasta saberem que todos eles, com muita instancia, pedirão serem recebidos neste curral de

Christo, e que com sinaes exteriores mostravão a alegria que na alma tinhão.

Em hum destes lugares me disserão que, declarando-lhes hum padre a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, e a causa porque padecera, arrebatara hum casiz em muitas lagrimas e perguntando--lhe porque chorava, respondeo que pelo muito que Deos pelos homens padecera.

Estes lugares, com os que assyma nomeey, que se este ano fizerão christãos, serião por todos doze ou treze, em que se bautizarão oito mil almas, afora os mininos, filhos dos que ja erão christãos; que quantos seiam, pode yulgar pelo grande numero de christandade que quaa haa.

Outros muitos lugares pedem que os bautizem, mas nam os fazemos, por falta de obreiros; porque os que quaa andamos nam bastamos para doutrinar a 6.º parte dos que ja sam bautizados; e assy nos parece que nam bautizaremos mais, ate veremos se para o ano o nosso padre visitador provera de operarios que possam soprir a estas necessidade, que sam tam grandes que huma das maiores magoas e trabalhos que nesta terra padecemos he ver o innumeravel numero de almas, que cegos de suas erroneas, perecem eternamente, por falta de quem lhe ensine o caminho da verdade. E não trato soo dos que nunca vierão em conhecimento do seu criador, mas dos ja bautizados e feitos christãos perecem e se condena a mor parte, por falta de doutrina, por serem tantos os lugares e tanta a gente, e nos tam poucos, que ainda que todo o ano nam façamos outra cousa senão caminhar de lugar em lugar, o que nam pode ser, nam poderemos mais fazer que bautizar os mininos inocentes; que para doutriñar os grandes nam ha tempo e ainda dos mininos inocentes morrem muitos sem bautismo, como agora a muitos acontece.

Ja teram entendido como os autores da destruição desta christandade forão os Itos, os quaes depois de serem algumas vezes vencidos pelo capitam-mor e com lhes entrar e queimar o lugar e cidade em que viviam, e assi mais hum cabeço e outeiro, que tinham por fortaleza, e assy outros fortes de vassalos e confederados seus, se fortificarão em hum outeiro alto, a muitas partes pola natureza

talhado como que fora ao picam, e as outras menos fortes; eram os caminhos tam ingremes e estreitos que difficultosamente se podiam andar.

Confiados no sitio e arreceosos do castigo que mereciam, estiveram muito tempo sem quererem dar a obediencia; fazia-lhes o capitão-mor a guerra por pedaços, matando-lhe muita gente em emboscadas e siladas; vendo que as necessidades da terra e as guerras de Ternate nam sofriam tanta dilação, se determinou a cometer a este seu forte, ainda que fosse com risco de muitos portugeses, que se presumia que nele morreriam; mas como quer que a obra he de Deos e / / ordenada a seu serviço, aprouve-lhe de o favorecer e assy os [105 v.] entrou, sem morte de portugeses; dos inimigos, entre mortos e feridos e cativos, serião trezentos.

E como quer que Nosso Senhor de males custuma tirar bens, tomou a destruição destes por meio para virem em conhecimento de suas erroneas, pedindo com muita efficacia que querião ser christãos, dos quaes temos bautizados alguns principaes; dos outros catecizão-se, mostrandosse muy deseiosos de purgarem a culpa que tinhão da destruição desta christandade, com trabalharem, daquy por diante, de o nome de Christo, neste arsepelago, ser por seu meio dilatado.

Com a coversão e destruição destes se quietarão de todo estas ilhas de Amboino e muitos lugares, de novo, pedem o bautismo; e muitos mais o pedirião, se sentissem em nos que lho concederiamos; mas, por verem que muitos pedem o bautismo com que nos dissimulamos e lho diffirimos, por falta de obreiros, nam ousam a pedir, o que entendem nam lhe averem de conceder; mas, contudo, sabemos de sua parte nam aver repugnancia, como da nossa ouver possibilidade.

Nos lugares que visitamos, na alegria com que dos christãos somos recebidos se notam muitas cousa de louvor de Nosso Senhor, e por serem commuas e quasi ordinarias, nam tratarey delas.

Nos lugares em que residimos se vee claramente servir-se Deos muito em frutificar muito nas almas destes novos christãos fazerem os mininos todos os dias a doutrina e commumente a sabem todos de

cor; e nam contentes com a fazerem na igreja, de noite, em suas casas, se aiuntam os de cada bairro, e fazem isto sem lho mandarmos, tanto he o fervor e a diligencia que tem em aprenderem e saberem e a afeiçam que lhe tem.

Ainda que em gentios nam tinhão casas de pagodes nem adorassem a deoses proprios, como os outros gentios, comtudo, em suas hortas e as vezes em suas casas tinhão alguns lugares dedicados ao culto diabolico. Ainda que depois de christãos nam reverenceam estes lugares, comtudo, monidos de hum temor que em gentios tinham cobrado ao demonio, cuias casas estas sam, em alguns lugares, feitos de pouco tempo christãos, se acham algumas pessoas que, ainda que nam adorem estes lugares, tem-lhe algum respeito, polo temor que tem que lhes podera o demonio, por essa causa, fazer algum mal; e assy das primeiras cousas que fazemos, quando bautizamos algum lugar, he fazer com os moradores que derribem todas estas casas e lugares e onde se o diabo adora; e affeiçoamos os meninos da doutrina que vão pollo mato a ver se achão algumas casas, para as derribar. E aconteceo em hum lugar que, indo muitos meninos da doutrina pollo mato, encontrarão com huma dessas casas e começando a quererem derriba-la, da primeira vezes (sic), não o poderão fazer. Disse hum delles, que era menino da doutrina, aos outros, que se posessem de giolhos e que rezassem hum Pater Noster e que Deos os ayudaria. Fizerão-no assi, e levantando-se todos e com o nome de Jesus na boca, dando huma grande grita, arremetem a casa e a derribarão e espedaçarão.

Outro dia, na doutrina, muito alegres, derão conta do que fizerão, dizendo como rezarão o Padre Nosso, e nomearão o nome de Jesu, que logo o diabo, que sostinha a casa, fogio.

Na destruição desta christandade de Amboino ouve alguns lugares que, por estarem situados em sitios fortes, nunca os mouros os poderão entrar; e assi conservarão a fee que receberão, polla conservação da qual padecerão muitas perseguiçoens e trabalhos, de que podera fazer particular carta, se não entendera serem ya pollas cartas dos annos passados enformados.

Outros lugares menos poderosos, vendo que com armas se não podião defender esta mesma fee que tinhão recebido, derão aos mouros tanto fato com que os applacarão, que os deixarão sem os fazer mouros, como aos outros lugares. *Estes* lugares forão de Oma e alguns outros do Liasar.

Dous lugares desta ilha de Amboino, vendo que nem com armas nem com fato podião applacar os mouros, forçados das ameaças que lhe fazião e aterrorisados com as mortes dalguns seus, que os mesmos mouros lhe matarão, lhe derão a obediencia com se fazerem / / [106 r.] mouros; elles, para prova e testemunha de como o fazião, mais forçados que por vontade, tomarão dous crucifixos e huma imagem que tinhão e as guardarão em lugares secretos, de maneira que os mouros o não viessem a saber. *E* quando ora fomos a esses lugares, no-las amostrarão, como em prova do erro que cometerão ser por temor, e não por outro respeito; o que bem mostrarão no fervor com que fizerão as Igeijas (3) em seus lugares, no que lhes poderei affirmar que a hum delles vi tanta diligencia e fervor que meteo em confusão minha tibieza.

Socedeo quatro ou sinquo dias de huma chuva continua, tanta e tão grossa que antes nunca vi em Amboino; e com toda esta chuiva nunca levarem mão da obra, mostrando então mais fervor a acabarem. *Bendito* seia o Senhor, que a gente que ha bem pouco tempo estava tão alhea de seu conhecimento e amor imprime tão fervidos dezeios de sua honra e culto. *Elle*, por quem he, lhe dee a todos perseverar nestes bons propositos e graça para com augmento procederem no caminho de sua salvação.

Em seus santos sacrificios e oraçoens todos nos encomendamos.

De Amboino, aos quinze de Junho de 1570.

Por comissão do Padre Reitor

Seu indino irmão e servo em o Senhor

Pero Mascarenhas

---

(3) Leitura duvidosa. Parece antes estar escrita a palavra *Simzas*.

10

CARTA DO PE. NUNO TOSCANO AOS SEUS RELIGIOSOS DE PORTUGAL

Malaca, 3 de Dezembro de 1570

BNL: Fundo Geral N.º 4532.
Fls. 91r-92r.
Cópia escrita com letra clara e bem legível.

a) Na casa de Malaca residem commummente quatro padres que se consagram aos trabalhos apostólicos na igreja, nos hospitais e nos cárceres; ensinam a doutrina aos meninos, aos escravos, a muitos portugueses; na escola ensinam a ler e a escrever às crianças; e nas casas à noite, doutrinam os moços e os escravos.
b) Pregações durante a Quaresma nas igrejas à gente da cidade e aos portugueses, com a assistência do bispo.
c) Cerco posto a Malaca com muitos navios pelo rei de Atjeh e vitória dos portugueses.

Por nos conformarmos com a obediencia e estillo da Companhia de communicar o que Nosso Senhor obra por seus ministros, pera que assi creçamos em charidade de nos encommendarmos huns aos outros a Deos Nosso Senhor.

Nesta casa estamos, commumente, quatro padres da Companhia. Nossos exercicios de casa são os acustumados, tendo nossa oração, exames e mais exercicios, quanto o sofrem as occupaçoens e desposição da terra.

Renovamos nossos votos em seu tempo, precedendo as confissoens geraes e mais exercicios. *Pregamos* em a see *alternatim* com os religiosos de Sam Domingos; atee agora se pregou tambem em
[91 v.] casa, ainda que, / / agora, mandou o Padre Visitador que cessasem, por sermos poucos.

Tem-se cuidado de acudir as confissoens, que em a nossa igreia são mais frequentadas que em outra da cidade. Acode-se tambem aos hospitaes e carceres e assi aos enfermos da cidade, quando somos chamados pera os confessar, aconselhar e aiudar a bem morrer.

Fa-se cada dia a doutrina na nossa igreia, senão que aos domingos e santos, taniendo a campainha polla cidade; alem de virem os meninos das escolas, vem os escravos e tambem alguns portugueses; aos quais, alem da doutrina em dialogo, fazem algumas exortaçoens, segundo sua capacidade.

Temos huma escola, em que hum irmão ensina os mininos a ler e escrever e a contar e a doutrina e bons costumes; e destes, os que são pera isso, se confessão cada mez, segundo a regra; e por se ter grande cuidado da doctrina, se diz todas as noites a doctrina quase em todas as casas desta cidade aos moços e escravos, de que ha nesta terra mais que em outra terra da India; e com este exercitio ay muitas pessoas da terra que se confessão muito bem e com muito iuizo e temem muito de offender a Deos.

Esta Quaresma passada, por estarmos em casa tres pregadores, tomamos outras duas igreias. *Em* huma se pregava hum dia da somana em que, alem dos christãos que acodião, a quem principalmente se fazia, acudião muitos portugueses e gente da cidade e sempre se achou presente o bispo da cidade, com muita satisfação sua e dando sempre muitos agardecimentos.

Na outra se pregava os domingos e vinha sempre o cura buscar o padre a caza, com muito gosto de todos os christãos, que erão muitos nesta freguesia; principalmente o seu cura, que he hum conego da se e com muita instancia pedio isto, intrevindo tambem a instancia do bispo da cidade pera que se tomassem estas igreias. *Era* tanto concurso nellas, que se pregava da porta, porque as vezes a maior parte da gente estava fora, por não caber dentro. Esta o povo edificado e consolado.

Por ser esta terra de grande trato, ha nella muitos casos de conciencia, de que se muito serve Nosso Senhor dos padres; e como sera terra de muito comercio, tem muitos inimigos que a deseião e são reis mui poderosos, entre os quais hum que se chama Achem, rei

da ilha de Samatra, que no anno de 68, dia de São Sebastião, chegou a elle e lhe poz cerco com grande armada; de que, pola misericordia de Deos, se alevantou, vespora do apostolo São Mathias, perdendo muita gente da sua; mas despois não cessou de mandar, todos os anos, suas armadas por esta costa, e davão muito trabalho, por não aver armada que lhe resistisse. *Tomavão* muitos navios e destruião toda esta costa. *O* ano passado nos queimou no porto duas naos muito grandes; e este ano vinha esta armada destruindo a costa, pera nos queimar os navios que estivessem no porto, mas trouxe Nosso Senhor huma armada da India, que os foi buscar com muita diligencia e os achou doze legoas desta cidade, dia das onze mil virgens.

E ainda que os galeões nam poderão chegar, as nossas fustas erão ate dez navios de remo, cometerão aos inimigos, que erão quorenta ou cinquoenta, e outros dizem que erão mais; e ainda que se defenderão os inimigos, cuidando de tomar os nossos navios, por serem poucos, aiudou Nosso Senhor tanto aos nossos que matarão grandissimo numero de negros e cativarão muitos, ainda que, por serem os navios poucos, se nam poderão recolher muitos que andavão polo mar, porque tambem se não fazia disso conta, se nam de os matar; e destes tem o capitam-mor, que he Luis de Melo da Silva, trezentos pera esquipar quatro navios que tomou, a saber: duas galés dapelação, das quaes huma era a capitania, aonde morreo o capitão-mor dos inimigos, e outras duas fustas grandes. E agora espera quaa, o capitão-mor, ao Dachem, a dahy manda recado ao Senhor Visorey,
[92 r.] que he varão illustrissimo em as cousas de guerra, // pera que venha com mais poder destruir este inimigo, porque assi o tinha ele ordenado.

Prazera a Nosso Senhor que viraa isto a efeito, mas deve ser mui encomendado a Nosso Senhor, por ser cousa muito importante a este estado e ao bem da christandade.

Socedeo este ano de 70, pola Paschoa, pouco mais ou menos, matar hum soldado nosso, sobre palavras, el-rey de Maluco, mouro muito adverso aa christandade, polo qual ficou a terra de guerra, com muito poucos portugueses e menos mantimentos, recolhidos na fortaleza. *Estam* com muito aperto, segundo a nova que agora veo.

Não sei se he certa, ainda que de quaa se proveo com o socorro, com mais diligencia que foi possivel. Estão nesta fortaleza o Padre Andre de Cabreira e o Padre Diogo de Magalhães e o Irmão Vicente Dias. *Em* o Moro estão trinta ou quorenta portugueses tambem cercados. *Com* estes estaa o Padre Nicolao Nunes e o Irmão Manoel Gomez. Isto digo a Vossa Reverencia pera que lhe lembre de encommendar a Deos estas necessidades, que são muyto grandes. Da China nem Japão não temos ainda recado. *Se* vierem a tempo, la irão.

Oie chegou hum iunquo da China, em que soubemos novas do padre bispo, que se achava bem naquella terra e que esperava ir este anno a Japão. O Padre Francisco Cabral com seus companheyros era ido para Japão. *Prazera* a Nosso Senhor que se servira muito delles.

A partida deste iunco ainda não era chegada a nao de Japão, por onde não temos ainda novas dos nossos padres que la andão. *Se* vier a tempo, irão por outras cartas e assi o que mais succeder.

Nos santos sacrificios e devotas orações de todos os charissimos padres e irmãos dessas partes muito nos encomendamos.

Oie, a 3 de Dezembro de 1570.

Servo de todos em o Senhor

Nuno Toscano

11

CARTA ANUAL DO PE. NICOLAU NUNES AOS SEUS RELIGIOSOS DE PORTUGAL

Tolo, 2 de Janeiro de 1570

Moro, 2 de Janeiro de 1571

BNL: Fundo Geral N.º 4532.

Fls. 20r-22r.

Cópia clara, embora apareçam algumas manchas de tinta a dificultar a leitura dum ou outro vocábulo. No arquivo ARSJ, Goa-12-1, existem três cópias desta carta: uma em espanhol e duas em português.

a) Os exercícios a que se dedicam os padres residentes nas Molucas são: visitar os lugares, ensinar e administrar os sacramentos do baptismo, penitência e matrimónio.
b) Devoto comum uso da água benta.
c) Interpretação maravilhosa de abundante chuva, durante longa seca, em Saquita, na ilha do Moro, por intercessão de certo velho que piedosamente se dirigiu à igreja e colocou azeite na lâmpada do Santíssimo, por esta intenção.
d) As muitas crianças que morrem baptizadas.
e) O rei de Ternate, falso e perseguidor dos cristãos.
f) Morticínio ordenado por este; mulheres grávidas desventradas.

Muy Reverendo em Christo Padre
Pax Christi.

Como quer que as cousas ordenadas pela obediencia ordenem tudo a bom fim, assy pera louvar o Senhor, como tambem pera se

dilatar o fervor e charidade por muitas partes desta Companhia, pareceo ao Padre Luis de Goes que escrevesse as cousas que o Senhor obrou, este ano, por meio dos da Companhia, nestas partes do Moro.

Os que comumente residimos nestas ilhas são tres, tendo necessidade, quando nada, doutros tantos, por serem muitos os lugares dos christãos, distantes e apartados huns dos outros, e differentes ilhas; as quaes sostentamos, doutrinamos com cousas de glorioso fruito, de que sera gloria ao Senhor de quem manam todos os tesouros de virtudes.

Sam alimentados de nos de todos os sacramentos, do que muitos deles sam capazes, cada dia, os filhos ensinados e aos domingos e santos se lhes faz declaração das cousas da fee, e outras muitas obras pias que os da Companhia custumão fazer; polo que os gentios nos tem em grande credito e os christãos muita obediencia e suieiçam nas cousas de que os instruimos e de que os reprehendemos.

Em suas doenças nos lugares onde residimos, assi como adoeçem, logo mandão chamar o padre ou pera se confessarem ou pera lhes rezar o Evangelho.

Estam mediocremente instruidos nas cousas da fee e ainda creciam em maior augmento spiritual, se não forão tam desinquietos e avexados polos vassalos de hum rey mouro, chamado rey de Ternate, o qual os trata tão mal que he grande lastima ver o muito que padecem pola confissam da fee, o que em gente tam tenra as vezes causa em alguns algum modo de frieza, de que em nos resulta não pouca / / desconsolação; e fora muito maior, se não viramos iuntamente a constancia que mostrão outros muitos mais, ou quasi todos. [20 v.]

Nam deixarei em particular de lhe contar algumas cousas marvilhosas em o Senhor. Tem estes novos christãos grande fee e devação a agoa benta, que em todas as suas infirmidades a bebem por salutifero lactuario contra toda doença e peçonha, tendo grande fee, que por virtude dela lhe ha Nosso Senhor de conçeder a saude corporal. E assy se vee as vezes obrar o Senhor neles grandes maravilhas.

Em hum lugar principal destes, que se chama Saquita, ouve grandes calmas e muitos dias que nam chuvia, pelo que com a seca grande nam podiam semear seus arrozes. O regedor da terra, que he hum homem velho, nesta esterilidade se foy a igreia, batendo nos peitos, pedindo ao Senhor que lhes desse agoa, acendendo e deitando azeite na alampada. Prouve ao Senhor de lha conceder e assy, dahy a huma hora ou duas, lhes choveo a agoa que lhes era necessaria.

Vendo o velho tam grande maravilha, foy apregoando pollo lugar que viessem todos a igreia e trouxessem azeite para a alampada, pois elle era testemunha da maravilha que o Senhor lhe fizera. *Gloria* seia a Elle, que assy emprime sua fe e verdade nestas gentes, que tão alongadas estão do seu sancto conhecimento.

No sacramento da confissão tem grande fe. *A* mym me aconteçeo confessar-se hum homem de muita idade, que me certificou que tanto que se acabara de confessar e contar os pecados, que logo lhe viera a saude corporal e assy andava persuadindo a muitos que se confessassem.

Esta gente no principio que começão a frequentar este sacramento mostrão-se algum tanto tibios, depois que se confessão, vão covidar aos outros, para que se venhão confessar.

Nas primeiras confissões arreçeão serem os padres com elles asperos, mas experimentando sua brandura, com menos arreceo se chegão a este sacramento, em os quaes se ve muitos sinais de contriyão. *E* a mym me aconteçeo confessar, não ha muito, hum prinçipal destas partes, que com as muitas lagrimas que derramava metia em confusão minha tibieza.

Partindo de hum lugar, em que o mais do tempo residia, para a fortaleza, se veo a mym hum filho do regedor e me disse que sua molher estava mal de huma enfermidade e que me mandava dizer, que ya que assy estava, como avia de aver no mundo ir-me da sua terra, sem a confessar? *E* porque era a primeyra confissão, me maravilhey da confiança com que a pedia e muito mais depois que cheguey aonde ella estava, polla ver tão resinhada na vontade de Deos, de maneira que a confessey, tenho pera mym ter certa sua salvação.

Muito me pudera dilatar nas cousas que o Senhor obra por via deste sacramento nas almas destes novos christãos, se ouvesse de tratar as cousas de edificação que neste sacramento aos padres que ca andão acontece, mas serão tanto mayores as que la poderão acontecer que por ellas eu peço que iulguem o pouco de ca.

Huma das grandes consolações que por ca temos he nas mortes de alguns meninos inocentes, que os mais dos dias para o ceo caminhão. Cheguando, os dias passados, a hum lugar principal do Moro, que se chama o Tollo, me disserão que obra de çem mininos de mama, ya bautizados, erão fale/ /cidos de humas febres que nelles [21 r.]
derão. *Pareçeo* a alguns causa de muta lastima; eu em parte fogei de ver as cadeiras celestiais povoarem-se destes inocentos, em que esta mais çerta a salvação. Bendito seia o Senhor, que em tão tenra idade os levou pera Sy. *Parece* que desta sua horta do Moro achou esta fruta madura, para se aiuntarem ao numero dos eleitos.

Estando escrevendo esta carta neste lugar do Tollo me vierão dizer que hum menino, que pouco avia tinha bautizado, era falecido. Louvado seia o Criador de todas as cousas que deste cabo do Mundo escolheo almas para a Bemaventurança.

Hum dos mores trabalhos que padeçemos he com as guerras que nesta terra ha; e bem sabem que tão somente ouvir nomear guerra dezenquieta, quanto mais passar por ellas com tantos desgostos e trabalhos e perigos do corpo. O autor de todas ellas he el-rey de Ternate, intimo imigo do nome da cruz de Christo, homem que parece que não trata senão como dilatar a sua diabolica seita e como desarreigar destas ilhas a verdade da nossa ley. Nọs esperamos em Deos que, não olhando nossos demeritos e peccados, e movido da sua misericordia com que quis dar seu sangue em preço de nossas almas, que saira, polla honrra de sua ley, de sua verdade e salutifera cruz, livrar a estes inocentes dos tiranos opressores e males que lhe manda fazer.

Ja terão entendido os males que as armadas deste rey, o anno passado, fezerão em Amboyno, a cuia conta mandou o viso rey huma armada a fazer nelle huma fortaleza. E tambem terão entendido os males que hum vassalo seu, senhor de Bocanora, tinha feito a esta

christandade do Moro, destruindo alguns lugares, matando e roubando muitos christãos, queimando muitas igreias, cortando muitas cruzes, como mais largamente se escreveo nas cartas do anno passado. *Enquanto* o capitão-mor andou nestas partes de Maluco, dissimulou com estes males, fingindo querer ser seu amigo, prometendo de fazer aos seus que satisfizessem os roubos que tinhão feitos aos christãos que tinhão cativos e castigar os culpados, mas nenhuma destas cumprio; com o que dissimulou o capitão-mor Gonçalo Pereira, por alguns respeitos, digo por alguns inconvenientes que se achavão ao castigar.

Indo o capitão-mor pera Amboyno, pareceo-lhe que estava de caminho para a India, ordenou com que os seus, que dantes destruião a christandade, agora com mais poder e maiores cruezas trabalharem em sua destruição. *Armarão* 30 velas, em que muitos delles erão parentes e criados do mesmo rey; saltearão os que da fortaleza hião
[21 v.] para o Moro e do Moro // para a fortaleza.

Chegarão com esta armada, huma antemanhãa, a hum lugar perto daqui, chamado Pune, onde matarão a maior parte dos meninos e molheres, que erão muitos em numero, cousa muy lastimosa e chorosa. Estes males lhe fizerão, por serem christãos. *Achou-se* neste encontro hum cavaleiro, de Christo, homem tido nesta terra por de muito esforço, pola defensam destes meninos e molheres e da cruz, que no lugar tinhão. *Podendo* fugir, quis antes com a morte cobrar nome imortal que, fugindo, ganhar a vida temporal. *E* foy que, chegando-se a cruz, quis padecer com Christo iunto da cruz, de maneira que o fizerão em postas, cousa de que resultou em muitos grandes lastimas e piedades. *Estes* eram os seus parentes. *E* a nos grande fervor e enveia. *Nam* vejo laa nesses santos collegios desconsolações e desinquietações e trabalhos que se possam comparar a estes: ver os corpos dos christãos atassalhados diante de sy; ver as molheres descabeladas e chorosas, he cousa muy lastimosa; ver matar as molheres prenhes e tirar-lhes os filhos dos ventres. *Cousa* tam crua, quem a podera ver sem muitas lagrimas e dor? *E* isto se aconteceu neste lugar, em o qual estes ministros de satanas, agitados de hum diabolico furor, abrirão as molheres prenhes tirando-lhes os

filhos dos ventres e espedaçando-os. *Antes* eu sofriria os trabalhos de la, por grandes que fossem, que ver isto; não vejo mortificação que se compare com esta.

E o que mais sentimos he o pouco remedio que vemos a estes males e desgostos e posto que, por outra parte, charissimos em Christo irmãos, comamos muitas vezes o pam da consolação na vinha de Christo, muitas mais tragamos o caliz da desconsolação com estes desgostos e outros que seria longo de contar. *E* certo que ha mister muita virtude para esta terra e bom alforgue de paciencia. *Eu* lhe certifico que este ano de 70 faz vinta tres anos que ando nestas partes de Maluco, em o qual tempo nunca me achey tam cercado de trabalhos como neste, porque estam aparelhados os mores trabalhos neste Moro, de guerras que eu nunca vy. *E* prouvesse a Deos Nosso Senhor que acabasse eu, como deseio, neles, para que fosse gozar a bemaventurança. E assy acabaria de dar fim as miserias desta vida.

O mais continuo trabalho em que quaa nos exercitamos, he em visitar os lugares de christãos, para bautizaremos os meninos, fazermos alguns cazamentos e visitarmos alguns peccados (sic), reconciliar alguns enemistados. E como quer que os lugares sam muitos e algumas legoas huns dos outros e as necessidades pedem frequencia nestas visitações, he-nos forçado andar, o mais do tempo, embarcados; no que, alem da inquietação interior, padecemos muitos trabalhos corporaes de fomes frios e chuivas e muitos perigos de tormentas, das quaes de soo huma, polos não enfadar, lhe quero contar.

Ordenou o Padre Reytor que nos aiuntassemos na casa de Ternate, para fazermos nossos votos, como he costume. *Eles* feytos, com muita consolaçam spiritual, nos tornamos para este Moro, que da fortaleza esta sesenta legoas. *No* caminho levamos muitos trabalhos no mar, de huma tempestade que nos deo, indo em huma embarcação; era de remo, conforme a usança da terra, que sam humas embarcações / / fracas, mas ligeiras e remão bem. *Assi* que [22 r.]
não tivemos outro remedio, senão varar em terra; e nos varamos com muito trabalho e depois, fazendo alguma bonança, nos botamos ao mar e começando a navegar em huma ponta, que bem se pode

chamar o cabo da Boa Esperança, torna a vir a tempestade e tornamos a arribar.

Neste comenos nos anouteceo e tornando a praia, onde nos varamos, não podemos varar, por ser noyte.

Erão aquelles tempestuosos mares e ondas tão grandes que, quando passavão por nos, nos cobrião a terra. Estivemos toda a noute de pairo, com grande escuridão e chuva e vento; e chamando polla Virgem Sagrada, nos pasarão; e amanhecendo nos mostrarão, os remeyros, o lugar onde antes nos varamos, com huma arvore de imensa grandeza; a qual, se nos ahi acolhera, nos matara a todos.

Dou fim a esta, feita no Moro, aos 2 de Janeiro de 1570.

Inutilis servus

Nicolao Nunes

12

CARTA DE JERÓNIMO DOLMEDO AOS RELIGIOSOS DE PORTUGAL

Amboino, 12 de Maio de 1571

BNL: Fundo Geral N.º 4532.
Fls. 122r-124v.

a) Após a morte do rei de Ternate, uma armada sua assola várias cristandades.
b) Sublevação de muitos lugares em Amboino; o Pe. Pero Mascarenhas, perseguido pelos gentios, esconde-se nas montanhas durante oito dias, e desfalecido já, foi levado à fortaleza pelos cristãos de Homa.
c) No lugar de Siri-Sori, na ilha de Saparuca, os cristãos unidos, auxiliados pelos Portugueses resistem aos ataques destes inimigos.
d) Um menino cristão, cativo dos Mouros e torturado resiste com muita fé.
e) O capitão-mor parte de Amboino para Ternate, adoecendo-lhe muita gente. Estado lamentável em que foi encontrar esta fortaleza, privada de munições e mantimentos.
f) Acontecimentos vários noutros lugares, devido a esta sublevação geral dos Ternates.

O ano passado se escreveo o trabalho e desenquietação em que estas partes ficavão, por causa da morte del-rej de Ternate, e como huma armada sua, estando o capitão absente da fortaleza, com a mor parte da gente, deu sobre nos subitamente e nos levou duas fustas que erão muita parte da nossa força, muito bem artelhadas e com algumas munições que dentro tinhão, as quaes estavão surtas perto da fortaleza e sem aiuda alguma, e depois de partidos os navios e galiões pera

a India. *Acodio* o capitão-mor e fez prestes 6 coracoras que aqui tinha.

En andando os Ternates poderosos no mar, por muntos dias, a nossa vista, com 17 fustas grandes e bem artelhadas, saio-lhe o capitão-mor com as suas 6, muito deseguaes das dos inimigos, e pouco mais de mea legoa desta fortaleza peleiarão hum bom espaço, sem se ver melhoria de nenhuma das partes; mas, por derradeiro, vendo o Senhor que, se aqui desbaratavão o capitão-mor, não somente nos perdiamos todos, com esta fortaleza e christandade, mas ainda a de Maluco, sem ficar nada, foi servido de lhes abaixar a soberba, com lhes matarem os nossos o seu capitão-mor, com mais 400, pouco mais ou menos; no qual numero entrarão os principaes de sua armada e lhes tomarão dous calauzes mui fermosos; o maior deles passava de cento e dez remeiros, afora os do baileo, e 7 ou 8 berços, e outra embarcação sua ficou casi sem gente, mas ficou toda a nossa ou muita parte della tam ferida que das mãos lhe escapou.

Hum padre nosso se achou neste successo e animou muito os soldados, falando-lhes de Deos e alevantando huma cruz que levava; e depois da victoria, se ocupou em confessar os feridos, dos quaes falecerão tres.

Bem creo que aiuda Nosso Senhor muito ao capitão-mor em todas suas cousas, por sua muita virtude e zelo da christandade, polla qual tem padecido muitos trabalhos com grande patiencia.

Depois delle ser partido pera Ternate, foi esta christandade de Amboino mui perseguida com outra armada maior que a passada, cuio capitão era hum Ternate, chamado Roboange, pai do que matarão e veio em vingança da morte do filho. *O* primeiro salto que fez foi en dois lugares nossos de christãos, vizinhos. *E* estando descuidados, os queimarão e as cruzes que nellas avia, e lhes levarão quanto tinhão com obra de cento e sinquenta cativos, a maior parte molheres e meninos. *Matarão-lhe* muita gente, em que entrou hum portuges que ahi estava. *A o* padre Marcos Prancudo (sic), que poucos dias avia fora residir ao mesmo lugar, por ordem da obediencia, quis Deos Nosso Senhor guardar, em não ser visto delles,

posto que, com muita diligentia, revuolvessem o mato, onde andavão com muita gente, matando e cativando os que achavão.

A segunda presa que despois desta fizerão, foi no lugar de Atuaa, que era grande e de muita gente de christãos, mas engunados pollo demonio se consertarão com os Mouros de se entregarem, com matarem, primeiro, o padre Pero Mascarenhas, que ahi residia, do qual tinhão recebido todos obras não menos que de pai; porque, alem de ter trabalhado com elles muito em os ensinar e doutrinar, acabou com o capitão-mor, que lhes perdoasse e os não destruisse de todo, como tinha detriminado, por outra tal como esta, que ia dantes tinhão feito na outra guerra passada.

Com este lugar consintirão outros 3 da mesma ilha, e que estão perto, os quais, todos iuntos, se lançarão com os Mouros em dia de Nossa Senhora da Conceição. *E* esta grande malicia determinarão de effeituar, quando estivesse a missa; mas, por permissão divina, foi ordenado que se antecipassem e no mesmo dia, polla menhaa, estando o padre em casa e ya com algum arrceeo do que sentia na gente, sairão estes tres enimigos da ley de Deos, e caminhando para casa do padre, acharão hum portugez que ahy estava rezando por huma, / / horas, o qual logo matarão e, apos elle, dous nossos. [122 v.]

O padre, quando isto vio, se sahio por hum grande rochedo que iunto da casa estava, acompanhado de dous mossos, dos quais hum, que era natural deste lugar, filho de hum principal delle, como quer que tinha recebido de Deos mais graça no sancto baptismo que seus paes e parentes, assi mostrou effeito de verdadeiro christão; porque, tanto que vio a cousa como hia, se pos a chorar diante do padre que o avião de matar e lhe aconselhou que se fosse por aquella parte, que elle o poria em salvo.

Os imigos não ousavão a se lançar polla rocha, mas o padre chegou a baixo com algumas feridas das pedras nos pes e nas mãos. *E* não padecer mais dano, se vio bem que Deos o quis guardar. *Começou* logo a caminhar polos matos fora. *Outro* lugar nosso de christãos que se chama Homa, que deste distava tres legoas, os moradores do qual são muy constantes na fee, e na outra guerra

tiverão muitas perseguições, por se não quererem fazer mouros; porem, por não serem mais que 200 de peleia, ainda que os melhores destas partes, peleiarão elles sos contra todo este Amboino e Ternates.

Indo pois o padre pello mato, por erro, se afastou dos mosos, os quais, no mesmo dia, a noite, chegarão ao lugar aonde logo os pais e parentes destes que acima dise lhe mandarão rogar que se tornasse pera elles e deixasse o padre; o que este não quis fazer e escolheo antes perde-los a elles que a seu Criador. *Agora* ho temos em casa, e ainda que do seu lugar elle so nos fiqou, todavia com sua boa constantia nos alevia muito a tristeza que com a perda de todos os outros recebemos. *E* pera que tamanha ingratidão, como estes lugares tiverão, não ficasse sem castigo, permitio Deos, pera exemplo dos outros, que depois que se passarão aos mouros, lhe morresem quasi todos os meninos e meninas da doutrina, que dizem serem seicentos; que certo não foy pequena sorte, porque muitos delles se avião de sarar. E dos grandes tambem soubemos ser ia muita gente morta.

Mas, tornando ao padre, forão muitos os trabalhos de fome e sede que padeseo, emquanto andou embrenhado pollo mato, porque por espaço de 8 dias se sostentou com dous caracoes crus que achou, os quais lhe não souberão mal; e em dous ou tres dias não achou agoa e noutros alguma pouca. E a causa era porque andava por sima dos montes e não ousava decer abayxo, polla grande vigia que sobre elle se tinha. *Mas* neste tempo veo huma grande chuva, de noite, que satisfez bem a sua necessidade. Por todos estes oito dias andarão, de dia e de noyte, passante de dous mil homens, sempre em sua busqua, sem delles poder ser visto, ainda que muitas vezes se vio tão perto que lhes parecia que o vião e ouvia muito bem o que elles dizião. *E* indo pera lhes fallar, quis Deos que o não fizesse.

No meio destes trabalhos lhe deu o Senhor huma muy grande resignação, conformandosse com sua sancta vontade, pera tudo o que delle ordenasse.

A cabo deste tempo cansou (sic) esta gente de o busquar; sairão os christãos do lugar de Homa, que ja disse, ate as molheres, e

andarão bradando pollo mato o padre que saisse, dizendo quem eram, que não ouvesse medo; mas, não no achando desta vez, sairão ao outro dia ver se podião cortar algumas cabeças de mouros; acaso forão dar com elle, que estava ia muyto fraco; e tanto que o virão, lhe fizerão muita festa e tomando-o em hum pano, como em palanquim, o levarão a seu lugar, onde em alguns dias que ahi esteve, com o bom tratamento e amor desta gente, convaleçeo algum tanto; despois elles mesmos o trouxerão a fortaleza, com cuia vinda nos e os de defora assi nos alegramos como se Deos o resucistara (sic) da outra vida, porque na verdade se não tinha em menos e ia todos tinhamos ditas as missas por elle.

A outra ilha perto desta, que se chama Sore-Sore, foi esta armada do demonio, pera destruir aquella christandade, na qual huum lugar de christãos, taes como os de Atuaa, se lançou com os Mouros e foram logo com elles por cerquo a outro lugar da mesma ilha, obra de huma legoa, chamada Utale (christãos antigos que sempre derão muytas mostras de constancia na fee, pola qual causa na guerra passada tiverão / / muitos trabalhos e perseguições). [123 r.]

E com quanto o poder dos enemigos era grande, que, segundo parece, passarião de trinta caracoras, e o tiverão de cerco 24 ou 25 dias, que pera esta gente he mais que pera nos 2 annos, porque não tem os mantimentos nem agoa no lugar e costumão i-los buscar ao mato, cada dia, tiverão-se, todavia, todo este tempo, e sairão algumas vezes a pleiar, fazendo sempre dano aos Mouros.

Desta fortaleza os mandou socorrer o capitão Dom Duarte de Menezes, que Deos tem em sua gloria, com a maior armada que pode, ainda que a fortaleza ficasse com muito pouca gente. *Tanto* que os cercados virão nossa armada, lhes deu o Senhor tanto esforço que, saindo alguns fora, derão nos mouros e lhes cortarão algumas cabeças, os quaes, desemparando suas estançias que em terra tinhão, se recolherão com toda a pressa em sua armada.

Os portuguezes, animados grandemente para peleiar e morrer por amor de Deos, depois de hum padre nosso, que com elles ia, lhes falar de Deos, e tomando huma cruz nas mãos, com reverencia e devação a vinhão beijar todos os soldados, e os que não podião das

outras embarcações lhes fazião a mesma reverencia; muitos se confessarão a noite dantes, e outros o tinhão feito na fortaleza e com ser nossa armada tão desigual a dos imigos, porque não erão mais que sete velas, elles a não ousarão cometer, mas os christãos nos vierão receber com muita alegria, trazendo as cabeças que aquele dia cortarão, com que muito se onrrão.

Desta ida se servio Nosso Senhor muito, pelo grande animo com que os christãos ficarão pera se defenderem, se fosse necessario; e assi, todos os mais lugares desta ilha tiverão mão. *E* assi, por serem muitos delles pequenos, se unirão huns com outros, pera milhor se aiudar; e da mesma maneira, em outras duas ilhas de christãos o tem feito todos muito bem e se defenderão sempre, fazendo dano aos Mouros que os yão cometer; e quem agora tambem o faz, muito melhor se cree que o fara, quando nos virem com mais poder do que temos ao presente, que he bem pouco pera o que requere todo este arcipelago, que se pode dizer outro novo mundo, e do qual depende aceytar a ley de Deos.

Rogemos, charissimos padres e irmãos, ao Senhor que tenha por bem de nos mandar hum bom socorro, porque nelle esta fazerem-se todos christãos, e então avera lugar pera se effeituarem os sanctos deseios, que lhes Deos da, de irem a trabalhar nesta vinha, por seu amor; e por mais que seião os obreiros, muita mais mese ha pera todos se ocuparem.

Em algumas partes onde os nossos padres e irmãos mais vezes residem, sabem os meninos mediocremente a doutrina e assi em seus trabalhos como quando andão polos matos a vão cantando, com tanto gosto que he muito pera louvar ao Senhor.

Vem todos, assi grandes, como pequenos, a cruz, agoa benta e ygreia; a qual, aos sabados, emrramão muito bem e lhes trazem azeite; e a cruz, candeas com muita abundancia.

Com o Padre Pero Mascarenhas estava hum menino de quinze anos, ou pouco mais, que ha muito pouco que se fez christão naquele lugar, que como acima disse se levantou. *Este*, sendo ali mesmo cativo polos Mouros, e posto entre huma prisão, que entre elles se custuma, chamada lara, que he hum pao grosso, comprido, com

huma forquilha no cabo, onde emcaxão o pescoço e depois o fechão por detras e da muito trabalho. / / [123 v.]

Estando pois, este menino, desta maneira, mandou dizer a seu pay que lhe rogava muito, se lhe queria fazer bem e tira-lo do cativeiro, não fizesse ceremonias aos pagodes por elle, como os ignorantes custumão, antes se fosse rezar a igreja e levasse muitas vezes candeas a cruz; que desta maneira Deos o tiraria. *Outras* cousas avia semelhantes, mas por brevidade as deixo.

Este anno, por nossos peccados, não chegou a esta terra hum iunco que de Malaca pera esta fortaleza vinha com provimento e alguma gente e por isso ficamos sem a consolação que comummente recebemos com as cartas de nossa Companhia e sem o provimento que nelle vinha, assi pera nos, como pera os soldados, o que tudo fez muita falta; porque ia nos passaremos como pudermos, mas elles ha muito tempo que padecem as maiores e as mais compridas necessidades que por ventura te gora se passarão de fomes, vigias, despidos e descalços; e se adoecem, muitas vezes perecem a mingoa, porque, posto que de nos recebão toda a charidade possivel, muitas vezes o não temos. *E* estes trabalhos sofrem com muita paciencia e alegria, que he muito pera louvar ao Senhor.

O capitão-mor partio daqui pera Ternate; levou huma galeota e huma fusta e doze caracoras, com obra de cem portuguezes; e indo ia perto, lhe sayo o que agora he rey de Ternate e o rey de Tidore, com todo seu poder, que serião sesenta coracoras.

Ouve no mar outra peleia grande, que durou muitas horas. *Foi* o Senhor servido de nos aiudar, como costuma, porque ficarão mortos dos imigos cento e oitenta, e outros tantos feridos e dos nossos somente morreaão sinco.

Chegado a Ternate o capitão-mor, lhe adoeceo muita gente de febres; e os que morrerão, assi de doença, como da guerra, chegarão a 50 portuguezes; e da gente da terra, entre mortos e fugidos, passão de tres mil, mas nos Ternates a mesma peste ou maior dizem que deu, e lhes morreo muita gente; e o que agora he rey, esta mui propinquo, se ia não for falecido.

Os imigos, assi Ternates, como Tidores, estão mui faltos de gente e debelitados. *Se* o senhor viso-rey prover esta terra com bom socorro, concertar-se-a, pera não aver os trabalhos e desinquietações que tee gora teve, e a christandade crecerá muito.

Na fortaleza se padecerão mui grandes trabalhos e mui compridos, porque passante de 7 meses estiverão sem o capitão-mor lhes poder socorrer, por não abrir mão desta christandade de Amboyno. *E* chegarão a tantas necessidades de fome que huma galinha valia vinte pardaos; e hum pexe bonito, quinze ou vinte; e hum ovo pera alguma necessidade duas tangas; cains e gatos nenhuns ficarão; hum rato no bazar valia duas tangas; e muitos andavão a lhes armar; folhas de arvores e de aboboreiras não se davão de graça; e dizem que, se não fora o socorro que deu el-rey de Bachão a fortaleza, que se perdera, porque tres vezes acodio: huma com tres caracoras e outra com cinco carregadas de mantimentos e a derradeira com obra de quinze champanas em companhia do capitão-mor. *E* de todas elle se aventurou a se perder, por amor de nos e da fortaleza, porque qualquer destes socorros que os Mouros lhe tomarão, não lhe ficava
[124 r.] com que se defender; rezão parece que este rey seia / / favorecido dos viso-reys, pois sempre o fez tão bem agora, como dantes; e com sua gente e corcoras a-de acompanhar o capitão-mor nesta guerra. E de todas estas vezes que mandou socorro a fortaleza, se não esquecia da charidade com os pobres, porque me disse pessoa que o vira que de todas mandou a nosa casa huma boa quantidade de sagu pera se repartir com os pobres, o que emtão valia muito dinheiro. *Deos* Nosso Senhor lhe pague estas boas obras, com lhe dar sua gloria e bemaventurança.

Gelolo que, como ya saberão, o ano passado ficava de cerquo, nem estavão mais na fortaleza que doze portuguezes, depois de se terem defendido muito bem e morta alguma gente aos Ternates, não poderão ser socorridos; e com estarem ya doentes e sem material, e por os mesmos Gilolos serem tredos e se lançarem com os mouros, se entregou o capitão, porque os outros não quiserão, e se meterão pollo mato e os matarão a todos tirando hum ou dous.

Hum rey christão dos Celebes, o qual tem em nosa casa hum filho, chamado Dom João, vindo-o ver, o ano passado, em huma coracora sua, sem saber da guerra que se levantara, lhe sairão e correrão outras caracoras dos imigos, mas vendosse apressado, se meteo em Gilolo com obra de oytenta homens seus. *Os* portuguezes os receberão para os aiudar com sua gente, o que lhe fez mui bem em todo o cerco; e depois que esta fortaleza se perdeo, se meteo este rey pellos matos com os portuguezes e foi cativo pellos Tidores; mas quis o Senhor que este dia passado dos reis fugio de noyte em hum parao pequeno e pello escuro ser grande, não pode acostar com a nossa fortaleza e assi a passava ya, e estava perto dos mouros.

Neste tempo os portuguezes que vigiavão, virão ao mar huma estrela mui resplandecente e grande, que cuidavão ser fogo dalgum parao nosso, que não acertava com a fortaleza. *Fizerão-lhe* logo hum fogo da fortaleza, o qual elle vio e tornou, entendendo ser alli; e desta maneira o quis Deos salvar e guiar ao porto da salvação, como fez aos Magos. Esperamos que por meio deste rei e com o favor divino se fara nos Celebes muita cristandade, por este ser o principal daquellas partes e por esta merce grande que de Deos recebeo neste dia dos reis quis fazer huma igreja na sa terra da mesma vocação. *O* capitão-mor lhe fez muitas honras e gazalhados e assi elle, com os portuguezes entre si, lhe tirarão de esmola alguns quinhentos pardaos, ou mais, para suas necessidades.

A christandade do Moro, posto que foi mui perseguida, esta boa, louvores a Deos, e tem mostrado muita constancia. No Morotai, ainda que forão alguns lugares destruidos e entregues aos inimigos, todavia os mais, e mais principais tem dado mostras de bons cristãos, com não somente se defenderem, mas ofendenrem aos inimigos.

Alevantando-se a guerra, avendo de ir hum cristão principal, com outros, a dar em hum lugar dos contrairos, lhe fiz huma pratica, animando-os a peleiar pella lei de Christo e destetando a de Mafamede, dizendo que, se querião alcançar vitoria, que todos se reconciliassem, tirando os odios e arrependendo-se de seus pecados, porque desta maneira os ajudaria Deos e lhes daria vitoria. *E* assi foy; porque, posto que o lugar era forte, o cometerão com muito animo,

aiudados de alguns portuguezes que com elles hião, e o entrarão, não morrendo na briga mais que hum soo christão, que sempre foy e chamando pello nome de Iesus.

Outro lugar entrarão os inimigos, de sobresalto, onde hum christão mais esforçado se foy para a cruz, iurando de morrer ao pee della e alli, pelleiando mui esforçadamente e chamando pello nome de Iesus, o fizerão em pedaços, e de tal maneira peleiou que dizião os mouros que se alli ouvera sete homens como aquelle, não poderião tomar o lugar.

Passados seis meses, depois da guerra alevantada, indo hum irmão com alguns portuguezes da Morotia, onde então residia, visitar os lugares de Morotai tanto que os christãos que estavão no mato, por rezão da guerra, o souberão, acudirão logo todos os principais e o receberão com muito amor, e aos portugueses, dizendo quão grande alegria recebião com a sua visitação e vista tanto tempo que os não virão, nem sabião parte delles. *E* disserão ao Irmão que os meninos ainda não erão christãos, que ya vinhão por caminho dos
[124 v.] matos, para que alli os baptizasse, que podião ser 30. / /

Depois, lhe fez o Irmão huma pratica, em que os animou muito a perseverarem e moerrerem pella lei de Christo.

Aos christãos de Morotia, onde os portuguezes residem tem o Senhor dado muitas vitorias contra os Mouros, porque alem de destruirem o lugar de Çamafo, que era mui grande, do qual esta christandade tinha recebido muito dano lhe destruirão outros pequenos e tomarão doze caracoras aos Ternates, com cinquo berços matarão alguma gente, o que foi muy grande perda para elles. *E* isto tudo fizerão com o favor dos portuguzes.

No lugar do Ito ouve grande seca e sendo ya chegado o tempo de semearem, se foi o regedor, que he hum homem velho, e antigo christão e começou a bater muito nos peitos pedindo a Deos que lhes desse agoa; e depois levando huma prosolana de aseite. *Depois* mandou deitar pregão pelo lugar que se querião que Deos lhe desse chuva, que todos fossem levar azeite a igreja; o que fizerão. *E* vendo o Senhor a muita fee foy servido de lhes dar o que pedião.

Este mesmo regedor que se chama Tristão de Taide, depois da guerra alevantada, chamou todos os do lugar, e lhes fes umma pratica lembrando-lhes por que havião de pelejar, que era polla lei de Deos; que todos estivessem mui firmes, porque bem vião que Deos aiudava sempre aos christãos, que os portuguezes, ainda que tivessem trabalhos, por deradeiro sempre ficavão em pee e com a milhor. *Iuntamente* lhes lembrava a lealdade que devião ter a el-rei de Portugal. *Ao* que todos responderão que prestes estavão para porem suas vidas por sua lei e por seu rei. *E* assi são estes mui fieis em tudo.

Outro christão honrado que reside na fortaleza, chamado Dom Anrique, primo co-irmão del rei de Tidore, que foy seu capitão-mor do mar, omem mui esforçado e prudente, e sobretudo mui bom christão, nesta guerra o tem feito muito bem e com muita lealdade; o qual tendo 4 filhos meninos, foy Deos servido de lhe levar para Sy os tres, e levando e levando elle mesmo o deradeiro a enterrar, o consolavão alguns portuguezes, dizendo-lhe que se alegrasse, que Deos lhos levou para sua gloria. *Ao* que elle respondeo como hum Job, que o Senhor lhos dera e Elle lhos levava, que fosse seu santo nome bem dito, que aparelhado estava para o outro que ficava lho entregar alegremente se assi fosse sua santa vontade.

En Ternate residirão no tempo da guerra.

Isto se oferece dar conta a Vossa Reverencia.

De Amboino, a 12 de Maio de 1571 annos.

Servo de Todos em o Senhor

Hieronimo Dolmedo

13

CONSULTA AOS PADRES DA COMPANHIA NAS MOLUCAS SOBRE A SUA RETIRADA DAQUELAS MISSÕES

1593

ASJR, Goa-12-I e Goa-14.
Fls. 11r-14v e 24r-29r.

As missões das Molucas tinham caído num ponto morto, devido à situação crítica da presença portuguesa naquelas longínquas paragens. Então o Pe. António Marta, que ali fora como visitador, consulta os seus religiosos residentes naquelas cristandades sobre a situação e se não seria mais do serviço de Deus retirarem-se, por escusados, para outras terras mais propícias à evangelização. Este documento contém as suas respostas, destacando-se a do padre João Rebelo que opina:

a) Mostrarem vários factos providenciais dever-se continuar aquela cristandade.
b) Os excessos que se apontam, tanto da parte de soldados, como da parte de capitães, serem devidamente reprimidos.
c) Ser o fruto dos padres da Companhia, junto dos Portugueses, maior do que possa parecer.
d) Não se deverem abandonar cristandades que antigos religiosos fundaram com tanto sacrifício.
e) Ser necessário enviar mais religiosos para aquelas missões, onde fariam mais fruto do que nos colégios.

Consulta dos padres de Maluco se, não vindo armada da India, ou das Filipinas, com que se assegure a terra e os Mouros seião lançados fora, convem, para maior gloria de Deos, deixar totalmente Maluco, e converter os padres para outra parte.

Pera maior declaração desta materia, havemos de sopor muitas cousas sobre as quaes, despois, cada hum dos padres respondera o que lhe parecer in Domino:

1.º Que Maluco não se pode converter nem continuar com as cousas da Igreja, se primeiro não for aprainado com as armas.

2.º Que quanto aos portugueses, que residem nestas duas fortalezas de Tidore e Amboino, basta o vigario, com hum ou dois beneficiados, para ter cuidado delles.

3.º Que os padres não tem mais christandade que quinhentas almas, na ilha de Alabua, cuio senhor é christão, mas vassalo de hum rei mouro e mui trabalhado delle e solicitado pera se fazer mouro, ou por dizer milhor, tornar mouro, como elle era, primeiro; e os christãos pouco acodem as cousas da Igreja, nem se podem endireitar, porque, apertando com elles, fogem pelo mato, ou se fazem mouros. E, áfora esta christandade, temos perto de mil e seiscentas almas dentro da fortaleza de Amboino, os quais, da mesma maneira, não podem ser insinados, senão quando elles querem, por estar vizinhos aos mouros e cada dia solicitados a seguir a Mafamede.

4.º Que cada dia vamos peiorando e os mouros se vão fazendo mais soberbos e tratão entre si de nos botar fora destas terras. E por isto, de dous annos para ca, todos os mouros do arcepelago de Amboino se ajuntarão para tomar a fortaleza, e estes de Maluco cada dia nos ameação e nos tiranizão, tomando-nos nossos escravos, quando fogem pera suas terras e fazendo-nos outros agravos, que não conto por brevidade.

5.º Que o descuido dos capitães portugueses, que ca vem, e tambem dos visorreis que ca mandão os provimentos, he grande, porque os capitães não buscão outra cousa que levar de Maluco os cem mil cruzados, sem buscar maneira com que aproveitar esta christandade. *E* os visorreis mandão os galeões com quatro soldados, nem favorecem com suas cartas e cem castigos os que não fazem bem o seu officico.

6.º Que ainda que os nossos padres tenhão feito fundamento na cidade de Manilha e tenhão proposito de abrir escolas e adiantarsse

quanto puderem, todavia não ha nenhum proveito a esta christandade, se esta terra não for aprainada, primeiro, com as armas, porque Manilha esta mui longe e entre os castelhanos e portugueses ha brigas e dissenções, polas quaes nunca (estando a terra como agora esta) se puderão ajuntar, para buscar todos o mesmo fim, e mais não falta nos padres de Manilha terra para se alargar quanto quiserem, pois da Manilha ate Maluco ha hum conto de almas para cultivar, se forem todos christãos.

7.º Que estas duas fortalezas não tem portugueses para bem ocupar dous padres, e com tudo iso, se aqui ouverem de persseverar como agora estão, necessariamente hão-de estar tres em Amboino e dous, pelos menos, em Maluco, e todos estes hão-de ser asistidos, porque he necessario pregar e saberse menear com estes capitães, os quaes, aqui, querem ser mais que reis, e quem não for prudente, cada dia, ha-de quebrar com elles.

8.º Ainda que os padres perseverem na Alabua com paciencia, todavia temos por muito provavel que, perdendosse a esperança da armada, o senhor de Alabua e mais os christãos hão-de retroceder, porque não podem sofrer tanto tempo os medos que lhes fazem os Mouros, ou ao menos, se não retroçederem, acodirão tão mal as cousas de Deos, que seria como te-los perdidos.

9.º Quanto aos poucos christãos que temos na fortaleza de Amboino, sabemos de certo que estão enfadados e dizem abertamente que se não vier armada, não podem sofrer mais o trabalho que lhes dão os portugueses e defendersse das promessas que lhes fazem os Mouros.

10.º Pera dizer tudo, nos temos por muito provavel que logo que
[24 v.] os padres sairem desta terra, logo tambem / / se hão-de perder os christãos de Alabua, como da fortaleza de Amboino; e perdendosse os christãos, as duas fortalezas hão-de padecer muito no temporal, porque os christãos se hão-de botar com os Mouros, como mais poderosos nesta terra dos portugueses, por onde, por ventura, fora milhor ir prolongando a saida, ate que Nosso Senhor proveja do seu remedio.

11.º Consultemsse e digão todos seu parecer, se suppostas as cousas sobreditas, fora milhor mandar por missões cada tres annos dous padres e perseverar com isto ate perderem totalmente Maluco, para mostrar ao Mundo que não fugimos ao trabalho, mas que, se fazemos mudanças, não he senão por maior gloria de Deos Nosso Senhor.

Com estes suppostos Vossa Reverencia; agora, entendera o parecer de todos os padres que aqui residem, para que, com o que disserem, seja este negocio milhor entendido e determinado.

Item. Consideradas as onze rezões acima postas e particularmente a nona, que toca o senhor e christandade dessa Labua (onde ao presente, por obediencia resido) e especialmente quando diz que se não retroçederem estes christãos, não vindo cedo socorro, ao menos acodirão tão mal a igreja e obriguação della que quasi tanto montara como te-los perdidos, do qual eu sou boa testemunha pelo que vi de dez anos a esta parte posto que não continuos nesta gente e ainda agora destes sete meses continuos pera ca aqui resido, ainda com se lhes dizer que tinhamos esperanças como muito certas de vir-nos socorro de Manilha, com tudo boa parte delles mostrarão tanta frieza e descuido no que toca as missas de obriguação que parecia terem nenhuma; e posto que do senhor da terra, que se chama Sangage della, se pode ter *in Domino* confiança de não haver de retroceder, por causa da constancia e perseverança que de doze ou quinze annos entre tantos trabalhos e perseguições e avexações tem mostrado, comtudo pelo contrario muita desconfiança se pode ter e muito arreceio que, depois delle fechar os oslhos, aja de aver (que Deos não permita) total mudança e perdição dos mais destes christãos, por causa do herdeiro ou herdeiros que lhe pretendem soçeder, pelo qual medo e polas sobreditas rezões me parece *in Domino* que, se estas partes de Maluco e Amboino não forem cedo e com brevidade socorridas com boa armada que os bem sogeite, não se pode nelles fazer o fruito nas almas que esperamos.

E assi são escusados nellas padres da Companhia, assi como de presente residem de assento, se não fosse por modo de missão, a

saber: mandandosse da India para a fortaleza de Tidor com cada capitão que viesse de novo tres padres, a saber: dous para residirem na dita fortaleza e hum para esta christandade e dous em Amboino, os quaes fossem visitados de hum comum superior de todos; e se não se pudesse acabar com o senhor e christãos deste Alabua, que se passassem para a dita fortaleza de Tidor, se não todos, polo menos aquelles escolhidos ou tocados da mão de Deos que quisessem, *ob zelum legis et fidei*, la ir morar, para que la fossem instruidos e governados dum dos nossos padres que la residissem *pro tempore* (como foraão ate gora os Atives em Amboino), ou do vigario comum da fortaleza, como milhor *in Domino* ao superior pareçesse. *E desta* maneira se poderia escusar o terceiro padre que na Labua (sic).

Isto he o que *in Domino* me pareçe.

Oje 5 de Março de 1593, neste Labua.

Rogerio Conrado

Respondendo a questão que Vossa Reverencia faz aos padres que neste Maluco ao presente residimos, digo primeiramente que todas as onze cousas que se presupoem desta pregunta são todas tão verdadeiras que não vejo que mais a ellas se possa acresçentar nem diminuir, porque todas na verdade assi passão. As quaes todas consideradas, o que me parece *in Domino* he que, se estas partes de Maluco e Amboino não forem aprainadas çedo com as armas, de modo que fiquem bem sogeitas, não se pode fazer nas almas destas gentes o fruito que pretendemos e deseiamos. E assi são escusados nellas padres da Companhia assi e da maneira que ao presente residem.

Mas por rezão do que se toca no undecimo suposto, o qual he mui provavel que assi aconteça, como se nelle diz, digo que o meio que se podia tomar, e pareçe o milhor e mais acertado que nesta parte se
[25 r.] pode dar, he que se mandem da India, / / por via de missão, cada tres annos, ate quatro padres, a saber: dous com o capitão, que vem para a

fortaleza de Maluco, e dous com o da fortaleza de Amboino; e ir dilatando este negocio de Maluco, desta maneira, ate que Nosso Senhor ordene destas partes o que for mais seu serviço.

E desta maneira não largamos Maluco, antes continuamos com o espiritual delle como ate gora. E com mais suavidade dos nossos, porque assi todos os padres, por via de missão, residirão aqui com mais gosto seu; e não sendo assi, vendo elles que não ha em que se empregar, não fazem o fruito que a Companhia pretendia em os mandar ca. E iuntamente a terra ser mui trabalhosa e chea de muitas dificuldades, sera mui trabalhoso tellos, e o superior supremo delles nestas partes correndo isto por via de missão, os podera governar com mais suavidade, ao que parece.

Nem se pode dizer que faltarão desta maneira padres que saibão a lingoa, porque vindo da India padres de novo, sempre he bem que fique neste Maluco hum padre ou mais, se pareçer, dos velhos, o qual podera insinar a lingoa aos outros. E como ella he de si façillima, em breve a saberão.

Isto he o que *in Domino* que pareçe.

Oje, 10 de Março de 1593.

Luis Fernandez

Respondendo a questão que aos padres que ao presente neste Maluco estamos Vossa Reverencia fez, digo que, supposta primeiro que tudo a vontade que todos tem de se conformarem com a do superior e de se consolarem muito com os trabalhos em que todos andamos metidos e de como todos estamos offerecidos a os padeçer e sofrer por amor de Deos e de sua Igria nestas partes; e suposto tambem como a terra he boa de si e sadia, que pareçe de si convidar ao estar nella; todavia como o nosso fim seia a christandade, pareçe quanto humananamente se pode collegir das cousas que aconteçem e modo que levão e quanto em si prometem, como iuntamente pelas razões que Vossa Reverencia aponta, que se não vier cousa da India ou Philipinas que aplaine isto primeiro, que nos podemos todos

desenganar que não somente que não havera christandade nem conversão nestas partes, mas o que pior he que nem esperanças disso, pelas rezões açima; como tambem que depois que estou em Maluco pareçe que muitos mais se tornaram mouros do que fizerão de novo christãos, desenganados e desconfiados ja do socorro que tantos annos ha por que esperão, escrevendo os visorreis que o anno que vem, sem falta, vira e nunca chega esse anno, mas sempre estaa por vir; tanto que nem os Mouros fazem caso de nos e dizem: Não tem poder os reis de Portugal, pois de vinte e cinco annos a esta parte não acaba de chegar o que tão afincadamente pormetem, o que foi causa ja de muitos retroçederem, e de que os que ficão se temer que fação o mesmo.

Donde se pode inferir que parece que os superiores não serão contentes aja padres aonde não somente falta a conversão, mas ainda se careçe de esperança della, deixando padecer (?) de os ter em outras partes, aonde *petierunt panem et non erat qui frangeret eis.*

E segundo ouvi na India por vezes tratar, nenhuma outra cousa ouve que movesse aos superiores tirarem os padres da fortaleza de Ormuz e da de Dio e ainda ouvia fallar nos padres que estavam em S. Thome senão o carecerem da christandade em que se ocupassem, posto que orvessem muitos çentos de portugueses, e tão differentes dos de qua, aonde podera aver te cincoenta; por onde pareçe que o mandarem os superiores padres a estas partes he por causa da conversão; e se esta se perder por culpa de não serem socorridos, pareçe conseguintemente desnecessario aver padres, não por fugir os
[25 v.] trabalhos, que estes em todas as partes os ha, / / senão porque não ha esperança alguma de se conseguir o que se pretende.

Mas por quanto a ultima razão que Vossa Reverencia aponta pareçe fazer força, por não dizerem que, se os padres se forem de Maluco, se pora em balanço acabarem de retroceder todos, que sera ocasião para os que nos não tem boa vontade murmurarem de nos e tomarem ocasião dahi para nos perseguirem; para iso parece que sera bom modo e meio suave aver padres em Maluco por modo de missão, para que desta maneira não faltem padres nelle e se evite o que podem dizer de nos nossos inimigos; e iuntamente servira para

não ser tão pesado a alguns que ouverem de mandar, se souberem que, acabado algum tempo, se tornarão.

E certo que tanto parece isto assi que realmente tenho para mim que se algum padre provincial viera visitar estas partes, ou tirara totalmente os padres dellas, ou pelo menos dera esses meios para que, se alguma hora aconteçesse haver christandade, avia padres ia qua; e não havendo, não faltavão padres em Maluco, posto que de quando em quando trocados e revezados, ainda que os que ouver não servem demais que de ver injustiças e tiranias de capitães, sem serem remediados; mas havendo de haver padres por via de missões e para isto ter milhor saida, me parece que se não mudem por huma vez todos, mas que, ficando os que ouverem de ficar, venhão depois ametade dos que depois hajão de ficar, para se irem revezando assi na experiencia como na lingoa, posto que então não pareçe ser necessario aprende-la, pois os portugueses e suas molheres se confessão na nossa, e assi nunca havera faltar quem venha. E a missão fica mais suave, pois não he mais que missão, por causa dos portugueses, e não por rezão da christandade, pela não haver nem esperança dela, se não vier cousa propria que aplaine a terra.

E pode ser que se os superiores se certificarem disto, que nem por modo de missão queirão que haja padres qua, pois os vigairos bastão para os portugueses, como he em Bengala e em outras partes aonde não ha padres da Companhia, mas somente vigario.

Isto he o que *in Domino* me pareçe.

Oje, 11 de Março de 1593 annos.

Antonio Pereira

Por quanto não sinto poder-me declarar em breves palavras, e pera que das cousas particulares tome o Rv. Padre Provincial maior informação deste negocio, serei difuso, procurando a brevidade quanto me for possivel.

E respondendo primeiramente quanto a christandade de Amboino (da qual comecei a ter alguma experiencia) suponho que a

ilha he dividida em duas partes, entrando pelo meio hum braço de mar largo mea legoa e se unem ambas as partes com hum passo estreito a semelhança desta figura ([1]).

Na fortaleza ha duas frequencias de christãos da terra: huma dos Atives e outra dos Alos, contem duas mil e duzentas almas escritas a rol, porque cresceram depois do Padre Antonio Martha lhes tomar o numero de mil e seicentas, avendo ainda este anno qualquer augmento com a vinda da gente dos lugares a morar na fortaleza.

Alem destes, ha alguns outros milhares de almas christãs, que estão espalhadas pellas diversas aldeas desta ilha da banda daquem da fortaleza, os quaes todos estão sogeitos. E da banda dalem ha dous lugares principais, a saber: Lilibi e Vacassio, aos quaes se ajuntarão algumas outras aldeas que estavão por nos, para assim juntos fazerem maior resistencia aos enimigos. E ahi tem o capitão presidio de soldados. E desta banda dalem ha alguns outros lugares que estão indiferentes por não terem resistencia, e entre elles o lugar de Vai esta por nos, por viverem na fortaleza a metade dos naturaes delle. Com tudo os Itos e os mais lugares da banda dalem de Ilha, que estão contra nos, são em maior numero.

Ha tambem perto de Amboino tres ilhas chamadas as ilhas do Liaçer, nas quaes, segundo a necessidade do tempo, poem o capitão soldados de presidio.

Ha nellas somente dous lugares de enemigos, que não reconhecem sogeição a fortaleza; os mais estão comnosco e servem a el-rei nas armadas e no mais, segundo o capitão os chama.

[26 r.] *Outra* ilha esta mais apartada / / de Amboino, por nome Burro, cuios naturais estão de paz comnosco, per serem vassallos del-rei de Tydore. De toda esta gente, assi dos que estão por nos, como dos inimigos, grande parte são christãos arrenegados ou que vivem como gentios, tirando os que estão na fortaleza, pelo ensino e doutrina que tem, da qual os outros carecem.

([1]) Vide a folha publicada em fac-simile.

Ouve entre elles e nos, pelo discurso do tempo, varias alterações de guerra, alevantando-se todos contra os portuguezes (tirando os Atives, que sempre estiverão comnosco e por este respeito padeçerão muito dano dos contrarios) e estiverão por vezes os nossos a risco de se perder de todo, começandosse a effeituar as traças que contra nos tinhão armadas, sendo ja o capitão entrado pera o matarem a treição, mas nunca Deos quis que chegassem ao cabo com seùs intentos.

E para falar de cousas mais presentes, desde o ano de 91 para ca, temos visto notaveis sinais da divina providençia em querer conservar esta fortaleza e christandade; porque, avendo muitos annos que estava da banda daquem de fortaleza hum lugar forte dos inimigos, por nome Puta, o qual lhe tomava tal inquietação que não podia a gente sair ao campo e a suas hortas sem perigo de deixar a cabeça em siladas, de que esta gente usa muito, e ainda dentro de suas casas não estavão os homens de noite seguros, porque chegarão a apanhar os frontães da igreja; e tendo os nossos, por muitas vezes, intentado destroir este lugar, nunca poderão, por ser huma rocha inespugnavel; todavia permitio Deos que se tomasse e destruisse de todo, hum mez antes de chegar a vista desta fortaleza huma armada grande dos inimigos, aventaiada as passadas, em que entravão os Bandas, e puzerão nella dous annos de preparação; a qual armada, se se achava aquelle lugar em pee, puzera-nos cerco por mar e por terra, e virara facilmente de sua parte todos os lugares que estavão na ilha por nos, onde a fortaleza carrera tal risco que humanamente não podera escapar, por ser fraca e não ter mantimentos, antes avia naquelle tempo inimigos ocultos entre nos que fazião seguro o partido dos contrarios.

E posto que na briga, que com os inimigos tivemos, ficamos abatidos com morte de alguns portugueses e tomada de embarcações nossas, todavia não foi castigo *neque ad consumationem;* antes indò estes inimigos depois peleiar contra o lugar de Vacassio, onde estavão alguns portugueses de presidio, he fama comum que foi visto Santiago ajudar aos nossos, pondo terror e quebrando o animo aos inimigos, tanto que disserão depois que, se os portugueses lhes forão no alcançe, os ouverão de destroir.

E tomando estes mesmos inimigos huma imagem de pão, de Nossa Senhora da Ançiada, da popa da galle, quando foi a briga no mar, pretenderão desfaze-la com ferro e depois com fogo, sem nunca de nenhuma maneira lhe poderem fazer sinal, nem deformidade alguma, segundo elles mesmos dão testemunho, de que o Padre Vigario tirou hum papel autentico.

Tudo isto parecem indiçios de não querer Deos abrir mão desta fortaleza e christandade, o que finalmente se confirma com o sucesso deste anno, porque o pate de Alo, homem sagaz e astuto, tendo provocada a armada que este anno veio, e viradas por sua parte algumas cabeças dos lugares que estão por nos, com intento de matar a treição os portuguezes e tomar a fortaleza, todavia por permissão de Deos, descuberta a traição, forão prezos os principaes, e o Pate enforcado, ficando tudo quieto e sossegado, e os naturaes, com a experiençia do castigo alheo, desenganados de poderem prevaleçer ja desde o tempo antigo ate gora.

A armada, vendo o desastre do Pate, andou de hum lugar para outro, sem fazer effeito algum notavel; antes saindo subitamente em
[26 v.] hum nosso lugar do Liaçer, / / a tempo que a gente era quasi toda no mato, mui poucos homens bastarão para os lançar, acodindo logo os outros que os afogentarão de todo, matando-lhe mais de vinte homens e tomando-lhes muitas armas, parte das quais deixarão, com a pressa de fugir.

Donde se pode allegar o pouco poder desta gente, que entre Bandas, Itos e outras nações, escassamente avera chegado o numero a tres mil homens, entre remeiros e de espada, metidos em obra de trinta e tantas embarcações, a que chamão caracoras; e elles mesmos divididos entre si e com arreçeos de parte a parte, pretendendo cada hum ser soo, porquanto os Bandas não se querem sogeitar aos Itos nem vice-versa: os Itos aos Bandas; e ha tambem entre elles outras raizes de dissenção que por abreviar deixo.

E como este seia o maior poder que ate gora tem ajuntado, sem terem feito, estes dous, annos cousa prestavel nem tomado lugar nenhum dos que possuimos, certo pareçe que devem ficar cansados e

com as esperanças quebradas e os que estão por nos animados e confirmados em nossa amizade, o que mostrarão, quando agora os inimigos os acometerão; porque, zombando delles, lhes disserão que sy, mas que pidirião primeiro licença ao capitão da fortaleza; desembarcando elles todavia e chegando de improviso ao lugar, forão lançados, *non sine morte et vulneribus*, ficando os nossos victoriosos e com roncas. Ajuntarão-se logo os lugares e forão tambem da fortaleza soldados e outra gente, para darem nos inimigos, mas não ousarão mais a desembarcar, nem todo esse anno tiverão ousadia por apareçer a vista da fortaleza.

E se soçedera isto em tempo de capitão guerreiro, aplicado a os empeçer, de crer he que os tivera ja destroidos e sogeitos muitos lugares a obediencia da fortaleza. Mas posto que não tem ate gora mostrado inclinação as cousas de guerra, todavia tem outra inclinação fortissima e muito esperta e incansavel a fabricar a fortaleza, trazendo desde Goa officiaes para este fim, a qual fortaleza em tempo atras era muito fraca e soo parte della em pedra e barro, que caia com a chuva e se podia com hum salto deçer do muro abaixo; mas agora a vai acrescentando e fortificando de novo com grande aventagem e não tem geito de desistir da obra, ate que acabe.

Esta fabrica da fortaleza he grande parte da constançia destes povos para comnosco, argumentando *a minori ad majus;* e esa dizem que foi a causa perque se alevantarão em tempo do capitão Gonçalo Pereira, a saber: por verem apodrecer os paos da fortaleza e não verem depois disso cousa notavel. Acrescenta-se a isto que desde o anno de noventa e um para ca, a vinda deste capitão, que foi o primeiro que aqui chegou, provido por el-rei, cresçeo tambem naturalmente o poder desta fortaleza, com numero de muitos portugueses, alguns dos quaes se vão casando e arreigando na terra.

E quanto a dizerem os christãos, que temos na fortaleza, que não podem sofrer mais o trabalho que lhe dão os Portugueses, cousa ordinaria he em toda a India as cristandades padecerem seus trabalhos; e mao costume dos soldados vexarem os Indios, por onde tem soçedido muitos males a India. Mas esta vexação não he dos portu-

gueses casados na terra, porque estes, quanto podem, procurão conservar a boa paz por bem que lhes importa a suas vidas e fazendas; mas he mal de soldados, aos quaes não falta quem lhes va a mão e os refree e mais se desenvergonhão, estando soos nos presidios; e com tudo isto ainda desta maneira os açeitão e pedem com instançia, para lhes vigiarem e defenderem seus lugares e provera a Deos que não se fizerão tão concordes e familiares em viçios e
[27 r.] peccados que cometem / / muitas vezes. Aos capitães tambem não faltão freos pera os retrahir, *ut numque*, de seus excessos.

E posto que a gente deste arcepelago não se convertera (ao menos *firmiter et solide*) se não primeiro aprainada por armas, parece do que esta dito que com verdade se pode affirmar dos lugares que temos nesta ilha, por nos estarem aprainados por armas; e ainda dos outros, que estão pelas outras ilhas se pode dezer o mesmo, *quamvis magis lato modo*.

E o que se aponta, que os christãos da fortaleza não podem ser insinados senão quanto elles querem por estar vizinhos aos Mouros, isto he mais corrente com os estrangeiros que tem seus parentes com os inimigos, mas os naturaes dos lugares de qua não se movem facilmente a deixar sua casta e parentesco, de que fazem muita conta. E entre todos elles os Atives tem neste ponto, segundo a openião de todos, a mesma firmeza que os portugueses pelo muito que por nosso respeito em suas fazendas, vidas e liberdade tem padeçido.

Ao que tudo se ajunta a prudençia e tento em os tratar e a suavidade paternal com que os ensinão e tambem em muitas partes da India esta a christandade iunto com a mourama, onde se podem apontar as mesmas dificuldades e com tudo isto não a(s) deixamos.

E posto que pera os portugueses pareçe que bastaria o vigario, todavia muito fazem os padres com seu exemplo, pregações, concelhos e definições de casos da consçiencia, e com os fazer continuar na ferquençia dos sacramentos, ao que o vigario não he bastante; e o fruito que se faz com elles he porventura maior do que pareçe, porque do braço secular bem ordenado depende em grande parte o bem das christandades da India. Aconteçe tambem as vezes corrom-

per-se o sal mui demasiadamente, como ia se vio e remediou, assi aqui, como em Tydore com o officio da santa Inquisição, de que o Padre Antonio Martha he comissario.

Quanto a indole dos naturaes, verdade he que não tem tanta viveza como alguns outros povos da India, nem fazem muito por aprender as cousas de Deos, se lhas não ensinarem nem chamarem com muita deligençia e instançia padres pera os doutrinar, porque naturalmente tem falta de vigor, falando no ordinario delles; mas esta sua falta tem outro bem, que he terem menos peccados e serem mais sogeitos a quem os tem a cargo.

Não tem muitos viçios da carne nem furtos nem muitas peleias; facilmente se dobrão a fazer o que lhes dizem e não são tão faltos de juizo que não aya entre elles muitos de bom conselho e industria e tambem capaçidade pera as cousas de Deos; alguns dos quais, assi homens como molheres, reçebem ya o sacramento da comunhão e muitos mais se farão capazes do mesmo, segundo a diligençia que se poser em os ensinar; especialmente os meninos se mostrão capazes de tudo o que lhes ensinão e com facilidade aprendem a ler e escrever e ajudar a missa e outras couzas de memoria e são *omni modo* sogeitos aos padres.

Os nossos padres antigamente forão mais leberais em os bautizar, porque não somente aos desta ilha de Amboino, mas ainda aos das vizinhas fizerão a quasi todo christãos, os quaes agora hum mato bravo (sic) com somente o nome de christãos. Verdade he que estiverão antigamente com elles em muitos lugares assi aqui como no Liaçer, nos / / quais tinhão igrejas e com zelo e charidade os [27 v.] ensinavão; do que ainda alguns delles se lembrão com notavel edificação da virtude e bondade dos padres. Mas a causa de não estarem ate gora com elles em seus lugares, em parte foi por varias alterações de guerra que soçederão, estando em pee, ate o tempo de agora, aquelle lugar de Puta, de que asima fica feita menção, o qual era inquietação dos outros.

Outro respeito tambem, e principal, foi falta de obreiros, socedendo as vezes não estar em toda esta ilha mais que hum irmão e as

vezes nenhum. Mas todavia agora faz dous annos, ajuntando-nos aqui cinquo padres, fez o Padre Antonio Martha consulta se seria bem residir em alguns destes lugares, soposto que elles o pedião e resolveo-se que si, a saber: um em Vacassio, que esta da banda de alem, por ocasião de elles o pedirem; e que se buscasse entretanto outro padre pera residir em Liliboi, lugar vizinho, foi la o Padre Lourenço Masonio e começou a continuar com aquella christandade, tendo ia ensinado a doutrina christã aos meninos que a aprendião com fervor. E assi elles como os grande erão faciles de dobrar ao que o padre queria delles; mas socedeo que poucos mezes depois morreo o Padre Pero Nunez, que estava aqui em Amboino por superior, e foi necessario vir elle em seu lugar, ficando desfeito aquelle bom principio, com magoa de todos os lugares da banda daquem. Pareçe que com maior rezão se poderião cultivar, se ouvesse obreiros.

Pelo que me pareçe que não convem largar esta christandade, *etiam stantibus rebus ut nunc*, não fazendo conta da armada nossa. E pareçe que não faz aqui hum padre menos serviço a Deos do que faria dentro dum collegio, onde sobeião tantos. Nem tão pouco pareçe conveniente toma-la por via de missões, perque isso faz faltar na aplicação que se deve para com huma cristandade tão desamparada e alongada de socorro como esta.

E quem hade vencer a difficuldade em aprender nova lingoagem se, acabando de a saber, a hade deixar? E não se achão per ca outros sacerdotes da terra que saibão a lingoa e possão em parte suprir as faltas dos obreiros, como laa na India se achão; antes pareçe bem rezão occupar-se o homem todo nesta obra, sem pensamentos de a deixar, quanto he de sua parte, e com oração e santos deseios e experiençia de tempo a ir fomentando e alcançando de Deos ajuda para a conservação e augmento della, como vemos por exemplo do Padre Patriarcha Dom Andre de Oviedo, o qual por não deixar hum pequeno numero de christãos, que tinha em Ethiopia, renunçiou o breve que Sua Santidade lhe dava de bispo da China, querendo antes alli morrer com elles, como fez, com grande louvor.

E quanto he em ir e vir em tres annos, em parte parece que seria mais comprir tempo que fazer missões da Companhia, os quaes vão

por outro effeito e em tempo mais breve, segundo nas regras das Missões se contem.

Por cima de tudo isto esta a providençia do superior, para chamar para a India aos que *in Domino* lhe pareçer experiente.

E com este talho me pareçe que ficão satisfeitas todas as duvidas desta questão.

Quanto a Tidore, posto que me sentia inclinado a responder da mesma maneira, todavia não ouso a dar voto / / remetendo-me totalmente ao que o Padre Provincial ordenar. [28 v.]

Oje, 27 de Abril de 1593, em Amboino.

João Rebello

Quanto ao que se pergunta na questão, respondo que posto que o principal intento dos padres que são mandados a India seja a conversão das almas e segundariamente ajuda dos portugueses, como me lembro ter lido ou ouvido em huma carta do nosso padre, o qual dezia que não mandava os sogeitos a India para os portugueses, mas para a conversão dos infieis; e conforme a este principo, pareça que onde não ha conversão nem esperança della, que não he bem residir ahi padres, como vemos em Moçambique, Dio, Ormus, as quaes ainda que sejão fortalezas principalissimas na India, porque não ha nenhuma conversão, os superiores não mandão padres a ellas, antes de Ormuz, onde os avia, se tirarão, por esse defeito; e assi ainda que atentando esse principio nesta fortaleza de Amboino e seu destrito agora (*rebus stantibus ut nunc*) não haja conversão nem esperança della, pelas continuas guerras, antes cada dia a christandade vai mingoando, não somente nos lugares sogeitos, fora da fortaleza, nos quais não fica mais que o nome de christão, onde os ha, o qual nome elles declarão com o nome amigo dos portugueses, não penetrando mais por se não cultivarem; mas tambem nos lugares que se ajuntarão nesta fortaleza, donde o anno passado fogirão os Roçanives em grande numero para os Mouros e cada dia vão fogindo muitos, particularmente cativos, dos quaes quantos fugirão somente estes

dous annos que eu aqui estive são tantos que não sei o numero, que a hum so homem lhe fogirão perto de vinte; e agora, não são dous dias, fogirão huns que chamão Capas, que forão algumas dez ou doze vezes, alem dos Sereis, houtros que fogirão o anno passado, depois dos Roçanives;

Contudo, considerando assi o proveito que nesta fortaleza se faz com os portugueses e a conservação destes poucos christãos que ficão, os quaes não recebem pouco proveito dos nossos no ensino e doutrina, entanto que durão ao menos estas guerras, não me parece bem desemparar esta fortaleza, porque assi como os que ficão dos christãos ficão mais confiados e seguros com a nossa presença e com as esperanças que cada dia lhes damos de socorro de armada, com as quaes esperanças os vamos sustentando; assi o reçeo que desemparando-os nos em tempo de tanta neçessidade, por ventura desempararião a fortaleza, e os portuguezes ficarião desemparados de todo e a fortaleza em perigo, como ameaçarão este anno, quando tratavamos
[28 r.] de largar esta / / christandade aos frades descalços. Ora, se ficando--lhes os padres capuchinhos, dizião isto; que dirão ou farão, desemparados de todo?

Mas se Nosso Senhor nos der socorro das Manilhas ou de Goa, que este a terra de paz e não podendo nos acodir a esta christandade e a de Tydor, milhor sera deixar esta aos frades e nos entregarmo-nos na de Tydor e Ternate, que he mais capas e para se esperar mais fruto, como dizem os que tratarão com elles.

Quanto ao que se pregunta, se sera bem fazer-se isto por via de missão, inda que para os padres da missão esse modo pareça bem, particularmente o modo que aponta o Padre Antonio Pereira, pois a lingoa he facil de aprender; e pelo caminho, aos que se quizerem aplicar, se pode aprender; mas arreçeo que este modo de missões dara que falar a gente, pois ate gora se não uzou em estas partes e dirão que ja somos frades que estamos quanto queremos e nos vamos quando queremos.

Tambem arreçeo que se escandalizarão os feitores e capitães del-rei, pelos gastos continuos de matolotagem e viatico para a ida e viagem de tão comprida viagem.

Por onde, quanto a mym, me pareçera milhor de estarem como agora estamos, pois a prudençia dos superiores e charidade he tanta que, vendo algum padre que tem neçessidade de mudança, logo o consola.

De Tydore digo o mesmo,,por respeito dos portugueses, com os quaes estivemos tantos annos e os padres se pode dizer que os levarão para la, não pareçe bem que os deixemos neste tempo de guerra, quando tem mais neçessidade de nos que nunca, porque ali estão em maior risco nas mãos de hum rei mouro que os que estão ca nesta fortaleza, estando em suas terras.

Tanto mais que ali os padres fazem muito fruito com os *merdicas* (2) e escravos dos portugueses, alem do fruito que fazem com os mesmos portugueses.

De Labua me remeto aos outros que ahi tratarão parcticularmente ao que diz o Padre Rogerio.

Oje, 17 de Maio de 1593.

Lourenço Masonio

Remitome al pareçer del Padre Antonio Martha del Padre Luis Fernandez, del Padre Antonio Pereira, Padre Rogerio Conrado, los quales de diez anños a esta parte frequentaron Maluco y Amboino y ansi quanto los padres falan açerca desta materia es mucha verdad, todolo qual vi yo tambien y palpe claramente de nueve años a esta parte que ha que estou em Maluco.

Mas sola una cosa me haze escrupulo y es, se nos otros podemos alargar en buena conçiençia las christandades que los padres dela Comañia hizieron en Amboino, Celebe y Labua, antes destes christianos retroçederem ni hazerensse moros, antes pelean cada dia acerrimamente contra los moros y cortan en ellos como en sus capitales enemigos; no solamente los años passados, sino estes en

(2) Cf. Glossário.

que estamos agora, porque yndo los Ternates moros y enemigos
[29 r.] nuestros com çiertas caracolas / / que sun como fustas ligeras, a los Celebes, tierra de christianos, el año de 93, en Febrero, Dom Jeronimo, rei de los christianos, les resistio varonilmiente y mato muchos dellos y son estes Celebes tan inimigos de los moros que los aborrecen naturalmente.

En Amboino tienen siempre los christianos de la tierra que residen aqui continua guerra con los moros y agora este año de 93 el mez de Abril cortaron 16 moros en un *garo* ou celada que les hizieron. Pues el Sangage de la Labua es el maior enemigo que tienen esses moros de Maluco, a los quales hale siempre guerra, quando se offereçe ocasion.

Quanto açerca desta christandad, los christianos de Amboino (adonde avera dos meses que resido) proceden razonablemente. Ay dos freguezias en esta fortaleza, que seran por todos en cada freguezia mil personas y mas; son obedientes e sogetos razonablemente y los meninos e meninas (que seron per todos ate 600) son muy dociles y obedientes a los padres.

Los christianos de la Labua, que seron hasta 400, la mitad dellos proçeden razonablemente y aunque es verdad lo que dize el Padre Martha y Padre Rogerio dellos, pero en alguna manera se pueden escusar de acodir mal a las missas, porque todos son gente muy pobre y van buscar su comida tres quatro e cinque legoas al mato adentro, adonde tienen sus hortas y palmeras, por lo qual no pueden todas vezes, por causa de la chuva y caminos trabajosos de lama y ocupaciones de hazer sus hortas y mantenimientos, acodir a la iglesia.

Los Celebes no tienen los cuitados, padre ni iglesia, como solian tener en tiempo passado, adonde esteve um padre de nuestra Compañia agora poco ha, en la era de 1589, y en espaçio de un año y mas que residio alla, baptizo mas de noveçientas almas; y del tiempo del Padre Mascareñas avia mas de dos mil o tres mil christianos baptizados por los nossos padres da Compañia y ha avido alli ya tres mil christianos, cujo rei agora se llama D. Jeronimo.

Preçiansse mucho estes Celebes de ser christianos y aunque son agrestes en sus costumbres, por aver casi siempre estado este reino

sin padre ni iglesia, como ovejas sin pastor; mas con todo esso son doçiles y façiles de se subiectar; si Dios nos desse algun tiempo poder pera reduzirlos a modo de republica y con quanto trabajo an padeçido, desde que se perdio la fortaleza de Ternate ate oj dia perseveran en ser christianos (aunque saben poco a casi nada de nossa fee) e se defienden como pueden de los moros, escondiendosse en tiempo de guerra pelos matos.

Es pues mi duda aquesta, si pudemos nos con buena consçiençia alar estas christandades que fizieran os nossos padres da Compañia con tanto trabajo, pues ellos no nos alargan a nos otros, antes nos piden y ruegan que no nos apartemos dellos, particularmente en Amboino que esta casi incorporada con la fortaleza de los portugueses.

La Labua es cosa notoria que faltando padre, luego se ha de perder y los mas o todos se faran moros; y perdida esta ilha, la fortaleza de Tydore corre grande risco de perder-se tanbien, por ser Alabua el gundon de sus mantenimientos y no los aver en otra ilha de Maluco, porque si algunos ay es longe y todo es sugeto a Ternate nuestro inimigo. Portanto, tirandome Vuestra Reverencia este escrupulo, soy del pareçer de los padres açima nomeados.

La maniera como se aja de conservar esto bien y suavemente, por agora, es la que dan los padres Antonio Martha, Luis Fernandez, Antonio Pereira, Rogerio Conrado; porque, pues la christandad // en [29 v.]
estas partes, *rebus ut nunc*, no puede yr adelante y nos no la podemos alargar ny de desamparar estas fortalezas, pelas causas acima ditas, sera necessario aver en los padres alguna mudança, particularmente en los mas necessitados y embiar otros como de socorro, pera que desta manera *onus hoc sit leve*.

Oje, 1 de Junio de 1593.

Gabriel da Cruz

14

CARTA RÉGIA PARA O VICE-REI MATIAS DE ALBUQUERQUE

Lisboa, 29 de Fevereiro de 1595

Livro das Monções N.º 4, fl. 606.

Documento existente in FILMUPO, Ficheiro 2, Gaveta 1, Divisão 78. Publicamos apenas uma breve passagem referente ao contrato das viagens para as Molucas. Vid. Boletim N.º 3, p. 415, doc. 7.

....

E tambem me dizeis que indo dous galleões de Malluco pera Goa, por hum delles fazer muita agoa, se baldeara na fortaleza de Malaca a carga que trazia no outro e em huma nao de Pero Lopes de Sousa, capitão da mesma fortaleza; e que, usando-se de muito rigor nos direitos, que da fazenda que trazião se avião de pagar, não importarão mais para ella que sinqoenta mil pardaos de tangas, pello que vos pareçe que não he possivel contrataremçe estas viagens com os capitães dellas, como vo-lo tenho mandado, pellos mais delles não terem cabedal pera as poderem contratar, todavia me pareçe que deveis procurar por se contratarem estas viagens com os capittães, por ser informado que ficara sendo isto de mais utyllidade pera minha fazenda, como vo-lo tambem mandei escrever pellas vias do ano passado [1].

....

Escrita em Lisboa a 29 de Fevereyro de 1595.

---

[1] Nota à margem: «As viagens de Maluco que se contratem com os capitães».

15

INSTRUÇÃO RÉGIA PARA O VICE-REI DA ÍNDIA D. FRANCISCO DA GAMA

Lisboa, 2 de Janeiro de 1596

AHEI: Livro das Monções N.º 4, fls. 671r-678r.

Existente também in FILMUPO, Ficheiro 2, Gaveta 1, Divisões 7 e 8, Exposições 27-30. Vid. Boletim N.º 3, p. 431, doc. 25. A cópia que apresentamos é deste microfilme, de leitura relativamente fácil, embora com algumas passagens pouco nítidas. Limitamo-nos a extrair apenas os trechos que interessam à nossa obra. Vid. Boletim N.º 3, p. 431, doc. 25.

....

E assim me deu conta que os frades da Ordem de S. Francisco se ocupão com grande cuidado nas terras de Bardes e outras partes que lhe cabem na converção do gentio e fazem nella muito fruitto e serviço a Nosso Senhor.

E que os de S. Domingos fazem o mesmo em Solor e Timor e outras partes vizinhas a Malaca; e que os religiosos da Companhia nas terras de Salçete, Serra e na Costa da Pescaria fazem o que devem e tem muito cuidado desta obra que trazem entremão da converção dos invieis e que por todas as outras partes onde rezidem fazem nisto vantagem nellas e o procurão e que asy o seu provinçial que esta na China, como o visitador proçedem com grande satisfação.

E tudo isto folguei muito de saber, porque estas são as novas que mais deseio daquellas partes e o que principalmente dellas pretendo e deste major intereçe podem resultar todos os outros que por grandes que seião não tem comparação com elle e conforme a este encare-

çimento vos hei por encomendada esta matteria e o favor que deveis dar a todos estes relligiosos.

....

Esta instrução vai escritta em oito meas folhas com esta assinadas por meu mandado em cada huma dellas por Miguel de Moura, do meu Conselho de Estado, meu escrivão da puridade, hum dos governadores destes reinos.

Escrita em Lisboa, a dous de Janeiro de 1596.

E eu o secretario Diogo Velho a fiz escrever.

16

RELATÓRIOS DO VICE-REI MATIAS DE ALBUQUERQUE

1591-1596

BRITISH MUSEUM: Depart. Mass. Add. 28 432, fls. 124-134.
Documento existente também microfilmado in FILMUPO, Ficheiro R-1, Gaveta 1, Divisão 25.
Publicamos somente a parte referente às Molucas.

Lembrança dos galeões, gales, galeotas, fustas e manchuas que mandei com provimento e socorro as fortalezas de Maluco, Malaca, Manar, Ceilão, Mombaça, Damão, Baçaim, Chaul e assy nas armadas do Malavar e Norte, afora as que se armão de ordinario na fortaleza de Mombaça, Ormus, Dio, Goa, Manar, Ceilão, Malaca, nem menos allguns navios que fretei nos seis annos e nove dias que fuy viso-rey. Vão na margem os effeitos, as naos, galeotas, paros, reinos, fortalezas, cidades e povoações que se queimarão e tomarão e assy a artelharia de metal de ferro groça e miuda, como adiante se pode ver. O que el-rey, que Deus tem, por seu regimento e instruções me mandou que fizesse, a soma dos quais tambem se podera ver.

Item. Mandey seis galeões, cada hum em seu anno, com soldados, monições, roupas que he dinheiro, mantimentos, para provimento das fortalezas de Amboino.

Encomendou-me Sua Magestade, aos 24 capitulos, Instrução primeira do ano de 95. E agradeçeo-mo.



17

CARTA RÉGIA PARA D. FRANCISCO DA GAMA, VICE-REI DA ÍNDIA

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1597

AHEI: Livro das Monções N.º 4, fls. 758r-763.

Documento este também microfilmado e existente na FILMUPO, Ficheiro 2, Gaveta 1, Divisões 7-8, Exposições 49-51. Vid. Boletim N.º 3, p. 439, doc. 45.

Também desta carta, de fácil leitura, publicamos apenas a parte que nos interessa, copiada do microfilme. Vid. Boletim N.º 3, p. 439, doc. 45.

....

E assy me diz que não houve ate então quem quisesse contractar a
[758 v.] vi/ /agem de Maluco, porque como são duvidossas e as mais vezes por caussa de guerra e outros ympedimentos que não faltão naquella fortaleza e se detem hum ano, fogem os mercadores destes inconvenientes; e que os capitães providos das viagens que ouverão de entender neste negocio comumente não tem cabedal que baste.

E vendo ysto ey por bem que se fação estas viagens pelos capitães providos delas com declaração que nenhum capitão tomara nenhumas fazendas nem cravo de partes por mais precissa neçessidade que aya no dito gualeão.

Nem poderão descarregar nenhum cravo na fortaleza de Malaca nem vende-lo para suprimento de nenhumas neçessidades que aya no dito gualeão pelas grandes perdas que disso resultão a minha fazenda.

E para que se ysto possa guardar inteiramente vos encomendo e mando que façaes dar aos ditos galeões todo o provimento neçessario para a dita viagem; e assy para a fortaleza de Tidore de tal maneira

que não aya falta nenhuma em huma cousa e outra e proibireis de todo os bares que se davão por alvitre por ser materia de muito dano ao rendimento e proveito que minha fazenda deve ter da dita viagem.

E este capitolo registara o secretario desse Estado no Livro das Lembranças da Secretaria, como se fara com todos outros em que eu vos mandar cousas que devem ficar em memoria para conforme a elas se comprirem sempre.

....

Escrita em Lisboa a cinco de Fevereiro de 597.

Rey

18

CARTA RÉGIA PARA D. FRANCISCO DA GAMA VICE-REI DA ÍNDIA

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1597

AHEI: Livro das Monções N.º 4, fls. 747r-750r.
Encontra-se também microfilmada na FILMUPO, Ficheiro 2, Gaveta 1, Divisões 7 e 8, Exposições 47-48. Vid. Boletim N.º 3, p. 436, doc. 41. Os trechos que nos interessam desta carta foram copiados deste microfilme, que se pode ler com relativa facilidade, embora com uma ou outra passagem menos clara. Vid. Boletim N.º 3, p. 436, doc. 41.

....

D. Diogo Lobo, capitão que foi de Malaca, me escreveu que muitas vezes acontecia aos galeões da carreira de Maluco não tornarem no tempo de suas viagens, por lhe faleçerem os pilotos que
[748 v.] levão, ou serem todos todos / / modernos, que não sabem a dita carreira de que resulta perderem-se muitas vezes os ditos galeões. E que seria de muita utilidade (1) (?) para aquela viagem irem nela os sota-pilotos para quando aconteçesse morrerem os pilotos. E que tambem serviria ysto de acharem mais pilotos para elas. Pelo que vos encomendo que nisto façais o que achardes que mais convem.

....

O licenciado Lopo Alvares de Moura, ouvidor geral nessas ilhas
[749 r.] me escreve (2) / / como D. Diogo Lobo, capitão que foi de Malaca, e

(1) Leitura duvidosa por se encontrar muito turvo o microfilme, nesta passagem.
(2) Outra passagem obscura, não permitindo uma leitura segura.

Dom Manuel Pereira, capitão que foi de Baçaim, e Rui Diaz da Cunha, que foi capitão de Maluco, e Nuno Fernandez de Taide, capitão que foi de Manar, não tinhão dado suas residencias e tinhão usado nelas de algumas cautelas contra o bem da justiça e verdade dela.

Encomendo-vos que vos informeis dele desta e de outras cousas que podera apontar para lhe dardes o remedio que convem.

....

Escrita em Lisboa a 13 de Fevereiro de 597.

El-Rei

19

ALVARÁ DE MATIAS DE ALBUQUERQUE SOBRE O COMÉRCIO DO CRAVO

Goa, 13 de Abril de 1597

APO: Vol. 3.º, Parte 2.ª, doc. 277, pp. 766-767.

Mathias de Albuquerque, do Conselho de Sua Magestade, Viso-rey da India, etc. Faço saber aos que este meu alvará virem que avendo eu respeito ás diligencias que fez Francisco Paez, Provedor mór dos contos, e certidões a este juntas per que consta que na fortaleza de Maluco carregarão de cravo hum junco e duas fragatas per ordem do capitão Tristão de Sousa, e por causa da cargua de huma dellas faltar cravo para acabar de carregar o galeão de Sua Magestade, de que era capitão José Pinto, e as ditas cargas se fazerem sem provisão de Sua Magestade nem minha, e avendo outrosy respeito não embarcar os terços que pertencião ao dito senhor das ditas embarcações e mandar ficassem na dita fortaleza para se despenderem per sua ordem, tudo contra forma do regimento de Sua Magestade, em que deu notavel perda a sua fazenda, e avendo outrosy respeito como o dito regimento defende expressamente que o capitão de Maluco não tome terços pera lá os despender por maior necessidade que aja, sob pena de os pagar em dobro pela valia da India, ey por bem e me praz que se carregue em recepta sobre o executor geral o cravo seguinte, a saber, cento corenta e cinco bares cento e dous cates de cravo de bastão dos terços do junco *Nossa Senhora Boa Viagem*, dos quaes são carregados em receita sobre o feitor Pero Lourenço oitenta e hum bares cento vinte e dois cates, e os sesenta e quatro bares que o dito capitão tem em sy, que os tomou como por emprestimo, como a dita receita declara, e assy mais sesenta e sete bares cento e sete cates e meo de cravo de cabeça dos terços do cravo que se carregou na fragata *São Boaventura*, que são

carregados sobre o dito feitor, e assi mais cincoenta e nove bares de cravo de cabeça e cincoente e cinquo cates dos setenta e nove bares cincoenta e cinco cates dos terços da fragata *Bom Jesu*, por quanto os vinte bares trouxe para a India Jorge Correa de Lacerda, no galeão da carreira, coo declara a receita do dito feitor, para o dito executor ter cuidado de arrecadar pela fazenda do dito Tristão de Sousa todo o dito cravo em dobro pella vallia desta cidade, conforme ao dito regimento, e assi o que se liquidar que a fazenda de Sua Magestade recebeo de perda nos terços e choqueis que ouvera daver, se o galeão em que foi José Pinto carregara, que por causa de se carregar a fragata derradeira faltou cravo para o dito galeão, e toda a fazenda que ora nesta cidade for achada sera executada conforme ao regimento, o que asy se comprirá sem duvida alguma. Antonio da Cunha o fez em Goa a xbiij de Abril de 1597. — O Viso Rey.

Livro 1.º de Alvarás, fl. 113.

20

ALVARÁ DE MATIAS DE ALBUQUERQUE SOBRE A EXTINÇÃO DO CARGO DE FEITOR NA FORTALEZA DE AMBOINO

Goa, 12 de Abril de 1597

APO: Vol. 3.º, Parte 2.ª, doc. 276, pp. 764-766.

Mathias de Albuquerque etc. Faço saber aos que este meu alvará virem que, avendo eu respeito à fortaleza de Amboyno não ter rendimento, nem nella se fazerem tantas despesas que tenha necessidade de correr por feitores; e nenhum delles, tegora, ter dado conta, desde o tempo que se fundou, e não aver della mais proveito, e somente os ditos feitores servirem de levarem ordenados escusados e fazerem despesas extraordinarias, em dano da fazenda de Sua Magestade; e por se asy asentar, perante mim pelos officiaes della, ey por bem e me praz que da feitura deste em diante na fortaleza de Amboyno não aja mais feitor de Sua Magestade, como ate o presente ouve, e que os capitães della, assy o que ora serve, como os que pelo tempo em diante forem sirvão tambem de feitores, como se faz em outras fortalezas da India, e sobre elles se carreguem em recepta o provimento que for desta cidade de Goa, ou da de Malaqua e tudo o mais que pertencer à fazenda de Sua Magestade, e o dito capitão fará as despezas com o escrivão da feitoria, conforme ao regimento, e será obrigado a dar conta na fazenda dos contos; para as quaes despesas terá hum livro, que levará da India numerado por hum contador, quando for entrar na sua fortaleza, sob pena que, não o comprindo, não vencerá o dito capitão ordenado algum, nem terá bares forros, e pagará à fazenda de Sua Magestade toda a perda que por sua causa receber. Notifico-o assy ao vedor da fazenda de Sua Magetade, provedor mór dos contos, e a João Cayado de Gamboa, capitão de Amboyno, e a todos os mais officiaes e pessoas a que este

for presentado e o conhecimento delle pertencer, e lhes mando que o cumprão e guardem, e fação comprir e guardar como se neste contem, sem duvida nem embargo algum, e valerá como carta, posto que o efeito delle aja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do Livro 2.º, título XX, em contrario; e se registará nos contos, para obrigarem aos ditos capitães a darem a dita conta, e este proprio se carregará em recepta sobre Christovão de Mello, que ora vay por capitão da viagem de Maluquo, pera o entregar ao dito João Cayado, capitão de Amboino, com o livro de recepta e despesa que tambem leva para elle, e ficará obrigado a trazer certidão de como lhe entregou tudo. Antonio da Cunha o fez em Goa, a xbij de Abril de 1597. Luis da Gama o fez escrever. — O Viso Rey.

Livro 1.º de Alvarás, fl. 112.

21

RELATÓRIO DE D. FRANCISCO DA GAMA, VICE-REI DA ÍNDIA

Goa, 18 de Dezembro de 1599

BRITISH MUSEUM: Depart. Mass. Add. 28 432, fls. 10v-11r. Este documento existe também microfilmado na FILMUPO, Ficheiro R-1, Gaveta 1, Divisão 25. Servimo-nos deste filme claro e nítido, permitindo uma leitura fácil. Publicamos somente as passagens que nos interessam, tiradas do último dos quatro Relatórios enviados pelo vice-rei da Índia que, com outros papéis e cartas, constitui esta peça documental.

....

De Malaca he capitão Martim Afonso de Mello Coutinho, provido por Vossa Magestade, e acaba seu tempo em Abryl de seys centos.

[11 r.] *He* fidalgo brando // e tem pouco cuidado do que lhe cumpre e e entendesse por esse respeito sairá pobre. *Em* minhas cartas lhe tenho feito lembranças particulares do que deve a seu cargo e obrigação. Por sua residençia, que lhe hei-de mandar tomar, se saberá de seu proçedimento.

No anno de 97 foy entrar em Amboyno Estevão Teixeira de Macedo, provido por Vossa Magestade. Te agora não tenho novas de seu proçedimento. Espero que faça o que deve, porque tem primor e cuidado do que cumpre a sua honra; suçedeo a João Caiado de Gamboa, que ainda não he chegado a esta cidade.

Em Maluco está por capitão Ruy Gonçalves de Sequeira, provido por Vossa Magestade; foi entrar naquella fortaleza o ano passado e suçedeo nella a Dom Julião de Noronha, que ainda não he partido para outras partes.

Na cidade de Machao esta por capitão mor Dom Paulo de Portugal, que daquy partyo em Abril de 98. E entendo que tera sido de muita importancia a sua assistençia naquellas partes, neste tempo em que os vassallos de Vossa Magestade da coroa de Castella contynuão em passar a ellas sem nenhum respeito as prohibições e defesas de Vossa Magestade, de que tyverão resultado mores inconvenientes, se elle la não estivera. E porque em outra carta dou larga conta a Vossa Magestade deste partycullar, me remeto a ella.

Nosso Senhor guoarde a chatolica pessoa de Vossa Magestade.

De Guoa a dezoito de Dezembro de 599.

Conde Almirante

22

CARTA (EXTRACTO) DE D. FRANCISCO DA GAMA

Goa, 18 de Dezembro de 1599

BRITISH MUSEUM: Depart. Mass. Add. 28 432, fls. 13r-16v.
Um extenso documento de que apenas extraímos uma breve passagem referente ao importante assunto do contrato das viagens para as ilhas das Molucas.

....

Fico advertido pera contratar as viagens de Maluco, como se cheguar a monção e, tomando-as quem tenha cabedal, seraa proveitoso este contrato pera a fazenda de Vossa Magestade, ainda quando não fora por mais que pera atalhar os roubos que em Malaca se fazem, na chegada destes galeões, coo fui emformado que aconteceo nos dous que vierão este anno.

....

De Goa, a 18 de Dezembro de 599.

23

RELATÓRIO DO VICE-REI MATIAS DE ALBUQUERQUE

s.l. e s.d.

BRITISH MUSEUM: Depart. Mass. Add. 28 432.
Fls. 110r-110v.
Papéis anónimos que se referem também ao comércio do cravo nas Molucas e que fazem parte destes quatro relatórios.

1.º Item. En Goa se hazen muchos contratos cou mercadoria para que traygan dela China cantidad de cobre, para labrar moneda, y alguna parte para fundir artillaria. Y entiendese que algunas vezes se hazen estos contratos en preçios exçesibos, en daño dela hazienda de Su Magestad, y que en todas se labra la moneda por quenta della, en que solia tener cada año de aprovechamiento mas de 30 mil cruzados; nele redundan outros veneficios que dello se podrian esperar, como se vio por la liçençia que el conde de Vidigueira dio a Don Fernando de Noroña, capitan mayor delas naves, para que comprase todo el cobre que avia en Goa, y lo hiziese bater moneda por sua quenta, de que saco para si diez mill xerafins de provecho. Y pareçe que se podria escusar semejante casso com mandar al Virrey que no de liçença para que se pueda labrar moneda de cobre ni de calayn, sino por quenta de Su Magestad y se le de por capittulo de instruçion e se mande alos oficiales reales que cada año ynbien relaçion dela cantidad de moneda que hubierem labrado, y que los contratos que hizieren de cobre sean en preçios moderados.

2.º Item. Muchos años a que desde Goa se enbiava alas islas de Maluco, cada año, un galeon vien armado y amarinado, a costa de Su Magestad, por el clavo, que de alli se puede sacar, lo qual se hazia por escusar las diferençias que entre Castilla y Portugal avia, pretendendo cada uno que estavan en su demarcaçion. Y la cudiçia delos

que navegaban este galeon a causado que todo el interesse que de aquel viaje se podia esperar para la hazienda de Su Magestad se reparta entre ellos, y en la merçed que los Virreyes hazen a personas particulares y que no quede para Su Magestad que tres o quatro mill cruzados de venefiçio y 30 mil de daño que hordinariamente cuesta el galeon y los sueldos delos que le navegan y si se pierde el galeon en el viaje tanto mayor es el daño. Y por esto paresce que seria muy conbiniente escuzar este gasto y el que se causia de que se nabegue por la via de levante por mano delos gentiles, moros, turcos y yngleses, por no ser el galeon capaz de traer todo lo que alli se puede sacar y se ganaran los derechos que dello se pierden que todo paresce que montara 80 mil cruzados poco mas o menos y se podra tener este
[110 v.] denero de mercadoria en mucha re/ /putaçion, con que se contrate en Lisboa con algunos mercaderos que despachen desde alli, a Maluco un galeon del porte que paresçiere que combiene por el clavo y otras mercadorias que de alli se puedem traer y por los derechos de ellas paguen a Su Magestad en Lisboa la mas cantidad que se pudiere sacar dellos.

3.° Item. Las mercedes que el Virrey haze dela hazienda de Su Magestad montan cada año, segun se entiende, 40 mil xerafins, pocos mas o menos, y paresce que esto se debria escusar, y que las mercedes que forzosamente se debiesen hazer, fuese en algunos arbitrios y otras cossas que no fuesen hazienda de Su Magestad y que asi se le diesse por ynstruçion.

4.° Item. En Lisboa no ay razon alguna delo que valen las rrentas y derechos y otras cossas que en la India pertenesçen ala hazienda de Su Magestad, siendo cosa sin duda que monta mas de un millon y çien mill xerafins, ni se save en que se gasta y consume toda esta cantidad, antes se tiene por necessario embiar de Lisboa con cada Virrey que passa buena cantidade de dinero de contado y seria de muy gran inportançia que Su Magestad enbiase a mandar alos ministros de su real hazienda y alos contadores que alli toman las quentas della, que en las naves que vinieren enbien las cuentas que hubieren fenesçido de diez años a esta parte, y las que no estubieren fenesçidas

deste tiempo las fenesçan con mucha brevedad y las enbien, y las que de nuevo se fueren fenesçiendo tengan cuydado de yrlas embiando cada año y que vengan de cada quenta delas suso dichas, dos duplicados en diferentes navios y se ponga por capittulo dela Instruçion del Virrey que tenga particular cuydado de compeler alos dichos ministros a que cumplan lo sodicho.

ÍNDICE GEOGRÁFICO E ONOMÁSTICO

ÍNDICE GEOGRÁFICO E ONOMÁSTICO

Observação — As páginas são indicadas pelos números; e as notas do texto, pelos números entre parêntesis. As notas identificativas dos nomes registados neste índice foram colhidas, dum modo geral, nos documentos.

B

C

I

J

L

M

N

O

T

U

V

X



Composição, impressão e acabamento:
GRÁFICA IMPERIAL, LDA.
Rua Feio Terenas, 31-A — 1100 LISBOA
Depósito legal n.º 22 304/88